



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

INOVAÇÃO EDUCACIONAL:
DIMENSÕES, MODOS DE ADESÃO, CONSEQUÊNCIAS
PEDAGÓGICAS E ORGANIZACIONAIS
Estudo de caso

ANEXOS

Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Doutor em Ciências da Educação

por

Pedro Miguel Teixeira de Jesus

FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

Novembro de 2022

VOLUME II

ANEXO 1 – Carta de intenções do projeto de investigação, tema, compromisso e garantias	1
ANEXO 2 – Consentimentos informados	2
ANEXO 3 – Guião de entrevista (Diretora).....	9
ANEXO 4 – Guião de entrevista (Professores)	12
ANEXO 5 – Guiões de <i>focus-groups</i> (Alunos)	14
ANEXO 6 – Guiões de <i>focus-groups</i> (Professores)	18
ANEXO 7 – Guião de <i>focus-group</i> (Peritos)	23
ANEXO 8 – Matrizes de análise de conteúdo	24
ANEXO 9 – Transcrições.....	73

ANEXO 1 – Carta de intenções do projeto de investigação, tema, compromisso e garantias



CATÓLICA PORTO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

PEDIDO DE COLABORAÇÃO

Assunto: Pedido de colaboração para realização de investigação no âmbito do doutoramento em Ciências da Educação

Exma. Sra. Diretora Geral [REDACTED],

Exma. Sra. Diretora Pedagógica [REDACTED],

No âmbito da realização de um doutoramento em Ciências da Educação na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa (Porto), vimos, por este meio, solicitar a colaboração de V. Exas., no sentido de autorizar a realização da investigação no [REDACTED]. Este estudo tem por objetivo analisar o modo como se processa a inovação educacional no [REDACTED], integrada no projeto de inovação educacional em curso na rede de centros educativos das [REDACTED] em Portugal, o [REDACTED], considerando: i) os níveis em que se processa; ii) a identificação das dimensões nucleares que, ao nível da escola, podem tornar a inovação bem-sucedida; e iii) a compreensão dos modos de apropriação dessa inovação pelos atores que a protagonizam, procurando perceber os respetivos modos de adesão e as suas consequências. Para tal, gostaríamos de realizar um estudo etnográfico, que implica a presença regular no Colégio num dos dias da semana, com o propósito de desenvolvermos uma observação (não participante) de reuniões de equipas docentes e de aulas em que decorram atividades/projetos de inovação pedagógica. Para além disso, pretendemos ainda realizar: i) grupos de discussão focalizada – com professores dos 2º e 3º ciclos do ensino básico e do ensino secundário; e com alunos desses mesmos ciclos –, e ii) uma entrevista à diretora pedagógica. Todos esses procedimentos seriam realizados entre os meses de novembro de 2021 e fevereiro de 2022, em calendário a definir oportunamente. Mais informamos que os dados recolhidos serão anonimizados e confidenciais, respeitando os princípios éticos e deontológicos de investigação. A participação dos professores, dos alunos e da diretora pedagógica é voluntária e será precedida do seu consentimento informado. Após a conclusão do estudo, os dados recolhidos serão devolvidos ao Colégio.

O investigador:

A Diretora Geral:

A Diretora Pedagógica:

Porto, 31 de outubro de 2021

ANEXO 2 – Consentimentos informados [Diretora – Entrevista]



CATÓLICA PORTO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

CONSENTIMENTO INFORMADO

ENTREVISTA À DIRETORA PEDAGÓGICA DO [REDACTED]

No âmbito da realização de um doutoramento em Ciências da Educação na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa (Porto), que visa analisar o modo como se processa a inovação educacional no [REDACTED], pretendemos realizar uma entrevista estruturada à Diretora Pedagógica do Colégio durante o mês de janeiro de 2022, em data a estabelecer oportunamente.

O guião da entrevista foi concebido pelo investigador, doutorando em Ciências da Educação na Universidade Católica Portuguesa. A participação na mesma é voluntária, assegurando-se à participante a possibilidade de deixar de participar a qualquer momento, se for essa a sua vontade, e garantindo-se, a todo o momento, o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos.

Agradecemos, desde já, a colaboração e disponibilizamos contacto para esclarecimentos ou outras informações que se considerem necessárias: pedromtjesus@gmail.com.

Porto, 10 de janeiro de 2022

Pedro Jesus

.....

Aceito participar no estudo no âmbito de um doutoramento em Ciências da Educação na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa (Porto), que visa analisar o modo como se processa a inovação educacional no [REDACTED]. Declaro que compreendi a informação acima facultada acerca do estudo em que irei participar, nomeadamente o carácter voluntário da minha participação no mesmo, tendo-me sido dada a oportunidade de pedir os esclarecimentos necessários. Tomei conhecimento de que será assegurada a confidencialidade dos dados e que poderei abandonar o estudo em qualquer momento, sem que daí me advenham quaisquer desvantagens.

Assinatura

.....

Data

.....



CONSENTIMENTO INFORMADO

FOCUS-GROUPS COM ALUNOS(AS) DO [REDACTED]

(ALUNOS)

No âmbito da realização de um doutoramento em Ciências da Educação na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa (Porto), que visa analisar o modo como se processa a inovação educacional no [REDACTED], pretendemos realizar Grupos de Discussão Focalizada com Alunos(as) do Colégio durante os meses de janeiro e fevereiro de 2022.

Estamos interessados em compreender as opiniões dos Alunos(as) sobre o modo como se está a processar a inovação educacional no Colégio e, para esse fim, queremos ouvir-vos numa entrevista de grupo com intervenientes de turmas diferentes.

Se aceitares participar neste estudo, gostaríamos que soubesses que:

- _ A tua participação é voluntária;
- _ As entrevistas conduzidas terão uma duração aproximada de uma hora, cada;
- _ Podes terminar qualquer atividade de investigação a qualquer momento;
- _ Podes deixar de participar no estudo a qualquer momento;
- _ O teu nome é sempre confidencial em qualquer produto que surja deste projeto;

Muito Obrigado pela tua colaboração!

Disponibilizamos contacto para esclarecimentos ou outras informações que consideres necessárias: pedromtjesus@gmail.com.

Porto, 10 de janeiro de 2022

Pedro Jesus

.....

Aceito participar nas atividades do grupo de discussão focalizada, no âmbito de um doutoramento em Ciências da Educação na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa (Porto), que visa analisar o modo como se processa a inovação educacional no [REDACTED]. Declaro que compreendi a informação acerca do estudo. Tomei conhecimento de que será assegurada a confidencialidade dos dados e que poderei abandonar o estudo em qualquer momento, se assim o desejar.

Assinatura

.....

Data

.....



CONSENTIMENTO INFORMADO
FOCUS-GROUPS COM ALUNOS(AS) DO [REDACTED]
(ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO)

No âmbito da realização de um doutoramento em Ciências da Educação na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa (Porto), que visa analisar o modo como se processa a inovação educacional no [REDACTED], pretendemos realizar Grupos de Discussão Focalizada com Alunos(as) do Colégio durante os meses de janeiro e fevereiro de 2022. Vimos assim, por este meio, solicitar o seu consentimento informado para a participação do(a) seu(ua) Educando(a) num Grupo de Discussão Focalizada, a agendar em data oportuna.

O guião da entrevista foi concebido pelo investigador, doutorando em Ciências da Educação na Universidade Católica Portuguesa. Mais informamos que os dados recolhidos serão anonimizados e confidenciais, respeitando os princípios éticos e deontológicos de investigação. A participação do(a) seu(ua) Educando(a) é voluntária e carece do seu consentimento informado. Após a conclusão do estudo, os dados recolhidos serão devolvidos aos participantes.

Agradecemos, desde já, a colaboração e disponibilizamos contacto para esclarecimentos ou outras informações que se considerem necessárias: pedromtjesus@gmail.com.

Porto, 10 de janeiro de 2022

Pedro Jesus

.....

Eu,, autorizo a participação do(a) meu Educando(a),, no estudo no âmbito de um doutoramento em Ciências da Educação na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa (Porto), que visa analisar o modo como se processa a inovação educacional no [REDACTED]. Declaro que compreendi a informação acima facultada acerca do estudo em que o(a) meu(inha) Educando(a) irá participar, nomeadamente o carácter voluntário da sua participação no mesmo, tendo-me sido dada a oportunidade de pedir os esclarecimentos necessários. Tomei conhecimento de que será assegurada a confidencialidade dos dados e que o(a) meu(inha) Educando(a) poderá abandonar o estudo em qualquer momento, se assim o desejar.

Assinatura

.....

Data

.....



CONSENTIMENTO INFORMADO
ENTREVISTA A PROFESSOR(A) DO [REDACTED]

No âmbito da realização de um doutoramento em Ciências da Educação na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa (Porto), que visa analisar o modo como se processa a inovação educacional no [REDACTED], pretendemos realizar entrevistas estruturadas a três Professores(as) do Colégio durante os meses de janeiro e fevereiro de 2022, em datas a estabelecer oportunamente.

O guião da entrevista foi concebido pelo investigador, doutorando em Ciências da Educação na Universidade Católica Portuguesa. A participação na mesma é voluntária, assegurando-se aos(às) participantes a possibilidade de deixar de participar a qualquer momento, se for essa a sua vontade, e garantindo-se, a todo o momento, o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos.

Agradecemos, desde já, a colaboração e disponibilizamos contacto para esclarecimentos ou outras informações que se considerem necessárias: pedromtjesus@gmail.com.

Porto, 10 de janeiro de 2022

Pedro Jesus

.....

Aceito participar no estudo no âmbito de um doutoramento em Ciências da Educação na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa (Porto), que visa analisar o modo como se processa a inovação educacional no [REDACTED]. Declaro que compreendi a informação acima facultada acerca do estudo em que irei participar, nomeadamente o carácter voluntário da minha participação no mesmo, tendo-me sido dada a oportunidade de pedir os esclarecimentos necessários. Tomei conhecimento de que será assegurada a confidencialidade dos dados e que poderei abandonar o estudo em qualquer momento, sem que daí me advenham quaisquer desvantagens.

Assinatura

.....

Data

.....



CONSENTIMENTO INFORMADO

PARTICIPAÇÃO EM FOCUS-GROUP DE PROFESSORES(AS) DO [REDACTED]

No âmbito da realização de um doutoramento em Ciências da Educação na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa (Porto), pretendemos realizar um grupo de discussão focalizada com Professores(as) do Colégio no mês de dezembro de 2021, em data a estabelecer oportunamente. Este estudo tem por objetivo analisar o modo como se processa a inovação educacional no [REDACTED], integrada no projeto de inovação educacional em curso na rede de centros educativos das [REDACTED] em Portugal, o [REDACTED], considerando: i) os níveis em que se processa; ii) a identificação das dimensões nucleares que, ao nível da escola, podem tornar a inovação bem-sucedida; e iii) a compreensão dos modos de apropriação dessa inovação pelos atores que a protagonizam, procurando perceber os respetivos modos de adesão e as suas consequências. O grupo de discussão focalizada incidirá nas dimensões que podem tornar a inovação bem-sucedida na escola, nomeadamente a colaboração docente, a liderança, os recursos e infraestruturas, a avaliação e o impacto na sala de aula.

Mais informamos que os dados recolhidos serão anonimizados e confidenciais, respeitando os princípios éticos e deontológicos de investigação. A sua participação é voluntária e carece do seu consentimento informado. Após a conclusão do estudo, os dados recolhidos serão devolvidos aos participantes.

Agradecemos, desde já, a colaboração e disponibilizamos contacto para esclarecimentos ou outras informações que se considerem necessárias: pedromtjesus@gmail.com.

Porto, 21 de novembro de 2021

Pedro Jesus

.....

Aceito participar no estudo sobre o modo como se processa a inovação educacional no [REDACTED] [REDACTED], no âmbito de um doutoramento em Ciências da Educação na Universidade Católica do Porto. Declaro que compreendi a informação acima facultada acerca do estudo em que irei participar, nomeadamente o carácter voluntário da minha participação no mesmo, tendo-me sido dada a oportunidade de pedir os esclarecimentos necessários. Tomei conhecimento de que será assegurada a confidencialidade dos dados e que poderei abandonar o estudo em qualquer momento, sem que daí me advenham quaisquer desvantagens.

Assinatura

.....

Data

.....



CONSENTIMENTO INFORMADO

PARTICIPAÇÃO EM FOCUS-GROUP DE PROFESSORES(AS) DO [REDACTED]

No âmbito da realização de um doutoramento em Ciências da Educação na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa (Porto), pretendemos realizar um grupo de discussão focalizada com Professores(as) do Colégio no mês de janeiro de 2022, em data a estabelecer oportunamente.

Este estudo tem por objetivo analisar o modo como se processa a inovação educacional no [REDACTED], integrada no projeto de inovação educacional em curso na rede de centros educativos das [REDACTED] em Portugal, o [REDACTED], considerando: i) os níveis em que se processa; ii) a identificação das dimensões nucleares que, ao nível da escola, podem tornar a inovação bem-sucedida; e iii) a compreensão dos modos de apropriação dessa inovação pelos atores que a protagonizam, procurando perceber os respetivos modos de adesão e as suas consequências.

O grupo de discussão focalizada incidirá no envolvimento e participação dos alunos.

Mais informamos que os dados recolhidos serão anonimizados e confidenciais, respeitando os princípios éticos e deontológicos de investigação. A sua participação é voluntária e carece do seu consentimento informado. Após a conclusão do estudo, os dados recolhidos serão devolvidos aos participantes.

Agradecemos, desde já, a colaboração e disponibilizamos contacto para esclarecimentos ou outras informações que se considerem necessárias: pedromtjesus@gmail.com.

Porto, 27 de novembro de 2021

Pedro Jesus

.....

Aceito participar no estudo sobre o modo como se processa a inovação educacional no [REDACTED], no âmbito de um doutoramento em Ciências da Educação na Universidade Católica do Porto. Declaro que compreendi a informação acima facultada acerca do estudo em que irei participar, nomeadamente o carácter voluntário da minha participação no mesmo, tendo-me sido dada a oportunidade de pedir os esclarecimentos necessários. Tomei conhecimento de que será assegurada a confidencialidade dos dados e que poderei abandonar o estudo em qualquer momento, sem que daí me advenham quaisquer desvantagens.

Assinatura

.....

Data

.....

CONSENTIMENTO INFORMADO

FOCUS-GROUPS COM PERITOS NACIONAIS DAS OFICINAS DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

No âmbito da realização de um doutoramento em Ciências da Educação na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa (Porto), que visa analisar o modo como se processa a inovação educacional no [REDACTED], pretendemos realizar um Grupo de Discussão Focalizada com Peritos nacionais nas áreas de inovação adotadas pelo projeto [REDACTED] que acompanham e apoiam os processos de inovação no Colégio. Vimos assim, por este meio, solicitar a sua colaboração para participar num Grupo de Discussão Focalizada, a agendar em data oportuna.

O guião da entrevista foi concebido pelo investigador, doutorando em Ciências da Educação na Universidade Católica Portuguesa. Mais informamos que os dados recolhidos serão anonimizados e confidenciais, respeitando os princípios éticos e deontológicos de investigação. A sua participação é voluntária e carece do seu consentimento informado. Após a conclusão do estudo, os dados recolhidos serão devolvidos aos participantes.

Agradecemos, desde já, a colaboração e disponibilizamos contacto para esclarecimentos ou outras informações que se considerem necessárias: pedromtjesus@gmail.com.

Porto, 4 de fevereiro de 2022

Pedro Jesus

.....

Aceito participar no estudo no âmbito de um doutoramento em Ciências da Educação na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa (Porto), que visa analisar o modo como se processa a inovação educacional no [REDACTED]. Declaro que compreendi a informação acima facultada acerca do estudo em que irei participar, nomeadamente o carácter voluntário da minha participação no mesmo, tendo-me sido dada a oportunidade de pedir os esclarecimentos necessários. Tomei conhecimento de que será assegurada a confidencialidade dos dados e que poderei abandonar o estudo em qualquer momento, sem que daí me advenham quaisquer desvantagens.

Assinatura

.....

Data

.....

ANEXO 3 – Guião de entrevista (Diretora)

Guião de Entrevista à Diretora		
Objetivos gerais		
1. Compreender em que medida foi construído um significado partilhado da inovação em marcha e qual a perceção da diretora quanto ao envolvimento dos professores nessa inovação; 2. Compreender o grau de envolvimento da diretora na preparação e implementação dos dispositivos que suportam a inovação; 3. Compreender que inovações organizacionais tiveram lugar, com o propósito de fazer chegar a inovação à sala de aula; 4. Clarificar a visão da diretora relativamente ao potencial da inovação como elemento de desenvolvimento profissional dos professores, ao serviço da melhoria do serviço educativo da escola.		
Blocos de questionamento	Objetivos específicos	Guião de perguntas
I. Legitimação da entrevista / motivação / negociação	<ul style="list-style-type: none"> - Legitimar a entrevista; - Informar a entrevistada sobre a investigação; - Motivar a entrevistada; - Reforçar o protocolo de investigação. 	1.1 Informar a entrevistada, em traços gerais, sobre o estudo (objetivos e procedimentos). 1.2 Solicitar a colaboração da entrevistada (a entrevista como instrumento fundamental de recolha de dados). 1.3 Garantir a confidencialidade das informações recolhidas (nomes e locais fictícios). 1.4 Solicitar autorização para gravar a entrevista em suporte áudio e para citar, na íntegra ou excertos, os dados recolhidos na investigação. 1.5 Esclarecer que a entrevista, depois de transcrita será enviada à entrevistada para que esta a verifique ou para que retifique/acrescente informações que considere relevantes. 1.6 Informar a entrevistada que a entrevista é longa e pode ser feita por partes.
II. Caracterização profissional da entrevistada	<ul style="list-style-type: none"> - Recolher dados sobre o percurso profissional da entrevistada. 	2.1 Qual a sua formação académica? 2.2 Qual a modalidade de profissionalização de que beneficiou? 2.3 Há quanto tempo desempenha funções nesta escola? 2.4 Qual foi o seu percurso enquanto elemento da equipa diretiva desta escola?
III. Horizonte claro	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender se e como foi construído um significado partilhado da inovação e quem participou nesse processo. 	3.1 No contexto do Bússola 21 foi feito um diagnóstico interno, houve oportunidade para ele ser debatido, e foi construída uma visão partilhada sobre um futuro melhor? 3.2 Houve (tem havido) clarificação dos valores envolvidos e boa comunicação entre os atores sociais envolvidos na inovação na escola? Através de que meios? 3.3 Que referenciais têm alimentado a inovação? Quando e como foram construídos? 3.4 O alcance da inovação toca em mudanças do currículo e na sala de aula? Pode dar exemplos concretos? 3.5 Existe procura de um impacto das medidas inovadoras no aluno?
IV. Colaboração (equipas docentes envolvidas e comprometidas)	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar os padrões predominantes na interação docente; - Analisar o papel do trabalho colaborativo docente nos processos de inovação educacional. 	4.1 Que metas e objetivos persegue o trabalho em equipa? 4.2 Quais são os principais conteúdos das reuniões de trabalho em equipa? Quem e como se definem? 4.3 Que modalidades e formatos adota a colaboração docente? 4.4 Existem variações na colaboração docente, segundo áreas de inovação, níveis e/ou departamentos? 4.5 Quais são as principais vantagens da colaboração percebidas pelos professores na escola? 4.6 Que modificações ocorreram ao nível das representações pessoais e dos gestos profissionais dos professores no que concerne à colaboração docente? Como era no início do Bússola 21 e como é agora? Pode exemplificar com exemplos específicos. 4.7 Esse trabalho colaborativo é ainda marginal no quotidiano escolar ou tem vindo a ganhar preponderância? 4.8 Quais os principais obstáculos que permanecem? – ao nível dos professores; - ao nível organizacional; - ao nível da capacitação permanente.

		<p>4.9 O plano de desenvolvimento profissional docente da escola é concretizado em contexto, ligado à inovação em curso, à mudança e melhoria organizacional? Os professores participam nessa definição?</p> <p>4.10 Que incidência tem a colaboração na aprendizagem docente e na melhoria escolar?</p>
V. Lideranças implicadas (coconstrutoras)	<p>- Analisar o papel da liderança escolar, e em particular da diretora, nos processos de inovação educacional.</p>	<p>5.1 A liderança escolar, entendida numa perspetiva distribuída compreendendo a diretora, a Equipa de Inovação Pedagógica e os líderes intermédios (coordenadores de departamento e coordenadores de ciclo), tem promovido a construção de uma visão partilhada sobre a inovação educacional? Como é que essa construção se tem concretizado?</p> <p>5.2 No âmbito da inovação educacional em curso, que objetivos e expectativas foram definidos pelas lideranças, por área de inovação?</p> <p>5.3 Que fatores permitem assegurar a qualidade dos processos, em particular do ensino decorrente da inovação educacional?</p> <p>5.4 A diretora envolve-se como participante, com os professores, nos processos de formação e nas dinâmicas das equipas de inovação?</p> <p>5.5 A diretora facilita a participação docente nos processos de inovação/formação? De que forma(s)?</p> <p>5.6 Foram criadas condições organizacionais para a prática da cooperação interpessoal (com foco na aprendizagem dos alunos)? Que condições?</p> <p>5.7 É promovida no Colégio a comunicação eficaz da inovação educacional que vai sendo feita? Através de que meios e com o envolvimento de que atores? Com que periodicidade/ritmo?</p> <p>5.8 A direção promove a ligação em rede interescolar dos atores sociais autores da inovação? Essa ligação com outros centros educativos ocorre para além dos momentos formalmente estabelecidos pela rede?</p>
VI. Envolvimento dos alunos	<p>- Compreender os modos como se concretiza a participação dos alunos na inovação curricular e na inovação organizacional;</p> <p>- Compreender as mudanças nos comportamentos dos educadores relativamente à participação dos alunos;</p> <p>- Identificar as barreiras à participação dos alunos em transformações positivas na escola.</p>	<p>6.1 Como se concretiza a participação dos alunos na inovação curricular? Exemplos: na gestão cooperada do currículo (participação na escolha do que se aprende e como); na autorregulação das aprendizagens; na avaliação (autoavaliação e heteroavaliação das aprendizagens; na avaliação das atividades/projetos de inovação pedagógica.</p> <p>6.2 Como se concretiza a participação dos alunos na inovação organizativa? Exemplos: na definição do tempo dos alunos (horários do tempo letivo e não letivo); na utilização e transformação de espaços; na elaboração de regulamentos sobre assuntos que digam respeito aos alunos; na participação em órgãos de gestão; na ligação à comunidade em que a escola se insere; no aprofundamento do diálogo sobre o que representa aprender numa escola, para todos os membros que a integram.</p> <p>6.3 Que mudanças perceciona nos alunos participantes em processos de inovação relativamente à importância que dão a essa participação na produção de mudanças positivas na escola?</p> <p>6.4 Que mudanças perceciona nos comportamentos/postura profissional dos educadores quanto à participação dos alunos, nomeadamente na expectativa positiva face à capacidade de os alunos serem atores de mudanças positivas na escola?</p> <p>6.5 Que barreiras identifica no Colégio à participação e envolvimento dos alunos em transformações positivas na escola em assuntos do seu interesse?</p> <p>6.6 Existe uma estratégia de desenvolvimento/ aprofundamento da participação dos alunos no quotidiano escolar? Nesse caso, quais as linhas orientadoras da ação?</p>
VII. Recursos e infraestruturas	<p>- Compreender os critérios que têm apoiado as decisões organizacionais ao nível de: alocação de educadores às equipas das OIP; organização do modo de trabalho dos professores; organização do tempo dos alunos; alterações do espaço;</p>	<p>7.1 A alocação de educadores às áreas de inovação tem ocorrido de forma estratégica? Com base em que critérios?</p> <p>7.2 Houve alterações na organização do tempo de trabalho dos professores? Que alterações e com que critérios?</p> <p>7.3 Houve alterações na organização do modo de trabalho dos professores? Que alterações e com que critérios?</p> <p>7.4 A organização do tempo dos alunos tem estado alinhada com as necessidades da inovação pedagógica? Nomeadamente: na flexibilização dos tempos letivos que permita aprendizagens interdisciplinares e outras dinâmicas de inovação pedagógica implementadas; na necessidade de responder a diferenças dos alunos em termos de motivação, ritmos e necessidades de aprendizagem.</p>

	- Compreender o papel da rede escolar na construção de capacidades para a melhoria contínua.	7.5 Que transformações ao nível do espaço e do mobiliário favoreceram os processos de inovação? 7.6 Existe uma estratégia de transformação espacial concorrente com os processos de inovação? Nesse caso, quais as linhas orientadoras da ação? 7.7 A estratégia de gestão dos recursos foca-se em quê? Que evidências o permitem afirmar? 7.8 Como é que percebe a importância da rede escolar? - na construção de capacidades para a melhoria contínua; - na articulação das dimensões-chave da inovação; - na disseminação da inovação.
VIII. Avaliação permanente	- Compreender se existe um plano de monitorização e avaliação da inovação e se os dados recolhidos são analisados pelas equipas docentes com vista a melhorias da ação.	8.1 Foi constituída uma equipa escolar de avaliação, que gere, analisa e disponibiliza dados de avaliação aos diversos atores envolvidos na inovação? 8.2 Existe na escola um plano integrado de monitorização, avaliação e investigação? Nesse caso, concretizado a partir de que dispositivos e finalidades? Como se articulam com as orientações das OIP nacionais? 8.3 Esse plano é conhecido dos diversos atores envolvidos na inovação? 8.4 As equipas educativas recolhem dados da monitorização e avaliação dos projetos/ atividades com vista a uma melhoria da ação? 8.5 As equipas educativas analisam dados da monitorização e avaliação dos projetos/ atividades com vista a uma melhoria da ação? Exemplificar com casos específicos. 8.6 As equipas educativas utilizam a análise dos dados da monitorização e avaliação dos projetos/atividades com vista a uma melhoria da ação? Exemplificar com casos específicos. 8.7 Os resultados da avaliação são disponibilizados atempadamente e discutidos pelos atores da inovação (equipas educativas e equipa de inovação pedagógica)? Que consequências pedagógicas e organizacionais decorrem desse trabalho – o que mudou fruto da avaliação? Exemplificar com casos específicos.
IX. Impacto na sala de aula	- Identificar os fatores que favorecem e os fatores que dificultam a inovação na sala de aula; - Compreender se a inovação tem vindo a consolidar-se e a ganhar terreno aos modos instituídos de desenvolver o ensino-aprendizagem ou se mantém um caráter marginal e discreto dentro da organização escolar.	9.1 As inovações ao nível da gestão curricular são acompanhadas por (e articuladas com) inovações nas metodologias de ensinar e avaliar? Como é que essas inovações são apoiadas na esfera organizacional? 9.2 Foi(ram) criado(s) referencial(is) curricular(es) na escola (e/ou na rede escolar) por ano de escolaridade e/ou por ciclo de ensino? Como planificações disciplinares que assegurem: a incorporação do Perfil dos(as) Alunos(as) na gestão currículo; a respetiva articulação vertical; e os domínios de articulação horizontal. 9.3 Quais os fatores que reconhece como promotores/facilitadores da inovação na sala de aula? 9.4 Quais os fatores que reconhece como barreiras à inovação na sala de aula? 9.5 Que impactos já foi possível identificar como resultado da inovação curricular/pedagógica/ avaliativa? - na aprendizagem dos alunos; - na aprendizagem dos professores; - na aprendizagem da escola. 9.6 A inovação tem vindo a consolidar-se e a ganhar terreno aos modos instituídos de desenvolver o ensino-aprendizagem ou mantém um caráter marginal e discreto dentro da organização escolar? 9.7 A inovação, no âmbito do Bússola 21, deveria ter abarcado outros domínios? Quais? 9.8 O Colégio olha para este processo do Bússola 21 com uma perspetiva positiva e deseja prosseguir?
X. Conclusão da entrevista	- Verificar a reação da entrevistada e recolher outras sugestões.	10.1 Considera que esta entrevista foi útil para pensar a inovação educacional no Colégio? 10.2 Há aspetos pertinentes que não tenham sido referidos nesta entrevista e que gostaria de abordar?

ANEXO 4 – Guião de entrevista (Professores)

Guião de Entrevista a Professores		
Objetivos gerais		
1. Identificar os impactos percebidos da inovação na aprendizagem dos alunos; 2. Identificar os impactos percebidos da inovação na aprendizagem dos professores; 3. Identificar os impactos percebidos da inovação na aprendizagem da escola; 4. Compreender que fatores constituem barreiras ou facilitadores da inovação na sala de aula; 5. Compreender se a inovação tem vindo a consolidar-se e a ganhar terreno aos modos instituídos de desenvolver o ensino-aprendizagem ou mantém um carácter marginal e discreto dentro da organização escolar.		
Blocos de questionamento	Objetivos específicos	Guião de perguntas
I. Legitimação da entrevista / motivação / negociação	- Legitimar a entrevista; - Informar o(a) entrevistado(a) sobre a investigação; - Motivar o(a) entrevistado(a); - Reforçar o protocolo de investigação.	1.1 Informar o(a) entrevistado(a), em traços gerais, sobre o estudo (objetivos e procedimentos). 1.2 Solicitar a colaboração do(a) entrevistado(a) (a entrevista como instrumento fundamental de recolha de dados). 1.3 Garantir a confidencialidade das informações recolhidas (nomes e locais fictícios). 1.4 Solicitar autorização para gravar a entrevista em suporte áudio e para citar, na íntegra ou excertos, os dados recolhidos na investigação. 1.5 Esclarecer que a entrevista, depois de transcrita será enviada ao(à) entrevistado(a) para que este(a) a verifique ou para que retifique/acrescente informações que considere relevantes.
II. Caracterização profissional do(a) entrevistado(a)	- Recolher dados sobre o percurso profissional do(a) entrevistado(a).	2.1 Qual a sua formação académica? 2.2 Qual a modalidade de profissionalização de que beneficiou? 2.3 Há quanto tempo desempenha funções nesta escola? 2.4 Que funções desempenhou nesta escola ao longo do tempo?
III. Impacto na sala de aula	- Identificar os fatores que favorecem e os fatores que dificultam a inovação na sala de aula; - Compreender se a inovação tem vindo a consolidar-se e a ganhar terreno aos modos instituídos de desenvolver o ensino-aprendizagem ou se mantém um carácter marginal e discreto dentro da organização escolar.	3.1 As inovações ao nível curricular são acompanhadas por (e articuladas com) inovações nas metodologias de ensinar e avaliar? Como é que essas inovações são apoiadas na esfera organizacional? 3.2 Foi(ram) criado(s) referencial(is) curricular(es) na escola por ano de escolaridade e/ou por ciclo de ensino? Como planificações disciplinares que assegurem: a incorporação do Perfil dos(as) Alunos(as) na gestão currículo; a respetiva articulação vertical; e os domínios de articulação horizontal. Nesse caso, esses referenciais são úteis no quotidiano do trabalho docente? 3.3 Que impactos já consegue identificar como resultado da inovação curricular/pedagógica/ avaliativa – na aprendizagem dos alunos? - o que é que a participação nas aulas/sessões de interioridade provocou nos alunos, nas suas aprendizagens e modos de ser? - o que é que a participação em projetos interdisciplinares provocou nos alunos, nas suas aprendizagens e modos de ser? - o que é que a participação nas atividades/ projetos de participação das crianças e jovens provocou nos alunos, nas suas aprendizagens e modos de ser? Exemplos: autoconhecimento; relação interpessoal entre pares e com os adultos; proatividade no processo de aprendizagem; resolução de problemas; autorregulação das aprendizagens; cooperação; sentido crítico; etc. 3.4 Que impactos já consegue identificar como resultado da inovação na aprendizagem dos professores? Exemplos: na alteração da postura profissional (compromisso, partilha, abertura à mudança, entusiasmo e expectativa positiva em relação aos alunos); na valorização da experiência de vida e do contexto do aluno; no desenvolvimento de competências de planificação, ação pedagógica e reflexão sobre a ação; na alteração de práticas profissionais; etc. 3.5 Que impactos já consegue identificar como resultado da inovação na aprendizagem da escola? Exemplos: no trabalho colaborativo; na articulação de saberes e protagonistas; na aprendizagem e supervisão entre pares; na capacitação

		<p>de peritos internos; na promoção da participação das crianças e jovens na tomada de decisões de âmbito curricular, organizacional e em outros assuntos do seu interesse; etc.</p> <p>3.6 Quais os fatores que reconhece como promotores/facilitadores da inovação na sala de aula?</p> <p>3.7 Quais os fatores que reconhece como barreiras à inovação na sala de aula?</p> <p>3.8 A inovação tem vindo a consolidar-se e a ganhar terreno aos modos instituídos de desenvolver o ensino-aprendizagem ou mantém um carácter marginal e discreto dentro da organização escolar?</p>
IV. Conclusão da entrevista	- Verificar a reação do(a) entrevistado(a) e recolher outras sugestões.	<p>4.1 Considera que esta entrevista foi útil para pensar a inovação educacional no Colégio?</p> <p>4.2 Há aspetos pertinentes que não tenham sido referidos nesta entrevista e que gostaria de abordar?</p>

ANEXO 5 – Guiões de *focus-groups* (Alunos)

[2º e 3º Ciclo – FGA3]

Objetivos

1. Conhecer as percepções dos alunos sobre a participação dos alunos na inovação curricular e na inovação organizacional da escola;
2. Conhecer as percepções dos alunos sobre o contributo da participação dos alunos na produção de mudanças positivas na escola;
3. Conhecer os fatores percebidos pelos alunos como facilitadores e inibidores da participação dos alunos na escola;
4. Compreender os impactos da inovação ao nível da sala de aula percebidos pelos alunos.

Guião

Bloco 1 (Envolvimento dos alunos)

- 1.1. Consideram que hoje (os alunos) participam mais na escola? Deem exemplos.
- 1.2. Em que atividades/projetos de inovação pedagógica ligadas à participação das crianças e jovens têm estado envolvidos? Em que fases dessas atividades/projetos (preparação: concretização: avaliação)?
- 1.3. Sentem que a vossa participação nessas atividades/projetos tem levado à produção de mudanças positivas na escola? Podem dar exemplos concretos.
- 1.4. Que fatores têm facilitado a participação dos alunos na escola?
- 1.5. Que barreiras têm dificultado a participação dos alunos na escola?
- 1.6. Que mudanças ocorreram na escola no sentido de apoiar a participação dos alunos no dia a dia escolar? Exemplos: em termos curriculares; em termos organizacionais; na relação com a comunidade envolvente.

Bloco 2 (Impacto na sala de aula)

- 2.1. O que é que a participação nas aulas/sessões de interioridade provocou nos alunos, nas suas aprendizagens e modos de ser?
- 2.2. As aulas de Interioridade permitiram aos alunos aprofundar o seu autoconhecimento (sentimentos, emoções, vivências, história pessoal, capacidades, limites)?
- 2.3. As aulas de Interioridade permitiram aos alunos melhorar a relação com os outros (professores, funcionários, colegas)?
- 2.4. As aulas de Interioridade permitiram aos alunos criar um maior gosto pelo silêncio/escuta/ contemplação/arte?
- 2.5. O que é que a participação em projetos interdisciplinares provocou nos alunos, nas suas aprendizagens e modos de ser?
- 2.6. A participação em projetos interdisciplinares permitiu aos alunos ser mais ativos no seu processo de aprendizagem?
- 2.7. A participação em projetos interdisciplinares permitiu aos alunos tomar decisões e resolver problemas mais facilmente?
- 2.8. A participação em projetos interdisciplinares permitiu aos alunos definir as suas metas de aprendizagem?

- 2.9. A participação em projetos interdisciplinares permitiu aos alunos ter consciência das suas competências no decurso da aprendizagem?
- 2.10. A participação em projetos interdisciplinares permitiu aos alunos colaborar mais com a turma e ser mais tolerantes?
- 2.11. A participação em projetos interdisciplinares permitiu aos alunos desenvolver a sua criatividade?
- 2.12. O que é que a participação nas atividades/projetos de participação das crianças e jovens provocou nos alunos nas suas aprendizagens e modos de ser?
- 2.13. A participação nas atividades/projetos de participação das crianças e jovens possibilitou aos alunos colaborarem com os colegas? E com os professores?
- 2.14. Nas atividades/projetos de participação das crianças e jovens as opiniões dos alunos são ouvidas e tidas em conta pelos professores? E pelos responsáveis escolares?
- 2.15. Nas atividades/projetos de participação das crianças e jovens os alunos participam na tomada de decisões? E na concretização do que é decidido?
- 2.16. Nas atividades/projetos de participação das crianças e jovens os professores incentivam os alunos a participarem com as suas opiniões e propostas para a sala de aula e para a escola?
- 2.17. Em síntese, que impactos identificam como resultado da inovação curricular/pedagógica/ avaliativa na aprendizagem dos alunos?

Objetivos

1. Conhecer as percepções dos alunos sobre a participação dos alunos na inovação curricular e na inovação organizacional da escola;
2. Conhecer as percepções dos alunos sobre o contributo da participação dos alunos na produção de mudanças positivas na escola;
3. Conhecer os fatores percebidos pelos alunos como facilitadores e inibidores da participação dos alunos na escola;
4. Compreender os impactos da inovação ao nível da sala de aula percebidos pelos alunos.

Guião

Bloco 1 (Envolvimento dos alunos)

1.1. Consideram que hoje (os alunos) participam mais na escola? Deem exemplos.

1.2. Como se concretiza na escola a participação dos alunos na inovação curricular? Deem exemplos [na gestão cooperada do currículo (participação na escolha do que se aprende e como); na maneira como se ensina e se aprende; na autorregulação das aprendizagens; na avaliação (autoavaliação e heteroavaliação das aprendizagens; avaliação das atividades/projetos de inovação pedagógica)].

1.3. Como se concretiza na escola a participação dos alunos na inovação organizacional? Deem exemplos [na definição do tempo dos alunos (horários do tempo letivo e não letivo); na utilização e transformação de espaços; na elaboração de regulamentos sobre assuntos que digam respeito aos alunos; na participação em órgãos de gestão; na ligação à comunidade em que a escola se insere; no aprofundamento do diálogo sobre o que representa aprender numa escola, para todos os membros que a integram].

1.4. Em que atividades/projetos de inovação pedagógica ligadas à participação das crianças e jovens têm estado envolvidos? Em que fases dessas atividades/projetos (preparação; concretização; avaliação)?

1.5. Sentem que a vossa participação nessas atividades/projetos tem levado à produção de mudanças positivas na escola? Podem dar exemplos concretos.

1.6. Que fatores têm facilitado a participação dos alunos na escola?

1.7. Que barreiras têm dificultado a participação dos alunos na escola?

1.8. Que mudanças ocorreram na escola no sentido de apoiar a participação dos alunos no dia a dia escolar? Exemplos: em termos curriculares; em termos organizacionais; na relação com a comunidade envolvente.

Bloco 2 (Impacto na sala de aula)

2.1. O que é que a participação nas aulas/sessões de interioridade provocou nos alunos, nas suas aprendizagens e modos de ser?

2.2. As aulas de Interioridade permitiram aos alunos aprofundar o seu autoconhecimento (sentimentos, emoções, vivências, história pessoal, capacidades, limites)?

2.3. As aulas de Interioridade permitiram aos alunos melhorar a relação com os outros (professores, funcionários, colegas)?

- 2.4. As aulas de Interioridade permitiram aos alunos criar um maior gosto pelo silêncio/escuta/ contemplação/arte?
- 2.5. O que é que a participação em projetos interdisciplinares provocou nos alunos, nas suas aprendizagens e modos de ser?
- 2.6. A participação em projetos interdisciplinares permitiu aos alunos ser mais ativos no seu processo de aprendizagem?
- 2.7. A participação em projetos interdisciplinares permitiu aos alunos tomar decisões e resolver problemas mais facilmente?
- 2.8. A participação em projetos interdisciplinares permitiu aos alunos definir as suas metas de aprendizagem?
- 2.9. A participação em projetos interdisciplinares permitiu aos alunos ter consciência das suas competências no decurso da aprendizagem?
- 2.10. A participação em projetos interdisciplinares permitiu aos alunos colaborar mais com a turma e ser mais tolerantes?
- 2.11. A participação em projetos interdisciplinares permitiu aos alunos desenvolver a sua criatividade?
- 2.12. O que é que a participação nas atividades/projetos de participação das crianças e jovens provocou nos alunos, nas suas aprendizagens e modos de ser?
- 2.13. A participação nas atividades/projetos de participação das crianças e jovens possibilitou aos alunos colaborarem com os colegas? E com os professores?
- 2.14. Nas atividades/projetos de participação das crianças e jovens as opiniões dos alunos são ouvidas e tidas em conta pelos professores? E pelos responsáveis escolares?
- 2.15. Nas atividades/projetos de participação das crianças e jovens os alunos participam na tomada de decisões? E na concretização do que é decidido?
- 2.16. Nas atividades/projetos de participação das crianças e jovens os professores incentivam os alunos a participarem com as suas opiniões e propostas para a sala de aula e para a escola?
- 2.17. Em síntese, que impactos identificam como resultado da inovação curricular/pedagógica/ avaliativa na aprendizagem dos alunos?

ANEXO 6 – Guiões de *focus-groups* (Professores)

[Diversas dimensões do estudo – FGP3]

Objetivos

1. Conhecer as perceções dos professores sobre o papel do trabalho colaborativo docente nos processos de inovação educacional;
2. Conhecer as perceções dos professores sobre o papel da liderança escolar, e em particular da diretora, no apoio aos processos de inovação educacional;
3. Conhecer as perceções dos professores sobre as opções organizacionais de apoio à inovação educacional, nomeadamente a organização do trabalho dos professores, o apoio interno especializado, a organização dos tempos dos alunos e as alterações espaciais;
4. Compreender o papel da rede escolar na construção de capacidades para a melhoria contínua;
5. Compreender se existe um plano de monitorização e avaliação da inovação e se os dados recolhidos são analisados pelas equipas docentes com vista a melhorias da ação;
6. Identificar os fatores percecionados pelos professores como facilitadores e inibidores da inovação na sala de aula;
7. Compreender se a inovação tem vindo a consolidar-se e a ganhar terreno aos modos instituídos de desenvolver o ensino-aprendizagem ou se mantém um carácter marginal e discreto dentro da organização escolar;
8. Identificar os padrões predominantes na interação docente;
9. Identificar as mudanças provocadas pela inovação nas dinâmicas de desenvolvimento profissional.

Guião

Bloco 1 (Colaboração)

- 1.1. Que metas e objetivos persegue o trabalho em equipa?
- 1.2. Quais são os principais conteúdos das reuniões em equipa? Quem e como se definem?
- 1.3. Que modalidades e formatos adota a colaboração docente? Existem variações segundo áreas de inovação, níveis e/ou departamentos?
- 1.4. Quais são as principais vantagens da colaboração docente na escola?
- 1.5. Quais os principais obstáculos verificados?
- 1.6. Que modificações ocorreram em vós ao nível do significado que dão à colaboração docente no Colégio (às vossas próprias ações profissionais no que concerne à colaboração docente)?

Bloco 2 (Liderança)

- 2.1. Consideram que tem sido construída no Colégio uma visão partilhada sobre a inovação educacional? Como é que essa construção se tem concretizado?
- 2.2. Que objetivos e expectativas foram definidos pela liderança escolar (Diretora, Equipa de Inovação Pedagógica, etc.), para a Educação da Interioridade na escola?
- 2.3. Que objetivos e expectativas foram definidos pela liderança escolar (Diretora, Equipa de Inovação Pedagógica, etc.), para a Gestão do Currículo na escola?

2.4. Que objetivos e expectativas foram definidos pela liderança escolar (Diretora, Equipe de Inovação Pedagógica, etc.), para a Participação das Crianças e Jovens na escola?

2.5. A diretora envolve-se como participante nos processos de formação e nas dinâmicas das equipas de inovação? Como veem isso?

2.6. A direção facilita a participação docente nos processos de inovação/formação? De que modo(s)?

2.7. Consideram que é feita uma comunicação eficaz da inovação educacional desenvolvida no Colégio, por diversos meios, na qual participam os diferentes atores (professores, alunos, outros)? Como?

Bloco 3 (Recursos e infraestruturas)

3.1. Das “infraestruturas” de apoio que foram criadas (equipas de inovação; assessorias externas; repositórios de projetos e boas práticas; etc.), quais as que consideram mais determinantes para que a inovação chegue à sala de aula e seja bem-sucedida?

3.2. Do início do Bússola 21 até agora houve alterações na organização do tempo de trabalho dos professores? Que alterações e com que objetivos? E com que resultados?

3.3. Do início do Bússola 21 até agora houve alterações no modo de trabalho dos professores? Que alterações e com que objetivos? E com que resultados?

3.4. A organização do tempo dos alunos tem estado alinhada com as necessidades da inovação pedagógica? Nomeadamente: na flexibilização dos tempos letivos que permita aprendizagens interdisciplinares e outras dinâmicas de inovação pedagógica implementadas; na necessidade de responder a diferenças dos alunos em termos de motivação, ritmos e necessidades de aprendizagem.

3.5. Aconteceram transformações ao nível do espaço e do mobiliário com o propósito de favorecer os processos de inovação? Que transformações? E com que resultados?

Bloco 4 (Avaliação permanente)

4.1. As equipas docentes recolhem dados de monitorização e avaliação dos projetos/atividades com vista a uma melhoria da ação?

4.2. As equipas educativas utilizam a análise dos dados de monitorização e avaliação dos projetos/atividades com vista a uma melhoria da ação? Podem exemplificar com casos específicos.

4.3. Os resultados da avaliação são disponibilizados atempadamente e discutidos pelos atores da inovação (equipas docentes e equipa de inovação pedagógica)? Que consequências pedagógicas e organizacionais decorrem desse trabalho?

Bloco 5 (Impacto na sala de aula)

5.1. As inovações ao nível da gestão curricular são acompanhadas por (e articuladas com) inovações nas metodologias de ensinar e avaliar? Com que impacto?

5.2. Quais os fatores que reconhecem como promotores/facilitadores da inovação na sala de aula?

5.3. Quais os fatores que reconhecem como barreiras à inovação na sala de aula?

5.4. Que impactos identificam como resultado da inovação curricular/pedagógica/avaliativa:
- na aprendizagem dos alunos;

- na aprendizagem dos professores:

- na aprendizagem da escola.

5.5. Que significado(s) atribuem ao conjunto de ações inovadoras que desenvolvem?

5.6. A vossa experiência profissional como docentes, pode dizer-se que mudou? Em que sentidos? Melhorou?

[Envolvimento dos alunos – FGP4]

Objetivos

1. Conhecer as percepções dos professores sobre os modos de concretização da participação dos alunos na inovação curricular;
2. Conhecer as percepções dos professores sobre os modos de concretização da participação dos alunos na inovação organizacional;
3. Conhecer as percepções dos professores sobre os modos de concretização da participação dos alunos nos projetos de participação das crianças e jovens;
4. Identificar as barreiras percebidas pelos professores à participação dos alunos em transformações positivas na escola;
5. Compreender como é que os adultos envolvidos nos processos de participação dos alunos percebem mudanças nos alunos, decorrentes das novas dinâmicas de participação no quotidiano escolar;
6. Compreender como é que os adultos envolvidos nos processos de participação dos alunos percebem mudanças nos comportamentos/postura profissional dos próprios adultos quanto à participação dos alunos, nomeadamente na expectativa positiva face à capacidade de os alunos serem atores de mudanças positivas na escola.

Guião

Bloco 1 (Envolvimento dos alunos)

- 1.1. Foram criados materiais de apoio à inovação neste domínio da participação dos alunos? De entre eles, quais os que mobilizam quotidianamente como referenciais de trabalho?
- 1.2. Como se concretiza a participação dos alunos na inovação curricular? Exemplos: na gestão cooperada do currículo (participação na escolha do que se aprende e como); na maneira como se ensina e aprende; na autorregulação das aprendizagens; na avaliação (autoavaliação e heteroavaliação das aprendizagens; avaliação das atividades/projetos de inovação pedagógica).
- 1.3. Como se concretiza a participação dos alunos na inovação organizacional? Exemplos: na definição do tempo dos alunos (horários do tempo letivo e não letivo); na utilização e transformação de espaços; na elaboração de regulamentos sobre assuntos que digam respeito aos alunos; na participação em órgãos de gestão; na ligação à comunidade em que a escola se insere; no aprofundamento do diálogo sobre o que representa aprender numa escola, para todos os membros que a integram.
- 1.4. Que barreiras existem à participação dos alunos em transformações positivas na escola?
- 1.5. Que mudanças ocorreram nos alunos, na sequência das novas dinâmicas da sua participação no quotidiano escolar?
- 1.6. Que mudanças ocorreram nos comportamentos/postura profissional dos professores relativamente à participação dos alunos, nomeadamente na expectativa positiva face à capacidade de os alunos serem atores de mudanças positivas na escola?
- 1.7. Que mudanças ocorreram na escola relativamente à promoção e à efetiva concretização da participação dos alunos no quotidiano escolar? Exemplos: em termos curriculares; em termos organizacionais; na relação com a comunidade envolvente.

1.8. Conseguem identificar uma estratégia de desenvolvimento/aprofundamento da participação dos alunos no cotidiano escolar? Nesse caso, quais as linhas orientadoras da ação?

ANEXO 7 – Guião de *focus-group* (Peritos)

Objetivos

1. Conhecer as perceções das peritas sobre o papel das OIP e do apoio externo especializado no processo de inovação educacional da escola;
2. Conhecer as opiniões das peritas sobre melhorias que podem ser introduzidas no apoio da rede escolar à inovação na escola;
3. Conhecer as perceções das peritas sobre os fatores que dificultam e os fatores que favorecem o desenvolvimento da inovação pedagógica na escola, na sua área de inovação;
4. Conhecer as perceções das peritas sobre os impactos da inovação pedagógica da respetiva área de inovação nas aprendizagens.

Guião

Bloco 1 (Redes interinstitucionais de apoio)

- 1.1. Em que moldes e com que dispositivos a rede escolar fornece apoio à inovação na escola, por área de inovação?
- 1.2. Consideram que os docentes envolvidos na inovação e a direção da escola reconhecem o papel da rede escolar na construção de capacidades para a melhoria contínua? Tem havido evolução nesse reconhecimento?
- 1.3. Consideram que os docentes envolvidos na inovação e a direção da escola valorizam e contribuem para a disseminação de boas práticas na rede escolar? Tem havido evolução nessa valorização?
- 1.4. Na vossa opinião, o que se poderia ainda fazer, ao nível da rede, para capacitar mais a escola para a conceção, concretização e avaliação da inovação?
- 1.5. Na vossa opinião, o que é que a escola poderia ainda fazer para rentabilizar melhor o apoio da rede escolar na conceção, concretização e avaliação da inovação?

Bloco 2 (Impacto na sala de aula)

- 2.1. Consideram que a escola olha para a vossa área de inovação com uma perspetiva positiva e manifesta desejo de prosseguir?
- 2.2. Na escola, que fatores reconhecem como barreiras ao desenvolvimento da inovação pedagógica na vossa área de atuação?
- 2.3. Na escola, que fatores reconhecem como facilitadores do desenvolvimento da inovação pedagógica na vossa área de atuação?
- 2.4. Na escola, considerando a vossa área de atuação, que impactos percecionam como resultado da inovação pedagógica:
 - na aprendizagem dos alunos;
 - na aprendizagem dos professores;
 - na aprendizagem da escola.
- 2.5. Na escola, tendo em conta a vossa área de atuação, consideram que a inovação tem vindo a consolidar-se e a ganhar terreno aos modos instituídos de desenvolver o ensino-aprendizagem ou mantém um carácter marginal e discreto dentro da organização escolar?

ANEXO 8 – Matrizes de análise de conteúdo

[Dimensão: Horizonte claro]

Categoria	Sub-categoria	Unidade de registo	Sujeito	
Razões que justificam o projeto de inovação	Necessidade de mudança	os próprios alunos, de alguma forma, estão a dar-nos sinais que é preciso mudar, dão-nos sinais de que isto assim já não funciona, já não funciona dar aula como estás a dar agora como davas há 20 anos atrás	FGP1	
		necessidade da mudança, o novo paradigma, esta coisa de que o mundo começa a pedir outra coisa, às vezes não é pedir verbalizando, é nós vermos a postura deles em aula e percebermos que as necessidades são diferentes	FGP1	
	Atualização da escola	atualizar-nos, preparar os alunos para o futuro e sobretudo eles gostarem de aprender, ver a escola de uma outra maneira, espírito crítico	FGP2	
	Pertença à rede educativa	Era muitíssimo importante. Acho que era por aí. Nós fizemos isso no pré-escolar, fomos visitar os outros centros, começamos por ver o espaço e a realidade. O (...) tem uma metodologia de ensino completamente diferente da nossa. É muito o método Reggio Emilia, coisa que não utilizamos tanto.	FGP2	
Acho muito importante e cheguei a dizer na reunião de direção que achava que até seria interessante, uma vez que nós somos também centros de estágio e mesmo como centro de estágio poder ter uma noção do que se faz nos outros sítios e haver mais troca de experiências, de partilhas.		FGP2		
Condições necessárias	A uma comunidade aprendente	Não ser uma coisa por obrigação para o professor, não é? E depois o professor não vai tirar partido daquilo e os seus alunos também não.	EP1P13	
		A proximidade que há com o corpo docente todo e também com funcionários e auxiliares, podemos falar com eles abertamente, quase como amigos.	FGA2	
		esta expectativa de melhorar e de fazer diferente para melhor pode ser muito aliciante e acho que grande parte dos professores têm esta mesma visão e algum receio, e algum medo como é lógico, mas também estão com vontade de trabalhar neste projeto de forma a melhorar	FGP1	
		Espaços, materiais, tudo... carga horária	FGP2	
		a formação não devia ser só na teoria, também uma perspetiva prática, ver, fazer, ver concretamente, sermos nós lançadas	FGP2	
		Gestão do currículo, modelos pedagógicos, avaliação, trabalho colaborativo.	FGP2	
		Acho que ninguém tem dúvidas que temos que mudar, o aluno deve ser o centro.		
		Nós podíamos ter assim uma orientadora, assim tipo orientação de estágio, por exemplo... vamos ver como esta escola faz.	FGP2	
		O problema é que o tempo que nós temos utilizam-no para outras coisas. Se nós nos focássemos nisto, que é realmente muito mais importante... Mas é tudo no corridinho...	FGP2	
		As pessoas deviam ter tempo, tempo de qualidade, para estarem juntas.		
		Acho que temos que mudar a mentalidade, a nossa e também aquela que nós fomos construindo durante anos nos alunos que foi a cultura da nota. Enquanto estiver a cultura da nota ali vincada, os alunos deixam de ter o gosto por aprender.	FGP2	
		Ao trabalho colaborativo	um trabalho mais interdisciplinar, e portanto, vai ter que haver mudanças	FGP1
			bom encontro no início do ano com todos, mas se calhar não sei se não era de fazer mais coisas diferentes, por exemplo nos departamentos	FGP1
			vai exigir outro tipo de dinâmica e até se calhar acho que nós fazemos um pode haver mais formação para além do trabalho, isso poderia ajudar	FGP1
É aquela questão da aprendizagem colaborativa	FGP1			
Este ano, para o 5º e 6º ano já colocaram duas professoras a dar o mesmo ano. Isso faz com que, obrigatoriamente, tenhamos de trabalhar juntas	FGP2			
A mudança, a articulação, o não pensar que chega a segunda feira e pensar vou lecionar não sei o quê. Posso chegar à sala e trabalhar com a (...) outra coisa diferente... eu acho que até desenvolver o trabalho colaborativo, que é algo que nós não estamos habituados e até os próprios professores se motivam. Estão dois na sala de aula e um puxa e o outro faz.	FGP2			
O que representa o projeto de inovação	Para a escola	daquilo que ouço, e daquilo que percebo, e da inovação, sim, completamente a favor	EP1P13	
		um desafio, uma oportunidade	FGP1	
		Já fazemos muitas coisas, e às vezes é institucionalizar o que já se faz	FGP1	
		Temos que implicar cada vez mais pessoas	FGP1	

		não devemos é multiplicar as atividades	FGP1
		quer mais do que isso, quer ações muito estruturadas com objetivos, às vezes, não tivemos em tempo ainda de pôr isso tudo em papel, em grelhas a dizer o objetivo foi este, o que é que nós usamos para avaliar	FGP1
		Uma mudança (...) Saio daqui à sexta feira a pensar que eles têm razão, mas eu também tenho que sobreviver no meio daquilo	FGP2
	Para a rede educativa	Uma uniformidade, despertar consciências, espero ver que se faça, que não se desperte só.	FGP1
		se calhar é muito importante porque nós estamos a fazer as coisas e alguém dizer “não, isso ainda não chega, ainda era preciso fazer mais qualquer coisa”	FGP1
		Uma oportunidade.	FGP2
Constrangimentos à concretização do projeto de inovação	Resistência à mudança	Muitos têm medo, eu própria tenho algum receio	FGP1
		acho que precisamos de alguma preparação	FGP1
		medo do desconhecido, os pais	FGP1
		pelo receio, pela resistência	FGP1
	Condições organizacionais	a gestão menos boa dos tempos, e das formas, e das participações	ED1
		falta de tempo e falta de ritmo, quer dizer, se calhar não estamos habituados	FGP1
		Não vai funcionar se houver entraves na mudança, nas condições, os pais, reduzir os alunos por turma e nós próprios também.	FGP2
		Eu acho que é um bocado difícil em turmas que não são estruturadas... Eu tenho exemplos de aulas que foram planeadas para tentar fazer isso, mas foram coisas pontuais... dividia a turma em vários grupos, cada um tinha que fazer um trabalho diferente e iam rodando.	FGP2
	Desconhecimento do que está em causa	vamos lançar-nos numa coisa que não sabemos muito bem como vai correr	FGP1
		há muitas escolas que já entraram noutros contextos, o objetivo deles nessas escolas é combater o insucesso escolar que não é o nosso caso, são outras realidades	FGP1
		há alguns que querem as coisas assim, no outro dia a brincar com uma turma do 7º ano dizia “Os testes vão acabar” e eles “Não podem, não podem acabar, é que nós temos que estudar para os testes”, pronto temos aqueles tipos de alunos que tem aqueles objetivos	FGP1
		vamos fazendo algo diferente e os pais depois na avaliação, ainda agora nos delegados de pais, querem na mesma os ditados, querem na mesma as cópias, querem na mesma escrever as tabuadas e sentem falta disso. “Então e as tabuadas, então e as cópias e os ditados?” Claro que vai fazendo parte do dia a dia da semana do 1º ciclo, mas não tanto como era antigamente. A mudança também os assusta a eles	FGP1
		por haver alguma coisa diferente que está a acontecer e não saberem o que é que vai dar	FGP1
Mudanças desejadas (ensino-aprendizagem-avaliação)	Gestão do currículo	Devia haver disciplinas opcionais. Não há opção. Aqui é sempre assim.	FGA1
		Todos os professores acham que a sua disciplina é a mais importante. E o que vale mais são as outras disciplinas, não é a disciplina dele.	FGA1
		Eu acho que há muito pouca equidade entre os vários. Há professores que dão, basicamente, o que os alunos gostam. E há outros que impõem sempre o que querem dar.	FGA2
		Os alunos, quando perdem o interesse, dedicam-se muito pouco ao que estão a fazer. Não faz sentido.	FGA2
		é muito difícil esta gestão do currículo, porque nós temos provas de avaliação externa e, portanto, pensar em programas, em metas, em currículo, não sabendo nós aquilo que vai ser avaliado, esta gestão é uma gestão pouco flexível, porque nós estamos sujeitas à avaliação externa	FGP2
		não vamos dar isto este ano, mas muito mais aquilo e com profundidade o que vamos lecionar e sobretudo ter a capacidade de justificar isto à comunidade, aos pais, para sabermos o que vamos fazer. Não pode ser, tem que ser uma decisão assumida por todos, não pode ser pessoal	FGP2
		Começa por nós, isto é, temos que ser nós a decidir, porque nós é que somos profissionais	FGP2
		O manual é um recurso e quando o escolhemos temos que ter essa capacidade de divulgar à comunidade, aos pais concretamente que é mais um recurso, que não é o único	FGP2
		não pode ser a professora, tem que ser as professoras, o Colégio. Temos que estar alinhados	FGP2
		era preciso que cruzássemos as planificações ver o que é que a minha disciplina pode cruzar, para depois fazermos essa alteração, tanto horizontal como vertical	FGP2

Metodologias de ensino	Acho que tem que haver um misto (...)umas mais práticas, umas mais teóricas, nem todos se identificam com as mesmas metodologias que é mesmo assim. Eu acho que o segredo é variar	EP1P13
	A professora de Português é uma pessoa de mais idade, mas consegue brincar connosco e nós sentimo-nos bem. Ela sabe controlar-nos e nem precisa de levantar a voz. Temos tanto respeito pela professora. Sabe dar aulas	FGA1
	é exigente, puxa por nós, mas ao mesmo tempo consegue ajudar. Ela parece que está lá para toda a gente e não está sempre preocupada, “é preciso dar o programa”. Consegue dar a volta ao programa, as aulas tornam-se mais leves e mais fáceis para toda a gente	FGA1
	Não sei como é que ele consegue fazer aquilo. Ele consegue dar a matéria, nós percebemos e damo-nos muito bem	FGA1
	falando das pausas que a professora de Português faz, os debates, tudo o que ela faz connosco aumenta muito a relação professor/aluno, faz com que sejamos mais próximos e as aulas sejam melhores. Quando a professora de Português faz debates, faz isso para ter uma melhor perceção dos alunos, para construir melhor a opinião que tem sobre cada um. Vai-nos conhecendo cada vez melhor e cada um dá a sua opinião, embora nem todos participem por não gostarem muito de falar	FGA1
	A professora tem de encontrar outra maneira. Nas aulas é assim: fica calada e, literalmente, de 10 em 10 segundos manda alguém calar-se. Toda a turma. E isso é mau.	FGA1
	Nós estudamos, muitas vezes, só para os testes. Não assimilamos nada. As aulas são quase como uma obrigação. Devia haver uma maneira de cativar diferente porque, se não, nós não vamos aprender nada.	FGA1
	A professora de Ciências fala connosco como se fossemos bebés e nos testes fala como se fossemos do 12º ano. Isso é muito difícil. Coloca palavras que nem sequer falou nas aulas e depois diz: “Isto está aqui? Não sabia. Que engraçado.” Não gosto dela também por causa disso, não bate certo. É professora de Secundário e deve estar habituada ao Secundário.	FGA1
	Os professores deviam despertar o interesse nos alunos.	FGA1
	A professora dividia os bons e maus alunos. Era horrível. Não me ajudou em nada.	FGA1
	Os alunos querem evoluir e não conseguem porque adquirem mentalidade de achar que não conseguem. Não sei se entretanto mudou, mas naquela altura eu só me sentia mal. Não falava com ninguém. Eu não queria ir para a escola.	FGA1
	no 3º ciclo prepararam-nos mal para o secundário. Nós, em Ciências, e penso que em Economia também, sentimos um grande choque. É uma diferença enorme.	FGA2
	Ainda nos tratam muito como crianças e depois, chegamos ao 10º e cada um por si, cada um tem que estudar, preocupar-se com as suas notas.	FGA2
	Basicamente, se puxassem mais por nós no 3º ciclo, que não conta nenhuma média... passamos de 0 % de autonomia para 100 % de autonomia. Se puxassem mais nesse sentido... não no da matéria, porque aí puxam por nós no 3º ciclo. Mas, no ponto da autonomia deveriam puxar por nós	FGA2
	tive uma professora que adorava. Era muito mais de nos fazer chegar às conclusões, não nos dizia a que conclusões queria que chegássemos e no fim não nos dizia se tínhamos chegado à conclusão certa ou não. Nós é que tínhamos de chegar lá por nós.	FGA2
	Um bom professor é um professor que é flexível, que se adapta às turmas. Nós passamos o ano todo a ouvir a professora de Economia a dizer que nunca teve uma turma assim e que as coisas têm que mudar. Basicamente, diz-nos que o tem de mudar somos nós. Eu não acho que seja assim. Uma boa professora devia arranjar uma estratégia, uma solução na forma de dar aulas para nos conseguirmos cativar mais.	FGA2
	quando eles estão a treinar isso com os colegas, é uma forma, também de estar a exercitar essa parte	FGP2
	Em Setembro entregamos o mapa dos testes até ao final do ano. É o ponto de partida, é a corrida. Aliás, os miúdos quando colocam alguma dúvida na aula nunca dizem: ... ó professora, e se aparecer isto? Se a professora perguntar no teste... qual é a tua dúvida? É só para o teste. A pergunta é sempre a mesma... isso vai sair para o teste? Eles estão todo o dia a ouvir os professores, ao meio do ano já estão saturados.	FGP2
Avaliação das aprendizagens	Não percebo como é que EMRC é avaliado. Nunca percebi. Eu não faço nada na aula, só passo o que o professor manda e tiro 5.	FGA1

		Praticamente não tenho tempo para fazer os TPC. Sei que o comportamento da turma tem vindo a piorar, mas não é através dos TPC que ele vai melhorar.	FGA1
		Eu tirei 3 num dos períodos porque não fiz um trabalho. E tenho amigos que copiaram um trabalho e tiveram 5 ou 4.	FGA1
		O teste, como sendo a parte mais “gorda”.	FGP2
		Eu acrescentava o trabalho de grupo e a apresentação do trabalho, a oralidade.	FGP2
		Eu acho que depois do que eu vi sobre a autoavaliação, acho que não faço. Pensava que fazia, mas não faço. Mas acho que é uma das coisas que tenho que mudar.	FGP2
Mudanças desejadas (formação integral)	Participação dos alunos	Eu não tenho bem a certeza qual é o país. Mas, existe um país em que os alunos participam muito nas atividades da escola. Por exemplo, eles limpam as próprias salas, eles participam a servir os almoços aos colegas, participam mais nas atividades da escola, eu acho que eles têm mais responsabilidades. Se calhar, falta-nos um bocadinho isso. Falta de responsabilidade.	FGA1
		Há escolas que, por exemplo, não dão trabalhos de casa, isso tem que vir também da responsabilidade do aluno: saber que, se não estudar, se não trabalhar para além daquilo que faz na escola, a probabilidade de ser bem sucedido não será tão grande. É preciso haver uma liberdade para deixar os alunos pensar que têm um pouco de controlo sobre o que podem fazer, mas também ter responsabilidade. Um equilíbrio entre estas duas coisas.	FGA1
		É uma escola exigente, prepara bem os alunos. No entanto, é muito fechada, tem um ambiente muito de proteção. Acho que prepara bem a nível educacional, mas não prepara muito bem no “choque” com as pessoas, com a relação com o exterior. É como se estivéssemos numa bolha.	FGA2
		Eles ajudam pessoas mais pobres, carenciadas. Mas, essa iniciativa que é para os alunos e para os pais, não envolve muita gente, não é assim tão divulgada. Se calhar, poder-se-ia fazer por turmas (já se fez, aqui no Colégio). Por exemplo, ir à Sopa dos Pobres na Porta Solidária. São medidas muito fáceis.	FGA2
		A comunidade em que estamos inseridos e comunidades diferentes. Como por exemplo, o intercâmbio que se fez com alunos de Pontevedra e alunos do Colégio da Paz. Acho que teríamos a ganhar imenso na nossa formação enquanto pessoas. Acho que ganharíamos no contacto com pessoas que vivem de modo diferente do nosso.	FGA2
		O problema é esse, os professores e os responsáveis já partem do princípio que vamos estragar as coisas se as formos usar.	FGA2
		Já se pensa e associa aos alunos mais novos que não têm sequer consciência do que estão a fazer, apesar de dizerem que têm.	FGA2
		Não sei porque é que há tantas regras. Se calhar, se fosse uma coisa completamente banal ir para o ginásio e cada um usasse o espaço que quer, não haveria esses problemas.	FGA2
	EMRC	Mas as aulas de EMRC são, muitas vezes, sermões de moralidade, muito do ponto de vista do professor. E aulas, literalmente, de copy/paste do quadro.	FGA1
		Ele influencia muito os alunos para o ponto de vista dele. Não tem que fazer isso. Ele não é nenhum padre.	FGA1
		Não sou católica. Nas aulas de EMRC sinto-me sempre deslocada, por dois motivos: - primeiro, tenho medo de exprimir a minha opinião, tenho medo de levar um real sermão; - quando vou à capela, sinto o olhar do professor e sinto-me deslocada.	FGA1
		O professor faz parecer que o que pensamos é muito mau.	FGA1
	Interioridade	a formação da pessoa no seu todo, na vertente espiritual, estamos no colégio, na parte curricular, mas também na parte pessoal e o desenvolvimento do indivíduo como um todo. Pessoal, social, espiritual, emocional	FGP1
		uma educação mais individualizada, ou personalizada digamos assim, integral mas personalizada, acho que será mais fácil também de pensarmos na pessoa ou será difícil não pensarmos na pessoa como o seu todo	FGP1
		intencionalizar mais um bocadinho já o que nós fazemos, se calhar nem nos apercebemos de tudo o que fazemos, ou melhor se calhar não temos consciência daquilo que estamos a promover	FGP1
		há uma área que nós ainda não estamos completamente a trabalhar, que é parte de ecologia	FGP1
		que é preciso criar um tempo para essa formação para a interioridade, já temos partilha com outros colégios nossos e que fizeram a distinção entre	FGP1

		o que é as metas, conteúdos, objetivos de EMRC e a interioridade, e nós ainda estamos um bocadinho com as coisas um bocadinho misturadas	
		era preciso mais conhecimento, saber como trabalhar mais estas questões	FGP1
		estamos lá a determinar as técnicas do relaxamento, da introspeção	FGP1
		há uma certa confusão, a gente confunde EMRC com a formação cristã, com a formação para a interioridade, que são coisas completamente diferentes, para EMRC há gente habilitada, formada pelas faculdades, universidades	FGP1
Mudanças desejadas (organização escolar)	Participação dos alunos	Certas atividades que nós fazemos não são do agrado de toda a gente. Deveríamos poder dar opinião. Se os alunos vão ser parte interessada nisso, faz todo o sentido que possam dar opinião.	FGA1
		Se calhar, a Direção do Colégio ou a opinião dos professores talvez conte mais	FGA1
		Quando ficamos mais velhos, dão-nos mais confiança.	FGA1
		Mas, eu não acho isso muito correto. Às vezes, os mais pequenos são mais educados que os mais velhos. Não faz muito sentido.	
		o peso das mochilas. No ano passado, à sexta feira tínhamos 8 disciplinas e subir para o último piso. Deveríamos ter um décimo do peso nas mochilas. Transportamos muito mais do que o suposto. Já estamos num piso mais baixo mas o peso continua muito excessivo. A minha mochila tem o fecho a rebentar.	FGA1
		O livro de EMRC, que não usamos, deixo-o cá. Mas há pessoas que levam tudo. Há um aluno que leva sempre tudo. Há coisas desnecessárias, que nós nem usamos, que os professores obrigam a trazer. Por exemplo, os cadernos de atividades que, muitas vezes, não utilizamos.	
		Dividir a turma do 9º. Para o Colégio, uma turma de 29 é muito. O colégio tem uma lista de espera que deve estar razoavelmente grande.	FGA1
		Haveria pessoas para aceitar mas talvez não houvesse salas.	
		Mas há certas mudanças que têm feito sem consultar os alunos e, se o fizessem, muitas delas estaríamos contra.	FGA1
		Falo por mim, jogo basket: trocaram as tabelas por duas balizas cuja barra eu chego com a testa e puseram por cima mini-tabelas. Se eu esticar o braço, chego lá com o pulso. Compreendo que o Colégio tem alunos desde o Jardim de Infância até ao 12º e que está a tentar tornar as coisas mais acessíveis para os mais novos, mas acho que também tem de se pensar nos mais velhos.	
		Criar-se um comité e haver um representante de cada turma.	FGA2
		E o Colégio tem um potencial enorme para fazer muitas coisas. Mas nós somos subvalorizados. Ninguém nos vai ouvir. Ninguém ouve um miúdo, mesmo do 12º ano.	FGA2
		Um professor, mesmo recém-chegado ao Colégio, tem muito mais influência.	
	Espaços	Há zonas do Colégio a que não podemos aceder ou temos de pedir permissão para aceder: sala de informática, biblioteca, ginásio, palco. Estão lá e têm auxiliares que nos poderiam vigiar. Em vez de isso, não temos autorização para poder ir para lá. Mesmo que não vamos prejudicar nada nem ninguém.	FGA1
		os espaços existem e a maior parte das vezes não está lá ninguém	FGA1
		Os mais velhos, 8º, 9º, 10º, 11º e 12º deixam sempre passar. Quando é o 5º, a funcionária diz que não podem passar naquele corredor, que são as regras estabelecidas	FGA1
		Não faz sentido nenhum existir biblioteca se não a podemos utilizar	FGA1
		O Colégio é pequeno, restringirem espaços é pior.	FGA2
		Os espaços das salas deveriam ser totalmente diferentes. Mas mais abertas, mais amplas, menos estruturadas, com mais luz.	FGP2
	Tempos	No tempo dos alunos, sem dúvida. Eles passam imenso tempo na sala de aula.	FGP2
		Não temos tempo para articular. Há muitos temas que eu abordo e poderia estar com outro colega.	FGP2
		Acho que numa das aulas, dividir turmas, essa parte do trabalho, História e Geografia, se houvesse hipótese de dividir a turma.	FGP2
		quando há dois adultos há ideias que se partilham. Dois adultos na sala é diferente e os alunos sentem-se motivados para trabalhar numa coisa bem orientada.	FGP2
		Para trabalharmos diferente, tinha que ser de outra maneira. Há grupos de recrutamento só com um docente ou dois.	FGP2
Visão partilhada sobre o que se	Anos pré-projeto de inovação	nós tínhamos iniciado também um movimento, eu agora chamar-lhe-ia um “movimentinho”, de inovação interno	ED1

pretende com a inovação	nós sentimos que toda a equipa docente exprimia um desejo muito grande de uma inquietação relativamente àquilo que estava a acontecer em relação às aprendizagens dos alunos e em relação ao futuro	ED1
	as equipas exprimiram a preocupação por alguma desadequação da forma como nós trabalhávamos e como os alunos aprendiam	ED1
	optámos por fazer, por fazer, começar a fazer mudanças na própria escola. E não existia ainda este projeto, chamemos movimento, Bússola 21. A primeira, a nossa primeira iniciativa foi a reorganização do grande tempo escolar e concretamente o pensar o ano escolar semestralmente e não trimestralmente. E associarmos a esta organização semestral também a “semestralização” de disciplinas	ED1
Dois primeiros anos	no fundo foi como se nós tivéssemos apanhado um comboio regional e nos tivesse sido dada a oportunidade de entrar no Alfa Pendular com, numa estrutura completamente diferente. E, portanto, eu acho que as equipas ficaram entusiasmados verdadeiramente com isso	ED1
	Como entramos no Alfa Pendular o nosso horizonte e os nossos objetivos passaram a ser os do (...)	ED1
	Nós partilhamos desde o início todo o desenrolar do processo e eu acho que isso foi também uma das razões porque o nosso primeiro ano, o 18-19, foi um ano muito, muito marcante e uma experiência muito positiva para as equipas.	ED1
	Nós partilhamos desde o início todo o desenrolar do processo e eu acho que isso foi também uma das razões porque o nosso primeiro ano, o 18-19, foi um ano muito, muito marcante e uma experiência muito positiva para as equipas.	ED1
	fomos pedindo aos responsáveis destas áreas ou quem estava a participar nos processos, que fosse fazendo comunicação sucessiva e partilha com a restante equipa. Porque temos este hábito de partilhar sistematicamente aquilo que se vai fazendo.	ED1
	os primeiros entusiastas e comunicadores daquilo que estava a acontecer foram os próprios experimentadores da própria mudança. E, portanto, nós direção o que nos facilitou, não éramos, não fomos nós o motor da inovação, foram os próprios, e agora vamos continuar a usar a metáfora da ferrovia, mas foram os próprios maquinistas que estavam no comboio	ED1
Dois últimos anos	quanto mais fazemos, quanto mais tocamos na inovação, quanto maior a facilidade de gestão do currículo, quanto mais projetos surgem, projetos interdisciplinares, etc, opções, autonomia dos grupos disciplinares, parece-nos que se abre ainda mais campos para essa possibilidade	ED1
	no início ficamos satisfeitiíssimos com dois projetos, que tocaram duas turmas de alunos, e ficamos maravilhados, e agora achamos que é uma, um grau quase zero ou mínimo haver um projeto para cada grupo, em cada semestre, já nos parece pouco e parece que falta muito para realmente mudar significativa e verdadeiramente as coisas	ED1
	é mesmo pelo impacto que isto tem nos alunos que as pessoas persistem, não desistem e pensam em novos, em novos projetos, ou em saber mais sobre a Interioridade, ou em alimentar a participação dos alunos.	ED1
	temos esta coisa de gostar muito de falar, gostamos imenso de falar mas é na informalidade, é o problema	ED1
	não há momentos formais de comunicação	ED1
	estas áreas arrastam subáreas ou áreas contíguas	ED1
	Não é uma coisa compartimentada, porque se ela é uma coisa compartimentada a gente atinge e depois desligou e o resto continua igual.	ED1
	eu acho que as pessoas ficam satisfeitas. É trabalhoso, cansativo, mas ficam satisfeitas	ED1
	Eu não sei se tem sido construída, sinceramente	FGP3P1
	Eu acho que há da parte do colégio um esforço muito grande para esta inovação. Não sei se se sabe, se o colégio, se calhar não vou estar a ser simpática, percebe muito bem onde quer chegar com esta inovação.	FGP3P1
	Não sei se esta ideia de inovação está a ser construída, se está a ser comunicada.	FGP3P1
	acho que mesmo junto dos alunos, não há uma explicação, não é?	FGP3P1
	acho que também depende um bocadinho daquilo que, prende-se um bocadinho com aquilo que a Helena dizia, que era, não estamos todos na mesma sintonia	FGP3P5
	como não estamos todos na mesma sintonia, alguma coisa terá que ser obrigatória que é para nós alinharmos	FGP3P5
Eu acho que hoje em dia nós conhecemos mais o trabalho uns dos outros. Até porque há conselhos de turma em que é debatido o projeto que está a ser desenvolvido.	FGP3P5	

[Dimensão: Colaboração profissional docente]

Categoria	Sub-categoria	Unidade de registo	Sujeito		
Objetivos e metas do trabalho colaborativo	Projetos de inovação pedagógica	projeto não nasceu propriamente de uma diretriz, surgiu mais do trabalho colaborativo que eu desenvolvi com a professora de Desenho, que já tinha sido, nós já vínhamos a trabalhar em conjunto desde o ano anterior, portanto, foi mais a formalização de um projeto que nós já vínhamos a fazer de antes. Portanto, nós os objetivos delineamos em função do tema que tínhamos em comum	FGP3P2		
		eles iriam ver imagens de obras de arte, de História de Arte, e depois fazerem a sua própria criação artística do tema da Anunciação. Portanto, isso partiu de um objetivo que era disciplinar das duas áreas	FGP3P2		
		se era um tema que era abordado nas duas áreas, então vamos trabalhá-los juntas para chegar a uma determinada meta	FGP3P5		
		planeamos sessões, para que todos os alunos do colégio possam ter o mesmo tipo de vivências ao longo da escolaridade, ao longo do tempo que estão aqui, portanto, que a Interioridade tenha um percurso e um caminho e que todos o possam seguir	FGP3P5		
		percebo que haja uma meta final, um objetivo que tem a ver, exatamente com a colaboração com esta questão da interdisciplinaridade	FGP3P5		
		este trabalho em equipa para a construção de materiais é inovação também	FGP3P1		
		Reuniões por grupos disciplinares para, lembro-me da integração de aprendizagens essenciais, reuniões por grupos, participantes em projetos para planificação dos projetos, reuniões por grupos disciplinares para integração das MAS no contexto de sala de aula	ED1		
		Na área de Português geralmente começamos por trabalhar primeiro em grupo. E definimos quais são os nossos objetivos para os projetos a que nos propusemos	FGP3P6		
		Centralidade ao benefício dos alunos		a ideia é que é preciso trabalharmos uns com os outros para, para benefício do aluno	ED1
				estão a ficar para trás aspetos importantes como estas questões que fomos discutindo sobre os alunos, a questão de aprendizagens essenciais, adaptações que é preciso fazer	FGP3P1
se me perguntarem o que é que, os pratos da balança, e o que é que eu prefiro, eu prefiro primeiro o aluno. Acho que nós estamos a começar pelo telhado e devíamos começar pelo inverso.	FGP3P1				
Dificuldades da colaboração	Ineficácia	os coordenadores consideraram que a principal dificuldade do momento no trabalho colaborativo era a questão de nele estar em várias frentes	ED1		
		os professores que estão ainda em situação de muita tensão por causa da pandemia também estavam ao mesmo tempo a pensar em metodologias de aprendizagem significativa, em projetos interdisciplinares, em desenho universal de aprendizagem e, portanto, estas várias frentes criavam um cansaço muito grande	ED1		
		acho que falta, muito honestamente, prática	ED1		
		temos duas horas no nosso horário para promover o trabalho colaborativo e não tem sido eficaz.	EP1P15		
		ou porque nessas horas os professores precisam de desenvolver outras tarefas	EP1P15		
		ou porque a direção decide naquela hora do trabalho colaborativo então implementar outra coisa, nomeadamente uma formação	EP1P15		
		ou porque as pessoas pura e simplesmente acham que é uma perda de tempo	EP1P15		
		como não há um controlo sistemático daquilo que é feito, ou porque se vai facilitando no trabalho que é pedido, então as pessoas deixam, deixam de cumprir	EP1P15		
		o trabalho colaborativo eu acho que devia nascer da tal necessidade, daquilo que nós precisávamos. Quando nós temos uma ordem de trabalhos que diz: "É o trabalho colaborativo para isto." Se calhar não é o trabalho colaborativo para aquilo que eu preciso	FGP3P2		
		eu tenho dois ciclos diferentes. Eu tenho o primeiro ciclo e o segundo ciclo. Com especificidades muito diferentes. E o que acontece comigo, por exemplo, é que quando vem o cronograma, eu nunca tenho contemplado o primeiro ciclo. E o primeiro ciclo tem os cenários de aprendizagem, onde o trabalho colaborativo é necessário. E eu costumo dizer que se o trabalho colaborativo é necessário a partir do segundo ciclo, no primeiro então, não faz sentido que ele não exista. E o que tem acontecido comigo muitas vezes, é que quando me apresentam um cenário de aprendizagens, já está tudo consumado	FGP3P1		

		nós não estamos todos ao mesmo ritmo nem na mesma sintonia. Por exemplo, há pessoas com quem eu trabalho bem colaborativamente e há outros com quem se calhar eu também queria trabalhar, mas não sinto reciprocidade do outro lado	FGP3P2
		a questão aqui é o trabalho colaborativo acontece às quatro e meia da tarde quando toda a gente já está muito cansada, é muito burocrático	FGP3P4
		colaboro e divulgo, para que se divulgue, e pronto, que eu não falei nelas porque, porque se não tinha de preencher uma série de coisas que eu não tenho tempo nem vida	FGP3P4
	Perceção de perda de reconhecimento profissional	esta dificuldade é um paradoxo porque no discurso dos professores, na racionalidade das pessoas, etc, está sempre, tem estado sempre, pelo menos nos últimos anos, aquela ideia de que não temos tempo para trabalhar juntos, não temos, não há meios para trabalhar juntos, queremos trabalhar juntos, eu não tenho hipótese. E depois quando nós até criamos as condições para isso, o trabalho colaborativo é visto, e eu acho que isto é mesmo um paradoxo, não racional, irracional, é visto como uma retirada da autonomia de professores e como uma interferência na capacidade de, na possibilidade de controlo que as pessoas têm sobre o seu trabalho	ED1
		nós falámos do trabalho colaborativo como se isso fosse completamente inexistente e isso não era uma verdade. Portanto, a nossa comunicação sobre o trabalho colaborativo, a comunicação sobre aquilo que deveria ser o trabalho coletivo, partindo do pressuposto que ele era completamente inexistente, e ele talvez também não fosse completamente inexistente. Portanto, isso cria nas pessoas a sensação de que é preciso deitar ao lixo o que se fazia até agora e recomeçar tudo de novo	ED1
		no caso da Matemática, tem a ver com a, com a extensão dos programas que temos que dar. Muitas vezes a extensão é tão grande que nós não podemos parar só para estar envolvidos	FGP3P5
Vantagens da colaboração	Desenvolvimento profissional	e partilhar experiências	FGP3P4
		Aquele olhar crítico, às vezes faz falta.	FGP3P4
	Visão de conjunto	finalmente não precisam de trabalhar somando partes	ED1
		Outro aspeto muito importante é o trabalho do grupo disciplinar. Quer para as metodologias e, portanto, as pessoas consideram positivo que isso possa ser feito em grupo disciplinar também.	ED1
		E pensar nos alunos na aprendizagem, e debruçarmo-nos um bocadinho sobre isso	FGP3P4
Desenvolvimento profissional docente	Características das dinâmicas promotoras de aprendizagens	eu acho que a capacitação é cada vez maior, mas miraculosamente as dúvidas também são sempre cada vez mais, e porque as pessoas são muito exigentes no bom sentido	ED1
		nós evoluímos por observação ou por aquilo, novas ideias que outros trazem	FGP3P3
		é discutirmos entre nós, é partilhar coisas que fazemos	FGP3P6
		uma formação... nessa área. Sim, acho que é importante. Mais continuada	EP1P13
	Necessidades de capacitação identificadas	Vou voltar aqui, uma coisa que é um, tem sido um clássico, que é a questão da avaliação dos alunos ainda não está bem, ainda não sabemos bem. E isso foi um questionamento que eu acho que não só resulta, porque há aprendizagens essenciais e porque, mas resulta também muito, sobretudo da Gestão de Currículo	ED1
		a Gestão de Currículo lançou um incêndio, no bom sentido da palavra, relativamente a esta questão da avaliação dos alunos. E, portanto, claro que depois do incêndio, e bem, alastra e toca tudo. Não é só a questão dos projetos, mas é a de toda a aprendizagem dos alunos	ED1
		tomar decisões sobre o currículo é muito difícil. Faço, isto é um parêntese, porque é que é muito difícil. Porque é uma tomada de decisão sobre a vida dos alunos, e eu acho que é o que eles sentem	ED1
		o desenho universal de aprendizagem, por exemplo, também está no nosso PADePE, também resulta desta necessidade que os professores sentem de terem que tomar, de saberem que têm que tomar decisões	ED1
		Eu acho que a formação, por exemplo, que nós tivemos nas MAS, que eu estava a dizer, gostei, eu acho que não foi suficiente. Acho que se devia dar continuidade.	EP1P13
Padrões da colaboração	Partilha do que se faz vs. construção conjunta de materiais	Este ano já estou com outros anos de escolaridade, já não vou implementar esses projetos. Portanto, tudo isso que está a falar, de colaboração, de projetos e não sei quê... eu estou um bocadinho à margem porque nunca fiz parte	FGP3P5
		Portanto, eu não estava no mesmo patamar, eu não estava a fazer oficina... mas delinee o projeto com ela, o projeto era depois levado para a oficina, onde eles analisavam, viam a planificação, e depois ela trazia-me o feedback e nós trabalhávamos... sobre esse feedback. Portanto, a participação dela não era a mesma que a minha	FGP3P6

		mesmo o trabalho colaborativo, que as colegas estavam a falar eu não participo, não, não torno a participar, nas oficinas eu também não participo, o que nós tentamos é arranjar, dentro do grupo, atividades	FGP3P3
		E muitas vezes nós reduzimos, eu falo também por mim, atenção, reduzimos o trabalho colaborativo a uma troca de materiais, e o trabalho colaborativo está longe de ser uma troca de materiais.	FGP3P4
		se calhar às vezes era mais útil para nós fazermos sessões em que cada um partilha aquilo que faz. Porque, por exemplo, eu vou sabendo de projetos que fazem aqui que são excelentes, mas que depois não se sabem	FGP3P2
Reflexão vs. ação		o trabalho colaborativo também está muito orientado para o pensar sobre e o fazer diferente	EP1P14
		Eu até vejo que este trabalho teria muito mais resultados se nós pensássemos não só, antes de pensarmos até nos projetos, nas MAS, portanto, nessa, nessas atividades todas, pensar no trabalho, pensar nos alunos, antes de mais.	FGP3P4
		Temos determinado aluno que já consegui passar por todos os professores, se nos juntássemos para fazer um trabalho sobre aquele aluno para ver as adaptações necessárias às aprendizagens essenciais, todas essas coisas, acho que o resultado final seria muito melhor. E eu acho que isto nos falta um bocadinho	FGP3P1
		o trabalho colaborativo já está muito orientado para aquilo que temos de fazer naquele momento	FGP3P4
Predisposição vs. obrigação		trabalham colaborativamente, ou trabalham a equipa toda, por exemplo, nos encontros intercentros para manter a ligação com a rede, que para nós foi sempre um aspeto muito importante	ED1
		trabalham colaborativamente em grupo disciplinar, trabalham colaborativamente em conselho de turma para questões relacionadas com os alunos	ED1
		praticamente todos participam em projetos interdisciplinares e na Educação da Interioridade	ED1
		No primeiro trimestre nós tivemos talvez a primeira, as primeiras, os primeiros tempos foram para, para determinar os elementos dos projetos interdisciplinares, depois ainda tivemos um tempo também para as metodologias de aprendizagem significativa, portanto, terá sido grupos associados para projetos, com grupos disciplinares, e depois talvez mais no final e mesmo para preparação dos conselhos de turma, por conselho de turma.	ED1
		E mesmo com os meus colegas de Ciências sinto muito isso, uma partilha muito grande. E não precisa de ser um momento numa hora definida de partilha	EP1P13
		temos esse tempo, mas muitas das vezes a partilha não se dá nesse tempo, dá-se noutra tempo em que eu tenho em comum, que estou ali porque não tenho aula e tenho uma colega que também está ali e estamos a conversar	EP1P13
		Sei que há professores que realmente é para partilhar ali, partilhamos ali e não partilhamos mais nada fora	EP1P13
		aqui um dos grandes obstáculos, seja a todos os níveis, nomeadamente ao nível da inovação, são as relações interpessoais, e pronto. E isso, na verdade, é um obstáculo muito grande, deturpa um bocado todo o processo e tem constituído uma barreira muito muito muito grande	EP1P15
		Nós aqui no colégio, temos, de facto, uma tarde em que nos reunimos e, e temos a oportunidade de refletir de uma forma mais formal	FGP3P6
		Porque até ao ano passado, nós desenvolvemos, eu desenvolvia trabalho colaborativo, mas não tínhamos aquele horário fixo obrigatório. E este ano temos esse horário fixo e obrigatório. E eu acho que isso em parte acabou por desmotivar um bocado.	FGP3P2
		quando nós vamos para o trabalho colaborativo, eu muitas vezes estou na sala dos professores e só trabalho com a mesma colega todas as semanas. Enquanto, que anteriormente, eu trabalhava com várias pessoas.	FGP3P2
		não é quarta feira às quatro e meia que tens necessidade de trabalhar	FGP3P4
		eu não vejo mal em estar formalizado, por acaso a mim não me choca estar formalizado	FGP3P4
Modificações no significado dado à colaboração	Entusiasmo ligado à ideia de melhoria	quando comecei a ver os guiões, as matrizes e os critérios de avaliação de projetos interdisciplinares, pensei: "Caramba, isto era completamente impossível há seis anos atrás. Completamente impossível." Portanto, as pessoas, haveria professores que fariam o seu, o seu guião, a sua coisa, para o seu projeto, da sua disciplina maravilhosamente, todos até fariam maravilhosamente. Em conjunto, colaborativamente, não sei. Tenho muitas dúvidas que isso fosse possível. O facto de terem estado em oficinas, terem feito, terem aprendido em conjunto, acho que também foi de facto muito importante	ED1

	Eu acho que era possível antes do (...)que um professor me viesse dizer: “Eu já fiz isto. Não me consigo encontrar com não sei quantos, não sei se ele pensa assim, não faço ideia se ele acharia bem.” Portanto, no fundo vamos, talvez que a direção e os coordenadores tivessem, tivessem que ser intermediários da colaboração. E agora eu acho que isso está fora de questão	ED1
	em termos dos grupos disciplinares houve um trabalho excelente. Eu não estou a dizer se o produto é excelente, é uma outra coisa muito diferente, mas em termos de trabalho colaborativo a dinâmica que se criou em praticamente todos. Claro que mais nuns grupos que noutros, isso é eterno, não é? A dinâmica que se criou, a investigação que fizeram, o espírito crítico, as tomadas de decisões, nunca houve qualquer, não foi necessário, a não ser num caso muito específico, numa coisa muito, nunca foi necessário estabelecer pontes.	ED1
	senti, ali nos dois, três primeiros anos em que estava cá a tempo inteiro, senti que, como é um grupo muito pequeno de professores, porque é uma escola pequena, senti-me quase, vou dizer assim, a atrofiar.	FGP3P4
Perda de controlo	um atentado à sua autonomia e sobretudo uma grande perda de controlo, porque o professor controla e provavelmente, de todas as profissões, aquele que controla tudo desde o princípio até o fim e pode fazê-lo absolutamente sozinho, durante anos	ED1
	quando, de repente, se lhe é atribuído e ele tem que realizar, e tem que passar a trabalhar de uma forma diferente, isso é sentido um bocadinho como uma, como uma ameaça	ED1
	com estas oficinas, obriga-nos a estar ali a preencher, e a criar... documentos, criar documentos, que nos faz, se calhar, perder um bocadinho de tempo, que podíamos aproveitar para mais inovação ou... para tentar fazer, melhorar.	FGP3P4
	Nós vamos fazendo isso...	FGP3P4
	Sim.	FGP3P6
	... no nosso dia a dia, com um carácter informal, não é?	FGP3P4
	Mas nós fazemos com um café na mão.	FGP3P6
	Por exemplo, eu não tenho esse horário da quarta feira...	FGP3P3
	Que sorte.	FGP3P4
Necessidade de um salto	nós próprias, direção, entusiasmadas com esta capacidade de trabalho colaborativo, achamos que as pessoas poderiam simultaneamente pensar em metodologias, em projetos, em mudar critérios, em fazer não sei o quê, quando na verdade isso se calhar é um exagero	ED1
	o trabalho em grupo tem que ser de tal maneira planificado para que as pessoas realmente reconheçam as vantagens, se não, não tem nenhuma	ED1
	vamos ter que continuar a forçar, é o termo certo, o trabalho colaborativo, mas ao mesmo tempo, e muito em cima também, perceber pequenos, que a autonomia tem que estar lá e o controlo que as pessoas fazem do seu próprio trabalho é muito importante. E, portanto, irmos desaparecendo para ficar só o trabalho colaborativo auto-organizado	ED1
	estamos a fazer muitas coisas ao mesmo tempo. Eu, por exemplo, tenho um projeto para o segundo semestre com Matemática, com Educação Visual e com TIC, o “Tasty” que já está aprovado, já foi feito, mas que é preciso rever pequenos pontos, tenho a implementação das MAS e acho, acho que acabamos por, estar neste momento a ser exigido um trabalho colaborativo em muitas frentes, em, em algumas situações	FGP3P5
	Eu acho que tem mesmo de partir daí, da necessidade. O grupo encontrar uma necessidade e depois colmatá-la com o dito trabalho colaborativo.	FGP3P2
	O trabalho colaborativo tem que passar por aí, tem que passar por ser aquilo que nós estamos a fazer aqui, se estivesse a ser feito nos grupos disciplinares... E a debater, a dar exemplos de alunos. “Eu tenho este aluno assim, o que é que tu fazes com o teu aluno, que até tem umas características semelhantes? Que estratégia é que estás a aplicar para ajudar aquele aluno? O que é que eu posso tirar dali?”	FGP3P4

[Dimensão: Liderança]

Categoria	Sub-categoria	Unidade de registo	Sujeito	
Alocação de recursos estrategicamente	Coordenação interna das áreas de inovação	outra dificuldade que é, que tem que ver com uma mudança que houve na coordenação interna, e num alargamento também que houve para levar a participação para o pré-escolar e para o primeiro ciclo e, portanto, de repente há três coordenações, que é uma riqueza, claro, mas não houve um momento em julho de capacitação	FGPe1Pe1	
		são pessoas que entraram de novo e, portanto, estamos a tentar reconstruir um, quer dizer, aqui um sentido, um alinhamento, modos de trabalho que não têm sido sempre fáceis	FGPe1Pe1	
	Diálogo	é muito do diálogo, as condições são criadas do diálogo. E as pessoas estão à vontade para nos vir propor, acho eu. Há uma proximidade	ED1	
		o diálogo informal é interessantíssimo, é próximo, é orgânico, etc., mas pode não ser sustentado	ED1	
		um dia desaparece aquela pessoa, ou já não há aquela oportunidade e depois aquilo não ficou enraizado, percebes? Portanto, eu acho que nós também temos aí, como vivemos muito de proximidade, e falamos, e a porta está sempre aberta, e não sei quê e tal, é preciso ter muito cuidado com isso porque depois não há mecanismos	ED1	
		no mês de julho estruturamos um bocado o trabalho vendo com os coordenadores, sei lá, ok, precisamos de pensar sobre isto ou aquilo, e depois há um grupo que vem dizer: "Isto não é adequado para nós. Nós precisávamos era de fazer assim e assado." "Ok, tudo bem desde que não esbarre com as coisas." Portanto, as condições é o diálogo	ED1	
		os recursos têm muitas potencialidades e nós vamos usá-las todas da melhor forma possível	ED1	
	Conhecimento profundo das pessoas	há um conhecimento muito profundo das pessoas e dos recursos para lhes atribuir lideranças, pequenas lideranças, chamemos-lhe assim, para que isso possa contribuir para a melhoria e para a inovação	ED1	
		os professores também ficam contentes, porque fazem as coisas que gostam	ED1	
		eu diria que há assim uma preocupação em "aproveitar". É, exatamente, a palavra certa ... que elas desenvolvam os seus talentos ao serviço da comunidade escolar	ED1	
		Normalmente, eu acho que acertamos e que as pessoas sentem-se desafiadas, motivadas.	ED1	
		Desde que não seja dar dez mais dez quilos de trabalho e o mesmo ordenado, que isso é uma, é só um desrespeito	ED1	
	Estabelecimento de objetivos e expectativas	Desenvolvimento profissional	Procura desafiar-nos	FGP3P6
			esse espicaçar da direção também tem que existir	FGP3P6
			aquilo que eu aprendi de setembro até aqui é muito grande. Mesmo pela observação dos meus colegas, mesmo pelo... E isso foi inculcido também pelo colégio, que me obrigou, também porque eu quis ser melhor, e corresponder àquilo que o colégio exigia	FGP3P3
por parte da direção, eu sempre senti, desde que aqui entrei, que querem tirar de nós o que nós temos de melhor. E dar, e dar-nos o máximo e fazer-nos crescer			FGP3P5	
acho que nos ajuda muitas vezes. É assim, custa ouvirmos algumas coisas, mas faz-nos crescer, e pensar, e refletir			FGP3P5	
acho que querem tirar de nós o máximo para nós transmitirmos o nosso máximo também aos alunos		FGP3P5		
Apropriação e integração da inovação		estamos a querer mudar o mundo todo e estamos-nos a esquecer da atividade de segunda feira	ED1	
		eu acho que o papel destas, dos intervenientes nos projetos, portanto, essas lideranças, os líderes dos projetos, os líderes responsáveis pelos projetos de participação, de Interioridade, dos participantes da Gestão de Currículo, e esta liderança partilhada, esta contaminação foi muito importante e é muito importante	ED1	
		eu acho que o papel destas, dos intervenientes nos projetos, portanto, essas lideranças, os líderes dos projetos, os líderes responsáveis pelos projetos de participação, de Interioridade, dos participantes da Gestão de Currículo, e esta liderança partilhada, esta contaminação foi muito importante e é muito importante	ED1	
		E agora parece que falta, falta um passo para a frente	ED1	

	Áreas de inovação pedagógica	no comboio regional estava a Educação da Interioridade e, portanto, quando ela surgiu na Bússola nós já tínhamos iniciado, e felizmente pudemos apanhar o Alfa Pendular, porque também iniciámos de uma forma muito experimental e isso foi uma grande ajuda, fim de parênteses. Pronto. Mas, portanto, estes objetivos foram definidos, e foram sendo cumpridos então no plano de ação, e foram sendo cumpridos	ED1	
Facilitação da tarefa profissional docente	Criação de condições	Formações, por exemplo	EPIP13	
		Os processos de inovação são apresentados normalmente pela equipa diretiva em áreas muito diversas, a área da Participação das Crianças, da Gestão Curricular, da Educação para a Interioridade, e essas propostas de trabalho são sempre acompanhadas pela direção, que me parece muito preocupada em acompanhar os docentes, por exemplo, ao nível da formação	EPIP14	
		Sempre que expressamos a nossa necessidade de formação de uma determinada área do, lembro-me particularmente do início do trabalho de projeto. Foi logo disponibilizada a formação no uso de novas tecnologias. Portanto, quer ao nível da formação quer ao nível, este ano acho que fizemos um percurso nesse, nesse caminho muito visível, quer ao nível por exemplo do tempo disponibilizado para trabalho colaborativo.	EPIP14	
		tudo o que é proposta por parte dos docentes, e que no fundo se traduza numa inovação, quer ao nível das metodologias, quer ao nível da avaliação, normalmente o apoio é total por parte da direção	EPIP15	
		na verdade, esta direção tem, tem procurado, tem, tem tentado criar, na verdade, as condições para que consigamos fazer um trabalho colaborativo, consigamos integrar o perfil do aluno nas aprendizagens	EPIP15	
		Eu acho que nós neste momento, vivemos na dicotomia entre a obrigatoriedade e a liberdade que temos de estarmos neste processo, não é? Porque na realidade há uma obrigação em determinados aspetos, e há muita coisa que nos é apresentada, consumada e é para fazer. Mas ao mesmo tempo também há a outra parte que é, se eu quiser desenvolver, também tenho liberdade para o fazer, não é? E eu acho que nós vivemos nesta dicotomia. Digo eu, pelo menos é isso que eu sinto.	FGP3P1	
		Obrigatoriedade de fazer as coisas, agora também há liberdade, eu não posso dizer que eu vá toda entusiasmada à direção dizer: "Eu quero fazer isto, isto e isto, preciso disto." Ninguém me vai dizer que não, isso é certo. É logo: "Faça."	FGP3P1	
		"O que é que precisa?" É nesse aspeto	FGP3P6 FGP3P1	
		Acolhimento das propostas dos professores	eu acho que nós somos muito recetivas, todas a isto, todas. (...) quer dizer, qualquer coisa que uma pessoa diga, que um professor sugira, nem que seja, só se for um disparate do tamanho de uma casa, e não há ninguém aqui que eu me lembre nos últimos cinco anos que o tenha feito, nós estamos habituadas a aproveitar tudo aquilo que nos é sugerido	ED1
			todos os professores sabem que podem entrar e propor logo um aspeto de inovação, que sendo que eu acho que, e não foi sempre assim, e concretamente comigo, sendo que eu acho que as pessoas percebem que nós gostamos disso, e não foi sempre assim. Portanto, quando, eu lembro-me dos primeiros tempos que trabalhava cá, até porque a situação era muito difícil aqui no colégio no início, por razões várias, não interessa agora, cada coisa que era dita como proposta de melhoria era uma facada na, enfim, e agora isso é quase uma espécie de adrenalina	ED1
	O professor que entra e diz: "Tive uma ideia que é fazer isto desta forma." Mudar o procedimento, um processo de inovação, etc, aquilo transforma-se num desafio. Às vezes não é possível implementar por razões variadas	ED1		
	cada vez que surgia uma coisa para fazer de forma inovadora no ano letivo seguinte, eu tinha, eu rabiscava um "papeleto" que metia numa coisa e tinha, tenho ainda sempre e temos todas, uma pasta com, que diz assim, aproximando acho que é assim: "Julho", temos uma pasta para julho e uma pasta para o próximo ano letivo, que é todas as pequenas coisas de melhoria e de inovação que podem ser feitas	ED1		
	estamos a falar de pequenas coisas, não estamos a falar de movimentos de inovação	ED1		
	o trabalho da direção depois é a partir disto tudo. Ter pensamento e planeamento e depois devolver isso tudo outra vez para as pessoas para ser testado e para que elas possam repensar aquilo. Mas isto também é nas pequenas e nas grandes coisas	ED1		
	Nós reunimo-nos semanalmente. E depois, geralmente, eu fico encarregue de fazer a fundamentação e o conceito que está por trás e o planeamento. Mando para elas, ajustam, depois é preciso ver com os coordenadores e com, para que as pessoas possam dizer, e dizer assim: "Não, isto está mal pensado." Ou: "Isso não vai correr bem porque, e tal." Pronto, estamos a falar de mega e extraordinários processos de inovação? Não estamos, estamos a falar ainda de coisas pequenas	ED1		

Envolvimento nos processos de formação	Conotação com alguém que “veste a camisola”	Veste a camisola, exatamente	FGP3P1	
	Envolvimento visto como um bom exemplo	Eu acho que é sempre um bom exemplo	FGP3P1	
	Empenho para melhorar os constrangimentos detetados	Envolve-se e procura melhorar os pontos que os docentes vão encontrando como constrangimentos.	EP1P14	
	Envolvimento forte no início dos processos	isso foi muito claro no início e acho que o facto de, sei lá, o meu entusiasmo, a escolha das pessoas, a promoção que foi feita, os meios postos à disposição, etc, etc, acho que isso aconteceu. Acho que no momento, quando começámos a generalizar, a impregnar aquilo, no fundo a tornar quase do dia a dia, tudo isso	ED1	
	Diminuição do envolvimento à medida que os processos avançam	uma coisa foram os dois primeiros projetos, foi a primeira tutoria da Associação de Estudantes, foi as primeiras, foram as primeiras sessões de Educação de Interioridade, houve um grande envolvimento, e depois, porque isso entrou e porque se generalizou, talvez tenha havido menos	ED1	
Comunicação da inovação	Comunicação interna	o mecanismo de comunicação é a informalidade	ED1	
		o processo não é enriquecido e podia sê-lo muito mais, não é enriquecido com a comunicação do próprio processo... do que está a acontecer no próprio processo.	ED1	
		Nem que não fosse por essa razão utilitária, chamemos-lhe assim, a comunicação deveria ser melhor, melhor trabalhada, interna, externa, externa vá, mas interna sobretudo	ED1	
	Comunicação direta com escolas da rede	já tentei uma vez ou outra, mas eu nunca sei como é que hei de dizer isto, e, portanto, acabo por não dizer muito. E eu acho que nós todos, e aqui estou a falar nós todos aqui no colégio, mas também sinto nos outros, nós ainda temos imensa, imensa preocupação com a comparabilidade das situações	Sensibilizam-se, vamos chamar-lhe assim, sensibilizam-se muito com as coisas. “Ah, foi apresentado isto, mas nós também já fazemos.”	ED1
			Isto é uma coisa muito curiosa, e que existe, e que, mas que desaparece, nós sabemos que isto pode, vai desaparecendo. Mas é uma coisa que é preciso lutar com ela, pronto. E, portanto, a primeira, a primeira forma de estar é esta, reconheço.	ED1
			eu sentia isso no trabalho das direções e agora acho que está muito mais facilitado. Acho que está muito mais facilitado, quer dizer, acho que, eu encho-me de coragem para, sem ninguém me pedir nada, partilhar eu alguma coisa.	ED1
			As pessoas já não têm problema nenhum em telefonar-me a perguntar: “Como é que vocês vão fazer isto, ou fazer aquilo?” Ou eu a mesma coisa. “(...), diz-me lá, como é que fizeram, como é que resolveram?”	ED1
			se calhar é mais uns do que com outros, mas isso é como em tudo na vida, e depois melhora	ED1
			eu acho que ainda estamos muito muito muito no princípio nessa parte	ED1
			ainda podemos distribuir mais. Aliás, fizemos um plano para isso. Porque no início, e depois com o início do Covid, quisemos focar tudo sempre nas mesmas pessoas e começámos a tentar espalhar e envolver o mais possível	ED1
			o objetivo de qualquer diretor é preparar a sua saída seja lá do que for, não é? Portanto, ele é que vai, depois sai, quer dizer, é “montar as coisas” com as pessoas de maneira a que ele não seja preciso para nada	ED1
			dá a cara por tudo aquilo que nós fazemos	FGP3P4
e tenta levar-nos sempre com ela	FGP3P1			
para o bem e para o mal ela está ali. E está ali para nos ajudar e para clarificar, ela quer estar dentro de, eu acho que ela deixa um bocadinho na base da autonomia, ao critério do professor...	FGP3P4			
Sim.	FGP3P1			
... mas inteira-se sempre para poder dar resposta também se for questionada nesse sentido	FGP3P4			
Eu acho que para a direção é muito importante o ponto de vista dos professores.	FGP3P5			
E ouvir, e ouvir.	FGP3P4			
... e ouvir. Sim, sim, sim, e a opinião dos professores, sim.	FGP4P5			
leva-nos a todos, não é? A fazer. Nós quando damos conta, já está toda a gente integrada, toda a gente até aí a resmungar. “Não sei quê.” Mas toda a gente está a fazer.	FGP3P4			
É o motor, é o motor do (...).	FGP3P4			
aquilo que é implementado na verdade já foi, foi objeto de reflexão prévia, não é cá no colégio, portanto, tudo aquilo que as pessoas que participam	ED1			

Garantia da qualidade do ensino	fazem, ou quase tudo, foi objeto de utilização de instrumentos de reflexões, etc, previamente feitos por especialistas	
	e também serem validados pelos mesmos	ED1
	o projeto tem os instrumentos pensados, foi validado	ED1
	resultou de discussão com o responsável interno	ED1
	e do responsável interno com o responsável nacional, e, em princípio estará validado	ED1
Áreas de melhoria	acho que poderia ter, poderia ter havido, ou eu deveria ter-me apercebido talvez mais e melhor, ter acompanhado mais e melhor este esforço mais recente	ED1
	na verdade as pessoas somaram dois esforços e isso, desculpa achei que era... E isso, somaram dois esforços, e sempre que essas coisas acontecem as lideranças deviam estar lá lado a lado	ED1
	Como na verdade isto está associado a uma situação anómala, a presença, o acompanhamento, a deteção de situações difíceis, o congratular do esforço, etc, acho que eu poderia ter agido, tenho aqui espaço para melhoria	ED1

[Dimensão: Envolvimento dos alunos]

Categoria	Sub-categoria	Unidade de registo	Sujeito
Finalidades para as quais a participação é procurada	Participação em projetos de solidariedade social	Na altura de Natal quiseram-se juntar espontaneamente para dar um presente solidário. Quando eu disse: “Vamos pensar numa estratégia.” Só lancei o mote. E eles reuniram, juntaram dinheiro, viram o que é que os miúdos queriam, compraram as prendas, e fizeram isso. E veio muito espontaneamente a partir deles.	FGP4P8
		E uma vez que a participação deles é feita todos, é mensal, contribuem com 1,50€ para comprar azeite, ou não sei quê, também pensei: Olhem vamos pensar só numa estratégia de conseguir angariar esse dinheiro sem precisar de, não é? Envolvê-los. E eles falaram de fazer uma feira de minerais	FGP4P8
		quando estávamos a lançar o Projeto de Turma e a ver a instituição que as Sementes da Paz nos tinham confiado, e pronto, e eles, colocá-los primeiro a conhecer. E chamei uma responsável da instituição a vir cá, a dar-nos a conhecer a instituição, o que é que eram as necessidades que tinham, pronto, para eles também se enquadrarem. E depois era o tempo de discussão entre eles, o que é que se podia fazer ou não. E ficaram a pensar se queriam ou não queriam abraçar este projeto	FGP4P11
		A ideia surge deles e nós vamos dando resposta àquilo que eles nos pedem. Não é uma coisa muito formalizada	FGP4P12
	Informação sobre o bem-estar dos alunos	Eu acho que uma coisa que era importante referir é que, no último dia de aulas do ano passado, deram-nos um questionário daqueles online, no Google Forms. Esse questionário vai dizer sobre se nós nos sentimos ouvidos na escola, é sobre isto.	FGA4A10
		Ouvidos na escola, se nos sentimos nervosos, se gostávamos de estar aqui, se não gostávamos, se nos sentíamos importantes	FGA4A10
	Participação em âmbitos curriculares	houve duas alunas de secundário a participarem numa reunião das equipas de Pastoral da Província, e foram também para dar ideias, e para perceber, e para nos ajudar a pensar propostas de Pastoral que incluam os nossos alunos da organização das visitas de estudo e das viagens de finalistas	FGP4P11
		estas pessoas são muito competentes para fazer, para apresentar propostas de melhoria.	FGP4P10
	Apresentação de propostas de melhoria	eles conhecem-nos a nós, conhecem a estrutura, conhecem o projeto educativo, e o que propõem, tirando lá o telemóvel, que também era exequível fisicamente, e eles compreendem que nós não queremos	ED1
		isto tem um potencial extraordinário, porque se um aluno me entrega um “papeleto” mal escrito a dizer: “Era ótimo ter música no recreio.” Isto é uma oportunidade de melhoria. Nós tivemos reuniões infinitas a pensar como é que os recreios podiam ser dinamizados para os alunos, quando na verdade bastava receber um papel a dizer: “Ponham música que nós gostamos imenso”	ED1
Mas a gente arrumou os livros, fizemos uns cartazes a dizer que “A biblioteca é que é fixe, a biblioteca é que é fixe.” Sem grande fundamento. E ninguém veio e nós nunca mais viemos, e pronto, arrumámos livros e basicamente o colégio disse, provavelmente o colégio precisava de alguém para arrumar os livros sem ser uma empregada.		FGA4A10	
eu também só estou aqui desde o quarto ano, do que me lembro, eu nunca tive poder de voto em nenhuma decisão do colégio		FGA4A12	
não só os mobilizei e entusiasmei para a participação que era esperada deles, mas lançámos ali discussão sobre o que é que podiam ser propostas, mais para eles refletirem		FGPAP11	
uma coisa que sinto falta é, por exemplo, circulares que são mandadas para os pais com informações, serem mandadas para nós também		FGA4A12	
Papel dos alunos	Na comunicação no quotidiano escolar	o meu pai, o meu pai sabe uma coisa, mas depois esquece-se de me, de me dizer. E eu gostava que fosse direto, coisas que me afetassem diretamente	FGA4A12
		Por exemplo, horários, não serem, podiam ser mandados para eles também, mas também seriam mandados para nós alunos. Porque eu acho que, lá está, é o que estavam a dizer há pouco. Falta, há uma falta de contacto direto connosco.	FGA4A12
		Quando é uma atividade que nós fazemos, eu às vezes penso assim: “Ah, que giro, tiraram-nos uma foto, vão meter no Instagram.” Podiam-nos perguntar até: “Olha, como é que achas que devíamos pôr?” Porque eu lembro-me, houve uma vez, pronto lá no “Day Off”, que nós tirámos uma selfie com uma professora nossa e ela disse que ia meter. Pronto, e teria sido giro ela dizer: “Ah, como é que acham que era melhor meter? Pomos uma história, pomos uma foto?”	FGA4A11

		Sim e eu acho que, sei lá, o design e assim do próprio Instagram acho que não é ótimo e acho que se fossemos nós, por exemplo nós, mesmo pessoas que não são de Artes	FGA4A13
		Uma coisa que chamasse mais à atenção porque é um bocado básico.	FGA4A13
		sinto que as publicações são um bocado criança, ou seja, dirigem-se mais a primeiro ciclo e assim.	FGA4A12
		Sim, é mais assim a mostrar as crianças... o que os meninos fizeram, os desenhos.	FGA4A10
		E, por exemplo, tiram fotos a trabalhos e coisas assim	FGA4A12
		Eu acho que deviam focar em coisas que realmente nos interessam, porque assim eu acho que de certeza que chamariam mais	FGA4A12
		Sim, às vezes acho que as coisas que colocam lá não se enquadram muito comigo. Porque, é assim, não deixam de ser adultos, certo? E é difícil de, é difícil de atingir o público jovem. No entanto, acho que...	FGA4A12
		E como é que achas que se poderia atingir mais o público jovem?	Moderador
		Era colocando um jovem.	FGA4A12
No processo ensino-aprendizagem		acho que isto é a questão-cerne da atividade docente, é a sensação, é a híper, o superego da responsabilidade e aliás é por isso que eu acho que há controlo	ED1
		Eu não acho que os professores, todos os professores sejam maníacos do controlo	ED1
		acho que esta coisa do controlo, que o professor tem que ter sobre o seu trabalho, resulta numa grande parte e, portanto, isto é uma visão positiva minha, da responsabilidade, isto é uma grande responsabilidade e eu tenho que a controlar do princípio até ao fim, se eu não a controlar alguém vai ficar prejudicado e eu não aguento isso	ED1
		normalmente a direção é que anda sempre a decidir tudo	FGA3A1
		Não, é sempre assim um cartaz a dizer: "Vai acontecer x coisa, vem fazer." A gente vai, avaliamos e pronto. Nunca preparamos nada. É sempre os adultos. Nunca é da nossa parte.	FGA4A10
		Porque a participação pode ser mais alargada.	FGP4P12
		eles foram capazes de, por eles, identificar uma dificuldade que tinham e até fizeram uma proposta que era, eles não queriam abrir mão de Interioridade porque sabiam que era importante para eles, mas percebiam que tinha aqui um grau de exigência que eles não estavam a responder. E que embora estivesse a fazer esforço com propostas diferentes, ainda assim era difícil para eles. Então o que eles pediam era, que pudesse criar dinâmicas entre, que implicasse mais o movimento para depois chegar à partilha, mas isto ser mais suave e que houvesse uma gradualidade para chegar a uma profundidade maior	FGP4P11
		se lhes der abertura para eles nos responderem, eles respondem." Eles têm sempre qualquer coisa a dizer	FGP4P7
		É um processo. E pode vir a haver no futuro essa abertura.	PGP4P12
Na melhoria da escola		há alturas em que eles não querem nada, nós até queríamos que eles participassem, dessem ideias e eles preferem, vê-se mesmo que eles não querem saber, os adultos que decidam e acabou, pronto, não estão interessados nisso	ED1
		há um manancial extraordinário	ED1
		por vezes há questões sobre, relacionadas com as regras e isso tudo, que nós por vezes discutimos com os professores. Mas aquilo nunca sai muito da aula	FGA3A5
		Perguntam-nos a opinião. Se a nossa opinião for de acordo com o que eles estavam a planear antes, ok. Se não for, então pronto. "Olha, obrigada pela tua participação." Mas não somos muito levados a sério	FGA4A10
		Eu acho que isso é a visão que eles têm. Eles fingem que nos ajudam, não é? Tentam ajudar, não sei, mas dizem: "Vamos ajudar, vamos ajudar." Mas depois ajudam o que eles acham que é preciso ser ajudado, e o que realmente é necessário. Se não for de acordo com o projeto deles, não querem saber.	FGA4A10
		é muito espontâneo e é a partir deles	FGP4P8
		basta-lhes ter diante um motivo, digamos assim, de uma proposta eles começam, começam a surgir ideias	FGP4P11
		eles arrastam outros que se calhar não estão tão envolvidos	FGP4P8
		acho é que nós ainda estamos num passo embrionário em que ainda não parte deles. O que parte deles é perceberem que há pessoas que têm abertura para os ouvir	FGP4P12
		E para fazer alguma coisa para os ajudar	FGP4P12
Barreiras à participação dos alunos em transformações	Falta de oportunidades	Era não ter de usar o uniforme a partir do quinto ano.	FGA3A1
		Sim e nós, pronto, nós não fomos fugir do colégio, nós temos cabeça mental.	FGA3A4
		Nem era assim um grande pedido, é só não ter de usar o uniforme.	FGA3A1

positivas na escola	há uma colega nossa, que responde...	FGA3A2
	Que se chama (...) e ela responde a tudo.	FGA3A1
	Responde a tudo.	FGA3A2
	Quase tudo.	FGA3A1
	E quando eu, eu uma vez estava com o dedo no ar há algum tempo, e a Matilde pôs logo a seguir a mim. E eu queria responder, e a professora não me deixou e foi a minha amiga.	FGA3A2
	Ela costuma, ela costuma sempre escolher a...	FGA3A1
	Porque tira as melhores notas, e depois, e tirando as melhores notas, a professora pensa que vai acertar e escolhe sempre ela	FGA3A4
	Eu tenho mais uma barreira, que é os delegados de turma. Eu acho que não devia haver delegados de turma, porque as minhas delegadas de turma não fazem praticamente nada, escolhem sempre outras pessoas. E se houvesse delegados de turma, os professores escolhem sempre eles e acho que os outros alunos gostariam também de participar, fazer as coisas que os professores pedem.	FGA3A4
	Mas eu acho que também, por exemplo, uma das grandes regras que é discutida é o uso do telemóvel.	FGA3A7
	Exato.	FGA3A5
	Por muito que nós, por muito que nós queiramos o telemóvel, nós lá no fundo sabemos que o uso do telemóvel não só não é bom para a nossa socialização.	FGA3A7
	Mas eu acho que o colégio quer que a direção é a direção e os alunos é os alunos, e eles não querem, acho que não querem muito discutir isso connosco. Nem nos perguntam: "Sentem..."	FGA3A2
	Preferem discutir com os professores	FGA3A1
	o colégio nunca nos deu assim muito tempo para nós pensarmos tipo o que gostávamos de melhorar, e tipo, alguém com quem falar e alguém com quem possamos tipo discutir o que é que queremos melhorar e podermos fazê-lo. Porque tipo, nós só termos ideias não nos leva a lado nenhum. Porque se não tivermos um professor com quem falar e que possa concretizar a ação	FGA4A11
	E tinha assim uma página de todos os anos, e chegava até ao décimo, décimo primeiro ano não tinha nada, e eu fiquei: "Eu não acredito que nós não temos nada."	FGA4A11
	Eu vi isso, também.	FGA4A12
	Porque ninguém falou connosco...	FGA4A11
	Não nos disseram.	FGA4A10
	... eu nem sequer sabia que existia. Eu fiquei tristíssima.	FGA4A11
	Estamos em ano de exames, temos de nos focar.	FGA4A10
Sim acho que estão muito focados na matéria, e temos de dar a matéria e acabam por se esquecer...	FGA4A13	
É importante...	FGA4A10	
... dos valores importantes que deviam passar.	FGA4A13	
eu acho que se temos tempo tipo disponibilizado para isso, acho que não custava nada, nem que fosse tipo de duas em duas semanas, termos meia hora em que podemos só discutir aquilo que gostávamos de melhorar. E por isso eu acho que é mesmo uma questão de tempo e de alguém que nós sintamos que nos ouça, porque eu às vezes sinto que não	FGA4A11	
Ineficácia das modalidades adotadas	Adiar sempre as coisas para outro dia.	FGA3A1
	nós no nono temos maturidade para perceber isso, e foi por acaso uma das propostas que nós votámos, foi a proposta mais votada na assembleia de ano e nós não obtivemos resposta qualquer da direção	FGA3A5
	muitas das propostas que nós tínhamos votado, a direção não nos tinha, não discutiu connosco, ainda não discutiu connosco o que é que nós queríamos, não nos chamou, por exemplo, o presidente da assembleia, assim como o vice-presidente a ir à direção e perguntar: "Ora bem, estas são as vossas propostas, nós se calhar não concordamos muito, qual é que é a vossa contraproposta para tentarmos arranjar uma solução?" Não	FGA3A5
	Sim, é como se a conversa que tivemos nas assembleias ficaram, ficou na assembleia	FGA3A6
	Por acaso acho que nós ou a nossa turma teve um problema com a sala, porque era muito quente e até, nós conseguimos falar com o diretor de turma, mas o diretor de turma teve de falar com o coordenador de ciclo, e depois nunca houve tempo, resposta	FGA3A7
	é um bocado de falta de comunicação connosco	FGA4A13
	Não é falta de comunicação, é falta de ouvir.	FGA4A10
	acho que não era necessário tantos questionários, e assim bons questionários e que pudéssemos ser ouvidos	FGA4A13
	Mas eu acho que foi só uma. E essa foi boa porque, pelo menos...	FGA4A11
	Pelo menos nós ficamos...	FGA4A8

		... ok ela disse que não, mas pelo menos a (...) veio falar connosco	FGA11
		Porque na altura nem sequer concordava, não me lembro de ter assinado, acho que assinei contrariado na mesma, mas lembro de ela chegar lá e eu fiquei tipo: “Uau, ela veio. A Dra. Maria veio à nossa sala só para dizer isto.” E isso foi, pelo menos para mim foi importante.	FGA4A8
Falta de apoio		Eu acho que a principal barreira é a sensação de responsabilidade dos adultos, que acham, que acham, eu não estou a dizer que eles manipulem essa responsabilidade, é o conceito que tem de responsabilidade e de controlo sobre as coisas, não lhes permite ainda ser mais permeável a isso	ED1
		“eles vão ser os principais prejudicados, e eu não posso deixar que isso aconteça”	ED1
		acho que eles estão com maior pressão e se calhar acho que daqui a um mês ou dois, quando isto acalmar, se calhar vão-nos dar mais atenção	FGA3A7
		um bocado ligado com a participação, eu sinto que por vezes há aqui, há aqui uma coisa que acontece sempre em todas as turmas, que é o medo de perguntar. Aquela, saber que nós, ao perguntar, por vezes até pensamos que os outros devem estar a gozar connosco ou alguma coisa do género	FGA3A5
		Eu como sou aqui nova no colégio, vão-me dizendo algumas coisas que eram antes, e até diziam, depois havia muitas regras, e depois até diziam que era proibido jogar verdade ou consequência, agora acho que já se pode. E eu acho que é mais ou menos uma ditadura, muitas regras.	FGA3A4
		Ou então nós partilhámos uma coisa que seja uma regra que até foi proposta pela direção, falámos com o professor e o por vezes, se calhar, o professor não transmite essa ideia à direção e depois causa aqui uma barreira.	FGA3A5
		eu acho que acham que nós não temos capacidade e...	FGA4A13
		Exato.	FGA4A12
		... maturidade para essas coisas. Na verdade temos	FGA4A13
		Não, quantos é que nós somos no colégio?	FGA4A12
		Nós somos quatrocentos e alguns.	FGA4A8
		Para aí, quatrocentos e tal alunos.	FGA4A10
		Sim.	FGA4A11
		Aderiram trinta.	FGA4A12
		Porque não depende só da Associação, o colégio também devia	FGA4A13
		o tempo também nos limite um bocadinho.	FGP4P10
		É isso. É o tempo. Eu, para mim é o tempo	FGP4P12
		A pessoa até podia, mas depois já é sexta feira.	FGP4P12
Fatores facilitadores da participação dos alunos em transformações positivas na escola	Criação de novos espaços de participação	As assembleias. Porque antes não faziam.	FGA3A4
	Maior atividade da escola no Instagram	um fator também foi as redes sociais. O colégio, não sei se já tinha antes, mas pelo menos a, neste último, neste melhor, deste ano letivo que anda muito ativo. Pelo menos no Instagram. E acho que, eu pelo menos tenho estado mais atento às coisas do colégio	FGA4A12
	Dimensão e familiaridade da escola	Eu acho que o facto de sermos um colégio pequeno facilita a comunicação	FGA4A13
		acho que sinto que somos todos próximos	FGA4A13
	Disponibilidade dos professores para ouvir os alunos	Eu acho que o colégio anda a dar muita abertura, pede muita abertura dos alunos e até mesmo em situações, em, por exemplo, situações diferentes, por vezes, os professores até perguntam-nos se tem andado tudo bem e isso tudo.	FGA3A5
	Reconhecimento das competências dos alunos para dar contributos positivos	Muito competentes	ED1
Participação dos alunos na via curricular	Âmbito interdisciplinar	têm-se dado passos, mas sobretudo eu acho que está sobre, está centrada essencialmente na questão dos projetos. Acho que ainda há muito pouca participação	ED1
		o nosso professor de Geografia tem-se esforçado nesse sentido, fazer projetos interdisciplinares, fazer trabalhos, fazer isto, fazer aquilo, novas estratégias. Não costuma muito bem ir falar connosco o que é que queremos, mas faz coisas que eu acho que são melhores do que a aula normal. Os outros professores não estão muito interessados nisso, é um bocado dar a matéria como sempre demos	FGA4A10
	Âmbito disciplinar	eu gosto quando a professora nos diz tipo, ela chegou à nossa beira, numa tarde, e disse assim: “Ah, pronto, então esta tarde vamos decidir...” pelo menos na nossa turma foi assim “...eu tenho dois temas para dar e eu quero que vocês decidam se um é trabalho o outro é o teste, o que é que vocês querem?”	FGA4A11
		E eu fiquei mesmo feliz de poder, a professora deu tempo para nós vermos no manual e isso tudo e eu a pensar: “Ok, acho que esta matéria é mais	FGA4A11

	<p>difícil, se calhar preferia para o trabalho, e esta preferia para o teste.” Pronto, e nós tivemos esse poder de decisão, e eu acho que foi a única disciplina que aconteceu e eu gostei.</p>	
	<p>Eu acho que nós também podemos dar a nossa opinião, por exemplo, nota de avaliação. Muitos professores possibilitam dizermos, por exemplo, aspetos que podiam ser melhorados, mesmo do próprio professor. Por exemplo, a Filosofia nós escrevemos um pequeno texto durante a avaliação, em que também falámos do que o professor poderia melhorar para, neste caso a professora, para as aulas serem mais apelativas e mais interessantes. E eu acho que, nesse aspeto, é nas autoavaliações onde se fala mais disto.</p>	FGA4A9
	<p>a professora de Economia era nova e ela no final do Período, perguntou-nos o que é que nós gostávamos que, pronto, melhorássemos nas aulas, e nós dissemos, era continuar com as fichas e era guiarmo-nos pelo manual. E pronto, nós dissemos isso que era uma coisa que nos atormentava porque a professora antiga guiava-nos sempre pelo manual, e esta não. E então a professora, agora no início do segundo Período, eu gostei de ver. Ela a dizer assim: “Ah, ok, são estas páginas.” Ela tipo mesmo a tentar orientar-nos, porque nós pedimos. E isso foi bom, porque nós sentimos mesmo que ela tomou atenção ao que nós dissemos e fez</p>	FGA4A11
	<p>às vezes nós nem precisamos tipo de ter a ideia, porque nós, por exemplo, a Geografia, o nosso professor começou a dizer, pronto, Dia de Europa, que é 9 de maio, que falta imenso, e o professor teve a ideia que queria fazer alguma coisa. E depois ele está entre turmas, cada turma de Geografia tipo, a decidirem uma coisa que querem fazer, e eu acho que isso é ótimo, porque pronto, podemos ir buscar pessoas de fora e isso tudo</p>	FGA4A11
	<p>O professor de Geografia, faz muitas destas coisas, a professora de Filosofia, de vez em quando, a professora de Matemática também...</p>	FGA4A10
	<p>A professora de Matemática.</p>	FGA4A8
	<p>... de resto não</p>	FGA4A10
	<p>há algumas obras que são propostas para serem trabalhadas, e às, por exemplo, não é sempre, com os alunos mais novos não há muita abertura para discutirmos que obra é que vamos trabalhar, nós escolhemos e trabalhamos com eles. Mas às vezes, no caso dos alunos mais velhos, nós dizemos quais são as obras que são propostas para aquele ano, e eles escolhem qual é que querem trabalhar</p>	FGP4P12
	<p>No caso dos mais novos, escolhemos nós e depois quando temos alguma disponibilidade de tempo, o que costumamos fazer é ler-lhes as outras obras. Não são trabalhadas em aula, mas são-lhes lidas e eles ficam com conhecimento sobre elas, e são-lhes propostas como leituras adicionais</p>	FGP4P12
	<p>normalmente seguimos os guiões que são propostos até pelo manual, por uma questão até de praticidade. Porque é o que está disponível para todos e então é mais fácil. Depois, às vezes, o que temos são trabalhos de grupo em que aí sim, eles podem estruturar como é que querem apresentar a parte deles</p>	FGP4P12
	<p>por eles, já querem trabalhar, querem fazer projetos, porque estes miúdos que estão agora no sétimo, no ano passado quando estavam no sexto, alguns deles já eram meus alunos e eles quiseram</p>	FGP4P12
	<p>ainda tirei um bocadito das aulas de Português para os ajudar, porque organizamos cronologicamente, pensamos em várias formas como é que íamos fazer, se era por áreas, se era cronologicamente, eles depois acharam que cronologicamente fazia mais sentido, e fizemos depois o vídeo</p>	FGP4P12
	<p>na parte das ciências há matérias que eles conseguem, neste caso, aprender os conteúdos através da realização de trabalhos</p>	FGP4P9
	<p>no terceiro ciclo é mais fácil</p>	FGP4P8
	<p>no secundário é mais difícil.</p>	FGP4P8
	<p>No secundário é muito, é. É quase impossível por causa dos exames.</p>	FGP4P9
	<p>Sim, e dos conteúdos</p>	FGP4P12
	<p>É muito cerrado, não dá para fugir.</p>	FGP4P12
	<p>No terceiro ciclo é muito bom porque...</p>	FGP4P8
	<p>Temos mais margem.</p>	FGP4P12
Não participação	<p>não há sequer ainda muita noção dos alunos de que poderiam participar</p>	ED1
	<p>Enquanto que na participação de imensas outras coisas na vida da escola, eles já experimentaram, têm vindo a experimentar cada vez mais, e percebem que podem ter um papel, e que acontecem coisas, e que, etc., tudo o que diz respeito à aprendizagem, eu acho que, e ao currículo, eles ainda acham que isso é um domínio total e completo da competência do professor.</p>	ED1
	<p>essa ideia é muito reforçada também pelas famílias, quer dizer, não é? Pronto. A tranquilidade das famílias e a segurança das famílias, e se calhar também dos alunos, está muito nesta ideia de que o professor conhece o</p>	ED1

		currículo, domina o currículo e nada de mal nos vai acontecer enquanto ele estiver lá a controlar o currículo todo		
		nem os alunos sabem que podem, ou se calhar estão muito interessados, pelo menos os mais novos, nem os pais sabem que isto é possível, e também devem ficar aflitos com a ideia, portanto, é uma área, que tirando áreas específicas do currículo...	ED1	
		A maneira como as aulas são dadas, como as coisas são abordadas, estamos sempre a dizer que estamos insatisfeitos, eles dizem que vão mudar, mas mudanças muito pequenas ou que não ajudam de modo nenhum, ou não há mudanças.	FGA4AA10	
Participação dos alunos na via organizacional	Institucionalização da participação dos alunos na escola	há dois projetos que foram, que têm sido excelentes para, lá está, sair do estritamente informal e entrar no mais institucionalizado, e que foram os pontos de escuta e as assembleias de ano	ED1	
		nos pontos de escuta os miúdos identificaram o que quiseram e a direção respondeu a todos de acordo com as medidas a implementar, portanto, propostas. Portanto, havia propostas e nós respondemos a todos com as medidas que íamos tomar. E, portanto, eu queria ter uma estatística de cabeça, mas não tenho, mas vamos supor que para cada, sei lá, talvez metade das propostas feitas pelos alunos no ponto de escuta eram exequíveis e, portanto, nós até achámos que deveríamos avançar	ED1	
		As assembleias de ano, a mesma coisa, portanto, eles fizeram cada ano propunha, apresentava três propostas, e pelo menos uma proposta foi aceite para cada, para cada ano de escolaridade	ED1	
		Claro que do quinto até ao sétimo, até ao nono ano, uma das propostas de quase todos era poder usar o telemóvel na escola e, portanto, se se nós achamos que não deve ser usado, claro que essa medida proposta nunca foi aceite.	ED1	
		na assembleia de turma, acho que é uma coisa que eles percebem que tem reflexo. Porque eles pensam sobre várias coisas que acham que no colégio pode ser melhor	FGP4P11	
		E pensam de uma maneira diversificada. E eles sabem que das propostas que, eles apresentam muitas, depois votam aquelas que são as melhores.	FGP4P11	
		E depois sabem que dessas, que por parte da direção vai haver um olhar crítico sobre	FGP4P11	
		São eles que enviam à direção por email, através do email deles institucional, não é a direção a organizar a assembleia, mas são os próprios alunos que enviam para a direção essas propostas que foram mais escolhidas	FGP4P10	
		Sim. Pelo menos daquilo que foram propostas alguma coisa vai ser aceite. E vai ser executada, a mudança	FGP4P11	
		acho que eles se focam muito, mas eles focam-se muito em necessidades que não são, pelo menos dos mais pequenos, alguns de que eu vi, focam-se assim em necessidades que eles acham que são coisas muito importantes para eles, mas que na realidade, pronto, aquilo é uma coisa muito pontual	FGP4P7	
		Mas depois de recebida a resposta, eles passam essa parte à frente e entretanto identificam outras necessidades	FGP4P8	
		Não participação	Os professores não sabem mexer no quadro, e ele tem menos funções que o anterior.	FGA4A10
			... atrasa muito as matérias...	FGA4A13
			... e as aulas ficam um bocado mais lentas	FGA4A10
			Eu estava à espera, sendo que nós, houve as assembleias de ano, de todos os anos. Mas eu, tipo, nós sendo do 11º ano, eu estava mesmo à espera, é assim, nós supostamente temos aula de Formação Cívica, só que é ao mesmo tempo de Interioridade. Então nós ou temos Formação Cívica, ou temos Interioridade. E nós nunca tivemos, pelo menos a nossa turma, nós nunca tivemos Formação Cívica, e eu depois da assembleia, estava mesmo à espera de ter uma aula, em que a nossa diretora de turma falasse conosco e dissesse: "Olhem, eles já ouviram a vossa proposta." Ou assim. Porque nós às vezes temos reuniões com a psicóloga e isso tudo, e tal como tivemos essas, eu também acho que estava à espera que o colégio nos fizesse essas sobre, a falar das nossas propostas.	FGA4A11
			Damos sugestões em mudar testes, mas o horário não.	FGA4A10
	eu acho que é pouquinho	FGP4P12		
	E em termos de organização? Por exemplo, nos horários, os horários dos alunos, os horários das disciplinas, necessidade de se eles, imaginem que consideram que uma disciplina podia ter mais tempo e porquê...	Moderador		
	Mas não têm nenhum tipo de decisão a esse nível.	FGP4P12		
	Eles gostariam, mas não têm	FGP4P12		
	não tem impacto	FGP4P12		
	Eu acho que nós somos permeáveis a isso, que isso cria impacto, que isso vai influenciar, pode não ser o peso na decisão	FGP4P8		

		Eu acho que não. Acho que não. Acho que se ouvem os pais, acho que se ouvem os professores.	FGP4P12
		Eu acho que não tem impacto rigorosamente nenhum.	FGP4P12
		Por muito mínima que possa ser, eu acho que a influência é sempre bom.	FGP4P8
Transformações nos alunos	Participação como aprendizagem	eu só penso em preparar o exame e não há nada que, eu só me sinto realmente evoluída em termos de tipo estudar	FGA4A10
		eu agora tenho mais conhecimentos do que o ano passado, mas assim em termos de ser mais interventiva, mais espírito de equipa, igual	FGA4A10
		Eu tenho-os sentido muito mais interventivos.	FGP4P7
		E mais ativos.	FGP4P10
		Com um espírito crítico mais desenvolvido.	FGP4P7
		E mais críticos.	FGP4P9
		Com muito mais facilidade em aceitar propostas.	FGP4P12
		este ano chegamos ao ponto de que eu pelo lado um trabalho que tinha, e situação da gravidez, e a deixar cair esse projeto porque estava com outro projeto em mãos, que é a assembleia de alunos, e tive os alunos atrás de mim a pedirem-me: “Eu quero-me inscrever, mas eu quero-me inscrever”	FGP4P7
		Esses passam a vida a mandar-me coisas	FGP4P12
		Protagonistas	FGP4P11
		E foi trabalho intergeracional, porque os alunos do sétimo ano, eu falei com os diretores de turma do sétimo ano, a (...) e a (...), a professora (...), e pedi-lhes para eles saírem de um tempo letivo deles, uns tinham Matemática, outros tinham outra coisa qualquer. E eles querem é que eu os chame, quantas mais vezes, melhor, porque eles querem é participar.	FGP4P7
		Eles querem muito.	FGP4P12
	Experiência de que participar vale a pena	a forma mais visível disso é que, primeiro eles não desistem de fazer propostas	ED1
		aumentam as propostas	ED1
		e o número e a diversidade de alunos que faz propostas	ED1
		ao menos tivemos, poder dizer o que é que gostávamos que fosse diferente	FGA4A11
Transformações nos professores	Mudança de perspetiva sobre o papel do professor	Uma das inovações então, acho que é, os diretores de turmas preocuparem-se mesmo conosco...	FGA3A7
		Exato.	FGA3A5
		... e mesmo sem estar a acontecer alguma coisa, é capaz de vir sempre ter conosco e ajudar-nos.	FGA3A7
		Estamos mais permeáveis a estas coisas.	FGP4P7
		Alguns mais permeáveis do que outros, porque tem a ver com a sua maneira de ser.	FGP4P12
		Mas esta nova geração impõe um bocado isto naturalmente	FGP4P7
		nos projetos das sementes que há pouco estavas a dizer, nós tivemos que reinventar a nossa atuação e até mesmo a propósito da participação dos alunos, fazê-los mais ativos, e fazer com que eles tomassem decisões para responder a necessidades e a problemas de famílias e instituições	FGP4P10
		É que os miúdos já querem fazer isto e querem fazer aquilo, por isso já surge neles, o diretor de turma vai estar envolvido quer queira quer não e os outros professores acabam por estar também. Em alguma situação estão envolvidos, eu acho, parece.	FGP4P10
		eu acho que tem a ver mesmo com a postura da pessoa	FGP4P12
		Sim, é uma questão de personalidade.	FGP4P7
		Até ter filhos nestas idades, realmente também ajuda.	FGP4P8
		Também ajuda.	FGP4P7
		É.	FGP4P8
		E a personalidade. E há pessoas que estão mais disponíveis para dar mais	FGP4P10
	Institucionalização da participação dos alunos na escola	Só termos “institucionalizada” a área da participação dos alunos, abriu uma, uma perspetiva completamente diferente. Quer dizer, o facto de isto ser uma das áreas de inovação é um conceito completamente diferente numa escola.	ED1
		Mesmo o mais cético, o mais cínico que pudesse existir, percebe que isto é, já é feito, é trabalhado, que há resultados, que acontece, e que não acontece desgraça nenhuma associada, não é?	ED1
		o que sinto também nos professores, e isso é de uma forma geral, há um cansaço absolutamente... Isso agora a dizer para a participação dos alunos, para a Gestão do Currículo, é para tudo, portanto, as pessoas estão a fazer um esforço sobre-humano para responder à situação, que já leva na verdade três anos	ED1
		Há pouca energia neste momento para alocar a estas coisas, porque ela está a ser esvaída para a gestão do prejuízo	ED1
Transformações na escola	Decorrente da institucionalização	Portanto, havia propostas e nós respondemos a todos com as medidas que fomos tomar.	ED1

da participação dos alunos na escola (assembleias de ano)	temos esses elementos que nos permitiram implementar aquilo e fazer, e eles, no fundo, transformarem-se como transformadores da própria, da própria escola	ED1	
	são exemplos muito, muito concretos	ED1	
	Sim, por exemplo nós na assembleia, nós pedimos para que o quadro da sala de música, já estava assim... o projetor já estava assim velho, não é? Nós pedimos para mudar e mudaram. E agora está melhor.	FGA3A4	
	E o resto não fizeram.	FGA3A2	
	Mas acho que também, a direção tem muitas turmas, muitos anos, e eles têm de estar a analisar, para nós também, na situação em que nós encontramos, eles têm outras prioridades.	FGA3A7	
	Eu acho que é assim, tivemos uma assembleia, podemos dizer o que é que queremos, isso foi bonito, isso foi fantástico, isso foi melhor, é verdade. Também passou pouco tempo, mas até agora nenhuma das propostas foi discutida. E eu sinto que aquilo foi só um bocadinho para nos "calar a boca", naquela ideia do: "Querem participar, participem, não vamos querer saber." Eu sinto que não vão ser levadas a sério as propostas.	FGA4A10	
	E até mesmo a celeridade com que deu resposta a, às propostas das assembleias de alunos.	FGP4P7	
	já tenho as respostas para todos os alunos. De todos, para todos os projetos de recomendação, e são bastantes	FGP4P7	
	pelo menos 24 respostas escritas, quer dizer, e foi assim em tempo recorde	FGP4P7	
	tratou daquilo como sendo um assunto urgente	FGP4P7	
	E eles ficaram muito satisfeitos, porque era uma questão prática que tinha impacto direto na aula e na aprendizagem	FGP4P12	
	Decorrente de outras formas de participação	depois temos também situações informais que vão desde um grupo de alunas, ainda hoje estava a vê-las no recreio, um grupo de alunas que propõe que haja música no recreio, das não sei quantas às não sei quantas para poderem dançar, e que é aceite	ED1
		A Associação de Estudantes também tem um papel muito importante nestes elementos	ED1
		agora nós sentimos que há uma preocupação com aquilo que nós pensamos, com aquilo que nós vemos dentro da nossa sala de aula, e que pode ser partilhada com o professor	FGA3A5
Eu acho que, eu acho que sim, porque foram criadas outras coisas. Por exemplo, a Rádio, acho que também aproximou muito os alunos.		FGA4A13	
E mesmo a associação de estudantes, acho que desenvolveu. E eu dentro da associação reparei nalguma vez, é assim, mais proximidade com os alunos. Sinto mais à vontade dos alunos para virem falar connosco		FGA4A13	
eu sinto que o colégio tem muito esta tentativa de que está a tentar inovar, e tentar remodelar-se, eu acho isso bom. Eles tentam que a gente participe mais, perguntando a nossa opinião, mas é sempre uma coisa: "O que é que achas? Ah, é isto. Ah, está bem, paciência, não vamos mudar." Eu sinto, perguntam-nos, dão-nos, perguntam-nos o que é que sentimos, mas que muitas são as poucas vezes em que realmente acontece.		FGA4A10	
há muitos questionários, e esse tipo de coisas. Mas depois quando é para implementar medidas, normalmente aquelas que são implementadas, são coisas que tipo, que não são tão relevantes como aquelas que eram mesmo necessárias		FGA4A12	
este ano terem mudado os quadros interativos todos, para aquilo, nem sei bem o que é aquilo.		FGA4A12	
O cabo de televisão.		FGA4A10	
Não acho que fosse uma necessidade. É assim, o dinheiro podia ter sido investido em outras coisas. Porque eu, pelo menos, não sinto a necessidade de ter um quadro novo.		FGP4A12	
E não foi propriamente bom, porque não sabemos trabalhar com isso... Os professores não sabem mexer no quadro, e ele tem menos funções que o anterior.		FGA4A13 FGA4A10	
Atrasa muito as matérias e as aulas ficam um bocado mais lentas		FGA4A13	
se um aluno quiser ir bater à porta da direção, sabe que tem toda a liberdade	FGP4P10		
Estratégia de aprofundamento da participação dos alunos	Criação de espaços de participação predispõe à participação	FGP4P12	
	Período de contágio	Nós estamos num momento crescente disto	FGP4P8
		Estamos a sentir que a mudança está a acontecer.	FGP4P8
		E há estratégias por trás disto.	FGP4P10
		Há.	FGP4P12
		Há estratégias.	FGP4P10 FGP4P12

	E há a tentativa de encontrar instrumentos efetivamente para os outros ouvir e para responder. Para operacionalizar, para tornar mais prático e flexível.	FGP4P11
Bases lançadas	Sim, as bases estão todas lá e está neste momento em funcionamento já. Eu acho que estamos a crescer nesse sentido, é verdade.	FGP4P9 FGP4P8
Em fase de experimentação	experimentar as assembleias de anos, são peças ainda, são pequenos projetos	ED1
Inexistência de uma estratégia	Eu acho que não existe. Acho que nós ainda estamos a viver das peças, muito francamente. Portanto, estamos a viver ainda de experimentar as assembleias	ED1

[Dimensão: Recursos e infraestruturas]

Categoria	Sub-categoria	Unidade de registo	Sujeito
A rede escolar	Aprendizagem profissional	sente-se apoio, e sente-se determinação, e sente-se, sentimos que somos maiores do que só isto, e que não estamos a pensar sozinhos, e que pronto, que há muita capacidade crítica alocada a isto	ED1
		O facto de as pessoas integrarem grupos conjuntos, as oficinas	ED1
		não vamos todos usar se calhar as mesmas metodologias em todos os tempos e, portanto, vamos partilhando experiências	EP1P13
		sem dúvida uma mais-valia para o colégio e trouxe também, se calhar, partilhas com outros centros educativos, que é muito positivo, que se calhar até se podia fazer muito mais. E eu até vou dizer uma coisa, se calhar até em termos, por exemplo, de grupos disciplinares, o que é que (...) faz na Matemática...	FGP3P4
		Sim.	FGP3P5
		... o que é que as (...) fazem na Matemática, o que é que nós estamos a fazer. Se calhar, esta, esta partilha, esta troca de experiências de grupos diferentes, de centros diferentes podia ser assim muito enriquecedora	FGP3P4
		necessidade de ver coisas diferentes	FGP3P4
		na oficina de participação das crianças, nós tivemos a oportunidade de ir visitar a Escola da Ponte, mas na oficina de Interioridade eu tive a oportunidade também de ir às (...) assistir a aulas de Interioridade. E realmente, eu acho que isso, embora tivesse pavor que fossem assistir às minhas aulas de Interioridade, porque a minha formação é Matemática e eu fico sempre muito insegura. E embora esteja muito à vontade com os alunos, pronto, assistirem às aulas de Interioridade era assim bem mais complicado. Mas acho que é mais, mesmo uma mais-valia. E faz-nos refletir e faz-nos pensar realmente que nós... E eu lembro-me perfeitamente quando fui assistir às aulas de Interioridade, e eu ia sempre, como a minha área de formação é Matemática, e depois as ciências, é uma ciência muito concreta e específica, para mim a Interioridade era uma coisa que saía mesmo da minha zona de conforto. E a (...) e a direção era, foi falado várias vezes. E, e eu saí de lá a pensar: "Realmente eu não faço as coisas tão diferentes, e não chego aos miúdos de forma tão diferente, como aqui se chega."	FGP3P5
		Temos também o apoio aos projetos interdisciplinares e aos cenários de aprendizagem, que são dinamizados sempre que os centros educativos pretendam, isto é, nós temos reuniões mais personalizadas com, no fundo, os responsáveis pela Gestão de Currículo em cada um dos centros onde fazemos essa monitorização dos projetos interdisciplinares e dos cenários de aprendizagem.	FGPe1Pe4
		Temos ainda, também, a incorporação do perfil dos alunos e das alunas das (...)na Gestão de Currículo, e tem contado com a participação de vários professores de todos os centros, inclusive do Colégio (...). Terminámos há quinze dias o grupo de professores de Matemática, iniciámos há uma semana o grupo de professores de Estudo do Meio, Ciências, Biologia e Geologia.	FGPe1Pe4
		a maior parte das professoras, das coordenadoras, o que faz é enviar-nos por email, envia-nos por email. A professora (...) envia-nos sempre por email, para nós apreciarmos ambas, eu e a (...). E depois a (...) contacta diretamente com a professora. E, portanto, esse contacto é relativamente próximo e o feedback muito específico, não é? A cada projeto.	FGPe1Pe3
		as dinâmicas, que como peritas podemos apoiar, começam logo por uma formação inicial, diríamos nós, que se realiza em julho, de entre três a quatro dias. Portanto, uma formação que é dada a todos os, é aberta a todos os colaboradores dos nossos centros educativos, e participa quem pode, quem se inscreve	FGPe1Pe6
		Depois, há uma dinâmica também de intercentros onde todos os docentes se encontram, partilham dinâmicas de Interioridade que estão a decorrer, e isso também é uma forma de ajudar e, de alguma forma, formar docentes nesta área.	FGPe1Pe6
E depois temos um segundo momento, dentro destas segundas quartas feiras, em que no zoom as pessoas vão para salas paralelas e fazem um encontro intercentros que nós temos dividido entre pré-escolar, primeiro, primeiro e segundo, não, pré-escolar e primeiro ciclo, e depois também os grandes, o segundo, terceiro ciclos e secundário, ou às vezes fazemos três em que temos o pré-escolar, o primeiro ciclo e segundo ciclo e depois os grandes	FGPe1Pe2		

	Portanto, a lógica de capacitação interna, e de capacitação de, digamos, de professores que sejam peritos internos, essa é boa, é uma boa perspectiva. Mas depois é difícil que um perito interno consiga formar colegas e consiga dinamizar colegas com a mesma dinâmica e ao mesmo tempo estar na rede.	FGPe1Pe6
	Eu acho que a rede tem que ser vista como um conjunto de saberes, de competências, que nos ajudam a crescer em alguns momentos e em que nós, nós ajudamos a crescer.	FGPe1Pe2
Melhoria contínua	na articulação das dimensões chave da inovação. Eu aqui acho que foi sobretudo o trabalho do gestor e do consultor	ED1
	com todo o respeito pelas pessoas de todos os que aqui trabalham, pelas lideranças e por nós, eu acho que nós nunca teríamos feito o caminho que fizemos sem a estruturação do projeto	ED1
	se não fosse o Alfa Pendular, nós teríamos começado como Regionais e tínhamos feito mais dez metros de linha férrea. Acho eu, acho que isso foi completamente imprescindível. Pronto, isso é uma coisa, depois a rede, eu acho que, acho que o facto de em conjunto vermos e revermos e discutirmos e repensarmos leva, leva à melhoria escolar	ED1
	é preciso é que nós realmente consigamos assistir a outros exemplos que nos façam refletir e melhorar também. Isso é, isso aí é que é importante	FGP3P6
	em particular aos encontros intercentros, o Colégio (...) tem estado predominantemente ausente	FGPe1Pe3
	relativamente ao percurso que o centro tem feito, e o reconhecimento que a direção atribui a esta lógica, não tenho dúvida nenhuma. Concretamente ao papel da rede tenho muitas dúvidas, porque, vou dizer desta forma, porque em diferentes momentos em que a rede foi rede, não é? E se apresentou como rede, normalmente é quando o Colégio (...) está menos, percebem?	FGPe1Pe4
	Não estou a dizer que não valorize e que não considere importante, mas efetivamente nos momentos de rede é quando há menor participação.	FGPe1Pe4
	o que nós sentimos foi que havia uma vontade de estar na rede e de colaborar na rede, mas de uma forma muito própria. Como se soubessem exatamente o que é que era preciso fazer em termos de rede. E quando as coisas não correram exatamente da forma que era suposto, nomeadamente eles, o colégio ficou inclusivamente responsável pela organização dos encontros intercentros dos grandes, à segunda vez que a coisa não funcionou, desistiram	FGPe1Pe2
	Eu acho que se calhar tem a ver com a expectativa, que não era exatamente, não foi cumprida e, portanto, não era isso que estava à procura. Não sei, se calhar tem a ver com o que tu acabaste de dizer, (...), que é a rede se calhar não é, a rede, o que procuram na rede não é exatamente o que a rede oferece.	FGPe1Pe2
	desajuste entre, se calhar como a (...) dizia, aquilo que se espera da rede e aquilo que é propício ao centro, ou de timing? Não sei bem, ou de organização interna que depois impede a participação, não sei bem, não consigo compreender bem isso, mas de facto, há alguma diferença entre o discurso e a prática, de facto	FGPe1Pe3
	acho é que havia uma noção e um conceito muito próprio do que é que era a rede e o que é que a rede podia oferecer. E o estar pronto era estar pronto para a visão que tinham e não de uma abertura para o que a rede é, e com a multiplicidade de pessoas que a compõe	FGPe1Pe2
	eu sinto é que por vezes estar numa rede ou não estar é exatamente igual, percebem? E acabam por fazer o tipo de trabalho. Agora esse dinamismo existe, essa proatividade, essa produção? Sim, sem dúvida, e é bom também sublinhar	FGPe1Pe4
	em relação à nossa oficina em concreto, eu acho que o centro da Paz, o centro educativo da Paz sempre foi, colaborou sempre muito, deu sempre bastante em relação à Interioridade	FGPe1Pe5
	eu sinto que há uma certa ausência, por um lado, por outro acho que deviam ser mais participativos. Mas a nossa, penso que há aqui qualquer coisa que falha, não só em relação ao (...) como também aos outros colégios que nós temos em relação à rede. Penso que o facto de serem colégios grandes, olhando para os colégios grandes, penso que eles têm muito para dar e têm, mas o facto de se envolverem tanto internamente depois não têm tempo para, para fazer essa tal ligação com a rede que nós tanto queremos	FGPe1Pe5
	na verdade é uma equipa dinâmica, na verdade é uma equipa que quer muito aprender e quer muito dar o melhor de si	FGPe1Pe6
	a mais-valia da rede é ser cérebro coletivo	FGPe1Pe4
	quando nós estamos em velocidades diferentes, o facto de nós contarmos a nossa experiência a alguém que está a passar por uma experiência parecida faz-nos olhar para a nossa própria experiência de uma forma diferente, mais crítica, e até perceber que há outras formas de resolver questões	FGPe1Pe2

	Disseminação de boas práticas	A disseminação da inovação, acho que talvez aqui, aqui e na construção de capacidade para a melhoria, é onde eu acho que se sente mais o peso da rede.	ED1
		pela articulação de visão, articulação, e depois de avaliação, acho que é sobretudo destes elementos, portanto, acho que a rede sozinha também não fazia	ED1
		a disseminação da inovação, acho que a rede tem um papel importantíssimo. Acho que é, um colégio sozinho, não sei	ED1
		essas reuniões têm acontecido com bastante frequência, e toda a produção da autoria dos professores está disponível na nossa plataforma moodle	FGPe1Pe4
		é uma das formas também de levar a inovação pedagógica, digamos, a outros centros e ter aqui uma janela de oportunidade para as pessoas verificarem como é que os projetos podem ser feitos	FGPe1Pe4
Alocação de docentes às áreas de inovação	No início do projeto	Do início, isto tinha que ver com dois aspetos essenciais, a predisposição para a mudança	ED1
		e a capacidade de ser, de depois se liderar e de ser transformador para as restantes equipas	ED1
	No alargamento da inovação a toda a escola	a minha disciplina não participou, aliás estava para participar e depois não participou no ano passado em nenhum projeto e este ano também não. Portanto, o que eu quero dizer é que eu não estou propriamente ligada ainda	EP1P13
		eu tive que abandonar, eu este ano estava, comecei como coordenador do Currículo, depois tive que acumular funções e basicamente tive que ficar com duas turmas que não tinha porque o professor que cá estava teve que dizer, "Eu não posso mais." Porque ele estava no público, também está a tirar o mestrado.	EP1P15
		E eu acumulei as turmas, e então disse à direção, "Não pode ser, eu não posso ter estas turmas todas e depois ainda ter a Gestão de Currículo, ainda ter a coordenação do 2º e 3º ciclo."	EP1P15
		eu o ano passado, recebi o meu serviço e tinha lá a oficina de Gestão de Currículo e agora inventei o projeto porque vais ter de participar... pronto. E de repente, não nasceu espontaneamente, nasceu agora, o que é que eu vou fazer?	FGP3P4
		Não é quem quer casar com a carochinha.	FGP3P4
		Os professores de Interioridade são estes. Este ano ingressou uma nova professora de Interioridade para o segundo ciclo, mas não há perspetiva que mudem. Isto tem a ver com os horários dos professores, com a sua, e também com a sua formação, portanto, em princípio a equipa está estável. Estando estável, pode sempre ir melhorando as suas práticas profissionais, mas, digamos que em termos de crescimento, é difícil. Portanto, o que importa agora, em termos de dinâmica de colégio, é formar outros. Formar seja diretores de turma, outros professores, para que possam compreender melhor as dinâmicas e incorporá-las	FGPe1Pe6
		a nossa proposta é que no próximo ano letivo a coordenadora da oficina seja uma professora de primeiro ciclo. Ou seja, fazer aqui uma diferença, em vez de ser um único responsável pela Interioridade no Colégio (...), serem vários. Uma relativamente ao primeiro ciclo, outra para o pré-escolar e outro para o segundo, terceiro ciclo e secundário. Porque são dinâmicas diferentes, é importante acompanhar de uma forma diferente e ir formando também nesta área	FGPe1Pe6
		se é para todos, todos os outros professores, então a dinâmica tem que ser diferente. Então para o coordenador da oficina, para quem são os destinatários? Porque há aqui uma equipa que está muito disponível para avançar, não é? Mas depois há aqui estas incompatibilidades, acho que entrou-se num processo aqui dentro, que tem a ver com o trabalho colaborativo, que tem a ver com o querer de alguma forma crescer ainda mais, que depois não se consegue chegar a todo lado, é impossível.	FGPe1Pe6
Alterações organizacionais	No tempo dos professores	o grande passo em frente foi a questão do estabelecimento do trabalho colaborativo. O critério foi permitir que as pessoas tivessem um espaço e um tempo comum de reflexão	ED1
		o facto de nós termos apostado em várias frentes tivesse sido, e com, associado à pandemia, tivesse sido um destabilizador do bom uso desse espaço e tempo	ED1
		Quanto ao horário dos professores eu acho que aqui no colégio, regra geral, é adequado e temos tempo para trabalho também autónomo e uns com os outros, isso, aliás temos no horário um momento também. Isso foi inovação porque acho que não se tinha.	EP1P13
		Muito pontuais, nós reuníamos-nos no máximo duas vezes por ano	FGP3P5
		duas vezes por ano fazíamos ali o ponto de situação, mas era para fazer o ponto de situação dos programas, se estão a ser cumpridos	FGP3P5
		E há uma sobrecarga, não só ao nível dos nossos horários, mas também a nível mental	FGP3P1

	isso é uma questão muito prática, não sei como é que se resolve. Mas àquela carga não letiva que nós já temos, foi acrescentada outra	FGP3P1
	As horas de apoio que eu dava foram reduzidas para eu ter este espaço colaborativo	FGP3P5
	Portanto, há, tem havido impedimentos, pelo que entendemos e até devidamente explicados, antecipadamente por vezes explicado até pela diretora, mas que impedem os docentes de estar. Portanto, há atividades ou reuniões, ou horários internos que impedem essa, essa presença, o que é pena.	FGPe1Pe3
	as quartas feiras são um tempinho muito curto para tudo isso	FGPe1Pe1
	há aqui uma organização que se quer dinâmica, que se quer flexível, que se quer de alguma forma até inovadora, mas que depois tem dificuldade em reger tudo aquilo que são dinâmicas de rede	FGPe1Pe6
No modo de trabalho dos professores	Exatamente. “Tenho eu, tenho eu um aluno...” Estou a seguir um raciocínio de um professor. “Tenho eu um aluno que amanhã precisa de fazer um, tenho eu cinco alunos, não é um, cinco, que precisam de fazer testes diferenciados, e estou agora aqui com estes meus colegas, que até são uns queridinhos, mas deveria era estar a fazer esse teste.”	ED1
	quando nós estatisticamente constatamos que já muitas pessoas tinham passado pelas oficinas, e quando começámos a ter aqui uma espécie de, vou dizer assim de uma forma completamente exagerada, esquizofrenia que era, havia professores que estavam na oficina, e que estavam na aprendizagem da oficina, e a desenvolver projetos, e outros professores que já não estavam, mas que também estavam por seu interesse, etc, etc, a participar em projetos, e a trabalhar em projetos. Portanto, qual era a diferença entre este e este? Ambos, este não tinha tempo para trabalhar colaborativamente com os seus colegas, etc, etc, etc, este tinha formação e conseguia colaborar com alguns colegas, mas como não estavam todos os do projeto na oficina, já tinham estado e já não estavam, portanto, isto criou uma espécie de disparidade temporal digamos assim, quase física	ED1
	Uma parte estava ligada à formação da inovação e a outra já estava a implementá-la. Mas eles depois estavam, coincidiam, não é? Eles estavam nos projetos em conjunto, estavam no conselho de turma em conjunto e, portanto, era melhor criar para todos este potencial de trabalho colaborativo	ED1
	Quanto mais não seja numa fase inicial, porque depois até acho que sou capaz de perceber que aquele trabalho investido no momento inicial... realizado no momento inicial, depois poupará noutros momentos. Mas naquele momento inicial é essa sobrecarga	EPI1P4
	há falhas ao nível da planificação, e essas falhas, aí eu coloco alguma pressão sobre a própria direção que não tem conseguido, a organização escolar que não tem conseguido criar. E retomando aquilo que nós vimos em Barcelona, o que nós vimos em Barcelona foi basicamente, quando o início do ano acontece os projetos já estão prontos a ser implementados. Nós nunca conseguimos isso aqui no colégio, nunca	EPI1P5
	O ideal era o que nós vimos, que é antes do início das aulas já termos tudo planeado, planificado, tudo montado e pronto a implementar. Mas, na verdade, não temos conseguido.	EPI1P5
	O que eu sinto é que há uma sobrecarga muito grande neste momento para nós com, com os projetos... com esta questão da inovação. Exatamente pela carga burocrática que está associada.	FGP3P1
	a perceção que tenho é que muitas vezes os docentes não podem estar presentes porque têm muitas outras coisas. E parece-me, a perceção que eu tenho de fora é que é um centro em grande dinamismo, não só naquilo que diz respeito ao trabalho que é apoiado, digamos assim, pelo Bússola ou pelos peritos, mas o próprio centro está num processo seu e muito dinâmico, o que pode trazer algumas dificuldades para chegar a todo lado	FGPe1Pe3
No tempo e no modo de agrupar os alunos	Eu acho que verdadeiramente não. Acho que, quer dizer, pelo menos não acho que possa ser posto dessa forma. Nós na verdade ajustámos nos tempos letivos dos alunos do ano passado para este ano, mas não acho, e fizemo-lo porquê? Fizemo-lo a partir da perceção que tivemos de toda a pandemia e, portanto, até poderemos vir a mudar outra vez, portanto, no fundo, a dificuldade de foco dos alunos, a dificuldade de concentração que toda a educação à distância, etc, produziu, a dispersão, pronto. E, portanto, pareceu-nos mais razoável proceder desta forma. E também porque iríamos fazer pequenos ajustes na Educação na Interioridade, etc. Portanto, eu não acho que o tenhamos feito com vista a maior participação deles ou com vista à inovação	ED1
	tivemos imensos problemas com horários por causa dos professores. Nós também temos professores que estão em vários níveis	ED1
	nós vamos ter que, nós e todos, embora eu não acho que seja boa ideia agora ainda enquanto não acabar esta “coisada” toda do Covid, mas eu acho	ED1

		que nós, Colégio da Paz, e se calhar agora aqui estou a comparar um bocadinho, avançámos entusiástica e rapidamente no processo, mas também sinto que podemos ficar aqui		
		enquanto houver Covid eu acho que posso dormir sem pensar nisto, mas mal acabe o Covid isto é uma decisão que se vai ter que	ED1	
		Porque o que nós fizemos até agora é uma “inovaçãozinha”.	ED1	
		acho que cada vez mais os alunos têm uma carga horária muito grande e excessiva mesmo	EPI1P13	
		Mas quanto à distribuição, quer dizer, com o número de horas que eles têm que ter, cada disciplina, com tantas disciplinas que eles têm que ter, eu não sei, acho que mesmo, acho que, tem que ser mesmo assim, quer dizer, onde é que vamos pôr as horas, não é? As aulas.	EPI1P13	
Transformações de espaço, mobiliário e tecnologia	Espaço e mobiliário	acho que houve esta preocupação de perceber, houve esta noção de que o espaço tinha um impacto na forma da inovação, e que não havendo recursos extraordinários para promover outros espaços... então o melhor era libertarmo-nos dele e tentar fazer as coisas de outra forma	ED1	
		se calhar não temos uma estratégia, porque eu acho que não é verdade	ED1	
		Portanto vamos fazer coisas de outra forma, noutra, no recreio, noutras sítios fora do colégio	ED1	
		Eu acho que tem de se pôr de pé, nós reconhecemos a importância do espaço nos processos de inovação	ED1	
	Recursos tecnológicos		nós somos uns fãs e como começámos cedo, isto é como aquela pessoa que a gente conheceu, a primeira pessoa que nós conhecemos que tinha um telemóvel, que teve um telemóvel, agora deve ter um telemóvel XPTO	ED1
			como começámos com toda esta parte da digitalização, somos, pronto.	ED1
			Ainda agora, claro que é noutra regíme, porque nós comprávamos e agora nem pensar em comprar, temos contratos de renting...que é uma inovação na congregação	
			que nos permite ter recursos excelentes e que quando terminarem a sua atualidade desaparecem e vêm outros	ED1
			é graças a estes meios, ou com microfones, câmeras não sei de quê. No outro dia eu fui vigiar um teste e então a professora estava online, no quadro interativo, os alunos estavam a fazer teste	ED1
			Eu, por acaso, eu não sei se concordo com aquela coisa do quadro, porque eu não sei se a decisão foi puramente baseada em educar, e não, se calhar, culpar nas coisas. Não sei, pode ser uma decisão estratégica mais para a frente	FGA4A8
Infraestruturas de apoio	Papel das assessorias externas	Que, por exemplo, mesmo aquele dinheiro do, desses quadros, desses novos quadros, poderiam ser investidos, por exemplo, numa das medidas que nós, numa das três medidas que nós estabelecemos. Uma delas, uma delas, o aquecimento.	FGA4A9	
		para os alunos é uma necessidade	FGA4A9	
		E os quadros nunca foram necessidade nem dos professores, nem dos alunos. Estávamos todos perfeitos.	FGA4A10	
		Sim, é isso.	FGA4A9	
		Nós tínhamos quadros. Estavam bons.	FGA4A13	
		E eram muito idênticos.	FGA4A10	
		Também é preciso estratégia pedagógica... do que propriamente essas ajudas externas.	FGP3P4	
		Essas ajudas podem ser importantes numa orientação e numa correção que possam fazer nos documentos.	FGP3P4	
		se estamos a falar no produto final, o produto final é a aprendizagem do aluno. E a aprendizagem do aluno vai depender da intencionalidade com que nós fazemos e aplicamos aqueles materiais, seja ele projeto, seja ele a MAS, seja ele aquilo que for	FGP3P4	
		vejo sempre aí o professor que aplica como, assumindo o papel central	FGP3P4	
		Embora não desvalorize... porque eu acho que a equipa de inovação pedagógica do colégio, pelo menos daquilo que eu participei o ano passado, no primeiro trimestre, era fazer a ponte de ligação entre os peritos externos e a equipa que estava a trabalhar	FGP3P4	
		não havia aqui, como é que eu hei de dizer, um conhecimento profundo que trouxesse alguma novidade para quem estava a trabalhar naquelas oficinas	FGP3P4	
		vai decorrer na próxima semana a visita aqui ao Colégio (...), com a (...) e comigo, para podermos também acompanhar mais de perto todos os processos que estão em curso, reunir com as equipas de Interioridade e com a direção, e ir aferindo tudo aquilo que é necessário	FGPe1Pe6	
	Dinâmicas escolares da rede	o colégio está inserido na dinâmica que nós temos com os centros, com os oito centros educativos, e que acontece de forma regular desta forma. Nós temos os encontros intercentros nas segundas quartas feiras de cada mês.	FGPe1Pe2	

		Uma primeira parte em que nós estamos com os responsáveis das oficinas, e em que se faz um pouco o ponto de situação das várias situações que vão acontecendo. Nomeadamente lembrar pontos importantes do calendário, discutir algumas questões ou algumas dúvidas que tenham surgido, é um momento de pôr na mesa uma série de questões, vá, coletivas	
		apoio a situações em que, em que nos, em que nos solicitam apoio, ou em que nós sentimos que era, que é boa ideia conversarmos diretamente, e em que, normalmente, tem a ver com questões a nível de construção de instrumentos, de dinamização de algumas situações, e em que são, é um apoio mais especializado e que tem acontecido com o colégio, com os vários níveis de ensino	FGPe1Pe2
		tem sempre, desde o início desta caminhada, estado alinhado e com vontade de fazer trabalho. Mas, este ano também, não tenho conseguido cumprir todos os momentos em que estamos juntos, por uma ou outra dinâmica interna, ou da rede que se sobrepõe. Portanto, um bocadinho à semelhança do que a Gestão Curricular disse há pouco, também sentimos isso	FGPe1Pe1
Referenciais de apoio à inovação	Participação na elaboração	Nas quartas quartas feiras de cada mês nós estamos a fazer um projeto de investigação-ação com os diferentes centros, em que estamos num processo coletivo de construir um referencial de gradação de níveis de Participação das Crianças na escola, em que são distribuídos textos, que são textos de referência, que são escolhidos por nós. E é quase esse o nosso protagonismo, porque a partir desse momento o que as pessoas fazem é que trazem as suas leituras, e partilham as suas leituras, e ainda tem sido um momento muito, muito rico e muito interessante de construção de um saber comum. E em que, mais uma vez, o colégio tem participado, até porque como nós, como sabemos, quer dizer, as várias valências que o colégio tem acabam por ter vários representantes e, portanto, acabam por nos ter bastante ativos neste, neste processo	FGPe1Pe2
		E principalmente na elaboração do referencial envolveram-se vários elementos do centro	FGPe1Pe5
		Eu concordo aqui nalgumas dinâmicas, eu acho que nós já fomos dando passos em dinâmica de rede com a construção, por exemplo, de referenciais comuns. Os referenciais da rede, sejam eles o perfil do aluno, o perfil do educador, o referencial da Interioridade, o referencial da Participação, todas aquelas dinâmicas de Gestão de Currículo também. Portanto, referenciais comuns a uma rede ajudam-nos a um percurso e a um sentirmo-nos mais rede	FGPe1Pe6
	Apropriação no trabalho quotidiano	eu acho que os referenciais criados, entretanto, (...), foram para nós muito importantes	ED1
		O perfil do aluno foi um, um, foi algo muito bem vindo porque quando se iniciou o processo de inovação, aquilo que nós nos questionávamos sempre era: "Mas isto é para quê nos alunos?" Quer dizer porque são eles a nossa razão de ser, não é? Portanto, e isso, no fundo como o perfil surgiu de uma necessidade que a base, digamos assim, tinha, ele foi muito, muito rapidamente, não só aceite como utilizado e aplicado	ED1
		Portanto, é muito diferente receber-se alguma coisa da qual não se sentiu qualquer falta, que não se sabe exatamente para que serve, ou conforme se trabalha e ir-se questionando e perguntando, e etc, e, portanto, quando o referencial chega, ele vem resolver uma necessidade muito interessante	ED1
		Em relação ao perfil do educador, nós não o trabalhamos praticamente. E, na verdade, ele também ainda não o sentimos como uma necessidade. Nós falámos muitas vezes dele, porque nós tínhamos um sistema de avaliação de desempenho, que não tinha nada a ver com carreiras, nem com nada, era simplesmente com vista à melhoria das aprendizagens dos alunos. E fomos falando deste perfil como algo importante e em função do qual deveríamos fazer esse trabalho. Mas o que é certo é que ainda não foi uma prioridade a sua, a sua exploração	ED1
		todos os outros referenciais das várias áreas de inovação, da Educação da Interioridade, etc, também foram muito importantes. Porque foi, foi em função, quando surgem referenciais, depois nós, as coisas são revistas em função desses referenciais	ED1
		Ao nível, sobretudo, dos projetos e ao nível também, na verdade, dos critérios de avaliação	EP1P15
		todas as disciplinas nos seus critérios de avaliação incorporaram, na verdade, portanto, o perfil do aluno	EP1P15
		E o mesmo acontece agora em todo e qualquer projeto e metodologia que seja, na verdade, implementada	EP1P15
		Ainda não fizemos	FGP3P5
		também acho que é preciso uma, uma reflexão, lá está, conjunta, e é preciso perceber... Eu acho que nós estamos muito habituados, eu estou a falar por mim sempre, estou muito habituada a pensar da sala de aula para fora, não	FGP3P4

		<p>é? E nós temos que começar a pensar ao contrário. No documento geral e depois trazê-lo</p> <p>este esforço acho que é um esforço que, que vai demorar tempo, é preciso tempo para nos apropriarmos e depois para arranjarmos as estratégias para atingirmos os objetivos</p> <p>Por acaso, não. Isto, é assim, no colégio também temos o programa de parlamento de jovens.</p> <p>foi baseado no regimento parlamento dos jovens e depois ajustado à nossa realidade</p> <p>a participação dos alunos é muito por atividade pontual</p>	<p>FGP3P4</p> <p>FGP4P7</p> <p>FGP4P7</p> <p>FGP4P8</p>			
O que pode fazer a escola para rentabilizar o apoio da rede	Alinhamento/ Coerência	<p>acho que falta alguma reflexão conjunta sobre o que é que é, e o que é que pode ser a Participação em termos futuros, em termos de construção de um projeto de escola em que as crianças são, de facto, parceiras dos adultos na construção desta visão de escola</p> <p>esta ideia da mudança de escola tem que ser mais maturada, tem que ser... Porque, se calhar, estamos a falar na área mais difícil, porque as crianças participam, porque as crianças já participam, mas acho que um tempo, para em conjunto, de tentar perceber o que é que nós queremos, de facto, da Participação das Crianças, não como qualquer coisa marginal que acontece em projetos, sejam projetos dentro da sala de aula, ou projetos específicos de relação com a comunidade, mas como é que isto se integra, como é que isto pode crescer</p> <p>que encontre também novos modos de inovar, maior articulação entre os diferentes níveis de ensino</p> <p>é o mesmo colégio com quem estamos a lidar, com equipas muito muito interessantes, mas depois a inovação também acontece pelo grau de alinhamento estratégico que nós temos dentro da própria instituição. E a perceção de quem está de fora, não é? A acompanhar, dentro e fora, isto é in-out, é que as realidades das próprias equipas e as próprias dinâmicas também são elas diferentes e deveriam em primeiro lugar ser conhecidas dentro da instituição. E isso nem sempre acontece</p> <p>penso que é próprio de qualquer instituição que acolhe muita diversidade, mas que depois consegue criar, digamos, uma linha coerente entre todas as equipas, todos os níveis, todas as valências</p>	<p>FGPe1Pe2</p> <p>FGPe1Pe2</p> <p>FGPe1Pe4</p> <p>FGP1Pe4</p> <p>FGPe1Pe4</p>			
		Organização escolar	<p>o colégio, de facto, precisaria, precisará, e dará esses passos, tem esses ingredientes todos, de repensar a organização escolar para que isto se possa fazer de modo mais integrado, se calhar, dificilmente como modelo que ainda é muito rígido</p> <p>Tempos de trabalho está visto que parecem ser insuficientes</p>	<p>FGPe1Pe1</p> <p>FGPe1Pe1</p>		
		O que pode fazer a rede para capacitar mais a escola	Aproveitamento dos apoios da rede	<p>talvez fosse de tentarmos afinar melhor essas compatibilidades, ou incompatibilidades que sendo simples e básicas podem potenciar trabalho esta tem sido uma dificuldade ao longo do tempo, e nós este ano, para além da exigência de que os projetos a acompanhar as matrizes, as pessoas trabalhassem instrumentos de avaliação com base naquelas propostas que nós fizemos, nós este ano criámos a obrigatoriedade de nos fazerem chegar estes dados, que também raramente nos chegavam</p> <p>uma indução profissional das próprias equipas na promoção da recolha destes dados das equipas docentes e dos alunos por considerarmos que isto é uma informação valiosíssima, valiosíssima para se pensar e refletir sobre aquilo que está a ser feito</p>	<p>FGPe1Pe3</p> <p>FGPe1Pe1</p> <p>FGPe1Pe1</p>	
				Integração da inovação	<p>uma das vantagens de trabalharmos em rede é encontrar, digamos, oportunidades, vou dizer assim, de janelas e de espelhos, não é? Por um lado nós podemos na rede, é como se olhássemos para um espelho e perceber que também fazemos daquele modos, porque é que fazemos daquele modo, e justificar e até, vou dizer assim, tornar mais consolidado o modo como atuamos. Por outro lado, a rede é uma janela porque é uma oportunidade. Nós vemos outras formas de exercer a profissionalidade, outras formas de fazer aprender, e por isso nessas outras formas, essas outras formas podem ser inspiradoras para nós modificarmos práticas</p> <p>Gostaria muito, muito que, por exemplo, a rede se assumisse também como autores coletivos e começassem também a desenhar, vou dizer assim, projetos não tanto para cada centro, mas sim, por exemplo, para a própria rede. Isso seria também um momento de fazer um upgrade à própria rede, e construir, por exemplo, a prática também é geradora de teorias</p> <p>como rede temos que pensar mais integrado e pensar os nossos centros educativos como um todo, são os mesmos professores, são as mesmas crianças, são os mesmos colaboradores, foi muito importante pensarmos, e este trabalho que está a ser feito por exemplo na Gestão de Currículo, pensar-se na integração do PA nas diferentes áreas curriculares, eu acho isso muito importante. Mas agora acho que há passos que têm que ser dados</p>	<p>FGPe1Pe4</p> <p>FGPe1Pe4</p> <p>FGPe1Pe6</p>

a seguir, têm que ser dados passos no olhar os centros como um todo e trabalhar os centros depois nesta lógica de repente, mas não por oficinas não se consegue segmentarizar, não sei se por grupos disciplinares, reunir todos os professores de geografia e pensar tudo de uma forma mais integral, a Participação das Crianças aí, a Interioridade aí, pronto. E uma certa forma mais integrada, mais, olhar mais o todo	FGPe1Pe6
temos que fazer uma reflexão mais profunda, porque eu não tenho neste momento, tenho só uma ideia, mas não tenho a certeza de como é que isso poderia ser feito, mas acho que a lógica de oficinas teria que de alguma forma cair e abraçarmos outro tipo de dinâmicas de inovação mais integradas	FGPe1Pe6
uma reflexão para um outro modelo de organização escolar. Um outro modelo de organização escolar que permita essa capacitação em ação, esse desenvolvimento e capacitação de peritos internos, e ir ousando um outro modo de organização que não leve à permanente sobrecarga, às permanentes dificuldades de uma ou outra ordem	FGPe1Pe1
para que esta noção de rede também seja mais forte do que já é, eu creio que também cabe, neste caso, a nós, peritos, à (...), de alguma forma, pensar as coisas de formas novas, ou seja, também nós inovarmos	FGPe1Pe6
nós pedimos exatamente aos professores para fazerem o contrário, modos novos de avaliar os alunos, e de pensarem a avaliação de outra maneira, mas nós também lhes estamos a pedir para eles se autoavaliarem, nós, atenção, estou a falar da minha oficina, mas eu também estou a pedir para eles se autoavaliarem, para preencherem uma ficha, para fazerem não o sei o quê, não sei o quê. Se calhar, também nós temos de pensar em modos novos de inovar, e de propor outras maneiras, outras formas de este trabalho docente, de pensarmos a inovação	FGPe1Pe6

[Dimensão: Avaliação permanente]

Categoria	Sub-categoria	Unidade de registo	Sujeito		
Recolha e análise de dados de monitorização e avaliação	Recolha de dados	Existe na escola, aqui no colégio, um plano integrado de monitorização, avaliação e investigação? Nesse caso como é que ele é concretizado? A partir de que dispositivos...	Moderador		
		Não, não.	ED1		
		finalidades... Não existe então este plano integrado de monitorização, avaliação e investigação?	Moderador		
		Não	ED1		
		isso está previsto, porque o que está previsto nos projetos é, por exemplo, na questão da Gestão de Currículo a avaliação da aprendizagem, não é? Portanto, a avaliação das aprendizagens dos alunos e depois também a avaliação do projeto. E, portanto, isso sim acontece.	ED1		
		Eu não tenho conhecimento...	FGP3P5		
		Eu também não.	FGP3P6		
		... que isso seja feito.	FGP3P5		
		Mas não avaliam?	Moderador		
		Não sei.	FGP3P5		
		Nestes dois últimos anos, com a pandemia, havia muitos projetos que ficaram parados	FGP3P5		
		assim recentemente eu não tenho memória	FGP3P5		
		houve lugar a essa avaliação porque fazia parte de, daquilo que nós tínhamos que desenvolver no início. Nós tínhamos que fazer uma matriz, um guião e uma avaliação... as rúbricas de avaliação	FGP3P6		
		Análise de dados	Análise de dados	acho que nós temos o hábito da autoavaliação, mas ele é muito incipiente	ED1
Acho que é um hábito. A palavra área de melhoria para nós, todas as pessoas do colégio, é uma banalidade. Portanto, faz parte do nosso vocabulário	ED1				
Agora, qualquer atividade, qualquer coisa que façamos é feita uma avaliação, são detetadas as áreas de melhoria, para qualquer pequena coisa. “Uma área de melhoria é...” Pronto. Isso é registado e tal, mas isso é incipiente	ED1				
Mas um professor que esteja a full-time, às vezes pode se deparar com esta falta de tempo, não é? Porque depois já... já há tudo o resto.	FGP3P6				
MODERADOR: ...avaliar também, e refletir.	Moderador				
Há a vida diária, não é? Do professor, não é?	FGP3P6				
Avaliação da inovação	Avaliação dos processos	Não. Essa avaliação foi sendo feita por áreas de inovação, por lideranças, por lideranças intermédias e pela direção.	ED1		
		acho que, nós sentimos falta dessa equipa, dessa equipa não. Nós fomos, nós fomos sentindo falta dessa equipa	ED1		
		porque os instrumentos de avaliação, que melhor ou pior, porque às vezes também não os aplicámos eram feitos nas oficinas... e depois pedidos, etc., iam-nos dando essa tranquilidade. Porque havia feedback também dos próprios, portanto, fomos, fomos sentindo que de alguma maneira a avaliação acontecia	ED1		
		E tu sabes o que é que eu estava a pensar? Se esta entrevista não pode dar origem a uma estrutura de avaliação	ED1		
		isto que aqui está não se podia pôr numa grelha para nós depois futuramente, direções, quando quiséssemos pensar, algumas coisas talvez não, não sei, não sei, mas a maior parte. É que este trabalho que tu tiveste, tu descobriste se calhar já não devia ser feito	ED1		
		Mas é que na verdade eu estava a pensar: “Caramba, isto é tudo aquilo que nós devíamos pensar de seis em seis meses ou uma vez por ano	ED1		
		E nas rúbricas de avaliação do aluno estão incluídas opiniões do aluno sobre o trabalho, e esse, e depois esse trabalho de revisão é feito pelos professores no guião. Nós vamos, eu confesso, não é? Parte das, li tudo com atenção, mas o que li com mais atenção até foi a avaliação dos alunos e as propostas que faziam para o próximo ano letivo.	FGP3P6		
		Avaliação do impacto	Avaliação do impacto	Porque aí era preciso fazer uma comparação, não é? Porque eu acho que avaliação não passaria só pela opinião dos alunos, mas também pelo impacto, vou bater sempre ao mesmo...	FGP3P4
				Isso.	FGP3P6
				Impacto nas aprendizagens...	FGP3P4
Exatamente. Claro.	FGP3P6				
... dos alunos	FGP3P4				
para avaliar o impacto na aprendizagem, tínhamos que ver aqui uma evolução, nem se fosse um estudo comparativo dos resultados, antes da aplicação do projeto	FGP3P4				

		Mas nós até, nesse sentido, nós até precisávamos de desenvolver o projeto com uma turma e não desenvolver com outra. Para depois termos indicadores para comparar, não é?	FGP3P1
		Para mim esse é o ponto	FGP3P4
Reflexão sobre a avaliação e consequências pedagógicas e organizacionais	Reflexão sobre dados de monitorização e avaliação	é um mecanismo habitual	ED1
		Esse trabalho ainda não foi desempenhado, o que não quer dizer que não possa ser feito, não é? Mas há margem para isso, porque pelo menos nas matrizes, ou nos guiões que eu tenho, mesmo para o projeto que vou desenvolver agora no segundo semestre, há sempre um lugar de avaliação, e isso tem que ser visto e revisto	FGP3P6
		Às vezes poderá haver uma falta de tempo da nossa parte ou de, agora vou avaliar, vamos parar um bocadinho para avaliar, lá está, o trabalho colaborativo até podia ter sido, às quartas feiras até podia ser: “Agora vamos reunir os guiões todos que os alunos preencheram e vamos ver o que é que eles responderam e o que é que vamos fazer para o próximo colaborativo.”	FGP3P6
		E esses dados, em momentos seguintes que tenham de trabalho em equipas, utilizam esses dados com vista a uma melhoria ou daquele projeto, ou com pistas para outros projetos?	Moderador
		Como nunca implementei nenhum...	FGP3P4
		Eu não tenho	FGP3P5
		eu por acaso não participo em muitos projetos, porque eu estou em part-time	FGP3P6
Consequências pedagógicas e organizacionais		O trabalho colaborativo foi pensado de uma determinada forma e no final deste período, o primeiro trimestre... e ele foi, tudo isso foi avaliado com os coordenadores. E em função dessa avaliação, o planeamento que estava mais ou menos feito foi completamente implodido e foi refeito em função daquilo que tinha sido a avaliação feita pelos coordenadores. Portanto, atendendo a uma, àquilo que tinha sido feito, àquilo que tinha sido chamado a avaliação	ED1
		tivemos um primeiro projeto logo no primeiro ano que era o “Tasty”, e o projeto era um projeto interdisciplinar. Eu não sei se a pergunta é esta, mas se calhar é. É um projeto interdisciplinar que envolvia as disciplinas de Inglês e Matemática, e no primeiro ano foi implementado e no ano seguinte, a partir das áreas de melhoria, alguns aspetos do guião foram transformados por causa de alunos, que tendo dificuldades, não vamos chamar dificuldades de aprendizagem, sim vamos chamar algumas dificuldades de aprendizagem específicas, beneficiavam e poderiam utilizar de uma forma mais adaptada aquele guião	ED1
		Em direção nós propusemos a hipótese de fazer assembleias, não de alunos, mas de professores. Pronto, usar o modelo das assembleias dos alunos para os professores. Mas achámos que ainda não era o momento.	ED1
		Porque nós fazemos a avaliação do projeto junto dos alunos, depois não pegamos é nos dados, no que sai daí. E eu acho que era importante. Esta, se calhar, até é a minha crítica maior, neste processo. É que depois para ali, e nós não fazemos nada com aquilo que sai. E esse foi o meu receio até na formação, da observação de pares. Nós temos que ter objetivos definidos, nós temos que saber o que é que vamos fazer e o que é que vamos fazer... muito bem assistimos, temos esses objetivos, mas e depois o que é que vamos fazer com o que vai sair dali? Nós temos que saber o que é que vamos fazer, porque isto não é uma coisa para um ano letivo...	FGP3P1
		quando se quer fazer alguma coisa com alguma coisa deste género, é um processo, e um processo não é curto. Mas para quê? ... Onde é que nós queremos chegar? Para quê?	FGP3P1

[Dimensão: Impacto na sala de aula]

Categoria	Sub-categoria	Unidade de registo	Sujeito
Articulação entre gestão curricular, metodologias de ensino e avaliação	Gestão curricular e metodologias de ensino	Eu acho que mais na primeira do que na segunda. Acho que foram, têm sido dados passos.	ED1
		Acho que o trabalho feito sobre as metodologias, por exemplo, não só os projetos interdisciplinares que também são MAS, não é? Mas as outras metodologias. Acho que foram um alerta importante para a diversificação de estratégias, etc, embora eu não ache que esteja generalizado. Portanto, não vou aqui dizer que isto é uma mudança mais radical do que aquilo que é, que não acho que seja. Acho que é um início de mudança	ED1
		Sim. Não sempre ao mesmo ritmo e, se calhar, nem sempre tão rapidamente como gostaríamos. Mas sim, penso que é um compromisso da direção e da equipa docente que esses processos de avaliação tenham um impacto, nos principais interessados, que são os alunos	EP1P14
		muita aposta numa fase inicial na metodologia de projeto, o que implicou diretamente, portanto, alterações depois também na forma como nós no fundo avaliávamos e, portanto, também trouxe efetivamente inovação ao nível da avaliação	EP1P15
		A questão da avaliação é uma questão também muito difícil, muito muito difícil.	ED1
		os professores têm sido mais confrontados com a necessidade de fazer ajustes por causa do Covid, que é uma triste razão do que propriamente com a questão de inovação e melhoria	ED1
		esta área é uma área muito intranquila, digamos assim. Eu lembro-me quando fiz a tese de mestrado, para resumir, nas entrevistas que fiz aos alunos e nos inquéritos, a avaliação é o ponto onde a relação entre aluno e professor se pode perder	ED1
		também é verdade que sinto uma preocupação muito grande, de por parte de todos, de querer aprender e saber mais sobre esta questão da avaliação	ED1
		quem me dera a mim também realmente saber avaliar outra forma. E, portanto, eu acho que se calhar até um dia vamos conseguir de outra forma, vou conseguir outra forma, que eu sei que há professores que já, já não fazem os testes e avaliam na mesma	EP1P13
		Acho que é preciso, é preciso isso, é estar aberto a aprender e eu isso estou. Agora, não acho que seja fácil, nem acho que seja de um dia para o outro. Perdemos muito um bocadinho aquela, perdemos a segurança, não é? E o que nós mais temos de transmitir para os alunos é a segurança	EP1P13
		Preocupam-se demasiado nas nossas notas e pouco na nossa aprendizagem	FGA4A10
		uma coisa que eu acho que não é nada bom é, por exemplo, os trabalhos e os projetos e isso, que nós demos tanto ou mais importância e dedicação do que os testes, valem 10%...	FGA4A13
		Isso é tão verdade. ... e os testes mais de 60%.	FGA4A11 FGA4A13
		Mas eles estão a melhorar... estão a começar a melhorar... Sim, sim. ... cada vez menos coisa para os testes. Mesmo assim... Mas eles aumentaram mais para as atitudes. ... 10% para os trabalhos é pouco. Pois, aumentaram atitudes.	FGA4A10 FGA4A11 FGA4A10 FGA4A12 FGA4A10
normalmente, para fazer um trabalho, preciso de me esforçar o dobro do que tenho de esforçar para um teste. Eu também pronto, sempre tiro notas boas e tenho facilidade em aprender, sempre fui assim uma pessoa que tem facilidade nisto, e pronto. Mas não estou a tentar invalidar ninguém. Mas o esforço, a criatividade, a força de vontade, o espírito de equipa que nós desenvolvemos nos trabalhos é muito mais enriquecedor do que um teste	FGA4A10		
E demoramos, eu demoro mais tempo a fazer um trabalho do que um teste, e normalmente o trabalho fica muito mais bonito e muito mais, aprendo a sério e no teste não. No teste eu decoro, escrevo... Sim, sim. ... esqueço. E no trabalho eu lembro-me.	FGA4A10 FGA4A11 FGA4A10		
Ep1 Referenciais criados e/ou adotados pela escola	Apropriação do Perfil dos(as) Alunos(as)	integrámo-nos naquilo que foi feito na rede	ED1
		tenho uma intuição de que tem sido ali qualquer coisa trabalhosa e difícil	ED1
		se bem conheço as pessoas elas vão ter uma opinião e vão fazer propostas de ajustes de acordo com a sua opinião	ED1
		O perfil, o perfil dos alunos, ora bem, nos critérios de avaliação, por exemplo, no que diz respeito à minha disciplina nós temos que fazer de acordo com os critérios	EP1P13
Também sou sincera, acho que é só aí que eu estou a ver a utilização, a aplicação.	EP1P13		

		Falo muito com uma colega de Português que já é minha colega fora daqui e sei do o trabalho que ela estava a realizar no ano passado. Mas, muito pouco, portanto	EPIP!3
		assim muito, muito sinceramente, acho que não. Acho que não. Eu sou muito, não sei, olhe, eu sou muito preocupada com os meus alunos e com a aprendizagem dos meus alunos e sou muito pouco preocupada e muito pouco dada a papéis	EPIP13
		nós temos que ter um documento orientador... claro. Mas depois acho que parte muito da liberdade depois de cada, não é? Não é? Acho que não sei... não vejo como sendo fundamental	EPIP13
		o ano passado foi trabalhada, por exemplo, a integração do perfil do aluno na disciplina de Português. Este ano sei que está a ser trabalhado na disciplina de Matemática e, portanto, parece-me que é um trabalho que vai, que vai exigindo também tempo dos Grupos Disciplinares, mas que vai sendo, vai sendo feito	EPIP14
		acho que para a equipa que está envolvida nesse trabalho a perceção de que aquilo é um instrumento que pode suportar a prática, até as maneiras diversas quotidianas, é uma visão que lhes chega em primeira mão. Quem não está envolvido nesse trabalho depois não vê os resultados e como não vê os resultados tem mais dificuldade nessa, nessa visão de conjunto. É claro que há sempre as reuniões de grupo disciplinar, é claro que há sempre partilha, mas não é, não me parece ser a mesma coisa, não me parece ser a mesma abordagem	EPIP14
		temos tido os professores, vários até, quer no grupo de Português, quer agora no grupo de Matemática, quer agora no grupo de Ciências, temos sempre professores em abundância, isto é, três professores no mínimo. Portanto, no grupo de português até tivemos mais. Portanto, temos tido algum investimento nesse, nesse aspeto	FGPe1Pe3
	Apropriação de outros referenciais	acho que as pessoas estão despertas para adoção desses referenciais comuns	ED1
		Nós falámos muitas vezes dele, porque nós tínhamos um sistema de avaliação de desempenho, que não tinha nada a ver com carreiras, nem com nada, era simplesmente com vista à melhoria das aprendizagens dos alunos. E fomos falando deste perfil como algo importante e em função do qual deveríamos fazer esse trabalho. Mas o que é certo é que ainda não foi uma prioridade a sua, a sua exploração	ED1
Barreiras à inovação na sala de aula	Gestão de recursos	No colégio eu acho que temos muitos projetos, se calhar demasiados projetos de participação das crianças, que acabam por resultar em vários constrangimentos. Um deles será por exemplo a sobrecarga do diretor de turma, porquê? Porque é a ele que pedimos frequentemente tempo de aula para apresentar os problemas aos alunos, para que eles tenham um espaço de discussão, para que eles façam a avaliação das atividades. E, querendo-se ou não, esta sobrecarga sobre o mesmo professor, a mesma disciplina, o mesmo tempo de aula, acaba por resultar num constrangimento	EPIP14
		Um deles é o tempo, sem dúvida	EPIP14
		nas matrizes, os objetivos, a definição de instrumentos de avaliação, de rubricas. Parece que é tudo a somar	EPIP14
		o acumular de trabalho numa equipa que já trabalha muito. E este acumular normalmente não permite a reserva de tempo, de disponibilidade mental, de ânimo, para o empenho noutras tarefas que são pedidas para a inovação	EPIP14
		uma dessas areias, na verdade, é a questão do tempo	EPIP15
		nós temos aqui professores que, além do tempo legal de aulas, acumulam horas extra, pronto, é. Portanto, há aqui várias hipóteses que, que no fundo, que a direção poderia tomar, que era ou contratava alguém para ter algumas horas, ou no fundo dá essas horas extra	EPIP15
		gestão de recursos humanos. Pronto, e na verdade há aqui, e eu considero, na verdade é uma perceção que eu tenho, que alguns professores têm um elevado número de horas que depois lhes retira também, no fundo, algum tempo para, pronto, algum tempo para pensar, no fundo, nessas novas metodologias, nesses novos instrumentos de avaliação	EPIP15
		temo, que em alguns casos, possamos estar efetivamente a cometer esse erro, que é, no fundo, estar a burocratizar, digamos, algo que na verdade tem uma importância significativa, mas à qual nós não estamos a valorizar da forma como deveríamos valorizar. E isso tem a ver um bocadito com, volto a reforçar, a questão do tempo	EPIP15
		aqui no colégio tem caracterizado um bocadinho do corpo docente, que é um cansaço físico, psicológico, emocional, etc, é resultado de tudo isso	EPIP15
		muitos daqueles que estão predispostos para, são professores que vão acumulando várias e várias e várias funções, percebes? E, portanto, isso depois acarreta uma sobrecarga muito significativa e tem acarretado uma sobrecarga muito significativa, que acaba por ser desmotivador	EPIP15

	não é apenas a questão das relações, há aqui uma questão de cansaço, há aqui uma questão de sobrecarga, há aqui uma questão de tempo, e há aqui uma questão de desmotivação	EP1P15
	aulas, mais planificar, mais criar guiões, mais criar instrumentos de avaliação em simultâneo começa a ser muito pesado	EP1P15
	principal problema é o tempo	FGA4A8
	Esses projetos, é muito difícil chegar ao aluno individualmente, não é? Quando falamos, quando fazemos esses...	FGP3P6
	Isso é sempre...	FGP3P4
	... projetos.	FGP3P6
	... difícil, nós temos vinte e tal miúdos diferentes	FGP3P4
	Noutras situações, noutras coisas. Diretores de turma, coordenadores disto...	FGP4P12
	Há vários projetos, eu tenho projetos em todas as turmas.	FGP4P7
	... testes para dar, para fazer, para corrigir	FGP4P12
	se os professores pensam dessa maneira e se estão todos a articular da mesma maneira? Não tenho bem a certeza. E esse pode ser um obstáculo porque a Gestão do Currículo é assim, vou dizer assim, o cerne dessa mudança nas estratégias de ensino. E se nós olharmos até para o conjunto de projetos que temos, os envolvidos são sempre normalmente os mesmos, os envolvidos, professores. E eu não sei mesmo, por desconhecimento, se, vou dizer assim, se haveriam outros professores daquelas áreas, ou outras que também pudessem estar envolvidos, ou se aquilo é mesmo pensado daquela maneira porque são esses sempre os professores que entendem a Gestão de Currículo daquela maneira	FGPe1Pe4
	o que acontece é que se o coordenador mudar com muita frequência, aquilo que eu sinto é que esse coordenador não se sente capacitado a dar esse feedback. Portanto, o que acontece é que esse coordenador da oficina é um intermediador entre as equipas e as peritas	FGPe1Pe3
	tanto não faz sentido manter sempre o mesmo coordenador do início até ad aeternum, mas mudar com muita frequência sem garantir que há essa capacitação dessa pessoa, ou seja, que essa pessoa é o coordenador da Gestão de Currículo e é um perito interno	FGPe1Pe3
	ser perito interno pressupõe, de facto, algum tempo em que se esteve na oficina, em que se capacitou, e aquela questão que eu referi há pouco, que via como muito positiva porque acho que é de uma certa elasticidade organizacional, e tendo em conta também grande disponibilidade de algumas pessoas em assumir novos desafios, a própria direção utiliza isso para proveito, mas tem este reverso de poderem, de facto, estar a assumir pessoas a coordenação interna sem, de facto, terem tido tempo e oportunidade de se capacitarem e fazerem isso o melhor possível	FGPe1Pe1
	a organização escolar não se ter alterado. Aqueles elementos da gramática escolar como os horários, o tempo para os professores trabalharem, para poderem lecionar juntos, é uma questão que também, e certamente que a pandemia também ajudará a perceber isso, mas a ideia que eu tenho é que mesmo os projetos interdisciplinares que à partida poderiam favorecer isso, as pessoas continuam a trabalhar em contextos de sala de aula, eminentemente cada professor por si	FGPe1Pe1
	O modelo de direção é um modelo muito centralizado, já agora, é muito centralizado, nem só numa equipa de direção, que são diferentes pessoas na direção, mas muito centralizado naquilo que é a direção pedagógica	FGPe1Pe6
	coordenadores de ciclos, coordenadores de oficinas, etc, etc, eu acho que não sentem muitas vezes que têm esse poder interno, digamos assim, ou seja, que podem tomar determinado tipo de decisões	FGPe1Pe6
	na Gestão de Currículo nós não temos tido dificuldades de as pessoas não se sentirem capacitadas, porque elas fazem um trabalho notável do ponto de vista até solitário de se capacitar para, é que tipo de função e qual é a diferença entre ser coordenador disto ou daquilo e ser perito	FGPe1Pe4
Professor	difficuldade de gerir o papel do professor com o papel de investigador, de estudante, de formando, de formador, os múltiplos papéis que nos vão sendo colocados à medida que procuramos implementar estes processos de inovação	EP1P14
	Nós temos um corpo docente que está predisposto, está muito predisposto a aprender e a implementar, mas temos também um corpo docente que sente isto como uma obrigação, e ao sentir isto como uma obrigação, isto é como tudo na vida, não é? Portanto, quando estamos predispostos a, fazemos com intenção, colocamos uma intencionalidade naquilo que fazemos, quando somos obrigados a, fazemos por obrigação e não colocamos intencionalidade naquilo que fazemos.	EP1P15
	são um grupo de professores que estão predispostos, outros não estão predispostos e isso, na verdade, é mau	EP1P15

	<p>não tenho nada contra a Irmã que nos dá Interioridade agora, eu até, eu até acho uma pessoa bastante simpática, eu até gosto muito dela, mas não como professora. Ela não, não é que não, ela esforça-se mas eu acho que ela simplesmente não é muito vocacionada para Interioridade. Ela é um amor, é uma pessoa super simpática, muito fofa, mas ela fala e não nos cativa</p>	FGA4A10
	<p>O professor</p>	FGP3P6
	<p>se eu vou fazer inovação e se eu disser, então vou ter que registrar e vai ficar tudo muito burocrático e vai-me dar muito trabalho esta parte e, portanto, eu vou aplicar esta inovação. Mas, lá está, isso quer dizer novamente que depende do professor que está em sala de aula, e se quer ou não aplicar a inovação</p>	FGP3P5
Ausência de visão partilhada sobre o trabalho inovador	<p>o que dificulta é um bocadinho o excesso de burocracia que envolve essa implementação da inovação. Lá está, pensando no meu caso, eu sou muito espontânea e nem nas aulas, preparo as minhas aulas mas dou sempre um campo de abertura a, a que sejam mesmo os alunos também a puxar temas, e às vezes dou por mim já estou no YouTube a pesquisar coisas que eles me perguntam e estamos todos a pesquisar. ... E essas coisas não são planeadas, pronto, e às vezes a inovação exige por parte, o colégio exige muito papel, que a pessoa perde muito tempo a pensar, a planear e às vezes podia ser menos, digo eu</p>	EP1P13
	<p>Às vezes é isso, é exigir papéis, e papéis, e papéis, e papéis... e depois, uma trabalhadora enorme, e depois a pessoa olha para aquilo e pensa, "E agora? O que é com os meus alunos, o que é que os meus alunos beneficiaram com estes papéis? Ou o que é que eu beneficiei para poder ajudar melhor, não é? De forma mais eficaz, os meus alunos?" Muitas vezes é nada. E é aí que eu sou contra e aí é que eu acho barreira</p>	EP1P13
	<p>Há uma burocracia acrescida, há um trabalho do professor acrescido, portanto, sempre que se faz essa associação de, "Há um projeto novo." Então há mais trabalho, há mais coisas para fazer, há mais tempo para dispende, há mais papéis para preencher. Isso também acaba por ser um constrangimento</p>	EP1P14
	<p>Se a direção diz assim, "É preciso implementar durante este ano uma metodologia ativa." As pessoas sentem-se na obrigação de o fazer e fazem, mas uma vez. Ou seja, nem depois se questionam, muito provavelmente, da mais valia da implementação, quer para eles, quer para os próprios alunos, quer para os alunos, e que se calhar aquele é que deve ser o caminho. Então o que é que acontece? Vamos naquele dia implementar a tal metodologia, pronto, mas no dia seguinte, ou seja, na aula seguinte retomamos a aula ao normal.</p>	EP1P15
	<p>a implementação dos projetos parte muito das relações interpessoais, quando devia partir das necessidades dos alunos</p>	EP1P15
	<p>Há projetos que, por exemplo, projetos anteriores que já tiveram sucesso e que não estão a ser implementados porque as pessoas x, y ou z acham que não devem trabalhar com a pessoa, com outras pessoas</p>	EP1P15
	<p>quando falo destas coisas eu fico um bocado triste, porque, na verdade, tal como estávamos a falar há bocado, eu estou desde o início, eu estou desde o início neste processo e, portanto, e vi, na verdade, uma altura em que as coisas estavam a evoluir muito favoravelmente e atualmente eu acho que isso não está a acontecer. Isso não significa que não se estejam a fazer os projetos, não confundas as duas coisas. Porque eu posso até ter atualmente mais projetos a serem implementados do que tinha anteriormente, mas a eficácia, a intencionalidade não é a mesma</p>	EP1P15
	<p>percebi que alguns projetos eram demasiado exigentes, também para os alunos no preenchimento do próprio guião que é feito para os alunos. Portanto, acabava por não se tirar o máximo proveito. Aquilo que nós queríamos que fosse uma coisa significativa...</p>	FGP3P4
	<p>Simples.</p>	FGP3P6
	<p>... significativa, simples, e que os alunos ficassem mais despertos para a aprendizagem... acabava por se perder, porque aquilo era tão formal e obrigava a tanta formalização</p>	FGP3P4
	<p>isto para os professores também passa um bocadinho também pelos alunos, com o preenchimento do guião, o seguir à risca as orientações todas... Também, eles próprios também acabam por ter mais burocracia, podemos dizer, do que se fosse um projeto em que apenas o fámos incutir na sala de aula. E eles também tinham a liberdade de ter ideias diferentes, ideias novas, para também fomentar</p>	FGP3P3
	<p>quem é obrigado não quer. Portanto, vai encontrar todas as razões, e muitas, válidas ou não, para não fazer</p>	FGP3P1
	<p>quando se faz um guião para aplicar um projeto, o guião é igual para todos os alunos. Ora isso para mim já é um entrave. Porque nós dentro de uma turma, como dizia a (...), temos alunos muito diferentes, e que não</p>	FGP3P5

		aprendem todos da mesma maneira. E, portanto, se nós vamos dar o mesmo a todos, para fazerem todos igual, já estamos aqui, no fundo... A fazer outra vez a mesma coisa. ... a fazer a mesma coisa e... Exatamente. ... e de inovação vai ter muito pouco. Porque inovação era dar diferente... para que todos tenham oportunidades de chegar à aprendizagem	FGP3P1 FGP3P4 FGP3P1 FGP3P4
		E também a dificuldade de perceber o que é a inovação, uma vez que, aquilo que se diz que é a inovação, se calhar nós já a aplicávamos e, portanto, ficamos assim um bocadinho	FGP3P5
		um dos obstáculos é que como efetivamente nós estamos, vou dizer assim, quase sempre só com o interlocutor, o dito perito interno, que me pareceu uma ótima iniciativa, até que ponto, vou dizer assim, esse perito interno contagia positivamente numa lógica alinhada todas as outras pessoas que estão à sua volta?	FGPe1Pe4
		um dos obstáculos é exatamente essa mediação, devia ser intercalada com momentos mais em conjunto. Para nós percebermos efetivamente quais são as estratégias mais globais de ensino que têm sido alteradas efetivamente	FGPe1Pe4
Resistência à mudança		Eu acho que é a insegurança da não capacitação, a preocupação com o risco de não aprendizagem dos alunos, o receio, o receio da reação das famílias, receio de reação das famílias que são conservadoras de uma forma geral.	ED1
		É se os alunos não aprendem e o que é que os pais vão pensar sobre, sobre os alunos.	ED1
		a avaliação do que está a acontecer é uma coisa muito importante, porque é a única coisa que vai, a única não... para além da capacitação é o que vai dar segurança aos professores	ED1
		Acho que há resistência a sair da zona de conforto. É tudo na minha zona de conforto, e então há alguns anos, quando estávamos em acumulação, o corpo docente ainda era... não é? E, portanto, vai entrando gente mais nova e, se calhar, estamos, vamos estando um bocadinho mais abertos a essa inovação. Mas, de facto, nós quando nos habituamos muito e temos uma zona de conforto, custa um bocadinho a sair	FGP3P5
		nós os professores fugimos como o diabo da cruz da avaliação, sobretudo do que é que é pensar a avaliação. E nós sentimos, de uma forma geral, que as pessoas reagem a pensar em instrumentos de avaliação especificamente das competências trabalhadas dentro da oficina	FGPe1Pe2
		existem instrumentos de avaliação, mas sinto que de alguma forma há alguma relutância em os utilizar	FGPe1Pe6
Fatores facilitadores da inovação na sala de aula	Escola	adesão dos alunos	ED1
		meios que os próprios, que os próprios professores reconheçam como necessários, eu acho que essencialmente isso, pronto. E os meios podem ser uma revisão dos horários	ED1
		pensando sempre no bem dos alunos que temos à nossa frente, e que são muito diferentes, e que, portanto, temos que, temos mesmo que diversificar, diversificar	EP1P13
		Uma cultura da escola, sim, o inovar, o querer o bem dos alunos, e querer, portanto, que eles aprendam de formas diferentes, cada um ao seu ritmo, mas que eles aprendam.	EP1P13
		O ambiente de partilha, isso também, claro que sim, ajuda muito	EP1P13
		as tecnologias em sala eu acho que também, e o colégio acho que promove e faz por estar equipado de forma a facilitar o uso das tecnologias em sala de aula, que é muito importante, e que ajuda a inovar também, a não ser o papel e o livro	EP1P13
		uma visão muito clara por parte da direção, desta noção de que quer melhorar procedimentos sempre com vista no aluno	EP1P14
		O bem-estar docente é importante, o bem estar da organização é importante, o bem estar de todos os colaboradores nota-se que é muito importante, mas o aluno é realmente, para esta direção, parece-me, o centro de todas as escolhas. E essa preocupação é partilhada por docentes	EP1P14
		toda a gente está permeável a esta ideia de que se há melhorias para fazer que beneficiem o aluno, então vamos fazer, então vamos discutir, então vamos pensar sobre isto. Dá muito trabalho, é aborrecido, ocupa muito tempo, é burocrático, mas não há uma recusa, não há uma barreira que pareça intransponível	EP1P14
		outro aspeto facilitador é a predisposição, mais uma vez, só que agora dos alunos. Aquele exemplo que eu te dei do aluno que veio ter comigo, que encontrou-me no corredor é claro. Os alunos estão amplamente predispostos a aprender de outra, de outra forma	EP1P15
		o trabalho de equipa, equipa grupo, grupo disciplinar, haver espaço e momentos para se reunirem e trocarem ideias	FGP3P6

		mesmo que a (...) seja o motor, eu acho que nós pensamos individualmente em cada aluno	FGP3P5
		a visão da própria direção, eu acho que a direção aqui tem um fator preponderante na forma como os profissionais se posicionam face à lógica de inovação, direção no sentido mais geral, talvez lideranças intermédias, não sei, mas a direção em particular é um dos fatores que facilita o trabalho	FGPe1Pe4
		pede no final do ano uma reunião para colher percepções, orientações do ano, do próximo ano, ou para dizer o que é que está a pensar e obter um feedback nosso, e isso de facto é muito facilitador	FGPe1Pe3
		eu usaria talvez a imagem de uma certa elasticidade organizacional que, se calhar, olhando os outros centros a contraluz se destaca aqui neste centro	FGPe1Pe1
		papel da direção, e também um certo alinhamento, que desde início se foi sentindo, nesta problemática, nestas problemáticas da participação, no empoderamento que é preciso também ir dando às próprias crianças e jovens para assumirem uma participação mais qualificada	FGPe1Pe1
		genuinamente o colégio valoriza a Participação dos Jovens e das Crianças em diferentes contextos, e faz muitos projetos em que eles, de facto, têm participação ativa	FGPe1Pe2
Professor		os professores sentem-se competentes para fazer de forma diferente. Portanto, capacitados para fazer de forma diferente, e quando é que um professor se sente capacitado? Quando se sente seguro. Portanto, quando se sabe sobre, e sente vontade de arriscar	ED1
		precisamos mais de pessoas assim. Eu acho que é... Que façam a diferença	FGA3A12 FGA3A13
		Vai tudo, vai tudo dar ao professor.	FGP3P5
		parte mesmo do professor, do querer fazer mais, da percepção real que ele tem da turma que tem pela frente, dos alunos	FGP3P1
		a disponibilidade dos professores para redesenhar e reconfigurar as suas estratégias de ensino, a disponibilidade sim, nota-se perfeitamente que há essa abertura	FGPe1Pe4
		toda a produção que vão realizando de acordo com as suas decisões, não é? No fundo encontra-se sentido para as suas ações pedagógicas, com uma forte intencionalidade, e isso tem sido uma mudança bastante presente	FGPe1Pe4
		a vontade dos professores fazerem de novo, e de fazerem acontecer inovação pedagógica	FGPe1Pe3
		professores motivados por um lado, depois por outro lado uma equipa estável, que eu diria que isto tem uma vantagem	FGPe1Pe6
Apoio especializado		Capacitação dos professores, segurança na Gestão do Currículo	ED1
		dar mais recursos, as tais formações, que eu gostei muito de participar nelas, porque aprendemos coisas novas	EP1P13
		haver alguém responsável, portanto pelas inovações, pelas metodologias em que a pessoa possa recorrer, isso ajuda imenso	EP1P13
		É preciso ver exemplos de outras pessoas que já conseguiram concretizar algo, que tiveram sucesso.	FGP3P6
Significados atribuídos pelos professores ao conjunto de ações inovadoras	Muito esforço para pouco	Eu posso dizer que ouço, se calhar, alguns professores a queixar-se um bocadinho de excesso de, de uma coisa que não havia pelos vistos antes, que eu não sei, que não estava cá... papel. Portanto, mais trabalho a nível burocrático e que nem sempre veem essa burocracia a ter utilidade.	EP1P13
		nós planificamos e depois até vemos o resultado, vamos aplicar aos alunos e, não é? E vamos ver se funcionou, se não funcionou, até podemos fazer depois um momento de avaliação para saber... então se aprenderam ou não aprenderam sobre o assunto, pronto aí está. Agora, quando é uma burocracia	EP1P13
		não me parece que, mais uma vez, multiplicar as solicitações aos professores fosse muito produtivo. Estas áreas de melhoria, a Gestão Curricular, a Educação para a Interioridade e a Participação das Crianças parecem-me que cobrem, na verdade, as áreas de formação do aluno que nós queremos para os centros educativos das (...). Dentro delas podem surgir procedimentos de melhoria? Talvez sim, talvez haja algumas áreas que possamos melhorar. Mas não multiplicar noutras facetas da inovação	EP1P14
		na verdade, é um bocado, sei lá, é um bocado frustrante	EP1P15
		ao longo dos anos nós também fomos adotando um determinado sistema, e contra mim eu, e contra mim também falo, não é? Portanto, o tal, o tal paradigma escolar, não é? Portanto... de autocarro, que sempre funcionou. E, portanto, agora o que sentem, não sentem aquilo que é a inovação como uma mais valia, e mais uma vez sentem aquilo como uma obrigação	EP1P15
		o impacto, na verdade, de tudo aquilo que tens me vindo a questionar, tem acontecido, é verdade, mas acho que é um impacto residual para já	EP1P15
		muitos dos, alguns dos projetos que estão a ser implementados, são projetos que já existiam antes	FGP3P5

		Quando eu comecei a pesquisar um bocadinho sobre metodologias ativas, cheguei à conclusão, e até falei com os colegas do grupo disciplinar, que nós já o fazemos em todas as aulas	FGP3P4
		e agora temos que preencher não sei quê, não sei quê, e vai ser quase que uma novidade que o grupo de Matemática vai fazer, e não. O grupo de Matemática faz isso há anos.	FGP3P4
		eu tenho muito, muita dificuldade em aceitar o que nós estamos a fazer neste momento como inovação	FGP3P1
		nos projetos, na parte da gestão curricular, eu acho que houve uma formalização. Houve ali a necessidade de se formalizar aquilo que se estava a fazer	FGP3P5
Utilidade e pertinência dos processos		É algo pensado, destinado a completar num curto espaço de tempo, que envolve mudanças significativas a todos os níveis do processo de ensino-aprendizagem, desde a planificação, o perfil do aluno trazido para a sala de aula, os processos, os instrumentos, as formas de avaliar, portanto, é realmente um projeto ambicioso.	EPIP14
		Eu claramente tenho uma visão muito positiva destes processos de inovação e sobretudo da implicação da direção nestes processos de inovação. Porque não são, a direção não é externa a este processo, não se limita a passar diretivas, ou vontades ou projetos	EPIP14
		o projeto da participação das crianças, não é? Isso é interessante, porque é torná-los mais ativos, dentro do colégio	FGP3P6
		eu estou com este discurso, mais uma vez, não é porque as coisas estejam mal, eu estou com esse discurso porque eu acho que as coisas poderiam estar melhor	EPIP15
Necessidade de mais ritmo e transversalidade		os projetos de inovação, e mesmo o projeto Bússola, poderiam ter sido desde o início mais transversais, no sentido de envolver mais comunidade educativa	EPIP14
		às vezes parece que nos movimentamos a duas velocidades, os que estão envolvidos nas oficinas de inovação e aqueles que ainda não ouviram falar da Participação das Crianças ou da Educação para a Interioridade. Dito isto, também tenho de reconhecer que o último ano tem sido de uma partilha muito mais enriquecedora neste aspeto	EPIP14
		há bocado eu disse que a inovação tem vindo a acontecer. Agora o que não está a acontecer era ao ritmo e que com a intencionalidade que eu gostaria que estivesse a acontecer	EPIP15
Impactos da inovação na aprendizagem dos alunos (áreas de inovação)	Projetos interdisciplinares	Eu acho que os projetos interdisciplinares também são positivos para os alunos porquê? Porque lhes abre um bocadinho a mente, no sentido de não, um conteúdo pode ter características, pode ter um modelo, portanto, abordagens de disciplinas diferentes	EPIP13
		eles aprendem, alguns aprendem mais assim, também há alunos que não gostam nada disso	EPIP13
		mas eu acho que sim, que é uma experiência enriquecedora... e que, pronto, e que se reflete depois numa melhor aprendizagem por parte de alguns, nunca se chega a todos dessa forma	EPIP13
		Resolver problemas	EPIP13
		Há outros que realmente, ou melhor, gostam, participam, trabalham, mas depois ficam à espera do resumo, de uma coisa qualquer mais	EPIP13
		consigo ver, por exemplo, que o trabalho de projeto resultou em aprendizagem não só para os alunos	EPIP14
		dá para perceber que eles, que os alunos reagem muito bem ao trabalho do projeto	EPIP14
		Permite-lhes explorar coisas diferentes num tempo também diferente, do que o tempo tradicional de sala de aula, que é normalmente gerido pelo professor	EPIP14
		Também deu para perceber curiosamente que eles manifestavam os seus pontos de melhoria que achavam que os projetos deviam ter.	EPIP14
		Foi muito interessante perceber que os alunos chegaram a algumas conclusões que são comuns às dos professores, em que o trabalho de projeto não poderá ser, por exemplo, eu ia dizer transversal mas, mas não é isto que eu queria dizer, não poderá abranger várias disciplinas ao mesmo tempo e ser a única modalidade de inovação pedagógica a explorar.	EPIP14
		esta semana um aluno veio ter comigo, um aluno que já não é meu aluno, mas que foi precisamente a primeira turma que implementou projetos aqui no colégio. Isto foi no oitavo ano e eles implementaram um projeto, o tal da indústria transformadora no oitavo ano. Depois no ano seguinte a mesma turma, neste caso os de, o mesmo ano, portanto, agora primeiro no oitavo e agora no nono, implementaram outro projeto que foi o "Find a Solution for". Pronto, entretanto ele vai para o décimo, e no décimo ele vai para Ciências e Tecnologias, portanto, já não tem Geografia, e agora já está no décimo primeiro. E noutra dia apanhou-me no corredor e chegou à minha	EPIP15

beira e disse-me assim, eu acho que isto é um bocado ilustrativo, e se calhar responde a algo, poderá não responder a tudo, mas responde a algo, à tua pergunta, que foi: “Professor, professor.” Eu até pensei que alguma coisa se passava, apanha-me no corredor e, “Professor, professor, professor, precisava muito de falar consigo.” E eu, “Oh, (...), mas qual é o problema?”, “O professor lembra-se, lembra-se daquele projeto que nós fizemos no nono ano?” Não falou do do oitavo, só falou do nono. “Lembra-se daquele projeto que nós fizemos no oitavo, no nono ano?” E eu, “Lembro-me, claro que me lembro.”, “Então, olhe eu não me esqueci de nada, de nada, de nada.	
sententes que torna os alunos mais proativos na aprendizagem, mais capazes de resolver problemas, mais capazes de autorregular aprendizagens, de cooperar uns com os outros?	Moderador
Eu não tenho, não tenho a menor dúvida. Relativamente a isso continuo a afirmar, que já afirmei muitas vezes, tudo isso que tu questionas é verdade. E acrescento a tal questão, que eu também já tenho reforçado muitas vezes, é que estes projetos permitem descobrir dados em determinados alunos, que nas aulas ditas tradicionais ou noutras atividades estão escondidos e, na verdade, permite revelar facetas de alunos que nós não conhecíamos.	EP1P15
há alunos, eu dou muito este exemplo, alunos que normalmente, em situações de avaliação ditas normais, andam com notas relativamente baixas, mas quando chamados a intervir no processo, quando chamados a trazer ao de cima a sua criatividade, transformam-se claramente e mostram que são ou que podem ser muito mais do que aparentam na sala de aula	EP1P15
Eu acho que, estes projetos nós... como não são projetos muito... ai, agora faltou-me a palavra. Incentivam muito, são... e nós gostamos muito dos temas	FGA3A7
E até mesmo, por exemplo, quando nós fizemos o projeto “Terra à Vista”, que era sobre as rochas magmáticas, até ajudou um bocado porque era uma matéria um bocadinho mais secante para os alunos, e até ajudou, porque assim nós conseguíamos ficar mais interessados. Nós até, por exemplo, nesse projeto, nós chegámos a explicar aos pais e aos encarregados de educação	FGA3A5
sentimo-nos realizados. Sentimos que estávamos dedicados àquilo, e até mesmo, sentimos que trabalhámos muito bem em equipa	FGA3A5
Completamente, mesmo. Porque, por exemplo, havia em trabalhos, havia em trabalhos de grupo uma certa disciplina que, por exemplo, um membro trabalhava pouco, mas nos projetos interdisciplinares, toda a gente trabalha, toda a gente tem um papel e até, e até mesmo ajuda também na concentração da pessoa, por exemplo, se a pessoa não tem grande concentração até ajuda para, para ficar, para ficar um bocado na concentração, para também, para praticar também a organização e até acabou por ajudar também os alunos.	FGA3A5
Também é bom porque nós temos um guião...	FGA3A7
Exato.	FGA3A5
... e em cada aula nós temos um objetivo.	FGA3A7
acho que também ajudou um bocado no pensamento lógico para tentar descobrir o que é que é o mais adequado, o que é que é aquilo mais correto para fazer e até ajudou os alunos a tentar consolidarem também, também um bocado o stress de tentar: “Nós temos um problema, ok, como é que nós vamos lidar com isto?”	FGA3A5
nós estamos a apoiar-nos sempre uns aos outros	FGA3A7
como na apresentação do trabalho, nós temos que estar a apresentar todos, os membros do grupo têm todos que falar e às vezes as pessoas que estão a observar começam a perceber que: “Ah, aquele se calhar tem mais...	FGA3A7
Exato.	FGA3A5
... tem mais dificuldades.” E se se enganar, toda a turma depois, falo pela minha, tem o respeito...	FGA3A7
Exato.	FGA3A5
... e até às vezes ajuda.	FGA3A7
Por exemplo, o “Tasty” que foi o de competição de comida, até ajudou muito na criatividade porque havia dois prémios.	FGA3A5
Aprendemos a relacionar disciplinas e a interligar matérias. Não sei, acho que é importante trabalhar em grupo. Também é uma coisa muito importante e acho que no futuro vai ser importante para nós.	FGA4A13
Eu acho que, mais espírito de equipa, porque esses projetos costumam ser de grupo.	FGA4A10
E eu sinto que, ainda no outro dia estava a falar com uma colega minha de um projeto que eu fiz no nono ou no oitavo ano. E nós lembrávamo-nos das coisas, estávamos super animados a falar, porque os projetos assim interdisciplinares, demoram para aí quê? Um mês? Eles demoram bastante tempo porque são bastantes disciplinas e são projetos grandes, pelo menos	FGA4A10

	os que eu fiz eram grandes. Durante aquele mês eu estava quase sempre com pessoas que eu nem falava muito todas as semanas, pelo menos uma horinha para fazer o projeto, e isso enriqueceu-nos imenso. Eu lembro-me, eu tenho bastantes memórias, ainda me lembro do que é que dei, do que é que aprendi, e das pessoas e das relações que estabeleci.	
	Então foi perfeito, porque houve assim uma junção de nós a mostrar o projeto, a mostrar a aplicação direta do projeto, e ainda por cima deu para as Sementes da Paz terem o seu contributo e vieram os nossos pais e também tiveram lá uns, as pessoas do ano abaixo a ver, porque eles para o ano fariam o mesmo projeto para terem ideias, e isso foi muito bom.	FGA4A10
	eu gostava imenso de termos pelo menos mais um trabalho desses, porque eu sinto muito que aprendo tipo muito melhor assim, e acho que toda a gente, porque nós estamos assim muito mais empenhados	FGA4A11
	No segundo, no segundo já achei muito, já achei muito mais interessante e, mas tenho pena de, no secundário agora não termos feito assim	FGA4A9
	eu acho que o ponto mesmo forte dos projetos é o facto de serem mesmo práticos. Ou seja, nós estudamos muita coisa, mas depois chegamos tipo ao fim do dia e dizemos: “Para que é que eu preciso disto?” Enquanto que os trabalhos que nós fazemos são, pelo menos...	FGA4A12
	Precisávamos deles mesmo.	FGA4A10
	... eu acho que são mesmo tipo Estudos de Caso	FGA4A12
	eu lembro-me dos pormenores dos projetos interdisciplinares que fiz há quatro anos.	FGA4A10
	as crianças sentem-se muito motivadas, é uma forma de ensinar diferente, é uma forma de atingirmos os objetivos de aprendizagem muito mais cativante para os alunos	FGP3P4
	Acho que há uma parte que eu gosto particularmente, que eu acho que os alunos também gostam, que é ver a forma como as disciplinas se articulam. E isto é uma mais valia para eles. Eu estava a pensar concretamente num trabalho, num projeto que fizemos o ano passado com Inglês e Educação Visual, e este ano o “In the City” que até vão juntar Matemática, se não estou em erro, não? Já não? Mas pronto.	FGP3P1
	Acho que não.	FGP3P5
	Pronto, eu não sei, eu não tenho quinto este ano, não é? Não, mas a forma como eles naturalmente conseguem, eu não sei explicar isto, a forma como eles veem que as disciplinas se articulam de forma natural, e que não é uma coisa artificial, para mim é uma mais-valia, para eles	FGP3P1
	Deixa de estar segmentado.	FGP3P6
	o que transpareceu com forte evidência neste focus de discussão é que os alunos, vou dizer assim, apreciam a lógica de projetos, mas na maior parte dos casos não tinham, vou dizer assim, grandes lembranças do que é que efetivamente aprenderam. E porquê? Pensamos nós, isto já é uma inferência, dado o ano em que foi, ok? Isto é, eles conseguem reconhecer que gostam de trabalhar, que gostam, que desenvolvem, por exemplo, competências transversais fundamentais como trabalhar em equipa, comunicar, etc., mas do ponto de vista daquilo que é efetivamente a aprendizagem, o ganho não foi muito expressivo, pelo menos nestes focus de discussão	FGPe1Pe4
	para nós seria muito útil, por exemplo, neste momento que terminou já o semestre, que nos chegassem dados desses inquéritos aos alunos porque, para termos algumas evidências que pudessem suportar uma perceção mais ou menos vaga que vamos tendo	FGPe1Pe3
Participação dos alunos	Eu acho que há algumas situações que criam alguns momentos de reflexão para os alunos, que eu acho que são importantes. Esse, por exemplo, as assembleias de turma eu fui com algumas turmas às assembleias	EP1P13
	fazia-os refletir o que está bem e o que está mal, o que podemos mudar, o que não podemos mudar	EP1P13
	o acompanhamento que estamos a fazer este ano da mentoria à Associação de Estudantes está, mesmo muito, surpreendentemente diferente daquilo que estávamos à espera. Eles já chegam até nós com um conhecimento e com uma partilha de elementos até de associações anteriores que, que revelam uma autonomia que se calhar não estaríamos à espera. Mas já chegam até nós com questões que ajudamos a resolver no ano anterior. Não sei se estou se estou a fazer clara, portanto, no ano anterior fomos úteis na resolução de um conjunto de questões, que podia ter a ver com o diálogo com a direção, a forma de apresentarem as propostas aos outros aos, aos colegas da, da comunidade escolar. Este ano, este grupo já traz até nós esses, essas soluções, por isso acho que eles estão mais autónomos	EP1P14
	Eu não te consigo verdadeiramente responder a essa questão. Lá está, é um bocadinho aquilo que tu disseste. Eu estive ao longo destes anos muito centrado ao nível da Gestão de Currículo.	EP1P15

	ainda não consigo, e o impacto que isso possa ter, sobretudo porque a informação pode ser partilhada e podem ser tomadas medidas, mas depois avaliar o impacto que isso possa ter no dia a dia dos alunos, nas suas aprendizagens, etc, na verdade, ainda não consigo fazer	EPI14
	Sim, só que em alguns trabalhos, eu acho que algumas pessoas ficam mais encarregadas de fazer mais coisas e outras ficam um pouco perdidas.	FGA3A6
	E eu acho que devia ser organizado melhor.	FGA3A6
	Pois.	FGA3A7
	Ou seja, a participação acaba por não conseguir reunir todas as vozes?	Moderador
	Exato.	FGA3A5
	nós tivemos imensas ideias e propostas	FGA3A7
	E acho que nós nunca tínhamos tido isso, por isso, eu acho que, é assim, não me senti assim muito mais envolvida, porque eu não me sinto assim muito envolvida, mas mais um pouquinho sim.	FGA4A11
	As assembleias não tiveram tempo para gerar, a biblioteca não gerou, mas os trabalhos interdisciplinares, agora que eu me lembrei deles, agora estou-me a lembrar tudo sobre eles, esses projetos, esses sim.	FGA4A10
	Honestamente, tudo o que é diferente, pelo menos para mim, serve como aprendizagem. Muito mais estes projetos interdisciplinares, mas mesmo com aquela assembleia, serviu para eu perceber como é que, como é que tinha que fazer para a próxima vez para... como é que íamos gerir e essas coisas. Mas acho que tudo o que é diferente, tudo o que é diferente de aulas normais	FGA4A8
	nós não temos dados nenhuns sobre os efeitos que estas oficinas têm nas crianças e nos professores do colégio, porque nunca nos entregaram nenhum resultado dos instrumentos que teoricamente foram utilizados	FGPe1Pe2
Educação da interioridade	Não tenho muito, não tenho, não tenho tanta noção. Não dou Interioridade.	EPI13
	Talvez seja a área em que tenho menos perceção por não estar tão de perto envolvida. Mas acho que nos últimos anos também é muito notória a diferença na Educação para a Interioridade, inclusivamente em termos da aceitação dos alunos das atividades que são propostas.	EPI14
	costumam ir ao encontro das suas, das expectativas dos alunos, e eles parecem realmente gostar de estar envolvidos em dinâmicas diferentes, que podem ir desde a reflexão sobre o percurso de vida, até a experiências de voluntariado, e acho que são novidades, que para nós já não vão sendo novidades	EPI14
	mesmo como diretor de turma eu não consigo perceber, atualmente, para já, o impacto da Interioridade	EPI15
	Nós vamos tendo algum feedback daquilo que vai ocorrendo nas aulas de Interioridade. Vamos ter, e aí sim, algum feedback sobretudo a nível emocional e das relações interpessoais que existem dentro das turmas, e aí sim, isso depois dá um conjunto, digamos, de dados ao diretor de turma para, no fundo, atenuar, resolver problemas que possam existir, conversar com os alunos, estar mais atento precisamente aos alunos. Ao nível das aprendizagens, para já, não consigo no fundo avaliar	EPI15
	Mas as aprendizagens podem, podem passar por aí, não é? O autoconhecimento, a relação interpessoal entre eles, entre eles e os adultos.	Moderador
	Aí sim, aí sim.	EPI15
	Eu acho que em muitas aulas, os alunos não têm muita ideia do que isso vai servir para alguma coisa no futuro.	FGA3A6
	Têm muitas aulas que assim são... acho que a palavra boa é "aleatórias", eu acho.	FGA3A6
	Algumas são, os alunos acham que são porque, por exemplo, nós tivemos uma aula que foi, sinais de trânsito. Só que, o que é? Qual é a relação disso com o que nós estávamos estudando antes? Alguns alunos acham que não faz muito sentido.	FGA3A6
	Mas houve uma explicação?	Moderador
	No final houve uma explicação.	FGA3A5
	por vezes, nós, por vezes, estamos a discutir um tema, e depois, de repente, o professor na aula seguinte está a discutir um tema completamente diferente. Por exemplo, quando nós tivemos o advento, nós estávamos a tratar de um tema, um tema diferente, e depois, de repente, o professor mudou o tema para o tema do advento	FGA3A5
	Eu também acho que, nós em Interioridade somos vinte e dois alunos e estamos também numa sala que, todos sentados no chão. E se calhar às vezes a dinâmica do falar causa muitos pontos de distração	FGA3A7
	Eu também acho que, nós em Interioridade somos vinte e dois alunos e estamos também numa sala que, todos sentados no chão. E se calhar às vezes a dinâmica do falar causa muitos pontos de distração...	FGA3A5
	Se estas aulas de Interioridade vos têm permitido, e aos alunos, aprofundar o seu autoconhecimento? Se os seus sentimentos, conhecer mais os seus	Moderador

sentimentos, emoções, as suas vivências, as suas capacidades, os seus limites?	
Eu até acho que nós até estamos até a viver mais, um bocadinho mais isso em orientação vocacional...	FGA3A7
Exato. Do que em Interioridade.	FGA3A5
... porque em orientação vocacional, nós estamos, em vez de começarmos logo, os cursos que existem, e tudo, nós estamos-nos a conhecer primeiro entre nós...	
Exato.	FGA3A5
... nós e quais são as nossas qualidades, o que é que nós queremos no nosso futuro. Nós queremos trabalhar em que ambientes, e acho que eu estou-me a conseguir perceber o que é que eu quero, e quem eu sou melhor com a orientação vocacional, do que com as aulas de Interioridade.	FGA3A7
Do que com a Interioridade.	FGA3A5
Eu acho que algumas pessoas sim, outras pessoas não. As pessoas que não faz diferença nenhuma não mudam nada. Outras pessoas sim, que às vezes até choram na aula de Interioridade, quando se lembram de coisas.	FGA3A4
até mesmo por causa da, por exemplo da, da atitude dos outros, por exemplo, não estarem a escutar o outro, não estarem com atenção muito bem. Também percebo que, por vezes, é normal não estarmos com atenção, às vezes a... distraímos-nos muito, mas também, por vezes, nós não conseguimos perceber muito bem se há aqui a base do respeito pelo outro	FGA3A5
eu acho que há em todas as turmas, é normal nós conversarmos para o lado e isso tudo. Mas também, por vezes, nós, por exemplo na minha turma, acho que noto um bocado que o comportamento, seja a base do silêncio no local de trabalho, não cumprem muito bem este tema. Ou seja, por vezes, esquecem-se que por vezes, estão na sala de aula e por vezes, também há um ou dois que não têm grande respeito pelo professor e que, mas são na mesma chamadas à atenção, só que não há aquela, chamada de atenção	FGA3A5
havia mais respeito e tudo, porque nós estávamos muito juntos e ouvia-se. Por exemplo, às vezes estou ali numa ponta e está alguém a falar aqui e eu não ouço, eu não ouço nada	FGA3A7
Eu acho que não muda nada nas pessoas, mas ficam motivadas para passar o colégio em Interioridade, deviam ter outra aula, por exemplo, português e ficam feliz por não ter português, ou isso.	FGA3A2
Mas eu sinto que muitas vezes nós, a maneira como nos lecionam essa parte da Interioridade e de Educação Moral Religiosa não é apelativa, é totalmente uma coisa rápida, uma coisa mesmo tipo: "Ok, vamos ler a Bíblia e agora vamos dizer que, para eles respirarem e apanharem folhas e agora está tudo bem." Não, eu acho que, eu nem sou uma pessoa cristã, mas eu acho que até mesmo os cristãos não se sentem assim muito felizes por o espaço dedicado à sua religião ser um professor a debitar matéria que não interessa.	FGA4A10
No oitavo, nono ano e até era bom, nós estávamos todos felizes, divertíamos-nos, relaxávamos, e este ano foi horrível.	FGA4A10
É que era um professor que eu sentia que era mais próximo de nós, porque pronto, era mais, não era da nossa idade, mas pronto era mais novo e tal, era engraçado. E eu lembro-me de adorar Interioridade, eu pensava que era assim o ponto alto da semana.	FGA4A11
Acho que sim, eu acho que das principais era mais a, eu lembro-me imenso, eu gostava porque era para descontraír, tipo eu mesma e não estar a pensar só nos testes. Mas eu também gostava pelo facto de unir a turma... porque era assim um momento em que estávamos todos com todos e podíamos conversar	FGA4A11
acabávamos por fazer atividades que nos unissem mesmo e acho que foi importante também porque aprendemos a respeitar os outros. E, pronto, respeitar a opinião, pronto, acho que foi importante, acho que são valores que normalmente não aprendemos nas outras disciplinas, que aprendemos numa disciplina assim leve com atividades giras	FGA4A13
Eu acho que era melhor termos Interioridade de 15 em 15 dias uma hora e meia do que todas as semanas 45 minutos.	FGA4A10
Acho que vocês também tinham o professor (...). É assim, eu nunca tive uma, uma relação próxima com ele. Mas, é diferente, porque eu sempre que olhava para ele via, via uma pessoa que me compreendia totalmente...	FGA4A12
Sim.	FGA4A13
... porque ele quase nunca falava dele. Ele só queria ouvir o que é que nós tínhamos para dizer...	FGA4A12
Isso era muito bom.	FGA4A10
... e ele fazia perguntas. Mostrava-se curioso para saber as coisas e, mesmo antes de começar a aula, queria saber como é que andavam as coisas connosco, e as notas, e os testes, e o que é que tínhamos naquela semana.	FGA4A12

		E brincava conosco e assim.	FGA4A9
		Mostrava-se mesmo preocupado.	FGA4A12
		Era importante porque nós sentíamos-nos ouvidos e que se preocupavam conosco.	FGA4A11
		nós agora, nós na Interioridade eu acho que o principal problema é não termos tempo para Interioridade	FGA4A8
		Na questão da Interioridade, eu acho que foi muito importante para os alunos perceberem que há tempo para parar. Porque eu noto, sobretudo, porque eu dou Interioridade, eu acredito que seja muito diferente para os mais velhos, mas as aulas de Interioridade que dou é de quinto e sexto ano e é a surpresa com que eles encaram as aulas em que podemos parar. E afinal há tempo para isto, para fazer isto.	FGP3P5
		E podemos discutir alguns assuntos, e podemos ser sensíveis ao outro. E ser empáticos para com o outro e a respeitar o próximo. Eu acho que isto é, a Interioridade é uma mais valia para chegarmos ao perfil	FGP3P5
Impactos da inovação na aprendizagem dos alunos	Motivação e vontade de aprender	Eu acho que esses projetos dão-nos muito mais, pelo menos a mim, dão-me muito mais vontade de fazer as coisas.	FGA4A11
		Sim.	FGA4A13
		Eu fico tão animada quando é o dia do projeto.	FGA4A10
		temos novas dinâmicas de aprendizagem, por exemplo, em Geografia nós até, para descobrir os países e as capitais, aprendemos, em vez de estar a decorar, com um jogo. E acho que isso facilita a nossa aprendizagem	FGA3A7
		Os alunos interessam-se mais. E, em vez de estarem a achar aquela matéria muito seca e terem de decorar muita coisa, os professores põem jogos que consegue, que nos põe mais atentos. E ao pôr-nos mais atentos, nós conseguimos decorar mais fácil. Por isso, quando eles põem jogos, ou vídeos, ou assim alguma coisa do género	FGA3A2
		nós gostamos mais, por isso conseguimos, em vez de chegarmos a casa, termos de estudar aquilo e acharmos uma seca, com um jogo nós já só temos de rever, porque já conseguimos decorar	FGA3A2
		Matemática, Educação Física, têm feito “Kahoots” para nós fazermos. E isso é uma metodologia que te ajuda a aprender?	FGA3A1
		Sim, as aulas são, são tipo “quizes”.	Moderador FGA3A1
		Que estamos divertidos e a divertir-nos, nós estamos com atenção.	FGA3A2
		Aprendemos, aprendemos melhor	FGA3A1
		Eu acho que essas inovações dão-nos vontade, dão-nos muito mais vontade de aprender tipo o que seja, dão-nos vontade de aprender e de querer vir para a escola e de estar mais atentos nas aulas. Porque se eu vier deprimida para a escola, às vezes não vou ouvir nada do que me estão a dizer, enquanto que se estiver animada e ansiosa por alguma atividade, acho que aprendo muito melhor.	FGA4A11
		é muito diferente nós virmos para a escola a querer aprender e a ter de aprender	FGA4A13
		Eu venho para a escola porque eu tenho de aprender, porque eu tenho de tirar boas notas e porque eu tenho de tirar boas notas nos exames, para depois ter um emprego. E não porque quero aprender.	FGA4A13
aqueles alunos, pronto, que não têm por estímulo participar por si próprios, acabam por... se calhar foram forçados, é verdade, mas eu acho que facilitam, esta é a grande vantagem que eu vejo, é a participação do aluno na sala de aula. E eu consegui trabalhar o mesmo conteúdo de uma forma mais estimulante, mais prática e com a participação do aluno	FGP3P6		
Aprenderam, e foi muito bom. E também foi ótimo depois complementar com uma disciplina que trouxe esse interesse diferente para o projeto	FGP3P6		
acho que também temos aqui uma coisa má, que é nem todos os alunos reagem tão bem assim aos projetos. Não é? Isto tem a ver com a zona de conforto de cada um, não é? Nós temos muitos alunos formatados por determinada coisa, não é? Portanto, e eu tenho alunos, por exemplo, nas minhas turmas deste ano, que quando eu faço uma coisa que para ele é fora da caixa, a reação é automaticamente má	FGP3P1		
acho que nós temos de preparar os alunos para a diversidade	FGP3P4		
Competências desenvolvidas		No segundo nós tivemos que ligar para o Consulado e eu, pronto, e eu...	FGA4A11
		E o Consulado nunca nos respondeu.	FGA4A13
		... quando o professor nos disse assim...	FGA4A11
		Pois não. A nós também não.	FGA4A8
		... “Ah, vocês têm que ligar.” Eu entrei em pânico. Porque eu, acho, se fosse uma coisa dessas eu nunca ligaria eu, eu dizia: “Oh, Mamã, olha liga tu.” E eu, o facto de eu ter que lidar com: “Ok, eu tenho que ligar.” Eu acho que fez-me sentir tipo tão crescida e tão...	FGA4A11
		ALUNA 13: Sim, faz-nos crescer.	FGA4A13
		Eu acho que estas atividades, principalmente os projetos nos preparam melhor para, para o mundo futuro, para um trabalho futuro que nós	FGA4A9

		tenhamos. Porque, os trabalhos futuros vão ser todos práticos e vamos ter de resolver situações depressa e vamos ter que cumprir prazos, portanto, eu acho que, que é esse aspeto... e não tanto assim aulas teóricas.	
		Eu, eu acho que, eu acho que nós ainda não temos esse trabalho tão bem fundamentado como deveríamos ter. Portanto, nós no fundo, mesmo os projetos, etc, deviam estar indexados, os cenários e isso têm, não é? Mais até do que propriamente dos projetos, os projetos também têm. Mas eu acho que nós ainda não, não nos é possível dizer taxativamente que isso está a ter um impacto e que no Colégio (...) os alunos, de facto, a autonomia é promovida	ED1
		os processos de avaliação destes impactos vão sendo também diversos ao longo do tempo, mas desde o início parece haver essa preocupação de verificar se foi realmente uma prática que tenha tido algum resultado nas aprendizagens dos alunos	EPI14
		Eu penso que todas essas áreas se vão cruzando e que nós vemos melhorias em todas elas. Continuamos, e acho que é, é uma, uma reflexão mais ou menos geral, continuamos a debater-nos com problemas de autonomia, achamos que cada vez mais esta autonomia surge mais tarde, que é preciso um acompanhamento mais presente do professor em determinados grupos até mais tarde, mas ao mesmo tempo, percebemos que há evolução nestes domínios e que, quando têm espaço de reflexão, os alunos também nos dão respostas	EPI14
		quando falamos de autorregulação das aprendizagens, da cooperação, da relação entre professor e aluno eles mesmo têm opiniões, têm opiniões sobre isto. E quanto mais à vontade se sentem para as, para as transmitir, também nós vamos percebendo que são coisas que podem ser mudadas e melhoradas	EPI14
		Tem trazido mais abertura para a comunidade escolar	FGA3A5
		Acho que coisas que nos formem pessoas, não sei, acho que coisas que nos preparam para o futuro e para o nosso emprego, e coisas importantes que nós temos que saber sobre a vida que se calhar não aprendemos em disciplinas que temos.	FGA4A13
		Eu acho, eu acho que estes projetos de inovação, em termos das aprendizagens das disciplinas podem às vezes não ter o efeito desejado. Mas em termos de desenvolver competências do perfil, são muito mais importantes nesse sentido do que propriamente nos conteúdos, digamos assim, da disciplina.	FPG3P4
		Aliás, para chegares mesmo ao perfil, tens mesmo de trabalhar algumas dinâmicas	FPG3P5
Impactos da inovação na aprendizagem dos professores	Formação-ação entre pares	foi visível que os professores começaram a diversificar. Pela primeira vez este ano começou a aparecer um discurso repetido do que o que é importante é perceber que o aluno, se o aluno em determinado momento conseguiu algo, nós precisamos de apanhar o seu ponto melhor	ED1
		acho que os professores neste momento que discutiram, e sabem, aprenderam, e viram sobre metodologias, ou projetos, ou a participação dos alunos, etc, é uma diferença radical eu acho que nesse aspeto mudou-se mais nos últimos 4 anos do que nos outros 21 em que eu trabalhei, em que também houve mudanças, mas foram de outro nível, digamos assim	ED1
		ao trazer essa inovação obriga os professores a estar a par das inovações e das novas metodologias e das novas técnicas. E, portanto, obriga os professores a aprender também outras formas. Porque se queremos aplicar alguma coisa nova nas nossas aulas não vamos para lá, portanto, temos de ir para lá, primeiro, com o trabalho preparado, não é? E, portanto, tem que se estudar e refletir sobre as metodologias e técnicas que se vai aplicar nas aulas	EPI13
		Eu não diria que é estanque porque há sempre esta comunicação entre docentes, mas é uma comunicação demasiado informal e não, não me parece conseqüente.	EPI14
		Portanto, até podemos ter noção do que é trabalhado e de como é trabalhado mas não há a intencionalidade do docente x aplicar aquilo que foi, foi visto pelo grupo de trabalho, ou que já foi planificado, ou estudado, ou testado e avaliado por um grupo de trabalho que já esteve com essa problemática nas mãos.	EPI14
		Para os professores e para os alunos também foi a Gestão Curricular assente no trabalho do projeto, eu acho que foi uma grande mais-valia, porque se percebe que os ritmos de aprendizagem e os estilos de aprendizagem são muito diversos e este pode ser um caminho para satisfazer diferentes alunos com diferentes características e diferentes estilos de aprendizagem.	EPI14
		Mas eu acho que no colégio a inovação não tem só a ver com o trabalho de projeto dentro de sala de aula. Inevitavelmente as coisas contaminam-se. A minha participação, a minha experiência pessoal na participação das	EPI14

		crianças também mudou a minha forma de agir em sala de aula. Eu já trazia algumas, acho eu, algumas técnicas de participação, mas a partir do momento em que estudamos mais de perto o perfil do aluno que queremos ter a forma, o que é e o que não é a participação, o que é que inibe e facilita a participação, inevitavelmente isso tem consequências nas práticas de sala de aula. Damos-lhes mais espaço de decisão, de escuta, de negociação de coisas que até podem parecer difíceis de gerir como critérios de avaliação, instrumentos de avaliação. E eu acho que isso se vai vendo	
		sobretudo uma mudança de práticas	EPIP14
		alguns professores, na verdade, aprenderam como implementar a metodologia de projeto, e aí sim isso acontece. Portanto, houve professores, não todos, mas houve um conjunto de professores, que tendo sido convidados a implementar metodologias de projeto nas suas aulas, acabaram por o fazer, e para isso obviamente tiveram que aprender, ok? Depois passámos para, além disso, passámos, fomos convidados a implementar também metodologias ativas de aprendizagem. A metodologia de projeto é uma metodologia ativa, não é? Portanto, mas neste caso são outras metodologias ativas, alguns professores, na verdade, também mediante um conjunto de formações e, nomeadamente alguns sites de referência e algumas partilhas de materiais, etc, foram convidados e estão a implementar essas metodologias ativas.	EPIP15
		acho que depois em termos de sala de aula com esta partilha que vamos tendo, com os projetos que vamos desenvolvendo, o que eu noto é que nós próprios provavelmente ficamos mais aptos para sair da nossa zona de conforto	FGP3P1
		Acabo por aprender que é possível, que consigo	FGP3P1
		há, digamos, diferentes velocidades, por exemplo, por parte dos professores relativamente àquilo que é a apropriação da Gestão de Currículo e nos níveis de decisão que os professores devem assumir, vamos dizer assim	FGPe1Pe4
Reflexividade		sobretudo o que eu acho que é a grande diferença é a vontade de saber mais coisas, as pessoas expressam constantemente. “Não sabemos ainda sobre isto, precisamos de saber mais coisas, não sabemos ainda, temos dúvidas sobre não sei quê.” Isso é na verdade, honestamente, para mim, até é quase o mais importante, que é a pessoa perceber que ainda há ali coisas: “Ainda posso aprender isto, ainda posso aprender aquilo”	ED1
		Não me parece que neste momento seja possível retroceder ou apagar determinado tipo de conhecimentos que vamos ganhando nestas, nestas formações, nestas práticas de inovação. Penso que, no meu caso particular a área em que noto mais melhoria é na autoanálise e na parte da intencionalidade. Eu percebo muito melhor agora o que é que me queriam dizer há uns anos quando me diziam, “Mas porque é que o professor faz isto? Porque é que o professor escolhe?”	EPIP14
		Percebo melhor porque me debrucei com mais intencionalidade sobre um perfil de um aluno que eu quero construir, ou que eu quero ajudar a construir... e fui obrigada a refletir sobre que práticas é que me permitirão ajudar a construir um aluno mais autónomo, mas empático, mais cooperante. E essa parte da intencionalidade acho que é diferente, está mais madura.	EPIP14
		mas acho que nem que nós não consigamos enumerar exatamente o que é que nós estamos a mudar, dentro de nós há mudança	FGP3P5
		penso que há enormes ganhos do ponto de vista da aprendizagem dos eixos de desenvolvimento profissional nos professores, e isso nota-se não só na produção que eles são capazes de realizar em conjunto, na capacidade de trabalhar em equipa	FGPe1Pe4
		as equipas cada vez são mais alargadas, são mais, e estão mais, vou dizer assim, sintonizadas com aquilo que efetivamente é essencial, e também temos evidências daquilo que são a consciência das suas dificuldades	FGPe1Pe4
		uma das coisas claríssimas no Colégio da Paz foi identificarem, por exemplo, a dificuldade que ainda têm ao nível da avaliação pedagógica, a dificuldade de assumir a Gestão de Currículo no ensino secundário, as razões que justificam essa dificuldade em assumir essa dimensão	FGPe1Pe4
		considero que há evidências claras dos ganhos ao nível do processo de ensino, digamos, por parte dos professores, nomeadamente esta capacidade de redesenhar as estratégias de ensino, de definir ações estratégicas de ensino, e até de incorporar, por exemplo, o perfil dos alunos à saída, o perfil dos alunos	FGPe1Pe4
Impactos da inovação na aprendizagem da escola	O que se atingiu	A escola está constantemente a tentar evoluir, e mudar, e perceber onde é que pode melhorar.	ED1
		Há professores que assumem alguma responsabilidade, digamos assim, por esses, pelo que estava a dizer. Um pelas MAS, outro pelas inovações	EPIP13

		numas áreas quaisquer, que eu também não tenho noção, mas sei que, sei que sim, sei que há distribuição.	
		Nas três áreas parece-me que o investimento é igual e planificado com o mesmo grau de importância. Portanto, as três áreas são vistas como, todas com a mesma importância na inovação para o colégio.	EP1P14
		penso que se olharmos para o colégio hoje, por exemplo, em termos de participação dos alunos, é muito distinto, porque a direção já conta com um determinado tipo de participações que até aqui não existiam, e que agora lhe chegam diretamente à porta, e que são sugestões de alunos que vão a reuniões de direção, por exemplo	EP1P14
		E é verdade que a coisa tem evoluído. Tem havido projetos? Tem. Tem havido metodologias ativas? Tem. Acho é que neste espaço temporal a coisa já devia estar mais, já, a máquina já devia estar mais oleada	EP1P15
O que se consegue perspetivar		Acho que tem havido aprendizagem, e acho que a direção tem criado essas condições, na verdade, para a aprendizagem. É, volto a reforçar, existe muitas, muitos pequeninhos obstáculos que têm dificultado todo o processo. E quando eu digo dificultar o processo é torná-lo amplamente, portanto, funcional.	EP1P15
		Eu foco muito, estou a focar muito nisto e não quero estar a ser repetitivo, mas na verdade eu acho que é o cerne da questão. Que é a questão da predisposição para, e a questão da gestão de recursos, e nomeadamente esses recursos, o recurso também temporal, neste caso o tempo. Que eu acho que não está, que não está, não está a acontecer, por um conjunto de razões, pronto, se calhar não vou aqui, nem vale a pena esmiuçar.	EP1P15
		Este processo de prever melhorias nas três áreas com a respetiva avaliação também ajuda depois na orientação da função dos coordenadores e mesmo dos próprios docentes, porque isto foi comunicado à comunidade educativa... mesmo os próprios docentes, de perceberem qual é o horizonte, aonde se pretende chegar, que melhorias é que pretendemos nestas três áreas.	EP1P14
		Sim, eu acho que já é uma dinâmica que está interiorizada. Eu acho que não nos apercebemos, mas vamos interiorizando estas dinâmicas, não é? E claro que há uma mudança. Agora, se é significativa?	FGP3P5
Carácter discreto ou crescente da inovação na escola	Marginal ou discreto	Eu acho que tem vindo a marcar cada vez mais. Agora, dá a dizer que transforma, era um absurdo dizer uma coisa dessas. Eu volto a dizer, eu acho que nós evoluímos muito bem e rápido com um interesse e com as pessoas, pronto. E acho que as pessoas estão, apesar do cansaço e tudo, ainda há motivação para. Mas acho que também, tenho a sensação de que nos podemos ficar por aqui, quando na verdade provavelmente não é isto que nós queremos só	ED1
		claro que ainda é uma coisa embrionária, porque eu acho que, portanto, porque eu acho que se tem que dar tempo ao tempo, porque eu acho que os professores precisam de aprender, porque é preciso aprender	EP1P13
		Há professores, não é o meu caso, mas há professores que de há muitos anos, não é? Têm muito tempo de serviço, com outro tipo de experiência, e fazer, e fazer-se acompanhar destas novas metodologias é preciso um esforço também por parte deles. E isto não se faz do dia para a noite. Acho que é muitos anos de ensino tradicional, não é? É um bocadinho difícil, e eu por mim falo... há coisas que, estava a falar há bocadinho dos testes, eu por mim, eu por mim não fazia testes, mas depois, aliás é a parte que menos gosto de ser professora, não sei se pensa o mesmo, é avaliar	EP1P13
		Eu acho que ao nível das intenções e o projeto de melhoria em si, não, não será um projeto discreto.	EP1P14
		Na prática diária, e se calhar por causa do constrangimento que estávamos a falar, eu acho que nós não conseguimos avançar tão rapidamente quanto se gostaria. E, se calhar, talvez não fosse menos produtivo concentrarmos um tempo numa área em específico, trabalhar sobre aquela e depois avançar para a outra. Para evitar dispersar recursos e tempo em vários campos ao mesmo tempo.	EP1P14
		acho que a inovação tem vindo a crescer no colégio, dá a ser considerada uma alternativa e um substituto das aulas tradicionais, acho que ainda temos um longo caminho a percorrer	EP1P15
		Eu não sei. Não consigo ter essa perceção.	FGP3P5
Crescente ou a ganhar terreno		Nada discreto, nada marginal. Não me parece nada mesmo, mesmo. Acho que tem ganho bastante terreno e o resultado da reconfiguração do modo de fazer aprender é notório, em todos os níveis	FGPe1Pe4
		Acho que tem modificado muito a vida profissional dos docentes que lá trabalham, não tenho dúvida nenhuma	FGPe1Pe4
		a introdução da aula de Interioridade para todos é visível, vê-se no horário, está a decorrer, é visível com as dinâmicas introduzidas em pré-escolar e	FGP1Pe6

primeiro ciclo, tem visibilidade, os pais reconhecem, os professores também reconhecem	
Nas outras áreas de inovação acho que há muita visibilidade, portanto, esta questão das assembleias deste ano, ou a questão, por exemplo, uma coisa mais antiga, mas que teve também um grande impacto na questão da Associação de Estudantes, nos projetos interdisciplinares que depois aparecem na portaria, isso vê-se	FGPe1Pe6
A imagem que me vinha à cabeça era que há vários sinais exteriores, não de riqueza, vários sinais exteriores de inovação ¹ , mas também há vários sinais interiores de que esta inovação tem vindo a ganhar terreno	FGPe1Pe1

ANEXO 9 – Transcrições

[ED1 – Entrevista a Diretora]

(00.00.00)

MODERADOR: Muito boa tarde, Doutora Maria. Queria começar por informar do que é que se trata o estudo. No fundo estudar a inovação educacional no Colégio da Paz a partir daquilo que são as percepções dos, dos atores dessa inovação, alunos, professores, diretora. Portanto, venho solicitar a colaboração sendo esta entrevista um instrumento fundamental da recolha de dados. Todas as informações aqui recolhidas vão ser confidenciais, mesmo nomes e locais que possam ser referidos em contextos de investigação vão ser sempre nomes e locais fictícios. Queria pedir autorização para gravar o áudio e para citar na íntegra ou em excertos os dados recolhidos para a investigação. Esta entrevista depois de transcrita será enviada para que possa retificar e acrescentar informações...

DIRETORA: Hm, hm. Muito bem.

MODERADOR: Esta entrevista pode ser um bocadinho longa, será longa e, portanto, pode ter que se dividir em mais do que um momento.

DIRETORA: Muito bem.

MODERADOR: Ia começar por pedir aqui algumas informações que são mais de caracterização profissional e depois entraremos então em dimensões que, do estudo que fiz, me pareceram relevantes para a inovação. Pronto, esses dados são mais da experiência profissional. Qual a sua formação académica?

DIRETORA: A minha formação académica é filosofia, eu formei-me em 1984, se não estou em erro, na, em Filosofia na Universidade Católica e depois fiz mestrado em administração e organização escolar que terminei em 2010, se não estou em erro.

MODERADOR: Muito bem.

(00.02.03)

MODERADOR: Qual, qual a modalidade de profissionalização que beneficiou?

DIRETORA: Foi aquela da, que na altura havia da Universidade Aberta, profissionalização em serviço.

MODERADOR: Profissionalização em serviço.

DIRETORA: Exatamente.

MODERADOR: Há quanto tempo desempenha funções nesta, aqui no Colégio da Paz?

DIRETORA: Desde o ano letivo 96-97, portanto, 25 anos mais ou menos, sim, mais coisa menos coisa.

MODERADOR: E qual foi o seu percurso até chegar à equipa diretiva da escola?

DIRETORA: Eu entrei diretamente para a equipa diretiva da escola, trabalhava noutra escola onde era professora e também coordenadora, e surgiu este convite e eu aceitei.

MODERADOR: Muito bem. Podemos entrar então aqui em questões já mais do domínio da inovação propriamente dita, que o primeiro bloco tem que ver com o horizonte, o horizonte da inovação que está em curso. No contexto do Bússola 21, foi feito um diagnóstico interno. Houve oportunidade para ele ser debatido e foi construída uma visão partilhada sobre um futuro melhor?

DIRETORA: Nós desde muito cedo, e possivelmente também porque eu fazia parte dessa, da equipa, da equipa executiva, desde muito cedo começámos a partilhar este movimento de inovação. Até porque nós tínhamos iniciado também um movimento, eu agora chamar-lhe-ia um “movimentinho”, de inovação interno. Nós temos por hábito fazer avaliação de desempenho individual e institucional. E no final de um determinado ano letivo, que se não estou em erro, foi o ano letivo de 2018 ou 2017, agora não tenho aqui, mas por essa altura nós sentimos que toda a equipa docente exprimia um desejo muito grande de, uma inquietação relativamente àquilo que estava a acontecer em relação às aprendizagens dos alunos e em relação ao futuro. Portanto, a própria equipa, lembro perfeitamente, foi no meio, numa, aquilo que nós chamamos, chamávamos, hoje em dia nos últimos dois anos ou três não temos feito, que eram umas assembleias globais que fazíamos no final do ano letivo com todas as equipas com, mesmo com não docentes. E lembro-me que nessa, nessas, nessa assembleia as equipas exprimiram a preocupação por alguma desadequação da forma como nós trabalhávamos e como os alunos aprendiam. E nós, de forma tímida, muito certamente, de forma tímida e ainda bastante isolada, optámos por fazer, por fazer, começar a fazer mudanças na própria escola. E não existia ainda este projeto, chamemos movimento, Bússola 21. A primeira, a nossa primeira iniciativa foi a reorganização do grande tempo escolar e concretamente o pensar o ano escolar semestralmente e não trimestralmente. E associarmos a esta organização semestral também a “semestralização” de disciplinas, que mais tarde viemos a abandonar por causa da pandemia, mas isso é outra conversa, pronto. E então, nós lançamos essa primeira e pequena, que eu chamaria pequena, inovação. E nesta, simultaneamente, foi lançado o projeto Bússola 21. E, portanto, nós não quisemos perder o balanço que tínhamos internamente, mas sentimos como uma oportunidade extraordinária poder fazer esta mudança e esta inovação primeiro em rede, depois com acompanhamento de pessoas absolutamente especializadas no assunto e, portanto, para nós isso foi muito importante. A pergunta era, e isto foi partilhado, pensado internamente etc. Sim, porque no fundo foi como se nós tivéssemos apanhado um comboio regional e nos tivesse sido dada a oportunidade de entrar no Alfa Pendular com, numa estrutura completamente diferente. E, portanto, eu acho que as equipas ficaram entusiasmados verdadeiramente com isso. Como entramos no Alfa Pendular o nosso horizonte e os nossos objetivos passaram a ser os do Bússola. E, talvez também porque trabalhando na equipa executiva isso era mais fácil, nós partilhámos desde, nós partilhámos desde, pus este puzzle? Não. Nós partilhámos desde o início todo o desenrolar do processo e eu acho que isso foi também uma das razões porque o nosso primeiro ano, o 18-19, foi um ano muito muito marcante e uma experiência muito positiva para as equipas.

MODERADOR: Muito bem.

(00.07.20)

MODERADOR: Se calhar até peço nessa metáfora do comboio regional e do Alfa Pendular. Neste processo, então, que já tem alguns anos de caminhada, tem havido verificação dos valores envolvidos e uma comunicação entre os vários atores envolvidos na inovação da escola? Nesse caso através do que meios?

DIRETORA: Sim. Nós, como tivemos logo professores a participar no primeiro ano, quer na Gestão de Currículo, quer nem na Educação da Interioridade e na participação das crianças também logo desde o início, e agora aqui estou um bocadinho insegura, não tenho a certeza, na verdade descentralizamos tudo isto. Portanto, e os próprios fomos pedindo aos responsáveis destas áreas ou quem estava a participar nos processos, que fosse fazendo comunicação sucessiva e partilha com a restante equipa. Porque temos este hábito de partilhar sistematicamente aquilo que se vai fazendo. E, portanto, eu lembro de nós fazermos isso no Natal, na pausa letiva do Natal, etc. E, portanto, acho que, mas não sei se me escapou alguma coisa na pergunta.

MODERADOR: Não. Está, está bem.

DIRETORA: Pronto. Portanto, os primeiros, na verdade os primeiros entusiastas e comunicadores daquilo que estava a acontecer foram os próprios experimentadores da própria mudança. E, portanto, nós direção o que nos facilitou, não éramos, não fomos nós o motor da inovação, foram os próprios, e agora vamos continuar a usar a metáfora da ferrovia, mas foram os próprios maquinistas que estavam no comboio e que, portanto, falaram disso e não propriamente o presidente da CP ou outra coisa qualquer. Para manter a metáfora, pronto.

MODERADOR: Muito bem.

(00.09.21)

MODERADOR: Que referenciais tem alimentado internamente a inovação? Podem ser aqui referenciais criados pela rede ou mesmo referenciais internos que resultem da apropriação desses outros. O que é que no dia a dia tem, dos referenciais criados, tem alimentado a inovação?

DIRETORA: Eu, eu acho que os referenciais criados, entretanto, na Bússola, foram para nós muito importantes, não é? O perfil do aluno, o perfil do aluno, eu não sei se estás só a falar desses referenciais, mas vou falar desse e eventualmente de outros. O perfil do aluno foi um, um, foi algo muito bem vindo porque quando se iniciou o processo de inovação, aquilo que nós nos questionava sempre era: "Mas isto é para quem nos alunos?" Quer dizer porque são eles a nossa razão de ser, não é? Portanto, e isso, no fundo como o perfil surgiu de uma necessidade que a base, digamos assim, tinha, ele foi muito, muito rapidamente, não só aceite como utilizado e aplicado, não é? Portanto, é muito diferente receber-se alguma coisa da qual não se sentiu qualquer falta, que não se sabe exatamente para que serve, ou conforme se trabalha e ir-se questionando e perguntando, e etc, e, portanto, quando o referencial chega, ele vem resolver uma necessidade muito interessante. Isso em relação ao perfil do aluno. Em relação ao perfil do educador, nós não o trabalhámos praticamente. E, na verdade, ele também ainda não o sentimos como uma necessidade. Nós falámos muitas vezes dele, porque nós tínhamos um sistema de avaliação de desempenho, que não tinha nada a ver com carreiras, nem com nada, era simplesmente com vista à melhoria das aprendizagens dos alunos. E fomos falando deste perfil como algo importante e em função do qual deveríamos fazer esse trabalho. Mas o que é certo é que ainda não foi uma prioridade a sua, a sua exploração. Tenho que...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...tenho que o confessar. Depois, todos os outros referenciais das várias áreas de inovação, da Educação da Interioridade, etc, também foram muito importantes. Porque foi, foi em função, quando surgem referenciais, depois nós, as coisas são revistas em função desses, desses referenciais. E, portanto, eles foram cruciais também.

MODERADOR: Muito bem.

(00.12.02)

MODERADOR: Considera que o alcance da inovação toca em mudanças no currículo e chega à sala de aula? Nesse caso pode dar exemplos concretos?

DIRETORA: Isto é um bocadinho como o filósofo, não é? Quer dizer, quanto mais sei, mais sei que nada sei. E aqui é exatamente isso. Há aqui, eu vou exprimir um sentimento, mas que não, não é pessimista, pelo contrário, é quanto mais fazemos, quanto mais tocamos na inovação, quanto maior a facilidade de gestão do currículo, quanto mais projetos surgem, projetos interdisciplinares, etc, opções, autonomia dos grupos disciplinares, parece-nos que se abre ainda mais campos para essa possibilidade. E parece-nos que, que nós estamos ainda muito longe daquilo que é todo o potencial existente, ou seja, no início ficamos satisfeitiíssimos com dois projetos, que tocaram duas turmas de alunos, e ficamos maravilhados, e agora achamos que é uma, um grau quase zero ou mínimo haver um projeto para cada grupo, em cada semestre, já nos parece pouco e parece que falta muito para realmente mudar significativa e verdadeiramente as coisas. Portanto, tem que ser a nossa persistência e capacidade de avaliação para perceber que estamos a mudar. Porque eu acho que mudamos um bocadinho, sim, e estamos muito contentes, não quero, não é nenhuma visão pessimista, mas também agora sabemos que ainda falta muito e que a satisfação dos primeiros anos era mesmo a satisfação do ignorante não é? Mas pronto, mas era o que era.

MODERADOR: Muito bem.

(00.13.52)

MODERADOR: Para fecharmos este, este bloco, considera então que existe uma procura do colégio, dos seus profissionais, que existe um impacto destas medidas inovadoras no aluno? Portanto, o trabalho é feito com este...

DIRETORA: Sim, aliás, é só quase pelo aluno. Ou melhor, nos, considerando os últimos dois anos que são anos muito, tem sido anos muito difíceis para os professores e para toda a estrutura educativa, é mesmo pelo impacto que isto tem nos alunos que as pessoas persistem, não desistem e pensam em novos, em novos projetos, ou em saber mais sobre a Interioridade, ou em alimentar a participação dos alunos. Por exemplo, a participação dos alunos muito concretamente, foi talvez a área que mais se autoalimentou dentro do colégio. Quer dizer, foi ao constatar o entusiasmo, a capacidade que os miúdos tinham para intervir, para participar, para expor, para tudo, que, que, que mais motivou a própria, a própria participação. Portanto, ora, nós queremos acreditar que este entusiasmo, esta participação deles é benéfica para eles. Claro, não é?

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: Pronto.

(00.15.18)

MODERADOR: Entrando agora no, num outro grupo, num outro, num outro domínio, tem que ver com a colaboração das equipas docentes, não é? O trabalho colaborativo. Que metas e objetivos persegue o trabalho em equipa?

DIRETORA: Eu vou...

MODERADOR: Pode ser mais fácil eventualmente olhar por área de inovação. Mas...

DIRETORA: Eu não sei o que é que nos espera no futuro, claro, evidentemente, em todo este movimento de inovação. O trabalho colaborativo é, até agora, a área, e estou a incluir a pandemia nisto tudo, é a área mais difícil de todas numa escola. Não é em todos os níveis de ensino. Curiosamente, o trabalho colaborativo no pré escolar e no primeiro ciclo é algo que existe, se calhar porque existe há muitos anos no colégio e provavelmente noutros sítios, falo só do colégio, é bastante mais fácil, apesar de tudo, mas sei muito muito muito difícil e eu até acho que sou uma otimista. Mas é um, é, e esta dificuldade é um paradoxo porque no discurso dos professores, na racionalidade das pessoas, etc, está sempre, tem estado sempre, pelo menos nos últimos anos, aquela ideia de que não temos tempo para trabalhar juntos, não temos, não há meios para trabalhar juntos, queremos trabalhar juntos, eu não tenho hipótese. E depois quando nós até criamos as condições para isso, o trabalho colaborativo é visto, e eu acho que isto é mesmo um paradoxo, não racional, irracional, é visto como uma retirada da autonomia dos professores e como uma interferência na capacidade de, na possibilidade de controlo que as pessoas têm sobre o seu trabalho. Portanto, quando nós este ano estruturámos um trabalho colaborativo, eu acho que muitas pessoas sentiram isso como um "ataque". Não vou exagerar, mas como um atentado à sua autonomia e sobretudo uma grande perda de controlo, porque o professor controla e provavelmente, de todas as profissões, aquele que controla tudo desde o princípio até o fim e pode fazê-lo absolutamente sozinho, durante anos. Portanto, ele planifica as suas aulas. Ou melhor, é possível isto acontecer. Se planificar sozinho, dar as aulas sozinho, avaliar os alunos sozinho, entender-se com os pais, a direção, os colegas, etc, sempre sozinho. E, portanto, quando, de repente, se lhe é atribuído e ele tem que realizar, e tem que passar a trabalhar de uma forma diferente, isso é sentido um bocadinho como uma, como uma ameaça.

Também gostava de dizer que, e concretamente aqui no colégio e neste trabalho das equipas, nós cometemos alguns erros que não foram favoráveis ao estabelecimento deste trabalho colaborativo. Portanto, eu agora não sei aqui de cor, mas sei lá falamos, eu vou dar um, que é o que eu acho que foi mais evidente, nós falámos do trabalho colaborativo como se isso fosse completamente inexistente e isso não era uma verdade. Portanto, a nossa comunicação sobre o trabalho colaborativo, a comunicação sobre aquilo que deveria ser o trabalho coletivo, partindo do pressuposto que ele era completamente inexistente, e ele talvez também não fosse completamente inexistente. Portanto, isso cria nas pessoas a sensação de que é preciso deitar ao lixo o que se fazia até agora e recomeçar tudo de novo. Quando na verdade não é preciso deitar ao lixo tudo o que se fazia até agora e recomeçar de novo. E tempo, nós temos elencadas, tenho elencada a lista de todos os erros que fizemos em relação a isto, para, não sei, mandar para alguém por email que é para não fazerem o mesmo, pronto. Mas eu acho que, de qualquer das maneiras, acho que o conceito fica, portanto, a ideia é que é preciso trabalharmos uns com os outros para, para benefício do aluno. Acho que é uma coisa que vai demorar um bocadinho até ser uma prática em que não, em que o controlo e autonomia dos professores, que eles sentiram que perderam com esta institucionalização do trabalho colaborativo, eles sintam que a reganharam e que isso está lá. Mas eu acho que ainda vai demorar um bocadinho.

(00.20.06)

MODERADOR: *Quais são os principais conteúdos das reuniões de trabalho em equipa? Nestas reuniões e como é que elas são definidas, quem e como, elas são definidas?*

DIRETORA: Nós temos aqui, se calhar, vê-los um bocadinho diferentes. No pré escolar as equipas sempre reuniram quinzenalmente e, portanto, fazem nessas reuniões tudo aquilo que é necessário. Desde os assuntos mais triviais até assuntos que se revelaram importantes ao longo do tempo. Eu lembro-me que a última vez que houve assim uma questão importante disse respeito à planificação das atividades em contexto de sala de aula. E foi feito um trabalho muito interessante pela equipa do pré escolar com a supervisora de estágio da altura, que era a professora Paula Pequito, e a equipa esteve a trabalhar nisso. Portanto, vamos dizer que foi uma necessidade, esse trabalho resultou da necessidade da equipa e a equipa estruturou o trabalho de acordo com essa necessidade. No caso do primeiro ciclo até o ensino secundário, no primeiro ciclo há aspetos que são comuns aos restantes professores. E depois também há trabalho, há também planificação do próprio trabalho de equipa da responsabilidade das professoras e da coordenadora. Onde o trabalho foi mais, chamemos-lhe assim, despersonalizado foi, e neste arranque na nossa perspetiva, porque achamos que teria que ser assim, embora eu ache que não possa ser esse o último passo, foi no segundo ciclo e secundário. Portanto, o que nós fizemos foi planificar o trabalho colaborativo de acordo com aquilo que tínhamos visto com coordenadores que seria importante fazer. Reuniões por grupos disciplinares para, para, lembro-me da integração de aprendizagens essenciais, reuniões por grupos, participantes em projetos para planificação dos projetos, reuniões por grupos disciplinares para integração das MAS no contexto de sala de aula. Portanto, o que nós fizemos foi um cronograma com esta planificação e com, aquilo, e a forma como queríamos que as equipas, como achávamos que as equipas deveriam reunir e com finalidade. Portanto, isso ficou tudo muito claro num cronograma, o quem, o quê, para quê e quando. Está tudo estabelecido. Agora em janeiro fizemos com os coordenadores uma avaliação. E os coordenadores consideraram que a principal dificuldade do momento no trabalho colaborativo era a questão de nele estar em várias frentes. Ou seja, os professores que estão ainda em situação de muita tensão por causa da pandemia também estavam ao mesmo tempo a pensar em metodologias de aprendizagem significativa, em projetos interdisciplinares, em desenho universal de aprendizagem e, portanto, estes várias frentes criavam um cansaço muito grande e, portanto, daí que tivéssemos revisto, quer o nosso PADePE, quer o nosso cronograma do trabalho colaborativo, em função da avaliação que foi feita em contexto, pronto.

MODERADOR: *Então estas reuniões de trabalho em equipa têm alguém que as coordena, que está lá? Ou, ou o cronograma, ou a ordem de trabalho chega à equipa e equipa...?*

DIRETORA: Aquilo, o que está lá é quando, quem, o quê, e depois o produto, chamemos-lhe assim...

MODERADOR: *Hm, hm.*

DIRETORA: ...se há um produto, a quem é que ele deve ser...

MODERADOR: *Hm, hm.*

DIRETORA: ...para quem é que ele deve ser remetido. Sei lá, para o coordenador dos projetos interdisciplinares, ou para o coordenador da participação das crianças. Pronto, por acaso acho que não havia nada, mas pronto. Portanto, não está, há uma colegialidade total na equipa.

MODERADOR: *Hm, hm.*

DIRETORA: Não há um responsável propriamente da equipa.

MODERADOR: *Muito bem.*

(00.24.27)

PM: *Então, que modalidades e formatos adota esta colaboração?*

DIRETORA: Portanto, as pessoas podem...

MODERADOR: *Se calhar até pode ajudar se entrar mais do segundo ciclo ao secundário. Pensando no segundo ciclo...*

DIRETORA: Sim.

MODERADOR: *...terceiro ciclo ao secundário.*

DIRETORA: Portanto, à equipa, as equipas podem ser, e se calhar é isso que é, as equipas podem ser os grupos disciplinares. Portanto, a pessoas, trabalham colaborativamente em grupo disciplinar, trabalham colaborativamente em conselho de turma para questões relacionadas com os alunos, etc, trabalham colaborativamente, ou trabalham a equipa toda, por exemplo, nos encontros intercentros para manter a ligação com a rede, que para nós foi sempre um aspeto muito importante.

MODERADOR: *Hm, hm.*

(00.25.22)

MODERADOR: *Pois, a pergunta que vem a seguir pode ajudar um bocadinho aqui a pensar nesta anterior. Se existem variações na colaboração docente segundo áreas de inovação, segundo níveis e segundo os departamentos? Ou se há um modelo mais ou menos transversal a todas elas e não haverá grandes variações?*

DIRETORA: Eu acho que os departamentos sim. Nós não somos departamentos, chamamos de grupos disciplinares. Temos funcionado assim, portanto, há essa forma de funcionamento, não é? Portanto, os grupos disciplinares são uma modalidade por níveis de ensino. Agora, por exemplo, fizemos uma discriminação, por exemplo, para o referencial da Educação da Interioridade. Portanto, os professores estiveram numa coisa...

MODERADOR: *(Toca o telemóvel.) Peço desculpa.*

DIRETORA: Nada, nada, vê se queres atender e fazer pausa.

MODERADOR: *Não, não. Posso...*

DIRETORA: Fizemos também, sim basicamente, mas eu acho que é essencialmente... No fundo é conselho de turma, grupo disciplinar e depois outros grupos que estejam, que acabam por, como, como toda a gente, como praticamente todos participam em projetos interdisciplinares e na Educação da Interioridade, se tem sentido que é importante toda a gente ter essa formação, acabam por ter estado também nesses...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: nesses momentos comuns da rede.

(00.26.56)

MODERADOR: Eles acontecem todos com a mesma periodicidade? Ou...

DIRETORA: Em todas...

MODERADOR: ...não existem, imagino que não existam conselhos de turma semanais, não é?

DIRETORA: Não, não, não. Não, eles, portanto, o trabalho colaborativo é à quarta feira à tarde, das quatro e meia às seis, e a meio, eu distinguiria, o primeiro trimestre teve uma organização e este segundo trimestre, como há vários encontros intercentros e nós queremos muito, queremos muito porque sentimos que isso pode ser um perigo de estarmos a trabalhar com uma forma diferente do resto dos colégios, que é não tendo oficinas. Portanto, para evitar o perigo de nos dissociarmos da rede, quisemos que todos participassem nos encontros de Educação da Interioridade, ou de Gestão de Currículo que tenha existido, pronto. Porque os outros são especificamente mesmo para a participação das crianças e não estamos a falar de temas em geral. E, portanto, temos feito, são todos sempre à quarta feira. No primeiro trimestre nós tivemos talvez a primeira, as primeiras, os primeiros tempos foram para, para determinar os elementos dos projetos interdisciplinares, depois ainda tivemos um tempo também para as metodologias de aprendizagem significativa, portanto, terá sido grupos associados para projetos, com grupos disciplinares, e depois talvez mais no final e mesmo para preparação dos conselhos de turma, por conselho de turma.

MODERADOR: Muito obrigado.

(00.28.40)

MODERADOR: Então e quais é que são as principais vantagens da colaboração percebidas pelos professores? O que é que os professores, que perceções é que eles têm quanto às vantagens da colaboração?

DIRETORA: Aquilo que nos tem dito é que finalmente não precisam de trabalhar somando partes, mas podem ver em conjunto aquilo que é importante em projetos, etc. Ou sobretudo em projetos que estejam a desenvolver. Outro aspeto muito importante é o trabalho do grupo disciplinar. Quer para as metodologias e, portanto, as pessoas consideram positivo que isso possa ser feito em grupo disciplinar também. Pronto, claro que volto a dizer. Eu acho que as pessoas reconhecem que isso, que tem vantagens, mas ao mesmo tempo põem num prato da balança que, e eu não sei se pesa mais ou pesa menos, mas isso só perguntando aos próprios, às vezes tenho medo que pese mais, o facto de serem várias frentes, portanto, aquilo que nos parecia diverso... Ok, três quartas feiras para ver projetos em grupos de projetos, três quartas feiras em grupos disciplinares para ver as metodologias, três, estou a inventar, três quartas feiras para ver não sei quê, aos professores, eles veem o benefício disto, mas ao mesmo tempo sentem, ou têm a perceção de que estão em muitas frentes. E isso é desgastante e inquietante também. Pronto e, portanto, é a desvantagem da vantagem.

MODERADOR: Hm, hm.

(00.30.38)

MODERADOR: Ligado, ligado talvez a isto também, que modificações ocorreram nos professores ao nível das suas representações pessoais, dos seus gestos profissionais, no que concerne à colaboração docente? Se é possível perceber como é que era no princípio do Bússola 21 e como é que agora, com alguns exemplos. Como é que evoluiu as representações das pessoas a este nível da colaboração? Se calhar já fomos aqui falando de algumas coisas.

DIRETORA: Sim. Mas, mas eu acho, eu acho, eu quando estava a ver, quando comecei a ver os guiões, não estou a dizer que estejam nenhuma perfeição não é? Mas quando comecei a ver os guiões, as matrizes e os critérios de avaliação de projetos interdisciplinares, pensei: “Caramba, isto era completamente impossível há seis anos atrás. Completamente impossível.” Portanto, as pessoas, haveria professores que fariam o seu, o seu guião, a sua coisa, para o seu projeto, da sua disciplina maravilhosamente, todos até fariam maravilhosamente. Em conjunto, colaborativamente, não sei. Tenho muitas dúvidas que isso fosse possível. O facto de terem estado em oficinas, terem feito, terem aprendido em conjunto, acho que também foi de facto muito importante. E nós, e agora há coisas que se valorizam e que ninguém, acho eu que não se põe a hipótese de voltar para trás. Apesar do cansaço, apesar da pandemia, apesar dos erros que tenhamos feito ao longo do processo, eu acho que isso está, está claro para, para todos. Mas podes só repetir a pergunta porque eu acho que não falei de tudo.

MODERADOR: Claro. Que modificações ocorreram ao nível das representações pessoais e dos gestos profissionais dos professores, no que concerne à colaboração docente? Se se podia ver uma diferença entre o início do Bússola 21 e agora?

DIRETORA: Eu acho, eu acho que, vou dar assim um exemplo. Eu acho que era possível antes do Bússola 21 que um professor me viesse dizer: “Eu já fiz isto. Não me consigo encontrar com não sei quantos, não sei se ele pensa assim, não faço ideia se ele acharia bem.” Portanto, no fundo vamos, talvez que a direção e os coordenadores tivessem, tivessem que ser intermediários da colaboração. E agora eu acho que isso está fora de questão. O primeiro, o primeiro grande sinal que nós tivemos foi numa área que até não tem diretamente a ver com a Bússola 21, mas que eu acho que só foi possível graças a esse, ao trabalho que se foi desenvolvendo. Que foi não no verão de 2021, mas no verão de 2020, mês de julho de 2020. Como habitualmente, foi dado aos grupos disciplinares a possibilidade de reverem os seus critérios de avaliação e foi-lhes pedido, aquilo que está previsto legalmente, que é que esses critérios fossem pensados em função das aprendizagens essenciais. E aquilo que se verificou foi que em termos dos grupos disciplinares houve um trabalho excelente. Eu não estou a dizer se o produto é excelente, é uma outra coisa muito diferente, mas em termos de trabalho colaborativo a dinâmica que se criou em praticamente todos. Claro que mais nuns grupos que noutros, isso é eterno, não é? A dinâmica que se criou, a investigação que fizeram, o espírito crítico, as tomadas de decisões, nunca houve qualquer, não foi necessário, a não ser num caso muito específico, numa coisa muito, nunca foi necessário estabelecer pontes. Como é que se diz? Orientar pessoas desavindas que era uma coisa bastante frequente, frequente. Portanto, as pessoas, e eu acho que criaram um enorme gosto nesse tipo, nesse tipo de trabalho, mesmo. E ele ultrapassou em tudo aquilo que tinha sido pedido e eu acho que as pessoas criaram muito gosto nisso. O que é que me mostra que, portanto, se calhar a forma como nos estruturamos agora, provavelmente ainda sem alternativas, o trabalho colaborativo não pode ficar no modelo que temos neste momento. E mostra-me também que as pessoas se calhar estão mais cansadas ou que eventualmente nós exageramos nas frentes de trabalho pedidas aos professores. Portanto se calhar, nós próprias, direção, entusiasmadas com esta capacidade de trabalho colaborativo, achamos que as pessoas poderiam simultaneamente pensar em metodologias, em projetos, em mudar critérios, em fazer não sei o quê, quando na verdade isso calhar é um exagero.

MODERADOR: Muito obrigado.

(00.36.05)

MODERADOR: Então esse trabalho colaborativo é ainda marginal no quotidiano escolar ou tem vindo a ganhar preponderância?

DIRETORA: Tem vindo a ganhar. Mas não é, não é, eu também não sei como é que é. Aliás, gostava depois, ainda não estudei, se gosto devia estudar, não sei como é que será o trabalho colaborativo completo, extraordinário numa instituição, percebe? Mas acho que tenho a certeza que o que nós fazemos é ainda incipiente, embora tenha vindo a melhorar sem dúvida nenhuma.

MODERADOR: Muito bem.

(00.36.36)

MODERADOR: Então quais são os obstáculos que ainda permanecem, ao nível, pode-se, ao nível dos professores, ao nível de organização, ao nível da capacitação permanente?

DIRETORA: Eu acho que ao nível da nossa organização, nós encontramos. Portanto, fixámos um dia e horas para isso que era aparentemente aquilo que faltava. Depois, eu acho que falta, muito honestamente, prática. É praticar, praticar, praticar, pronto. Portanto, só trabalhando colaborativamente é que se percebe o que é que não é trabalho colaborativo e o que é que é. Portanto, em vez disto, o trabalho colaborativo vem “top down”, que é sempre uma forma arriscada de fazer as coisas. E eu acho que cada vez mais o “top” tem que ir desaparecendo e tem que ser o “down” a estruturar-se e a aprender a fazer isto. Porque é que eu acho que não havia, era inevitável ser “top down” e porque é que acho que vai ainda demorar um bocadinho, não sei quanto? Porque também há professores que, para quem, e eu compreendo, compreendo ponho-me no lugar deles, para quem a sensação de eficácia e de controlo do seu trabalho, etc e tal, que acham um semi desperdício estar a fazer coisas, algumas coisas em conjunto. Portanto, ainda têm uma visão, como é que se diz? Industrializada das tomadas de decisões, não é? Que os alunos às vezes ainda têm, não é? Portanto: “Tu ficas com esta parte, ficas com esta, depois juntamos tudo e daqui sai o trabalho colaborativo.” Na verdade isso não é trabalho colaborativo. E, portanto, eu acho que tem que se, é um pouco como com os projetos e os alunos, também nem eles, nem sempre têm paciência para trabalhar em grupo, mas depois reconhecem as vantagens. Mas também é verdade que o trabalho em grupo tem que ser de tal maneira planificado para que as pessoas realmente reconheçam as vantagens, se não, não tem nenhuma. Pronto e, portanto, e eu acho que vai ter que ser do, vamos ter que continuar a forçar, é o termo certo, o trabalho colaborativo, mas ao mesmo tempo, e muito em cima também, perceber pequenos, que a autonomia tem que estar lá e o controlo que as pessoas fazem do seu próprio trabalho é muito importante. E, portanto, irmos desaparecendo para ficar só o trabalho colaborativo auto-organizado.

(00.39.20)

MODERADOR: O plano de desenvolvimento profissional da escola é, aqui a questão é se ele é concretizado em que contexto, portanto, se tem, se tem que ver com a inovação que está em curso, com esta mudança e melhoria organizacional. Por um lado isto, se ele é feito assim, ou se o plano de desenvolvimento não está necessariamente ligado àquilo que é o trabalho de inovação dos docentes, e se os professores também participam na definição deste plano?

DIRETORA: Os professores não participaram e também claro, voltamos ao “top down”. E o objetivo, quer dizer não participaram, muitos dos elementos que lá estão resultam da manifestação, das necessidades que os professores referem ter. Vou voltar aqui, uma coisa que é um, tem sido um clássico, que é a questão da avaliação dos alunos ainda não está bem, ainda não sabemos bem. E isso foi um questionamento que eu acho que não só resulta, porque há aprendizagens essenciais e porque, mas resulta também muito, sobretudo da Gestão de Currículo. Portanto, a Gestão de Currículo lançou um incêndio, no bom sentido da palavra, relativamente a esta questão da avaliação dos alunos. E, portanto, claro que depois o incêndio, e bem, alastra e toca tudo. Não é só a questão dos projetos, mas é a de toda a aprendizagem dos alunos. O que andamos a fazer, não é? Pronto. Portanto, essa dimensão, certo. Depois, o desenho universal de aprendizagem, por exemplo, também está no nosso PADePE, também resulta desta necessidade que os professores sentem de terem que tomar, de saberem que têm que tomar decisões e de acharem que ainda precisam de formação e de capacitação para esta tomada de decisões. Isto está tudo na Bússola? Não está. Mas isto tem a ver com a aprendizagem e formação dos alunos, portanto, também não podemos pensar que o PADePE... O PADePE tem a ver com o plano de ação, portanto, pega no plano de ação e diz se nós queremos isto, então vamos formar aqui, mas também tem a ver com aquilo que, que vai surgindo na escola e na formação dos alunos e que é um requisito. Aliás, e eu até acho, e cada vez mais, que um plano de ação deveria continuar a contemplar as áreas específicas de inovação que foram definidas, mas também todas as áreas que resultaram da contaminação ou da desmultiplicação, não sei se esta palavra existe, dessas áreas, percebe? Portanto, a Gestão de Currículo, ok, no plano de ação temos isto. Mas isto levantou uma data de questões relacionadas e, portanto, o plano de ação... Devia desaparecer o plano de ação do Bússola 21, entendes? Devia ser, acho eu, o plano de ação é o plano de ação da escola, onde estão essas áreas, e mais as outras todas que saltaram e que vão fazer parte da inovação, porque são contagiadas das outras áreas.

(00.42.33)

MODERADOR: Por fim, para fecharmos, embora possamos sempre voltar aqui, mas para fecharmos este domínio, a pergunta é, que incidência então tem a colaboração docente na aprendizagem dos professores e na melhoria escolar? A pergunta pode ser difícil porque apela a uma quantificação, mas se é possível dizer que, que existe uma incidência...?

DIRETORA: Eu acho que existe. Não me peças quantificação. E vou voltar outra vez ao só sei que nada sei. Eu acho que os grupos e os professores são cada vez mais capacitados, não, eles...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...que sabem, sabem, quer dizer não é só saber, são capazes cada vez mais disto, de, de tomar decisões, esta é a parte mais difícil...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...a tomar decisões sobre o currículo é muito difícil. Faço, isto é um parênteses, porque é que é muito difícil? Porque é uma tomada de decisão sobre a vida dos alunos, e eu acho que é o que eles sentem. E, portanto, ok, e eu vou libertar este aluno disto, mas aí meu Deus se ele vai ser preciso. Portanto, é como o pai que opta que o seu filho seja, como é que se diz? Vegetariano, e que fica sempre a matutar se um bom bife de vez em quando não lhe faria bem.

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: Não é? Pronto. E aqui é um bocadinho a mesma coisa. E aí o trabalho, eu acho que aí o trabalho colaborativo vai ser valorizado, porque essas decisões vão passar todas para, para o grupo disciplinar e depois para um conselho de turma. Portanto, nessa altura...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...as pessoas vão valorizar, porque vão sentir que alguém assume a responsabilidade com elas. Pronto, mas isto era um parênteses, desculpa. E então, se essa incidência, eu acho que existe, quantitativa não sou capaz, voltando outra vez, eu só sei que nada sei, portanto, eu acho que a capacitação é cada vez maior, mas miraculosamente as dúvidas também são sempre cada vez mais, e porque as pessoas são muito exigentes no bom sentido. Portanto, quando esclarecem três dúvidas, surgem dez e depois esclarecem as dez, e então questionam mais dez, e eu acho que isso é uma característica de, sem querer ser muito presunçosa, de 80% dos professores no colégio, 85 vá lá. Que é, mas então se isto é assim, agora tenho aqui outra dúvida, que é então e se eu quisesse fazer ainda melhor e fizesse não sei quê? Percebe? Pronto.

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: E isso acho que acontece, mas não me peçam números, os 85% dos professores é, já é uma estimativa.

MODERADOR: Muito bem.

(00.45.27)

MODERADOR: Passamos agora para outro domínio que tem a ver com a liderança, com a liderança. E aqui a liderança, embora depois em função, em cada questão vou especificando...

DIRETORA: Claro.

MODERADOR: ...mas começávamos por pensar aqui a liderança escolar entendida numa perspetiva distribuída, que compreende a diretora, a equipa de inovação pedagógica, e os líderes, e os líderes intermédios. Podem ser os coordenadores dos grupos disciplinares, os coordenadores de ciclo. Se esta liderança escolar de topo e intermédia, que se tem promovido a construção de uma visão partilhada sobre a inovação que vai sendo feita? E como é que essa construção se tem concretizado?

DIRETORA: Eu acho que, a Bússola. As pessoas veem a Bússola como o verdadeiro motor da inovação e veem os participantes como verdadeiros motores da inovação. Também às vezes atribuem à Bússola coisas que não são nada para atribuir, portanto: “Ai, se calhar estamos aqui com isto na Bússola e...” Portanto, a Bússola também, como normalmente acontece nestas coisas, tem as costas largas para bem e para mal, às vezes não, para, normalmente para mal, não é? Portanto: “Ai, estamos aqui com a Bússola, ainda não planificámos. O que é que vamos fazer no Dia Mundial da Música?” Percebes?

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: Pronto. Portanto, no fundo é, estamos a querer mudar o mundo todo e estamos-nos a esquecer da atividade de segunda feira. E é compreensível, tem essa, tem essa... E eu acho que o papel destas, dos, dos intervenientes nos projetos, portanto, essas lideranças, os líderes dos projetos, os líderes responsáveis pelos projetos de participação, de, no caso a Interioridade, dos participantes da Gestão de Currículo, e esta liderança partilhada, esta contaminação foi muito importante e é muito importante, sem dúvida. Pronto, claro que às vezes os próprios líderes identificam coisas que não estão bem, lá está, e que, portanto, eles também partilham essa, essa dificuldade. Mas...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...mas não sei.

MODERADOR: Muito bem. Focando, focando...

DIRETORA: Acho que ainda, ainda podemos distribuir mais. Aliás, fizemos um plano para isso. Porque no início, e depois com o início do Covid, quisemos focar tudo sempre nas mesmas pessoas e começámos a tentar espalhar e envolver o mais possível, pronto.

MODERADOR: Hm, hm.

(00.48.04)

MODERADOR: No âmbito da inovação, não é? Que está em curso, que expectativas e objetivos foram definidos pelas lideranças, por área da inovação? Se foram definidos...

DIRETORA: Foram.

MODERADOR: ...e que objetivos foram então definidos, por, por área de inovação?

DIRETORA: Portanto, estes objetivos só estão no plano de ação e eles foram definidos pelos coordenadores ou responsáveis das oficinas no início e pelos coordenadores atualmente. Foram definidos em conjunto e são monitorizados sistematicamente pelos próprios. Portanto, nós definimos para a Educação da Interioridade, lá está, faço aqui outro parênteses, a Educação da Interioridade fazia parte daquele nosso, do comboio regional...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...eu lembrei-me só da semestralidade, que não é sequer uma grande inovação pedagógica, era mesmo o comboio regional. Mas no comboio regional estava a Educação da Interioridade e, portanto, quando ela surgiu na Bússola nós já tínhamos iniciado, e felizmente pudemos apanhar o Alfa Pendular, porque também iniciámos de uma forma muito experimental e isso foi uma grande ajuda, fim de parênteses. Pronto. Mas, portanto, estes objetivos foram, foram definidos, e foram sendo cumpridos então no plano de ação, e foram sendo, foram sendo cumpridos. Claro que nós atingimos os objetivos e agora parece que, pelo menos em algumas áreas, e agora parece que estamos, não sei, mas deve ser problema meu, não é, eu acho que não é dos professores, pronto. Portanto, temos projetos disciplinares para todos os anos de escolaridade, para os semestres, para não sei quê, tra, ra, ra, ra. Pronto, e agora, e eles até não são os mesmos, apesar de termos dito que podem ser aproveitados, etc, pronto. E agora parece que falta, falta um passo para a frente. Mas eu acho que me falta a mim, não lhes falta a eles e, portanto, vou ser calculista.

MODERADOR: Muito bem.

(00.50.06)

MODERADOR: Que fatores é que permitem assegurar a qualidade dos processos, em particular do ensino que decorre da inovação educacional? Quais são os fatores que permitem assegurar a qualidade do ensino ligado a estes processos?

DIRETORA: Eu acho que os fatores são. Os, aquilo que é implementado na verdade já foi, foi objeto de reflexão prévia, não é cá no colégio, portanto, tudo aquilo que as pessoas que participam fazem, ou quase tudo, foi objeto de utilização de instrumentos de reflexões, etc, previamente feitos por especialistas, portanto, sem dúvida, e também serem validados pelos mesmos. Portanto, como é que eu garanto que o projeto x de facto faz aprender os alunos naquele, naquela área das aprendizagens essenciais? Eu acho que é porque os, o projeto tem os instrumentos pensados, foi validado, resultou de discussão com o responsável interno, e do responsável interno com o responsável nacional, e, em princípio estará validado, pronto. Agora...

(00.51.47)

MODERADOR: Agora olhando para a liderança mais centrada na diretora. E aqui é uma pergunta, esta é muito simples, é se a diretora se envolve como participante com os professores nos processos de formação e nas dinâmicas das equipas de inovação?

DIRETORA: Eu...

MODERADOR: Ou seja, naquelas dinâmicas que são de formação/inovação, portanto, formação ligada à inovação, se a diretora participa como, portanto, se participa com os professores que estão envolvidos, não é?

DIRETORA: Eu acho que sim. Acho que sim. Acho que isso foi muito claro no início e acho que o facto de, sei lá, o meu entusiasmo, a escolha das pessoas, a promoção que foi feita, os meios postos à disposição, etc, etc, acho que isso aconteceu. Acho que no momento, quando começámos a generalizar, a impregnar aquilo, no fundo a tornar quase do dia a dia, tudo isso... Até porque passou a ser muito mais vasto, não é? Quer dizer uma coisa foram os dois primeiros projetos, foi a primeira tutoria da Associação de Estudantes, foi as primeiras, foram as primeiras sessões de Educação de Interioridade, houve um grande envolvimento, e depois, porque isso entrou e porque se generalizou, talvez tenha havido menos. E eu acho que isso não teria problema nenhum, aliás eu até acho que o objetivo de qualquer diretor é preparar a sua saída seja lá do que for, não é? Portanto, ele é que vai, depois sai, quer dizer, é “montar as coisas” com as pessoas de maneira a que ele não seja preciso para nada. De qualquer das formas, eu acho que se eu colocar agora aqui a pandemia, acho que poderia ter, poderia ter havido, ou eu deveria ter-me apercebido talvez mais e melhor, ter acompanhado mais e melhor este esforço mais recente. Ou seja, eu acho que é essencialmente por causa da pandemia, talvez possam dizer que não, mas pronto. Mas no fundo é, como, na verdade as pessoas somaram dois esforços e isso, desculpa achei que era... E isso, somaram dois esforços, e sempre que essas coisas acontecem as lideranças deviam estar lá lado a lado. Não sei se eu estou a conseguir explicar o que eu queria dizer. Se não tivesse havido Covid nenhum e nós estivéssemos todos a trabalhar “normalissimamente”, eu teria cumprido aquilo que era suposto, ou seja, os líderes intermédios, as próprias pessoas, etc. Como na verdade isto está associado a uma situação anómala, a presença, o acompanhamento, a deteção de situações difíceis, o congratular do esforço, etc, acho que eu poderia ter agido, tenho aqui espaço para melhoria, vou pôr assim.

(00.55.30)

MODERADOR: Como, de que formas a diretora facilita a participação docente nos processos de inovação/formação? Como é que a diretora facilita esta, esta participação docente?

DIRETORA: Eu acho que...

MODERADOR: A diretora e a direção.

DIRETORA: Direção, sim. É que eu também, é isso que estava, é isso que estava a dizer.

MODERADOR: A diretora e a direção.

DIRETORA: Eu estava a dizer: “A diretora, ninguém me chama a diretora.” Mas pronto, mas eu acho que nós somos muito recetivas, todas a isto, todas. A Margarida, quer dizer, qualquer coisa que uma pessoa diga, que um professor sugira, nem que seja, só se for um disparate do tamanho de uma casa, e não há ninguém aqui que eu me lembre nos últimos cinco anos que o tenha feito, nós estamos habituadas a aproveitar tudo aquilo que nos é sugerido. Das coisas, aquilo que nos é proposto. Portanto, todos os professores sabem que podem entrar e propor logo um aspeto de inovação, que sendo que eu acho que, e não foi sempre assim, e concretamente comigo, sendo que eu acho que as pessoas percebem que nós gostamos disso, e não foi sempre assim. Portanto, quando, eu lembro-me dos primeiros tempos que trabalhava cá, até porque a situação era muito difícil aqui no colégio no início, por razões várias, não interessa agora, cada coisa que era dita como proposta de melhoria era uma facada na, enfim, e agora isso é quase uma espécie de adrenalina. Nem sei bem explicar, eu sei não sei se isto vai parecer bem, mas o mail que o pai manda, e que tem lá no meio uma proposta de melhoria que é possível fazer, é uma coisa extraordinária. E isto aplica-se também para os professores. O professor que entra e diz: “Tive uma ideia que é fazer isto desta forma.” Mudar o procedimento, um processo de inovação, etc, aquilo transforma-se num desafio. Às vezes não é possível implementar por razões variadas, mas é, os professores brincavam, a partir de certa altura brincavam comigo com os meus papelinhos, hoje em dia é um disparate e eu não faço assim, claro. Que era, cada vez que surgia uma coisa para fazer de forma inovadora no ano letivo seguinte, eu tinha, eu rabiscava um “papeleto” que metia numa coisa e tinha, tenho ainda sempre e temos todas, uma pasta com, que diz assim, aproximando acho que é assim: “Julho”, temos uma pasta para julho e uma pasta para o próximo ano letivo, que é todas as pequenas coisas de melhoria e de inovação que podem ser feitas. E isto é aproveitar, aquilo tudo tem uma assinatura, isto foi o não sei quantos que disse, isto foi o não sei quantos que disse, isto foi um pai, foi uma mãe, e tal, pronto. Agora isto, estamos a falar de pequenas coisas, não estamos a falar de movimentos de inovação. Acho que o trabalho da direção depois é a partir disto tudo. Ter pensamento e planeamento e depois devolver isso tudo outra vez para as pessoas para ser testado e para que elas possam repensar aquilo. Mas isto também é nas pequenas e nas grandes coisas. Portanto, nós recolhemos, e é assim que funcionamos, recolhemos tudo e em direção pensamos uma coisa. Nós reunimo-nos semanalmente. E depois, geralmente, eu fico encarregue de fazer a fundamentação e o conceito que está por trás e o planeamento. Mando para elas, ajustam, depois é preciso ver com os coordenadores e com, para que as pessoas possam dizer, e dizer assim: “Não, isto está mal pensado.” Ou: “Isso não vai correr bem porque, e tal.” Pronto, estamos a falar de mega e extraordinários processos de inovação? Não estamos, estamos a falar ainda de coisas pequenas, como isto da estruturação do trabalho colaborativo, como outras coisas, pronto.

MODERADOR: Muito bem.

(00.59.30)

MODERADOR: Se calhar já fomos falando sobre isso, mas se surgir uma outra ideia pode vir agora também. Em que condições foram criadas, condições organizacionais para a prática da cooperação dos professores, pronto. Há o trabalho colaborativo semanal, não é?

DIRETORA: Essa é a última e até, como se vê, tem tido assim. Eu acho que é muito do diálogo, as condições são criadas do diálogo. E as pessoas estão à vontade para, para nos vir propor, acho eu. Há uma proximidade. Portanto, nós até podemos estruturar uma, sei lá, julho, no mês de julho estruturamos um bocado o trabalho vendo com os coordenadores, sei lá, ok, precisamos de pensar sobre isto ou aquilo, e depois há um grupo que vem dizer: “Isto não é adequado para nós. Nós precisávamos era de fazer assim e assado.” “Ok, tudo bem desde que não esbarre com as coisas.” Portanto, as condições é o diálogo, não é? O diálogo é aquilo que cria condições.

MODERADOR: Hm, hm. Portanto, é um diálogo que vai sendo sistemático que não para?

DIRETORA: Sim. Temos uma coisa que é, eu acho que nós vivemos também, e é uma área de melhoria, vemos muito do diálogo informal e o diálogo informal é interessantíssimo, é próximo, é orgânico, etc, mas pode não ser sustentado, não é? Portanto, depois um dia desaparece aquela pessoa, ou já não há aquela oportunidade e depois aquilo não ficou enraizado, percebes? Portanto, eu acho que nós também temos aí, como vivemos muito de proximidade, e falamos, e a porta está sempre aberta, e não sei quê e tal, é preciso ter muito cuidado com isso porque depois não há mecanismos. Ou é tão assim, quando a gente cria o trabalho colaborativo parece uma farpa enfiada numa coisa, porque nós dávamo-nos tão bem, falávamos tão bem uns com os outros, para que é que é preciso isto?

MODERADOR: Para quê isso, não é?

DIRETORA: Isso, para quê?

(01.01.38)

MODERADOR: Se calhar é possível que também já tenhamos conversado sobre isto, mas talvez agora seja um convite a um foco nesta questão. Através de que meios e com o envolvimento de quem é que vai sendo feita a comunicação da inovação? E com que periodicidade e ritmo? Pronto, percebi já que a autoria de uma ideia, etc, vai sendo sempre sublinhada, não é? Mas existe esta preocupação de comunicar regularmente a inovação, o que se conseguiu, o que não se conseguiu?

DIRETORA: Eu acho que nós somos maus nisto. A palavra certa é maus. Nós éramos maus na comunicação externa e tivemos que fazer um esforço sobre-humano este ano letivo para comunicar mais... Aliás vê-se na vida, toda, as pessoas devem ter achado, ou não faziam nada, ou então contrataram uma pessoa só para isto das redes sociais, e do site, e do jornal do colégio, etc. Portanto, aquilo, nós não temos esta coisa de gostar muito de falar, gostamos imenso de falar mas é na informalidade, é o problema outra vez. Eu acho que é. Portanto, o mecanismo de comunicação é a informalidade. “Fiz, epá, este projeto está mesmo a correr bem, vê só, e tal, e não sei quê. Foi feito isto e tal.” E isso não é, não é bom. Enquanto que no resto é preciso melhorar, aqui não é bom, porque também não há momentos formais de comunicação. Ou seja, o processo não é enriquecido e podia sê-lo muito mais, não é enriquecido com a comunicação do próprio processo...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...do que está a acontecer no próprio processo. Nem que não fosse por essa razão utilitária, chamemos lhe assim, a comunicação deveria ser melhor, melhor trabalhada, interna, externa, externa vá, mas interna sobretudo, não é? Pronto.

(01.03.46)

MODERADOR: Para se calhar fecharmos esta...

DIRETORA: Preciso eu de escrever qualquer coisa.

MODERADOR: ...este domínio da liderança, já fui percebendo, já fui percebendo que existe a preocupação da direção em, nesta, nesta ligação à rede. Com professores de outros centros educativos das irmãs, com outros autores da inovação. A pergunta então é, se a ligação que vai existindo

com os outros centros, se está a ocorrer para além dos momentos formalmente estabelecidos pela rede? Ou seja, para além daquilo que está calendarizado por área de inovação, que é o encontro intercentros...

DIRETORA: Sim.

MODERADOR: ...se existe, não é? E se sabe que existe um contacto informal que seja, ou que se, mas que de procura, de maior ligação, de maior conhecimento, ou se existe dos professores uma manifestação de interesse em conhecer?

DIRETORA: Médio. E eu acho que isso é uma coisa, aliás já tentei uma vez ou outra, mas eu nunca sei como é que hei de dizer isto, e, portanto, acabo por não dizer muito. E eu acho que nós todos, e aqui estou a falar nós todos aqui no colégio, mas também sinto nos outros, nós ainda temos imensa, imensa preocupação com a comparabilidade das situações, eu acho que temos, sofremos com isso. E eu vejo isso, vejo isso com os nossos professores, e até, quer quando estavam nas oficinas, quer mesmo agora as pessoas, como é que se diz? Sensibilizam-se, vamos chamar-lhe assim, sensibilizam-se muito com as coisas. "Ah, foi apresentado isto, mas nós também já fazemos." Quer dizer, não é nada disso que está em causa. "Eu, ah, não achei..." Quer dizer, há aqui quase um funcionamento quase escolar, que é muito parecido com o dos alunos. "Ah, o professor gosta muito mais do, do menino Zezinho do que gosta de mim, e eu que faço um trabalho igualzinho ao do menino Zezinho, o professor acha que o do menino Zezinho é que é muito melhor que o meu." Isto é uma coisa muito curiosa, e que existe, e que, mas que desaparece, nós sabemos que isto pode, vai desaparecendo. Mas é uma coisa que é preciso lutar com ela, pronto. E, portanto, a primeira, a primeira forma de estar é esta, reconheço. E depois, se, é como o trabalho colaborativo, e é como andar de bicicleta, só, quanto mais cedo se anda de bicicleta, melhor se anda de bicicleta, desculpem que é exatamente...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ..isto, é praticando, praticando. Vou dar um exemplo muito concreto, eu sentia isso no trabalho das direções e agora acho que está muito mais facilitado. Acho que está muito mais facilitado, quer dizer, acho que, eu encho-me de coragem para, sem ninguém me pedir nada, partilhar eu alguma, alguma coisa. As pessoas já não têm problema nenhum em telefonar-me a perguntar: "Como é que vocês vão fazer isto, ou fazer aquilo?" Ou eu a mesma coisa. "Paula, diz-me lá, como é que fizeram, como é que resolveram? Paula..." Pronto, se calhar é mais uns do que com outros, mas isso é como em tudo na vida, e depois melhora.

MODERADOR: Claro.

DIRETORA: Portanto, eu acho que ainda estamos muito muito muito no princípio nessa, nessa parte.

(01.07.34)

MODERADOR: Vamos agora mergulhar no envolvimento dos alunos, na participação que os alunos vão tendo também nesta, na inovação que vai, que vai ocorrendo. E a primeira pergunta tem que ver como é que se concretiza a participação dos alunos na inovação curricular. Ou sejam, pensando um bocadinho aqui mais no domínio da gestão curricular, não é? Como é que se concretiza aqui a participação dos alunos?

DIRETORA: Eu acho que têm-se dado passos, mas sobretudo eu acho que está sobre, está centrada essencialmente na questão dos, dos projetos. Acho que ainda há muito pouca participação. Eu acho que nem há sequer se calhar, isso é que é, nem sei, o que se calhar é pior, ou provavelmente é pior, não há sequer ainda muita noção dos alunos de que poderiam participar. Enquanto que na participação de imensas outras coisas na vida da escola, eles já experimentaram, têm vindo a experimentar cada vez mais, e percebem que podem ter um papel, e que acontecem coisas, e que, etc, tudo o que diz respeito à aprendizagem, eu acho que, e ao currículo, eles ainda acham que isso é um domínio total e completo da competência do professor. E essa ideia é muito reforçada também pelas famílias, quer dizer, não é? Pronto. A tranquilidade das famílias e a segurança das famílias, e se calhar também dos alunos, está muito nesta ideia de que o professor conhece o currículo, domina o currículo e nada de mal nos vai acontecer enquanto ele estiver lá a controlar o currículo todo, pronto.

MODERADOR: Estão em boas mãos.

DIRETORA: Exatamente. Portanto, Deus me livre, percebes? Portanto, eu acho que neste, nem os alunos sabem que podem, ou se calhar estão muito interessados, pelo menos os mais novos, nem os pais sabem que isto é possível, e também devem ficar aflitos com a ideia, portanto, é uma área, que tirando áreas específicas do currículo...

MODERADOR: Que é mais difícil.

DIRETORA: Sim, sim.

(01.09.55)

MODERADOR: E então, agora sim na participação dos alunos, não é? Como é que se concretiza a participação dos alunos na inovação organizacional? Tenho aqui vários exemplos que posso dar, mas temos aqui, na definição dos horários das aulas, na utilização ou transformação de espaços, a participação na elaboração de regulamentos sobre os assuntos que lhes dizem respeito, no diálogo e na participação em órgãos de gestão, na ligação à comunidade em que a escola se insere, portanto, como é que se está a concretizar a participação dos alunos naquilo que ocorre para além do estrito espaço da sala de aula? Com exemplos...

DIRETORA: Concretos.

MODERADOR: ...com alguns exemplos.

DIRETORA: Eles, nós há dois, dois projetos que foram, que têm sido excelentes para, lá está, sair do estritamente informal e entrar no mais institucionalizado, e que foram os pontos de escuta e as assembleias de ano. Os pontos de escuta, o ano passado e este ano, e as assembleias de ano. Portanto, nos pontos de escuta os miúdos identificaram o que quiseram e a direção respondeu a todos de acordo com as medidas a implementar, portanto, propostas. Portanto, havia propostas e nós respondemos a todos com as medidas que íamos tomar. E, portanto, eu queria ter uma estatística de cabeça mas não tenho, mas vamos supor que para cada, sei lá, talvez metade das propostas feitas pelos alunos no ponto de escuta eram exequíveis e, portanto, nós até achámos que deveríamos avançar. O bar, sei lá, coisas variadas, agora lembro-me do bar, mas pronto, utilização de alguns espaços de recreio, etc. As assembleias de ano, a mesma coisa, portanto, eles fizeram cada ano propunha, apresentava três propostas, e pelo menos uma proposta foi aceite para cada, para cada ano de escolaridade. Claro que do quinto até ao sétimo, até ao nono ano, uma das propostas de quase todos era poder usar o telemóvel na escola e, portanto, se se nós achamos que não deve ser usado, claro que essa medida, proposta nunca foi aceite. Portanto, todos esses elementos que nos permitiram implementar aquilo e fazer, e eles, no fundo, transformarem-se como transformadores da própria, da própria escola, pronto. E são exemplos muito, muito concretos. E depois temos também situações informais que vão desde um grupo de alunas, ainda hoje estava a vê-las no recreio, um grupo de alunas que propõe que haja música no recreio, das não sei quantas às não sei quantas para poderem dançar, e que é aceite. Depois até percebem que a proposta dos dias e das horas não estava adequada, porque não sei o quê, refazem a proposta, vêm apresentar nova proposta, pronto essas pequenas coisas, de uma forma geral. A Associação de Estudantes também tem um papel muito importante nestes elementos, pronto. E, portanto, eu acho que é essencialmente aquilo que os alunos, claro que eu também acho que há alturas em que eles não querem nada, nós até queríamos que eles participassem, dessem ideias e eles preferem, vê-se mesmo que eles não querem saber, os adultos que decidam e acabou, pronto, não estão interessados nisso, não é?

(01.13.54)

MODERADOR: Então e é possível perceber mudanças nos alunos, que têm participado nestes processos, relativamente à importância que dão, ou seja, se é possível perceber mudanças nos alunos, na percepção que eles próprios têm, que a sua participação origina mudanças positivas na escola? Se eles, se é possível perceber que eles fazem a experiência, que a sua participação origina mudanças positivas na escola?

DIRETORA: Eu acho que há inúmeras situações em que isso acontece. E o que eu acho que, e a forma mais visível disso é que, primeiro eles não desistem de fazer propostas, porque normalmente se, se isto nunca fosse desistiriam, claro rapidamente, e aumentam as propostas e o número e a diversidade de alunos que faz propostas. Portanto, no fundo isso mostra que eles experimentam que vale a pena, embora nem tudo que propõe seja, seja aceite, não é? Quer dizer e, portanto, e eu, há uma coisa muito interessante nos alunos, isto também vem combater um preconceito que às vezes existia nos adultos que trabalham nas escolas, que é... E é a mesma coisa, é a mesma adrenalina que falava há pouco da sugestão do pai ou da sugestão do professor, é que estas pessoas são muito competentes para fazer, para apresentar propostas de melhoria. Muito competentes. Com certeza há uma outra que não tem competência nenhuma, mas, que é disparatada, mas há um manancial extraordinário. Eles, eles conhecem-nos a nós, conhecem a estrutura, conhecem o projeto educativo, e o que propõem, tirando lá o telemóvel, que também era exequível fisicamente, e eles compreendem que nós não queremos mas aquilo é um desejo mais forte do que a morte, não é? Como o outro, pronto. Mas isto tem um potencial extraordinário, porque se um aluno me entrega um “papeleto” mal escrito a dizer: “Era ótimo ter música no recreio.” Isto é uma oportunidade de melhoria. Nós tivemos reuniões infinitas a pensar como é que os recreios podiam ser dinamizados para os alunos, quando na verdade bastava receber um papel a dizer: “Ponham música que nós gostamos imenso.” Pronto.

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: E é assim.

(01.16.18)

MODERADOR: E agora nos professores, é possível também notar aqui uma mudança nos professores relativamente à participação dos alunos na escola? Ou seja...

DIRETORA: Sem dúvida.

MODERADOR: ...se é possível notar, por exemplo, mudanças ao nível da expectativa positiva face a esta capacidade que é reconhecida aos alunos produzirem mudanças positivas na escola?

DIRETORA: Só temos “institucionalizada” a área da participação dos alunos, abriu uma, uma perspetiva completamente diferente. Quer dizer, o facto de isto ser uma das áreas de inovação é um conceito completamente diferente numa escola. Mesmo o mais cético, o mais cínico que pudesse existir, percebe que isto é, já é feito, é trabalhado, que há resultados, que acontece, e que não acontece desgraça nenhuma associada, não é? É o que eventualmente o cínico vaticinaria, que é: “Olha, vamos permitir a participação dos alunos e vamos ter aqui, arranjar aqui uma trapalhada.” E é exatamente ao contrário. Aquilo que a Bússola mostrou, volto a insistir, aquilo que a inovação mostra é que todos têm uma boa ideia em algum momento para essa inovação, e que se for deixado participar, aquilo vai empurrar aquele grande movimento de alguma maneira. Agora, o que sinto também nos professores, e isso é de uma forma geral, há um cansaço absolutamente... Isso agora a dizer para a participação dos alunos, para a Gestão do Currículo, é para tudo, portanto, as pessoas estão a fazer um esforço sobre-humano para responder à situação, que já leva na verdade três anos, não é? Este é o terceiro ano que estamos nisto.

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: Há um esforço...

MODERADOR: Da pandemia, não é?

DIRETORA: Sim. ...muito grande, muito grande, muito grande para manter os pais tranquilos, para manter os miúdos aprender.

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: Já ninguém está preocupado se está a ensinar com os mesmos...

MODERADOR: Claro.

DIRETORA: Quer dizer, se os alunos são mais de 19 ou de 20, ou não sei quê, já nem é essa a questão. Pronto, e isso, eu acho que isso afeta, não afeta esta percepção, porque eu acho que sentados...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...qualquer um admitiria, mas eu acho que afeta a alocação de energia, percebes?

MODERADOR: Claro.

DIRETORA: Há pouca energia neste momento para alocar a estas coisas, porque ela está a ser esvaída para a gestão do prejuízo...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...como eu costumava dizer.

MODERADOR: Muito bem.

(01.18.59)

MODERADOR: Essa talvez seja uma barreira, mas o que eu perguntava agora é, que barreiras existem no colégio à participação e envolvimento dos alunos em transformações positivas na escola, em assuntos que eles queiram, não é? Que barreiras existem, ainda existem, à participação deles?

DIRETORA: Eu acho que a principal barreira é a sensação de responsabilidade dos adultos, que acham, que acham, eu não estou a dizer que eles manipulem essa responsabilidade, é o conceito que tem de responsabilidade e de controlo sobre as coisas, não lhes permite ainda ser mais permeável a isso, estás a perceber?

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: Portanto, eu não acho que é...

MODERADOR: Partilhar uma porção de poder, não é?

DIRETORA: E nem é só de, é poder e responsabilidade. “Ok, eu tenho responsabilidade nisto, se eu vou...”

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: “...deixar que isto aconteça assim...”

MODERADOR: Foge das mãos.

DIRETORA: “...depois vai-nos fugir das mãos.” E eles vão ser os principais prejudicados. Nem é o vou ficar mal, ou vão-me despedir...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...ou outra coisa qualquer assim, é, e eles vão ser os principais prejudicados, e eu não posso deixar que isso aconteça. Portanto, eu acho que isto é a questão cerne da atividade docente, é a sensação, é a híper, o superego da responsabilidade e aliás é por isso que eu acho que há controlo. Eu não acho que os professores, todos os professores sejam maníacos do controlo, foram todos parar aquela profissão porque já eram maníacos do controlo, eu acho que esta coisa do controlo, que o professor tem que ter sobre o seu trabalho, resulta numa grande parte e, portanto, isto é uma visão positiva minha, da responsabilidade, isto é uma grande responsabilidade e eu tenho que a controlar do princípio até ao fim, se eu não a controlar alguém vai ficar prejudicado e eu não aguento isso, pronto.

(01.21.08)

MODERADOR: Para também fecharmos este domínio, queria perguntar se existe uma estratégia de desenvolvimento ou de aprofundamento da participação dos alunos no quotidiano escolar, e existindo essa estratégia, quais são as linhas orientadoras da ação? Ou seja...

DIRETORA: Eu acho que não.

MODERADOR: ...onde é que se pretende chegar?

DIRETORA: Eu acho que não existe. Acho que nós ainda estamos a viver das peças, muito francamente. Portanto, estamos a viver ainda de experimentar as assembleias turmas...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...experimentar as assembleias de anos, são peças ainda, são pequenos projetos. Não acho que exista.

MODERADOR: Hm, hm. Mas deseja-se caminhar?

DIRETORA: Ah, claro. Mas existir, não existe.

MODERADOR: Muito bem.

(01.21.58)

MODERADOR: Vamos a um outro domínio. Agora ligada aos recursos e às infraestruturas alocados à inovação. A alocação de educadores às áreas de inovação tem ocorrido de forma estratégica?

DIRETORA: Sim. Até ao momento em que se generalizou. Portanto, até o momento em que todos...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...em que praticamente todos...

MODERADOR: Que já estamos nessa fase.

DIRETORA: ...já estamos nessa fase.

MODERADOR: E quais foram os critérios dessa alocação?

DIRETORA: Do início, isto tinha que ver com dois aspetos essenciais, a predisposição para a mudança e a capacidade de ser, de depois se liderar e de ser transformador para as restantes equipas, claro. Portanto...

MODERADOR: Portanto, geradores de aprendizagens.

DIRETORA: Isso.

(01.22.50)

MODERADOR: E as alterações na organização do tempo de trabalho dos professores, também já falámos um bocadinho.

DIRETORA: Sim.

MODERADOR: Que alterações aconteceram e também com que critérios?

DIRETORA: Eu acho que o grande passo em frente foi a questão do estabelecimento do trabalho colaborativo. O critério foi permitir que as pessoas tivessem um espaço e um tempo comum de reflexão. Podendo trabalhar naquilo que verdadeiramente deve ser da responsabilidade, deve ser da autonomia das pessoas, está aí. Embora, volto a dizer, o facto de nós termos apostado em várias frentes tivesse sido, e com, associado à pandemia, tivesse sido um destabilizador do bom uso desse espaço e tempo.

MODERADOR: Hm, hm. Pois, é aquele tempo que está ali, que pode ser usado...

DIRETORA: E que parece...

MODERADOR: ...para tantas urgências.

DIRETORA: Urgências.

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: Exatamente. “Tenho eu, tenho eu um aluno...” Estou a seguir um raciocínio de um professor. “Tenho eu um aluno que amanhã precisa de fazer um, tenho eu cinco alunos, não é um, cinco, que precisam de fazer testes diferenciados, e estou agora aqui com estes meus colegas, que até são uns queridinhos, mas deveria era estar a fazer esse teste.” Não sei quê. “E eu...” E, portanto, pronto, sim.

MODERADOR: Hm, hm.

(01.24.22)

MODERADOR: Também já percebi, do nosso diálogo, que houve alteração, alterações na organização do modo, não só no tempo, mas do modo de trabalho dos professores, não é? Que alterações e com que critérios, não é? Quais os critérios? Percebi, acho que percebi que este ano houve aqui um salto...

DIRETORA: Um passo.

MODERADOR: ...dentro do Bússola 21, para além do trabalho que vinha a, que aconteceu durante alguns anos mais organizados sob o chapéu das oficinas...

DIRETORA: Das oficinas.

MODERADOR: ...este ano pretendeu-se dar o salto...

DIRETORA: Isso.

MODERADOR: ...para um trabalho mais articulado, diria eu. O que é que levou a isso? Quais os critérios que levaram a essa decisão?

DIRETORA: Eu acho que foi essa mudança. Isso. No fundo foi quando nós estatisticamente constatamos que já muitas pessoas tinham passado pelas oficinas, e quando começámos a ter aqui uma espécie de, vou dizer assim de uma forma completamente exagerada, esquizofrenia que era, havia professores que estavam na oficina, e que estavam na aprendizagem da oficina, e a desenvolver projetos, e outros professores que já não estavam, mas que também estavam por seu interesse, etc, etc, a participar em projetos, e a trabalhar em projetos. Portanto, qual era a diferença entre este e este? Ambos, este não tinha tempo para trabalhar colaborativamente com os seus colegas, etc, etc, etc, este tinha formação e conseguia colaborar com alguns colegas, mas como não estavam todos os do projeto na oficina, já tinham estado e já não estavam, portanto, isto criou uma espécie de disparidade temporal digamos assim, quase física.

MODERADOR: Quase que uma parte da escola estaria ligada à inovação, outra parte não estaria.

DIRETORA: Uma parte estava ligada à formação da inovação e a outra já estava a implementá-la. Mas eles depois estavam, coincidiam, não é? Eles estavam nos projetos em conjunto, estavam no conselho de turma em conjunto e, portanto, era melhor criar para todos este potencial de trabalho colaborativo...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...em que pudessem juntar-se e trabalhar em conjunto, precisamente.

MODERADOR: Muito bem.

(01.26.34)

MODERADOR: A questão agora tem que ver com o tempo dos alunos, portanto, com o horário dos alunos. Se esta organização do tempo dos alunos tem estado alinhada com as necessidades da inovação pedagógica, por exemplo, se houve uma flexibilização dos tempos letivos que permitisse ou facilitasse aprendizagens interdisciplinares, se houve alteração a este nível para tentar responder a diferenças dos alunos em termos de motivação, ritmo, as necessidades de aprendizagem, ou seja, se a par da inovação pedagógica que tem, tem estado a ser criada e implementada, avaliada, se a organização do tempo dos alunos também se alinou com isto, ou não?

DIRETORA: Eu acho que verdadeiramente não. Acho que, quer dizer, pelo menos não acho que possa ser posto dessa forma. Nós na verdade ajustámos nos tempos letivos dos alunos do ano passado para este ano, mas não acho, e fizemo-lo porquê? Fizemo-lo a partir da perceção que tivemos de toda a pandemia e, portanto, até poderemos vir a mudar outra vez, portanto, no fundo, a dificuldade de foco dos alunos, a dificuldade de concentração que toda a educação à distância, etc, produziu, a dispersão, pronto. E, portanto, pareceu-nos mais razoável proceder desta forma. E também porque iríamos fazer pequenos ajustes na Educação na Interioridade, etc. Portanto, eu não acho que o tenhamos feito com vista a maior participação deles ou com vista à inovação, etc, não acho que isso seja...

MODERADOR: Também nunca chegaram a ponderar, por exemplo, que algumas disciplinas, que em determinados anos se interligariam melhor para a implementação de projetos interdisciplinares, por exemplo, em determinados momentos dos horários, se não no horário do ano todo, pudessem convergir para que esses dois professores, por exemplo, pudessem estar em sala de aula?

DIRETORA: Não.

MODERADOR: Não chegaram a ponderar então?

DIRETORA: Não. Mais, e este ano, por exemplo, tivemos imensos problemas com horários por causa dos professores. Nós também temos professores que estão em vários níveis, quer dizer, pronto, não, não. E acho que mesmo até, por exemplo, num sítio em que seria mais fácil fazê-lo, por exemplo, no primeiro ciclo em que em alguns momentos o professor disto coincide com o professor daquilo...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...que a professora titular coincide com o professor, pronto, mas também são áreas que ainda estamos a iniciar e, portanto, poderá vir a ser facilitado. Mas também no primeiro ciclo procurámos ter projetos interdisciplinares com todas as disciplinas e, portanto...

MODERADOR: Então eu faço esta leitura, que é, não se chegou talvez a um desenvolvimento da inovação, etc, etc, etc, que, ou seja, ela pode continuar a ocorrer...

DIRETORA: Pode.

MODERADOR: ...com a organização dos tempos letivos como eles estão...

DIRETORA: Nós, nós vamos ter que, nós e todos, embora eu não acho que seja boa ideia agora ainda enquanto não acabar esta “coisada” toda do Covid, mas eu acho que nós, Colégio da Paz, e se calhar agora aqui estou a comparar um bocadinho, avançámos entusiástica e rapidamente no processo, mas também sinto que podemos ficar aqui. Aliás o nosso plano de ação está cumprido, o que é uma tristeza. Quer dizer, uma coisa embaraçosa, até, digamos assim. Era o 20-23, portanto, pronto, vá lá. Mas, podemos ficar aqui, nós podemos ficar aqui, o trabalho colaborativo foi o passo mais ... e, portanto, podemos ficar aqui com um, dois, até vários projetos interdisciplinares, com a participação dos alunos como está, as assembleias, os não sei quê, os projetos fora da sala, que tanto vocês insistiram, na participação dos alunos, na educação doutrinária generalizada por todos os lados, com referenciais, com tudo e agora podemos fechar para não sei o quê, ou não. E eu acho que isso, enquanto houver Covid eu acho que posso dormir sem pensar nisto, mas mal acabe o Covid isto é uma decisão que se vai ter que...

MODERADOR: Claro.

DIRETORA: Porque o que nós fizemos até agora é uma “inovaçãozinha”.

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: Uma “inovaçãozinha”.

(01.31.25)

MODERADOR: Agora passamos do tempo para o espaço. Se houve transformações espaciais e de mobiliário com vista a favorecer as dinâmicas de inovação e se houve, que transformações?

DIRETORA: Sim. Eu acho que não houve muitas acho, acho que foi sobretudo uma reorganização do que tínhamos.

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: Em várias salas de aula, não em todas, de maneira nenhuma, em espaços comuns, sobretudo em, numa certa libertação do espaço. Portanto, uma vez que o espaço até não se conseguia mudar, então vamo-nos libertar dele, não é? Portanto vamos fazer coisas de outra forma, noutra, no recreio, noutros, noutros sítios fora do colégio, etc. Portanto, acho que houve esta preocupação de perceber, houve esta noção de que o espaço tinha um impacto na forma da inovação, e que não havendo recursos extraordinários para promover outros espaços...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...então o melhor era libertarmo-nos dele e tentar fazer as coisas de outra forma.

(01.32.33)

MODERADOR: E em termos tecnológicos, tem além do espaço, portanto, tem havido alguma transformação também ligada à inovação que vai acontecendo?

DIRETORA: Isso nós somos uns fãs e como começámos cedo, isto é como aquela pessoa que a gente conheceu, a primeira pessoa que nós conhecemos que tinha um telemóvel, que teve um telemóvel, agora deve ter um telemóvel XPTO, não é? Porque eu, como começou mais cedo...

MODERADOR: Claro.

DIRETORA: Agora já está muito mais à frente. E aqui nós também, como começámos com toda esta parte da digitalização, somos, pronto. Ainda agora, claro que é noutra regime, porque nós comprávamos e agora nem pensar em comprar, temos contratos de renting...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...que é uma inovação na congregação acho eu, e foi uma coisa bastante...

MODERADOR: Um caminho também feito?

DIRETORA: Sim, feito, que nos permite ter recursos excelentes e que quando terminarem a sua atualidade desaparecem e vêm outros, pronto. E também nos habituámos todos a trabalhar muito com isto, portanto, os alunos que estão em isolamento estão na aula, o professor pode estar em isolamento e está a dar aula. Nós temos neste momento dez professores em isolamento e todos que não têm sintomas estão a dar aulas para o colégio, não é? Portanto, as turmas estão. E isto é graças a estes meios, ou com microfones, câmeras não sei de quê. No outro dia eu fui vigiar um teste e então a professora estava online, no quadro interativo, os alunos estavam a fazer teste. Se tinham uma dúvida, perguntavam-me. E eu perguntava à professora. Houve um aluno que me disse assim: “A professora não deu isto.” Que é uma coisa típica, não é? E eu pensei: “Não vou perguntar isto à professora, não é?” De maneira que o meu telemóvel, o WhatsApp para a professora Luísa: “Eles estão a dizer que a Luísa não deu, posso fazer esta pergunta alto?” E ela: “Faça, faça.” Ok, mais vale dar a cara, portanto, o telemóvel no microfone, o quadro, sei lá, como é que nós fazemos?

Portanto, para gerirmos estas faltas de professores temos um documento na drive, que é partilhado com auxiliares, todas as auxiliares, qualquer auxiliar neste momento vai para uma sala de aula e põe o professor online, e gere o que o professor tem, e pronto.

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: Portanto, essa parte tecnológica eu acho que nós aproveitamos até ao tutano, pronto.

MODERADOR: Hm, hm.

(01.35.00)

MODERADOR: Então é possível dizer-se que existe uma estratégia de transformação dos espaços concorrendo com os processos de inovação? Ainda que neste momento não, mas existe uma...

DIRETORA: Sim.

MODERADOR: ...estratégia...

DIRETORA: Sim, sim.

MODERADOR: ...para isso.

DIRETORA: Porque nós, por exemplo, fizemos uma sala, eu até podia armar-me um bocado, mas eu acho que a sala até acabou por ter uma utilização mais para participação dos alunos do que para aquilo. Criámos uma sala, deitámos as paredes a baixo que era para eles fazerem assembleias não de sei quê...E depois concluímos que não era assim tão preciso e acabou por ser um espaço de convívio dos alunos, pronto. Portanto, não acho, acho que há, acho que, portanto, nós, se calhar não temos uma estratégia, porque eu acho que não é verdade. Eu acho que tem de se pôr que é, nós reconhecemos a importância do espaço...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...nos processos de inovação, pronto.

MODERADOR: Hm, hm. Hm, hm.

(01.35.50)

MODERADOR: Então a estratégia de gestão dos recursos, e há aqui, isto é um bocadinho largo, não é? Porque há os recursos humanos, já falámos um bocadinho dos recursos humanos, já falámos do tempo, já falámos do espaço. A estratégia de gestão de recursos foca-se em quê?

DIRETORA: Eu, eu acho que...

MODERADOR: E que evidências o afirmam, não é?

DIRETORA: Disseste bem, nós como é que, de que é que, de recurso, que recursos é que estamos a falar...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...não é? Pronto.

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: E eu acho que nós também temos, temos uma política aqui, que eu acho que é global, que é, os recursos têm muitas potencialidades e nós vamos usá-las todas da melhor forma possível. Vou dar o exemplo das pessoas. A enfermeira, não é esta, a penúltima enfermeira cantava maravilhosamente. Então, quando percebemos isto, este talento foi pensado para que ela no seu horário pudesse também acompanhar o coro e promover isto ou aquilo, ou aqueloutro, pronto. O professor de, não sei de quê, de guitarra, o professor de guitarra, não é um bom exemplo porque é assim um bocadinho óbvio. O professor de TIC é fantástico em termos de comunicação e está ali, portanto, então atribuímos-lhe também esta questão do jornal, e não ao professor de Português, toda a gente pensaria...

MODERADOR: Claro.

DIRETORA: ...o professor de Português é que vai apanhar...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...é que vai ficar responsável pelo jornal. Portanto, há um conhecimento muito profundo das pessoas e dos recursos para lhes atribuir lideranças, pequenas lideranças, chamemos-lhe assim, para que isso possa contribuir para a melhoria e para a inovação. Também nas auxiliares, há uma auxiliar que é ótima a fazer trabalhos manuais e coisas, e não sei quê. Então ela, no seu horário de trabalho, vai usar... isto também promove as pessoas, os professores também ficam contentes, porque fazem as coisas que gostam, e que é bem...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...pronto. Portanto, procuramos do potencial de cada um, de cada espaço, possa surgir algo, alguma: "O refeitório mais antigo é um espaço bestial, vê-se mesmo aqui que isto é do século XIX, ok, então como é que aproveitamos este facto? Vamos fazer um teatro com não sei quê." Estão a perceber, estás a perceber? Portanto...

MODERADOR: Então, eu diria que há assim uma preocupação em "aproveitar".

DIRETORA: Isso.

MODERADOR: Aproveitar as pessoas...

DIRETORA: É, exatamente, a palavra certa.

MODERADOR: ...que elas desenvolvam os seus talentos ao serviço da comunidade escolar, mas também os espaços, mas também tudo, portanto, uma lógica...

DIRETORA: Isso.

MODERADOR: ...que pressupõe muita atenção.

DIRETORA: É isso mesmo.

MODERADOR: Não é?

DIRETORA: Portanto, se me dizes assim: "Há uma estratégia..." Se me disseres, se a provincial mandar-me um mail a dizer: "Escreva." Para cada, para cada recurso a estratégia eu, sou eu que me inscrevo. Mas ela, a gente não, nem escreve. Sabe que o não sei quantos, em direção...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: Muitas vezes dizemos, por exemplo, alguém, sei lá, sai uma pessoa, e nós muitas vezes pensamos: "Ok, vamos pensar neste momento, isto, as funções que esta pessoa, como é que podíamos fazer para poder aproveitar melhor." Por exemplo, saiu a responsável da tesouraria, saiu. Nós podíamos nos ter limitado a dizer: "Vamos arranjar uma pessoa para fazer o trabalho que ela fazia." O que pensámos foi: "Não, não, não. Vamos repensar todo o trabalho que é feito neste setor, secretaria, tesouraria, e tal, ta, ta, ta. Vamos pensar no potencial das pessoas que já lá estão. Olha, esta para isto. Não, esta não, não vai ser boa para isto porque, e vamos aproveitá-la antes para aquilo." Normalmente, eu acho que acertamos e que as pessoas sentem-se desafiadas, motivadas. Desde que não seja dar dez mais dez quilos de trabalho e o mesmo ordenado, que isso é uma, é só um desrespeito, pronto.

MODERADOR: Hm, hm.

(01.39.51)

MODERADOR: Por fim, porque também se justificava falar aqui, qual a importância da rede escolar? Porque este projeto de inovação também está ligado a um projeto de inovação que vai acontecendo em rede. Como é que, como é que se percebe, como é que se percebe a importância da rede escolar aqui em três tópicos, na construção das capacidades para a melhoria contínua, na articulação das várias dimensões da inovação e na disseminação da inovação? Mas, portanto, no fundo qual a importância da rede escolar para o colégio, nestes três domínios?

DIRETORA: Eu francamente acho que, e não sei...

MODERADOR: Construção de capacidades, de articulação...

DIRETORA: Certo, por acaso se pudesses deixar era bom. Eu acho que é assim, em termos de chapéu acho que nunca na vida nós, acho eu. E com todo o respeito pelas pessoas de, todos os que aqui trabalham, pelas lideranças e por nós, eu acho que nós nunca teríamos feito o caminho que fizemos sem a estruturação do projeto. Portanto, se não tivesse havido um gestor, mais um Joaquim Azevedo, um consultor, mais talvez uma equipa executiva, mas enfim, em menor escala, mais um plano, mais tudo o que nós fizemos, dificilmente nós, se não fosse o Alfa Pendular, nós teríamos começado como Regionais e tínhamos feito mais dez metros de linha férrea. Acho eu, acho que isso foi completamente imprescindível. Pronto, isso é uma coisa, depois a rede, eu acho que, acho que o facto de em conjunto vermos e revermos e discutirmos e repensarmos leva, leva à melhoria escolar. E de nos corresponsabilizarmos: “Ok, vamos todos fazer isto.” Isto dá, sente-se apoio, e sente-se determinação, e sente-se, sentimos que somos maiores do que só isto, e que não estamos a pensar sozinhos, e que pronto, que há muita capacidade crítica alocada a isto. Construção de capacidades para a melhoria contínua. O facto de as pessoas integrarem grupos conjuntos, as oficinas, etc, acho que foi, e na articulação das dimensões chave da inovação. Eu aqui acho que foi sobretudo o trabalho do gestor e do consultor, chamemos-lhe assim...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...do que propriamente nosso. A disseminação da inovação, acho que talvez aqui, aqui e na construção de capacidade para a melhoria, é onde eu acho que se sente mais o peso da rede.

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: Muito, muito francamente, parte articulação de visão, visão, articulação, e depois de avaliação, acho que é sobretudo destes elementos, portanto, acho que a rede sozinha também não fazia.

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: Agora nos outros elementos deveria continuar mais global. E a disseminação da inovação, acho que a rede tem um papel importantíssimo. Acho que é...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...um colégio sozinho, não sei. Mas pronto.

MODERADOR: Continuamos? Estamos com energia?

DIRETORA: A que horas tens de ir embora?

MODERADOR: Eu tenho muito tempo.

DIRETORA: Ok.

MODERADOR: Pode ser, continuamos?

DIRETORA: Pode.

MODERADOR: Muito bem.

(01.43.48)

MODERADOR: Então, temos, salvo erro, mais dois domínios, já fizemos aqui um caminho.

DIRETORA: Certo.

MODERADOR: Agora é da avaliação da inovação, a avaliação permanente. Foi constituída uma equipa escolar de avaliação que gere, analisa, e disponibiliza os dados de avaliação aos vários atores da inovação?

DIRETORA: Aqui?

MODERADOR: Sim, se foi constituída uma equipa?

DIRETORA: Não. Essa avaliação foi sendo feita por áreas de inovação, por lideranças, por lideranças intermédias e pela direção.

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: Mas não foi, não houve uma equipa para fazer, para o fazer. Pensei que tu estavas a fazer uma afirmação sobre a...

MODERADOR: Não, não, não, não, não, não, não, não, não, não.

DIRETORA: ...e que ias perguntar qualquer coisa. Certo. Aliás, eu vou dizer, eu acho que, nós sentimos falta dessa equipa, dessa equipa não. Nós fomos, não fomos, não fomos sentindo falta dessa equipa porque os instrumentos de avaliação, que melhor ou pior, porque às vezes também não os aplicámos eram feitos nas oficinas...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...e depois pedidos, etc, nos iam dando essa tranquilidade. Porque havia feedback também dos próprios, portanto, fomos, fomos sentindo que de alguma maneira a avaliação acontecia, pronto.

(01.45.15)

MODERADOR: Existe na escola, aqui no colégio, um plano integrado de monitorização, avaliação e investigação? Nesse caso como é que ele é concretizado? A partir de que dispositivos...

DIRETORA: Não, não.

MODERADOR: ...finalidades... Não existe então este plano integrado de monitorização, avaliação e investigação?

DIRETORA: Não, eu acho que nós temos o hábito da autoavaliação, mas ele é muito incipiente.

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: Acho que é um hábito. A palavra área de melhoria para nós, todas as pessoas do colégio, é uma banalidade. Portanto, faz parte do nosso vocabulário, ninguém se, há já neste momento, ao fim deste tempo todo, se dessensibilizou disto, não é? Qualquer um diz a qualquer um: “Tenho aqui, há aqui uma área de melhoria, olha há aqui uma área de melhoria.” Na semana passada, estivemos com uma professora a quem foi apresentado um plano de supervisão com questões detetadas e áreas de melhoria. Isto é...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...é uma coisa, é um instrumento de trabalho. Isto existe. Agora, qualquer atividade, qualquer coisa que façamos é feita uma avaliação, são detetadas as áreas de melhoria, para qualquer pequena coisa. “Uma área de melhoria é...” Pronto. Isso é registado e tal, mas isso é incipiente...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...é incipiente.

(01.46.41)

MODERADOR: As equipas educativas. Portanto, há aqui equipas educativas no sentido de maior ligação às oficinas, embora se esteja a perder um pouco...

DIRETORA: Sim.

MODERADOR: ...porque se está a pensar mais ao nível...

DIRETORA: Global?

MODERADOR: ...do ano, da turma, etc, recolhem...

DIRETORA: Pedro, posso só atender? Que é a irmã Susana.

MODERADOR: Claro, paramos, sim, sim, sim.

DIRETORA: Desculpa, é só um minuto.

(01.47.02)

DIRETORA: Pergunta.

MODERADOR: Sim, estávamos exatamente em que ponto? Ah, exatamente, aqui. Se as equipas educativas recolhem dados de monitorização e avaliação dos projetos de inovação com vista a uma melhoria da ação?

DIRETORA: Isso sim. E não só porque isso está previsto, porque o que está previsto nos projetos é, por exemplo, na questão da Gestão de Currículo a avaliação da aprendizagem, não é? Portanto...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...a avaliação das aprendizagens dos alunos e depois também a avaliação de projeto. E, portanto, isso sim acontece.

MODERADOR: Ok. E para além de recolher, analisam esses dados?

DIRETORA: Sim.

MODERADOR: Com vista a uma melhoria?

DIRETORA: Sim, até porque volto a dizer e isso para nós é fácil, porque estamos treinados nisso, não é? Detetar melhorias e...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: E trabalhar com elas...

MODERADOR: Sim.

DIRETORA: ...é um mecanismo habitual.

MODERADOR: Consegues dar algum caso específico, lembrar-te de algum exemplo? Por exemplo, numa destas análises, depois de ter levado a uma reformulação do projeto, a uma consequência num outro...

DIRETORA: Vou dar um exemplo, porque são aquilo que os professores me vão dizendo, não é?

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: Eu depois também não sei tudo de cor. Mas lembro que nós como primeiro, tivemos um primeiro projeto logo no primeiro ano que era o "Tasty", e o projeto era um projeto interdisciplinar. Eu não sei se a pergunta é esta, mas se calhar é. É um projeto interdisciplinar que envolvia as disciplinas de Inglês e Matemática, e no primeiro ano foi implementado e no ano seguinte, a partir das áreas de melhoria, alguns aspetos do guião foram transformados por causa de alunos, que tendo dificuldades, não vamos chamar dificuldades de aprendizagem, sim vamos chamar algumas dificuldades de aprendizagem específicas, beneficiavam e poderiam utilizar de uma forma mais adaptada aquele guião. Portanto, o guião era para todos os alunos, mas aquilo resultou da avaliação que foi feita da utilização que o, que o guião teve por parte dos alunos. E para a maioria era adequada, e para outros não era adequado o guião e, portanto, ele foi reformulado. Pronto, disto tudo lembrei-me agora aqui da Gestão de Currículo, queria dizer qualquer causa dos sinais de aprendizagem, mas também não me lembro agora, e de que estava a pensar na participação, na participação dos alunos, também agora não me lembro assim de nada, mas pronto.

MODERADOR: Hm, hm.

(01.49.35)

MODERADOR: Por fim, uma última questão ainda aqui na avaliação. Se os resultados da avaliação são disponibilizados atempadamente e discutidos pelos atores da inovação, pelas equipas educativas, e pela equipa de inovação pedagógica? Ou seja, se eles são trabalhados em tempo oportuno? E nesse caso, que consequências pedagógicas e organizacionais decorrem desse trabalho? Ou seja, o que é que muda fruto dessa avaliação? Ou seja, o que é que muda fruto dessa avaliação? Ou seja, o que é que muda fruto dessa avaliação? Vou dar um exemplo do trabalho colaborativo. O trabalho colaborativo foi pensado de uma determinada forma e no final deste período, o primeiro trimestre...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...e ele foi, tudo isso foi avaliado com os coordenadores. E em função dessa avaliação, o planeamento que estava mais ou menos feito foi completamente implodido e foi refeito em função daquilo que tinha sido a avaliação feita pelos coordenadores. Portanto, atendendo a uma, àquilo que tinha sido feito, àquilo que tinha sido chamado a avaliação, pronto.

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: Não sei se isso é um exemplo concreto, percebes? Portanto, no fundo o trabalho colaborativo foi revisto. Perguntas-me se também é esta a formulação que estamos a utilizar também, ainda não acho. Mas acho que isso vamos ter que voltar a avaliar com os coordenadores e provavelmente com os próprios. A opção pelos coordenadores foi intencional, mas com os próprios professores também provavelmente no final do ano letivo.

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: Em direção nós propusemos a hipótese de fazer assembleias, não de alunos, mas de professores. Pronto, usar o modelo das assembleias dos alunos para os professores. Mas achámos que ainda não era o momento.

MODERADOR: Interessante, sim senhora.

(01.51.41)

MODERADOR: Vamos agora para o impacto na sala de aula, que é o último, assim o último domínio. E a primeira pergunta tem que ver com o seguinte, se as inovações ao nível da Gestão do Currículo, se são acompanhadas e articuladas com inovações nas metodologias de ensino e na avaliação?

DIRETORA: Eu acho que mais na primeira do que na segunda. Acho que foram, têm sido dado passos. Acho que o trabalho feito sobre as metodologias, por exemplo, não só os projetos interdisciplinares que também são MAS, não é? Mas as outras metodologias. Acho que foram uma alerta importante para a diversificação de estratégias, etc, embora eu não ache que esteja generalizado. Portanto, não vou aqui dizer que isto é uma mudança mais radical do que aquilo que é, que não acho que seja. Acho que é um início de mudança, e pronto. A questão da avaliação é uma questão também muito difícil, muito muito difícil. Portanto, e até vou ser franca, os professores têm sido mais confrontados com a necessidade de fazer ajustes por causa do Covid, que é uma triste razão...

MODERADOR: Hm, hm. Hm, hm.

DIRETORA: ...do que propriamente com a questão de inovação e melhoria. Mas porque se sentem muito, porque esta área é uma área muito intranquila, digamos assim. Eu lembro-me quando fiz a tese de mestrado, para resumir, nas entrevistas que fiz aos alunos e nos inquiridos, a avaliação é o ponto onde a relação entre aluno e professor se pode perder. É uma coisa engraçada. Portanto, porque é, porque é aí que, em que eles se podem divorciar.

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: Vamos dizer assim, não é? Pronto. E, portanto, eu acho que a avaliação, mas também é verdade que sinto uma preocupação muito grande, de por parte de todos, de querer aprender e saber mais sobre esta questão da avaliação.

MODERADOR: É o tal desafio comum que têm agora pela frente.

DIRETORA: Completamente. Sim, sim, sim, sim.

(01.54.10)

MODERADOR: Agora a pergunta tem que ver, se foram criados referenciais, se foram curriculares na escola e ou na rede, se a rede ajudou por ano de escolaridade ou por ciclo de ensino? Por exemplo, planificações disciplinares que assegurem a incorporação do perfil dos alunos...

DIRETORA: Certo.

MODERADOR: ...garantindo a articulação vertical e a articulação horizontal, se foram feitos e quais é que foram feitos...

DIRETORA: Portanto, nós...

MODERADOR: ...estes referenciais?

DIRETORA: ...nós integrámo-nos naquilo que foi feito na rede. Portanto, no Português e na Matemática. Na Matemática nem sequer consegui falar nada com elas...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...sobre este assunto. Percebo que tem sido ali, tenho uma intuição de que tem sido ali qualquer coisa trabalhosa e difícil e não sei se às vezes...

MODERADOR: Operativa?

DIRETORA: Não sei. Sim, talvez, não, não, não, não é nada disso. Tive a sensação que houve ali alguns momentos difíceis nestas sessões em rede.

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: Não sei se com as nossas professoras também, se com mais professores, como é que foi. Percebi que houve ali momentos de tensão, que não quis aprofundar muito. Não foi uma queixa foi só uma surpresa da parte das nossas professoras, digamos assim. Pronto. E, portanto, eu acho que as pessoas estão despertas para adoção desses referenciais comuns.

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: Mas também tenho ideia que têm uma palavra a dizer sobre o assunto, percebes?

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: Portanto, tem sido muito importante o trabalho de Helena e da Daniela. Mas se bem conheço as pessoas elas vão ter uma opinião e vão fazer propostas de ajustes de acordo com a sua opinião. Sendo que a sua opinião, acho que também deve ser ouvida, percebes? Pronto. Portanto, não sei se os referenciais vão ficar completamente comuns...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...ou se não vai haver especificidades dentro da...

MODERADOR: Uma adequação e uma contextualização.

DIRETORA: Sim, eventualmente.

(01.56.24)

MODERADOR: E agora quais os fatores que reconheces como promotores e facilitadores aqui no colégio da inovação na sala de aula? Porque a inovação chega efetivamente à sala de aula. Quais são os fatores facilitadores?

DIRETORA: Eu acho que os professores sentem-se competentes para fazer de forma diferente. Portanto, capacitados para fazer de forma diferente, e quando é que um professor se sente capacitado? Quando se sente seguro. Portanto, quando se sabe sobre, e sente vontade de arriscar. Volto a falar do Covid. Gerir as coisas assim não dá vontade de arriscar em nada, ou dá pouca vontade de arriscar. Portanto, mas vamos esquecer isso. É no fundo quando as condições para, podes repetir só?

MODERADOR: Quais os fatores promotores...

DIRETORA: Sim.

MODERADOR: ...da inovação na sala de aula?

DIRETORA: Capacitação dos professores, segurança na Gestão do Currículo, adesão dos alunos, sim acho que, e meios que os próprios, que os próprios professores reconheçam como, como necessárias, eu acho é que essencialmente isso, pronto. E os meios podem ser uma revisão dos horários, recursos físicos, etc. Não é? Portanto, pode ser. Pode ser isso.

(01.57.58)

MODERADOR: E quais daqueles que são barreiras aqui no colégio à inovação, a que essa inovação chegue à sala de aula? Quais são as barreiras ou as principais barreiras?

DIRETORA: Eu acho que é a insegurança da não capacitação, a preocupação com o risco de não aprendizagem dos alunos, o receio, o receio da reação das famílias, receio de reação das famílias que são conservadoras de uma forma geral. E depois sim, eu acho que é basicamente isso. É se os alunos não aprendem e o que é que os pais vão pensar sobre, sobre os alunos. É por isso que a avaliação do que está a acontecer é uma coisa muito importante, porque é a única coisa que vai, a única não...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...para além da capacitação é o que vai dar segurança aos professores. É preciso que os alunos lhes digam na cara, desculpa o termo: "Olhe que eu consigo aprender se estiver a trabalhar desta maneira."

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: "Olhe que eu não é por estar o senhor a falar 200 horas sobre isto, que eu aprendo melhor do que se eu fizer um trabalho aqui com o meu colega em que não sei o que é tra, ta, ta." Portanto, esse feedback para os professores é muito importante. Nos primeiros anos nós conseguimos uma coisa ótima que foi nos anos em que implementamos os primeiros projetos, ainda havia provas de aferição e os alunos tiveram as provas de aferição. Os professores estavam um bocado aterrorizados, sobretudo os de Geografia e de História.

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: Estavam aterrorizados porque não sabiam até que ponto é que efetivamente... E o que nós verificámos, e as provas de aferição é o que são, são o que são, é que os alunos tinham tido uma excelente prestação sobretudo nos níveis superiores dos domínios cognitivos. Portanto, como sabes, não é? Aquilo tem aquela só...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...aplica e reproduz, o primeiro nível...

MODERADOR: Exato.

DIRETORA: ...depois interpreta não sei quê, depois finalmente o outro e tal. E, portanto, os nossos alunos e os alunos tinham tido excelentes resultados. Não estou a dizer que tivessem tido melhores que nos anos anteriores, portanto, que isso tenha sido graças aos projetos, etc. Mas pelo menos não estava lá que tinha sido um erro fatídico...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...a implementação dos projetos. Portanto, os alunos tinham aprendido o que tinham que aprender com esta nova forma de gerir o currículo. Pronto. E esse feedback se nós, e é por isso que eu estou muito na questão da equipa de avaliação, portanto, se conseguir esse feedback, que ao princípio há de ser só uma coisinha...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...e depois há de aumentar, isso vai ser um reforço positivo das próprias, para as próprias equipas docentes.

MODERADOR: Um alimento.

DIRETORA: Um alimento.

(02.01.03)

MODERADOR: Que impactos já foi possível identificar como resultado da inovação na aprendizagem dos alunos, na aprendizagem dos professores e na aprendizagem da escola? Que impactos já é possível identificar?

DIRETORA: Eu acho que na aprendizagem dos alunos, porque o que o que eles começaram a perceber é que os professores estavam a sair daquele padrão uniformizado de promoção da aprendizagem. Portanto, o professor x utiliza estratégias diferentes. O professor y pensou critérios de avaliação com características completamente diferentes. O professor z faz testes de avaliação, não se chamam testes de avaliação, chamam-se momentos de avaliação de unidades, os maus, como eles dizem para brincar, em que o aluno não tem uma classificação. Tem, tem, isto acontece na Geografia. O aluno tem uma percentagem relativamente a cada domínio, ou cada, e, portanto, não é aquela coisa: "Tem um excelente." Não, ele atingiu aquilo que era suposto relativamente àquele aspeto, naquele aspeto não, e no outro aspeto não. Portanto, ele, não há ali um juízo global parece quase um juízo sobre um aluno. É um aluno excelente, não, é um aluno que já atingiu isto, etc. Pronto.

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: Nas aprendizagens eu acho que isso, o impacto, foi visível que os professores começaram a diversificar. Pela primeira vez este ano começou a aparecer um discurso repetido do que o que é importante é perceber que o aluno, se o aluno em determinado momento conseguiu algo, nós precisamos de apanhar o seu ponto melhor. Mesmo que ele depois não seja, quer dizer, não temos de estar sempre a testá-lo em relação a tudo. Porque se ele atingiu uma determinada competência...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...nós, pronto, isso é visível.

(02.03.13)

MODERADOR: Em termos daquilo que está enunciado no perfil dos alunos, dos centros educativos das irmãs, é possível rececionar pelo menos impactos nas aprendizagens dos alunos de algumas daquelas características ou não?

DIRETORA: Eu, eu acho que, eu acho que nós ainda não temos esse trabalho tão bem fundamentado como deveríamos ter. Portanto, nós no fundo, mesmo os projetos, etc, deviam estar indexados, os cenários e isso têm, não é? Mais até do que propriamente dos projetos, os projetos também têm. Mas eu acho que nós ainda não, não nos é possível dizer taxativamente que isso...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...está a ter um impacto e que...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...ok, no Colégio da Paz os alunos, de facto a autonomia é promovida. Não acho que...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...tenhamos ainda, não, eu acho que era pretensioso dizer uma coisa dessas, não sei. Na aprendizagem dos professores é, é de facto invulgar, também. Acho que tem sido, nós vemos isso pelos professores que vêm para o colégio de novo. Portanto, muitos dizem mesmo: "Caramba isto é muito diferente do que eu estava habituado." E às vezes é pesado, também. Pronto. E também temos que ter cuidado, pronto. Já falámos disto todos várias vezes. Portanto, eu acho que os professores neste momento que discutiram, e sabem, aprenderam, e viram sobre metodologias, ou projetos, ou a participação dos alunos, etc, é uma diferença radical eu acho que nesse aspeto mudou-se mais nos últimos 4 anos do que nos outros 21 em que eu trabalhei, em que também houve mudanças, mas foram de outro nível, digamos assim, claro. E sobretudo o que eu acho que é a grande diferença é a vontade de saber mais coisas, as pessoas expressam constantemente. "Não sabemos ainda sobre isto, precisamos de saber mais coisas, não sabemos ainda, temos dúvidas sobre não sei quê." Isso é na verdade, honestamente, para mim, até é quase o mais importante, que é a pessoa perceber que ainda há ali coisas: "Ainda posso aprender isto, ainda posso aprender aquilo." Pronto. E na escola não sei bem como é que a gente, o que é que é a aprendizagem da escola.

MODERADOR: Uma perspetiva mais da organização, não é?

DIRETORA: Eu acho que também o impacto é esta questão também. A escola está constantemente a tentar evoluir, e mudar, e perceber onde é que pode melhorar. Eu acho que é nestas três coisas, quer dizer, a gente está sempre...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...constantemente...

MODERADOR: Acho que estão, estão interligados.

DIRETORA: ...às vezes até é um bocadinho obsessivo, mas pronto.

(02.06.12)

MODERADOR: Estamos aqui a aproximar, estamos mesmo a entrar na reta final. Esta pergunta, se calhar falámos um bocadito, mas repete-se agora. Se a inovação tem vindo a consolidar-se e a ganhar terreno àqueles modos mais tradicionais e instituídos de desenvolver o ensino aprendizagem, ou se ainda mantém um carácter marginal e discreto dentro da organização escolar?

DIRETORA: Eu acho que tem vindo a marcar cada vez mais. Agora, daí a dizer que transforma, era um absurdo dizer uma coisa dessas. Eu volto a dizer, eu acho que nós evoluímos muito bem e rápido com um interesse e com as pessoas, pronto. E acho que as pessoas estão, apesar do cansaço e

tudo, ainda há motivação para. Mas acho que também, tenho a sensação de que nos podemos ficar por aqui, quando na verdade provavelmente não é isto que nós queremos só.

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: Pronto.

(02.07.11)

MODERADOR: A inovação no âmbito do Bússola 21 deveria ter abarcado outros domínios? Nesse caso quais?

DIRETORA: Não quero parecer demasiado satisfeita com o que aconteceu, mas eu acho que é o contrário. Acho que os domínios, isto foi um trabalho, se bem sabemos todos, foi um trabalho exaustivo. Nós não podíamos, já não havia mais ninguém para perguntar nada, porque nós perguntámos tudo a toda a, nós fomos fazer uma coisa ao contrário. Nós fomos perguntar a quem não estava na inovação, o que é que devia ser a inovação. Portanto, até corremos aqui um risco seríssimo, as pessoas dizerem: “Deus nos livre a inovação.” Portanto, foi ao contrário. Pessoas que ainda não, pessoas na qual eu estou, pessoas que ainda não sabiam bem para onde é que devia ir, não tinham uma estratégia, nem tinham, connosco foi possível formular estas áreas a partir disso. E isso se calhar também é obra do Espírito Santo. Desculpa lá, mas pronto. Foi possível, portanto, e eu acho que as áreas estão muito bem, até porque elas são abrangentes, eu muito francamente. Agora o que acho é era isso que te estava a dizer há bocado, já não sei a propósito de quê, é que estas áreas arrastam subáreas ou áreas contíguas que também devem estar na Bússola, e, portanto, é ao contrário. Eu não acho que as coisas devam estar na inovação. O que é que, que áreas é que deveriam ir, desculpa a expressão, para o saco da inovação. É ao contrário, a inovação tem que estar em tudo. É como o trabalho, é como as oficinas, não pode haver oficinas, ou melhor, tudo está numa oficina. Tudo é uma oficina, tudo é a inovação, da pequena à grande coisa. Claro que com este raciocínio, o que eu estou a dizer, pode não conseguir-se fazer nada, que é tudo, tudo, tudo, portanto, não é nada. Mas é ao contrário, ao fim deste processo a inovação alastra, é uma inquietação que alastra para as, não pode ser só inquietação, não é? Mas que alastra para as coisas todas. Não é uma coisa compartimentada, porque se ela é uma coisa compartimentada a gente atinge e depois desligou e o resto continua igual. Quando, quando ao fazer isto nós sabemos que isso arrasta outras coisas e, portanto, deve ser, pronto.

(02.09.47)

MODERADOR: Eu acho que transparece toda a entrevista a resposta a esta pergunta, mas ainda assim faço. O colégio olha para este processo do Bússola 21 com uma perspetiva positiva e deseja prosseguir?

DIRETORA: Completamente. Claro que é assim, se nós formos perguntar ali ao professor que está com o trabalho colaborativo, por acaso nesta quarta feira é diferente o trabalho colaborativo. E que está a pensar como é que vai implementar aquela aula invertida, mais não sei quê, outra coisa não sei que mais, ele vai, é capaz, à sexta feira à tarde, toda a gente diz: “Bússola 21, socorro.” Mas no dia 1 de setembro e à terça feira, toda a gente diz: “Graças a Deus.” Não diz, mas eu acho que sabem.

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: E diz: “Ok.” Porque eu acho que as pessoas ficam satisfeitas. É trabalhoso, cansativo, mas ficam satisfeitas. Nós exagerámos em vários momentos, ainda estamos a exagerar em algumas coisas! Sim, sim. Portanto, se há alguma coisa foi menos boa, foi muito mais a gestão menos boa dos tempos, e das formas, e das, das participações, do que de outra coisa.

(02.11.00)

MODERADOR: Mesmo, mesmo, mesmo a chegar ao fim. Consideras que esta entrevista foi útil para pensar em inovação educacional no colégio?

DIRETORA: Foi. Eu só estou mortalmente arrependida de não ter trazido uma caneta ou o que for. Porque algumas coisas que eu queria ter escrito conforme...

MODERADOR: Mas eu vou, assim que a transcrição esteja, eu devolvo tudo, fica tudo.

DIRETORA: Eu sei, eu sei. É que eu só estava a pensar assim...

MODERADOR: Pode é demorar umas duas semanitas a fazer isso.

DIRETORA: E tu sabes o que é que eu estava a pensar? Se esta entrevista não pode dar origem a uma estrutura de avaliação...

MODERADOR: O guião pode ficar contigo.

DIRETORA: Não, não, mas eu diria em geral. Eu agora já não estou a pensar só para o Colégio da Paz. Estás a perceber?

MODERADOR: Sim, eu percebo.

DIRETORA: Se no fundo é assim...

MODERADOR: Eu, a percepção que tenho e aqui é um, é um duplo papel, não é? Que tem que se assumir. E eu acabei de receber uma espécie de aula de direção escolar que podia ser uma riqueza também para a rede, quer dizer, há aqui imensa coisa.

DIRETORA: Não, mas eu agora não estava a pensar nisso.

MODERADOR: Não, mas eu é que estou a dizer, eu é que estou a dizer.

DIRETORA: Mas eu estava a falar disto, não estava a falar disso agora. Eu não, a minha pergunta, a minha coisa é, isto que aqui está não se podia pôr numa grelha para nós depois futuramente, direções, quando quiséssemos pensar, algumas coisas talvez não, não sei, não sei, mas a maior parte. É que este trabalho que tu tiveste, tu descobriste se calhar já não devia ser feito...

MODERADOR: Não, não, não, não, não. Fica tudo.

DIRETORA: Mas este trabalho todo, lá está, isto é o princípio do aproveitamento.

MODERADOR: Sim, sim, isto é para tudo. Todo este trabalho é para o maior bem de quem...

DIRETORA: Mas se nós puséssemos isto em grelha e com o coordenador de direções...

MODERADOR: Sim.

DIRETORA: ...todos usássemos isto, se nos fizéssemos a nós próprios...

MODERADOR: Pois.

DIRETORA: ...estas perguntas...

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...nós...

MODERADOR: Sim, sim, tem esse sentido.

DIRETORA: Já nem digo dar à ENA, e eu acho que está aqui o trabalho da ENA.

MODERADOR: Muito bem.

(02.13.01)

MODERADOR: Mesmo, mesmo para acabar. Há aspetos pertinentes que não tenham sido referidos na entrevista e gostarias de abordar? Que achas que possa ter ficado fora alguma coisa pertinente?

DIRETORA: Eu como, eu vou dizer francamente, eu não tinha pensado, não sabia o que é que ia perguntar. Portanto, eu não preparei nada, não, nada. Acho que, acho que não. Acho que não. Não.

MODERADOR: Muito bem. Olha, termino como tenho, curiosamente, mas porque sinto isso da mesma maneira com que tenho terminado os diálogos com os alunos e com os professores, referindo que é para mim um privilégio ter estado nesta conversa.

DIRETORA: Olha, obrigada, também fazer parte da...

MODERADOR: E, portanto, muito muito obrigado.

DIRETORA: ...é fazer parte da anedota, mas pronto.

MODERADOR: Não, não, é mesmo verdade.

DIRETORA: Mas é que na verdade eu estava a pensar: “Caramba, isto é tudo aquilo que nós devíamos pensar de seis em seis meses...”

MODERADOR: Hm, hm.

DIRETORA: ...ou uma vez por ano, vá, para “coiso”. Depois dá-me, depois...

[EP1 – Entrevista a Professores | 1]

(00.00)

MODERADOR: Pronto, já fomos falando um bocadinho do âmbito do estudo. Eu trago aqui sobretudo, depois vai ver um, uma dimensão, um tópico ligado, ligado à inovação mas tem que ver sobretudo com o impacto que esta inovação tem tido na sala de aula. Ou seja, em que medida é que a inovação que tem sido feita, inovação pedagógica que tem sido feita no colégio, no fundo, qual a sua perceção sobre o impacto que ela tem tido?

PROFESSORA 13: OK.

MODERADOR: Mas se calhar começávamos por lhe dizer, primeiro agradecer a sua disponibilidade...

PROFESSORA 13: Ora essa.

MODERADOR: ...depois de dizer-lhe que tudo aquilo que disser é confidencial.

PROFESSORA 13: Sim, sim.

MODERADOR: Em nenhuma sede aparecerá o seu nome, etc.

PROFESSORA 13: Sim, sim.

MODERADOR: Já me autorizou a gravar.

PROFESSORA 13: Sim.

MODERADOR: O que é que eu vou fazer? Depois de, este ficheiro áudio vai ser transcrito, vai ser passado todo para texto...

PROFESSORA 13: Sim.

MODERADOR: Para eu poder fazer a análise de conteúdo, mas antes de eu fazer a análise de conteúdo eu vou enviar-lhe a transcrição para ver se acha que está tudo bem...

PROFESSORA 13: Ok.

MODERADOR: ...se é exatamente aquilo, pronto.

PROFESSORA 13: Tudo bem.

MODERADOR: Muito bem. Começava por lhe pedir alguns dados, eu vi que já preencheu...

PROFESSORA 13: Preenchi aquele...

MODERADOR: ...já fez o consentimento...

PROFESSORA 13: Fiz

MODERADOR: ...informado no formulário.

PROFESSORA 13: Exatamente, no formulário.

MODERADOR: Muito bem. Mas, se calhar começávamos um bocadinho por aí.

PROFESSORA 13: Ok.

MODERADOR: São brevíssimas perguntas e depois então entrávamos aqui no impacto na sala de aula. A sua formação académica, qual é que é?

PROFESSORA 13: Eu sou licenciada, tenho uma licenciatura em Química, ramo educacional, aqui na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. E, portanto, o meu grupo de recrutamento é o 510 de Física e Química.

MODERADOR: Muito bem, muito bem, sim senhora. E, portanto, a modalidade de profissionalização de que beneficiou, imagino que estivesse já incluída na própria...

PROFESSORA 13: Exato.

MODERADOR: ...licenciatura.

PROFESSORA 13: Exato. Eu fiz o estágio, eu fiz o estágio incluído na licenciatura, era a licenciatura de cinco anos. Portanto, foi pré-Bolonha, sim. Foi o último ano, aliás, eu quando fiz estágio, fiz estágio no último ano em que eram atribuídas turmas...

MODERADOR: Hm, hm. Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...aos estagiários...

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: ...e, portanto, tinha duas turmas minhas e tinha a turma da orientadora. Portanto, foi assim nesses moldes o estágio fazia parte da licenciatura. Sim.

MODERADOR: Sim, senhora. Há quanto tempo é que desempenha funções aqui no colégio?

PROFESSORA 13: Eu estou aqui há um ano, portanto, este é o segundo ano letivo. Portanto, tive o ano letivo anterior...

MODERADOR: Maravilha.

PROFESSORA 13: ...e agora iniciei este ano, portanto, muito pouquinho.

MODERADOR: Sim, senhora.

PROFESSORA 13: Muito pouquinho tempo.

MODERADOR: E quanto tempo de serviço tinha antes de vir para cá?

PROFESSORA 13: É assim, eu já terminei a minha licenciatura em 2004-2005.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: No entanto, as coisas não estavam fáceis na altura. Mesmo com o nível de Concurso Nacional do Ensino Público, mesmo no privado também estava complicado de arranjar. Portanto, eu fui dando explicações, sempre trabalhei. Mas tempo de serviço em si eu acho que deve chegar, deve andar à volta dos 8 anos, mais ou menos, portanto, assim já conjugado.

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: Tempo de experiência é mais...

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: ...mas, mas não propriamente a lecionar porque foi uns tempos complicados...

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: Foram uns tempos complicados.

MODERADOR: Claro. Sim, senhor. Então, e que funções, se calhar ainda poucas, pelo tempo que está cá...

PROFESSORA 13: Aqui?

MODERADOR: ...desempenhou nesta escola ao longo do tempo?

PROFESSORA 13: Nenhuma função. Só mesmo, só professor de Físico-Química, terceiro ciclo.

MODERADOR: E muito bem.

PROFESSORA 13: E já é muito bem, não é?

MODERADOR: E muito bem. Sim.

PROFESSORA 13: E também olhe, digo-lhe já, é o cargo que mais gosto.

MODERADOR: Que bom.

PROFESSORA 13: De todos os cargos, acho que não há nenhum cargo que eu dissesse: "Quero muito ser diretor de turma, ou coordenadora de qualquer coisa." Não, realmente eu gosto muito do meu tempo como professor.

MODERADOR: Claro. Sim, senhora.

PROFESSORA 13: Não digo que não é um desafio, mas realmente para já é o que sou.

MODERADOR: Claro, claro. Sim, senhor, muito bem. Então avançávamos para as questões aqui do impacto na sala de aula. Se não perceber alguma pergunta...

PROFESSORA 13: Pronto, eu acho, eu percebo, mas pronto, ao mesmo tempo percebo pouco. Lá está, acho que explica pelo facto de só estar aqui...

MODERADOR: Sim, não há problema nenhum.

PROFESSORA 13: ...segundo ano, não é? E houve também um tempo o ano passado, estivemos em confinamento, portanto, aí as coisas funcionavam de maneira diferente. Eu percebo que há o projeto de inovação aqui, inovação pedagógica no colégio, não participei tanto, a minha disciplina não participou, aliás estava para participar e depois não participou no ano passado em nenhum projeto e este ano também não. Portanto, o que eu quero dizer é que eu não estou propriamente ligada ainda, não estou.

MODERADOR: Mas, não há problema porque aí também é uma riqueza...

PROFESSORA 13: Tenho a minha perspectiva de fora, se calhar, não é?

MODERADOR: Pois.

PROFESSORA 13: Porque não estou integrada.

MODERADOR: Sim. Mas aqui também se pretende ter esta visão de conjunto.

PROFESSORA 13: Isso.

MODERADOR: Não é? Que é muito importante...

PROFESSORA 13: Sim.

MODERADOR: ...e é muito importante também as suas respostas, vão ser muito importantes, porque também vai dar a perceção exatamente do ponto de vista em que está.

PROFESSORA 13: Sim, sim.

MODERADOR: E, portanto, no fundo é exatamente as suas perceções que são, que são necessárias aqui, não outras.

PROFESSORA 13: Exato.

MODERADOR: Se houver alguma questão que não entenda bem...

PROFESSORA 13: Está bem, está bem. Eu...

MODERADOR: ...que não está tão envolvida no projeto, ou quiser que eu explique um bocadinho melhor, esteja sempre à vontade para perguntar.

PROFESSORA 13: Obrigada. Ok.

(05.10)

MODERADOR: As inovações que têm sido feitas ao nível curricular...

PROFESSORA 13: Sim.

MODERADOR: ...aqui no colégio são acompanhadas por inovações também nos métodos de ensino e na avaliação?

PROFESSORA 13: Da minha perspectiva sim. Na minha perspectiva sim. Pelo menos, quer dizer, lá está, eu quando cheguei já estava isso tudo implementado. Mas noto se calhar alguma diferença em relação até a outros sítios por onde trabalhei, porque eu vim de outros privados, doutros colégios...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...e sim, noto aí alguma...

MODERADOR: E que diferenças é que nota então?

PROFESSORA 13: Lá está, o envolver mais os alunos em trabalhos cooperação, em trabalhos de projeto, e ser refletido depois de alguma forma no momento de avaliação. Portanto, ser avaliado, depois refletir-se na avaliação final do aluno, pronto. Isso é o que eu noto.

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: Agora, realmente comigo, comigo não, apesar de eu me achar na mesma inovadora na forma como dou as minhas aulas, mesmo sem ter os papéis por trás a...

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: ...a suportar digamos assim as atividades que faço em aula.

MODERADOR: Hm, hm. Hm, hm.

(06.18)

MODERADOR: Mas tem outros colegas do seu grupo disciplinar que têm estado envolvidos em projetos?

PROFESSORA 13: O mais engraçado é que a minha colega do meu grupo, portanto, de Físico-Química também, está mais uma colega, está secundário, também entrou comigo o ano passado. Portanto, Físico-Química levou aqui um desfalque...

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: ...o ano passado foi uma mudança...

MODERADOR: Uma mudança muito grande.

PROFESSORA 13: ...as duas professoras que havia foram embora.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: Portanto, entramos duas novas.

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: Por isso acho que para a outra colega é igual.

MODERADOR: Sim, trazem muita novidade.

PROFESSORA 13: Trazemos novidade também, não é?

MODERADOR: Claro, claro.

PROFESSORA 13: Trazemos outras perspectivas de outros sítios...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...partilhamos também aqui, e também recebemos daqui. Portanto, o que se faz...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...o que se faz daqui. Nota-se que é um colégio que realmente pretende inovar na educação e isso é excelente...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...é acompanhar, não é? O sentido natural agora da educação.

MODERADOR: Sim, senhora.

(07.08)

MODERADOR: Parece-lhe que estas inovações que estão em curso, ao nível curricular, ao nível das metodologias e ao nível da avaliação, são apoiadas na esfera organizacional, na organização?

PROFESSORA 13: Sim. Sinto que sim.

MODERADOR: E de que modo?

PROFESSORA 13: Formações, por exemplo...

MODERADOR: Formações.

PROFESSORA 13: Mas foram, estou a lembrar das MAS, das metodologias ativas. Tivemos uma formação, há uma colega que se disponibiliza, aliás disponibilizam-se várias, não é? Nós temos experiências diferentes e, portanto, não vamos todos fazer, não vamos todos usar se calhar as mesmas metodologias em todos os tempos e, portanto, vamos partilhando experiências. E isso é uma coisa que eu sinto que nem é preciso ser, como é que se diz? Propriamente programada e planificada, ou seja, por livre e espontânea vontade a pessoa partilha, não é?

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: Faz alguma coisa que corre bem na sua aula e partilha com os colegas pelo menos é esta a minha visão.

MODERADOR: Sente que existe esse ambiente de, de...

PROFESSORA 13: Sim e mesmo no meu grupo estava a falar de Físico-Química, mas o meu grupo também faz parte de Ciências, e os colegas de Ciências já cá estavam. E mesmo com os meus colegas de Ciências sinto muito isso, uma partilha muito grande. E não precisa de ser um momento numa hora definida de partilha...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...por email, por telefone, às vezes partilhamos muita coisa, comunicamos ideias.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: Portanto, sinto muito isso aqui e sinto apoio, sim, mesmo por parte, lá está, direção, se for necessário alguma coisa estão sempre disponíveis para, para ouvir e para...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...pronto, e para tentar ajudar.

MODERADOR: Sim, senhora.

(08.41)

MODERADOR: Tem conhecimento de terem sido criados referenciais curriculares na escola por ano de escolaridade, ou por ciclo de ensino, ou por ano de escolaridade ligada a alguma disciplina em concreto? Posso lhe dar exemplos que talvez possam ajudar. A incorporação do perfil dos alunos...

PROFESSORA 13: Isso sim.

MODERADOR: ...na gestão do currículo, com articulação vertical, com articulação horizontal. O que é que tem conhecimento?

PROFESSORA 13: Bem, eu tenho...

MODERADOR: Que tem sido criado ou que esteja em curso...

PROFESSORA 13: O perfil, o perfil dos alunos, ora bem, nos critérios de avaliação, por exemplo, no que diz respeito à minha disciplina nós temos que fazer de acordo com os critérios, com os critérios, de acordo com o perfil das irmãs e, portanto, não é?

MODERADOR: Hm, hm. Tem...

PROFESSORA 13: Tem esse referencial.

MODERADOR: ...portanto, tem refletido a partir daí.

PROFESSORA 13: Exatamente, pronto. Também sou sincera, acho que é só aí que eu estou a ver a...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...a utilização, a aplicação.

MODERADOR: Sim. Pois, na sua disciplina ainda não foi feito um trabalho...

PROFESSORA 13: Não. Ainda não.

MODERADOR: ...de incorporação do perfil, na planificação...

PROFESSORA 13: Não, na minha disciplina não.

MODERADOR: E noutras não tem?

PROFESSORA 13: Está a falar do projeto Bússola?

MODERADOR: Estou a falar da inovação que está em curso no projeto Bússola 21, exatamente.

PROFESSORA 13: Ouço falar, ouvir falar, por exemplo, Português. Falo muito com uma colega de Português que já é minha colega fora daqui e sei do trabalho que ela estava a realizar no ano passado. Mas, muito pouco, portanto...

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: ...não tenho conhecimento...

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: ...profundo sobre a situação. Sei que esteve a trabalhar nisso.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: Mais nada.

MODERADOR: Sim, senhor.

(10.13)

MODERADOR: E desse trabalho, pensa que pode ser útil para o trabalho quotidiano pensar-se numa planificação disciplinar incorporando as características do perfil e, portanto, definindo-se um referencial curricular? Pensa que isso pode ser uma mais valia para o trabalho quotidiano, ou?

PROFESSORA 13: Olhe, assim muito, muito sinceramente, acho que não. Acho que não. Eu sou muito, não sei, olhe, eu sou muito preocupada com os meus alunos...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...e com a aprendizagem dos meus alunos e sou muito pouco preocupada e muito pouco dada a papéis...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...e a teorias...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...se é que me estou a fazer entender e, por isso, é assim, nós temos que ter um documento orientador...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...claro. Mas depois acho que parte muito da liberdade depois de cada, não é? Não é? Acho que não sei...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...não vejo como sendo fundamental.

MODERADOR: Sim, senhora.

(11.15)

MODERADOR: Entrando, tentando mergulhar agora então nos impactos...

PROFESSORA 13: Ok, impactos.

MODERADOR: ...e nas suas percepções a esse nível. Que impactos já consegue identificar como resultado da inovação na aprendizagem dos alunos? O que é que sente que os alunos que sabe que estiveram, ou que estão envolvidos, que inovação é esta que estamos aqui a falar, a tentar ilustrar? Ou projetos interdisciplinares...

PROFESSORA 13: Sim.

MODERADOR: ...na Gestão de Currículo, ou aulas de Interioridade, nesse campo...

PROFESSORA 13: Sim.

MODERADOR: ...ou noutra área de inovação que o projeto Bússola 21 também tem privilegiado, que é a participação das crianças e dos jovens na vida da escola.

PROFESSORA 13: Sim.

MODERADOR: Portanto, terem uma voz, terem uma participação, terem... Portanto, que impactos...

PROFESSORA 13: Agora que me falou disso está-me a fazer lembrar as assembleias de turma...

MODERADOR: Muito bem.

PROFESSORA 13: ...por exemplo, que eu assisti. E isso...

MODERADOR: Pronto é um pouco para falar o que é que consegue identificar como resultado desta inovação na aprendizagem dos alunos.

PROFESSORA 13: Eu acho que há algumas situações que criam alguns momentos de reflexão para os alunos, que eu acho que são importantes. Esse, por exemplo, as assembleias de turma eu fui com algumas turmas às assembleias, sabe o que é que estou a falar?

MODERADOR: As assembleias de ano, será?

PROFESSORA 13: De ano, desculpe, claro que sim.

MODERADOR: Que ocorreram ali na escola...

PROFESSORA 13: Aqui na... isso, ali.

MODERADOR: ...superior?

PROFESSORA 13: Exatamente. Sim.

MODERADOR: Eu sei, sei que estão em curso, sim, este ano.

PROFESSORA 13: Exato, e achei aquilo muito interessante. E os alunos penso que também depois mesmo em aulas, não para mim, mas até entre eles, apanhava-se conversas, portanto, comentavam... Acho que é positivo, portanto, fazia-os refletir o que está bem e o que está mal, o que podemos mudar, o que não podemos mudar. Portanto, eu acho que é positivo. Falou também...

MODERADOR: Nas sessões de Interioridade e nos projetos interdisciplinares.

PROFESSORA 13: Os projetos interdisciplinares. Eu acho que os projetos interdisciplinares também são positivos para os alunos porque? Porque lhes abre um bocadinho a mente, no sentido de não, um conteúdo pode ter características, pode ter um modelo, portanto, abordagens de disciplinas diferentes, não é? E coincidir. E eles aprendem, alguns aprendem mais assim, também há alunos que não gostam nada disso, não é? E que querem aquela aula tradicional e não se identificam nada, há tudo.

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: Pronto, mas eu acho que sim, que é uma experiência enriquecedora...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...e que, pronto, e que se reflete depois numa melhor aprendizagem por parte de alguns, nunca se chega a todos dessa forma.

MODERADOR: Hm, hm.

(13.47)

MODERADOR: E que tipo de aprendizagens é que, é que pensa que a participação nesses projetos... podem ter desenvolvido nos alunos? Por exemplo, tendo como referência o perfil dos alunos das irmãs Doroteias, alguma daquelas características ou competências estão ali enunciadas. Sente, falou em concreto, a propósito da participação nas assembleias...

PROFESSORA 13: Sim.

MODERADOR: ...que eles refletiram...

PROFESSORA 13: Refletem.

MODERADOR: ...pensaram, etc, nos projetos interdisciplinares. Acha que isso, disse que sim que acha que eles aprendem, mas consegue identificar o quê em concreto, se mais autónomos, mais capacidade, maior capacidade de resolver problemas?

PROFESSORA 13: Resolver problemas. Depende. Para alguns alunos sim. Outros era o que eu estava a dizer, não funciona muito bem. Porque eles próprios, não sei já. Eu trabalho com terceiro ciclo, são alunos que já estão muito habituados àquela coisa tradicional, não é? E quando se quer sair do tradicional nem todos aceitam da mesma forma, portanto, é o que digo, há uns em que se evidencia mesmo que realmente a aprendizagem até foi mais efetiva do que...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...não é? Do que no método tradicional. Há outros que realmente, ou melhor, gostam, participam, trabalham, mas depois ficam à espera do resumo, de uma coisa qualquer mais.

MODERADOR: Do resumo e do teste...

PROFESSORA 13: E do teste, é isso.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: É isso, tal e qual, tal e qual, é, pronto, é por aí. É isso que eu sinto.

MODERADOR: Muito bem. E na Interioridade tem alguma noção, ou menos? Tem menos.

PROFESSORA 13: Não tenho muito, não tenho, não tenho tanta noção.

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: Não dou Interioridade.

MODERADOR: Claro, claro.

PROFESSORA 13: Ouço, ouço falar, mas ainda estou cá, lá está, ainda é o segundo ano, e estamos em tempo de Covid, portanto, não é? Eu tenho ideia...

MODERADOR: Vão para casa, vêm.

PROFESSORA 13: Isso. Eu tenho ideia que o colégio, pelo menos é o que ouço até de colegas, havia muito mais, pronto, momentos de partilha, partilha, quer dizer, de professores, de alunos, de festas, de festas de Natal, de, quer dizer, assim...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...situações em que a pessoa...

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: ..."Páscoas", e por aí fora. E agora está tudo separado, portanto, ainda menos não tenho.

MODERADOR: Claro, claro, claro. Hm, hm.

(16.00)

MODERADOR: Pronto. Eu tinha aqui vários exemplos, se lembrar, entretanto, pode voltar aqui...

PROFESSORA 13: Sim, sim.

MODERADOR: ...ao nível do autoconhecimento, se geraram mais autoconhecimento, se melhorou a relação interpessoal dos alunos uns com os outros, com os adultos, se tornaram mais proativos, mas pronto, se lembrar, entretanto, de algum exemplo...

PROFESSORA 13: Ok.

MODERADOR: Pode, pode interromper. E agora, não tanto nos alunos, mas que impactos consegue identificar como resultado da inovação na aprendizagem dos professores? Se sente que tem trazido aprendizagem aos professores...

PROFESSORA 13: Sim.

MODERADOR: ...e que aprendizagens?

PROFESSORA 13: Sim, porque ao trazer essa inovação obriga os professores a estar a par das inovações e das novas metodologias e das novas técnicas. E, portanto, obriga aos professores a aprender também outras formas. Porque se queremos aplicar alguma coisa nova nas nossas aulas não vamos para lá, portanto, temos de ir para lá, primeiro, com o trabalho preparado, não é? E, portanto...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...tem que se estudar e refletir sobre as metodologias e técnicas que se vai aplicar nas aulas.

MODERADOR: Sim. E sente...

PROFESSORA 13: Nesse aspeto sim, aprende-se.

MODERADOR: E sente que os professores que têm participado na inovação, sente essa dinâmica de aprendizagem, sente?

PROFESSORA 13: Sinto essa dinâmica de aprendizagem, sim, especialmente com os professores com quem mais colaboro, mais os do meu grupo, mais especificamente, que é com quem mais estou. Mas sim, sinto que aprendemos um bocadinho mais.

MODERADOR: Hm, hm. Eu tenho aqui...

PROFESSORA 13: Eu acho positivo.

MODERADOR: Que bom, que bom.

PROFESSORA 13: Acho positivo, sim.

(17.32)

MODERADOR: Eu tenho aqui alguns, alguns tópicos, se quiser agarrar em algum deles...

PROFESSORA 13: Sim.

MODERADOR: ...está obviamente à vontade. Por exemplo, ao nível da alteração, se calhar não tem muito o antes, não é? Se calhar não tem muito o antes.

PROFESSORA 13: Pois, não tenho.

MODERADOR: Mas com base naquilo...

PROFESSORA 13: Não tenho o antes daqui.

MODERADOR: Pois, exato. Mas se, se tiver notado nalgum professor, ou nalgum colega, ou alguma coisa que queira mencionar...

PROFESSORA 13: Ok.

MODERADOR: ...mesmo os nomes que possa dizer, está à vontade.

PROFESSORA 13: Sim, sim, não é...

MODERADOR: Porque é sempre fictício. Portanto, não há problema nenhum.

PROFESSORA 13: Sim, sim, sim, sim.

MODERADOR: Se houve impactos na alteração da postura profissional ao nível do compromisso, de maior partilha, de abertura à mudança, que sabemos que nem sempre a profissão docente...

PROFESSORA 13: Pois não.

MODERADOR: ...que é muito isolada...

PROFESSORA 13: Pois não.

MODERADOR: ...está muito recetiva à mudança...

PROFESSORA 13: Certo.

MODERADOR: ...na expectativa positiva em relação à participação dos alunos, que normalmente também...

PROFESSORA 13: Espera-se que corra muito bem, é isso?

MODERADOR: Não, muitas vezes, pode não ser a sua experiência, mas muitas vezes o professor é que tem o poder, não é? E o aluno está ali para aprender e ponto final.

PROFESSORA 13: Não é a minha experiência mesmo.

MODERADOR: E, portanto, e, portanto, se notou também a esse nível...

PROFESSORA 13: Ai ok, já estou a perceber.

MODERADOR: ...da expectativa dos professores relativamente à possibilidade real dos alunos participarem mais, e decidirem coisas, etc, e também no desenvolvimento de competências dos professores, ao nível da planificação, da sua ação pedagógica, da reflexão sobre a ação, na mudança de práticas, portanto, se nestes domínios, ou nalguns deles, se consegue identificar alguma mudança?

PROFESSORA 13: Lá está, eu não posso dizer o que era antes, porque eu cheguei cá no ano passado e já tinham, não é?

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: Portanto, não sei. Eu posso dizer que ouço, se calhar, alguns professores a queixar-se um bocadinho de excesso de, de uma coisa que não havia pelos vistos antes, que eu não sei, que não estava cá...

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: ...papel. Portanto, mais trabalho a nível burocrático e que nem sempre veem essa burocracia a ter utilidade.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: Pronto, isto é o que eu estou a reproduzir...

MODERADOR: Claro, claro.

PROFESSORA 13: ...do que ouço. Mas realmente, eu perspetiva, essa não tenho nenhuma porque não...

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: ...realmente não estava cá.

MODERADOR: Mas os professores então, de um modo geral, a sua leitura é que estão abertos à mudança...

PROFESSORA 13: Sim, ah isso sim.

MODERADOR: ...estão entusiasmados com a inovação.

PROFESSORA 13: Sim, daqueles com quem eu tenho partilhado mais, sim, estão abertos à experiência. Lá está, pensando sempre no bem dos alunos que temos à nossa frente, e que são muito diferentes, e que, portanto, temos que, temos mesmo que diversificar, diversificar. Portanto, também não nos vamos agarrar só a uma forma. Eu acho que há momentos para tudo, pronto, e os meus colegas vão muito também nessa, nessa ideia.

MODERADOR: Portanto, percebe que é também uma cultura de escola, de algum modo, não é? Um modo...

PROFESSORA 13: Sim, exatamente, um modo de estar aqui. Sim, sim, isso sim. Uma cultura da escola, sim, o inovar, o querer o bem dos alunos, e querer, portanto, que eles aprendam de formas diferentes, cada um ao seu ritmo, mas que eles aprendam. Isso é o que eu sinto aqui, realmente. Não sei como é que era antes mas é o que eu sinto aqui agora.

MODERADOR: Agora. E relativamente à sua experiência anterior de ensino, nota diferença?

PROFESSORA 13: Não, porque eu também, eu vim de outro colégio e, quer dizer, não, sim. Era mais, não era, era mais tradicional, era mais aquele ensino em que não se pedia ao professor que inovasse muito, não. Era mais ao contrário. Portanto, sim, aí noto diferença, aqui mais inovação, sim.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: O dar mais recursos, as tais formações, que eu gostei muito de participar nelas, porque aprendemos coisas novas...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...e onde estava, por exemplo, já não tínhamos isso. Sim, aqui noto mais inovação do que onde estava. Pronto.

MODERADOR: Hm, hm. Sim, senhora. Muito obrigado.

(21.32)

MODERADOR: E agora, também pode ser difícil, por esta questão ter chegado há pouco, só por isso, a pergunta não é difícil. Que impactos consegue identificar...

PROFESSORA 13: Pois.

MODERADOR: ...como resultado da inovação na aprendizagem da escola?

PROFESSORA 13: Ai, é da escola.

MODERADOR: Mas aqui pode ser, pode ser menos difícil, como já está há dois anos, pode perceber mesmo de um ano para o outro que haja mudanças ao nível da organização, não é? Eu posso dar aqui vários exemplos, se isso ajudar...

PROFESSORA 13: É capaz de ajudar.

MODERADOR: ...se a ajudar, se não ajudar...

PROFESSORA 13: Sim.

MODERADOR: E então os exemplos é, por exemplo ao nível do trabalho colaborativo dos professores...

PROFESSORA 13: Mas se, o que é...

MODERADOR: ...se, que impactos consegue identificar como resultado da inovação na aprendizagem da instituição, ou seja, não propriamente do professor...

PROFESSORA 13: Nem do aluno.

MODERADOR: ...mas da organização como um todo, não é? No modo de organizar as coisas. No trabalho colaborativo, na articulação de saberes, na aprendizagem entre pares, na capacitação de peritos internos, ou seja, se há professores que através deste processo se tornam especialistas ou numa MAS...

PROFESSORA 13: Sim, sim.

MODERADOR: Ou, ou a gerir e a apoiar colegas que estão a desenvolver projetos interdisciplinares...

PROFESSORA 13: Mas isso, acho que é o que está a acontecer.

MODERADOR: É?

PROFESSORA 13: É, aqui sim, isso é o que está a acontecer. Há professores que assumem alguma responsabilidade, digamos assim, por esses, pelo que estava a dizer. Um pelas MAS, outro pelas inovações numa área quaisquer, que eu também não tenho noção, mas sei que, sei que sim, sei que há distribuição.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: O que é bom, porque a pessoa sabe em quem pode recorrer, não é? Em caso de maior dúvida, não é?

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: Maior questão. Agora, penso que não havia o ano passado. Portanto, já é uma evolução, não é? Já passou agora a haver.

MODERADOR: Exato, exato. Outros aspetos. Se houve também aqui alguma mudança ao nível da promoção da participação das crianças e dos jovens na vida da escola e na tomada de decisões, ou de âmbito curricular, daquilo que se aprende ou como, ou fora da sala de aula, se percebe que as crianças também participam mais neste momento?

PROFESSORA 13: Não, isso não tenho noção. Em relação, em relação ao ano passado e este ano, a não ser a participação das crianças nas assembleias de ano, pronto, e aí noto que é uma coisa, portanto, estão a participar para a instituição. Fora isso não...

MODERADOR: Não, não se dá tanto conta.

PROFESSORA 13: Não, não dou conta.

MODERADOR: Sim, senhor.

(24.16)

MODERADOR: Agora, quais são os fatores que reconhece como promotores da inovação na sala de aula? Ou seja, no seu entender quais são aqueles fatores que facilitam que esta inovação chegue à sala de aula, e chegue mesmo a melhorar as aprendizagens dos alunos, não é?

PROFESSORA 13: Sim.

MODERADOR: Que ela chegue. Aqui pensando no colégio.

PROFESSORA 13: Hm, hm.

MODERADOR: Os facilitadores.

PROFESSORA 13: Como tecnologias e meios materiais, é isso que está a querer...

MODERADOR: Pode ser tecnologias, pode ser o que disse, eu não dei, não quero dar as respostas por si, mas disse há pouco...

PROFESSORA 13: Agora era só para entender o que estava a entender como fatores.

MODERADOR: Sim. Mas pode ser a muitos níveis, pode ser o apoio da liderança, pode ser a formação recebida, pode ser haver os tais professores internamente que apoiam e que..., pode ser o clima de escola que referiu de muita partilha...

PROFESSORA 13: Sim, sim.

MODERADOR: Pode ser...

PROFESSORA 13: Acaba por ser isso tudo que está a dizer.

MODERADOR: ...tudo aquilo que achar, que são, que é mesmo um facilitador.

PROFESSORA 13: E é mesmo. O que está a dizer, os exemplos que me está a dar, sem querer dar a resposta, mas estou-me a identificar com tudo. Portanto, é isso, o haver alguém responsável, portanto pelas inovações, pelas metodologias em que a pessoa possa recorrer, isso ajuda imenso...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...as tecnologias em sala eu acho que também, e o colégio acho que promove e faz por estar equipado de forma a facilitar o uso das tecnologias em sala de aula, que é muito importante, e que ajuda a inovar também, a não ser o papel e o livro, não é? O ambiente de partilha, isso também, claro que sim, ajuda muito. Porque se, se um quer partilhar, se um quer fazer e os outros dizem que é muito chato, ninguém quer fazer nada, não é?

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: Não se consegue. Pronto, e isso sinto aqui no colégio. E são fatores que facilitam a inovação em sala de aula e melhoram as aprendizagens dos alunos, sim.

MODERADOR: Sim, senhor.

(26.20)

MODERADOR: E agora, quais aqueles que são barreiras?

PROFESSORA 13: Barreiras.

MODERADOR: Que em seu entender, que pensando aqui no colégio ainda são barreiras a que a inovação chega à sala de aula?

PROFESSORA 13: Mas é por mim, ou é na perspetiva...

MODERADOR: Da sua perceção daquilo que acontece aqui no colégio. Ou seja...

PROFESSORA 13: Pode ser barreira?

MODERADOR: ...se houvesse, se isto...

PROFESSORA 13: Olhe...

MODERADOR: ...fosse diferente era possível que a inovação chegasse mais. No fundo aquilo que impede, ou que dificulta.

PROFESSORA 13: Hm, hm. Eu acho que às vezes o que dificulta é um bocadinho o excesso de burocracia que envolve essa implementação da inovação. Lá está, pensando no meu caso, eu sou muito espontânea e nem nas aulas, preparo as minhas aulas mas dou sempre um campo de abertura a, a que sejam mesmo os alunos também a puxar temas, e às vezes dou por mim já estou no YouTube a pesquisar coisas que eles me perguntam e estamos todos a pesquisar. Portanto...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: E essas coisas não são planeadas, pronto, e às vezes a inovação exige por parte, o colégio exige muito papel, que a pessoa perde muito tempo a pensar, a planear e às vezes podia ser menos, digo eu. E a pessoa faz na mesma.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: Portanto, acaba por introduzir a inovação mas de forma menos burocrática. Pronto. Talvez seja essa, porque é assim, fisicamente não sinto nenhuma barreira, humanamente, portanto, a nível de pessoas, de estrutura também, muito pelo contrário, acho que às vezes o que pode pesar na maior parte dos professores é a parte burocrática...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...portanto, a parte de papéis.

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: Acho que é isso.

(28.04)

MODERADOR: E o modo como se organizam os horários, por exemplo, acha que eles podiam ser organizados de maneira diferente?

PROFESSORA 13: Os horários dos alunos ou os horários dos...

MODERADOR: Os horários dos alunos, dos alunos e dos professores também.

PROFESSORA 13: Eu, infelizmente, acho que cada vez mais os alunos têm uma carga horária muito grande e excessiva mesmo, os alunos.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: Mas quanto à distribuição, quer dizer, com o número de horas que eles têm que ter, cada disciplina, com tantas disciplinas que eles têm que ter, eu não sei, acho que mesmo, acho que, tem que ser mesmo assim, quer dizer, onde é que vamos pôr as horas, não é? As aulas.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: Tem mesmo que ser assim. Quanto ao horário dos professores eu acho que aqui no colégio, regra geral, é adequado e temos tempo para trabalho também...

MODERADOR: Uns com os outros.

PROFESSORA 13: ...autónomo e uns com os outros, isso, aliás temos no horário...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...um momento também. Isso foi inovação porque acho que não se tinha. Exato, isso não se tinha.

MODERADOR: Um tempo no horário específico.

PROFESSORA 13: Um tempo no horário específico, sim. Mas lá está, volto a dizer, temos no horário, temos esse tempo, mas muitas das vezes a partilha não se dá nesse tempo, dá-se noutro tempo em que eu tenho em comum, que estou ali porque não tenho aula e tenho uma colega que também está ali e estamos a conversar, até minha colega do grupo, e estamos a partilhar. Portanto, não tem que ser ali. Não é que seja contra aquela hora ali, mas acho que não é só ali, pelo menos é a minha forma de ver. Sei que não é assim para todos os professores, não é? Sei que há professores que realmente é para partilhar ali, partilhamos ali e não partilhamos mais nada fora.

MODERADOR: Pois.

PROFESSORA 13: Mas não é essa a minha...

MODERADOR: Claro, a sua perspetiva.

PROFESSORA 13: ...experiência nem a minha perspetiva, isso. Mas também é uma mais valia, sim.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: Ter no horário. Sim.

MODERADOR: Que bom.

PROFESSORA 13: Porque ao menos sabemos que não temos todas aulas, não é?

MODERADOR: Pois.

PROFESSORA 13: Se não é difícil a pessoa encontra-se...

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: E assim... aliás, isso é uma coisa muito normal, mesmo em escolas públicas, até por onde passei. Lembro-me que havia escolas que à quarta feira, por exemplo, tinha a quarta feira à tarde livre, que acaba por ser o que está a acontecer mais ou menos aqui...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...e nós, era mesmo só para reuniões. Portanto, reuniões, situações mais problemáticas, reuniões extraordinárias que tinham que se realizar, era tudo ali.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: E mesmo trabalho de partilha também com colegas.

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: Fazíamos muito assim.

(30.08)

MODERADOR: Olhe, uma pergunta ligada a algo que disse há pouco. Como é que acha, ou se é que acha, pode não achar necessário, como é que acha que se poderia equilibrar melhor, se isso fizer sentido, então a tal necessidade de uma sistematização do trabalho, em planificar, imagino que seja isso que está por trás da questão burocrática...

PROFESSORA 13: Burocrática do papel. Isso, sim.

MODERADOR: Primeiro, se isso terá algum valor para o trabalho que é feito, será necessário, e se for necessário como é que se poderia então equilibrar a necessidade dessa sistematização, mas de modo a não se perder essa dimensão, também muito importante que refere, que é...

PROFESSORA 13: Do espontâneo.

MODERADOR: ...a espontaneidade, do perceber o que é que a aula pede e o que é que os alunos pedem...

PROFESSORA 13: Exatamente.

MODERADOR: Como é que acha que isto pode acontecer?

PROFESSORA 13: Eu estava a pensar em relação, até mesmo da partilha que já tive com a minha colega, em relação à MAS, nós estamos a planear não é? A planificar.

MODERADOR: E qual é a vossa MAS?

PROFESSORA 13: É, a minha colega está a fazer, está a planificar a aula invertida.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: E eu é, está-me a faltar o nome agora, aquilo tem um nome estrangeiro, é aquela em que juntamos, juntei grupos, a minha turma...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...cada grupo vai ter umas questões sobre um tema, questões diferentes...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...mas depois vão trocar, vão partilhar informações, portanto, depois vai haver uma troca ali de grupos, agora não me consigo lembrar do nome, que vergonha...

MODERADOR: É Jigsaw?

PROFESSORA 13: Jigsaw, tem um nome esquisito, Jigsaw, exatamente. Portanto, vi, fiz uma pesquisa...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...achei o método interessante, arranjei um tema, para uma turma, para o sétimo ano e vai ser mais para frente porque o conteúdo está mais...

MODERADOR: Está mais à frente.

PROFESSORA 13: ...à frente na planificação, sim, mas já estava a falar e a ver sobre aquilo. E já estávamos a planificar e a minha colega estava a ler, ela já fez, a aula invertida com, a aula invertida não, eu acho que ela também fez o Jigsaw. Não, ela fez também o Jigsaw, com um ano.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: Vai fazer a aula invertida com outro. E era ela, e o que ela estava a partilhar comigo, lá está, para mim fez-me sentido, que é, planificou aquilo de uma forma, de tal forma, mas depois chegou lá e os alunos em vez de estarem a partilhar ideias, que depois no método Jigsaw quanto eles trocam têm de partilhar, não. Estavam preocupados em copiar os apontamentos, portanto, que tinham feito, a copiar o papel. E ela saiu de lá, e era ela: "Bem, isto não foi nada daquilo que eu estava à espera." E, portanto, isso acontece muitas vezes, que é, nós no papel temos aquilo tudo muito lindo e bonito, uma planificação excelente, uma coisa, não é? E chegamos lá e queremos aplicar e aquilo, até ficamos mais preocupados em implementar aquilo, se é que me estou a fazer entender...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...do que verificar se eles realmente, se realmente os alunos estão a tirar partido daquilo. Estão realmente a aprender com aquilo que estão a fazer. Porque ela chegou à conclusão que eles não estavam a aprender nada, estavam a acabar por copiar uns dos outros, não estavam, porque o objetivo era eles falarem entre eles, não é? Não, estavam a copiar.

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: E por isso...

MODERADOR: Depois vocês têm a oportunidade de discutir isso em equipa?

PROFESSORA 13: Sim, portanto, isso...

MODERADOR: A metodologia.

PROFESSORA 13: A metodologia.

MODERADOR: Ou seja, "Implementámos, mas se calhar...", isso que está a partilhar agora, "...eles, se calhar não correu tão bem, não aprenderam tão bem..."

PROFESSORA 13: Hm, não sei, ela partilhou...

MODERADOR: "...se calhar de uma próxima vez..."

PROFESSORA 13: ...ela partilhou comigo, portanto...

MODERADOR: Pois.

PROFESSORA 13: ...colega de grupo, não sei, sinceramente não sei se partilhou com a responsável da...

MODERADOR: Mas vocês estão a fazer essa aula e depois, qual é a consequência disso? É só mais para experimentarem?

PROFESSORA 13: É, é.

MODERADOR: Mas não vão depois partilhar uns com os outros, e...

PROFESSORA 13: Eu acho que, pelo menos nós...

MODERADOR: ...e ver o que é que correu melhor e o que correu menos bem?

PROFESSORA 13: Eu não sei o que é que os outros vão fazer, mas nós o que estamos a fazer, e foi o que a minha colega já fez é partilhar com o grupo...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...portanto...

MODERADOR: Com o grupo disciplinar.

PROFESSORA 13: ...de disciplina, não é? Disciplinar, sim, sim. E eu quando fizer é isso que vou fazer também.

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: Portanto, não temos planeado fazer, para já é mesmo a experimentação.

MODERADOR: Experimentação.

PROFESSORA 13: Portanto, é uma coisa novas, estamos a entrar e a experimentar.

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: E eu também acho que faz parte, depois foi o que eu lhe disse, não faz mal, faz parte.

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: Da próxima vez até podes pensar doutra coisa, ou doutra forma, ou da mesma e até eles já terem esta primeira experiência e até correr melhor. Portanto...

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: Sim, mas pronto, lá está, mas não podemos ficar muito presos à nossa, mesmo à nossa metodologia...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...ativa de educação, que às vezes, de aprendizagem, que às vezes não, não é? Não resulta.

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: E agora já me perdi, que eu já não sei o que é que estava a falar. É mesmo...

MODERADOR: Estava a falar de coisas ótimas.

PROFESSORA 13: Ai estou? Então agora pus-me a falar disto.

MODERADOR: Está a falar de coisas ótimas. É dos fatores que reconhece como barreiras à inovação.

PROFESSORA 13: Ai, barreira, pois exato.

MODERADOR: E eu depois fiz-lhe...

PROFESSORA 13: Lá está, os papéis estava a falar de burocracia, barreira.

MODERADOR: Fiz-lhe a pergunta, como então seria possível...

PROFESSORA 13: Pois.

MODERADOR: ...equilibrar um trabalho...

PROFESSORA 13: Sim, sim, sim, sim.

MODERADOR: ...que tem que ser mais sistematizado, etc...

PROFESSORA 13: Pois.

MODERADOR: ...com esta questão...

PROFESSORA 13: Boa questão.

MODERADOR: ...de haver tempo para o essencial, desta maior espontaneidade, maior rasgo do professor?

PROFESSORA 13: Pois. Pois, depois realmente é uma boa pergunta. Não sei.

MODERADOR: Fica a pergunta.

PROFESSORA 13: Não sei, pois é isso.

MODERADOR: Não tem mal, não tem mal nenhum.

PROFESSORA 13: É isso, olhe não sei. Porque eu entendo que as coisas têm que ser planificadas, claro que sim, mas, e tem que haver a burocracia, também já sabemos que sim. Às vezes é, o problema é quando se faz e depois não se vê aplicação prática. Eu acho que é um bocadinho por aí, porque quando é uma MAS...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...nós planificamos e depois até vemos o resultado, vamos aplicar aos alunos e, não é?

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: E vamos ver se funcionou, se não funcionou, até podemos fazer depois um momento de avaliação para saber...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...então se aprenderam ou não aprenderam sobre o assunto, pronto aí está. Agora, quando é uma burocracia, há bocadinho estava a falar na introdução dos referenciais na...

MODERADOR: Certo, na incorporação do perfil do aluno.

PROFESSORA 13: E isso depois vê-se resultado? Porque aí é que eu às vezes acho que é uma burocracia que não traz vantagem para a sala de aula.

MODERADOR: Olhe...

PROFESSORA 13: Ou que...

MODERADOR: ...eu, neste caso, até estou a entrevistar, mas posso dar a minha opinião. Aquilo que me parece, mas quer dizer, não estou aqui no colégio...

PROFESSORA 13: Sim, sim.

MODERADOR: ...é que se for apenas, "Ok, são estas características, vamos mudar este, o layout..."

PROFESSORA 13: Isso. Isso.

MODERADOR: "...com que trabalhamos, e não sei quê." Agora...

PROFESSORA 13: E depois fica ali.

MODERADOR: Agora, agora, se levar de facto a uma reflexão sobre, "Para eu desenvolver a autonomia, como é que eu posso planear o modo como ensino e o envolvimento dos alunos para eles desenvolvam a criatividade, o que é que isso tem sobre..." Quer dizer se isto vier tudo agarrado...

PROFESSORA 13: Aí sim.

MODERADOR: ...e, portanto, o referencial curricular...

PROFESSORA 13: Aí tira uma aprendizagem, é isso? Pronto.

MODERADOR: ...ligado às metodologias e ao modo como eu avalio, porque não posso avaliar...

PROFESSORA 13: Pois não.

MODERADOR: ...muitas destas coisas por testes.

PROFESSORA 13: Pois não.

MODERADOR: Portanto, ou isto é tudo articulado...

PROFESSORA 13: Pois.

MODERADOR: ...e começa a fazer um sentido global, ou então depois percebo essa percepção que tem, não é?

PROFESSORA 13: Eu não estou a falar também daqui, porque aqui ainda, pronto, não é? Passei por pouco, mas até de outros sítios. Às vezes é isso, é exigir papéis, e papéis, e papéis, e papéis...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...e depois, uma trabalhadeira enorme, e depois a pessoa olha para aquilo e pensa, “E agora? O que é com os meus alunos, o que é que os meus alunos beneficiaram com estes papéis? Ou o que é que eu beneficiei para poder ajudar melhor, não é? De forma mais eficaz, os meus alunos?” Muitas vezes é nada. E é aí que eu sou contra e aí é que eu acho barreira.

MODERADOR: Hm, hm. Claro. Ou seja...

PROFESSORA 13: Se é que me estou a fazer entender.

MODERADOR: Deixe-me tentar, se eu estiver a extrapolar coisas, diga.

PROFESSORA 13: Diga, diga.

MODERADOR: Não é nada disso. Então, parece que seria necessário ou conveniente que os professores vejam mesmo e experimentem mesmo que a inovação, por exemplo em termos de referencial curricular, tem uma consequência direta no modo como se pensa o ensino...

PROFESSORA 13: Isso.

MODERADOR: ...como se pensa a avaliação, e é necessário que também, experimentar que isso tem consequências na aprendizagem dos alunos?

PROFESSORA 13: Exatamente, só aí é que faz sentido.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: Pelo menos para mim.

MODERADOR: Ou seja os professores também têm que estar muito envolvidos nisto tudo....

PROFESSORA 13: Claro.

MODERADOR: ...não é?

PROFESSORA 13: Claro. Isso, exatamente. Não ser uma coisa por obrigação para o professor, não é? E depois o professor não vai tirar partido daquilo e os seus alunos também não, pronto, aí é, aí é que não.

MODERADOR: Sim, senhora.

(38.21)

MODERADOR: Olhe, esta pergunta, veja se lhe faz sentido.

PROFESSORA 13: Vou ver.

MODERADOR: Se consegue, e pode também ser um bocadinho para lá da sua própria experiência, não é? Mas daquilo vai percebendo também do colégio...

PROFESSORA 13: Sim.

MODERADOR: Se a inovação educacional que tem, que está a ocorrer aqui no colégio, ou que tem vindo a ocorrer nos últimos anos, se percebe que ela se tem vindo a consolidar e a ganhar algum terreno, ou modo mais tradicional de ensino-aprendizagem, ou se lhe parece, por outro lado, que ela ainda tem um carácter muito discreto dentro da organização escolar?

PROFESSORA 13: Ok.

MODERADOR: Ou seja, se sente que aos poucos ela vai ganhando terreno ou se é tão pequenino, tão pequenino, tão discreto, nada muda...

PROFESSORA 13: Eu sinto que aos poucos vai ganhando terreno, porque o ano passado acho que tinha muito menos perspectiva disso do que tenho este ano. Portanto, só por aí, acho que, não é?

MODERADOR: Claro, claro.

PROFESSORA 13: Acho que já posso dizer isto. No ano passado acho que não tinha, não tinha perspectiva. Também pronto, foi o primeiro ano, entrei aqui, depois fomos para casa, depois, mas quer dizer, não tinha, não tinha. E agora este ano começou a ter.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: Portanto, acho que nesse aspeto posso dizer que está a ganhar terreno.

MODERADOR: Sente que sim.

PROFESSORA 13: Agora, claro que ainda é uma coisa embrionária, porque eu acho que, portanto, porque eu acho que se tem que dar tempo ao tempo, porque eu acho que os professores precisam de aprender, porque é preciso aprender. Há professores, não é o meu caso, mas há professores que de há muitos anos, não é? Têm muito tempo de serviço, com outro tipo de experiência, e fazer, e fazer-se acompanhar destas novas metodologias é preciso um esforço também por parte deles. E isto não se faz do dia para a noite. Acho que é muitos anos de ensino tradicional, não é? É um bocadinho difícil, e eu por mim falo...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...há coisas que, estava a falar há bocadinho dos testes, eu por mim, eu por mim não fazia testes, mas depois, aliás é a parte que menos gosto de ser professora, não sei se pensa o mesmo, é avaliar. Eu a parte que menos gosto é avaliar.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: E, lá está, o que mais gosto é das aulas, mesmo. É a relação com os alunos...

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: ...e pronto, e as experiências que se fazem e, pronto, as atividades em aula. Isso é a parte que mais gosto, realmente eu, a parte de avaliar não...

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: ...não é tão grande. E quem me dera a mim também realmente saber avaliar outra forma. E, portanto, eu acho que se calhar até um dia vamos conseguir de outra forma, vou conseguir outra forma, que eu sei que há professores que já, já não fazem os testes e avaliam na mesma. É uma aprendizagem. Agora acho que é, eu aceito. Portanto, estou aberta a aprender. Acho que é preciso, é preciso isso, é estar aberto a aprender e eu isso estou. Agora, não acho que seja fácil, nem acho que seja de um dia para o outro. Perdemos muito um bocadinho aquela, perdemos a segurança, não é? E o que nós mais temos de transmitir para os alunos é a segurança.

MODERADOR: Sim, sim.

PROFESSORA 13: Acho que é isso.

MODERADOR: Não, e é o que diz, é que nós não temos só a nossa experiência de professores quase toda num modelo...

PROFESSORA 13: Temos a nossa experiência de aluno.

MODERADOR: ...temos uma experiência de escola que vem desde pequenino que foi toda nessa, não é?

PROFESSORA 13: É verdade.

MODERADOR: Desde cedo, desde sempre quase, que fomos não é? Escolarizados, compreendo bem o que diz, a dificuldade.

PROFESSORA 13: Eu trabalhei há uns anos, trabalhei numa escola pública em Ponte de Lima, agora não me lembro do nome da escola. E era uma escola também inovadora, tinha uma sala, aquelas salas que eles chamam, que tem aqueles computadores, aquelas mesinhas com rodinhas, portanto, não têm lugares fixos...

MODERADOR: Sim, o diretor era o Luís Fernandes?

PROFESSORA 13: Exatamente, era o Luís Fernandes, trabalhei lá.

MODERADOR: Era uma das seis ou sete escolas...

PROFESSORA 13: Que tinham essas salas, que agora não me estava a lembrar do nome.

MODERADOR: ...que tinham essas salas e que tinham autonomia...

PROFESSORA 13: Ah, sim.

MODERADOR: ...uma autonomia imensa conferida pelo Ministério para inovar.

PROFESSORA 13: Espetacular. Tinham um projeto, tinham um projeto de Meteorologia espetacular com os alunos. Eu não sei muito, porque é que eu não sei muito? Eu fui fazer uma substituição e, portanto, eu cheguei lá em maio e vim embora em junho. Junho ou julho, portanto, final do ano letivo.

MODERADOR: Mas gostou muito da experiência?

PROFESSORA 13: Foram dois meses e eu adorei a experiência. E quando cheguei àquela sala, eu não tinha propriamente aulas lá, mas tínhamos lá algumas reuniões e tal. E depois percebi como é que aquela, tinha um quadro, lá está, que agora está mais vulgarizado, mas na altura não era assim, então uma televisão enorme touch, não é? Os miúdos com tablets. Uma aula de matemática, lembro-me, era um colega de Matemática que dinamizava também, lá está, super, super à frente. E eu achava aquilo um espetáculo. Como é que é possível, não é? As aulas, tinham uns pufes...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...para os miúdos estarem com o tablet, lá está, uma escola inovadora. E que eu aceitei aquilo e acho aquilo espetacular. Só que às vezes a pessoa diz, "E se fosse eu, será que eu conseguia, não é? Fazer o que o colega faz?". A pessoa parece que perde um bocadinho...

MODERADOR: Hm, hm. Mas eu acho que conseguia. Acho que conseguia.

PROFESSORA 13: Eu também acho que sim, mas... E os alunos, será que iam, lá está, voltamos aos alunos, será que todos aprendem dessa maneira, da mesma forma, sempre?

MODERADOR: Não tem...

PROFESSORA 13: Eu aí é que acho que não. Acho que tem que haver um misto.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: Digo eu. Eu, por exemplo como, lá está, a minha disciplina também é muito dada a isso. Professora de Físico-Química, sou muito dada às experiências e eles vão a um laboratório de 15 em 15 dias. E é engraçado, há alunos que no laboratório, excelentes, excelentes e tiram conclusões e depois eles fazem um questionário para...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...para avaliar, não é? Da parte prática, excelentes. E normalmente esses são aqueles que são menos bons nas aulas, nas aulas teóricas, é engraçado, mas lá está, avaliamos em momentos diferentes, fazemos experiências para os miúdos diferentes, não é? Portanto, umas mais práticas, umas mais teóricas, nem todos se identificam com as mesmas metodologias que é mesmo assim. Eu acho que o segredo é variar.

(44.11)

MODERADOR: Olhe...

PROFESSORA 13: Já falei muito.

MODERADOR: Não, não falou nada, não falou, está ótimo.

PROFESSORA 13: E estou-lhe a fugir do tema, peço desculpa.

MODERADOR: Não, não está, não está, olhe que não está. O que é que eu lhe ia perguntar? Então tem uma perspetiva positiva em relação ao Bússola 21 estar a acontecer aqui no colégio? Em relação à inovação?

PROFESSORA 13: Isso, vou ser muito sincera, eu percebo ainda muito pouco do projeto Bússola 21...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...estou um bocadinho assim à parte, pronto. Mas daquilo que ouço, e daquilo que percebo, e da inovação, sim, completamente a favor. Sim, sim.

(44.42)

MODERADOR: Então, do pouco que conhece...

PROFESSORA 13: Sim.

MODERADOR: ...tendo em conta estas três áreas, em que há oficinas de inovação pedagógica...

PROFESSORA 13: Sim.

MODERADOR: ...que são a Interioridade, a Educação da Interioridade, a Gestão de Currículo, que é um...

PROFESSORA 13: Sim.

MODERADOR: ...que é onde estão a ocorrer os projetos interdisciplinares, as MAS...

PROFESSORA 13: Sim.

MODERADOR: ...ou a questão da participação das crianças...

PROFESSORA 13: Participação.

MODERADOR: ...e dos jovens, se lhe dessem a escolher uma ou mais destas oficinas, não pensando agora na quantidade de trabalho que teria, se lhe perguntassem se gostaria de integrar alguma destas áreas e aprender e desenvolver trabalho de inovação nalguma ou em algumas delas, o que é que escolheria? PROFESSORA 13: Seria Gestão de Currículo.

MODERADOR: Gestão de Currículo.

PROFESSORA 13: Acho que sim.

MODERADOR: Sim, senhor.

Interioridade sinto-me mesmo muito à parte do que se trabalha...

MODERADOR: Do que está a acontecer.

PROFESSORA 13: ...do que está a acontecer. E na participação dos alunos também não sei em que é que eu poderia, digamos assim, contribuir para.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: Na Gestão de Currículo, sim. Eu sou muito dessa partilha dos trabalhos interdisciplinares.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: Também já trabalhei com as DAC, era as antigas não eram?

MODERADOR: Sim, é a terminologia, sim, sim, sim.

PROFESSORA 13: Domínio da Autonomia Curricular.

MODERADOR: Partia da flexibilidade...

PROFESSORA 13: Isso.

MODERADOR: ...da autonomia e flexibilidade. Sim, são os Domínios da Autonomia Curricular.

PROFESSORA 13: Acho muito mais, acho interessante.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: Essa parte acho que me identifico mais. Sim, seria para aí.

MODERADOR: Muito bem.

(46.13)

MODERADOR: Olhe, estou aqui a, estamos mesmo a acabar.

PROFESSORA 13: Ok.

MODERADOR: E sente a este nível, da inovação pedagógica, necessidade ou gostaria de fazer formação em alguma temática específica? E que, portanto, nesse sentido...

PROFESSORA 13: Eu acho que a formação, por exemplo, que nós tivemos nas MAS, que eu estava a dizer, gostei, eu acho é que não foi suficiente. Acho que se devia...

MODERADOR: Dar continuidade.

PROFESSORA 13: ...dar continuidade, isso. Ser uma coisa, porque é assim, houve uma formadora que até disse, quer dizer, aquilo que ela estava ali a explicar ela explica aos alunos, ela era professora, durante um semestre. Quer dizer, aquilo, a pessoa está...

MODERADOR: Claro. E há perspectiva de ter continuidade, ou não sabe?

PROFESSORA 13: Não sei.

MODERADOR: Não sabe.

PROFESSORA 13: Não sei. Sinceramente não sei.

MODERADOR: Claro, mas não foi dito que teria, ou que não...

PROFESSORA 13: Não, não foi. Pelo menos que eu me tivesse apercebido...

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: ...que eu me tivesse apercebido, penso que não. Mas sim, uma formação...

MODERADOR: Nessa área. Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...nessa área. Sim, acho que é importante.

MODERADOR: Mais continuada.

PROFESSORA 13: Mais continuada, isso.

(47.16)

MODERADOR: Agora só mesmo questões, duas questãozinhas mesmo para terminarmos.

PROFESSORA 13: Ok.

MODERADOR: Não tem que responder que sim, continua a ser tudo aquilo que pensa. Se considera que esta entrevista foi útil para pensar em inovação educacional aqui no colégio?

PROFESSORA 13: Olhe, se calhar foi, se calhar foi, porque, lá está, como não estão ainda muito integrada, se calhar gostei de falar consigo, de ouvir também...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 13: ...o que me disse, sim.

MODERADOR: Que bom, sim senhora.

(47.48)

MODERADOR: Olhe...

PROFESSORA 13: É para pensar.

MODERADOR: ...há aqui algum aspeto pertinente neste domínio da inovação, e dela chegar mesmo à sala de aula, e de fazer com que os alunos aprendam, que nós não tínhamos falado sobre ela, mas que ache importante e que gostasse ainda de referir?

PROFESSORA 13: Não, não, não, acho que foi bastante abrangente, ali as suas questões acho que iam mesmo de encontro às várias vertentes da integração da inovação no colégio, por isso não.

MODERADOR: Muito bem. Olhe, da minha parte...

PROFESSORA 13: Pronto.

MODERADOR: ...não estou a dizer isto para ser simpático, foi um gosto, foi mesmo um gosto...

PROFESSORA 13: Olhe, agradeço.

MODERADOR: ...também uma riqueza que traz também das suas experiências.

PROFESSORA 13: Acha? Eu estava, quando a Dra. Maria me disse, eu disse, "Olhe, mas eu não tenho muita experiência."

MODERADOR: Não, não.

PROFESSORA 13: "Não, mas o professor Pedro queria mesmo alguém também que não tenha."

MODERADOR: É, é.

PROFESSORA 13: Eu disse, "Pronto, eu vou tentar dar o meu melhor..."

MODERADOR: É, é isso mesmo.

PROFESSORA 13: "...no que eu puder ajudar."

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 13: Pronto, foi um prazer também.

MODERADOR: Olhe, muito muito obrigado.

[EP1 – Entrevista a Professores | 2]

(00.00)

MODERADOR: Muito bem. Muito obrigado. Esta entrevista é, é possível que tenhas aí alguma...

PROFESSORA 14: Era isso, era isso, tinha o teu, tinha o teu, não é?

MODERADOR: ...e outra do colégio, vê só se...

PROFESSORA 14: Pronto, ok.

MODERADOR: Mas é pelo mesmo fim, era ele a tentar saber de ti. Está bem?

PROFESSORA 14: Está.

MODERADOR: Olha, a entrevista insere-se no doutoramento, é aqui um instrumento importante e complementar de outros. Aquilo que, que foi pedido ao colégio também foi que estes professores entrevistados tivessem diferentes tempos no colégio, diferentes responsabilidades. E a entrevista vai, depois já vais ver, que se vai centrar muito sobre um domínio, que é o impacto da inovação na sala de aula.

PROFESSORA 14: Combinado.

MODERADOR: Que impactos tu percecionas que a inovação tem, tem tido, mas pronto, lá chegaremos. Ia começar por te pedir para, para gravar o áudio, e depois dizer-te que, depois da entrevista, vou fazer uma transcrição do áudio para texto...

PROFESSORA 14: Hm, hm.

MODERADOR: ...que pode demorar umas semanas. Eu quero que seja o mais rápido possível, mas pode demorar umas semanas, e que depois, ainda antes da análise de conteúdo, eu vou partilhar contigo para tu veres, para verificares se está tudo bem...

PROFESSORA 14: Combinado.

MODERADOR: ...e poderes, eventualmente, acrescentar algo que consideres relevante, pronto. Ia começar por pedir alguns dados mais pessoais em termos da tua formação.

PROFESSORA 14: Hm, hm.

(01.36)

MODERADOR: Qual a tua formação académica?

PROFESSORA 14: É na FLUP, foi na FLUP, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a licenciatura pré-Bolonha...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Ingleses do ramo educacional. E foi pré Bolonha. Depois, em 2012, fiz uma pós-graduação em supervisão pedagógica docente.

MODERADOR: Hm, hm. Muito bem. Quer dizer, a tua personalização, tendo em conta que a licenciatura era de ramo educacional...

PROFESSORA 14: Já, e previu...

MODERADOR: ...portanto, já estava...

PROFESSORA 14: ...sim, já fiz estágio, ainda fiz estágio pedagógico integrado...

MODERADOR: Na licenciatura.

PROFESSORA 14: ...na licenciatura. Exatamente.

MODERADOR: Muito bem, muito bem.

(02.22)

MODERADOR: Há quanto tempo desempenhas funções aqui no colégio?

PROFESSORA 14: Essa foi uma das dúvidas que me ficou no formulário. Eu preenchi "sete anos" no cálculo das declarações de serviço...

MODERADOR: Exato.

PROFESSORA 14: ...eu estou cá desde 2011-2012. Portanto, na verdade...

MODERADOR: Há dez anos, fará dez anos agora.

PROFESSORA 14: Exatamente, exatamente. Agora, traduzido em tempo de serviço são sete anos.

MODERADOR: Pois, não, sim, mas aqui...

PROFESSORA 14: Mas desde o ano letivo 11-12.

MODERADOR: Sim, aqui era mesmo o tempo, não. De início não estavas com o horário completo e...

PROFESSORA 14: Exatamente.

MODERADOR: ...portanto, nessa contagem...

PROFESSORA 14: Exatamente, sim, exatamente.

MODERADOR: Sim, senhora.

(03.03)

MODERADOR: E que funções foste desempenhando aqui no colégio ao longo do tempo?

PROFESSORA 14: Então, eu comecei como professora. Uns anos depois, pouco tempo depois, como diretora de turma, e desde 2017 como coordenadora do, do ensino secundário. Quando o colégio aderiu, começou a trabalhar nos processos de inovação da Bússola, fiz parte da equipa inicial da oficina da Participação das Crianças, e agora divido como cargo de coordenadora da Participação das Crianças, sobretudo no ensino secundário.

MODERADOR: Muito bem, muito muito obrigado.

(03.48)

MODERADOR: Entramos agora na questão do impacto da sala de aula, que é assim a grande temática. As inovações ao nível curricular, aquilo que tem sido feito aqui ao nível curricular, são acompanhadas por inovações nas metodologias de ensino e na avaliação?

PROFESSORA 14: Sim. Não sempre ao mesmo ritmo e, se calhar, nem sempre tão rapidamente como gostaríamos. Mas sim, penso que é um compromisso da direção e da equipa docente que esses processos de avaliação tenham um impacto, nos principais interessados, que são os alunos...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...e que isso possa de alguma maneira ser mensurável. É claro que os processos de avaliação destes impactos vão sendo também diversos ao longo do tempo, mas desde o início parece haver essa preocupação de verificar se foi realmente uma prática que tenha tido algum resultado nas aprendizagens dos alunos.

MODERADOR: Dos alunos.

(05.00)

MODERADOR: Tens perceção se essas inovações são apoiadas na esfera organizacional? Como é que a direção, a equipa que apoia aqui no colégio mais de perto a inovação, como é que apoia essa, no fundo essas inovações?

PROFESSORA 14: Eu penso que de muito perto. Aliás, eu não creio que os docentes se sintam desamparados a esse nível. Os processos de inovação são apresentados normalmente pela equipa diretiva em áreas muito diversas, a área da Participação das Crianças, da Gestão Curricular, da Educação para a Interioridade, e essas propostas de trabalho são sempre acompanhadas pela direção, que me parece muito preocupada em acompanhar os docentes, por exemplo, ao nível da formação. Sempre que expressamos...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...a nossa necessidade de formação de uma determinada área do, lembro-me particularmente do, do início do trabalho de projeto. Foi logo disponibilizada a formação no uso de novas tecnologias. Portanto, quer ao nível da formação quer ao nível, este ano acho que fizemos um percurso nesse, nesse caminho muito visível, quer ao nível por exemplo do tempo disponibilizado para trabalho colaborativo.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: Sempre com estas práticas de inovação no horizonte. Portanto, o trabalho colaborativo também está muito orientado para o pensar sobre e o fazer diferente.

MODERADOR: Muito obrigado.

(06.54)

MODERADOR: Foram criados aqui no colégio referenciais curriculares por ano de escolaridade, ou por ciclo de ensino, nalgumas disciplinas...

PROFESSORA 14: Sim, não todas as disciplinas ao mesmo tempo também, mas o ano passado foi trabalhada, por exemplo, a integração do perfil do aluno na disciplina de Português. Este ano sei que está a ser trabalhado na disciplina de Matemática e, portanto, parece-me que é um trabalho que vai, que vai exigindo também tempo dos Grupos Disciplinares, mas que vai sendo, vai sendo feito.

MODERADOR: Tu participaste nisso, no Português...

PROFESSORA 14: Não.

MODERADOR: ...ou foi em outros anos de escolaridade?

PROFESSORA 14: Não, estava a Paula Matos.

MODERADOR: Estava a Paula Matos. Não sei se, não sei como não participaste, não sei se tens muita noção disto, mas isto é sempre a tua visão, portanto...

PROFESSORA 14: Sim.

MODERADOR: ...esses, esses referenciais são úteis no quotidiano do trabalho docente? Portanto, tens noção se no caso concreto do Português em que este trabalho foi feito, no caso da Matemática que está a ser feito, que este, que esta construção acaba por ser útil no quotidiano do trabalho dos professores?

PROFESSORA 14: Sim e não. Eu acho que para a equipa que está envolvida nesse trabalho a perceção de que aquilo é um instrumento que pode suportar a prática, até as maneiras diversas quotidianas, é uma visão que lhes chega em primeira mão. Quem não está envolvido nesse trabalho depois não vê os resultados e como não vê os resultados tem mais dificuldade nessa, nessa visão de conjunto. É claro que há sempre as reuniões de grupo disciplinar, é claro que há sempre partilha, mas não é, não me parece ser a mesma coisa, não me parece ser a mesma abordagem.

MODERADOR: Hm, hm.

(09.11)

MODERADOR: E como é que tu sentes que, que esta aprendizagem podia ir chegando a outros? Nesta lógica, ano após ano ir surgindo uma disciplina nova, ou veres que se poderia trazer esta aprendizagem internamente de um modo mais rápido, não sei se mais rápido, mas que envolvesse mais docentes.

PROFESSORA 14: Talvez, se calhar envolvendo mais docentes era capaz de ser mais produtivo, porque eu conheço o trabalho que foi feito do Português, mas porque houve uma partilha no grupo disciplinar, e porque nós vamos falando sobre, vamos trocando opiniões sobre, sobre algumas das questões que iam surgindo na formação. Mas, provavelmente o trabalho que foi desenvolvido pelo grupo de Português poderia estar agora auxiliar o grupo de Matemática, que está a trabalhar sobre isso. Ou uma reflexão futura de uma disciplina que ainda vai entrar nesse nosso processo de planificação.

MODERADOR: É estanque, então? O trabalho vai sendo feito com as peritas externas que orientam, mas vai sendo estanque internamente. A aprendizagem que foi feita, por exemplo, no Português...

PROFESSORA 14: Eu não diria que é estanque porque há sempre esta comunicação entre docentes, mas é uma comunicação demasiado informal...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...e não, não me parece consequente. Portanto, até podemos ter noção do que é trabalhado e de como é trabalhado...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...mas não há a intencionalidade do docente x aplicar aquilo...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...que foi, foi visto pelo grupo de trabalho, ou que já foi planificado, ou estudado, ou testado e avaliado por um grupo de trabalho que já esteve...

MODERADOR: Hm, hm. Claro.

PROFESSORA 14: ...que já esteve com essa problemática nas mãos.

MODERADOR: Muito obrigado.

(11.04)

MODERADOR: Agora mergulhamos mesmo na questão dos impactos nas aprendizagens. Que impactos é que consegues identificar como resultado da inovação, aqui a inovação curricular, pedagógica, avaliativa, portanto, deste, deste conjunto, que impacto já consegues identificar como resultado desta inovação na aprendizagem dos alunos?

PROFESSORA 14: Na aprendizagem enquanto aquisição de conhecimentos?

MODERADOR: Sim. Eu depois tenho aqui sub questões, que posso já enunciar...

PROFESSORA 14: Sim.

MODERADOR: ...depois até vou falar de cada um deles, tanto em termos de gestão curricular através dos projetos interdisciplinares que os alunos se envolveram, mas também na participação nos projetos de participação das crianças e jovens, e também sobre a Educação da Interioridade. Portanto, aquela inovação desenvolvida no colégio que chegou à sala de aula, portanto, que chegou, que os alunos participaram desses processos, se consegues identificar impactos na aprendizagem deles decorrentes dessa participação?

PROFESSORA 14: Penso que sim, eu tenho medo que a minha resposta seja mais baseada em percepções, do que propriamente em resultados medíveis. Se estivermos a falar de resultados de, de alunos, de classificações de finais de período, por exemplo, eu não sei responder a uma pergunta dessas.

MODERADOR: [Mas o que eu quero é mesmo as percepções.](#)

PROFESSORA 14: Mas consigo ver, por exemplo, que o trabalho de projeto resultou em aprendizagem não só para os alunos, mas para os próprios professores também. Até em termos daquilo que não queremos do trabalho de projeto. Eu não coordenei a equipa de trabalho de projeto, não estive diretamente envolvida em trabalhos de projeto. A participação do Português é sempre um pouquinho mais, mais lateral mas dá para perceber que eles, que os alunos reagem muito bem ao trabalho do projeto. Permite-lhes explorar coisas diferentes num tempo também diferente, do que o tempo tradicional de sala de aula, que é normalmente gerido pelo professor. Também deu para perceber curiosamente que eles manifestavam os seus, os pontos de melhoria que achavam que os projetos deviam ter. Foi muito interessante perceber que os alunos chegaram a algumas conclusões que são comuns às dos professores, em que o trabalho de projeto não poderá ser, por exemplo, eu ia dizer transversal mas, mas não é isto que eu queria dizer, não poderá ser, abranger várias disciplinas ao mesmo tempo e ser a única modalidade de inovação pedagógica a explorar. Eles revelam que ficam depois muito cansados e que precisam também de algum apoio do professor. E é curioso de ver como é que o impacto que tem nas aprendizagens também tem este lado de eles perceberem como é que aprendem melhor e reconhecem que é importante, mas que não pode ser a única forma de, de, de aprender. Para os professores e para os alunos também foi a Gestão Curricular assente no trabalho do projeto, eu acho que foi uma grande mais valia, porque se percebe que os ritmos de aprendizagem e os estilos de aprendizagem são muito diversos e este pode ser um caminho para satisfazer diferentes alunos com diferentes características e diferentes estilos de aprendizagem.

MODERADOR: [Hm, hm.](#)

PROFESSORA 14: Mas eu acho que no colégio a inovação não tem só a ver com o trabalho de projeto dentro de sala de aula. Inevitavelmente as coisas contaminam-se. A minha participação, a minha experiência pessoal na participação das crianças também mudou a minha forma de agir em sala de aula. Eu já trazia algumas, acho eu, algumas técnicas de participação, mas a partir do momento em que estudamos mais de perto o perfil do aluno que queremos ter, a forma, o que é e o que não é a participação, o que é que inibe e facilita a participação, inevitavelmente isso tem consequências nas práticas de sala de aula.

MODERADOR: [Hm, hm.](#)

PROFESSORA 14: Damos-lhes mais espaço de decisão, de escuta, de negociação de coisas que até podem parecer difíceis de gerir como critérios de avaliação, instrumentos de avaliação. E eu acho que isso se vai vendo...

MODERADOR: [Hm, hm.](#)

PG: ...mas mais uma vez nas aulas dos professores que estão envolvidos nestes processos.

(16.17)

MODERADOR: [Já foste falando aqui de várias coisas. Ainda focando na aprendizagem dos alunos, falaste de por um lado os projetos de Gestão Curricular, falaste também um pouco da participação das crianças, e ao nível da Educação da Interioridade? Tens percepção se a participação dos alunos nestas sessões, nestas aulas, o que é que provocou neles, nas suas aprendizagens, nos seus modos de ser?](#)

PROFESSORA 14: Talvez seja a área em que tenho menos percepção por não estar tão de perto envolvida. Mas acho que nos últimos anos também é muito notória a diferença na Educação para a Interioridade, inclusivamente em termos da aceitação dos alunos das atividades que são propostas. Aqui no colégio temos propostas que têm sempre uma adesão muito grande, por exemplo, os T3, os Dias de Reflexão, e costumam ir ao encontro das suas, das expectativas dos alunos e eles parecem realmente gostar de estar envolvidos em dinâmicas diferentes, que podem ir desde a reflexão sobre o percurso de vida, até a experiências de voluntariado, e acho que são novidades, que para nós já não vão sendo novidades...

MODERADOR: [Hm, hm.](#)

PROFESSORA 14: ...mas que há poucos anos modificaram a experiência da Educação para a Interioridade para melhor. Parece-me.

MODERADOR: [Muito bem.](#)

(17.56)

MODERADOR: [Tornando a pegar naquela questão de há pouco, mais geral não focando tanto numa determinada área da inovação dos impactos da inovação nos alunos, na aprendizagem dos alunos, eu tinha aqui alguns exemplos que vou trazer em cima da mesa e podes pegar em vários, ou num, ou em nenhum ao nível do autoconhecimento dos alunos. Se houve alteração na relação entre pares e deles com os adultos, deles se tornarem mais proativos na sua própria aprendizagem, na autorregulação das aprendizagens, no sentido crítico, aqui se calhar percebi que sim a partir de uma, de uma resposta que deste a pouco, mas pronto, destas, destes vários âmbitos há aqui algum que gostasses de destacar, ou alguns deles? Se quiseres até te ponho aqui o papel à frente, pode ser mais fácil.](#)

PROFESSORA 14: Não preciso, obrigada.

MODERADOR: [Está aqui.](#)

PROFESSORA 14: Eu penso que todas essas áreas se vão cruzando e que nós vemos melhorias em todas elas. Continuamos, e acho que é, é uma, uma reflexão mais ou menos geral, continuamos a debater-nos com problemas de autonomia, achamos que cada vez mais esta autonomia surge mais tarde, que é preciso um acompanhamento mais presente do professor em determinados grupos...

MODERADOR: [Hm, hm.](#)

PROFESSORA 14: ...até mais tarde, mas ao mesmo tempo, percebemos que há evolução nestes domínios e que, quando têm espaço de reflexão, os alunos também nos dão respostas sobre, sobre isto...

MODERADOR: [Hm, hm.](#)

PROFESSORA 14: ...portanto, quando falamos de autorregulação das aprendizagens, da cooperação, da relação entre professor e aluno eles mesmo têm opiniões, têm opiniões sobre isto. E quanto mais à vontade se sentem para as, para as transmitir, também nós vamos percebendo que são coisas que podem ser mudadas e melhoradas.

MODERADOR: [Hm, hm.](#)

PROFESSORA 14: No colégio acho que a proximidade entre professor e aluno sempre foi...

MODERADOR: [Hm, hm.](#)

PROFESSORA 14: ...uma pedra de toque, sempre foi algo que é comum...

MODERADOR: [Faz parte da cultura escolar.](#)

PROFESSORA 14: Parece-me que sim.

MODERADOR: [Hm, hm.](#)

PROFESSORA 14: Acho que faz parte da cultura escolar, parece-me que os grupos são, os grupos de turma são tradicionalmente muito, muito próximos dos professores e, sobretudo dos, dos diretores de turma, mas acho que estes processos de, de inovação também apresentam melhorias nesse, nesse sentido.

MODERADOR: [Hm, hm.](#)

PROFESSORA 14: Estava a tentar lembrar-me de algum exemplo de sala de aula. Provavelmente lembro-me de coisas que não têm a ver com sala de aula e tem a ver com a participação da criança, não é? Mas...

MODERADOR: Não, sim, sim, mas está aqui enquadrado.

PROFESSORA 14: Porque é aquilo que, porque é aquilo que me toca mais no meu dia a dia. Mas por exemplo, o acompanhamento que estamos a fazer este ano da mentoria à Associação de Estudantes está, está, está mesmo muito, surpreendentemente diferente daquilo que estávamos à espera. Eles já chegam até nós com um conhecimento e com uma partilha de elementos até de associações anteriores que, que revelam uma autonomia que se calhar não estaríamos à espera. Mas já chegam até nós com questões que ajudamos a resolver no ano anterior. Não sei se estou...

MODERADOR: Hm.

PROFESSORA 14: ...se estou a fazer clara, portanto, no ano anterior fomos úteis na resolução de um conjunto de questões, que podia ter a ver com o diálogo com a direção, a forma de apresentarem as propostas aos outros aos, aos colegas da, da comunidade escolar. Este ano, este grupo já traz até nós esses, essas soluções, por isso acho que eles estão mais autónomos, nem sempre vemos esta autonomia em sala de aula mas...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...acho que vamos, vamos vendo...

MODERADOR: Sinais de...

PROFESSORA 14: ...sinais de melhoria em vários, em vários aspetos, acho que sim.

MODERADOR: Que bom.

(22.08)

MODERADOR: Agora vamos entrar nos impactos da inovação ou do, ou do resultado desta inovação na aprendizagem dos professores. Também já foste enunciando uma ou outra coisa. Mas o que é que destacarias como os principais impactos naqueles professores que têm participado destes processos, o que é que destacarias?

PROFESSORA 14: Penso que sobretudo uma mudança de práticas...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...porque me parece inevitável. Não, com, com o conhecimento novo faz-se novo também...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...parece-me. Sabemos mais, fazemos melhor. Não me parece que neste momento seja possível retroceder ou apagar determinado tipo de conhecimentos que vamos ganhando nestas, nestas formações, nestas práticas de inovação. Penso que, no meu caso particular a área em que noto mais melhoria é na, na autoanálise e na parte da intencionalidade. Eu percebo muito melhor agora o que é que me queriam dizer há uns anos quando me diziam, “Mas porque é que o professor faz isto? Porque é que o professor escolhe?”

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: “Porque é que...” Percebo melhor porque me debrucei com mais intencionalidade sobre um perfil de um aluno que eu quero construir, ou que eu quero ajudar a construir...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...e fui obrigada a refletir sobre que práticas é que me permitirão ajudar a construir um aluno mais autónomo, mas empático, mais cooperante. E essa parte da intencionalidade acho que é diferente, está mais, mais madura.

MODERADOR: Que bom.

(24.00)

MODERADOR: E aqui, aqui a questão pode e deve ser, e é ótimo que tragas esse, essa tua própria experiência, mas também naquilo que vais percecionando nos professores à volta. Relativamente à expectativa sobre a participação dos alunos na escola. Sentes que tem havido alguma alteração na perspetiva dos professores, de acreditarem mais agora que os alunos podem trazer com a sua participação melhorias na escola?

PROFESSORA 14: Sinto que sim, sinto que estava à espera que fosse um processo mais rápido, mais contagiante. Confesso que estava à espera que fosse mais, mais fácil de ultrapassar determinado tipo de constrangimentos, mas que eu acabo por perceber os constrangimentos. Ao fim e ao cabo não se trata de nenhuma ideia radicalmente nova mas é preciso, lá está, tempo espaço para, para refletirmos sobre esta ideia da participação e o que é que cada um pode fazer com ela. No colégio eu acho que temos muitos projetos, se calhar demasiados projetos de participação das crianças, que acabam por resultar em vários constrangimentos. Um deles será por exemplo a sobrecarga do diretor de turma, porquê? Porque é a ele que pedimos frequentemente tempo de aula para apresentar os problemas aos alunos, para que eles tenham um espaço de discussão, para que eles façam a avaliação das atividades. E, querendo-se ou não, esta sobrecarga sobre o mesmo professor, a mesma disciplina, o mesmo tempo de aula, acaba por resultar num constrangimento...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...até de aceitação das propostas da equipa de inovação, por exemplo. Mas não me quer parecer que haja um impedimento, uma barreira intransponível nesta, neste contagiar das práticas de participação. Pelo contrário, acho que a equipa docente e a direção são muito abertos a esta noção de inovação. E até pelas discussões que se vão estabelecendo nas formações, na sala dos professores, percebe-se que é algo que seria recebido com, com agrado. Temos é muitos constrangimentos.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: Um deles é o tempo, sem dúvida, outro eu acho que é a associação do estabelecimento de projetos de Participação de Crianças. Há uma burocracia acrescida, há um trabalho do professor acrescido, portanto, sempre que se faz essa associação de, “Há um projeto novo.” Então há mais trabalho, há mais coisas para fazer, há mais tempo para despender, há mais papéis para preencher, para preencher. Isso também acaba por ser um constrangimento.

MODERADOR: E isso é exclusivo dessa área de inovação ou nas outras também...

PROFESSORA 14: Não penso que seja exclusivo...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...desta área de inovação. Não penso que seja...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...a mesma, mesma discussão, o mesmo, o mesmo tópico é apresentado na Gestão Curricular, por exemplo, na aprendizagem por projetos...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...nas matrizes, os objetivos, a definição de instrumentos de avaliação, de rubricas. Parece que é tudo a somar.

MODERADOR: Nada altera, ou pouco altera do resto do trabalho que é preciso fazer no dia a dia, ou que é feito no dia a dia, e isto acrescenta sempre algo mais, é isso?

PROFESSORA 14: Sim. Quanto mais não seja numa fase inicial, porque depois até...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...acho que sou capaz de perceber que aquele trabalho investido no momento inicial...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...realizado no momento inicial, depois poupará noutros, noutros momentos. Mas naquele momento inicial é essa sobrecarga...

MODERADOR: Sobrecarga. Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...que acho que se torna mais evidente.

MODERADOR: Muito muito obrigado.

(28.14)

MODERADOR: E agora passaríamos para os impactos na aprendizagem da escola enquanto organização.

PROFESSORA 14: Hm, hm.

MODERADOR: No fundo que impactos já consegues identificar como uma aprendizagem que a própria, que o próprio colégio foi fazendo desta inovação? Posso dar aqui exemplos se ajudar...

PROFESSORA 14: Sempre nas três áreas?

MODERADOR: Aqui, mas aqui de uma perspetiva mais organizacional de apoio.

PROFESSORA 14: Sim, sim.

MODERADOR: Tinha aqui, por exemplo, no trabalho colaborativo, na articulação de saberes e de protagonistas, na aprendizagem entre pares, na capacitação de peritos internos, na tomada, no envolvimento das crianças em decisões da vida da escola. Portanto, tudo aquilo que o colégio foi aprendendo e alterando com a inovação.

PROFESSORA 14: Nas, nas três áreas parece-me que o investimento é igual e planificado com o mesmo grau de importância. Portanto, as três áreas são vistas...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...como, todas com a mesma importância na inovação para o colégio.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: A direção teve desde cedo esta vontade de implementar um percurso de avaliação nestas áreas, avaliando também. Daí que tenha feito um plano de ação até 2023, em que dividiu estas três áreas por coordenadores, e junta, e trabalhando em equipa com os coordenadores e com a equipa diretiva estabeleceu-se um plano de inovações, de melhorias nestas, nestas três áreas. O plano vai sendo cumprido e ajustado à medida que vamos fazendo também essa aprendizagem. E penso que se olharmos para o colégio hoje, por exemplo, em termos de participação dos alunos, é muito distinto, porque a direção já conta com um determinado tipo de participações que até aqui não existiam, e que agora lhe chegam diretamente à porta, e que são sugestões de alunos que vão a reuniões de direção, por exemplo. E, portanto, já há algumas práticas que, que se nota que influenciam os processos organizativos da escola.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: Mais haverá para fazer? Claro que sim. Esta, este processo de prever melhorias nas três áreas com a respetiva avaliação, também ajuda depois na orientação da função dos, dos coordenadores e mesmo dos próprios docentes, porque isto foi comunicado à comunidade educativa...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...mesmo os próprios docentes, de perceberem qual é o horizonte, aonde se pretende chegar, que melhorias é que pretendemos nestas, nestas três áreas.

MODERADOR: Então sentes que é claro, ou que as pessoas de algum modo percebem, ou têm claro, que horizonte é aquele que aqui o colégio procura com a inovação que está em curso? Hm, hm.

PROFESSORA 14: Eu penso que de uma forma geral todos devem ter essa noção, sim, porque é um processo que é acompanhado de perto pela direção...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...e que a direção partilha com o corpo docente e os não docentes também.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: Não quer isto dizer que não acho que não deva ser melhorada esta comunicação, por exemplo, torna-la mais assídua, mostrar o que é que nos determinados grupos de inovação vai sendo conseguido ao longo do ano letivo. Porque normalmente esta comunicação é reservada para o final do ano letivo...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...ou início do ano letivo e depois parece que se perde o fio condutor...

MODERADOR: Hm.

PROFESSORA 14: ...e se calhar esta, este processo, este progresso também poderia ser transmitido, se calhar de uma forma até a envolver mais pessoas que não estejam diretamente envolvidas nestes processos de inovação.

MODERADOR: Maravilha.

(32.38)

MODERADOR: Famos entrar agora, e também eu penso que já foste falando um bocadinho sobre isto, mas agora focando um bocadinho mais o olhar primeiro nos fatores que consideras que são facilitadores na inovação, que a inovação chegue aos alunos e às suas aprendizagens, e depois daqui a pouco nas barreiras, que também já fomos falando. Mas agora, quais os fatores que reconheces como facilitadores da inovação, que ela chegue à sala de aula, ou seja, que ela chegue à aprendizagem mesmo dos alunos aqui no colégio?

PROFESSORA 14: Desde logo uma visão muito clara por parte da direção, desta noção de que quer melhorar procedimentos sempre com vista no aluno. O bem estar docente é importante, o bem estar da organização é importante, o bem estar de todos os colaboradores nota-se que é muito importante, mas o aluno é realmente, para esta direção, parece-me, o centro de todas as escolhas. E essa preocupação é partilhada por docentes, e um dos pontos facilitadores da vida do Colégio da Paz é realmente esta noção de que o aluno para nós é o mais importante. Por isso toda a gente está permeável a esta ideia de que se há melhorias para fazer que beneficiem o aluno, então vamos fazer, então vamos discutir, então vamos pensar sobre isto. Dá muito trabalho, é aborrecido, ocupa muito tempo, é burocrático, mas não há uma recusa, não há uma barreira que pareça intransponível. Há uma vontade de agir em conjunto e essa parece-me ser a grande qualidade de toda a equipa, o que faz movimentar todo este, todo este processo.

MODERADOR: Portanto, era esse o principal, o principal fator, não é? Muito bem.

(34.50)

MODERADOR: E agora as barreiras. Também já foste falando numa, numa ou noutra coisa há pouco. Quais são as principais, que identificas como as principais barreiras à inovação, que chegue mesmo à aprendizagem dos alunos aqui no colégio? Referiste há pouco o tempo, claramente...

PROFESSORA 14: Eu penso que os constrangimentos mais evidentes são mesmo esses, são o acumular de trabalho numa equipa que já trabalha muito. E este acumular normalmente não, não permite a reserva de tempo, de disponibilidade mental, de ânimo, para o empenho noutras, noutras tarefas que são pedidas para, para a inovação. Sobretudo parece-me esse o constrangimento. É a dificuldade de gerir o papel do professor com o papel de investigador, de estudante, de formando, de formador, os múltiplos papéis que nos vão sendo colocados à medida que procuramos implementar estes processos de inovação. O tempo parece-me realmente ser...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...o mais evidente neste momento.

MODERADOR: Ou seja, grandes desafios organizacionais.

PROFESSORA 14: Muito grandes.

(36.24)

MODERADOR: Olha, não há aqui nenhuma escala que permite dizer, portanto, estamos sempre aqui ao nível das perceções. Mas tens noção que a inovação que se tem, que se tem acontecido, que tem ocorrido aqui no colégio, que ela se tem vindo a consolidar e a ganhar terreno a modos mais tradicionais de ensino aprendizagem, ou ela ainda mantém um carácter muito discreto, muito marginal naquilo que é o trabalho que é feito?

PROFESSORA 14: Eu acho que ao nível das intenções e o projeto de melhoria em si, não, não será um projeto discreto.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: É algo pensado, destinado a completar num curto espaço de tempo, que envolve mudanças significativas a todos os níveis do processo de ensino-aprendizagem, desde a planificação, o perfil do aluno trazido para a sala de aula, os processos, os instrumentos, as formas de avaliar, portanto, é realmente um projeto ambicioso. Na prática diária, e se calhar por causa do constrangimento que estávamos a falar, eu acho que nós não conseguimos avançar tão rapidamente quanto, quanto se gostaria. E se calhar, talvez não fosse, não fosse menos produtivo concentrarmos um tempo numa, numa área em específico, trabalhar sobre aquela e depois avançar para a outra. Para evitar dispersar recursos...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...e tempo em vários campos ao mesmo tempo.

MODERADOR: Hm, hm. Muito bem.

(38.27)

MODERADOR: Estamos mesmo acabar, estamos aqui mesmo a acabar.

PROFESSORA 14: Como quiseres.

MODERADOR: Não quer dizer que não te possas lembrar de outras coisas e...

PROFESSORA 14: Como quiseres.

MODERADOR: ...e introduzires. Antes da conclusão da entrevista ia fazer uma pergunta que tem que ver com isto, na linha do que acabaste de dizer que, quer dizer, que expressa também um pensamento sobre o processo, sobre, sobre a inovação neste contexto específico, eu depreendo daquilo que fomos conversando que tens uma visão positiva sobre a inovação que está em curso, no modo como o colégio está a fazer. Mas parece-te que o colégio, poderia haver aqui uma área de inovação que o Bússola 21 não mobilizou e que seria importante que o colégio desenvolvesse trabalho sobre isso, de formação, etc, que o Bússola 21 por alguma razão não tenha incorporado, ou não tenha escolhido, e que tu vês que poderia ser importante dar resposta?

PROFESSORA 14: Eu claramente tenho uma visão muito positiva destes processos de inovação e sobretudo da implicação da direção nestes processos de inovação. Porque não são, não são, a direção não é externa a este processo, não se limita a passar diretivas, ou...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...vontades, ou projetos. Envolve-se e procura melhorar os pontos que os docentes vão encontrando como constrangimentos. Portanto, a minha, a minha visão quanto à participação do colégio nestes processos de inovação é sobretudo e marcadamente positiva. Eu acho que se calhar os procedimentos, projetos da Bússola, as áreas de intervenção da Bússola, vieram mostrar que nós temos outras áreas de melhoria. Por exemplo, ao nível da formação docente. Mas não me parece que, mais uma vez, multiplicar as solicitações aos professores fosse muito produtivo. Estas áreas de melhoria, a Gestão Curricular, a Educação para a Interioridade e a Participação das Crianças, parecem-me que cobrem, na verdade, as áreas de formação do aluno que nós queremos para os centros educativos das irmãs Doroteias. Dentro delas podem surgir procedimentos de melhoria? Talvez, sim, talvez haja algumas áreas que possamos melhorar. Mas não multiplicar noutras...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...noutras facetas da inovação.

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 14: Talvez não.

MODERADOR: Hm, hm. Sim, senhora.

(41.33)

MODERADOR: Consideras que esta entrevista foi útil para pensar a inovação educacional no colégio?

PROFESSORA 14: Sim, eu penso que há muitos pontos da entrevista que tu tocaste que se calhar amanhã terei uma opinião diversa. Porque são realmente...

MODERADOR: Que bom.

PROFESSORA 14: ...promotores de introspeção, coisas que não, às tantas não pensamos muito nelas no dia a dia, pensamos quando estamos a trabalhar em equipa, quando estamos...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...no seio da oficina de inovação pedagógica, quando estamos com os peritos, mas se calhar no dia a dia, pensar: "O que é que eu hoje fiz para..."

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: "...melhorar a aprendizagem? O que é que eu hoje fiz para melhorar a instituição? O que é que eu hoje fiz para melhorar os procedimentos junto dos órgãos diretivos, ou o que for?" Se calhar, sim.

MODERADOR: Sim, senhora. Muito obrigado.

(42.36)

MODERADOR: Tocámos aqui em muitas coisas, apesar de termos sobretudo um assunto central, mas fomos tocando em muita coisa, mas de certeza que não esgotámos tudo o que poderíamos ter falado, nem queríamos, nem queríamos. Mas se houver algum aspeto, ou aspetos, que tu consideres que são pertinentes nesta questão, e que nós não tenhamos falado, e gostasses de abordar, pedia-te que, que introduzisses. "Olha, não falámos sobre isto, mas isto é importante neste âmbito."

PROFESSORA 14: Que me esteja a lembrar agora sinceramente, Pedro, não. Acho que não me estou a lembrar assim de nada que tenha ficado pendente...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...nenhuma ideia que eu tivesse que, que esteja, que não esteja tratada. Se calhar, uma ideia que às vezes vou refletindo sobre ela, desde o início desta participação da Bússola, é que os projetos de inovação, e mesmo o projeto Bússola, poderiam ter sido desde o início mais transversais, no sentido de envolver mais comunidade educativa. Porque às vezes parece que nos movimentamos a duas velocidades, os que estão envolvidos nas oficinas de inovação e aqueles que ainda não ouviram falar da Participação das Crianças ou da Educação para a Interioridade. Dito isto, também tenho de reconhecer que o último ano tem sido de uma partilha muito mais enriquecedora neste...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 14: ...neste aspeto. Mas acho que poderia ter sido um ponto de melhoria, para projetos futuros, para inovações futuras.

MODERADOR: Que bom, muito bem, muito bem. Vais sempre introduzindo coisas muito, muito boas.

(44.36)

MODERADOR: Estamos mesmo a acabar. Já vou parar o áudio...

PROFESSORA 14: O que quiseres.

MODERADOR: ...mas, pegando também numa coisa que disseste, Ana, eu depois, eu devo demorar umas semaninhas, peço desculpa...

PROFESSORA 14: Sem preocupação.

MODERADOR: ...na transcrição, já tenho algumas em atraso...

PROFESSORA 14: Sem preocupação.

MODERADOR: ...mas quando tiver a transcrição vou partilhar por email, para tu verificares. E fica o desafio, se para alguma destas áreas, em função daquilo que disseste que amanhã podias ter até algo complementar, depois terás espaço também para...

PROFESSORA 14: Combinado.

MODERADOR: ...complementar alguma ideia, está bem?

PROFESSORA 14: Combinado. Sim.

MODERADOR: Olha, para mim, foi um gosto.

PROFESSORA 14: Obrigada, também foi.

MODERADOR: Muito muito...

PROFESSORA 14: Dispõe do que precisares.

MODERADOR: ...muito muito obrigado.

PROFESSORA 14: Está bem?

[EP1 – Entrevista a Professores | 3]

(00.00)

MODERADOR: Já está, já está. Olha antes de mais muito obrigado pelo teu tempo, pelo esforço...

PROFESSOR 15: Ora essa.

MODERADOR: ...sem aulas e vir até o colégio. Esta entrevista, como te tinha dito, Olívio, insere-se aqui no meu estudo, não é? De doutoramento. Tem aqui vários instrumentos de recolha de dados, tive grupos com alunos de secundário, segundo e terceiro ciclo, grupos com professores, dois, acabou agora, acabei agora de fazer a entrevista também com a, com a Dra. Maria, e aqui a entrevista também a três professores. E o porquê destas entrevistas individuais? Por nos parecer que faltava um bocadinho, se calhar, para além dos grupos, essencialmente para tentar perceber, neste caso a tua perceção a dois níveis, sobretudo aqui a dois níveis. Um, sobre o impacto da inovação na sala de aula. Ou seja, a partir da tua perceção em que é que tu percecionas que as dinâmicas que vão ocorrendo no colégio, de inovação pedagógica, têm produzido efetivamente aprendizagens? E por outro lado, é sobre, sobre tudo isto. Não vai ser especificamente sobre a Gestão Curricular, que eu sei que é aquela que tu tens estado mais...

PROFESSOR 15: Sim.

MODERADOR: ...envolvido, portanto, das três áreas, mas como professor, como diretor de turma, como alguém muito implicado também tens aqui, podes ter aqui algo e terás algo muito precioso a dar. Primeiro que tudo, o que eu te ia dizer é que, depois de transcrita, a tua entrevista...

PROFESSOR 15: Sim.

MODERADOR: ...portanto, para o papel, que eu vou partilhá-la contigo...

PROFESSOR 15: Ok.

MODERADOR: ...por email, antes de usar os dados, para tu veres se achas que está tudo bem, se foi exatamente aquilo, se queres acrescentar alguma coisa.

PROFESSOR 15: Ok.

MODERADOR: Pronto. Tudo aquilo que tu disseres, peço-te obviamente que seja com toda a liberdade...

PROFESSOR 15: Claro.

MODERADOR: ...tudo aquilo que for aqui dito é anónimo, mesmo algum nome que possa surgir será sempre usado de modo fictício...

PROFESSOR 15: Sim.

MODERADOR: ...portanto, é mesmo um espaço de liberdade. Ia começar por perguntar, tenho aqui, são brevíssimas perguntas ao nível de tua formação. Qual a tua formação académica?

PROFESSOR 15: Portanto, licenciatura, Geografia, não é? Portanto, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

MODERADOR: E a tua modalidade de profissionalização? Já foi, já era, já tinhas incluído no curso?

PROFESSOR 15: É, é integrado.

MODERADOR: Já estava integrado?

PROFESSOR 15: Sim.

MODERADOR: Muito bem. Mas com mestrado integrado ou ainda pré?

PROFESSOR 15: Não, pré.

MODERADOR: Pré, pré.

PROFESSOR 15: Pré-Bolonha.

MODERADOR: Pré-Bolonha. Muito bem.

(02.43)

MODERADOR: Há quanto tempo desempenhas funções aqui no colégio?

PROFESSOR 15: 20 anos.

MODERADOR: 20 anos. Muito bem. E que funções já desempenhaste aqui na escola ao longo do tempo para além do ensino?

PROFESSOR 15: Portanto, e que desempenho, não é?

MODERADOR: Exato.

PROFESSOR 15: Claro. Diretor de turma, já fui coordenador de TIC, que entretanto abandonei, sou coordenador de ciclo, de segundo e terceiro ciclo. Portanto, já fui coordenador ou responsável, pronto, as designações foram mudando ao longo do tempo, pela Gestão de Currículo, pronto, e sou, disse que era diretor de turma?

MODERADOR: Sim, sim, sim.

PROFESSOR 15: Não sei. Pronto. E faço parte da equipa de inovação pedagógica por ser coordenador de ciclo.

MODERADOR: Muito bem, muito bem, Olívio.

(03.36)

MODERADOR: Agora sim vamos mergulhar, é sobretudo este o domínio, o impacto da inovação. Começava por perguntar se as inovações ao nível curricular, aqui no colégio, se elas são acompanhadas e articuladas por inovações nas metodologias de ensino e na avaliação? Ou seja, há um trabalho aqui de inovação curricular...

PROFESSOR 15: Ok.

MODERADOR: ...e se ele é acompanhado por inovação, também no modo de ensinar...

PROFESSOR 15: Sim.

MODERADOR: ...e no modo de avaliar.

PROFESSOR 15: Sim. Eu acho que, sim, a resposta franca direta, sim. Portanto, a inovação veio trazer novas metodologias de ensino, não é? Portanto, muita aposta numa fase inicial na metodologia de projeto, o que implicou diretamente, portanto, alterações depois também na forma como nós no fundo avaliávamos e, portanto, também trouxe efetivamente inovação ao nível da avaliação, sim.

MODERADOR: Hm, hm.

(04.38)

MODERADOR: Como é que percecionas que essas inovações são apoiadas pela organização?

PROFESSOR 15: É apoio total. Tudo o que é, tudo o que é proposta por parte dos docentes, e que no fundo se traduz numa inovação, quer ao nível das metodologias, quer ao nível da avaliação, normalmente o apoio é total por parte da direção...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: ...aí não há...

MODERADOR: [A nível de tempo para trabalhar, em formações...](#)

PROFESSOR 15: Isso aí já é, já é outra história. Pronto, aliás porque considera, na verdade é um grande obstáculo, é, se calhar já ouviste isso nos focos grupo, etc. Portanto, há aqui em todo o processo, há, digamos, algumas areias na engrenagem que estão a dificultar, digamos, uma implementação mais ampla de todo...

MODERADOR: [Hm, hm.](#)

PROFESSOR 15: ...de tudo. E uma dessas areias, na verdade, é a questão do tempo. A gestão do tempo, na verdade, aqui, nós temos aqui, só para perceberes, nós temos aqui professores que, além do tempo legal de aulas, acumulam horas extra, pronto, é. Portanto, há aqui várias hipóteses que, que no fundo, que a direção poderia tomar, que era ou contratava alguém para ter algumas horas, ou no fundo dá essas horas extra, portanto...

MODERADOR: [Hm, hm.](#)

PROFESSOR 15: ...têm a ver basicamente com gestão de recursos humanos. Pronto, e na verdade há aqui, e eu considero, na verdade é uma perceção que eu tenho, que alguns professores têm um elevado número de horas que depois lhes retira também, no fundo, algum tempo para, pronto, algum tempo para pensar, no fundo, nessas novas metodologias, nesses novos instrumentos de avaliação.

MODERADOR: [Hm, hm.](#)

PROFESSOR 15: No fundo, que no fundo constituem, na verdade, uma areia em todo o processo.

MODERADOR: [Hm, hm. Muito obrigado.](#)

(06.43)

MODERADOR: [Olha, outra pergunta, tem que ver com o seguinte, foram criados referenciais curriculares na escola por ano de escolaridade e nalguma disciplina, por exemplo, assegurando a incorporação do perfil dos alunos na Gestão de Currículo, com articulação vertical, com articulação horizontal?](#)

PROFESSOR 15: Sim, ao nível do segundo e terceiro ciclo não me parece.

MODERADOR: [Hm, hm. E aquele trabalho de incorporação do perfil do aluno?](#)

PROFESSOR 15: Pronto. Isso na verdade sim. Ao nível, sobretudo, dos projetos...

MODERADOR: [Hm, hm.](#)

PROFESSOR 15: ...e ao nível também, na verdade, dos critérios de avaliação, sim.

MODERADOR: [Hm, hm.](#)

PROFESSOR 15: Portanto, todos, todas as disciplinas nos seus critérios de avaliação incorporaram, na verdade, portanto, o perfil do aluno, portanto, um perfil identitário dos...

MODERADOR: [Hm, hm.](#)

PROFESSOR 15: ...dos alunos da congregação. E o mesmo acontece agora em todo e qualquer projeto e metodologia que seja, na verdade...

MODERADOR: [Hm, hm.](#)

PROFESSOR 15: ...implementada. Temos que ter isso obviamente, temos que integrar, sim, sim, tens razão.

(07.58)

MODERADOR: [Então tu consideras que esses, que esses referenciais, em concreto o perfil dos alunos...](#)

PROFESSOR 15: Sim.

MODERADOR: [...é útil no quotidiano do trabalho docente? Ou achas que é aquela coisa que pode ser mais, “Ok, temos de pôr isto na planificação.” Como é que tu sentes?](#)

PROFESSOR 15: Eu acho que isto é um bocado mais amplo do que apenas isso, ou seja, aquilo que eu já referi relativamente às dificuldades na gestão tempo, depois inibem um bocadito o pensar de uma forma mais, não sei como é que te hei de dizer, mas na verdade, na ascensão da palavra, do “pensar” no modo como melhor implementar e integrar, portanto, o perfil do aluno nas nossas, nas nossas, digamos, práticas letivas diárias. E temo, que em alguns casos, possamos estar efetivamente a cometer esse erro, que é, no fundo, estar a burocratizar, digamos, algo que na verdade tem uma importância significativa, mas à qual nós não estamos a valorizar da forma como deveríamos valorizar. E isso tem a ver um bocadito com, volto a reforçar, a questão do tempo. Pronto.

MODERADOR: [Hm, hm.](#)

PROFESSOR 15: Sim, não sei, basicamente isso.

MODERADOR: [Muito obrigado.](#)

(09.23)

MODERADOR: [Olha, mergulhando agora nos impactos da inovação na aprendizagem dos alunos. Que impactos tu consegues identificar como resultado da inovação pedagógica, não é? Nos alunos? Em primeiro lugar perguntava-te relativamente à participação dos alunos nas aulas ou sessões de Interioridade. Que é que tu percecionas que esta participação nas aulas de Interioridade provocou nos alunos nas suas aprendizagens e modos de ser?](#)

PROFESSOR 15: Eu na verdade não consigo percecionar esse impacto. Pronto, na verdade também não é uma, ou seja, não consigo, na verdade não consigo...

MODERADOR: [Hm, hm.](#)

PROFESSOR 15: ...percecionar, mesmo como diretor de turma eu não consigo percecionar, atualmente, para já, o impacto da Interioridade...

MODERADOR: [Hm, hm.](#)

PROFESSOR 15: ...a nível das aprendizagens dos alunos. Nós vamos tendo algum feedback daquilo que vai ocorrendo nas aulas de Interioridade. Vamos ter, e aí sim, algum feedback sobretudo a nível emocional e das relações interpessoais que existem dentro das turmas, e aí sim, isso depois dá um conjunto, digamos, de dados ao diretor de turma para, no fundo, atenuar, resolver problemas que possam existir, conversar com os alunos, estar mais atento precisamente aos alunos. Ao nível das aprendizagens, para já, não consigo no fundo avaliar...

MODERADOR: [Hm, hm. Sim.](#)

PROFESSOR 15: ...qual é o seu impacto.

MODERADOR: [Mas as aprendizagens podem, podem passar por aí, não é? O autoconhecimento, a relação interpessoal...](#)

PROFESSOR 15: Sim.

MODERADOR: [...entre eles, entre eles e os adultos.](#)

PROFESSOR 15: Aí sim, aí sim...

MODERADOR: [Hm, hm.](#)

PROFESSOR 15: ...nota-se já algum impacto, na medida em que, mais pelo feedback que nos é dado pelos professores de Interioridade, vamo-nos apercebendo de algumas coisas que, na verdade, nos escapam...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: ...nas aulas. Porque nós, diretores de turmas, somos também obviamente professores. Nós, nós temos uma, no caso do terceiro ciclo temos 40 minutos de Formação Cívica que, na verdade, não nos dá para muita coisa. Muitas vezes dá-nos essencialmente para resolver, lá está, alguns problemas que nós vamos tendo conhecimento.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: E pouco mais. E, mas esse, no caso, na minha direção de turma, por exemplo, isso já aconteceu...

MODERADOR: Hm, hm.

MODERADOR: ...em que vou sendo alertado por parte da professora de Interioridade, e depois tentamos resolver...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: ...ao ponto até de articularmos, por exemplo, até de que modo é que a intervenção for feita. Por exemplo, se um aluno se sente à vontade mais para falar sobre o problema com a professora de Interioridade...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: ...então fala, não é? Fala com a professora de Interioridade, que depois comunica obviamente ao diretor de turma e o diretor de turma se sentir, no meu caso, por exemplo, senti que também precisava de falar com a aluna, depois falei, mas só depois de uma primeira intervenção...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: ...da professora de Interioridade.

MODERADOR: Muito bem.

(12.39)

MODERADOR: E agora, aqui se calhar é possível que estejas mais à vontade para este tópico em concreto. Continuamos a, continuo a pedir-te para me falares dos impactos que já consegues identificar como resultado da inovação pedagógica, mas agora ao nível da participação dos alunos em projetos interdisciplinares. O que é que tu percecionas que isto provocou neles, nas suas aprendizagens, nos seus modos de ser?

PROFESSOR 15: Olha eu vou te ser, é curioso porque esta semana um aluno veio ter comigo, um aluno que já não é meu aluno, mas que foi precisamente a primeira turma que implementou projetos aqui no colégio. Isto foi no oitavo ano e eles implementaram um projeto, o tal da indústria transformadora no oitavo ano. Depois no ano seguinte a mesma turma, neste caso os de, o mesmo ano, portanto, agora primeiro no oitavo e agora no nono, implementaram outro projeto que foi o “Find a Solution for”. Pronto, entretanto ele vai para o décimo, e no décimo ele vai para Ciências e Tecnologias, portanto, já não tem Geografia, e agora já está no décimo primeiro. E noutro dia apanhou-me no corredor e chegou à minha beira e disse-me assim, eu acho que isto é um bocado ilustrativo, e se calhar responde a algo, poderá não responder a tudo, mas responde a algo, à tua pergunta, que foi: “Professor, professor.” Eu até pensei que alguma coisa se passava, apanha-me no corredor e, “Professor, professor, professor, precisava muito de falar consigo.” E eu, “Oh, Alexandre, mas qual é o problema?”, “O professor lembra-se, lembra-se daquele projeto que nós fizemos no nono ano?” Não falou do do oitavo, só falou do nono. “Lembra-se daquele projeto que nós fizemos no oitavo, no nono ano?” E eu, “Lembro-me, claro que me lembro.”, “Então, olhe eu não me esqueci de nada, de nada, de nada. Ainda no outro dia eu estive a pensar, eu tenho que falar com o professor Olívio, eu tenho que lhe pedir que ele faça um projeto connosco no décimo primeiro ano, porque nós estamos mesmo a precisar de um projeto. E aquele projeto, eu não me esqueci de nada, eu ainda tenho tudo na minha cabeça.” Moral da história é, acho eu que esta situação é ilustrativa...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: ...do impacto que estes projetos têm na aprendizagem dos alunos. Portanto, muito provavelmente este aluno esqueceu-se de muita da matéria que eu dei em Geografia, naquelas aulas, digamos, mais expositivas e mesmo menos expositivas, com outras dinâmicas, mas o projeto, os conteúdos que foram trabalhados no projeto estão lá ao fim de dois anos. Portanto, acho que é um bocado ilustrativo, pronto.

MODERADOR: Hm, hm.

(15.15)

MODERADOR: Olha, sentes que torna os alunos mais proativos na aprendizagem, mais capazes de resolver problemas, mais capazes de autorregular aprendizagens, de cooperar uns com os outros?

PROFESSOR 15: Eu não tenho, não tenho a menor dúvida. Relativamente a isso continuo a afirmar, que já afirmei muitas vezes, tudo isso que tu questionas é verdade. E acrescento a tal questão, que eu também já tenho reforçado muitas vezes, é que estes projetos permitem descobrir dados em determinados alunos, que nas aulas ditas tradicionais ou noutras atividades estão escondidos e, na verdade, permite revelar facetas de alunos que nós não conhecíamos. E há alunos, eu dou muito este exemplo, alunos que normalmente, em situações de avaliação ditas normais, andam com notas relativamente baixas, mas quando chamados a intervir no processo, quando chamados a trazer ao de cima a sua criatividade, transformam-se claramente e mostram que são ou que podem ser muito mais do que aparentam na sala de aula. E, portanto, sobre isso eu não tenho qualquer dúvida. Os projetos são na verdade uma mais valia. Pronto, é preciso tempo para, mais uma vez a questão do tempo, é preciso tempo para os planificar, implementar e avaliar, que é algo que começa a escassear.

MODERADOR: Hm, hm. Muito obrigado, Olívio.

(16.53)

MODERADOR: Olha, ainda antes de passarmos para, para outra questão, ainda centrando no impacto na aprendizagem dos alunos, agora a pergunta é, o que é que tu percecionas que a participação dos alunos naqueles projetos que são mesmo de participação das crianças e jovens, foram desenvolvidos no âmbito dessa oficina, provocou nos alunos e nas suas aprendizagens e modos de ser?

PROFESSOR 15: Eu não te consigo verdadeiramente responder a essa questão. Lá está, é um bocadito aquilo que tu disseste. Eu estive ao longo destes anos muito centrado ao nível da Gestão de Currículo.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: E, na verdade, tudo o que era Interioridade, porque não teve uma visibilidade, e depois uma falha também, que penso que foi um bocadinho nossa, que foi pouco foi partilhado com os restantes, e o mesmo acontece, no fundo, ao nível da Participação das Crianças. Portanto, dizer-te ou tentar avaliar que impacto é que os projetos de Participação das Crianças tiveram, na verdade...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: ...na sua aprendizagem, não consigo.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: Não consigo responder.

MODERADOR: Nem mesmo, nem mesmo este ano, aqui talvez a tua visão como diretor de turma, a participação dos alunos nas assembleias de ano...

PROFESSOR 15: Repara, eu compreendo, eu, quando estavas, quando começaste, quando recomenceste agora, eu estava a pensar exatamente na questão das assembleias. As assembleias de ano aconteceram mas, no entanto, ainda não vi, digamos, o resultado...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: ...dessas assembleias de ano. Foram apresentadas propostas, essas propostas foram identificadas, foram, no fundo, partilhadas, na verdade. Mas depois o processo seguinte, o processo de implementação, o processo de, e ainda não consigo, e o impacto que isso possa ter, sobretudo porque a informação pode ser partilhada e podem ser tomadas medidas, mas depois avaliar o impacto que isso possa ter no dia a dia dos alunos, nas suas aprendizagens, etc, na verdade, ainda não consigo fazer.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: Mesmo como diretor, como diretor de turma. Sei que, sei, tenho feedback de que correram bem, mas daí. Aliás foi eles, eles foram relativamente há pouco tempo, não é? Portanto...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: ...não te consigo responder.

MODERADOR: Não, muito bem. É exatamente, aquilo que se pretende é exatamente o que tu, o que, as tuas perceções.

(19.56)

MODERADOR: Agora dávamos um salto dos alunos para os professores, não é?

PROFESSOR 15: Hm, hm.

MODERADOR: No fundo, as perceções que tu tens sobre o impacto que esta inovação, que está em curso no colégio, tem tido na aprendizagem dos professores. Que impactos tu já consegues identificar como resultado da inovação na aprendizagem dos professores?

PROFESSOR 15: Eu não, eu, como sabes eu estou na questão da inovação desde o início, não é? Portanto, desde a feliz, fui um dos felizes contemplados com a ida Barcelona, e depois, no fundo, fui convidado a promover junto, digamos, aqui da comunidade, nomeadamente os professores, fui convidado a partilhar essa experiência, e depois com as sessões em Fátima, etc, implementar projetos e por aí além. Pronto, nós temos como corpo, nós aqui no nosso corpo docente, nós temos assistido a muitas formações. Verdade seja dita. A direção tem, na verdade, dado, possibilitado, digamos, um número significativo de, de formações. O que eu quero dizer com isto é que, não sei se estou a fugir à tua questão, mas basicamente é isto. Nós temos um corpo docente que está predisposto, está muito predisposto a aprender e a implementar, mas temos também um corpo docente que sente isto como uma obrigação, e ao sentir isto como uma obrigação, isto é como tudo na vida, não é? Portanto, quando estamos predispostos a, fazemos com intenção, colocamos uma intencionalidade naquilo que fazemos, quando somos obrigados a, fazemos por obrigação e não colocamos intencionalidade naquilo que fazemos. Portanto, nós, e além disso há aqui outra questão, que nos dias de hoje aqui no colégio tem caracterizado um bocadinho do corpo docente, que é um cansaço físico, psicológico, emocional, etc, é resultado de tudo isso. Ou seja, nós passámos, nós começámos a implementar, no fundo, estou te a contar, digamos, uma historinha para tentares perceber, não é? Portanto, nós começámos por experimentar, por implementar juntos metodologias de projeto, não é? Portanto, alguns professores foram convidados e alguns professores, na verdade, apreenderam como implementar a metodologia de projeto, e aí sim isso acontece. Portanto, houve professores, não todos, mas houve um conjunto de professores, que tendo sido convidados a implementar metodologias de projeto nas suas aulas, acabaram por o fazer, e para isso obviamente tiveram que aprender, ok? Depois passámos para, além disso, passámos, fomos convidados a implementar também metodologias ativas de aprendizagem. A metodologia de projeto é uma metodologia ativa, não é? Portanto, mas neste caso são outras metodologias ativas, alguns professores, na verdade, também mediante um conjunto de formações e, nomeadamente alguns sites de referência e algumas partilhas de materiais, etc, foram convidados e estão a implementar essas metodologias ativas. E, portanto, tudo isto, o que eu te quero dizer com isto é, tudo isto tem provocado um enorme cansaço, o que pode, no fundo, mais uma vez aquela ideia da areia na engrenagem, e tornar pouco eficaz, no fundo, tudo aquilo que se está a implementar no colégio. Quer a um nível das metodologias ativas, quer a um nível da metodologia de projeto, quer a um nível, pronto. Mas a resposta direta à tua pergunta, se teve impacto? Tem. Se esse impacto, como é que eu hei de dizer? Se esse impacto poderia ser mais, não é mais valorizado, mas rentabilizado, talvez, sim.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: Não tenho, aliás, sim. Não tenho, não tenho a menor dúvida. Sim, mas respondendo diretamente...

MODERADOR: Sim.

PROFESSOR 15: ...sim. Se seria da forma como eu acho que poderia ser? Pronto, acho que ainda há um longo caminho a fazer, mas sim, não pouco...

MODERADOR: Hm, hm.

(24.56)

MODERADOR: Olha, e ao nível da alteração da postura profissional dos professores, do compromisso, da partilha, a abertura à mudança, expectativa positiva em relação aos alunos, sentes que tem havido alterações? No desenvolvimento de competências de planificação, de ação pedagógica, de reflexão sobre a ação, na alteração de práticas?

PROFESSOR 15: Era isso, no fundo era isso que eu te estava a querer dizer. Eu acho que estamos a fazer muito por obrigação e muito pouco por intenção.

MODERADOR: Hm.

PROFESSOR 15: Percebes? Pronto. Na verdade nós estamos a fazer as coisas, mas está a ser muito por obrigação e pronto.

MODERADOR: Hm, hm.

(25.36)

MODERADOR: Deixa-me perguntar-te então o seguinte, vê se te faz sentido. Achas então que o corpo docente vai fazendo, mas não participa um bocadinho da definição de para onde é que se vai, ou esse cansaço pode vir também, "Estamos a inovar e a aprender muito, mas o essencial do modelo escolar em que estamos não muda, não altera e todo o trabalho que temos que fazer continua, e isto vem tudo a somar." O que é que achas que pode ser?

PROFESSOR 15: Eu acho que é um bocadinho das duas coisas. Eu acho que isto é um exemplo claro, por exemplo, de algumas coisas que vou ouvindo e vou percecionando. Se a direção diz assim, e eu acho que isto pode responder um bocado à tua questão. Se a direção diz assim, "É preciso implementar durante este ano uma metodologia ativa." As pessoas sentem-se na obrigação de o fazer e fazem, mas uma vez. Ou seja, nem depois se questionam, muito provavelmente, da mais valia da implementação, quer para eles, quer para os próprios alunos, quer para os alunos, e que se calhar aquele é que deve ser o caminho. Então o que é que acontece? Vamos naquele dia implementar a tal metodologia, pronto, mas no dia seguinte, ou seja, na aula seguinte retomamos a aula ao normal. Percebes?

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: Portanto, isso, na verdade, é um bocado, sei lá, é um bocado frustrante acho eu.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: Mas é a tal questão, a tal questão da obrigação e a tal questão de não haver uma intencionalidade. Eu acho, houve uma coisa que eu até cheguei a dizer, também quando estávamos em Fátima, etc, que era, e as pessoas sentem que estavam bem, porque os resultados eram bons, não é? Portanto, os colégios da nossa congregação, e quando nós falamos aqui em resultados falamos de exames nacionais. Os colégios da nossa congregação sempre tiveram bons resultados nos exames nacionais e, portanto, isso dá a percepção ao professor de que as coisas estavam a correr bem, que não era preciso mudar. E, portanto, ao longo dos anos nós também fomos adotando um determinado sistema, e contra mim eu, e contra mim também falo, não é? Portanto, o tal, o tal paradigma escolar, não é? Portanto...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: ...de autocarro, que sempre funcionou. E, portanto, agora o que sentem, não sentem aquilo que é a inovação como uma mais valia, e mais uma vez sentem aquilo como uma obrigação. E, portanto, o impacto, o impacto, na verdade, de tudo aquilo que tens me vindo a questionar, tem acontecido, é verdade, mas acho que é um impacto residual para já. Aliás...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: ...nós já estamos a falar disto há, quando nós fomos a Barcelona, quando? Já nem me lembro, não é? Portanto, já foi há uns anos.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: E é verdade que a coisa tem evoluído. Tem havido projetos? Tem. Tem havido metodologias ativas? Tem. Acho é que neste espaço temporal a coisa já devia estar mais, já, a máquina já devia estar mais oleada, percebes?

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: Não sei se me faço entender?

MODERADOR: Sim.

PROFESSOR 15: Pronto.

MODERADOR: Muito obrigado, Olívio.

(28.57)

MODERADOR: Olha, e agora dávamos um saltinho mais. Estivemos nos alunos, professores, agora pensando na escola. Embora muito do que temos falado e que tens dito já vai tocando aí. Que impactos consegues identificar como resultado da inovação na aprendizagem da escola? Por exemplo, tu já referiste várias coisas que se tem feito, que se tem aprendido, parece ser difícil dar um salto, não é? Para um trabalho mais, a leitura que eu faço, mais integrado, que transforme mais as práticas...

PROFESSOR 15: Sim. É isso.

MODERADOR: ...que são, que são, que são correntes, que impactos é que tu consegues identificar então na aprendizagem da escola? A escola como organização o que é que pode ter aprendido? Tenho aqui alguns tópicos que posso lançar, para o caso de te ajudar, mas se não ajudar, não... Ao nível, por exemplo, do trabalho colaborativo, se houve, se tem havido alterações no modo como a escola também promove este trabalho colaborativo, na articulação de saberes e de protagonistas, na aprendizagem entre pares, na capacitação de peritos internos, se percecionas que isso está, que isso está a acontecer?

PROFESSOR 15: Eu não...

MODERADOR: No fundo aqui a aprendizagem da organização. O caminho também feito.

PROFESSOR 15: Eu, a questão da organização, ou seja, ao nível da escola, eu acho que apesar de tudo a direção tem tentado criar as condições para que tudo isso aconteça. E mais uma vez, eu não sei, pronto, não querendo estar a fazer comparações nem nada, mas sei que estou a falar contigo, és professor das Calvanas, etc, mas cada realidade é uma realidade. E, na verdade, esta direção tem, tem procurado, tem, tem tentado criar, na verdade, as condições para que consigamos fazer um trabalho colaborativo, consigamos integrar o perfil do aluno nas aprendizagens, consigamos... Na verdade, está a criar, tem disponibilizado a formação, agora mais uma vez, é tudo uma questão de... Eu foco muito, estou a focar muito nisto e não quero estar a ser repetitivo, mas na verdade eu acho que é o cerne da questão. Que é a questão da predisposição para, e a questão da gestão de recursos, e nomeadamente esses recursos, o recurso também temporal, neste caso o tempo. Que eu acho que não está, que não está, não está a acontecer, por um conjunto de razões, pronto, se calhar não vou aqui, nem vale a pena esmiuçar. Mas, por exemplo, só para te dar uma ideia, o trabalho colaborativo é algo que é promovido pela direção através dos horários. Portanto, nós na verdade temos um horário, temos duas horas no nosso horário para promover o trabalho colaborativo e não tem sido eficaz. Percebes? Não tem sido potencializado como deve ser. Mas, e as razões são várias, ou porque nessas horas os professores precisam de desenvolver outras tarefas, porque ficou para trás pela questão da gestão, da gestão do tempo, ou porque a direção decide naquela hora do trabalho colaborativo então implementar outra coisa, nomeadamente uma formação, ou porque as pessoas pura e simplesmente acham que é uma perda de tempo, então como não há um controlo sistemático daquilo que é feito, ou porque se vai facilitando no trabalho que é pedido, então as pessoas deixam, deixam de cumprir, por exemplo, também acontece em algumas, em algumas situações, portanto, ao nível, mas basicamente é isso. Portanto...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: ...acho que as condições estão criadas. Acho que apesar de tudo continua a haver muita, muita areia na engrenagem que não permite...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: ...a potencialização disso mesmo que, que é criado, percebes?

MODERADOR: Muito bem.

(33.26)

MODERADOR: Olha, e particularmente na promoção da participação das crianças e dos jovens? Sentes que tem havido aqui alguma aprendizagem da escola? Achas que lhes é...

PROFESSOR 15: Isso...

MODERADOR: ...pedido para elas participarem também em decisões de âmbito curricular ou organizacional em questões que lhes interesse, às crianças?

PROFESSOR 15: Eu acho que sim. Acho que a esse nível, aliás e o mesmo acontece, repara numa coisa, eu não quis estar a dizer que não tem havido aprendizagem...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: ... há bocado. Opa, não é? Acho que tem havido aprendizagem, e acho que a direção tem criado essas condições, na verdade, para a aprendizagem. É, volto a reforçar, existe muitas, muitos pequeninhos obstáculos que têm dificultado todo o processo.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: E quando eu digo dificultar o processo é torna-lo amplamente, portanto, funcional, e pronto. No caso da Participação das Crianças acho que também isso tem sido feito, portanto, têm sido criadas condições, tem nota-se que há uma evolução relativamente àquilo que se fazia, aliás, que não se fazia...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: ...antes da Bússola, que timidamente começou-se a fazer nos últimos, se calhar, dois anos e que agora é mais, digamos, mais visível. Não sei, é a assembleia das crianças é a assembleia dos alunos, não é? Eles chamam aqui assembleia dos alunos, é a criação da rádio, que parte também dos alunos, é a dinamização de determinados espaços, que também parte dos alunos, é auscultação dos alunos e nomeadamente a Associação de Estudantes, e não só. Portanto, sim, aí tem havido uma aprendizagem, como tem havido uma aprendizagem em todos. No entanto, aqui, ou se calhar porque é mais fácil, ou porque não envolve os docentes ao mesmo nível, tem sido mais nítido.

MODERADOR: Hm, hm. Muito bem, muito obrigado.

(35.32)

MODERADOR: Agora vamos mergulhar, há muita coisa que já foste dizendo, que também toca aqui. Quais aqueles fatores, aqui do colégio, que tu reconhece como facilitadores da inovação na sala de aula? O que é que isto quer dizer? Da inovação que chega mesmo à aprendizagem dos alunos. Quais são estes, os fatores que consideras que são facilitadores?

PROFESSOR 15: Um dos outros fatores, obviamente a disponibilidade por parte da direção perante aquilo que possam ser as “exigências” colocadas pelos professores, para a implementação dos tais projetos...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: ...etc. Portanto, aí a abertura da direção é total, não há, não há... Depois outro facilitador é o corpo docente que está predisposto a, e na verdade consegue-se enumerar e consegue-se inclusivamente perceber que houve um alargar desse corpo docente. Se me perguntas se era o desejável para já, volto a reforçar e até pelas minhas palavras anteriores, que muito provavelmente acho que já estaria numa altura de termos dado um passo maior do que, na verdade, demos, pronto. E outro aspeto facilitador é a predisposição, mais uma vez, só que agora dos alunos. Aquele exemplo que eu te dei do aluno que veio ter comigo, que encontrou-me no corredor é claro. Os alunos estão amplamente predispostos a aprender de outra, de outra forma.

MODERADOR: Hm, hm. Que bom.

(37.16)

MODERADOR: Olha, e agora vamos a outro ponto, também já foste falando de uma ou outra, uma ou outra coisa, mas se calhar agora focando mais a questão neste, neste ponto, talvez possa ajudar a formulares. Quais os fatores que reconheces como barreiras a que a inovação, que ela à sala de aula? Quais são essas barreiras?

PROFESSOR 15: O que te vou dizer é assim um bocado, pronto, mas em contraponto, ao que eu te disse à resposta anterior, que é, são um grupo de professores que estão predispostos, outros não estão predispostos e isso, na verdade, é mau. Pronto.

MODERADOR: E existem, é isso? Existem?

PROFESSOR 15: Existem, claramente, claramente.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: E até o que te vou dizer agora, no fundo, traduz claramente isso, que é a implementação dos, a implementação dos projetos parte muito das relações interpessoais, quando devia partir das necessidades dos alunos. Percebes o que eu te estou a dizer? Portanto, quando, por exemplo, vou te dar este exemplo, que é um exemplo claro, como, por exemplo, um professor chega e diz, “Não, eu não vou fazer este projeto, porque não quero trabalhar com a pessoa y.” Não é? Portanto, significa que, lá está, o processo já está inquinado da partida. E é tal, isso vai tocar outra vez naquilo que eu já disse que é a predisposição. Se eu não estou predisposto a trabalhar com determinada pessoa, eu estou aqui a deturpar tudo. Porque, na verdade, o que deveria estar aqui em questão é, “Muito bem, temos a turma do oitavo ano, vamos ver que, o que é que estes miúdos precisam, atendendo ao perfil de saída e ao perfil da congregação, vamos ver o que é que eles precisam e dentro daquilo que eles precisam vamos ver o que é que podemos trabalhar, independentemente com quem eu vou trabalhar ou não.” Mas na verdade, aqui um dos grandes obstáculos, seja a todos os níveis, nomeadamente ao nível da inovação, são as relações interpessoais, e pronto. E isso, na verdade, é um obstáculo muito grande, deturpa um bocado todo o processo e tem constituído uma barreira muito muito muito grande.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: Há projetos que, por exemplo, projetos anteriores que já tiveram sucesso e que não estão a ser implementados porque as pessoas x, y ou z acham que não devem trabalhar com a pessoa, com outras pessoas, e pronto.

MODERADOR: Hm, hm. Ok, muito obrigado.

(40.10)

MODERADOR: Olha, então...

PROFESSOR 15: Ah, deixa-me só dizer...

MODERADOR: Força, força.

PROFESSOR 15: ...também a respeito dos obstáculos é a questão do tempo, tal como eu já disse, está bem? Portanto, na verdade, e até porque muitos daqueles que estão predispostos para, são professores que vão acumulando várias e várias e várias funções, percebes? E, portanto, isso depois acarreta uma sobrecarga muito significativa e tem acarretado uma sobrecarga muito significativa, que acaba por ser desmotivador.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: Bem, e não, e vou, sendo franco contigo não vale a, posso dizer que eu sou claramente uma dessas pessoas, mas não sou caso, caso único. Quando, eu fico um bocadinho, eu quando falo destas coisas eu fico um bocado triste, porque, na verdade, tal como estávamos a falar há bocado, eu estou desde o início, eu estou desde o início neste processo e, portanto, e vi, na verdade, uma altura em que as coisas estavam a evoluir muito favoravelmente e atualmente eu acho que isso não está a acontecer. Isso não significa que não se estejam a fazer os projetos, não confundas as duas coisas. Porque eu posso até ter atualmente mais projetos a serem implementados do que tinha anteriormente, mas a eficácia, a intencionalidade não é a mesma. Isso, na verdade, depois vai inquinando tudo, não é?

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: E, portanto, e aquilo que nós queremos que é criar de forma que os miúdos aprendam de modo diferente, centrar o aluno na aprendizagem, etc, podemos não estar a conseguir. Apenas estarmos, no fundo, a fazer as coisas de modo ligeiramente diferente, mas sem os resultados que...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: ...no fundo, pretendíamos. Portanto, há todo aqui um, não é apenas a questão das relações, há aqui uma questão de cansaço, há aqui uma questão de sobrecarga, há aqui uma questão de tempo, e há aqui uma questão de desmotivação. Ainda no outro dia estava, por exemplo, a falar com a coordenadora atual da Gestão de Currículo, repara, nós este, eu tive que abandonar, eu este ano estava, comecei como coordenador do

Currículo, depois tive que acumular funções e basicamente tive que ficar com duas turmas que não tinha porque o professor que cá estava teve que dizer, “Eu não posso mais.” Porque eu estava, ele estava no público, também está a tirar o mestrado.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: Pronto, independentemente das razões, teve que abandonar as duas turmas que tinha. E eu acumulei as turmas, e então disse à direção. “Não pode ser, eu não posso ter estas turmas todas e depois ainda ter a Gestão de Currículo, ainda ter a coordenação do 2º e 3º ciclo.” Então, mais vale, não é? Pronto. Então no outro dia estava a falar com a pessoa que me veio substituir, que é uma pessoa muito muito muito muito capaz, é uma pessoa espetacular, não sei se falaste com ela, com a Helena Vieira?

MODERADOR: Ah, ela participou num focus-group.

PROFESSOR 15: Pronto, então se calhar, não sei se ela teve a liberdade de o dizer, mas ela está com muitos problemas porque, por exemplo, para o segundo semestre são muito poucos, eram vários os projetos que estavam a serem implementados, ou que estavam para ser planificados, mas que agora não vão ser implementados, porque as pessoas estão pura e simplesmente cansadas e querem desistir dos...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: ...projetos. Isto para te dizer também que há falhas ao nível da planificação, e essas falhas, aí eu coloco alguma pressão sobre a própria direção que não tem conseguido, a organização escolar que não tem conseguido criar. E retomando aquilo que nós vimos em Barcelona, o que nós vimos em Barcelona foi basicamente, quando o início do ano acontece os projetos já estão prontos a ser implementados. Nós nunca conseguimos isso aqui no colégio, nunca. Então o que é que acontece? Os projetos começam a ser pensados já com o decorrer das aulas, portanto, e repara é aquilo que eu te estava a dizer, portanto, além das aulas, aquele trabalho colaborativo que já deveria ser um trabalho colaborativo de avaliação não é? Portanto, e retificação de pormenores que poderiam estar, digamos, portanto uma, digamos, uma reavaliação constante do processo, não é? Portanto. Mas não. Portanto, os primeiros tempos são para começar a planificar, depois é para implementar, e isto tudo simultaneamente com aulas. Portanto, é isso que eu quero dizer quando eu digo sobrecarga, desmotivação, porque, na verdade, aulas, mais planificar, mais criar guiões, mais criar instrumentos de avaliação em simultâneo começa a ser muito pesado.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: Pronto. E, na verdade, é aquilo que nós... O ideal era o que nós vimos, que é antes do início das aulas já termos tudo planeado, planificado, tudo montado e pronto a implementar. Mas, na verdade, não temos conseguido.

MODERADOR: Hm, hm. Muito muito obrigado, Olívio.

(45.50)

MODERADOR: Olha, tu perante isto tudo que tens refletido parece-te que a inovação tem vindo a consolidar-se e a ganhar terreno, ou ganhar algum terreno aos modos instituídos de desenvolver o ensino-aprendizagem mais tradicional? Ou consideras que ele mantém um carácter marginal e discreto dentro da organização escolar?

PROFESSOR 15: Depois desses comentários todos é importante, é importante referir, se calhar, que a perceção que eu tenho vem também de algum, e vou ser franco contigo, de algum desânimo relativamente às expectativas que eu fui criando ao longo dos primeiros anos, percebes? Portanto...

MODERADOR: Claro.

PROFESSOR 15: ...e é importante que na análise que tu faças, no fundo, filtres um bocadito tudo, tudo isto. O que é que eu quero dizer com isto? Aquilo que eu também há bocado estava a referir, eu não tenho neste momento, não sei neste momento qual o número de projetos que já foram implementados este ano, e quando chegar o final deste ano, se o número de projetos que foram implementados forem em maior número do que foram no ano anterior. E se assim for, se calhar, tudo aquilo que, no fundo, que eu fui dizendo perde algum sentido, perde no fundo razão de ser, pronto. E associado a isso temos também as metodologias ativas, as outras metodologias ativas que de uma forma obrigatória ou não, com maior ou menor intencionalidade estão a ser implementadas. E eu, por exemplo, ainda há pouco tempo, que é, eu vou-te dar outro exemplo claro e com a minha pessoa de que as coisas até estão a ser feitas, mas carece de alguma formalidade, não é? Eu noutro dia implementei uma aula invertida na turma, numa turma do secundário, foi no décimo primeiro, e a coisa correu impecavelmente, correu tudo muito bem, etc. Só que na verdade eu não formalizar a situação. Portanto, isto para dizer que acho que a inovação tem vindo a crescer no colégio, daí a ser considerada uma alternativa e um substituto das aulas tradicionais, acho que ainda temos um longo caminho a percorrer.

MODERADOR: Hm, hm. Muito bem. Muito muito bem. Muito obrigado pela tua profundidade.

(48.40)

MODERADOR: Olha, estamos mesmo a aproximar do fim, o que seria um prazer estarmos aqui muito tempo, mas também quero cumprir, já atrasei um pouco o início, mas para concluir a entrevista eu não queria deixar de fazer duas perguntas ainda, Olívio. Uma, se consideras que esta entrevista foi útil para pensar a inovação educacional no colégio?

PROFESSOR 15: Eu considero, eu considero esta entrevista útil se isto tiver impacto, se tiver algum impacto fora daqui.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: Ou seja, se, eu não sei o que é que tu vais fazer com estes dados, não é? Se daqui vai sair alguma coisa que depois poderá servir a direção para mediante os teus dados poder intervir? Então acho que é de uma grande utilidade.

MODERADOR: Sim, posso dizer? Eu só posso dizer o que pretendo fazer. Pretendo que possa ser muito útil ao colégio, e é uma riqueza muito grande o que tu estás a partilhar, como é uma riqueza muito grande o que outros professores e alunos têm dito e, portanto, eu espero que sim. Espero poder contribuir também para que a tua resposta seja essa daqui a uns tempos.

(50.02)

MODERADOR: Por fim, mesmo, mesmo a terminar se há aspetos pertinentes que nós não tenhamos aqui conversado nesta entrevista e que tu gostasse ainda de introduzir? Sobre o que falámos.

PROFESSOR 15: Não. Acho que, na verdade, toquei naquilo que era, acho que as perguntas demoram a falar, não sei se eu em algumas delas saí fora daquilo que era, que era o previsto. Eu, só para concluir deixa-me só dizer, eu estou com este discurso, mais uma vez, não é porque as coisas estejam mal, eu estou com esse discurso porque eu acho que as coisas poderiam estar melhor, não é?

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: Portanto, aliás ainda há bocado eu disse que a inovação tem vindo a acontecer. Agora o que não está a acontecer era ao ritmo e que com a intencionalidade que eu gostaria que estivesse a acontecer.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: Mais uma vez, se calhar porque eu vi algo que gostaria de ver implementado, e não consigo, e não vejo isso.

MODERADOR: Não vislumbra ainda num horizonte próximo?

PROFESSOR 15: Não vislumbro, pelo menos, exatamente, percebes?

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 15: E sobretudo com essa questão dos problemas de relações interpessoais, dessa obrigatoriedade, dessa falta de tempo para pensar as coisas como deve ser, e implementá-las como deve ser, reavaliá-las de modo constante, sistemático, pronto. Mas olha, pode ser que eu esteja errado e que daqui a cinco anos as coisas estejam bem melhores.

MODERADOR: Entretanto far-se-á a caminho.

PROFESSOR 15: Far-se-á caminho.

MODERADOR: Muito bem. Olha, Olívio, muito obrigado. Foi um gosto e um privilégio poder aqui conversar contigo.

PROFESSOR 15: Para mim é que é um privilégio falar contigo.

MODERADOR: Muito muito muito obrigado, Olívio.

PROFESSOR 15: Obrigado eu.

[FGA3 – Focus-Group com Alunos do 2º e 3º Ciclos]

(00.00)

MODERADOR: Muito bem. Vou pôr o mais alto possível para captar bem a nossa voz. Muito bem. Temos a máscara, não é? Que é importante termos, mas também limita um bocadinho. Portanto ia só pedir que não falemos muito baixinho. Está bem? Olhem, tenho sobretudo dois temas para conversar convosco. E aqui a ideia não é que eu esteja a fazer uma entrevista individual com cada um. Portanto não vou fazer uma pergunta, por vezes vou desafiar algum de vós em concreto para uma determinada questão, mas vou lançar uma questão e a ideia é que vocês também possam discutir uns com os outros. Estão a perceber? Portanto, não têm de esperar que eu diga. Eu por vezes vou interromper num ou noutro momento para lançar uma outra questão. Mas estava eu a dizer, há aqui sobretudo dois temas principais. Um que tem que ver exatamente com o vosso envolvimento no colégio e na vida do colégio, se vocês sentem que estão a participar para mudanças concretas no colégio a partir da experiência de serem alunos e por outro lado qual o impacto que as experiências de inovação que vocês têm vivido, nas assembleias, outro tipo de dinâmicas, as sessões de Interioridade, os projetos interdisciplinares, o que é que tem provocado em vocês e nos alunos em geral. Está bem, podemos começar? Muito, muito obrigado.

(01.36)

MODERADOR: Então a primeira pergunta que eu tinha é se vocês consideram que hoje, tendo em conta o ano passado, anos anteriores, os alunos participam mais na vida do colégio. E se acham que sim, não têm que achar, quer dizer é o que vocês acharam, se podem dar exemplos concretos.

ALUNA 04: Nós fomos uma vez a uma assembleia...

MODERADOR: Ia só pedir para falares um bocadinho mais alto. Pode ser, Inês?

ALUNA 04: Ok. Nós fomos a uma assembleia, por isso, mais ou menos. Eu não sei se os outros anos fazem mais.

MODERADOR: Muito bem, uma assembleia. Estão previstas mais assembleias?

ALUNO 05: Sim, estão previstas... mais uma assembleia para... no próximo semestre.

MODERADOR: Muito bem, portanto uma assembleia. Antes não acontecia, é isso?

C: Não, não.

ALUNO 01: Nós antes não íamos.

ALUNA 02: O primeiro, segundo, terceiro e quarto não têm isso. Só a partir do quinto.

MODERADOR: E não tinham outro tipo de assembleias, em assembleias de sala...? Outro tipo de ideias que dessem para a vida do colégio...?

C: Não.

ALUNO 01: Nós tivemos já duas assembleias, de uma turma, e aquela assembleia de turma...

ALUNA 02: Não, mas isso não foi para decidir...

ALUNO 01: Não, é como se fosse.

ALUNA 02: Aquela assembleia para nós decidirmos as coisas, não é? Como delegados de turma?

ALUNO 01: É como se fosse.

MODERADOR: Muito bem.

(03.05)

MODERADOR: E mais?

ALUNO 05: É assim, em termos de anos anteriores, acho que este é o primeiro ano em que está a haver assembleias de ano. Eu acho que nunca houve cá no colégio assembleias de ano até agora. Mas os professores... muitas das vezes nós temos a aula de Formação Cívica, muitas das vezes os professores até às vezes perguntavam o que é que vocês achavam que estava o colégio...? Que outras propostas vocês podiam dar, e até nós, até o colégio arranhou soluções, como por exemplo... o ponto de escuta, o ano passado, em que nós colocávamos sugestões para mudar algumas coisas no colégio e também, para também falar um bocadinho também dos problemas que possam ter existido também dentro da turma com os professores, relação professor-aluno... E acho que, não me recordo mais nada assim que seja...

MODERADOR: Muito bem. Mais experiências. São as Assembleias também, que tenham assim mais presente...? Envolvimento com a Associação de Estudantes, algum de vocês?

C: Não, não.

MODERADOR: Muito bem. Muito bem.

(04.22)

MODERADOR: A pergunta seguinte era um bocadinho o que vocês foram dizendo. Em que atividades projetos nesta área têm estado envolvidos. Muito bem. Vocês referiram sobretudo as assembleias. Não é?

C: Sim.

MODERADOR: Nas assembleias, vocês sentem que participaram, naquelas que já viveram, não é? Outras terão. Na preparação da assembleia, na concretização e na avaliação da assembleia, ou apenas no momento em que ela aconteceu?

ALUNA 06: Eu acho que como ela foi, foi pela primeira vez esse ano, nós não preparamos muito. Foi preparada pelos adultos, aqui concretizada por nós. Só que eu acho que nas próximas assembleias, nós vamos ser mais livres para... para gramar.

ALUNA 07: Eu também acho que os alunos, mesmo os delegados de turma, não sabiam para o que é que iam, então não sabiam muito às vezes se... apontar algumas ideias, porque também não sabiam o que é que ia ser discutido lá na assembleia.

ALUNA 04: Nem sabíamos o que é que era para fazer, nem sabíamos onde é que era.

ALUNA 07: Mas acho que agora nas próximas...

ALUNA 02: Sim, mas nas próximas se calhar, como já tivemos uma primeira, este ano, se calhar vamos saber mais e tentar...

ALUNA 04: Na Assembleia não sabia que era ideias para votar, a professora é que teve de nos dizer.

MODERADOR: Foi na Escola Superior de Paula Frassinetti?

C: Sim, sim.

MODERADOR: Muito bem, muito bem. E foi com a professora, e foi com a professora Márcia?

C: Sim, sim.

MODERADOR: Muito bem, muito bem.

(05.56)

MODERADOR: Olha, e vocês sentem que a vossa participação nestas atividades, tanto as assembleias como os pontos de escuta que foram falados e eventualmente outra que se lembrem, têm levado a acontecerem mudanças positivas na escola?

C: Sim.

MODERADOR: Na vossa sala, no vosso ano, na escola?

ALUNA 04: Sim, por exemplo nós na assembleia, nós pedimos para que o quadro da sala de música, já estava assim... o projetor já estava assim velho, não é? Nós pedimos para mudar e mudaram. E agora está melhor.

ALUNA 02: E o resto não fizeram.

MODERADOR: E o resto não fizeram. Mas vocês votaram?

C: Votamos todos. Até houve mais votos para coisas que não foram feitas.

ALUNA 07: Mas acho que também, a direção tem muitas turmas, muitos anos, e eles têm de estar a analisar, para nós também, na situação em que nós encontramos, eles têm outras prioridades.

ALUNO 05: Exato.

ALUNA 07: Com a pandemia também, agora, pois, está a passar por um momento não tão bom. Então acho que eles estão com maior pressão e se calhar acho que daqui a um mês ou dois, quando isto acalmar, se calhar vão nos dar mais atenção, de novo.

ALUNO 01: Mas nem foi um pedido grande, que nós fizemos.

ALUNA 02: Até foi bom porque quem estava, porque, por exemplo, quem estava do lado mais perto do recreio, ao pé da janela, como tinha muitos... o quadro, o projetor já estava gastado não conseguia ver muito bem a imagem e agora, como o projetor é novo e o quadro também, conseguem ver melhor.

ALUNA 04: Muito melhor. E, por exemplo, nós éramos, o que teve mais votos era sem uniforme...

ALUNO 01: Era não ter de usar o uniforme a partir do quinto ano.

ALUNA 04: Sim e nós, pronto, nós não fâmos fugir do colégio, nós temos cabeça mental.

ALUNO 01: Nem era assim um grande pedido, é só não ter de usar o uniforme.

ALUNA 04: Sim, pois.

MODERADOR: Mas foi um dos aspetos mais votados por vocês, esse do uniforme.

ALUNA 04: Foi o mais votado, foi. Foram três os mais votados. Foi o projetor de música, o quinto ano já poder usar telemóvel na sala...

ALUNA 02: Na sala não, no recreio.

ALUNA 04: É isso, no recreio, e deixarmos de usar o uniforme. E o colégio decidiu que era o mais preciso era o projetor.

MODERADOR: Mas então o colégio deu-vos uma resposta, a direção deu-vos uma resposta?

C: Deu-nos. Sim.

ALUNO 01: Ninguém disse.

ALUNA 04: Ninguém nos disse nada.

ALUNO 05: Ao mudarem já estão, acho que já estão a dizer basicamente a proposta.

MODERADOR: Muito bem. Muito bem.

(08.26)

MODERADOR: Olhem, o que é que vocês pensam sobre quais são os fatores, que o colégio tem, não é? Ou que mostra, que tem facilitado essa maior participação dos alunos, atualmente? Que fatores é que facilitam isso? Que ajudam a que isso aconteça?

ALUNO 01: Mais conforto.

MODERADOR: Mais conforto? Não estou a perceber bem. Não, não, mas podes explicar.

ALUNO 01: Não termos, quando estamos desconfortáveis, não estarmos. De vez em quando, o polo do colégio deixa-me desconfortável.

MODERADOR: Ah, não. Isso eu percebi. Estás a falar da questão concreta. Eu estou a dizer é o que é que se passa no colégio, neste momento, que ajude a que os alunos participem mais naquilo que acontece? Na sala de aula e fora... Ou seja, porque é que acham que neste momento está a acontecer mais do que acontecia? O que é que tem ajudado a que isso aconteça? Na vossa opinião.

ALUNA 04: As assembleias? Porque antes não faziam.

MODERADOR: O facto de haver assembleias, que antes não aconteciam...

ALUNO 05: Acho que também tem a ver com o facto da pandemia, ajudou um bocado, porque nós fomos apanhados um bocado de surpresa, e até mesmo o colégio, e depois o colégio tentou arranjar uma resposta melhor para os alunos? E eles a partir daí quiseram também evoluir mais um bocado connosco, passando também a probabilidade de criar assembleias de ano. Que também são um bocado, nós sentimos um bocado independentes para dizermos as nossas ideias e também propor as ideias à direção.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 07: Eu acho que com esta também quis nos dar uma voz mais forte, porque, às vezes, nós alunos, passamos muitas horas em vários locais, e se calhar a direção não se apercebia dos problemas e agora como nós passamos essas horas nesses sítios, conseguimos ver o problema e comunicar com a direção. E se calhar, se nós não tivéssemos esta voz, eles não conseguiriam aperceber do problema.

MODERADOR: Hm, hm. Muito bem. Portanto sentem que do colégio há uma maior atenção? Maior abertura? Para isso.

C: Sim. Muito.

MODERADOR: Muito bem. Mais algum fator, Letícia? Não?

ALUNA 06: Não, acho que não.

MODERADOR: Ok.

(10.50)

MODERADOR: Olha, e por outro lado, quais aqueles aspetos, quais aqueles aspetos, que para vocês são barreiras a que possa haver mais participação? Se calhar já falaram uma ou outra coisa, mas na vossa opinião, o que é que, no colégio, na vossa experiência deste ano, ainda é uma barreira para que os alunos se possam envolver mais no que se passa na sala de aula e fora? Não é?

ALUNO 01: A professora escolher outras pessoas para dizerem algo?

MODERADOR: Muito bem. A professora dizer, escolher outras pessoas, porque escolhe sempre as mesmas, é isto?

C: Sim.

ALUNA 02: Sim muitas, há uma colega nossa, que responde...

ALUNO 01: Que se chama Matilde e ela responde a tudo.

ALUNA 02: Responde a tudo.

ALUNO 01: Quase tudo.

ALUNA 02: E quando eu, eu uma vez estava com o dedo no ar há algum tempo, e a Matilde pôs logo a seguir a mim. E eu queria responder, e a professora não me deixou e foi a minha amiga.

ALUNO 01: Ela costuma, ela costuma sempre escolher a...

ALUNA 04: Porque tira as melhores notas, e depois, e tirando as melhores notas, a professora pensa que vai acertar e escolhe sempre ela.

ALUNA 04: Mas isso, durante a turma deles.

MODERADOR: Isso é um aspeto interessante, ou seja, a participação, vocês gostavam que a participação fosse mais para todos?

C: Sim.

ALUNO 01: Nós, nós temos feito uns trabalhos de pesquisa que, não é trabalhos de pesquisa, nós, a professora lançou-nos o desafio de ler um livro, e nós tínhamos de fazer um PowerPoint sobre ele. E após, pormos os aspetos e essas coisas, aspetos da cara e curiosidades sobre o livro. E no final ela pergunta-nos, como é... ela pergunta se há comentários, e alguns levantam a mão. Incluindo a Matilde. E ela diz, pergunta sempre à Matilde. E depois ela pergunta se há algumas perguntas.

ALUNA 02: E também deixa a Matilde responder. E, e, vai sempre ela e, e assim não nos dá a possibilidade de nós respondermos e, pronto, darmos a nossa opinião ao nosso colega.

ALUNO 01: Ela dá sempre...

ALUNA 04: Sim, mas isso nem sempre é assim, porque, por exemplo, a Francisca Afonso, tira muitas boas notas, é quase as, é quase das melhores, mas nunca lhe deixam responder, ela está sempre com o braço no ar. E às vezes a professora escolhe sempre os que também tiram más notas.

MODERADOR: Mas deixem-me fazer uma pergunta. Essa experiência foi mais do ano letivo passado? Ou deste ano?

C: Não, deste ano.

MODERADOR: Mas é de uma professora de uma disciplina, ou são vários professores?

C: Vários.

MODERADOR: Mas vários?

ALUNA 02: Vários.

MODERADOR: É uma característica um bocadinho da turma, acontece um pouco na vossa turma?

C: Sim.

MODERADOR: Está bem. Muito bem.

ALUNO 01: Eu diria mais na de português.

(13.49)

MODERADOR: Mais barreiras?

ALUNO 05: Acho que também, um bocado ligado com a participação, eu sinto que por vezes há aqui, há aqui uma, uma coisa que acontece sempre em todas as turmas, que é, o medo de perguntar. Aquela, saber que nós, ao perguntar, por vezes até pensamos que os outros devem estar a gozar connosco ou alguma coisa do género. Isso acontece-me, por exemplo, na nossa turma, que muita gente não participa por causa de ter medo de errar e depois sentir-se, e depois, as outras pessoas gozarem com ele.

ALUNA 04: É como as dúvidas, as professoras dizem sempre, quando tiverem dúvidas para, para dizer, mas muitos não dizem, porque...

ALUNA 02: Porque têm medo...

ALUNA 04: ...vergonha, por exemplo, uma vez um da minha turma perguntou ao professor, o que é que era PC, porque ele não sabia. E toda a gente começou a gozar com ele.

MODERADOR: Hm, hm. E nesse, quando isso acontece, depois o professor intervém?

ALUNO 01: Nem sempre, mais tipo, as diretoras de turma, que intervêm mais.

C: Sim.

MODERADOR: Sim, mas não é fácil.

ALUNO 01: Mas isso é quando nós dizemos.

MODERADOR: Mas não é fácil. Não é um ambiente que, que seja assim muito convidativo à pessoa expressar o ponto de vista, se isso poder ser visto como, menos bem visto, ou...

C: Sim.

MODERADOR: Muito bem.

ALUNO 01: Nem sempre somos nós a contar à diretora de turma, é mais os nossos pais a contar.

ALUNA 04: Sim, é porque vamos fazer as queixinhas e depois os pais têm de ver.

ALUNO 01: Nós sentimos desconfortáveis.

ALUNA 04: Eles não, às vezes não conseguem, ou conseguimos resolver as coisas sozinhas.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 04: Eu tenho mais uma barreira, que é, os delegados de turma. Eu acho que não devia haver delegados de turma, porque as minhas delegadas de turma não fazem praticamente nada, escolhem sempre outras pessoas. E se houvesse delegados de turma, os professores escolhem sempre eles e acho que os outros alunos gostariam também de participar, fazer as coisas que os professores pedem.

MODERADOR: Hm, hm. Mas fiquei com uma dúvida. Os delegados de turma não são escolhidos pelos seus colegas?

C: São.

ALUNO 05: São escolhidos.

MODERADOR: Mas então o problema está em quê? Não é muito claro qual é a missão dos delegados? É isso? E, portanto, acabam os professores por pedir mais responsabilidades a outros que não sejam delegados? Não percebi bem.

ALUNA 04: Eu, às vezes há, que não escolhem os delegados, nunca escolhem, os professores. Escolhem sempre os outros e sempre os mesmos. Por exemplo, a professora de EV escolhe sempre a Clara. Mas, há outros professores, que há coisas que gostam, queriam mesmo fazer, os alunos, e não deixam fazer porque são as delegadas de turma. Eu acho que deviam acabar com os delegados de turma.

ALUNA 07: Então, tipo, eu percebo o que tu dizes, mas por exemplo, principalmente a falar com o meu irmão do nono ano, acho que há alguns professores que, por exemplo, alguém está a faltar. E, quem guarda logo os papéis e as tarefas é logo o delegado de turma, por uma coisa ser mais prática e para também, não ficar, para a aula continuar e, não haver, e não haver, discussão.

ALUNO 01: Problemas, sim.

ALUNA 07: Sim, por isso eu acho que às vezes os delegados de turma, principalmente nos anos mais anteriores, têm algumas funções, mas são muito poucas. Porque, e acho que se nós tivermos um problema é mais fácil um de nós ir falar com o diretor de turma do que falar com o delegado e o delegado ir falar com o diretor de turma, mas a partir de alguns anos nós começamos a perceber que o delegado de turma é por questão de ser mais prático de algumas funções.

C: Sim.

ALUNO 01: Sim, mas nem sempre é o delegado de turma, a maioria das vezes na nossa turma é sempre delegada. Ou a Matilde.

ALUNA 02: Sim, foi. Ou os dois.

MODERADOR: Muito bem.

ALUNA 02: Mas, por exemplo, nós eramos suposto fazer no ano passado, mas como ficámos depois esta, este mês de quarentena, apareceram meninos com Covid. Éramos para fazer amigo oculto. Por isso estamos a substituir agora. E era para presentes, e ela tinha guardado no seu cacifo, e depois não tinha o espaço para essas coisas. E depois há gente que pode, ou que quer ajudar, mas tem de ser mesmo a delegada de turma. E ela depois fica sem espaço para si.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 02: Porque ela antes tinha coisas, coisas em baixo, mas, por exemplo, a nossa turma não tem coisas em baixo, as salas em baixo, e ela não tem espaço para meter os livros, tem de pôr tudo em cima dos livros.

ALUNO 01: Não tem tipo umas prateleiras que temos debaixo das mesas?

C: Sim.

MODERADOR: Muito bem.

(18.23)

MODERADOR: Então? Lembra-se de mais alguma barreira que queiram dizer?

ALUNO 01: Adiar sempre as coisas para outro dia.

ALUNA 02: O quê?

ALUNO 01: Nós temos a nossa delegada de turma...

ALUNA 02: Não é o delegado?

ALUNO 01: O... Na nossa turma surgiu a ideia de fazer o amigo secreto. E têm sempre...

MODERADOR: No Natal, foi isso?

ALUNA 02: Sim.

ALUNO 01: ...antes das férias de Natal. E adiaram para 10 de janeiro...

ALUNA 02: Para a outra sexta, a outra sexta.

ALUNO 01: Para a sexta passada. Só que adiaram de novo porque faltava, porque o Gonçalo, que é o novo da nossa turma, está em confinamento, e tem sido, sido sempre adiado.

ALUNA 02: Pois. E nós também, nós eramos para fazer daqui a duas semanas, porque é Formação Cívica, mas não poderemos porque a Sofia está de quarentena. Mas há gente, mas a professora diz para, que só tem de trazer presente, se não, não recebe presente. E isso, ou, mas quando é alguns alunos que não trazem presente, é adiado. É adiação, adiação, adiação. E depois os outros alunos que já tinham presente, e isso, estão sempre adiado. Porque há, eu, na minha opinião acho que há alunos favoritos dos professores.

C: Sim, tristeza.

ALUNO 01: A minha mãe, ela, quando ela andava na escola, havia uma professora que tinha alunos preferidos e ela magoou, ela numa aula de Educação Física, ela tinha-se magoado num dos dedos, da mão, e, ela foi à professora e ela disse que não era nada. Depois, um dos alunos preferidos não queria fazer a aula e inventou uma desculpa, e ela disse para ele pôr gelo.

MODERADOR: Eu agradeço, mas vamos tentar só manter a nossa reflexão com exemplos aqui do nosso dia a dia do colégio.

ALUNO 01: É que a minha mãe, ela trabalha cá.

ALUNA 02: Quem é a tua mãe?

MODERADOR: Sim, sim. Não sei quem é. Mas sim, claro.

ALUNO 01: É da pré-escolar.

MODERADOR: Muito bem.

(20.25)

MODERADOR: Olhem, o que vocês percecionam que está a acontecer no colégio? Ou seja, que mudanças vocês sentem? Que estão a acontecer no colégio, vocês já conseguem perceber isso, no sentido de apoiar uma real participação dos alunos na vida da escola. Tanto, naquilo que se aprende e como se aprende, como na vida da escola fora da sala de aula. Que mudanças é que vocês sentem que estão a acontecer?

ALUNA 07: Acho que uma grande, uma das grandes mudanças é agora nós com o cartão, conseguimos fazer tudo. Por exemplo, no almoço, antes tínhamos que ir escrever a senha e se nós esquecermos, logo à uma e vinte, era sempre uma fila gigante, e agora é em casa que nós marcamos, passamos o cartão, e é uma coisa mais prática e que nos ajudou na nossa rotina.

MODERADOR: Hm, hm. Muito bem. Mais coisas?

ALUNO 01: Eu acho que no recreio, o colégio tem-nos dado mais disponibilidade de, agora que estamos no quinto ano, podemos andar dos dois lados. Só que, também agora não nos deixam.

C: Deixam, deixam.

ALUNA 02: Ao final do dia há.

ALUNO 01: Andar, mas não podemos estar.

ALUNA 02: Ao final do dia há uma parte que é dos, do primeiro ciclo e não nos deixam...

ALUNO 01: Uma é do terceiro e quarto, a outra é do segundo e primeiro. E antes disto podíamos andar pelo correio, pelo correio, recreio todo e agora não. Só podemos andar numa parte.

ALUNA 02: Pois, isto tem uma parte que nós, nós não podemos estar. Há gente, quando nós estávamos lá, não nos deixaram estar.

ALUNA 04: Mas há uma parte das barras...

ALUNO 01: Supostamente as regras...

ALUNA 04: ... que é, que é nossa, que há duas, as duas barras, que são nossas, e está sempre a ser ocupada pelos do primeiro ciclo.

MODERADOR: Sim, vocês tiveram...

ALUNA 04: Eu acho que é injusto.

MODERADOR: E vocês tiveram a oportunidade de dizer isso? De falar com um adulto, com um responsável?

ALUNO 01: Eles dizem sempre para nós irmos para o outro lado. Mas, e, no ano passado, nós estávamos no quarto, e os do quinto ano podiam andar dos dois lados. Mas agora que nós estamos no quinto, não podemos.

ALUNO 05: É assim, isso foi, isto foi por causa da pandemia. Que, a direção, para não quebrar as bolhas, pediu que houvesse áreas restritas para uma turma, para um ano, ou para alguém do mesmo...

MODERADOR: Claro.

ALUNO 05: ...do outro ano que esteja no mesmo piso que os outros, e por vezes os sítios mudavam que era para também variar um bocado, para, para toda a gente ter oportunidade durante a semana.

ALUNA 02: Mas os outros anos, mas os outros anos depois ocupam o nosso lado e ninguém reclama.

ALUNA 04: Mas antes, quando nós andávamos no quarto, proibiam-nos de andar numas barras que...

ALUNA 02: Eram umas fitas.

ALUNA 04: ...que eu gosto muito, mas umas vermelhas que temos lá no recreio, e, agora, podem andar, podem andar. E eu acho injusto porque nós tivemos de esperar até ao quinto para andar, e eles não. Eles agora podem andar.

(23.26)

MODERADOR: Olhem, e que mudanças vocês sentem? Que a pergunta era mais no sentido... Isso parece-me ser uma barreira, não é? Uma dificuldade.

ALUNA 04: Sim, posso só dizer uma barreira?

MODERADOR: Podes, sim.

ALUNA 04: Então é...

MODERADOR: Mas depois temos de voltar aqui.

ALUNA 04: Eu como sou aqui nova no colégio, vão-me dizendo algumas coisas que eram antes, e até diziam, depois havia muitas regras, e depois até diziam que era proibido jogar verdade ou consequência, agora acho que já se pode. E eu acho que é mais ou menos uma ditadura, muitas regras.

MODERADOR: A tua experiência é que se calhar há regras a mais. Mas a vossa experiência, vocês participam também na construção dessas regras? Ou não? Vocês em alguma aula, em algum momento participam também, discutem essas regras?

C: Não.

ALUNO 05: É assim, em Formação Cívica, por vezes há questões sobre, relacionadas com as regras e isso tudo, que nós por vezes discutimos com os professores. Mas aquilo nunca sai muito da aula.

MODERADOR: É mais regras de sala de aula?

C: Sim.

ALUNO 05: Exato.

MODERADOR: O funcionamento daquela disciplina?

ALUNO 05: Ou então nós partilhámos uma coisa que seja uma regra que até foi proposta pela direção, falámos com o professor e o por vezes, se calhar, o professor não, não transmite essa ideia à direção e depois causa aqui uma, uma barreira.

MODERADOR: Claro. E vocês gostariam de discutir que regras, por exemplo?

ALUNA 07: Sim. Mas eu acho que também, por exemplo, uma das grandes regras que é discutidas é o uso do telemóvel.

ALUNO 05: Exato.

ALUNA 07: Por muito que nós, por muito que nós queremos o telemóvel, nós lá no fundo sabemos que o uso do telemóvel não só de... é bom para a nossa socialização. Por exemplo, eu tenho amigas de colégios, de outros colégios, que falamos ao telefone e muitas delas até falam comigo que é impressionante como é que nós... eu tenho algumas relações como tenho com amigos porque, e amigas, porque lá nos colégios delas, como está tudo ao telemóvel, eles não falam nem conversam tanto.

ALUNO 05: Exato.

ALUNA 07: Por isso mesmo que, mesmo que nós gostássemos muito de ter o telefone, o colégio sabe que...

ALUNO 05: Exato.

ALUNA 07: ... é bom ter o quinto, sexto, sétimo, oitavo e nono sem telefone, porque acho que não temos a maturidade para saber...

ALUNO 05: Exato, e também para tentar criar, para tentar socializar uns com os outros, criar laços de amizade, do que estarmos sempre agarrados a um ecrã.

MODERADOR: Mas, por aquilo que vocês estão a dizer, parece-me que vocês têm maturidade para perceber isso.

C: Sim.

ALUNA 07: Sim, eu acho que agora no nono sim, mas por exemplo... sim.

ALUNO 05: Sim, nós no nono temos maturidade para perceber isso, e foi por acaso uma das propostas que nós votámos, foi a proposta mais votada na assembleia de ano e nós não obtivemos resposta qualquer da direção. Aliás, acho que nenhuma das, acho que muitas das propostas que nós tínhamos votado, a direção não nos tinha, não discutiú conosco, ainda não discutiú conosco o que é que nós queríamos, não nos chamou, por exemplo, o presidente da assembleia, assim como o vice-presidente a ir à direção e perguntar: "Ora bem, estas são as vossas propostas, nós se calhar não concordamos muito, qual é que é a vossa contraproposta para tentarmos arranjar uma solução?" Não...

MODERADOR: Claro. Portanto o diálogo neste momento está parado.

C: Sim.

ALUNO 05: Exato, está parado.

ALUNA 06: Sim, é como se a conversa que tivemos nas assembleias ficaram, ficou na assembleia...

ALUNO 05: Exato.

ALUNA 06: ...e não foi para a direção.

MODERADOR: Quando é que têm a próxima?

ALUNO 05: A próxima assembleia de ano é no próximo semestre. Não sei bem dizer, mas acho que...

ALUNO 01: Acho que o quinto ano não tem.

ALUNO 05: ...ou é em março, ou é em abril.

ALUNA 02: Mas eu acho que o colégio quer que a direção é a direção e os alunos é os alunos, e eles não querem, acho que não querem muito discutir isso conosco. Nem nos perguntam: "Sentem..."

ALUNO 01: Preferem discutir com os professores.

ALUNA 02: ...desconfortável no colégio?" Porque tem, afeta mais.

MODERADOR: Muito bem. Vamos só voltar, porque depois queria passar para o segundo, para o segundo...

ALUNA 07: Posso dizer só uma coisa? No colégio antigo, desculpe, no colégio antigo, depois ao final das aulas, podíamos usar o telemóvel onde quisermos e isso e tal, mas aqui tem de se guardar numa caixa e só quando os pais nos vierem... Eu acho que...

MODERADOR: Ok, ok.

ALUNA 07: ... devia no final das aulas.

MODERADOR: Muito bem.

(27.34)

MODERADOR: Olhem, só para tentarmos fechar este ponto, eu recentrava, porque eu acho que, entretanto, passámos mais tempo a falar das barreiras...

C: Sim.

MODERADOR: Pedia-vos este esforço de tentar pensar alguma mudança que vocês sentem que o colégio está a fazer ou a tentar fazer, no sentido de apoiar uma maior participação dos alunos.

ALUNO 05: Eu acho que o colégio anda a dar muita abertura, pede muita abertura dos alunos e até mesmo em situações, em, por exemplo, situações diferentes, por vezes, os professores até perguntam-nos se tem andado tudo bem e isso tudo. Ou seja, há, agora nós sentimos que há uma preocupação com aquilo que nós pensamos, com aquilo que nós vemos dentro da nossa sala de aula, e que pode ser partilhada com o professor.

ALUNA 07: Sim, eu até acho que na quarentena, pelo menos falo pelo meu diretor de turma, ele deu-nos muita abertura, nós até temos um grupo de WhatsApp e tudo, que ele dizia sempre, no fim de todas as aulas, se nós tivéssemos algum problema ou assim, que falássemos com ele, porque ele também...

ALUNA 02: Sim.

ALUNO 05: Exato.

ALUNA 07: O nosso diretor de turma, na quarentena, mostrava também se era uma pessoa que estava a ver mesmo, e uma pessoa tipo amiga.

ALUNO 05: Exato. Nós por exemplo, nós tivemos uma situação no oitavo ano, no ano passado, que foi, foi com a turma de francês, que a nossa professora, por vezes falava, falava muito alto. E às vezes, dava a ideia de... parecia que estava zangada e isso tudo, e por vezes não nos explicava muito bem a matéria e isso tudo, e nós falámos com os professores e os professores falaram com a professora, e a professora até falou propriamente connosco na aula e nós discutimos aquilo que precisávamos de discutir. E depois, e acabou até por ser melhor para todos nós.

MODERADOR: Que bom, que bom.

ALUNA 07: Sim. Eu acho que sim. Uma das inovações então, acho que é, os diretores de turmas preocuparem-se mesmo connosco...

ALUNO 05: Exato.

ALUNA 07: ...e mesmo sem estar a acontecer alguma coisa, é capaz de vir sempre ter connosco e ajudar-nos.

MODERADOR: Muito bem.

(29.33)

MODERADOR: Podemos passar para o segundo bloco? Que é mais centrado agora mesmo naquilo que se passa, nas dinâmicas propostas, e se calhar, começávamos pela Interioridade. Pode ser?

C: Sim.

MODERADOR: No colégio todas as turmas estão com sessões de Interioridade. Não é?

C: Sim.

MODERADOR: Já todos os anos.

ALUNO 01: Sim, agora sim. A partir do ano passado...

ALUNA 02: A partir do quinto.

MODERADOR: A partir do quinto, olha que bom, muito bem.

ALUNO 01: Não, agora também há nos outros anos.

MODERADOR: Mas pronto, agora no quinto. Então a minha pergunta é, também para todos, o que é que é a vossa participação e aquilo que vocês também percebem nos vossos amigos, nos vossos colegas, nestas sessões de Interioridade, tem provocado nos alunos? Nas suas aprendizagens e nos seus modos de ser.

ALUNA 06: Eu acho que em muitas... Ah, queres dizer?

ALUNA 02: Não, tu, tu.

ALUNA 06: Eu acho que em muitas aulas, os alunos não têm muita ideia do que isso vai servir para alguma coisa no futuro.

ALUNO 05: Exato.

ALUNA 06: Têm muitas aulas que assim são... acho que a palavra boa é “aleatórias”, eu acho.

MODERADOR: Aleatórias, é isso?

ALUNA 06: Algumas são, os alunos acham que são porque, por exemplo, nós tivemos uma aula que foi, sinais de trânsito. Só que, o que é? Qual é a relação disso com o que nós estávamos estudando antes? Alguns alunos acham que não faz muito sentido.

MODERADOR: Mas houve uma explicação?

C: Sim, sim.

ALUNO 05: No final houve uma explicação. E até...

ALUNA 07: Depois até foi no fim.

ALUNO 05: Exato.

ALUNA 07: Nem foi no início.

ALUNO 05: Não foi no início. Foi muito, foi um bocado mais no fim.

ALUNA 07: Nós tivemos a aula toda a analisar os... sim, sim.

ALUNO 05: E, e também, por vezes, nós, por vezes, estamos a discutir um tema, e depois, de repente, o professor na aula seguinte está a discutir um tema completamente diferente. Por exemplo, quando nós tivemos o advento, nós estávamos a tratar de um tema, um tema diferente, e depois, de repente, o professor mudou o tema para o tema do advento.

ALUNA 07: Pois.

ALUNO 05: E depois nós ficamos assim um bocado perdidos porque, por causa, do meio, de um bocado, desta desorganização que há nas aulas de Interioridade em relação aos temas.

ALUNA 07: Eu também acho que, nós em Interioridade somos vinte e dois alunos e estamos também numa sala que, todos sentados no chão. E se calhar às vezes a dinâmica do falar causa muitos pontos de distração...

ALUNO 05: Exato.

ALUNA 07: ...e conversa entre os alunos. Então nós não nos conseguimos concentrar, nem estar atentos, nem conseguir fazer a atividade...

ALUNO 05: Exato.

ALUNA 07: ...como se calhar deveria ser feito, por causa da dinâmica que é escolhida, que muitas vezes é o professor estar sentado a falar.

ALUNO 05: Exato.

ALUNA 07: E que isso vai, como acho que é um bocado óbvio, temos os nossos amigos à beira e tudo, e se calhar, estamos cansados, é mais propício nós falarmos para o lado e perder um bocado o foco.

MODERADOR: Hm, hm. Portanto, se calhar não convida tanto...

C: Sim.

ALUNO 05: Sim, porque nós antigamente, no sétimo e no oitavo, nós fazíamos isto por turnos. Ou seja, a turma era dividida ao meio e nós tínhamos sessões de meia hora, acho eu, de quarenta e cinco minutos...

MODERADOR: E gostavam mais? Gostavam mais?

ALUNA 07: Sim, sim. Eu...

ALUNO 05: Gostava... era...

ALUNA 07: Eu não sei se gostava mais porque eu acho que nós todos juntos conseguimos perceber como a turma está. Só que acho que, a dinâmica optada por turnos tem que ser diferente...

ALUNO 05: Exato.

ALUNA 07: Da dinâmica em turma.

ALUNO 05: Exato.

MODERADOR: Muito bem. Muito bem.

(32.37)

MODERADOR: Querem acrescentar também aqui alguma ideia da vossa experiência?

C: Não.

ALUNA 04: Não, nós estamos há pouquinho tempo.

MODERADOR: Ainda estão há pouquinho tempo. Está bem. Então eu agora começo aqui a trazer alguns...

ALUNO 01: Também só estamos a fazer, temos aulas semana sim, semana não.

MODERADOR: Muito bem. E é o mesmo?

ALUNO 05: Nós não. Nós temos uma vez por semana.

MODERADOR: Todas as semanas?

ALUNA 07: Sim, sim.

MODERADOR: E, portanto, já percebi que não há desdobramento com outra...

ALUNO 05: Não, não, não, não, não.

MODERADOR: Estão mesmo sempre?

ALUNO 05: Sim, sim.

MODERADOR: Muito bem.

(33.04)

MODERADOR: Olhem agora vou, se calhar, introduzir dentro da Interioridade aqui alguns tópicos. Está bem? E depois vocês também pegam e dizem aquilo, dão os exemplos que entenderem. Se estas aulas de Interioridade vos têm permitido, e aos alunos, aprofundar o seu autoconhecimento? Se os seus sentimentos, conhecer mais os seus sentimentos, emoções, as suas vivências, as suas capacidades, os seus limites?

C: Eu acho que não.

ALUNA 07: Eu até acho que nós até estamos até a viver mais, um bocadinho mais isso em orientação vocacional...

ALUNO 05: Exato. Do que em Interioridade.

ALUNA 07: ...porque em orientação vocacional, nós estamos, em vez de começarmos logo, os cursos que existem, e tudo, nós estamos-nos a conhecer primeiro entre nós...

ALUNO 05: Exato.

ALUNA 07: ...nós e quais são as nossas qualidades, o que é que nós queremos no nosso futuro. Nós queremos trabalhar em que ambientes, e acho que eu estou-me a conseguir perceber o que é que eu quero, e quem eu sou melhor com a orientação vocacional, do que com as aulas de Interioridade.

ALUNO 05: Do que com a Interioridade.

ALUNA 04: Eu acho que algumas pessoas sim, outras pessoas não. As pessoas que não faz diferença nenhuma não mudam nada. Outras pessoas sim, que às vezes até choram na aula de Interioridade, quando se lembram de coisas.

MODERADOR: Ou seja, sentes que há uma diferença também de alunos para alunos? De colegas para colegas?

C: Sim.

ALUNA 04: Mas depois...

ALUNO 01: Há alunos que se começam a rir no meio das, dentro das aulas.

ALUNA 04: Sim, e depois da aula de Interioridade volta tudo ao normal.

MODERADOR: Muito bem. Muito bem. Muito bem.

(34.25)

MODERADOR: Olhem, e sentem que estas aulas de Interioridade têm permitido aos alunos melhorar a relação com os outros?

ALUNA 04: Sim.

MODERADOR: Com os adultos, professores, mas também com os colegas?

C: Mais ou menos.

MODERADOR: Sentem que tem tido aqui algum impacto a esse nível?

ALUNO 05: É assim, não tenho assim, não sei dizer...

C: Mais ou menos.

ALUNA 04: Pois, as amizades são mais no recreio.

ALUNO 05: Sim. E também nós quando estamos a discutir em relação de proximidades com colegas, e isso tudo, nós fazemos isto muito como se fosse uma coisa mais pessoal, do que propriamente estar a falar disso numa aula. Portanto...

MODERADOR: Ou seja...

ALUNA 04: É às vezes desconfortável.

MODERADOR: ...não sentem que a aula de Interioridade crie o à vontade suficiente, às vezes, para partilhar...

C: Sim.

MODERADOR: ...é isso?

C: Sim.

ALUNO 05: Sim, até mesmo por causa da, por exemplo da, da atitude dos outros, por exemplo, não estarem a escutar o outro, não estarem com atenção muito bem. Também percebo que, por vezes, é normal não estarmos com atenção, às vezes a... distraímo-nos muito, mas também, por vezes, nós não conseguimos perceber muito bem se há aqui a base do respeito pelo outro.

MODERADOR: Hm, hm. Muito bem.

(35.35)

MODERADOR: Olhem, e o gosto pelo silêncio, pela escuta, pela contemplação, pela arte...

ALUNO 01: Eu acho que nas aulas quase não há silêncio.

MODERADOR: ...sentem que...

ALUNO 01: Há sempre alguém a falar e depois outro a rir-se.

ALUNO 05: Eu acho que isso é em todas as turmas. Acontece.

C: É...

ALUNA 02: Está tudo em silêncio e alguém diz assim...

MODERADOR: Olhem, não se esqueçam, desculpem o pedido. Se falamos todos muito em cima, depois no áudio não se vai conseguir. Por isso vamos só tentar...

ALUNO 05: É assim, eu acho que há em todas as turmas, é normal nós conversarmos para o lado e isso tudo. Mas também, por vezes, nós, por exemplo, por exemplo na minha turma, acho que noto um bocado que o comportamento, seja a base do silêncio no local de trabalho, não cumprem muito bem este tema. Ou seja, por vezes, esquecem-se que por vezes, estão na sala de aula e por vezes, também há um ou dois que não têm grande respeito pelo professor e que, mas são na mesma chamadas à atenção, só que não há aquela, chamada de atenção. Ou seja, é quase como se fosse uma ameaça para eles tentarem reduzir. Só que não há isso.

MODERADOR: Deixa-me só, Afonso, permite-me só, mas vocês têm a aula de Interioridade num outro espaço próprio de Interioridade, certo?

C: Sim, sim.

MODERADOR: Não é na sala de aula?

C: Não, não, não.

ALUNO 05: Por vezes há uma sessão ou outra que pode ser na sala de aula, que pode estar ocupada, ou até mesmo o professor precise do projetor ou alguma coisa do género.

ALUNO 01: A nossa primeira sessão de Interioridade foi assim, estavam a usar a sala de Interioridade, e nós tivemos de ir para a nossa sala.

MODERADOR: Um bocadinho mais alto. Está bem?

ALUNO 01: Na nossa primeira sessão de Interioridade nós tivemos de ir para a sala porque a sala de Interioridade estava a ser utilizada.

ALUNA 07: Eu acho que também a sala é muito grande.

ALUNO 05: É demasiado grande para...

ALUNA 07: Sim, sim, é muito grande.

ALUNO 05: É um bocado grande para o espaço que nós dantes tínhamos. Nós, a nossa sala, basicamente era isto, antes, e agora é isto tudo.

MODERADOR: Sentiam que era mais acolhedora?

C: Sim.

ALUNA 07: Sim, e acho que até dava... havia mais respeito e tudo, porque nós estávamos muito juntos e ouvia-se. Por exemplo, às vezes estou ali numa ponta e está alguém a falar aqui e eu não ouço, eu não ouço nada.

ALUNO 05: Exato. Até mesmo pessoas que falam muito baixo...

ALUNA 07: Pois. Não se ouve.

MODERADOR: Vocês já...

ALUNA 04: Mas também agora com o Covid, para estarmos distanciados.

MODERADOR: Pois, mas vocês já relataram isso ao professor ou à professora...

C: Não.

MODERADOR: ...que não estão a conseguir ouvir?

ALUNO 05: Não, não, não, não.

ALUNA 04: Mas, por exemplo, também há gente que desrespeita muito as pessoas, está toda a gente calada e depois diz uma palavra, por exemplo “batata”, e depois toda a gente começa-se a rir.

ALUNO 01: E depois toda a gente começa-se a rir.

ALUNA 04: E até a professora se liberta e fica muito zangada. Não sei se têm falta ou participação, mas normalmente vão para a rua.

MODERADOR: Muito bem.

(38.19)

MODERADOR: Olhem, muito obrigado. Passávamos agora para a participação...

ALUNO 01: Não, eu começo-me a rir muito, quando alguém diz isso.

MODERADOR: Passávamos agora para a participação nos projetos interdisciplinares. Que, se calhar alguns têm mais frescos...

ALUNO 05: Sim, sim, sim, sim.

MODERADOR: ...do que outros, e também ia começar da mesma maneira. O que é que vocês sentem que a participação nestes projetos provocou nos alunos? Nas suas aprendizagens, nos seus modos de ser.

ALUNA 07: Eu acho que, estes projetos nós... como não são projetos muito... ai, agora faltou-me a palavra. Incentivam muito, são... e nós costumamos muito dos temas...

ALUNO 05: Exato.

ALUNA 07: ...por exemplo, houve um que nós gostamos muito que era para cozinhar. Era um concurso para comer.

ALUNO 05: Exato, era o “Tasty”.

ALUNA 07: Nós todos quisemos fazer mesmo trabalhos de equipa e levámos aquilo a sério.

ALUNO 05: A sério.

ALUNA 07: Então, mesmo, tinha a ver com o inglês e tudo, nós estudámos tudo em inglês...

ALUNO 05: Exato.

ALUNA 07: ...e como nós queríamos mesmo que aquilo corresse bem, nós aplicámo-nos de outra forma que, se calhar...

ALUNO 05: E até mesmo, por exemplo, quando nós fizemos o projeto “Terra à Vista”, que era sobre as rochas magmáticas, até ajudou um bocado porque era uma matéria um bocadinho mais secante para os alunos, e até ajudou, porque assim nós conseguíamos ficar mais interessados. Nós até, por exemplo, nesse projeto, nós chegámos a explicar aos pais e aos encarregados de educação...

ALUNA 07: Foi uma apresentação mais formal.

ALUNO 05: Exato, foi uma coisa mais formal, mas também, sentimo-nos realizados. Sentimos que estávamos dedicados àquilo, e até mesmo, sentimos que trabalhámos muito bem em equipa.

MODERADOR: Que bom, que bom.

ALUNA 02: Eu acho que, não muda nada nas pessoas, mas ficam motivadas para passar o colégio em Interioridade, deviam ter outra aula, por exemplo, português e ficam feliz por não ter português, ou isso.

MODERADOR: Mas agora estávamos a falar dos projetos interdisciplinares.

ALUNO 01: Não sei o que é que isso significa direito.

MODERADOR: Ainda não tiveste, também não.

ALUNA 06: Nós também não.

ALUNO 05: Nós, a partir da pandemia...

MODERADOR: A Letícia também não?

ALUNA 06: Não, não.

ALUNO 05: Não, porque a Letícia entrou no oitavo. E no oitavo supostamente...

MODERADOR: Ai, ai. Claro.

ALUNO 05: No oitavo, supostamente éramos para fazer um projeto interdisciplinar, mas esse projeto interdisciplinar depois foi deitado fora, por causa do confinamento que houve no final do ano.

MODERADOR: Claro. Mas este ano vocês têm já programado?

ALUNO 05: Este ano não temos nada programado, acho eu.

ALUNA 06: Acho que não.

ALUNO 05: Acho que não.

MODERADOR: Ok.

ALUNO 05: Acho que nós não temos nada assim programado.

ALUNO 01: O que pode ser um projeto interdisciplinar, tipo um concurso de fotografias, que...

MODERADOR: Não, necessariamente. Um projeto interdisciplinar quer dizer, há um tema que em vez de ser trabalhado na disciplina, por exemplo, história, que falava, que fala sobre aquele assunto, a disciplina de ciências fala sobre aquele assunto e cada uma delas acaba o professor ou professora por lecionar independentemente, no projeto interdisciplinar os saberes das várias disciplinas são trabalhados, mas de uma forma em que o aluno tem um papel mais ativo de pesquisa, de escuta, que apresenta... Muito bem.

(41.17)

MODERADOR: Olha, então, tendo em conta aqueles de vocês que se calhar não viveram, se calhar não poderão tanto dar contributo, mas ainda assim eu vou lançando aqui algumas questões, porque alguns de vocês já participaram. Se entendem que os projetos interdisciplinares têm permitido aos alunos serem mais ativos no seu processo de aprendizagem?

ALUNO 05: Plenamente.

MODERADOR: Sim?

ALUNO 05: Completamente, mesmo. Porque, por exemplo, havia em trabalhos, havia em trabalhos de grupo uma certa disciplina que, por exemplo, um membro trabalhava pouco, mas nos projetos interdisciplinares, toda a gente trabalha, toda a gente tem um papel e até, e até mesmo ajuda também na concentração da pessoa, por exemplo, se a pessoa não tem grande concentração até ajuda para, para ficar, para ficar um bocado na concentração, para também, para praticar também a organização e até acabou por ajudar também os alunos.

ALUNA 07: Também é bom porque nós temos um guião...

ALUNO 05: Exato.

ALUNA 07: ...e em cada aula nós temos um objetivo. E logo nas primeiras aulas nós temos que dar papéis a cada um do grupo, então não existe aquela coisa: "Ah, eu estou a trabalhar tudo e tu não."

ALUNO 05: Exato.

ALUNA 07: Não, porque cada um tem um trabalho e vai ser avaliado o seu papel...

ALUNO 05: Exato.

ALUNA 07: Então ajuda muito o trabalho de equipa.

ALUNO 05: Exato.

MODERADOR: Que bom, que bom. Muito bem, fico muito contente também.

(42.28)

MODERADOR: Tem ajudado os alunos a tomarem decisões e a resolverem problemas mais facilmente?

ALUNO 05: É assim, tomar decisões acho que, decisões como, por exemplo, assim um dilema, basicamente os dilemas, por exemplo, a escolher uma coisa ou a escolher outra, eu acho que também ajudou um bocado no pensamento lógico para tentar descobrir o que é que é o mais adequado, o que é que é aquilo mais correto para fazer e até ajudou os alunos a tentar consolidarem também, também um bocado o stress de tentar: "Nós temos um problema, ok, como é que nós vamos lidar com isto?" E aquele stress e aquela ânsia de...

MODERADOR: Muito bem. Muito bem.

(43.15)

MODERADOR: Aqui vocês não estão muito envolvidos nesta parte, mas daqui a pouco já, já tornam a vir. Sentem que também tem ajudado os alunos a definirem as suas metas de aprendizagem?

C: Sim.

ALUNO 05: É assim, os projetos interdisciplinares até, até ajudam um bocado também a aumentar um bocado a nota...

ALUNA 07: E por exemplo, eu acho que...

ALUNO 05: ...e até, para pessoas que são mais participativas, mas têm notas baixas por causa de stress ou de falta de concentração, até ajuda muito para subir a nota em relação a estes projetos.

ALUNA 07: Sim, até porque, os grupos refeitos nestes projetos maiores, estão feitos pelos professores e então, mesmo que às vezes nós não gostamos, eles têm um equilíbrio...

ALUNO 05: Exato, têm um equilíbrio...

ALUNA 07: ...equilíbrio, então, nós estamos a apoiar-nos sempre uns aos outros.

ALUNO 05: Exato.

ALUNA 07: Então, ajuda.

MODERADOR: Muito bem.

(44.04)

MODERADOR: E permite-vos também ter, ter mais consciência das vossas próprias competências? Daquilo em que, se calhar...

C: Sim, sim.

ALUNO 05: Sim, acho que sim.

MODERADOR: O que está mais envolvido em vós...

ALUNO 05: Sim, sim, sim.

MODERADOR: ...ou se calhar está menos...

ALUNO 05: Sim.

MODERADOR: Muito bem.

(44.18)

MODERADOR: E em termos de maior colaboração com a turma? E de maior tolerância... a participação nestes projetos tem ajudado?

ALUNA 07: Eu acho que também, como na apresentação do trabalho, nós temos que estar a apresentar todos, os membros do grupo têm todos que falar e às vezes as pessoas que estão a observar começam a perceber que: “Ah, aquele se calhar tem mais...”

ALUNO 05: Exato.

ALUNA 07: ...tem mais dificuldades.” E se se enganar, toda a turma depois, falo pela minha, tem o respeito...

ALUNO 05: Exato.

ALUNA 07: ...e até às vezes ajuda.

ALUNO 05: Exato.

ALUNA 07: Tipo, então acho que sim.

ALUNO 05: Sim.

ALUNA 07: Às vezes há mais tolerância quando nós apresentamos...

ALUNO 05: Exato.

ALUNA 07: ...e apercebemos dos problemas.

ALUNO 05: E até mesmo nós, e até mesmo quando temos algum colega, por exemplo, que por vezes esteja mais ansioso por causa de uma apresentação até nós, por exemplo, até ajudamos esse colega na apresentação...

ALUNA 07: Sim.

ALUNO 05: ...perguntamos, começamos a perguntar o que é que, fazemos perguntas secretamente, que assim eles depois até vão-se lembrando, e depois já dizem que têm, que fizeram a apresentação diretamente para nós, e por isso até ajuda.

ALUNA 07: Agora como eu... a última apresentação de trabalhos até foi no, no âmbito da disciplina de Geografia, eu lembro-me que nos intervalos antes havia pessoas, tipo, que não faziam parte do grupo, mas estavam a ajudar outros que...

ALUNO 05: Exato.

ALUNA 07: ...tinham dificuldades a decorar. Então, até olhei para mim, que estava a olhar, como é que nós tínhamos também este apoio uns dos outros.

ALUNO 05: Hm, hm.

ALUNA 07: Porque éramos todos a ajudar as pessoas que tinham mais dificuldades, que ainda não tinham decorado, até com os papéis e tudo, para depois correr bem nesta apresentação, porque sabíamos que ia ter peso. Então acho que a turma ajuda.

MODERADOR: Que bom. Que bom.

(45.47)

MODERADOR: Olhem, e a última pergunta neste domínio é se sentem que estes projetos também vos têm permitido desenvolver a vossa criatividade.

ALUNA 07: Sim.

ALUNO 05: Também. Por exemplo, o “Tasty” que foi o de competição de comida, até ajudou muito na criatividade porque havia dois prémios. Havia o prémio do, da parte de...

ALUNA 07: Sim.

ALUNO 05: Do sabor do, do alimento.

ALUNA 07: E o da apresentação.

ALUNO 05: E havia o prémio que era da apresentação. E ajudou isso na parte da criatividade.

ALUNA 07: Sim.

MODERADOR: Que bom, que bom.

(46.16)

MODERADOR: Olhem, eu tenho agora uma secreta esperança, que possamos neste último tópico, podermos estar agora mais envolvidos todos. Para além da Matilde e do Afonso. Voltamos a falar sobre a participação das crianças e dos jovens na vida do colégio. Não é? Que já percebemos que passa muito pelas assembleias, mas podes passar por outras coisas, não é? A vossa participação nestas atividades, vocês sentem que têm possibilitado aos alunos colaborarem com os colegas? Uma maior colaboração entre colegas, ou não?

ALUNA 04: Não.

ALUNO 05: É assim, talvez um bocado a ideia de que: “Ok, nós temos que arranjar propostas, então vamos começar a discutir.” E até, por exemplo, quando um colega nosso está a tentar dizer uma ideia, mas nós, mas os outros não estão a perceber muito bem a ideia e nós estamos a perceber até, até nós ajudamos, se calhar, a tentar consolidar também essa ideia.

MODERADOR: Muito bem. Letícia. Sim? Sentem que têm possibilidade de uma maior colaboração entre colegas?

ALUNA 06: Sim, só que em alguns trabalhos, eu acho que algumas pessoas ficam mais encarregadas de fazer mais coisas e outras ficam ou pouco perdidas.

ALUNO 05: Hm, hm.

ALUNA 06: E eu acho que devia ser organizado melhor.

ALUNA 07: Pois.

MODERADOR: Ou seja, a participação acaba por não conseguir reunir todas as vozes...

ALUNO 05: Exato.

MODERADOR: ...e todas...

ALUNA 06: Sim.

MODERADOR: Muito bem.

(47.52)

MODERADOR: E com os professores? Sentem que este tipo de dinâmicas também leva a que os alunos colaborem mais com os professores? Com a direção, com os adultos da escola?

ALUNO 05: Hm, hm.

C: Sim, sim.

MODERADOR: Conseguem dar algum exemplo?

ALUNA 04: A professora de História, ela, nós fazemos muitos trabalhos giros, por exemplo, fizemos a arte rupestre e muita gente ficou a gostar mais da professora de História.

ALUNA 02: Sim.

MODERADOR: Muito bem.

(48.23)

MODERADOR: Olhem, e nestas atividades de participação, vocês sentem que as opiniões dos alunos são ouvidas e tidas em conta pelos professores?

C: Sim.

ALUNA 07: Até acho que nós na assembleia, eu pelo menos acho que conseguimos perceber um bocadinho até, uma professora que não nos conhecia, que era a professora Márcia...

ALUNO 05: Exato.

ALUNA 07: ...que até questionava e perguntava, e nós tivemos imensas ideias e propostas, e acho que houve... ALUNO 05: Hm, hm.

ALUNA 07: ...sim.

MODERADOR: Muito bem.

(48.49)

MODERADOR: E pelos responsáveis escolares? Sentem que, que essas vossas opiniões são ouvidas, tidas em conta?

ALUNO 05: Por vezes há uma má informação, ou seja, por exemplo, em uns aspetos há o contacto direto, em outros não há o contacto direto que...

MODERADOR: Em que aspetos, Afonso?

ALUNO 05: Por exemplo, aspetos de renovação do colégio, por exemplo, renovação tecnológica, renovação de salas, por exemplo, eu tenho agora na minha sala...

ALUNA 07: Pois, isso é um problema do colégio, eu acho.

ALUNO 05: Sim, porque, eu tenho agora na minha sala uma, o nosso quadro interativo agora é uma televisão. E nesse, e nesse piso todo estão televisões basicamente interativas. Mas também há um problema que é assim, eu entendo que, que, que o colégio tem um orçamento para gastar, e que só pode gastar neste, num determinado aspeto, mas também tem que ter em conta um bocado os outros alunos e dos outros pisos. Porque, por exemplo, se nós, o nono ano está, está dividido, ou seja...

ALUNA 07: Uns estão neste bloco...

ALUNO 05: O nono ano B está neste piso...

ALUNA 07: Pois.

ALUNO 05: E o nono ano A está, está no piso acima do quarto andar...

ALUNA 07: E tem edifícios diferentes.

ALUNO 05: Exato, está em edifícios diferentes. E, e, e claro que os materiais também são diferentes, portanto também tem que haver aqui uma, uma resposta mais, mais consolidada por parte da direção.

MODERADOR: Hm, hm.

(50.23)

MODERADOR: Vocês sentem que os alunos participam na tomada de decisões aqui no colégio?

C: Não.

ALUNO 01: Não, eu não sinto lá muito, porque normalmente a direção é que anda sempre a decidir tudo.

C: Sim.

MODERADOR: Hm, hm.

C: Sim.

ALUNA 07: Por acaso acho que nós ou a nossa turma teve um problema com a sala, porque era muito quente e até, nós conseguimos falar com o diretor de turma, mas o diretor de turma teve de falar com o coordenador de ciclo, e depois nunca houve tempo, resposta...

ALUNO 05: Resposta.

ALUNA 07: Então os nossos pais tiveram que intervir porque realmente as condições já não estavam a ser...

ALUNO 05: Favoráveis.

ALUNA 07: ...favoráveis, porque aquilo tudo estava muito calor, então nós, havia pessoas que, mesmo que já não se estavam a sentir muito bem, então acho que às vezes os diretores de turma conseguem dar aquele avanço, mas depois não há empatia, às vezes, a partir daí.

MODERADOR: Hm, hm. E depois vocês ficam sem saber...

C: Sim.

ALUNO 05: Exato. Exato.

MODERADOR: ...o que vai acontecer. Ok. Muito bem.

(51.24)

MODERADOR: Há pouco disseram a propósito das assembleias que uma ou outra ideia ia avançar. Ou não? Fiquei eu com essa...

ALUNO 05: É assim das nossas...

MODERADOR: Não a primeira, não a mais votada, não é?

C: Sim, sim.

ALUNO 05: Das propostas que nós votámos, as três mais votadas são apresentadas à direção.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNO 05: A partir daí, a direção vê essas propostas e, por exemplo, se houver duas propostas que não consegue aceitar, o nono ano tem que arranjar uma contraproposta para essas propostas.

MODERADOR: Alternativa.

ALUNO 05: Uma alternativa.

ALUNA 07: Sim.

MODERADOR: Sim, e alguma dessas está em vias de avançar?

ALUNA 07: Eu não sei...

ALUNO 05: Nós não sabemos porque não houve comunicação qualquer...

ALUNA 07: ...porque, eu também acho que...

ALUNO 05: ...por parte da direção.

ALUNA 07: ...uma delas era não ter escolas e ter turmas...

ALUNO 05: Exato.

ALUNA 07: E acho que também é um bocado complicado com a pandemia.

ALUNO 05: Exato.

MODERADOR: Por causa da pandemia, depois...

ALUNA 07: Sim.

ALUNO 05: E também, eu, não houve qualquer, para já comunicação...

ALUNA 07: Comunicação, sim.

ALUNO 05: ...com a direção, e conosco.

MODERADOR: Portanto vocês não conseguem ainda dizer muito porque ainda estão à espera.

ALUNO 05: Exato, exato.

(52.16)

MODERADOR: A pergunta que eu ia fazer ligada a esta, mas se calhar não têm muitos elementos é se vocês participam não só na tomada de decisões, mas também na concretização do que é decidido?

C: Sim.

MODERADOR: Porque, por vezes, aquilo que se decide, implica fazer coisas, não é? E, portanto...

ALUNO 01: Mais ou menos.

ALUNA 04: Sim, mais ou menos.

ALUNO 01: Não noto muito...

ALUNO 05: Isso, por acaso.

MODERADOR: Ok, muito bem.

(52.38)

MODERADOR: Olhem, e vocês sentem que no âmbito também destas atividades de participação, os professores incentivam os alunos a participarem com as suas opiniões e as suas propostas...

C: Sim, sim.

ALUNO 05: Sim, os professores dizem-nos sempre: “Deem-nos a vossa opinião, porque a vossa opinião é muito importante.” E até mesmo a professora de História, todas as aulas, acha que nós, se tivermos algum tema para discutir, que nós vimos ou alguma do género, para começar o debate, ela prefere isso do que dar matéria.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 07: Sim.

MODERADOR: Muito bem. Portanto na sala de aula sentem que é assim.

ALUNO 05: Exato. Porque nós assim estamos a criar uma comunidade que se respeita muito uns aos outros, e que, uma comunidade livre.

MODERADOR: E fora da sala de aula sentem também...

ALUNO 05: Sim, sim.

MODERADOR: ...que os professores vos incentivam...

C: Sim, sim.

MODERADOR: ...a falar sobre aquilo que vos preocupa?

C: Sim, sim.

ALUNA 04: Mais fora do que dentro.

MODERADOR: Mais, mais para fora da sala do que na sala?

ALUNA 04: Porque nós só temos Formação Cívica, que é o que nós costumamos fazer, que é, é semana sim, semana não, por isso, falamos com os amigos, ou com os professores que nos apareceram contar na outra turma.

MODERADOR: Muito bem.

(53.44)

MODERADOR: Olhem, tinha mesmo assim para fechar, e agora gostava, se desse, para ouvir cada um, cada uma de vocês. Em síntese, portanto, depois desta discussão, daquilo que ela também vos levou a pensar um bocadinho, que impactos é que vocês identificam como resultado da inovação que tem sido feita aqui no colégio na aprendizagem dos alunos? Ou que é que, em síntese no fundo, esta inovação que está aqui a acontecer, que impactos é que vocês sentem que têm tido na aprendizagem dos alunos?

ALUNO 05: Tem trazido mais abertura para a comunidade escolar. O que acho que dantes era muito restrito.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 07: Sim, temos novas dinâmicas de aprendizagem, por exemplo, em Geografia nós até, para descobrir os países e as capitais, aprendemos, em vez de estar a decorar, com um jogo. E acho que isso facilita a nossa aprendizagem.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNO 05: Acho que é isso.

MODERADOR: Senhor Bernardo, não quer dizer nada agora?

ALUNO 01: Eu não percebi muito bem a pergunta.

MODERADOR: Ou seja, falámos aqui de inovação, sobretudo em três áreas, não é? A Interioridade, os projetos interdisciplinares e a participação dos alunos, tanto na sala de aula como na vida da escola. E eu queria que vocês, tendo em conta aquilo que é a vossa experiência, dissessem o que é que tem mais impacto, disto tudo, na aprendizagem dos alunos. Em que, em que medida é que estas atividades, ou em que aspeto, ou em que aspetos é que leva a que os alunos aprendam melhor?

ALUNA 02: Agora, os jogos e como a Matilde disse, é mais fácil. Os alunos interessam-se mais. E, em vez de estarem a achar aquela matéria muito seca e terem de decorar muita coisa, os professores põem jogos que consegue, que nos põe mais atentos. E ao pôr-nos mais atentos, nós conseguimos decorar mais fácil. Por isso, quando eles põem jogos, ou vídeos, ou assim alguma coisa do género...

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 04: E trabalhos de pesquisa.

ALUNA 02: ...nós gostamos mais, por isso conseguimos, em vez de chegarmos a casa, termos de estudar aquilo e acharmos uma seca, com um jogo nós já só temos de rever, porque já conseguimos decorar.

MODERADOR: Hm, hm. Que bom. Muito bem. Eu gostava de ouvir também aqui o senhor Bruno. Queres acrescentar alguma ideia?

ALUNO 03: Não.

MODERADOR: Mas porquê, porque sentes que, não sentes que esta inovação tenha gerado muitas aprendizagens ou novas? Não te lembras? Tranquilo, tranquilo.

(56.35)

MODERADOR: Olhem, eu fiz estas perguntas, mas podia ter feito... Querias acrescentar alguma coisa, Bernardo? Força.

ALUNO 01: Quando demos, começámos a dar a matéria do “Kahoot” em TIC, depois...

MODERADOR: Tenta falar um bocadinho mais pausado e um bocadinho mais alto, se faz favor.

ALUNO 01: As outras disciplinas tipo Inglês...

ALUNA 02: Matemática, não?

ALUNO 01: ...Matemática, Educação Física, têm feito “Kahoots” para nós fazermos.

MODERADOR: E isso é uma metodologia que te ajuda a aprender?

ALUNO 01: Sim, as aulas são, são tipo “quizes”.

MODERADOR: Sim, sim, sim.

ALUNA 02: Que estamos divertidos e a divertir-nos, nós estamos com atenção.

ALUNO 01: Aprendemos, aprendemos melhor.

ALUNA 02: Por exemplo em TIC, nós estamos a, só fazemos jogos, mas aprendemos.

ALUNO 05: Exato.

ALUNO 01: Conseguimos aprender.

ALUNA 02: E nós gostamos, por isso é que temos, sabemos tudo de TIC.

MODERADOR: Muito bem.

(57.31)

MODERADOR: Olhem, é mesmo a última questão que tem que ver com isto. Eu fiz estas perguntas, podia ter feito outras, mas há de certeza muita coisa que ficou de fora. Aquilo que eu vos dizia é, a propósito destes temas que falámos, se há alguma coisa que eu não tenha perguntado, mas que vocês gostassem de acrescentar...

ALUNO 05: Não.

MODERADOR: ...porque acham que é importante.

C: Não.

ALUNO 05: Não, eu acho que conseguimos salientar aqui tudo.

C: Sim.

ALUNA 02: Conseguimos dizer tudo.

MODERADOR: Sim?

C: Sim.

MODERADOR: Olhem, então resta agradecer-vos. Muito, muito obrigado. E espero que venham aí projetos interdisciplinares interessantes...

ALUNO 05: Exato.

MODERADOR: ... e motivadores, sessões de Interioridade, se possível acolhedoras e que convidem a um maior autoconhecimento e uma participação também mais efetiva. Para que vocês também possam contribuir muito para melhorar o colégio. Muito obrigado, até breve. Tudo de bom. Obrigado.

C: Obrigada nós. Obrigado.

[FGA4 – Focus-Group com Alunos do Secundário]

(00.00.00)

MODERADOR: Vai começar aqui, a gravar. Vou pôr isto mais alto. Olhem, eu esqueci-me de vos dizer, mas digo agora. Primeiro queria agradecer o vosso tempo, mas é para dizer que a conversa, eu tenho aqui as questões que me vão ajudar também neste diálogo convosco, vão incidir sobretudo em duas coisas. Uma, a participação dos alunos nesta inovação, não só vocês próprios, mas aquilo que vocês sentem que tem sido o envolvimento dos alunos, e por outro lado, a vossa perceção sobre o que é que esta participação em sessões de Interioridade, projetos interdisciplinares e outras dinâmicas, tem gerado como aprendizagem dos alunos, tem levado a aprender alguma coisa e o quê, portanto, é um bocadinho, é um bocadinho por aqui. Podemos começar, então?

C: Sim.

MODERADOR: Muito, muito obrigado. Se não perceberem alguma pergunta estejam sempre também à vontade para, para perguntar, para esclarecer. Eu há pouco disse, mas apenas ao Alexandre, porque foi o primeiro a chegar, aqui não se trata de fazer seis entrevistas individuais, portanto, eu não vou fazer a mesma pergunta a todos. Eu lanço a pergunta. Por vezes posso dizer: “Alexandre, Sofia”, fazer uma pergunta um bocadinho mais direta, mas a questão, a ideia é lançar as questões e depois ser mesmo um grupo de discussão. Portanto, vocês podem se ir seguindo uns aos outros, complementando, trazendo uma ideia diferente. Portanto, a riqueza é exatamente ser um grupo de discussão. E a primeira pergunta tem que ver, se vocês consideram que hoje, os alunos aqui no Colégio da Paz, participam mais na vida da escola. Do que há um ano, do que há dois anos. Sentem que participam mais, e se nesse caso podem dar exemplos concretos.

ALUNA 10: Sinto que está igual.

ALUNA 11: Não, mas tivemos a assembleia de ano, que eu acho que...

ALUNA 10: Ainda não fizeram nada, portanto, está igual.

ALUNA 11: ...sim, não, mas ao menos tivemos, poder dizer o que é que gostávamos que fosse diferente.

ALUNA 10: Sim.

ALUNA 11: E acho que nós nunca tínhamos tido isso, por isso, eu acho que, é assim, não me senti assim muito mais envolvida, porque eu não me sinto assim muito envolvida, mas mais um pouquinho sim.

MODERADOR: Um pouquinho.

ALUNA 13: Eu acho que, eu acho que sim, porque foram criadas outras coisas. Por exemplo, a Rádio, acho que também aproximou muito os alunos. E mesmo a associação de estudantes, acho que desenvolveu. E eu dentro da associação reparei nalguma vez, é assim, mais proximidade com os alunos. Sinto mais à vontade dos alunos para virem falar connosco e pronto, pôr as dúvidas, e, é isso.

MODERADOR: Ou seja, este ano relativamente a anos anteriores, os alunos estão mais próximos da associação, sentiram isso?

ALUNA 13: Sim.

MODERADOR: Ok. Muito bem. Por outro lado, há aqui a ideia...

ALUNA 10: Eu acho que é assim, tivemos uma assembleia, podemos dizer o que é que queremos, isso foi bonito, isso foi fantástico, isso foi melhor, é verdade. Também passou pouco tempo, mas até agora nenhuma das propostas foi discutida. E eu sinto que aquilo foi só um bocadinho para nos “calar a boca”, naquela ideia do: “Querem participar, participem, não vamos querer saber.” Eu sinto que não vão ser levadas a sério as propostas.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 10: Talvez seja o meu negativismo, mas eu simplesmente não tenho a sensação de que as propostas vão ser levadas a sério.

MODERADOR: Ok. Posso fazer uma pergunta sobre... Portanto, foi a assembleia do 11º ano, não é?

C: Sim, sim.

MODERADOR: A vossa foi a partir do 11º. E, pela ideia que eu tenho, eu não estive na assembleia. Em conjunto, vocês elegeram...

ALUNA 11: Três.

MODERADOR: ...das várias opções que tinham, três.

ALUNA 13: Sim.

MODERADOR: E foi, e foi levado à direção, é isso? E, portanto, que é que está a defraudar um bocadinho essas expectativas? Era o desejo de que a direção já tivesse dialogado convosco?

ALUNA 10: Não é isso. Eu acho que é mais, eu não, eu não sei se sou eu que tenho esta visão um pouco distorcida do que é que é a realidade. Acho que não, espero bem que não, mas eu sinto que o colégio tem muito esta tentativa de que está a tentar inovar, e tentar remodelar-se, eu acho isso bom. Eles tentam que a gente participe mais, perguntando a nossa opinião, mas é sempre uma coisa: “O que é que achas? Ah, é isto. Ah, está bem, paciência, não vamos mudar.” Eu sinto, perguntam-nos, dão-nos, perguntam-nos o que é que sentimos, mas que muitas são as poucas vezes em que realmente acontece.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 10: Perguntam-nos a opinião. Se a nossa opinião for de acordo com o que eles estavam a planear antes, ok. Se não for, então pronto. “Olha, obrigada pela tua participação.” Mas não somos muito levados a sério, eu acho.

MODERADOR: Muito bem. Outras, outras visões aqui?

ALUNO 12: Eu também concordo com ela, um bocado. Sinto que, por exemplo, há muitos questionários, e esse tipo de coisas. Mas depois quando é para implementar medidas, normalmente aquelas que são implementadas, são coisas que tipo, que não são tão relevantes como aquelas que eram mesmo necessárias. Também não quero ser muito crítico, mas por exemplo, este ano terem mudado os quadros interativos todos, para, para aquilo, nem sei bem o que é aquilo.

ALUNA 10: O cabo de televisão.

ALUNO 12: Não acho que fosse uma necessidade. É assim, o dinheiro podia ter sido investido em outras coisas. Porque eu, pelo menos, não sinto a necessidade de ter um quadro novo.

ALUNA 13: E não foi propriamente bom, porque não sabemos trabalhar com isso...

ALUNA 10: Os professores não sabem mexer no quadro, e ele tem menos funções que o anterior.

ALUNA 13: ...atrasa muito as matérias...

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 13: ...e as aulas ficam um bocado mais lentas.

MODERADOR: E vocês sentem então, que se essa escolha, à semelhança de outras, tivesse sido feita mais em diálogo com os alunos, vocês também podiam ter ajudado aí?

ALUNA 11: Eu estava à espera, sendo que nós, houve as assembleias de ano, de todos os anos. Mas eu, tipo, nós sendo do 11º ano, eu estava mesmo à espera, é assim, nós supostamente temos aula de Formação Cívica, só que é ao mesmo tempo de Interioridade. Então nós ou temos Formação Cívica, ou temos Interioridade. E nós nunca tivemos, pelo menos a nossa turma, nós nunca tivemos Formação Cívica, e eu depois da assembleia,

estava mesmo à espera de ter uma aula, em que a nossa diretora de turma falasse connosco e dissesse: “Olhem, eles já ouviram a vossa proposta.” Ou assim. Porque nós às vezes temos reuniões com a psicóloga e isso tudo, e tal como tivemos essas, eu também acho que estava à espera que o colégio nos fizesse essas sobre, a falar das nossas propostas.

ALUNA 13: Sim, é um bocado de falta de comunicação connosco.

MODERADOR: Muito bem.

ALUNA 10: As reuniões da psicóloga acho que foram faceta. A coisa que mais caracterizou a maneira como o colégio nos vê, eu acho que é. Chegaram lá e era: “De 0 a 10 digam qual é que é o vosso nível de felicidade.” Nós escrevemos, deram-nos um papel. A psicóloga, por mais que ela tente, ela até é amorosa, disse meia dúzia de frases daquelas que nos dizem: “Ah, há sempre luz no fundo do túnel.” E coisinhas assim bonitas. Quem estava a sentir-se mal, ficou igual, quem estava a sentir-se bem, ficou igual, e estão a ser feitas assim umas coisas um a um, mas é só com pessoas que, ou se voluntariam, ou o colégio acha. E eu acho que quando o colégio acha que é preciso, são pessoas que eles acham que estão fora dos eixos de alguma maneira, e não quem realmente precisa. Porque eu conheço colegas que estão claramente muito mais deprimidos, muito mais em baixo e que não foram convocados.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 10: Mas depois aqueles, aqueles colegas assim, que chegam sempre atrasados, não sei quê, foram todos à psicóloga. Os que têm notas menos boas, foram todos à psicóloga.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 10: Eu acho que isso é a visão que eles têm. Eles fingem que nos ajudam, não é? Tentam ajudar, não sei, mas dizem: “Vamos ajudar, vamos ajudar.” Mas depois ajudam o que eles acham que é preciso ser ajudado, e o que realmente é necessário. Se não for de acordo com o projeto deles, não querem saber.

MODERADOR: Muito bem. Alexandre e João, avançamos? Querem acrescentar alguma coisa aqui? Podemos sempre voltar a trás, depois sintam-se à vontade.

ALUNO 08: Eu, por acaso, eu não sei se concordo com aquela coisa do quadro, porque eu não sei se a decisão foi puramente baseada em educar, e não, se calhar, culpar nas coisas. Não sei, pode ser uma decisão estratégica mais para a frente, não sei.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNO 08: Por isso não, e no caso da Sofia, quando ela falou agora das aulas de psicologia, eu, pelo menos para mim eu achei interessante, conseguir ver como é que os outros estão. Quando, na tal coisa dos papéis, pelo menos para mim foi interessante e fez-me pensar, fez-me pensar como é que eu poderia, se calhar, melhorar a minha pontuação, que é o que ela também sugeria, e, mas realmente eu concordo com a coisa da Sofia, de quem realmente precisa, às vezes, não chama, não chama a atenção dos professores, e, por isso não vai ser chamado à direção. Mas não concordo que seja falta de comunicação, simplesmente não perguntaram.

ALUNA 10: Não é falta de comunicação é falta de ouvir.

ALUNO 08: Se perguntassem, se perguntassem nós dizíamos.

MODERADOR: Claro.

ALUNO 08: Acho eu.

MODERADOR: Muito bem.

ALUNO 09: Sim, eu também, eu por acaso concordo também com o que foi dito.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNO 09: Que, por exemplo, mesmo aquele dinheiro do, desses quadros, desses novos quadros, poderiam ser investidos, por exemplo, numa das medidas que nós, numa das três medidas que nós estabelecemos.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNO 09: Uma delas, uma delas, o aquecimento.

MODERADOR: O aquecimento nas salas?

ALUNO 09: Não sei, eu não sei até que ponto foi muito melhorado, mas, por exemplo, nas salas não há aquecimento nas salas, por exemplo.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNO 09: Não sei se isso também é uma necessidade, não sei até que ponto isso é uma necessidade em comparação com os, com esses quadros.

MODERADOR: Mas para os alunos é uma necessidade?

ALUNO 09: Sim, para os alunos é uma necessidade.

ALUNA 10: E os quadros nunca foram necessidade nem dos professores, nem dos alunos. Estávamos todos perfeitos.

ALUNO 09: Sim, é isso.

ALUNA 13: Nós tínhamos quadros.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 13: Estavam bons.

ALUNA 10: E eram muito idênticos.

MODERADOR: Muito bem.

ALUNA 13: O único problema era mesmo os computadores.

ALUNA 10: Mas eu acho que...

ALUNO 12: Os quadros era mesmo o que faltava, realmente.

C: Sim.

ALUNO 08: Mas eu, por acaso, também acho que uma das razões pelas medidas não terem sido implementadas é também, na altura, quando eu estava a ver, também achei que eram um bocado irrealistas, algumas, de se implementar e também achei, já agora, que a maneira como se votavam as coisas na altura era um bocado má porque nós temos de escolher três, e acabava...

MODERADOR: Isto nas assembleias?

C: Sim.

ALUNO 08: Sim. Nas assembleias. E acabava pelo pessoal fazer tipo um voto estratégico, então, não sei, parece que a medida que ficava em segundo lugar... imagina, a primeira, a que ficava em primeiro era o que todos, a maioria queria, mas a segunda...

ALUNA 10: Já não era levada tão a sério.

ALUNO 08: ...não, já não era a opinião da maioria, não sei se consigo me perceber.

MODERADOR: Ai é, não foi pelo número de...

ALUNO 08: Foi o voto...

ALUNA 10: Foi sim, mas foi de uma maneira um bocado estranha.

ALUNO 08: ...cada um vota um voto. Cada um só dá um voto. E não três votos...

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNO 08: ...que eu acho que seria o mais sensato. Então acabou por medidas que acho que não eram o mais, não era o segundo lugar para toda a gente.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNO 08: Não sei, se calhar...

MODERADOR: Então isso leva-me a outra pergunta.

(00.10.01)

MODERADOR: Então quer dizer que não terá havido espaço para que vocês avaliassem a assembleia?

ALUNO 08: Nós...

MODERADOR: E dessem sugestões de melhoria da assembleia, como essa, por exemplo?

ALUNO 08: Houve, houve.

MODERADOR: Houve.

ALUNA 11: No fim, sim.

ALUNO 08: Deram-nos um papel, só que é assim, deram-nos um papel a nós todos, e estivemos todos a preencher e a dar a nossa opinião. Agora, se resolveram aquilo é que são outros quinhentos, não é?

MODERADOR: É outra questão, claro. Precisavam de um momento seguinte também para conversar.

ALUNO 08: Sim...

ALUNA 11: Sim, uma reflexão sobre...

ALUNO 08: ...sobre a discussão que nós tivemos.

ALUNA 11: ...exato.

MODERADOR: Sobre o que aconteceu.

ALUNA 10: Eu acho que uma coisa que era importante referir é que, no último dia de aulas do ano passado, deram-nos um questionário daqueles online, no Google Forms. Eles estão nos sempre a dar questionários, eu sinto que todos os dias temos um questionário diferente para preencher. Esse questionário vai dizer sobre se nós nos sentimos ouvidos na escola, é sobre isto.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 10: Ouvidos na escola, se nos sentimos nervosos, se gostávamos de estar aqui, se não gostávamos, se nos sentíamos importantes... Eu não, é assim, importante vá que não vá, pronto, mas tipo se me sentia ouvida? Não me sentia ouvida. Se me sentia representada? Também não. Sinto, eu fiz assim, muitas pessoas disseram isso, e eu acho que isso pode ter levado à implementação das assembleias. Mas eles nunca referiram esse questionário, fizeram, foram as respostas, e nunca mais disseram: "Olha, vimos o vosso questionário." Não disseram, simplesmente: "Olha, têm aqui uma assembleia." Eu acho que a assembleia, pronto...

MODERADOR: Claro.

ALUNA 10: ...boa ideia, má execução.

ALUNA 13: Sim, eu acho que, acho que não era necessário tantos questionários, e assim bons questionários e que pudéssemos ser ouvidos. Ou seja, eu acho que acaba por ser muita coisa e, pronto, não dá para ler tudo, e não dá para, pronto, em muita coisa. E acho que se fosse menos, era melhor.

MODERADOR: Muito bem.

(00.11.35)

MODERADOR: Olhem eu queria passar agora para um outro ponto, onde também pode acontecer participação dos alunos, e queria também perceber um bocadinho convosco, como é que vocês pensam ou sentem que se concretiza aqui no colégio a participação dos alunos na inovação curricular. Ou seja, na inovação que se passa na sala de aula. Que deem exemplos. Querem que eu exemplifique um pouco mais?

C: Sim.

MODERADOR: Ok, muito bem. Por exemplo, se os alunos participam em algum momento, ou em alguns momentos, na escolha do que é apreendido e como. Se são chamados a opinar sobre se uma determinada matéria pode ser ensinada de uma forma ou de outra? Que gostariam que um determinado, um determinado conteúdo pudesse ser trabalhado de uma forma em detrimento de outra? Se são chamados também a participar na maneira como se ensina e aprende? Na autorregulação das aprendizagens, se vocês sentem que participam, autorregular aquilo que aprendem, não é? Se têm instrumentos para vos ajudar a fazer isso? Se participam na avaliação das, das propostas que são feitas, na heteroavaliação dos colegas? Enfim, dei-vos aqui alguns exemplos.

ALUNA 10: Eu acho que o nosso professor de Geografia, tem-se esforçado nesse sentido, fazer projetos interdisciplinares, fazer trabalhos, fazer isto, fazer aquilo, novas estratégias. Não costuma muito bem ir falar connosco o que é que queremos, mas faz coisas que eu acho que são melhores do que a aula normal. Os outros professores não estão muito interessados nisso, é um bocado dar a matéria como sempre demos, pumba. Eu acho que um grande problema deste colégio é o colégio, por mais que ele tente modificar, ele continua a ser muito tradicional em muitos aspetos. Não só na sua doutrina, mas isso pronto, nem é essa a parte. A maneira como as aulas são dadas, como as coisas são abordadas, estamos sempre a dizer que estamos insatisfeitos, eles dizem que vão mudar, mas mudanças muito pequenas ou que não ajudam de modo nenhum, ou não há mudanças.

ALUNA 11: Mas a Filosofia também, eu estava-me a lembrar...

ALUNA 10: Filosofia também, mas Filosofia a professora, pronto, também não dá a matéria toda e tal...

ALUNA 11: Sim, mas eu, eu acho que pelo menos, eu gosto quando a professora nos diz tipo, ela chegou à nossa beira, numa tarde e disse assim: "Ah, pronto, então esta tarde vamos decidir..." pelo menos na nossa turma foi assim "...eu tenho dois temas para dar e eu quero que vocês decidam se um é trabalho o outro é o teste, o que é que vocês querem?"

ALUNA 10: Sim, esse dia...

ALUNA 11: E eu fiquei mesmo feliz de poder, a professora deu tempo para nós vermos no manual e isso tudo e eu a pensar: "Ok, acho que esta matéria é mais difícil, se calhar preferia para o trabalho, e esta preferia para o teste."

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 11: Pronto, e nós tivemos esse poder de decisão, e eu acho que foi a única disciplina que aconteceu e eu gostei.

MODERADOR: Muito bem. Outros, outros exemplos que se lembrem?

ALUNA 13: Eu sinto que, porque a minha turma tem quatro pessoas.

ALUNA 10: Pois.

ALUNA 13: Sinto-me super à vontade para participar. Já em outras aulas que é com Humanidades, as disciplinas que estamos em conjunto, não me sinto tão à vontade, como é óbvio. Mas sinto à vontade com os professores para, para dizer o que é que acho das aulas e...

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 13: ...para corrigir alguma coisa.

MODERADOR: Muito bem. É de Artes Visuais?

ALUNA 13: Sim.

MODERADOR: Muito bem.

ALUNO 09: Eu acho que nós também podemos dar a nossa opinião, por exemplo, nota de avaliação. Muitos professores possibilitam dizermos, por exemplo, aspetos que podiam ser melhorados, mesmo do próprio professor. Por exemplo, a Filosofia nós escrevemos um pequeno texto durante a avaliação, em que também falámos do que o professore poderia melhorar para, neste caso a professora, para as aulas serem mais apelativas e mais interessantes. E eu acho que, nesse aspeto, é nas autoavaliações onde se fala mais disto.

MODERADOR: Nota mais.

ALUNA 13: Sim, e o facto de termos uma diretora de turma também ajuda a, pronto, a termos uma professora que nos represente e que nos dê mais voz.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 11: Eu estava a pensar, e eu acho que a autoavaliação, nós, eu e a Sofia somos de Economia. E a professora de Economia era nova e ela no final do Período, perguntou-nos o que é que nós gostávamos que, pronto, melhorássemos nas aulas, e nós dissésemos, era continuar com as fichas e era guiarmo-nos pelo manual. E pronto, nós dissemos isso que era uma coisa que nos atormentava porque a professora antiga guiava-nos sempre pelo manual, e esta não. E então a professora, agora no início do segundo Período, eu gostei de ver. Ela a dizer assim: “Ah, ok, são estas páginas.” Ela tipo mesmo a tentar orientar-nos, porque nós pedimos. E isso foi bom, porque nós sentimos mesmo que ela tomou atenção ao que nós dissemos e fez. Sim.

MODERADOR: Que bom. Muito bem.

(00.15.59)

MODERADOR: E agora na participação dos alunos? Na inovação organizacional. Ou seja, não considerando o âmbito estrito da sala de aula, pensando no colégio como um todo, se vocês percecionam que existe uma participação vossa, real, nas decisões que vão sendo tomadas no colégio. Também posso dar aqui alguns exemplos, mas se calhar são um bocadinho redutores. Portanto, é mesmo pensarem um bocadinho o colégio para fora do âmbito restrito da sala de aula. Os exemplos que eu tenho aqui são, se participam na definição dos horários, dos horários dos alunos, se dão sugestões a esse nível?

ALUNA 10: Damos sugestões em mudar testes, mas o horário não.

MODERADOR: Muito bem. Na utilização dos espaços, na transformação dos espaços, se vocês sugerem, e se têm alguma participação? Se existe uma participação dos alunos nos órgãos de gestão, portanto, que dialoguem muito frequentemente ou em Associação de Estudantes, ou em delegados. Se existe esse trabalho regular com a direção da escola? Se participam na ligação à comunidade para fora do colégio, se existe uma participação dos alunos aí? Por exemplo, se participam na elaboração de regulamentos sobre coisas que vos digam respeito? Sei lá. A utilização de tecnologia, quer dizer, tudo aquilo que a organização se preocupa e que a organização se foca para fora do colégio ou dentro do colégio, fora do âmbito restrito da sala de aula, se vocês sentem que existe uma participação dos alunos e como? Se conseguem dar alguns exemplos?

ALUNA 10: Não sinto muito. Eu lembro-me que houve uma vez no oitavo ano, já foi há algum tempo, em que eu, a Rafa e outras amigas minhas tivemos a ideia de dinamizar a biblioteca. Esta biblioteca.

ALUNA 11: Mas foi porque, mas foi porque uma professora, era isso que eu estava a pensar, nós fizemo-lo porque a nossa professora de História sugeriu a ideia. Porque eu acho que é assim, o colégio nunca nos deu assim muito tempo para nós pensarmos tipo o que gostávamos de melhorar, e tipo, alguém com quem falar e alguém com quem possamos tipo discutir o que é que queremos melhorar e podermos fazê-lo. Porque tipo, nós só termos ideias não nos leva a lado nenhum. Porque se não tivermos um professor com quem falar e que possa concretizar a ação, tipo eu estava a pensar, sim, tentar mudar a biblioteca foi assim a coisa, deve ter sido das coisas mais ativas que nós fizemos. Mas foi porque uma professora disse que queria e pediu a nossa ajuda. Porque se fossemos nós a ter a ideia provavelmente nunca aconteceria.

ALUNA 10: Uma coisa que eu queria acrescentar é, nós vínhamos, as professoras ficavam aqui, a gente arrumou os livros, portanto, todos estes livros fomos nós que arrumamos. Estavam em montes ali a trás e nós pusemos ali nas prateleiras todas, por ordem, parabéns a nós. Mas a gente arrumou os livros, fizemos uns cartazes a dizer que “A biblioteca é que é fixe, a biblioteca é que é fixe.” Sem grande fundamento. E ninguém veio e nós nunca mais viemos, e pronto, arrumámos livros e basicamente o colégio disse, provavelmente o colégio precisava de alguém para arrumar os livros sem ser uma empregada. Disseram à professora de História: “Olha, vê aí se há uns miúdos que querem arrumar livros.” Mas arrumaram os livros, e pronto, foi isso.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNO 08: Mas, por acaso, eu este ano já tentei, tinha falado com a professora de História, que é a professora Márcia, eu estava a falar com ela e achei que dava para dinamizar a biblioteca, e quando eu tentei pôr isso em prática na minha turma, também não estavam muito interessados. Eu lembro-me de ter feito não sei quantas perguntas e ninguém respondeu, duas ou três pessoas responderam, no máximo. Por isso eu também, parece que o pessoal quer as coisas feitas, mas não faz por ter.

ALUNA 10: Sim, é verdade, é verdade.

ALUNO 08: Por isso é um bocado hipócrita estarem aí a reclamar da escola...

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNO 08: ...por isso chateia-me isso.

MODERADOR: E porque é que achas que isso acontece?

ALUNO 08: Não faço ideia. Não sei se as, pensei que achassem aquilo irrealista.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNO 08: Mas eu tinha até lhes explicado que nem era assim tão difícil assim.

ALUNA 13: Eu acho, eu acho que as pessoas do colégio estão demasiado habituadas a ter as coisas sem trabalhar, e sem se esforçar para as ter. E acho que isso era importante, mesmo no colégio aprendermos isso. Não sei...

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 13: ...de alguma forma incutir isso nas pessoas.

MODERADOR: Muito bem.

ALUNA 11: Mesmo a ideia que nós também temos de: “Ah, como somos nós a pensar, tipo a decidir, a querer mudar, não vai acontecer.” Eu acho que isso tem imenso...

ALUNA 10: Nós pensamos sempre nisso...

ALUNA 11: ...porque...

ALUNA 10: ...sempre que nós temos uma ideia, nós pensamos: “Ei, que fixe, que fixe...”

ALUNA 11: ...mas não vai acontecer.

ALUNA 10: “...ah, mas não vai acontecer.” E pronto, e acabou.

ALUNA 11: Isso é um bocado mau porque eu gostava mesmo de mudar algumas coisas. Por exemplo, nós, assim um sítio para nós estarmos no intervalo, agora está muito frio para estar no recreio, e o nosso corredor é assim um bocadinho, pronto, apesar de, se nós pudéssemos vir para aqui para a biblioteca, ou assim um sítio diferente, eu tenho a certeza que imensa gente gostaria. Só que nós temos sempre aquela ideia de: “Ah, não vai acontecer nada.” Então pronto, acabamos também por não investir nisso.

ALUNA 10: Nós, nós crescemos com a Olívia, que é uma funcionária, a dizer que só podemos pôr a mochila neste sítio e estar no recreio, portanto, se nós queríamos ir a outro sítio não podíamos. A nossa ideia de que ou estás no recreio, ou não estás, ou tens a mochila no corredor, ou não tens. Portanto, de repente ir para a biblioteca, na minha cabeça a ideia de vir para aqui para biblioteca no intervalo é aparecer aqui uma irmã Doroteia, elas já não aparecem muito, aparecer uma auxiliar a dizer: “Não podes estar aqui.” Por exemplo, eu uma vez fui a uma casa de banho sem ser a do meu piso, que era de raparigas, portanto não há problema nenhum. Fui à casa de banho, estava lá indo de boas, e veio uma senhora: “Ah, o que é que está aqui a fazer?” E eu, necessidades, tipo. Ela ficou chocada de eu estar numa casa de banho que não era suposto eu estar... Se nós nem sequer podemos ir a uma casa de banho, quanto mais mudar o espaço do recreio. Então a gente pensa: “Não vale a pena, não vai acontecer.”

ALUNA 13: E acho que isso é importante para o nosso futuro. Porque nós vamos, vamos viver sozinhos, vamos fazer a nossa vida sozinhos, não...

ALUNA 10: E não vai haver nenhuma auxiliar a dizer que: “Não podemos estar aqui...”

ALUNA 13: ...exato.

ALUNA 10: “...e não podemos pôr a mochila ali.” Pronto, eu acho que isso é um bocado escusado às vezes no colégio.

(00.21.16)

MODERADOR: *Rodrigo* [queres acrescentar alguma coisa, avançamos?](#)

ALUNO 12: Não, eu acho, eu acho que, sinceramente, só em relação à parte de decisões do colégio, eu o que me lembro, eu também só estou aqui desde o quarto ano, do que me lembro, eu nunca tive poder de voto em nenhuma decisão do colégio. Acho que a única, lembro-me que os meus pais tiveram, foi a utilização dos telemóveis no sétimo ano, acho eu.

C: Sim.

MODERADOR: *Mas foram os pais que participaram nessa decisão...*

ALUNO 12: Sim.

MODERADOR: *...e os alunos?*

C: Não.

MODERADOR: *Não participaram?*

ALUNO 08: Não, mas isso também seria um bocado estranho...

ALUNO 12: Além de que...

ALUNO 08: ...os alunos participarem.

MODERADOR: *Seria?*

ALUNO 12: ...eu, uma coisa que sinto falta é, por exemplo, circulares que são mandadas para os pais com informações, serem mandadas para nós também. Porque depois é sempre...

ALUNA 10: É perguntar à mãe se receberam a circular.

ALUNO 12: ...o meu pai, o meu pai sabe uma coisa, mas depois esquece-se de me, de me dizer. E eu gostava que fosse direto coisas que me afetassem diretamente.

ALUNA 11: Sim.

MODERADOR: *Hm, hm.*

ALUNO 12: Por exemplo, horários, não serem, podiam ser mandados para eles também, mas também seriam mandados para nós alunos. Porque eu acho que, lá está, é o que estavam a dizer há pouco. Falta, há uma falta de contacto direto connosco.

MODERADOR: *hm, hm.*

ALUNA 13: Sim, eu acho que acham que nós não temos capacidade e...

ALUNO 12: Exato.

ALUNA 13: ...maturidade para essas coisas. Na verdade temos.

MODERADOR: *Mas não é a tua visão, por exemplo?*

ALUNA 13: É a minha visão.

MODERADOR: *Não, ou seja, mas essa visão dos adultos...*

ALUNA 13: Ah.

MODERADOR: *...que os alunos não têm maturidade...*

ALUNA 13: Sim.

MODERADOR: *...não é aquilo que...*

ALUNA 13: Acho que não.

MODERADOR: *Muito bem.*

ALUNA 10: Eu acho que outra coisa muito importante também é que eu no outro dia lembrei-me que eu escrevia diários no oitavo ano, fui ver no diário, e tinha lá um dia onde nós fizemos um abaixo-assinado, na turma, simplesmente, houveram assim duas ou três situações onde a gente pensou: “Se fizermos um abaixo-assinado toda a gente assina, os professores vão fazer.” Houveram três ou quatro situações, que eu tenho lá documentadas, já não me lembro quais, onde a gente queria fazer uma coisa...

MODERADOR: *Hm, hm.*

ALUNA 10: ...queria implementar. O delegado escreveu: “Eu, delegado, acho que isto era bom, aqui está a assinatura.” Vinte pessoas assinaram e o colégio não fez nada.

ALUNO 08: Não, mas...

ALUNA 10: Eu acho que isso foi o, lembro-me tão bem de estar a pôr ali a minha assinatura e estar mesmo: “É agora, é desta!” E nunca foi.

ALUNO 08: Oh, mas também não podemos, simplesmente só porque nós assinamos as coisas, enviar, e que eles façam letra...

ALUNA 10: Eu sei, mas não havia, isto é uma demonstração de que não havia comunicação, a nossa maneira de comunicar era com um abaixo-assinado.

ALUNO 08: Não, eu lembro-me que eles chegaram a ir ter connosco e a dizerem...

ALUNA 10: “Não vai funcionar, não vai funcionar.”

ALUNO 08: ...que não vai funcionar.

ALUNA 10: Mas quatro vezes.

ALUNO 08: Mas vieram dizer-nos.

MODERADOR: *Vieram? Dessa vez falaram?*

ALUNO 08: Vieram, veio a Dra. Maria e tudo, inclusive.

ALUNA 11: Sim, mas nessa, essa foi boa.

ALUNA 10: Essa vez foi...

ALUNA 11: Mas eu acho que foi só uma. E essa foi boa porque, pelo menos...

ALUNO 08: Pelo menos nós ficamos...

ALUNA 11: ...ok ela disse que não, mas pelo menos a Dra. Maria veio falar connosco.

ALUNA 13: Sim...
ALUNA 10: Das outras era só tipo...
ALUNA 13: ...eu acho que se ela não tivesse mesmo dito nada tinha ficado a esperança e...
MODERADOR: Claro.
ALUNO 08: Sim, disso eu lembro-me...
ALUNA 13: ...era pior.
ALUNO 08: ...e eu lembro-me que até achei isso engraçado.
ALUNA 10: Sim, esse dia foi lindo.
ALUNO 08: Porque na altura nem sequer concordava, não me lembro de ter assinado, acho que assinei contrariado na mesma, mas lembro de ela chegar lá e eu fiquei tipo: “Uau, ela veio. A Dra. Maria veio à nossa sala só para dizer isto.”
ALUNA 11: Hm, hm.
ALUNO 08: E isso foi, pelo menos para mim foi importante.
ALUNA 10: Ainda por cima, nós somos um colégio pequenino e era importante sentirmo-nos ouvidos, porque somos poucos.
MODERADOR: Hm, hm.
ALUNO 08: Hm, hm.

(00.24.07)

MODERADOR: Olhem, vamos continuar aqui no nosso caminho. Aqui a pergunta tem que ver com, agora, mais aquelas atividades mesmo da vossa participação no colégio. Já percebi que se tem restringido um bocadinho, houve esse tal projeto da biblioteca, este ano começou, começaram as assembleias, há aqui a Francisca na Associação de Estudantes, é a única daqui do grupo que está na Associação de Estudantes.

ALUNA 13: Sim.

MODERADOR: Pronto. Nessas dinâmicas mais de participação oficial, não é? Vossa, se vocês sentem que participam tanto na preparação das atividades, concretização e avaliação, ou é mais só na concretização? Por exemplo, há pouco referiram, a propósito das assembleias, que também avaliaram. Mas participaram também na preparação das assembleias?

ALUNA 11: Não.

ALUNA 10: Não, é sempre assim um cartaz a dizer: “Vai acontecer x coisa, vem fazer.” A gente vai, avaliamos e pronto.

MODERADOR: Ok.

ALUNA 10: Nunca preparamos nada. É sempre os adultos. Nunca é da nossa parte.

ALUNO 08: Se bem que, o ano passado, nós tivemos uma coisa que se chama “Day Off” que foi...

ALUNA 10: Ah, o “Day Off” foi tão bom.

ALUNO 08: ...que foi a turma de biologia. Lembro-me que estávamos a falar com a nossa diretora de turma e achámos que era engraçado termos um dia fora da sala e estarmos a conviver todos. E por isso, isso surgiu.

MODERADOR: E surgiu da vossa...

ALUNO 08: Surgimos de nós...

ALUNA 10: Sim.

ALUNO 08: ...fomos com a professora, e a professora falou na direção e concretizou-se.

MODERADOR: E depois vocês ajudaram a preparar isso, ou foram mais os adultos depois que prepararam esse dia?

ALUNA 10: Não, a gente só disse que queria um dia diferente...

ALUNO 08: Não, não deu.

ALUNA 10: ...eles levaram-nos a um parque...

ALUNO 09: Foi surpresa.

ALUNA 10: ...divertimo-nos e pronto.

ALUNO 08: Exato, foi surpresa.

ALUNA 10: Foi surpresa.

ALUNO 08: E ideia era ser surpresa, o sítio.

MODERADOR: Ok.

ALUNO 08: A ideia, nós só queríamos era estar fora da sala e podermos fazer o que quiséssemos.

ALUNA 13: Sim, acho que aí não...

ALUNO 12: Até foi um parque.

ALUNA 11: Esse dia foi muito giro.

ALUNA 13: ...não havia necessidade de sermos nós...

ALUNO 09: De sermos nós a escolher.

ALUNA 13: ...a preparar porque acho que era um, um dia que nós pudéssemos descansar sem termos aulas, sem...

MODERADOR: Não era propriamente estar a prever...

ALUNA 13: Sim.

MODERADOR: ...o objeto...

ALUNA 13: Sim.

MODERADOR: ...em si era mesmo estarem...

ALUNA 13: Sim.

MODERADOR: ...à vontade...

ALUNO 09: Sim.

ALUNO 12: Sim.

MODERADOR: ...e a conviver.

ALUNA 11: Eu acho que, eu acho que, desculpa, eu acho que às vezes nós nem precisamos tipo de ter a ideia, porque nós, por exemplo, a Geografia, o nosso professor começou a dizer, pronto, Dia de Europa, que é 9 de maio, que falta imenso, e o professor teve a ideia que queria fazer alguma coisa. E depois ele está entre turmas, cada turma de Geografia tipo, a decidirem uma coisa que querem fazer, e eu acho que isso é ótimo, porque pronto, podemos ir buscar pessoas de fora e isso tudo. E eu, eu nem precisava de ter a ideia, eu já fico feliz por o professor ter tido a ideia por nos deixar escolher o que é que queremos fazer.

ALUNO 08: Isso, eu queria dizer é que isso acontece aos professores muito específicos, não é? Eu...

ALUNA 10: O professor de Geografia, faz muitas destas coisas, a professora de Filosofia, de vez em quando, a professora de Matemática também...

ALUNO 08: A professora de Matemática.

ALUNA 10: ...de resto não.

ALUNO 08: A professora de Matemática também cuida de nós porque ela é a nossa diretora de turma, não sei se é vossa?

ALUNA 10: Não, não.

ALUNO 08: Mas ela conosco fala dessas coisas e se nós tivermos uma ideia diz, e mesmo...

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNO 08: ...se nós quisermos mudar alguma coisa no colégio...

MODERADOR: Sim.

ALUNO 08: ...ela fala conosco mesmo.

MODERADOR: Ou seja, vocês não sentem ainda que é o colégio?

C: Não.

MODERADOR: Só alguns professores?

ALUNA 11: Exato.

MODERADOR: E com essas preocupações...

ALUNO 08: Mas eu, mas eu sinto, lá está, eu sinto que há um esforço do colégio.

C: Sim, há um esforço.

ALUNO 08: Mas eu sinto que o pessoal não se envolve, e agora porquê...

ALUNA 13: Sim, acho que a culpa é dos dois.

C: Sim.

ALUNO 08: Sim, é dos dois.

ALUNA 13: Porque não há entrega...

ALUNO 08: Dos alunos.

ALUNA 13: ...total dos dois.

ALUNO 12: Posso só?

MODERADOR: Claro.

ALUNO 12: Eu estava, estava a falar disto, eu acho que é importante falar disto porquê? Porque, é assim, ela está na, na Associação de Estudantes e eu no ano passado fiz-lhes uma proposta de criação de um site, de uma base de dados onde os alunos pudessem colocar resumos, fichas, testes, PowerPoints, qualquer coisa que pudesse...

ALUNA 13: Apoio ao...

MODERADOR: Apoiar os colegas a estudar.

ALUNA 13: Sim.

ALUNO 12: ...que pudessem ser partilhados. E também criei um fórum, que era para o caso de alguém ter uma dúvida rápida, qualquer pessoa do colégio pudesse responder. Pronto. Eu criei isto, a Associação divulgou e, quantos é que nós somos, aqui? Alguém sabe?

ALUNA 11: Somos seis?

ALUNO 12: Não, quantos é que nós somos no colégio?

ALUNO 08: Nós somos quatrocentos e alguns.

ALUNA 10: Para aí, quatrocentos e tal alunos.

ALUNA 11: Sim.

ALUNO 12: Aderiram trinta.

ALUNO 08: Eu por acaso até soube.

ALUNA 10: Eu nem sabia que isso existia.

ALUNA 11: Também não.

ALUNO 08: Honestamente.

ALUNO 12: É o que eu estou a dizer.

ALUNA 13: Sim, acho que se preocupam em divulgar algumas coisas que se calhar não são assim...

RA: Exato.

ALUNA 13: ...tão importantes, e esquecem-se de... Porque não depende só da Associação, o colégio também devia...

ALUNA 11: Depende dos alunos.

ALUNO 09: Eu acho que vocês também...

ALUNO 12: Depende dos alunos, sim, sim.

ALUNO 09: Eu também acho que vocês estão assim um bocado tipo limitados...

ALUNA 13: Claro que sim. Nós não...

ALUNO 09: ...porque vocês querem mas as coisas não andam para a frente.

ALUNA 13: Pois. Mas, mas eu acho que as pessoas não percebem que nós na Associação de Estudantes fazemos mais do que o que parece.

ALUNA 11: Sim.

ALUNA 13: Porque algumas coisas ninguém sabe que nós fazemos, ou não estão atentos.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 13: E depois dizem que nós não fazemos, e nós fazemos.

MODERADOR: Claro.

(00.28.30)

MODERADOR: Olhem, eu agora ia pedir que se focassem um bocadinho mais, se calhar há muita coisa que já foi falando, que já fomos falando, mas, se, ao pensar na pergunta, se se lembrarem de algo que tem mais a ver com isto, ia-vos pedir para, para enunciarem. Quais são os fatores que têm facilitado essa participação dos alunos na escola. Que fatores do colégio vocês sentem, pronto, há um que eu já percebi claramente que tem que ver com o professor, não é?

ALUNA 13: Sim.

MODERADOR: Um determinado professor favorece, mas pode haver aqui outros fatores.

ALUNA 13: Eu acho que o facto de sermos um colégio pequeno facilita a comunicação. Mesmo assim não é, pronto...

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 13: Ótima, mas, mas acho que sinto que somos todos próximos.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNO 12: Eu acho que um fator também foi as redes sociais. O colégio, não sei se já tinha antes, mas pelo menos a, neste último, neste melhor, deste ano letivo que anda muito ativo. Pelo menos no Instagram. E acho que, eu pelo menos tenho estado mais atento às coisas do colégio, desde que eles...

MODERADOR: Então consideras que isso incentiva uma maior participação dos alunos na vida da escola?

C: Sim.

ALUNO 12: Sim, às vezes acho que as coisas que colocam lá não se enquadram muito comigo. Porque, é assim, não deixam de ser adultos, certo? E é difícil de, é difícil de atingir o público jovem. No entanto, acho que...

MODERADOR: E como é que achas que se poderia atingir mais o público jovem?

ALUNO 12: Era colocando um jovem.

ALUNA 11: Ou por exemplo...

ALUNO 12: A minha ideia era essa.

ALUNA 11: ...quando é uma atividade, desculpa.

ALUNO 12: Não, não.

ALUNA 11: Quando é uma atividade que nós fazemos, eu às vezes penso assim: “Ah, que giro, tiraram-nos uma foto, vão meter no Instagram.” Podiam-nos perguntar até: “Olha, como é que achas que devíamos pôr?” Porque eu lembro-me, houve uma vez, pronto lá no “Day Off”, que nós tirámos uma selfie com uma professora nossa e ela disse que ia meter. Pronto, e teria sido giro ela dizer: “Ah, como é que acham que era melhor meter? Pomos uma história, pomos uma foto?”

ALUNA 13: Sim e eu acho que, sei lá, o design e assim do próprio Instagram acho que não é ótimo e acho que se fossemos nós, por exemplo nós, mesmo pessoas que não são de Artes...

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 13: ...acho que tentam mais...

ALUNA 10: Dizer mais apelativo.

ALUNA 13: Sim, sim. Uma coisa que chamasse mais à atenção porque é um bocado básico.

MODERADOR: Muito bem.

ALUNO 12: Sim e também porque eu sinto que as publicações são um bocado criança, ou seja, dirigem-se mais a primeiro ciclo e assim.

ALUNA 10: Sim, é mais assim a mostrar as crianças...

MODERADOR: São os mais novos.

ALUNA 10: ...o que os meninos fizeram, os desenhos.

ALUNO 12: E, por exemplo, tiram fotos a trabalhos e coisas assim.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNO 12: Eu acho que deviam focar em coisas que realmente nos interessam, porque assim eu acho que de certeza que chamariam mais...

MODERADOR: Claro.

ALUNO 12: ...à atenção. Mas acho que a ideia foi, foi uma boa ideia.

ALUNA 11: Eu por exemplo, lembrei-me agora, é que saiu um jornal do colégio e eu lembro-me, a minha mãe imprimiu por causa do meu irmão e eu fui ver e eu pensei assim: “Eu não ouvi nada do jornal.”

ALUNA 10: A minha irmã acho que escreveu para o jornal. Mas eu também não ouvi.

ALUNA 11: E tinha assim uma página de todos os anos, e chegava até ao décimo, décimo primeiro ano não tinha nada, e eu fiquei: “Eu não acredito que nós não temos nada.”

ALUNO 12: Eu vi isso, também.

ALUNA 11: Porque ninguém falou connosco...

ALUNA 10: Não nos disseram.

ALUNA 11: ...eu nem sequer sabia que existia. Eu fiquei tristíssima.

ALUNO 12: Pois.

ALUNA 11: É assim como é que todos os anos têm uma representação...

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 11: ...e nós não temos nada? É que isso foi mesmo assim mau, e podiam ter falado connosco. De certeza que alguém queria fazer.

ALUNA 10: Temos em ano de exames, temos de nos focar.

ALUNA 13: Sim acho que estão muito focados na matéria, e temos de dar a matéria e acabam por se esquecer...

ALUNA 10: É importante...

ALUNA 13: ... dos valores importantes que deviam passar.

ALUNA 10: ...mas eu acho que nós estamos todos numa pilha de nervos, nós só, pelo menos eu sinto que penso demasiado em estudar, eu não estou a estudar e estou a pensar no exame, também sou ansiosa, mas sinto que o colégio devia aprender a tentar puxar por nós por coisas que nos enriqueceriam sem ser só uma boa nota no exame. Porque eu sou capaz de chegar lá e ter uma boa nota no exame, mas aposto que no momento anterior vou estar a chorar, ou sem respirar, ou a comer até cair para o lado porque vou estar nervosa. Porque não houve mais nada que nos fizeram, que nos fizessem sem ser preparar para o exame.

ALUNA 13: Sim.

ALUNA 10: Então, eu só penso em preparar o exame e não há nada que, eu só me sinto realmente evoluída em termos de tipo estudar.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 10: Por exemplo, eu agora tenho mais conhecimentos do que o ano passado, mas assim em termos de ser mais interventiva, mais espírito de equipa, igual.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 10: Preocupam-se demasiado nas nossas notas e pouco na nossa aprendizagem.

ALUNA 13: Sim, e uma coisa que eu acho que não é nada bom é por exemplo os trabalhos e os projetos e isso, que nós demos tanto ou mais importância e dedicação do que os testes, valem 10%...

ALUNA 11: Isso é tão verdade.

ALUNA 13: ...e os testes mais de 60%. Pode correr mal e é logo...

MODERADOR: Hm, hm. Isto que eu vou dizer é uma interpretação possível, não...

ALUNA 13: Sim.

MODERADOR: ...não seja críticos em relação ao que eu vou dizer. Portanto, vocês percecionam, no caso, que os critérios de avaliação que estão definidos também claramente espelham, é isso?

ALUNA 13: Sim.

MODERADOR: Um foco maior numa preparação mais...

ALUNA 10: Mas eles estão a melhorar...

MODERADOR: ...de testes?

ALUNA 10: ...estão a começar a melhorar...

ALUNA 11: Sim, sim.

ALUNA 10: ...cada vez menos coisa para os testes. Mesmo assim...

ALUNO 12: Mas eles aumentaram mais para as atitudes.

ALUNA 10: ...10% para os trabalhos é pouco. Pois, aumentaram atitudes.

ALUNO 12: Em vez de aumentar os trabalhos, quando...

ALUNA 10: Porquê? Eu vou ser muito sincera...

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 10: ...os nossos trabalhos, normalmente, para fazer um trabalho, preciso de me esforçar o dobro do que tenho de esforçar para um teste. Eu também pronto, sempre tiro notas boas e tenho facilidade em aprender, sempre fui assim uma pessoa que tem facilidade nisto, e pronto. Mas não estou a tentar invalidar ninguém. Mas o esforço, a criatividade, a força de vontade, o espírito de equipa que nós desenvolvemos nos trabalhos é muito mais enriquecedor do que um teste.

ALUNA 13: Sim.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 10: E demoramos, eu demoro mais tempo a fazer um trabalho do que um teste, e normalmente o trabalho fica muito mais bonito e muito mais, aprendo a sério e no teste não. No teste eu decoro, escrevo...

ALUNA 11: Sim, sim.

ALUNA 10: ...esqueço. E no trabalho eu lembro-me...

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 10: ...lembro-me dos trabalhos que fiz, não dos testes. E mesmo assim o teste vale muito, muito mais do que um trabalho. O trabalho devia ser igual a um teste ou mais.

ALUNO 08: Por acaso eu lembro de ter feito um trabalho com a minha turma, poucos, nós em Filosofia, em Físico-Química, a professora não pediu isso, mas nos lembramo-nos de fazer um trabalho muito maior do que o suposto. E eu lembro-me que nós até nisso fomos penalizados, porque demoramos mais, é normal, e então a professora disse: "O trabalho está incrível, mas têm um 19 porque demoraram mais dois dias a entregar."

ALUNO 12: Pois, mas eu acho que isso é um problema geral, porque imagina, eu acho que temos de ter como um bocado uma opinião pessoal, é que o nosso ano, nós somos pessoas diferentes, normalmente, não estou a dizer que tipo seja diferente de todos, não é? Mas nós somos, além de tirarmos boas notas...

ALUNA 10: Somos assim no geral, somos um ano com bastante...

ALUNO 12: ...pelo menos eu acho que todos os que estamos aqui, nós somos pessoas ativas e pessoas que têm imensas ideias...

C: Sim.

ALUNO 12: ...e que gostam de se mexer e tal, mas não acontece.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNO 12: Mas nós estamos sempre cheios de ideias, e não somos só pessoas inteligentes.

ALUNA 11: Falta essa ligação.

ALUNA 13: É verdade, é verdade.

ALUNA 11: Não sei falta qualquer coisa.

ALUNO 12: E eu sei que nós estamos adaptados ao mundo do trabalho, que hoje em dia procura cada vez mais pessoas ativas e não pessoas que tiram boas notas nos testes.

ALUNA 11: Sim.

MODERADOR: Hm, hm.

(00.35.17)

MODERADOR: Olhem, antes de passar, estamos mesmo quase a passar para um segundo...

ALUNA 10: Só queria dizer uma coisa rapidamente. Que é, uma coisa que eu reparo é sempre que nós estamos numa situação de turma todos juntos, por exemplo, quando um professor se atrasa, 15 minutos é suficiente para estarmos todos juntos a falar sobre propostas. Eu sinto que sempre que a gente fala em turma falamos sobre: "Era tão fixe se fôssemos ali, era tão fixe se fizéssemos aquilo." Eu garanto que 90% das conversas que eu tenho com pessoas sem ser aqueles, os meus amigos mais próximos, com outras pessoas da turma, aquelas conversas assim onde somos para aí oito pessoas ou dez, o tema é sempre: "Era tão fixe se fizéssemos isto, ei, e se pedíssemos ao professor? E se nós fôssemos?" É sempre uma ideia, eu sinto que nós estamos sempre a ter ideias.

ALUNA 13: Depois nunca passa de ideias.

ALUNA 10: É sempre: "Ei, olha que fixe, ah, o stor chegou. Pronto, paciência." E acabou.

MODERADOR: Já fomos falando, portanto, só se se lembrarem de outra. Que barreiras têm dificultado a participação dos alunos na escola? Já fomos falando de várias. Portanto, agora, se quiserem complementar com, com mais alguma ideia?

ALUNA 11: Eu acho que é só mesmo a questão de tempo e... Nós fazemos tantas coisas, e às vezes tipo eu sinto que a Interioridade este ano não tem sido...

ALUNA 10: Interioridade, a sério? Por favor.

ALUNA 11: ...não tem sido abordada da melhor maneira.

MODERADOR: Já vamos, já vamos entrar aí.

ALUNO 08: Ainda bem.

MODERADOR: Já vamos, já vamos.

ALUNA 11: Sim, só que eu acho, eu acho que se temos tempo tipo disponibilizado para isso, acho que não custava nada, nem que fosse tipo de duas em duas semanas, termos meia hora em que podemos só discutir aquilo que gostávamos de melhorar. E por isso eu acho que é mesmo uma questão de tempo e de alguém que nós sintamos que nos ouça, porque eu às vezes sinto que não.

MODERADOR: Por um lado, a oportunidade que se crie...

ALUNA 11: Sim.

MODERADOR: ...esse tempo para isso, por outro lado, que os adultos, que haja adultos que de facto acompanhem aí isso e vos ajudem.

ALUNA 11: Sim.

ALUNA 10: Uma coisa que eu acho um bocado, eu não sei se, eu acho que não sei se as pessoas vão concordar, mas eu acho que uma coisa que é um bocado um impasse, pelo menos para mim, é a doutrina demasiado cristã, demasiado forte do colégio que eu acho que nem sempre é assim uma coisa positiva. É um colégio católico, estamos todos sujeitos a isso, e eu compreendo isso, totalmente, não tenho problema em que a gente tenha Moral, não há problema nenhum. Não há problema nenhum a ir a missa, não há problema nenhum, ok. Mas eu sinto que muitas vezes nós, a maneira como nos lecionam essa parte da Interioridade e de Educação Moral Religiosa não é apelativa, é totalmente uma coisa rápida, uma coisa mesmo

tipo: “Ok, vamos ler a Bíblia e agora vamos dizer que, para eles respirarem e apanharem folhas e agora está tudo bem.” Não, eu acho que, eu nem sou uma pessoa cristã, mas eu acho que até mesmo os cristãos não se sentem assim muito...

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 10: ...felizes por o espaço dedicado à sua religião ser um professor a debitar matéria que não interessa. A maneira como o professor dá as aulas também...

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 10: ...talvez a figura dele, porque ele é uma pessoa mesmo muito, muito, muito conservadora e que nós tivemos no nono ano debates, porque só dávamos tipo o aborto, e o que é a visão religiosa disso. O debate era o aborto e havia gente contra, gente a favor. Estamos num colégio católico, a maioria das pessoas era a favor, mas digamos que era tipo dois terços, dois terços contra, um terço a favor, até me troquei. Eu estava contra e estávamos lá a dar os nossos argumentos e o professor era o mediador. Mas o professor era contra, e o professor esteve a maior, a maior parte do debate a tentar calar quem era, quem era a favor e a tentar tipo puxar o seu lado. Eu até me lembro que lhe disse, lembro-me: “Professor, eu compreendo que você tenha a sua opinião, mas se você é mediador seja mediador, não seja do lado deles.” Porque ele, mesmo nessas situações, assim nas aulas de Moral em que é para darmos a opinião, mesmo quando o professor normalmente é o mediador, quem apazigua as coisas. A maneira dele apaziguar é: “Está bem, está bem, mas olhem, têm aí um problema na vossa argumentação, mas a vossa está muito boa.” Mas sempre para o seu lado.

(00.38.45)

MODERADOR: Olhem, eu vou agarrar agora na intervenção da Sofia, porque agora era mesmo o momento de entrarmos no, qual o impacto da inovação na sala de aula. E, portanto, tentando centrar nestas três áreas. A Interioridade, quem tem sido uma aposta, a participação dos alunos, já fomos falando de algumas coisas, e a parte da Gestão Curricular, participação em projetos interdisciplinares, etcetera. Ia começar, íamos começar exatamente pela Interioridade, portanto, a pergunta tem que ver com, com o seguinte, o que é que a participação nestas sessões de Interioridade, nestas aulas, provocou nos alunos, nas suas aprendizagens e nos seus modos...

ALUNA 10: Eu vou ser muito sincera...

MODERADOR: ...modos de ser?

ALUNA 10: ...muito sincera mesmo, absolutamente nada. Zero.

ALUNA 11: Mas não é bem assim...

ALUNO 08: Também eu.

ALUNA 11: ...eu lembro-me de quando começou Interioridade, acho que nós estávamos melhor...

ALUNA 10: Quando começou, mas a Interioridade deste ano, não houve uma única que eu tivesse pensado na sessão sobre alguma coisa sem ser: “Ei, que estou cheia de fome, estou farta de estar aqui. Tenho tanta fome, tenho tanta fome.”

ALUNO 08: Mas o que eu acho que isso, essas coisas...

ALUNA 11: Mas pronto, mas temos que dizer desde início, desculpa.

ALUNO 08: Não, fala.

ALUNA 11: É que quando começou nós estávamos no oitavo, não era?

ALUNA 10: No oitavo, nono ano e até era bom, nós estávamos todos felizes, divertíamo-nos, relaxávamos, e este ano foi horrível.

ALUNA 11: É que era um professor que eu sentia que era mais próximo de nós, porque pronto, era mais, não era da nossa idade, mas pronto era mais novo e tal, era engraçado. E eu lembro-me de adorar Interioridade, eu pensava que era assim o ponto alto da semana. Porque nós estávamos em turma...

ALUNA 10: Eu ficava tão feliz.

ALUNA 11: ...descontraíamos.

MODERADOR: Então, eu sei que se calhar...

ALUNA 11: Sim, sim.

MODERADOR: ...é um exercício difícil, mas lembrando então essa altura em que a experiência foi de maior aprendizagem...

ALUNA 13: Sim.

MODERADOR: ...o que é que vocês podem dizer, o que é que aprenderam? O que é que...

ALUNA 11: Ah, naquele momento?

MODERADOR: O que é que gerou de aprendizagens?

ALUNA 11: Acho que sim, eu acho que das principais era mais a, eu lembro-me imenso, eu gostava porque era para descontrair, tipo eu mesma e não estar a pensar só nos testes. Mas eu também gostava pelo facto de unir a turma...

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 11: ...porque era assim um momento em que estávamos todos com todos e podíamos conversar e não estávamos só ali em Matemática e isso, pronto era assim um momento...

ALUNA 13: Podes falar. Eu concordo porque eu também me sentia super bem nas aulas de Interioridade.

ALUNA 11: Era tão bom.

ALUNA 13: E eu acho que os momentos antes do Covid, acho que era melhor, porque tínhamos mais, éramos mais próximos e as atividades eram mais...

MODERADOR: Antes do Covid?

C: Sim.

ALUNA 13: Pronto e eu acho que era muito mais próximo...

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 13: ...e acabávamos por fazer atividades que nos unissem mesmo e acho que foi importante também porque aprendemos a respeitar os outros. E, pronto, respeitar a opinião, pronto, acho que foi importante, acho que são valores que normalmente não aprendemos nas outras disciplinas, que aprendemos numa disciplina assim leve com atividades giras.

ALUNA 11: Era abrimo-nos com os outros.

ALUNA 10: Era.

ALUNA 11: Eu lembro-me imenso...

ALUNA 10: Aquela das prendas...

ALUNA 11: ...que o professor promovia...

ALUNA 10: ...de Natal, lembraste?

ALUNA 11: É que houve uma, houve uma...

ALUNA 10: Era uma atividade tão boa.

ALUNA 11: ...depois a certa altura lembro-me já tinha chorado imensa gente, mas era aquele tipo, eu até achei que era bom, porque sentia mesmo que nós estávamos à vontade, tipo...

ALUNA 10: Foi uma atividade onde chorámos...

ALUNA 11: ...para tipo...

ALUNA 10: ...metade da turma chorou.

ALUNA 11: ...porque nós podíamos mesmo tipo...

ALUNA 10: E tão bom que foi.

ALUNA 11: ...é que às vezes nós estamos assim em turma e sentimos: “Ah, não querem saber.” Mas tipo, aquele momento em que todos podíamos partilhar alguma coisa, podíamos partilhar ou não. E o facto de certas pessoas terem partilhado uma coisa mesmo profunda e todos ouvirem assim, eu senti que era mesmo importante, tipo, sentimo-nos mesmo em turma.

ALUNA 13: E sentimo-nos à vontade para também partilhar, já que os outros partilham...

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 11: Sim.

ALUNA 13: ...e nós também gostamos de ouvir os outros a partilharem, acreditamos que ao partilhar os outros também vão gostar de nos ouvir.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 11: Exato.

ALUNA 10: Lembro-me que houve uma vez na Interioridade, no nono ano, onde era assim, estávamos lá todos e era tipo, era, estávamos perto do Natal, e era que prenda é que nós íamos dar uns aos outros, assim imaginária. Que era tipo: “Ei, eu dava isto à Rafa porque a Rafa gosta mesmo disto.” E começamos assim a falar, a dizer o que é que gostaríamos de dar aos outros, o que é que vemos neles, o que eles representam para nós, e isso foi muito giro. Lembro-me de ir para casa a pensar tipo: “Ei, o que é que as pessoas me queriam dar de prenda?” A dizer, era sempre: “Ah,....”

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 10: “...eu acho que a Sofia gostaria de receber isto, porque ela é uma pessoa muito animada.” Não sei quê, pronto, estou a inventar. Eu achei que isso foi muito fofo porque nós ficámos assim todos juntos a, a dizer o que é que apreciávamos nos outros e a sentir-nos apreciados e a sentir que apreciávamos. E eu lembro-me de sair dessa, dessa aula assim toda animada, tipo senti que já...

MODERADOR: Foi importante.

ALUNA 10: ...conhecia melhor os meus amigos.

MODERADOR: Hm, hm. Rodrigo, querias dizer algo, alguma coisa?

ALUNO 12: Eu também por acaso também tenho saudades de oitavo ano e início do nono.

ALUNA 10: Era muito boa a Interioridade nesse ano.

ALUNO 12: Primeiro eu também acho que tinha assim uma situação perfeita, que era, eu tinha a Interioridade no último tempo de sexta feira.

ALUNA 10: Também, o último tempo de quinta.

ALUNA 11: Nós já estávamos cansados.

ALUNA 10: O último tempo era perfeito para Interioridade.

ALUNO 12: Era, era oitenta minutos.

C: Era.

ALUNA 11: Era uma hora e meia.

ALUNO 12: Era oitenta minutos e...

ALUNA 10: Interioridade tem de ser ou ao fim do dia, ao fim do dia é sempre muito melhor porque estamos mais calmos. E tem de ser mais do que uma hora. Interioridade 45 minutos...

ALUNA 11: Se não é a correr não dá para fazer nada.

ALUNA 10: ...eu nem sequer, nem sequer dá para fazer coisas.

MODERADOR: Claro.

ALUNA 10: Interioridade tem de ser uma aula que ocupe muito tempo.

ALUNA 13: Nem que seja só tipo uma vez por duas semanas.

ALUNA 10: Eu acho que era melhor termos Interioridade de 15 em 15 dias uma hora e meia do que todas as semanas 45 minutos.

ALUNO 12: Eu estava a dizer. E eu lembro-me que eu vinha, normalmente cansado da semana. É verdade que era o oitavo ano, não é? Não se fazia tanta coisa como agora, mas vinha cansado e era um espaço em que realmente eu descansava mesmo. No início até demorei para aceitar a disciplina, levava aquilo um bocado na brincadeira e só fazia, pronto, porcaria. Mas depois acabei por perceber que aquilo realmente era um bom espaço para mim e, pá, é diferente porque acho que também tem a ver com o professor.

C: Sim, sim.

ALUNO 12: Acho que vocês também tinham o professor Osvaldo. É assim, eu nunca tive uma, uma relação próxima com ele. Mas, é diferente, porque eu sempre que olhava para ele via, via uma pessoa que me compreendia totalmente...

ALUNA 13: Sim.

ALUNO 12: ...porque...

ALUNA 11: Hm, hm.

ALUNO 12: ...ele quase nunca falava dele. Ele só queria ouvir o que é que nós tínhamos para dizer...

ALUNA 10: Isso era muito bom.

ALUNO 12: ...e ele fazia perguntas. Mostrava-se curioso para saber as coisas e, mesmo antes de começar a aula, queria saber como é que andavam as coisas connosco, e as notas, e os testes, e o que é que tínhamos naquela semana.

ALUNO 09: E brincava connosco e assim.

ALUNO 12: Mostrava-se mesmo preocupado.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 11: Era importante porque nós sentíamo-nos ouvidos e que se preocupavam connosco.

ALUNA 10: Sim, eu não quero...

ALUNA 11: Um adulto...

ALUNA 10: Desculpa.

ALUNO 12: E que pronto...

ALUNA 11: Não, diz.

ALUNA 10: Não, podes dizer, força, força, diz.

ALUNA 11: Não, era só isso.

ALUNO 12: Posso só acabar?

ALUNA 11: Sim.

ALUNO 12: Pronto, e com esta história do Covid, eu, eu pelo menos eu sinto que ele também agora está um bocado limitado e ele tenta-se esforçar imenso para conseguir. Mas, não há compatibilidade, porque também...

ALUNA 11: Mas nós mudámos de professor. É que vocês têm...

ALUNA 10: Eu ia falar disso agora.

ALUNO 12: Também a nossa turma, também deves achar o mesmo...

ALUNA 13: Não eu, eu admito, a nossa turma...

ALUNO 12: ...é uma turma um bocado, pá, não dá valor àquilo que uma pessoa se esforça e...

ALUNA 13: E depois, vão queixar-se se deixarmos de ter Interioridade...

ALUNO 12: ...mesmo que eu não goste...

ALUNA 13: ...porque era muito importante, mas queixam-se porque temos, e acho que se estão sempre a queixar de tudo.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNO 12: Por exemplo, neste caso eu acabo por ter Interioridade à 13:50.

ALUNA 11: Que bom.

ALUNO 12: E eu, eu tenho tarde livre. Mas eu por exemplo, eu vivo muito longe daqui e então eu só tenho transportes públicos às duas e tal, quase já três da tarde. E eu só chego a casa às 15:30. Mas mesmo assim, eu faço um esforço para estar lá e, pá, eu sei que a pessoa teve um esforço para estar lá a fazer aquilo, então dou valor por isso. E continuo a estar totalmente igual, porque parece que eu mudo totalmente quando entro para Interioridade, parece que do nada o meu lado criança tipo vai abaixo e eu tipo, entro mesmo tipo na, na linha, completamente.

ALUNA 13: E há pessoas que não respeitam isso e que simplesmente faltam porque não conta para a nota e não respeitam o professor minimamente. E o esforço que o professor teve, porque eu sei que o professor se esforça imenso e que...

ALUNO 12: Bastante.

ALUNA 13: ...a pensar e a criar as atividades, a pensar em nós. E as pessoas não respeitam e eu acho isso mesmo muito mau.

MODERADOR: Hm.

(00.46.15)

MODERADOR: Alexandre, querias?

ALUNO 08: Eu, por acaso, uma coisa que eu, nós agora, nós na Interioridade eu acho que o principal problema é não termos tempo para Interioridade. É porque, mesmo que a nossa Irmã, que é quem dá Interioridade, tenha uma ideia fixe, não dá para nós, para chegar lá. Porque, primeiro porque ninguém leva a sério muito a Irmã. E segundo, porque a Irmã começa a falar e daqui a pouco já tocou, está a fazer tudo à pressa porque temos pouquíssimo tempo. E eu lembro-me também que, tal como eles, que o ano, pelo menos no ano passado ainda era uma outra Irmã que eu adorava...

ALUNA 11: Que era melhor.

ALUNO 08: ...que éramos turnos e tínhamos imenso tempo. E eu achava que aquilo era a melhor coisinha de sempre, porque nós fomos para lá, falávamos de tudo, a Irmã ouvia-nos, ainda por cima a Irmã compreendia-nos mesmo. Não sei, era uma Irmã que eu pelo menos adorava estar a ouvir.

C: Sim.

ALUNO 08: E que nos ouvia. Mas eu acho que o principal problema é o tempo. Sem dúvida. Sem dúvida, mesmo.

MODERADOR: Olhem, para...

ALUNA 10: Eu queria só acrescentar que eu não tenho nada contra a Irmã que nos dá Interioridade agora, eu até, eu até acho uma pessoa bastante simpática, eu até gosto muito dela, mas não como professora. Ela não, não é que não, ela esforça-se mas eu acho que ela simplesmente não é muito vocacionada para Interioridade.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 10: Ela é um amor, é uma pessoa super simpática, muito fofa, mas ela fala e não nos cativa. Sempre que ela fala eu não ouço, quando ela tem tipo uma determinada atividade, eu não estou, eu não sei o que estou a fazer porque ela falou demasiado tempo e eu não presto atenção ao que ela diz, porque simplesmente não, ela, não sei, ela não fala de uma maneira...

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 10: ...que me cativa.

(00.47.40)

MODERADOR: Olhem, eu ia propor agora que passássemos para os projetos interdisciplinares.

ALUNA 10: Sim.

MODERADOR: Que de certeza também têm muito a dizer.

ALUNO 12: Nós, nós estamos num, por acaso, neste momento.

ALUNA 13: Sim.

MODERADOR: Que bom. O que é que a participação nestes projetos também provocou nos alunos?

ALUNA 10: Nós este ano também estamos num.

MODERADOR: Nas aprendizagens? O que é que vocês sentem...

ALUNA 10: Só que a professora de Português está se a desleixar.

MODERADOR: ...que tem, que tem sido aprendizagens que têm suscitado...

ALUNA 10: Nós estamos a fazer a Inglês, Português...

MODERADOR: ...nos alunos a participação nestes projetos?

ALUNA 13: Aprendemos a relacionar disciplinas e a interligar matérias. Não sei, acho que é importante trabalhar em grupo. Também é uma coisa muito importante e acho que no futuro vai ser importante para nós. E pronto, acho que é isso.

MODERADOR: Muito bem.

ALUNA 10: A, esse projeto, aquele do Holocausto?

ALUNA 13: Sim.

ALUNA 10: Pronto, esse projeto está a ser feito na turma do C e do B.

ALUNA 13: Sim.

ALUNA 10: Mas nós também temos uma parte que também está para nós. Nós a Português também vamos ter e a Inglês também. É assim um projeto que estende para onde for preciso. A Português supostamente nós vamos ver um filme sobre o Holocausto e fazer um, uma apreciação crítica e a Inglês fizemos um poster. Pronto, não é propriamente um trabalho interdisciplinar, mas é uma coisa que está a relacionar duas disciplinas. A professora de Português simplesmente não nos mostrou o filme.

ALUNO 08: Ai não?

ALUNA 11: E nós pedimos-lhe...

ALUNO 09: Não.

ALUNA 11: ...e ela simplesmente...

ALUNA 10: Ela: “Ah, para a semana, para a semana, para a semana.” Ela, eu garanto que ela não nos vai mostrar o filme. E já mostrou aos outros.

ALUNA 11: E mostrou à outra turma.

ALUNA 10: Mostrou à outra turma, mas à nossa não vai.

ALUNO 09: Mostrou, mostrou.

ALUNA 10: E a professora de Inglês que foi na semana passada: “Ah, então, o poster, que tal? Vocês acharam o filme giro?” Não sei quê... “Qual filme? Não vimos!”

ALUNA 13: Eu achei mesmo importante o filme, o filme retrata a discriminação e...

ALUNA 10: E nós não vimos.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 13: ...é uma turma que...

ALUNA 10: A professora simplesmente mostrou a alguns e aos outros pensou: “Paciência. Não quero, estou farta de ver.” E não nos mostrou, pronto, não vimos.

ALUNA 11: Mas eu acho que esta...

MODERADOR: Mas...

ALUNA 11: ...ai, desculpe.

MODERADOR: Não, não, eu agradeço a partilha, que é rica.

ALUNO 09: Mas eu acho que estamos um bocado a fugir ao ponto, não é?

MODERADOR: Não, era sobretudo para vocês tentarem identificar, se conseguirem, quando participam, e parece-me que da vossa partilha que há este gosto em participar...

ALUNA 13: Sim.

MODERADOR: ...sentem que é uma mais valia, que aprendizagens sentem que conseguem por estar a participar nesses, nestes projetos?

ALUNA 10: Eu acho que, mais espírito de equipa, porque esses projetos costumam ser de grupo.

ALUNA 11: Sim.

ALUNA 10: E eu sinto que, ainda no outro dia estava a falar com uma colega minha de um projeto que eu fiz no nono ou no oitavo ano. E nós lembrávamo-nos das coisas, estávamos super animados a falar, porque os projetos assim interdisciplinares, demoram para aí quê? Um mês? Eles demoram bastante tempo porque são bastantes disciplinas e são projetos grandes, pelo menos os que eu fiz eram grandes. Durante aquele mês eu estava quase sempre com pessoas que eu nem falava muito todas as semanas, pelo menos uma horinha para fazer o projeto, e isso enriqueceu-nos imenso. Eu lembro-me, eu tenho bastantes memórias, ainda me lembro do que é que dei, do que é que aprendi, e das pessoas e das relações que estabeleci. E isso ajudou-me bastante.

ALUNA 11: Eu acho que esses projetos dão-nos muito mais, pelo menos a mim, dão-me muito mais vontade de fazer as coisas.

ALUNA 13: Sim.

ALUNA 10: Eu fico tão animada quando é o dia do projeto.

ALUNA 13: São tantas ideias e...

ALUNA 11: É que, é que nós fazemos assim, é que nós fazemos tantos trabalhos, pelo menos em Geografia e Economia, nós fazemos tantos trabalhos, às vezes são de pares ou individual, e como são tipo de uma aula, duas aulas, não nos puxam nada. E ter assim um trabalho que nós sabemos...

ALUNA 10: Grande.

ALUNA 11: ...que tem uma longa duração e é com um grupo. Por muito que seja assim com pessoas que nós não demos tão bem, que nós nos temos de esforçar, e em várias disciplinas...

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 11: ...eu para além de me sentir, eu acho que aí, e foi quando nós fizemos essa apresentação assim aos pais, vieram cá os pais, acho que foi a vez que...

ALUNA 10: A feirinha, a feirinha do “Find a Solution”, foi tão bom.

ALUNA 11: ...foi a vez que eu me senti tipo, mais tipo dentro do colégio. Por isso eu acho mesmo que esse...

MODERADOR: Peça desculpa, Rafaela, feirinha do?

ALUNA 10: Era uma feirinha do “Find a Solution for”, era, o projeto era “Find a Solution for”.

MODERADOR: Ok, peça desculpa.

ALUNA 10: Era para escolhermos um país...

ALUNA 11: Não tem mal.

MODERADOR: Escapou.

ALUNA 10: Basicamente o que aconteceu foi, nós, cada um escolhia um país, via o problema do país e tentava dar uma solução. “Find a Solution”.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 10: Eu, por exemplo, era Moçambique, eles não tinham comida e eu queria plantar lá uma planta que dava para muitas coisas, não sei quê... E eu lembro-me mesmo bem de, nós fizemos um poster e nós tínhamos assim uma banquinha cada grupo...

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 10: ...a dizer o que é que, a metodologia do projeto no poster. E depois assim tínhamos um exemplo lá das coisas. Eu, por exemplo, eu tinha arranjado um creme feito com essa planta e um chá dessa planta e nós, dei às pessoas a experimentar o creme e dei um bocadinho de chá...

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 10: E foi giro porque mostrámos assim coisas divertidas e bonitas, e até havia uma banquinha...

ALUNA 11: Foi dinâmico.

ALUNA 10: ...havia uma banquinha...

ALUNO 08: Sem dúvida.

ALUNA 10: ...havia uma banquinha que acho que até era para ajudar uma caridade.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 10: Então foi perfeito, porque houve assim uma junção de nós a mostrar o projeto, a mostrar a aplicação direta do projeto, e ainda por cima deu para as Sementes da Paz terem o seu contributo e vieram os nossos pais e também tiveram lá uns, as pessoas do ano abaixo a ver, porque eles para o ano fariam o mesmo projeto para terem ideias, e isso foi muito bom.

ALUNA 11: Por isso eu gostava mesmo, ah, desculpa.

MODERADOR: Não, não, não.

ALUNA 11: É só que eu gostava imenso de termos pelo menos mais um trabalho desses, porque eu sinto muito que aprendo tipo muito melhor assim, e acho que toda a gente, porque nós estamos assim muito mais empenhados, porque parece-nos assim, parece muito mais uma... O nosso professor de Geografia tem aquela ideia, ok, para não ser sempre ele a dar os PowerPoints, sermos nós, se calhar, a ler os PowerPoints e a fazer um trabalho com aquilo.

ALUNA 10: É o que estamos a fazer agora.

ALUNA 11: E eu até acho engraçado, mas como é só numa aula ou duas, aquilo ainda me stressa mais, porque eu tenho de ir para casa fazer. Stressa-me imenso. Eu às vezes prefiro fazer, que ele dê a matéria, do que se fosse um trabalho a longo prazo, que nós dessemos, que nos dessem mesmo aulas para isso, eu ia adorar...

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 11: ...e acho que, se calhar, ia decorar muito melhor a matéria, não sei.

MODERADOR: Tu há pouco estavas, parecia-me que...

ALUNO 09: Sim.

MODERADOR: ...estavas a concordar com alguma ideia, João.

ALUNO 09: Sim. É assim, eu concordava quando nós fazíamos esses trabalhos. No início, eu lembro-me perfeitamente que o primeiro, acho que foi no oitavo...

ALUNA 11: Foi no oitavo, sim.

ALUNO 09: ...acho que fizemos dois.

ALUNA 10: O da conferência? Houve a conferência e o da feirinha.

ALUNO 12: Foi o da conferência trans... trans... transformadora.

ALUNA 11: Transformadora.

ALUNO 09: Sim. Eu não gostei assim muito...

ALUNA 10: A feirinha foi melhor.

ALUNO 09: ...de fazer aquilo. É assim, eu compreendo que desenvolvia também o trabalho de equipa, só que, como era uma coisa nova eu não...

ALUNA 10: Não sabia o que fazer.

ALUNO 09: ...não sabia muito bem, estava ali meio perdido, não...

MODERADOR: Era a primeira vez...

ALUNO 09: Sim.

MODERADOR: ...que era proposto algo assim?

ALUNO 09: Sim. E achei aquilo uma coisa assim muito difícil e...

ALUNA 10: Sim.

ALUNO 09: ...não achei assim muito interessante.

MODERADOR: E depois dessa experiência?

ALUNO 09: No segundo, no segundo já achei muito, já achei muito mais interessante e, mas tenho pena de, no secundário agora não termos feito assim...

ALUNA 11: Não termos, exato.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 10: Eu compreendo que seja difícil implementar, também.

ALUNO 09: ...pelo menos em Ciências, eu estou em Ciências com, Ciências com Geometria, e, por exemplo, nós não temos feito assim muito um trabalho interdisciplinar.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNO 09: Também não sei se as disciplinas o permitem.

MODERADOR: Rodrigo?

ALUNO 12: É assim, para mim, eu acho que o ponto mesmo forte dos projetos é o facto de serem mesmo práticos. Ou seja, nós estudamos muita coisa, mas depois chegamos tipo ao fim do dia e dizemos: "Para que é que eu preciso disto?" Enquanto que os trabalhos que nós fazemos são, pelo menos...

ALUNA 10: Precisávamos deles mesmo.

ALUNO 12: ...eu acho que são mesmo tipo Estudos de Caso. Ou seja, eu trabalho mesmo com um estudo específico e que é mesmo posto em prática. E pode ser posto em prática. Não sei se é só por causa da, da professora que geralmente cria estes projetos. Pelo menos os novos, estes três, os dois projetos que já tiveram foi tudo pela professora Márcia, não deve conhecer, não é? Mas...

ALUNA 11: O professor Olívio também.

ALUNO 12: ...e o professor Olívio. E eu acho que o facto de ser prático traz-nos coisas tipo novas para a vida. Por exemplo, eu lembro-me que no meu primeiro projeto eu aprendi a fazer uma análise SWOT. Eu nunca tinha ouvido falar disso na minha vida. E achei aquilo uma coisa mesmo básica, mas mesmo prática, porque faz imenso sentido e ajuda em imensas coisas. Eu fiquei tipo: "Então isto já existia, nunca tinha ouvido falar disto e é mesmo prático."

ALUNA 11: Nós tivemos, desculpa. Nós tivemos que ligar, mas é um pedaço o que estavas a dizer.

ALUNO 12: Sim, é o que estou a dizer.

ALUNA 11: No segundo nós tivemos que ligar para o Consulado e eu, pronto, e eu...

ALUNA 13: E o Consulado nunca nos respondeu.

ALUNA 11: ...quando o professor nos disse assim...

ALUNO 08: Pois não. A nós também não.

ALUNA 11: ..."Ah, vocês têm que ligar." Eu entrei em pânico. Porque eu, acho, se fosse uma coisa dessas eu nunca ligaria eu, eu dizia: "Oh, Mamã, olha liga tu." E eu, o facto de eu ter que lidar com: "Ok, eu tenho que ligar." Eu acho que fez-me sentir tipo tão crescida e tão...

ALUNA 13: Sim, faz-nos crescer.

ALUNA 11: ...por ter que explicar aquilo. E nós tipo, ok, eu liguei e eles depois não quiseram saber, mas pronto, pelo menos eu liguei e eles atenderam, e falei com eles, e eu acho que isso já foi ótimo.

ALUNO 12: É o que eu estou a dizer, ajuda-nos a desenvolver capacidades por nós próprios. Eu...

ALUNA 11: Sim.

ALUNO 12: ...tinha falado dessa história de nós termos que ligar...

ALUNO 09: Também eu.

ALUNO 12: ...e basicamente o professor fez de propósito para nós termos que fazer essas coisas sozinhos para...

ALUNA 11: Sim.

ALUNO 12: ...aprendermos, porque eu lembro-me de estar à espera da chamada e eu estava com o maior medo, que Nossa Senhora. Porque eu não sabia o que é que eu havia de dizer.

ALUNA 10: No meu grupo nós simplesmente...

ALUNO 12: Mas tipo foi mais uma experiência.

ALUNA 10: ...não queríamos falar, mandamos um email para o Consulado, o Consulado nunca viu o email. Era um email todo tipo, eu até me lembro do nome do representante. Era, nós queríamos fazer, termos, se possível, uma pequena...

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 10: ...discussão com o senhor Nenhavinho, chamava-se Nenhavinho. Lembro-me muito bem de nós estarmos ali...

ALUNO 12: A sério?

ALUNA 10: ...com: "O Excelentíssimo..." Não sei quê. "Eu adoraria que nós pudéssemos..."

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 10: Não sei quê. "Por causa..." e nós até falámos do projeto. "Nós estávamos a pensar..."

ALUNO 12: Excelente.

ALUNA 10: "Até seria bom para implementar no país..." Nunca nos responderam.

MODERADOR: Mas, no fundo também passaram pela experiência que um adulto...

ALUNA 10: De contactar com um adulto.

MODERADOR: ...um professor...

ALUNO 09: Exato.

MODERADOR: ...se mandasse para lá, ia ter a mesma resposta.

C: Sim.

MODERADOR: Portanto, também...

(00.56.18)

MODERADOR: Estamo-nos a aproximar do fim, tentando lembrar novamente da, daquelas atividades mais da participação dos alunos na vida da escola, vocês sentem que, que provocaram aprendizagens nos alunos?

ALUNA 13: A...

MODERADOR: Não houve muitas, não é? Vocês referiram o trabalho aqui nas bibliotecas, têm as assembleias, sentem que as assembleias geraram...

ALUNA 13: Eu acho que...

MODERADOR: ...ou tiveram tempo ainda para gerar alguma aprendizagem?

ALUNA 10: As assembleias não tiveram tempo para gerar, a biblioteca não gerou, mas os trabalhos interdisciplinares, agora que eu me lembrei deles, agora estou-me a lembrar tudo sobre eles, esses projetos, esses sim. Eu ainda me lembro do, do que tinha feito e isso sim eu aprendi.

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 10: Deviam investir nisso.

ALUNO 08: Honestamente, tudo o que é diferente, pelo menos para mim, serve como aprendizagem. Muito mais estes projetos interdisciplinares, mas mesmo com aquela assembleia, serviu para eu perceber como é que, como é que tinha que fazer para a próxima vez para...

ALUNA 10: Hm, hm.

ALUNO 08: ...como é que íamos gerir e essas coisas. Mas acho que tudo o que é diferente, tudo o que é diferente de aulas normais...

ALUNA 10: É bom.

ALUNO 08: ...é bom porque é sempre uma experiência diferente e é sempre algo para nós aprendermos.

ALUNA 13: E que é marcante...

ALUNO 08: E marcante, sem dúvida.

ALUNA 13: ...e no fundo, como sai um bocado fora da caixa nós lembramo-nos dessas coisas. Porque, a Sofia lembra-se de todos os projetos, que é uma coisa...

ALUNA 10: Lembro-me do nome das coisas e das cidades.

ALUNA 13: ...e provavelmente não te lembrás das aulas que tiveste no oitavo ano.

ALUNO 08: Exatamente.

ALUNA 10: Sempre que o professor de Geografia começa: "Oh meninos, vá lá, vocês deram isto o ano passado." Não me lembro.

ALUNA 13: Exato.

ALUNA 10: Mas eu lembro-me dos pormenores dos projetos interdisciplinares que fiz há quatro anos.

ALUNO 08: Sem dúvida.

ALUNA 10: Ou há três, neste caso.

ALUNO 08: Sem dúvida.

MODERADOR: Engraçado.

(00.57.52)

MODERADOR: Olhem, mesmo antes de fechar, em síntese, depois desta conversa toda, que impactos é que identificam como resultado da inovação na aprendizagem dos alunos? Portanto, depois de, oxalá esta discussão tenha gerado também em vocês, se calhar, aqui alguma consciência sobre, sobre essas aprendizagens, em síntese, se vocês tivessem que sintetizar quais as aprendizagens mais importantes, o que é que vocês diriam? Nos alunos.

ALUNA 13: Acho que coisas que nos formem pessoas, não sei, acho que coisas que nos preparam para o futuro e para o nosso emprego, e coisas importantes que nós temos que saber sobre a vida que se calhar não aprendemos em disciplinas que temos.

ALUNA 11: Eu acho que essas inovações dão-nos vontade, dão-nos muito mais vontade de aprender tipo o que seja, dão-nos vontade de aprender e de querer vir para a escola...

ALUNA 13: Hm, hm.

ALUNA 11: ...e de estar mais atentos nas aulas. Porque se eu vier deprimida para a escola, às vezes não vou ouvir nada do que me estão a dizer, enquanto que se estiver animada e ansiosa por alguma atividade, acho que aprendo muito melhor.

MODERADOR: Hm, hm. João?

ALUNO 09: Eu acho que estas atividades, principalmente os projetos nos preparam melhor para a, para o mundo futuro, para um trabalho futuro que nós tenhamos. Porque, os trabalhos futuros vão ser todos práticos e vamos ter de resolver situações depressa e vamos ter que cumprir prazos, portanto, eu acho que, que é esse aspeto...

MODERADOR: Um bocadinho, um bocadinho...

ALUNO 09: ...e não tanto assim aulas teóricas.

ALUNA 13: Sim é muito diferente nós virmos para a escola a querer aprender e a ter de aprender. Porque acho que é, neste momento é isso que está a acontecer. Eu venho para a escola porque eu tenho de aprender, porque eu tenho de tirar boas notas e porque eu tenho de tirar boas notas nos exames, para depois ter um emprego. E não porque quero aprender. Claro que eu gosto, por exemplo, de História da Arte e gosto de aprender, mas Filosofia não, não gosto assim tanto e só estudo mesmo para ter boas notas.

ALUNA 11: Hm, hm.

MODERADOR: Alexandre, querias acrescentar algo?

ALUNO 08: Não, não. Não, não, acho que disse a Maria tudo.

MODERADOR: Rodrigo?

ALUNO 12: Não, eu não sei se posso falar disto, mas é só um exemplo.

MODERADOR: Podemos de falar de tudo.

ALUNO 12: Por exemplo, é que eu em História A, estou agora com dois estagiários que, um deles está a implementar uma ideia que é o ensino da História pelas Redes Sociais. E por acaso achei a ideia espetacular porque tivemos uma aula com ele e depois cheguei à noite a casa e ele tinha colocado um, um questionário e por acaso tipo na altura eu fiz, e agora se me fizerem uma pergunta sobre aquilo eu lembro-me de tudo, por acaso. Porque teve um efeito assim mesmo, pá foi, é eficaz. E eu acho que...

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNO 12: ...precisamos mais de pessoas assim. Eu acho que é...

ALUNA 13: Que façam a diferença.

ALUNO 12: ...acho que têm que apostar mais aí, pelo menos nós, pelo menos aqui, eu acho que aqui nós todos somos pessoas ativas e que querem. C: Hm, hm.

ALUNO 12: Acho que só não têm é investimento.

(01.00.59)

MODERADOR: Olhem, eu não vos quero tirar mais tempo, vocês têm sido muito generosos. Mas não posso deixar de dizer que se algum de vocês ou alguma de vocês achar importante referir alguma coisa que queira, a propósito sobre o que falámos...

ALUNA 11: Acho que não.

ALUNA 10: Acho que está tudo.

ALUNA 13: Sim.

MODERADOR: Então resta-me agradecer-vos.

ALUNA 10: Só tenho uma pergunta.

MODERADOR: Ah.

ALUNA 10: Aqui diz.

MODERADOR: Força.

ALUNA 10: As entrevistas conduzidas terão uma duração aproximada de uma hora cada, cada? Vai haver mais que uma?

MODERADOR: Não.

ALUNA 10: Pois. Era só esta.

MODERADOR: Sim. Eu se calhar não formulei isso bem. Porque neste estudo, neste estudo, este é o segundo grupo de discussão...

ALUNA 10: Ah.

MODERADOR: ...com alunos. Porque eu tive...

ALUNA 10: Do colégio?

MODERADOR: Sim, só, eu só estou aqui no colégio. Que foi com alunos do segundo e do terceiro ciclo. Mas já tive um com professores, vou ter outro com professores.

ALUNA 10: Ah, ok, ok.

MODERADOR: Vou ter a entrevista com a diretora. Vou ter entrevista com outros professores. Portanto, há muitas modalidades, mas não faz muito sentido aí estar várias entrevistas.

ALUNA 13: Acha que as visões são muito diferentes nossas e dos alunos menores?

ALUNA 10: Sim, há uma grande discrepância? Ou é mais ou menos a mesma coisa?

MODERADOR: Eu tenho aqui, eu tenho aqui um dever de sigilo. Como também tenho convosco.

ALUNA 10: Mas os alunos...

MODERADOR: Mas é muito engraçado...

ALUNA 10: ...queixaram-se mais ou menos das mesmas coisas?

MODERADOR: Olhem, isto se calhar não devia dizer, mas, mas partilho. É interessante porque quando se falou, quando falámos da, por exemplo dos projetos interdisciplinares houve um entusiasmo semelhante ao vosso. Que é, que é engraçado...

ALUNA 13: Nós gostamos.

MODERADOR: ...portanto, portanto, sim, há coisas semelhantes, há preocupações que vocês têm, algumas que os professores também têm. É uma maravilha. Para mim, que vou ouvindo tudo, não é? Olhem, eu só vos queria dizer que foi para mim um privilégio estar aqui convosco.

ALUNO 12: Posso fazer uma pergunta...

MODERADOR: Claro.

ALUNO 12: ...um bocado mais pessoal?

MODERADOR: Claro.

ALUNO 12: É professor, certo?

MODERADOR: Queres que eu, queres que eu desligue?

ALUNO 12: Não, não, não, não. Pode ficar.

MODERADOR: Pode ficar tudo?

ALUNO 12: É professor, certo?

MODERADOR: Sou!

ALUNO 12: E, já implementou alguma medida assim um bocadinho diferente?

MODERADOR: Quer dizer, eu posso dar um exemplo...

ALUNO 12: Sim, sim.

MODERADOR: ...que nem tem a ver com o projeto. Eu sou muito adepto da aprendizagem pela descoberta.

ALUNA 13: Hm, hm.

MODERADOR: Pronto, metodologia de resolução de problemas, portanto, tento muito que em vez de eu estar a dar matéria e a dizer coisas, que os próprios alunos vão descobrindo com base naquilo que...

ALUNO 12: Uma espécie de auto consolidação?

MODERADOR: Não, vou criando dinâmicas que é assim uma espécie de descoberta guiada.

ALUNO 12: Ah.

MODERADOR: Portanto, eu sei que o aluno, que os alunos já têm em si aquilo que é preciso para eles próprios produzirem o conhecimento. Então vou criando pequenos desafios para que eles próprios descubram e percebem que produziram o conhecimento. Portanto, talvez é aquilo que se liga um bocadinho mais, tenho participado lá no colégio também nalguns projetos interdisciplinares. Mas, quer dizer, também acho que se calhar de, da minha própria formação, se calhar os professores de Artes, e se não é assim deveria ser, estão mais predispostos porque nós normalmente trabalhamos muito numa lógica de projeto...

ALUNA 13: Sim.

MODERADOR: ...de, portanto, se calhar tenho um bocadinho mais sorte do que...

ALUNA 13: É mais aberto.

MODERADOR: ...do que alguns professores que podem ter tido uma formação se calhar um bocadinho mais...

ALUNA 13: Sim.

MODERADOR: ...académica.

ALUNA 11: O que nós dissemos, vai partilhar com a Dra. Maria?

MODERADOR: Nunca na vida.

ALUNO 08: Ai, Jesus.

ALUNA 11: É que eu, não mas é que eu gostava...

MODERADOR: Nunca.

ALUNO 08: Nós queríamos.

ALUNA 11: É isso.

ALUNO 09: Não acabaste de ler isto?

ALUNA 11: Não.

MODERADOR: Olhem, vou só, vou só desligar.

(00.00)

MODERADOR: Aqui são coisas importantes.

ALUNA 11: Mas por exemplo dizer-lhe assim: "Nós temos, estamos, estamos à vontade, porque pronto não nos conhece assim fora daqui." E, pronto, depois partilhar com a Dra. Maria, nós sentiríamos mesmo que estávamos a ser ouvidos e que eles queriam saber o que é que nós gostávamos assim de mudar.

MODERADOR: Sim. Mas então sentem um bocadinho falta de haver este tipo de espaços de discussão no colégio?

ALUNA 10: Eu acho que...

ALUNA 11: Sim.

ALUNA 10: ...nós sentimos falta...

ALUNA 11: Mas nós ficamos felizes de já ter acontecido agora. Isso já foi bom, foi ótimo.

ALUNO 08: Sim, sim.

ALUNA 10: ...sentimos falta, mas ao mesmo tempo se fossem professores a, uma coisa era um professor qualquer de uma disciplina que eu não tenho, agora tipo, os professores que eu tenho, eles sabem quem eu sou, eles, é um bocado mais desconfortável estar ali: "Ai, eu detestei aquele projeto."

ALUNA 13: Sim não é...

ALUNA 10: E o professor que fez o projeto estar ali a ouvir.

ALUNA 13: ...não é propriamente ter medo que nos baixem as notas, que isso não vai acontecer, nós sabemos.

ALUNA 10: Mas é que, não sei, eu fico por exemplo...

ALUNO 08: Chateia.

ALUNA 10: "Se eu quero, imagine..."

MODERADOR: Estavam mais livres, estavam mais livre para...

C: Sim.

ALUNA 10: Por exemplo, Interioridade é um grande problema, é que a gente não gosta... Se fosse a Irmã...

ALUNO 08: Irmã.

ALUNA 10: ...de Interioridade aqui eu não ia conseguir dizer nada.

ALUNO 08: É que é demasiado...

MODERADOR: Ok.

AM: É que ela também é tão fofa que até me dói dizer que não gosto.

ALUNO 08: Até dói dizer as coisas, porque ela faz mesmo com o intuito de ser o melhor que ela consegue, só que...

ALUNA 10: Mas não é bom na mesma.

ALUNO 08: Epá, pronto.

ALUNA 13: Sim, sim e nós notamos imenso esforço dos professores...

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 13: ...em tentar inovar e...

MODERADOR: Hm, hm.

ALUNA 13: ...pronto...

MODERADOR: Muito bem.

ALUNA 13: ...dar o melhor deles.

ALUNO 08: Eu por acaso tenho duas perguntas.

MODERADOR: Alexandre, força.

ALUNO 08: Não, não, mas não é relacionado com isto. É só quando é que, se vai escrever ainda o trabalho?

ALUNO 09: Ei... esquece, não sei se vai.

ALUNO 08: E se quando sair se podia assim notificar-nos? Ou dizer à Dra. Maria para nos notificar? Pelo menos eu gostava de ler. É assim, deve ser imenso...

ALUNA 10: Eu gostava de ler o trabalho.

ALUNA 11: Também eu.

ALUNO 08: ...se calhar não ia ler...

MODERADOR: Vai ser, mas depois vocês podem escolher...

ALUNA 10: Ah, eu gostava de ler o trabalho...

ALUNO 12: Mais ou menos.

MODERADOR: ...vou tomar...

ALUNO 12: Mas é uma tese.

ALUNA 10: ...que assim eu, dava para...

MODERADOR: Não sei se vais querer ler tudo...

ALUNO 08: Não mas aquilo é enorme.

ALUNO 12: Mas é fixe.

ALUNA 10: Não, mas ler a parte da nossa, ler a parte da nossa conversa.

MODERADOR: Então eu partilho, eu já estou há três anos neste processo. Três. E até chegar aqui, portanto...

ALUNO 12: Quantos anos são de doutoramento?

MODERADOR: São três, portanto, estou já estou no ano...

ALUNO 08: No fim, fim.

ALUNO 12: Na reta final?

MODERADOR: ...não, eu já estou passado o tempo...

ALUNO 12: Ah.

MODERADOR: Portanto, já pedi um requerimento para estar mais este ano a fazer. Portanto, tive que ler muito sobre a inovação, sobre o que é que está em causa na inovação de uma escola, várias coisas. Porque, por exemplo, este guião que eu tenho aqui, fiz, foi com base nisso que li, não é?

ALUNA 11: Hm, hm.

MODERADOR: Foi com base nisso. E, portanto, agora estou nesta fase que é muito importante, que é a razão de ser também de tudo aquilo que eu li, que é de recolher as vossas opiniões. Depois o que é que eu vou ter que fazer? Com este áudio, com os outros todos? Transcrever, passar tudo para texto, depois vou ter que fazer uma coisa que é análise de conteúdo, vou ter que começar a organizar tudo aquilo que foi partilhado por vocês em categorias, sei lá, aprendizagens, quer dizer, uma data de coisas, para depois interpretar esses dados e depois a tese sim, vai expor isso, vai expor isso. Mas, eu até se calhar vou fazer uma coisa, não sei é se vocês podem, quando for a discussão pública são meus convidados a ir à Católica assistir.

ALUNA 10: Sim.

ALUNA 11: Ah, sim. Isso era o máximo.

ALUNO 08: Sem dúvida, sem dúvida, sem dúvida.

MODERADOR: Porque é público.

C: Sim, sim, sim.

ALUNA 10: Não é em Lisboa?

ALUNA 11: Não.

MODERADOR: Vocês para o ano, vocês para o ano estão no décimo segundo. Portanto, mesmo que a discussão seja só para o próximo ano letivo...

ALUNA 11: Nós vamos.

MODERADOR: ...são meus convidados.

ALUNO 08: Sem dúvida.

ALUNA 10: Eu quero ir, eu quero.

MODERADOR: Depois pode haver uma parte da tese que vocês achem muito maçadora, da parte de revisão de literatura, mas poderão ler tudo e ver tudo, claro que sim. Será um gosto. Está bem?

ALUNO 08: Tenho outra pergunta, porque é, há pouco disse-me que nós somos os alunos do secundário que foram escolhidos para, para falar.

MODERADOR: Porquê vocês?

ALUNO 08: Porquê só décimo primeiro?

ALUNA 10: Estamos a meio?

MODERADOR: É assim, eu não conseguiria ouvir todos, não é?

ALUNO 08: Hm.

MODERADOR: Não, não, não dava, não é? Sobretudo um grupo de discussão focalizada, eu não disse à direção, aí a direção do colégio ajudou-me, porque eu não conheço os alunos. Portanto, eu, eu defini, alguns critérios e a direção do colégio tentou responder a isso, não é?

ALUNA 13: Mas eu acho que foi muito bem escolhido...

ALUNO 12: Eu também acho.

ALUNA 11: Sim.

ALUNA 13: ...porque eu sinto-me à vontade...

ALUNA 11: Sim, eu acho que nós somos.

ALUNO 08: Sim, sim, sim.

MODERADOR: Não, o que é que eu disse à direção? Disse que não queria só os bons alunos, portanto...

ALUNO 12: Pois.

MODERADOR: ...quer, quer dizer variar...

ALUNA 13: Eu sou a má aluna. Estou a brincar.

MODERADOR: Não, não tem nada a ver com isso.

ALUNO 12: Era o que eu estava a dizer há pouco.

MODERADOR: Mas quer dizer, que fosse um grupo diverso, rapazes, raparigas, portanto...

ALUNA 10: Sim, e que toda a gente está num curso diferente.

MODERADOR: ...muito diverso.

ALUNA 11: Sim.

ALUNO 08: Sim.

MODERADOR: Pronto, que já tivessem tido alguma experiência de Interioridade, de projetos, quer dizer, porque se não não fazia sentido eu estar-vos a fazer perguntas que vocês não...

ALUNA 13: Claro.

MODERADOR: ...tivessem... mas pronto, foi, foi um bocadinho isso.

ALUNO 09: Eu acho que foi bem escolhido, que eu acho que...

ALUNA 11: Eu também.

ALUNO 08: Sim, eu...

ALUNO 09: ...eu acho que...

MODERADOR: Eu acho que foi muito bem escolhido.

ALUNO 09: Eu acho que aqui toda a gente até tem tipo atividades, ou já teve atividades mesmo fora do colégio, por iniciativa própria. Pelo menos eu acho.

ALUNO 08: E que...

ALUNO 09: Pronto, é isso.

ALUNO 08: ...gosta de trabalhar, e que gosta de pensar e gosta de discutir.

MODERADOR: Que bom, que maravilha. O colégio tem sorte em vos ter como alunos.

ALUNO 09: Concordo.

[FGP3 – Focus-Group com Professores]

(00.00.00)

MODERADOR: Consiga captar bem. Pronto. Eu estou aqui, isto insere-se num estudo de doutoramento que no fundo o objeto é qual? É a inovação pedagógica que está a acontecer aqui no colégio. E, portanto, e como é que os protagonistas dessa inovação a estão, a estão a viver. Por isso estou a ouvir alunos, agora professores, depois ainda vou fazer entrevistas individuais com professores, entrevistar a diretora, assistir àquilo que for possível de algumas aulas em que estejam em curso, projetos ou outras coisas e, portanto, é aqui que se insere este, este momento. Eu tenho aqui várias questões, mas aqui o “Focos Grupo” penso que se calhar já estão familiarizados. Não são entrevistas individuais, portanto eu não vou perguntar, vou lançando uma questão, portanto, à medida que vão sentindo que têm algo a dizer, portanto, também é rico, é muito rico essa interação. Eu vou por vezes tentar chamar-vos para outras questões, temos aqui, um bocadinho ambicioso, mas eu acho que eu já assinei a amarelo aquilo que não posso deixar de vos perguntar, que é assim mais precioso, mas muito obrigado pela vossa disponibilidade. Eu tenho aqui cinco, são cinco, sobretudo cinco categorias, a primeira é a colaboração docente, portanto, que é uma das dimensões que a literatura acaba por dizer que é relevante nesta questão da inovação, outra, o papel da liderança escolar também na inovação, o papel dos recursos e das infraestruturas, a avaliação da inovação e o impacto que vocês percecionam que toda esta inovação tem tido na sala de aula, na aprendizagem real que, que acontece na sala de aula. Eu penso que, que sabem, também no email em que eu pedi o vosso consentimento informático está escrito, mas ainda assim sublinho que aquilo que se pretende é que sejam muito sinceros, não é? Sinceras, portanto, nada do que aqui dizem vai ser utilizado, portanto, os dados são confidenciais. Agora, é importante mesmo ter esta noção do que é que sentem e percecionam que está a acontecer.

(00.02.08)

MODERADOR: Portanto, no âmbito da colaboração, começava por vos perguntar, que metas e objetivos persegue o trabalho em equipa aqui no colégio?

PROFESSORA 02: Como assim concretamente? Não percebi o âmbito da pergunta.

MODERADOR: Quando vocês, isto está muito centrado na inovação.

PROFESSORA 02: Sim.

MODERADOR: Mas, quando se reúnem, imagine, para delinear projetos interdisciplinares, para construir sessões de Interioridade, para implementar dinâmicas de participação, há objetivos de aprendizagem que são definidos, certo?

PROFESSORA 02: Sim.

MODERADOR: Discutem isto, não discutem isto?

PROFESSORA 02: Mais ou menos, eu estou mais ligada ao desenvolvimento de projetos interdisciplinares no ensino secundário, que tanto quanto sei foi desenvolvido o ano passado pela primeira vez neste nível de ensino. Acho que o colégio já tinha uma tradição no ensino básico, no segundo e no terceiro ciclo, no ensino secundário acho que foi o ano passado a primeira vez que se fez um, e foi o único que se fez. Esse projeto não nasceu propriamente de uma diretriz, surgiu mais do trabalho colaborativo que eu desenvolvi com a professora de Desenho, que já tinha sido, nós já vínhamos a trabalhar em conjunto desde o ano anterior, portanto, foi mais a formalização de um projeto que nós já vínhamos a fazer de antes. Portanto, nós os objetivos delineamos em função do tema que tínhamos em comum.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 02: Portanto, no nosso caso foi um desenvolvimento sobre um projeto sobre a Anunciação. Sobre representações da temática da Anunciação na pintura. Eu dava em História da Arte, e a Ana trabalhava o desenho da figura humana, desenho de pormenor.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 02: Portanto, eles iriam ver imagens de obras de arte, de História de Arte, e depois fazerem a sua própria criação artística do tema da Anunciação. Portanto, isso partiu de um objetivo que era disciplinar das duas áreas.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 02: E depois foi conversado, não foi propriamente estruturado. Dissemos este objetivo é assim o que é que vamos fazer para.

MODERADOR: Ok.

PROFESSORA 02: Foi ao, foi o inverso, nós tínhamos um tema comum, que trabalhávamos em comum.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 02: A partir daí desenvolvemos a ideia para o projeto.

MODERADOR: Muito bem. Se ajudar...

PROFESSORA 05: É um bocadinho ir ao encontro de trabalhar de forma interdisciplinar.

PROFESSORA 02: Interdisciplinar. Sim.

PROFESSORA 05: Portanto, se era um tema que era abordado nas duas áreas, então vamos trabalhá-los juntas para chegar a uma determinada meta.

PROFESSORA 02: Hm, hm.

PROFESSORA 05: Que eu acho que é mais consistente se eles trabalhem, trabalhem de forma interdisciplinar.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 05: No caso da Matemática é sempre um bocadinho diferente e a Matemática entra sempre, ou acaba por entrar nos projetos mais como uma aplicação, portanto, acabamos mais por avaliar se eles conseguem aplicar o que aprenderam em Matemática no, em contexto do dia a dia. Mas, perdi-me, desculpem.

PROFESSORA 02: Objetivos?

PROFESSORA 05: Objetivos.

MODERADOR: Não tem mal, entretanto já, já se lembra.

PROFESSORA 05: Estávamos a falar dos objetivos.

MODERADOR: Se preferirem, ou porque talvez se aproxime um bocadinho, pode ser mais fácil refletirem sobre quais são os principais conteúdos das reuniões em equipa. No âmbito das oficinas.

PROFESSORA 04: Em equipa, mas qual equipa? A equipa que implementa os projetos?

MODERADOR: Que implementa a inovação pedagógica que está em curso.

PROFESSORA 04: Pode ser mesmo dentro da própria disciplina? Pode ser dentro do grupo disciplinar?

MODERADOR: Pode, pode. Daquilo que é a vossa experiência docente atual.

PROFESSORA 06: Aqui, no que diz respeito ao trabalho na área de Português. Na área de Português geralmente começamos por trabalhar primeiro em grupo. E definimos quais são os nossos objetivos para os projetos a que nos propusemos, não é? Às vezes, em trabalho do grande grupo, não é? Nós conseguimos, nós como professores de Português, conseguimos perceber quais são os temas em que projetos mais interessantes possam realmente surgir, e o caráter interdisciplinar com outras turmas. Depois propomos, na verdade temos proposto aos colegas dessas áreas. E o passo

seguinte, eles depois acham bem ou não, o passo seguinte é, de facto, um espaço de grupo, definimos quais são os nossos objetivos. E depois, de facto, enquadrámos, encaixamos, não é? Portanto...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: ...juntamos, não é? Juntamos no grande grupo, com os outros grupos, disciplinares.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: E encaixamos os nossos objetivos com os objetivos deles.

MODERADOR: Muito bem.

(00.06.28)

MODERADOR: Esse, esse cruzamento entre diferentes áreas acontece informalmente, porque em grupo de Português estiveram a ver, ou há reuniões de equipas de ano para o efeito?

PROFESSORA 06: Nós aqui no colégio, temos, de facto, uma tarde em que nos reunimos e, e temos a oportunidade de refletir de uma forma mais formal...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: ...digamos assim, sobre os projetos a que nos propusemos. Eu diria que o primeiro passo é informal, tem sido pelo menos, não é? Até porque nós temos no mês de julho reuniões de, de conselhos de turma em que nós nos conseguimos juntar e conversar e isso é informal. “Olha, tenho a ideia de um trabalho e tal...”

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 06: “...e seria giro fazer com, seria interessante fazer com a disciplina de Educação Visual.” Depois, depois dessa fase informal, passamos para a fase mais formal. E aí, de uma forma mais concreta e consciente, conseguimos traçar os objetivos para, para o projeto. Os objetivos, o que é que nós queremos, de facto, avaliar. E se calhar concentrar um bocadinho mais...

MODERADOR: Muito bem.

PROFESSORA 06: ...no que é mais importante para avaliar esse, desse trabalho.

PROFESSORA 05: Peço desculpa, há bocadinho perdi-me, mas agora lembrei-me do que eu diria. Ia dizer o que é acontece na Matemática, muitas vezes quando há, há conteúdos que são abordados na Matemática, nomeadamente em Geometria, que são abordados também noutras áreas, como Educação Visual. E o que acontece é que, se nós não dissermos aos alunos que estas coisas se relacionam, parece que tudo o que é trabalhado em Educação Visual fica estanque em Educação Visual. E tudo o que é trabalhado em Matemática fica estanque em Matemática e que as coisas não se relacionam. Portanto, às vezes, haver estes projetos entre várias disciplinas, faz com que os alunos realmente pensem: “Realmente este conteúdo aplica-se em várias situações do meu dia...”

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 05: “... ou em várias áreas.” É isso que eu ia dizer há pouco.

MODERADOR: Muito bem. Muito bem.

PROFESSORA 05: Faz sentido. No caso da Interioridade que é a equipa onde eu participo, eu acho que nós definimos também como objetivo, objetivo, que todos os alunos possam ter o mesmo tipo de vivências e, portanto, reunimos também periodicamente para que todos, e planeamos sessões, para que todos os alunos do colégio possam ter o mesmo tipo de vivências ao longo da escolaridade, ao longo...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 05: ...do tempo que estão aqui, portanto, que a Interioridade tenha um percurso e um caminho e que todos o possam seguir.

MODERADOR: Muito bem.

(00.08.35)

MODERADOR: Eu passava se calhar a outra pergunta e dava a palavra aqui mais a quem está aqui à minha frente e à minha esquerda. Que modalidades e formatos adota a colaboração docente? Ou seja, se ela é comum, a todas as oficinas, ou se existem variações de acordo com áreas de inovação com níveis e, ou departamentos, ou seja, há um modo estabelecido para, para as pessoas que estão nas diferentes oficinas, que funcionam da mesma maneira, de acordo com... como é que vocês sentem que, que é isto?

PROFESSORA 05: Eu estou um bocadinho perdida, porque, estou perdida porquê? Porque eu o ano passado integrava uma oficina, oficina da, da Gestão de Currículo...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 05: ...só que depois, nós começamos a organizar alguns projetos, um deles até a Matemática, que também sou de Matemática, também participava. Só que depois fomos todos para casa, e, portanto, eu não cheguei a participar, a implementar um projeto em nenhuma das turmas. Este ano, já estou com outros anos de escolaridade, já não vou implementar esses projetos.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 05: Portanto, todo, tudo isso que está a falar, de colaboração, de projetos e não sei quê...

MODERADOR: Sim.

PROFESSORA 05: ...eu estou um bocadinho à margem porque nunca fiz parte...

MODERADOR: Muito bem, mas trabalha colaborativamente noutros âmbitos?

PROFESSORA 05: Trabalhamos colaborativamente, este ano estamos com implementação das Metodologias de Aprendizagem Significativa (MAS) só que, entretanto, também paramos porque estamos a fazer a integração do Perfil do Aluno nas aprendizagens essenciais das irmãs Doroteias. E, portanto, também ainda não chegamos a essa parte de trabalhar colabora..., de estarmos a trabalhar colaborativamente, mas nesse sentido da planificação.

MODERADOR: Hm, hm. Ok.

PROFESSORA 05: Não estamos a trabalhar coletivamente a planificar para as metodologias ativas.

MODERADOR: Muito bem. Então eu depreendo que alguns professores que estão mais envolvidos nas oficinas...

PROFESSORA 05: Certo.

MODERADOR: ...outros estarão nas MAS...

PROFESSORA 05: Certo.

MODERADOR: ...e outros na incorporação do Perfil, que é só algumas disciplinas, certo?

PROFESSORA 05: Só umas, este ano é Matemática...

PROFESSORA 06: Neste caso é.

PROFESSORA 05: ...e eu penso que no segundo semestre será a Físico-Química e as Ciências.

PROFESSORA 06: Ciências, sim.

MODERADOR: Muito bem.

PROFESSORA 06: O ano passado estive em Português.

MODERADOR: Muito bem. Portanto, claramente aqui há diferentes modalidades...

PROFESSORA 05: Estamos a trabalhar, estamos a fazer esse trabalho colaborativo, mas não propriamente, no meu caso pelo menos, não propriamente em projetos.

MODERADOR: Muito bem.

PROFESSORA 06: Sim, eu não sei se isto fará sentido. Mas por exemplo, há professores que fazem parte destas oficinas, que o ano passado tiveram nas oficinas. Por exemplo o meu caso, eu o ano passado não estava nessas oficinas, mas a minha colega, a Ana de Desenho, estava. Portanto, ela é que interagia com a oficina, e eu ia seguindo as indicações que ela me ia trazendo.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: Portanto, eu não estava no mesmo patamar, eu não estava a fazer oficina...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: ...mas delineeio o projeto com ela, o projeto era depois levado para a oficina, onde eles analisavam, viam a planificação, e depois ela trazia-me o feedback e nós trabalhávamos...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: ...sobre esse feedback. Portanto, a participação dela não era a mesma que a minha.

MODERADOR: Muito bem.

PROFESSORA 05: Eu acho que nós já tivemos várias fases. Porque, por exemplo, no ano, eu tive, eu tive um ano na Gestão Curricular, na oficina de Gestão Curricular, e tínhamos, por exemplo, pré-definido, tínhamos, digamos que a sensação com que eu fiquei foi que a direção tinha pré-definido quem iria trabalhar nessa oficina. E depois, pré-definiu também grupos dentro da oficina a preparar o desenvolvimento de projetos. Acho que neste momento já estamos numa fase mais livre, e o que eu sinto, por exemplo, é que estamos a fazer muitas coisas ao mesmo tempo. Eu, por exemplo, tenho um projeto para o segundo semestre com Matemática, com Educação Visual e com TIC, o “Tasty” que já está aprovado, já foi feito, mas que é preciso rever pequenos pontos, tenho a implementação das MAS e acho, acho que acabamos por, estar neste momento a ser exigido um trabalho colaborativo em muitas frentes, em, em algumas situações. É isso que eu acho.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 05: Não sei se ele vai ter o resultado que se pretende, porque eu percebo que haja uma meta final, um objetivo que tem a ver, exatamente com a colaboração com esta questão da interdisciplinaridade, com, com a inovação, mas não sei se vamos chegar onde queremos chegar.

MODERADOR: Muito bem.

PROFESSOR 03: Pronto. Eu aqui também não estou a participar tanto, porque em Educação Física nós não temos um trabalho colaborativo tão denunciado como as outras disciplinas. A única coisa que nós tentamos é dentro do grupo, pronto, arranjar iniciativas, para que os alunos, pronto, participem, e arranjar atividades para que eles participem e façam atividade física. Mas, também com a pandemia isto também ficou um pouco impeditivo de realizar. Portanto, mesmo o trabalho colaborativo, que as colegas estavam a falar eu não participo, não, não torno a participar, nas oficinas eu também não participo, o que nós tentamos é arranjar, dentro do grupo, atividades. E ainda no período passado existiu um, um torneio de ténis de mesa, o que nós queremos é colocar os alunos a mexerem-se, porque também são...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 03: ...e já têm a escola a acumular a grande parte da vida deles, portanto, nós tentamos arranjar maneiras para que eles se mexam. Mesmo na escola e, e não estejam, que, arranjar também um tempo de, em que eles se foquem na atividade física, não se concentram tanto nos estudos...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 03: ...e dá para desanuviar também, um pouquinho, o estado de espírito. E é basicamente o nosso objetivo enquanto grupo...

MODERADOR: Muito bem.

PROFESSOR 03: ...de Educação Física.

MODERADOR: Muito Obrigado.

(00.14.06)

MODERADOR: Então, em vosso entender, quais são as principais vantagens da colaboração docente aqui no, no colégio? Desse trabalho colaborativo? Quais são as principais vantagens?

PROFESSORA 04: Eu posso falar da minha opinião, das várias vantagens do trabalho colaborativo, enquanto docente, não aqui no colégio, mas enquanto docente. Eu até vejo que este trabalho teria muito mais resultados se nós pensássemos não só, antes de pensarmos até nos projetos, nas MAS, portanto, nessa, nessas atividades todas, pensar no trabalho, pensar nos alunos, antes de mais. E, e pensar nos alunos na aprendizagem, e debruçarmo-nos um bocadinho sobre isso e, e partilhar experiências. Porque eu acho que nós podemos sempre aprender uns com os outros. E muitas vezes nós reduzimos, eu falo também por mim, atenção, reduzimos o trabalho colaborativo a uma troca de materiais, e o trabalho colaborativo está longe de ser uma troca de materiais. Portanto, enviamos para o colega, fazemos, o colega pode dar opinião, mas se estivéssemos sentados, e se estivéssemos a construir juntos, de certeza que sairia outro material que não eu a fazer em minha casa...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 04: ...mandar para uma colega, a colega devolver com alguma sugestão, mas se estivéssemos sentadas a pensar, duas, ou três, aquilo que fosse, se calhar, sairia um trabalho muito mais, pronto...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 01: E eu estou de acordo com, com a Isabel. E eu acho que, por exemplo, no nosso caso uma das questões que mais me aflige, e eu já falei com a direção, é a questão, por exemplo, das adaptações que é preciso fazer para os alunos que exigem adaptações. Acho que este trabalho, por exemplo, em grupo disciplinar, principalmente quando a maior parte, nós somos um colégio pequeno...

ITH: Hm, hm.

PROFESSORA 01: ...portanto, quando os alunos chegam a determinado nível já conseguiram passar por todos os professores. É o caso do Inglês. Temos determinado aluno que já conseguiu passar por todos os professores, se nos juntássemos para fazer um trabalho sobre aquele aluno para ver as adaptações necessárias às aprendizagens essenciais, todas essas coisas, acho que o resultado final seria muito melhor. E eu acho que isto nos falta um bocadinho, na linha vem, acho que está um bocadinho na linha do que disse a Isabel.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 04: Não só em materiais de aula, mas, por exemplo, na avaliação.

PROFESSORA 01: Sim.

PROFESSORA 04: Como o colégio tem poucas turmas de cada ano, aquilo que acontece é que há anos que nós estamos sozinhos, não é? E, portanto, ter um colega com aquele espírito crítico, que veja o meu teste, porque eu também já estou interiorizada a fazer, não é?

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 04: Os materiais, que veja o meu teste e que com aquele olhar de fora. Que diga: “Olha, se calhar aqui colocaria outro tipo de exercício, se calhar aqui já repetiste.” Aquele, aquele olhar crítico, às vezes faz falta.

MODERADOR: Hm, hm. Muito bem. Helena que acrescentar alguma ideia?

PROFESSORA 02: É assim, o que eu acho em termos de trabalho colaborativo, é a minha opinião e vale o que vale, eu acho que o nosso trabalho colaborativo, pelo menos o meu aqui no colégio, funciona muito melhor de forma informal. Porque até ao ano passado, nós desenvolvemos, eu desenvolvia trabalho colaborativo, mas não tínhamos aquele horário fixo obrigatório. E este ano temos esse horário fixo e obrigatório. E eu acho que isso em parte acabou por desmotivar um bocado.

PROFESSORA 04: Tornou uma obrigação.

PROFESSORA 02: Tornou-o uma obrigação. Portanto, quando nós vamos para o trabalho colaborativo, eu muitas vezes estou na sala dos professores e só trabalho com a mesma colega todas as semanas.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 02: Enquanto, que anteriormente, eu trabalhava com várias pessoas. Por exemplo, com Desenho, com as minhas colegas de História. Porque nós íamos encontrando aquele espaço e aquela conversa, e íamos trabalhando de forma informal.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 04: Quando havia necessidade, não é?

PROFESSORA 02: É. Quando havia necessidade nós trabalhávamos.

PROFESSORA 04: Quando havia necessidade, não era quarta feira às quatro e meia que tens necessidade de trabalhar.

PROFESSORA 02: Agora, esta obrigatoriedade sempre, de quartas feiras seguidas, chega a alturas que... E depois é, o trabalho colaborativo eu acho que devia nascer da tal necessidade, daquilo que nós precisávamos. Quando nós temos uma ordem de trabalhos que diz: "É o trabalho colaborativo para isto." Se calhar não é o trabalho colaborativo para aquilo que eu preciso.

C: Exatamente.

PROFESSORA 02: Portanto...

MODERADOR: Ok.

PROFESSORA 02: Eu sei que muitas vezes a direção tenta...

MODERADOR: Sim.

PROFESSORA 02: que esta colaboração venha de cima para baixo, mas eu acho que ela é muito mais eficaz...

MODERADOR: Mas deixe-me é então perguntar. Então vocês, os professores, não participam também na definição dessa ordem de trabalhos?

C: Não.

PROFESSORA 01: Mas por exemplo, eu, eu sou muito crítica, pareço muito crítica em relação a alguns aspetos. Porque eu tenho dois ciclos diferentes. Eu tenho o primeiro ciclo e o segundo ciclo. Com especificidades muito diferentes. E o que acontece comigo, por exemplo, é que quando vem o cronograma, eu nunca tenho contemplado o primeiro ciclo. E o primeiro ciclo tem os cenários de aprendizagem, onde o trabalho colaborativo é necessário. E eu costumo dizer que se o trabalho colaborativo é necessário a partir do segundo ciclo, no primeiro então, não faz sentido que ele não exista. E o que tem acontecido comigo muitas vezes, é que quando me apresentam um cenário de aprendizagens, já está tudo consumado. No fundo, eu já não vou decidir nada, já, já estou a implementar uma coisa...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 01: ...que não foi pensada...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 01: ...colaborativamente. E eu acho que isto é, é complicado para nós de gerir. E, e faz-nos sentir desmotivados, como estava a dizer a Helena.

PROFESSORA 02: Eu acho que tem mesmo de partir daí, da necessidade.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 02: O grupo encontrar uma necessidade e depois colmatá-la com o dito trabalho colaborativo.

MODERADOR: Claro.

(00.19.21)

MODERADOR: Vocês acabaram por ir já falando do que eu ia perguntar a seguir. Que tem que ver quais os obstáculos verificam para que esse trabalho colaborativo aconteça e do modo como pensam. Querem acrescentar ainda alguma ideia? Para além daquilo que falaram? Sobre os obstáculos?

PROFESSORA 02: Há outro obstáculo. E eu acho que esse é muito... é que nós não estamos todos ao mesmo rPROFESSORA 04o nem na mesma sintonia.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 02: Por exemplo, há pessoas com quem eu trabalho bem colaborativamente e há outros com quem se calhar eu também queria trabalhar, mas não sinto recetividade do outro lado. Pronto, e isso não, é de facto um obstáculo, não há como...

PROFESSORA 04: Eu vou pegar um bocadinho no que, no que a Helena está a dizer, estamos a falar frontalmente. Pronto, a questão aqui é o trabalho colaborativo acontece às quatro e meia da tarde quando toda a gente já está muito cansada, é muito burocrático, portanto, eu, eu vou ser sincera. O que nós, nós, todos nós gostamos de trabalhar estes projetos. Eu gosto, as crianças sentem-se muito motivadas, é uma forma de ensinar diferente, é uma forma de atingirmos os objetivos de aprendizagem, muito mais cativante para os alunos. E, como professora, às vezes, apetece-me não dizer que vou fazer uma atividade em sala de aula, fazê-la na mesma, porque ao fazer, ao não dizer para toda a gente que eu vou fazer um projeto, com... Eu não tenho que preencher tantas grelhas. E posso-vos dizer que já fiz coisas muito interessantes, e que estão publicadas no site do colégio, colaboro e divulgo, para que se divulgue, e pronto, que eu não falei nelas porque, porque se não tinha de preencher uma série de coisas que eu não tenho tempo nem vida... percebe o que é que eu quero dizer?

MODERADOR: Percebo. Percebo.

PROFESSORA 04: O que eu não quero dizer que eu não passo por todas aquelas fases que são importantes, nomeadamente, a reflexão inicial, a avaliação no final, a conversa com os alunos da avaliação do projeto, o que é que se pode melhorar da próxima vez. Eu faço tudo, na mesma, porque isso realmente é um passo importante de quem está a ensinar e quem quer que os alunos, pronto, quer que os alunos colaborem. Mas não, nem tudo o que eu faço na sala de aula, eu apresento como projeto ao colégio.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 04: Por essa razão. E tenho a certeza que não sou a única, acho que isto é um caso generalizado.

C: Sim.

PROFESSORA 01: É que há muita coisa, neste momento, nós encaramos isto como uma obrigatoriedade, quando, e é o que está a acontecer, de facto, mas eu, há coisas que eu faço há anos. E eu acho que todos nós, todos temos essa ideia...

MODERADOR: Que aquilo que está a chamar se está a chamar agora inovação, já eram...

C: Sim, sim.

PROFESSORA 01: Exatamente.

MODERADOR: ...práticas e preocupações vossas.

C: Sim.

PROFESSORA 02: Exatamente. Por exemplo, havia uma ideia que a Isabel disse há um bocado, eu acho que se calhar às vezes era mais útil para nós fazermos sessões em que cada um partilha aquilo que faz. Porque, por exemplo, eu vou sabendo de projetos que fazem aqui que são excelentes, mas que depois não se sabem. Ou uma pessoa...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 02: ...acaba por ver e ao acaso conhece, por exemplo, acho que era muito mais útil sessões de formação em que cada um de nós partilhasse aquilo que faz e que já desenvolve em sala de aula...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 02: ...para os outros verem e aprenderem, do que estarmos a criar coisas de raiz, ou...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 02: ...andarmos aqui realmente com a tal burocracia que falámos aqui. Porque há muita inovação aqui no colégio, que muitas vezes fica oculta. Por causa desta burocracia.

PROFESSORA 04: Sim, muitos dos, alguns dos projetos que estão a ser implementados, são projetos que já existiam antes...

PROFESSORA 02: Que já existiam antes, exatamente.

PROFESSORA 06: Que passaram para o papel.

PROFESSORA 04: ...e, portanto, nós pegamos, por exemplo, nas “Casas do Pi”, as “Casas do Pi”, é um projeto, foi um projeto que foi implementado que tem a ver com o número Pi, como o nome diz, e que é colaborativamente com Educação Visual e Português, que nós já implementávamos antes, conversávamos de forma informal na sala dos professores, cada um tinha definido o que tinha de fazer, em que é que ia aplicar, e quais eram os seus objetivos. Mas depois, com estas oficinas, obriga-nos a estar ali a preencher, e a criar...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 04: ...documentos, criar documentos, que nos faz, se calhar, perder um bocadinho de tempo, que podíamos aproveitar para mais inovação ou...

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 04: ...para tentar fazer, melhorar.

PROFESSORA 05: Aqui uma barreira também, no caso da Matemática, tem a ver com a, com a extensão dos programas que temos que dar. Muitas vezes a extensão é tão grande que nós não podemos parar só para estar envolvidos... eu sei que no projeto é suposto envolver já alguns conteúdos, mas muitas vezes a Matemática é... primeiro temos que ensinar o conteúdo para podermos trabalhar com ele. Portanto, às vezes a extensão dos programas também é uma barreira para conseguirmos...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 05: ...trabalhar tanto tempo em projetos.

MODERADOR: Muito bem.

PROFESSORA 04: Eu ia dar um exemplo das metodologias ativas quando começamos a pesquisar um bocadinho. Quando eu comecei a pesquisar um bocadinho sobre metodologias ativas, cheguei à conclusão, e até falei com os colegas do grupo disciplinar, que nós já o fazemos em todas as aulas. Porque? Porque nós já usamos a metodologia da exploração, usamos as tarefas da exploração, no fundo nós já fazemos aquilo. Portanto, e agora temos que preencher não sei quê, não sei quê, e vai ser quase que uma novidade que o grupo de Matemática vai fazer, e não. O grupo de Matemática faz isso há anos.

MODERADOR: Muito bem.

PROFESSORA 01: Em Inglês também.

PROFESSORA 02: Acontece o mesmo com a História.

MODERADOR: Pois.

PROFESSORA 02: Aliás, para as MAS, numa tentativa de lógica de poupar tempo, nós, eu, pelo menos, escolhi uma atividade que já faço. Não criei nenhuma de raiz...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 02: ...peguei numa que já fazia e preenchi a grelha dentro daquilo que já tinha, os instrumentos de avaliação já estavam construídos.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 02: Foi mais nessa lógica.

PROFESSORA 06: Nós agora naquela primeira semana de janeiro, que tivemos uma formação sobre a observação de aulas, eu no final, falei lá uma coisa que não tinha, e disse: “Espero não estar a fugir ao tema.” Porque, dei uma sugestão à direção, para pensarem um bocadinho nisso, considerando que podia ser um primeiro passo para “Observação de Aulas”. Porque “Observação de Aulas”, às vezes podemos sentir assim um bocado constrangidos, porque o ambiente de sala de aula não é o mesmo. Toda a gente fez aqui o estágio e sabe que quando está lá uma pessoa estranha...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: ...até os alunos se portam de forma diferente. Não é? Pronto, e eu penso que se o objetivo é discutirmos entre nós, é partilhar coisas que fazemos...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: ...e gostávamos de ouvir falar para depois implementarmos na nossa aula. Eu já estive noutra colégio, no meu colégio anterior, antes de estar aqui, fazíamos uma atividade que era o “Show and Tell”, pronto. Que é uma coisa bem mais simples, era muito menos burocrática, e era uma partilha de atividades que se faziam em sala de aula. Em primeiro lugar fazíamos entre nós, dentro do mesmo grupo disciplinar e depois fazíamos...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: ...para o grande grupo, para todos os grupos disciplinares ouvirem. E eu assisti a essas discussões, tirei de lá ideias muito engraçadas, consegui aplicá-las na minha disciplina e aquilo foi realmente útil, porque eu não, porque não...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: ...foi uma coisa que deu muito trabalho, foi algo que me obrigou a ouvir os meus colegas, a ouvir ideias...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: ...de coisas que eles fazem, quer na minha disciplina, quer noutras disciplinas e que eu consegui adaptar à minha.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: Para mim, esse tipo de sessões são menos burocráticas, não são feitas às quatro e meia da tarde todas as quartas feiras, e eu recordei muito mais coisas, ficou para mim muito mais coisas do que se calhar fica isto, porque é o que a Helena estava a dizer, se calhar nós temos algum receio de abordar um colega, porque um colega vai logo pensar na grelha da matriz, e tal, e tal, e tal...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: e vou dizer, olha vamos fazer isto, mas não vamos dizer isso a ninguém.

MODERADOR: Muito bem.

(00.26.42)

MODERADOR: Olhem, muito ligado, de certeza, porque estas coisas também se tocam...

PROFESSORA 02: Eu peço desculpa, mas eu tenho mesmo de sair.

MODERADOR: Muito obrigado. Muito obrigado.

PROFESSORA 02: Mais qualquer coisa que seja preciso, é só perguntar.

MODERADOR: Obrigado. Consideram que têm, já tocaram, se calhar num ou noutra ponto, que em parte, se calhar liga também com esta questão, que tem sido construída no colégio uma visão partilhada sobre a inovação. Ou seja, se foi construída, se existe entre os professores, mesmo com alunos, e entre a direção, uma visão partilhada do que se pretende com esta inovação, onde é que se quer chegar com ela, e nesse caso, como é que essa construção se tem concretizado? Ou seja, têm havido discussão, tem havido participação a vários níveis, vocês já referiram formação em MAS, já referiram formação em "Observação de Aulas", também referiram que falta conhecer o trabalho que uns e outros fazem... Volto à pergunta, consideram que tem sido construída no colégio uma visão partilhada sobre a inovação? Como é que essa construção se tem concretizado?

PROFESSORA 01: Eu não sei se tem sido construída, sinceramente. Posso parecer muito crítica, até posso fugir ao cerne da questão, mas eu não sei, eu volto ao, eu continuo a achar, eu tenho muita dificuldade em considerar inovação uma coisa que eu faço quase desde que me formei, não é? Portanto, à partida pensando nisto e pensando até, depois optei até por continuar a estudar, fiz mestrado, e se calhar também tem muito a ver com a experiência que eu tive em termos de mestrado, os grupos diferentes com quem trabalhei. Mas eu tenho muito, muita dificuldade em aceitar o que nós estamos a fazer neste momento como inovação. Portanto, logo aí eu acho que a visão que eu tenho das coisas vai estar muito condicionada. Eu acho que há da parte do colégio um esforço muito grande na, para esta inovação. Não sei se se sabe, se o colégio, se calhar não vou estar a ser simpática, percebe muito bem onde quer chegar com esta inovação. E eu sinto muito isto nas formações quando me sento em frente ao computador, ou a ver alguém, eu estou a ver uma coisa que já faz parte da minha rotina diária, desde 2005 ou desde 2004, fico um bocadinho de pé atrás. Não sei se esta ideia de inovação está a ser construída, se está a ser comunicada.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 01: Não sei se me faço entender.

MODERADOR: Muito bem.

PROFESSORA 01: E eu não sei até que ponto é que vocês vêm da mesma maneira que eu. Agora, eu percebo, e acho, percebo, digamos que eu percebo aonde queremos chegar. Agora, acho que mesmo junto dos alunos, não há uma explicação, não é? Mas também será que deve haver? Será que nós não devemos habituar os alunos à variedade hoje é assim que trabalhamos, mas amanhã vamos fazer uma coisa diferente, e daqui a um mês vamos... para os habituar, para os estimular, para garantir que eles estão sempre motivados para... não é?

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 01: Eu tenho muita dificuldade, não sei, ajudem-me.

PROFESSORA 06: Eu acho que, por exemplo, que o projeto da participação das crianças, não é? Isso é interessante, porque é torná-los mais ativos, dentro do colégio. Eu não sei, eu só dou aulas aqui, é o terceiro ano. Eu não sei se já se fazia ou se era hábito fazer-se essa auscultação, ter pontos de escuta, eu acho isso interessante, e não acho que não se fará assim tanto, não sei, não se fará assim com tantos motivos...

PROFESSORA 05: Eu acho que aí houve inovação.

PROFESSORA 06: Sim, não é?

PROFESSORA 05: Sim acho que na participação das crianças, sim. Agora nos projetos, na parte da gestão curricular, eu acho que houve uma formalização. Houve ali a necessidade de se formalizar aquilo que se estava a fazer. E, pronto. Eu acho que é isso que se faz, porque projetos sempre houve no colégio.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 05: Se calhar não estavam tão divulgados, apesar da pouca divulgação, não estavam tão divulgados, e não estavam formais, tendo em conta a teoria. Pronto, é isso.

MODERADOR: Hm, hm. Muito bem.

PROFESSORA 04: Eu acho que alguns casos até se formalizou em demasia, mesmo para os próprios alunos, que têm que ter um guião, que têm que...

PROFESSORA 06: Que também ficam perdidos.

PROFESSORA 04: ...preencher. Sim, também acabam por, aquilo é um trabalho, normalmente um trabalho de, é um projeto que também devia ser desenvolvido por eles, mas como o guião é feito anteriormente, portanto, pelos professores, acabam eles por já estar demasiado orientados acabam por aí pedir

MODERADOR: Considera então, desculpe, considera então que eles têm pouca margem para...

PROFESSORA 04: Exatamente.

MODERADOR: ...trazer algo de novo?

PROFESSORA 04: Sim, sim. E acaba, e acaba também, às vezes, dependendo dos projetos, e isto não é concretamente no caso da Matemática, nem implementação, nem de algum projeto em que eu tenha estado envolvida, mas é do que eu ouvi, da partilha que foi feita...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 04: ...feita, percebi que alguns projetos eram demasiado exigentes, também para os alunos no preenchimento do próprio guião que é feito para os alunos. Portanto, acabava por não se tirar o máximo proveito. Aquilo que nós queríamos que fosse uma coisa significativa...

PROFESSORA 06: Simples.

PROFESSORA 04: ...significativa, simples, e que os alunos ficassem mais desportos para a aprendizagem...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 04: ...acabava por se perder, porque aquilo era tão formal e obrigava a tanta formalização, que eles acabavam por, pronto, perder...

PROFESSOR 03: Se calhar, ou seja, eu não estou tão por dentro desse trabalho, mas um pequeno comentário, se calhar, é sobre a burocracia toda. Quer dizer, isto para os professores também passa um bocadinho também pelos alunos, com o preenchimento do guião, o seguir à risca as orientações todas...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 03: Também, eles próprios também acabam por ter mais burocracia, podemos dizer, do que se fosse um projeto em que apenas o famosos incutir na sala de aula. E eles também tinham a liberdade de ter ideias diferentes, ideias novas, para também fomentar.

MODERADOR: Muito bem.

(00.32.43)

MODERADOR: Eu ia agora, estamos dentro do bloco da liderança deste processo e, portanto, a pergunta é, se a diretora, Doutora Maria, se envolve como participante nos processos de formação e nas dinâmicas das equipas de inovação. Ou seja, quando há formação para docentes, neste campo...

C: Sim, sim. Isso está. Ai, sempre.

MODERADOR: ...se ela participa e como é que vocês veem isso? Se, o que é que vos parece, se é uma mais valia, não é, e porquê?

PROFESSORA 01: Eu acho que é sempre um bom exemplo.

PROFESSORA 04: Eu vou dizer, a Dra. Maria veste a camisola.

PROFESSORA 01: Veste a camisola, exatamente.

PROFESSORA 04: E dá a cara, e dá a cara por tudo aquilo que nós fazemos.

C: Sim, sim.

PROFESSORA 01: Exatamente, e tenta levar-nos sempre com ela.

PROFESSORA 04: É, verdade.

PROFESSORA 01: Sim.

PROFESSORA 04: E, portanto, para o bem e para o mal ela está ali. E está ali para nos ajudar e para clarificar, ela quer estar dentro de, eu acho que ela deixa um bocadinho na base da autonomia, ao critério do professor...

PROFESSORA 01: Sim.

PROFESSORA 04: ...mas inteira-se sempre para poder dar resposta também se for questionada nesse sentido.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 04: Eu acho que ela se inteira de tudo aquilo que se faz no colégio.

PROFESSORA 05: Eu acho que para a direção é muito importante o ponto de vista dos professores.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 05: E, por isso, querer estar sempre presente, para também perceber...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 04: E ouvir, e ouvir.

PROFESSORA 05: ...e ouvir. Sim, sim, sim, e a opinião dos professores, sim. Sim.

MODERADOR: Muito bem.

(00.33.57)

MODERADOR: Ligado talvez um bocadinho a esta, embora seja diferente, sentem que a direção facilita a vossa participação nestes processos de inovação/formação?

PROFESSORA 05: Sim.

PROFESSORA 01: Eu acho que nós neste momento, vivemos na dicotomia entre a obrigatoriedade e a liberdade que temos de estarmos neste processo, não é? Porque na realidade há uma obrigação em determinados aspetos, e há muita coisa que nos é apresentada, consumada e é para fazer. Mas ao mesmo tempo também há a outra parte que é, se eu quiser desenvolver, também tenho liberdade para o fazer, não é? E eu acho que nós vivemos nesta dicotomia. Digo eu, pelo menos é isso que eu sinto.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 01: Enquanto professora de Inglês de dois ciclos diferentes.

MODERADOR: Ou seja, para além de facilitar, da direção poder facilitar, também põe de algum modo, portanto...

C: Sim, sim.

MODERADOR: ...são as duas coisas?

C: Sim.

PROFESSORA 04: Sim, eu o ano passado, recebi o meu, o meu serviço e tinha lá a oficina de Gestão de Currículo e agora inventei o projeto porque vais ter de participar... pronto. E de repente, não nasceu espontaneamente, nasceu agora, o que é que eu vou fazer?

PROFESSORA 01: Eu há dois anos...

PROFESSORA 04: A quem é que eu me vou juntar?

PROFESSORA 05: Exatamente, exatamente.

PROFESSORA 04: Não é quem quer casar com a carochinha.

PROFESSORA 01: Eu há dois anos tinha projetos internacionais, acabei a fazer a formação no “eTwinning”, com projetos do “eTwinning” e na realidade estava ali. Portanto, era uma, eu tinha, no fundo, aquilo que estava ali implicava que eu tinha de ter um produto final, tinha que vir dali qualquer coisa, não é?

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 01: Portanto, nesse sentido, há de facto obrigação.

PROFESSORA 05: Claro, claro.

PROFESSORA 01: Obrigatoriedade de fazer as coisas, agora também há liberdade, eu não posso dizer que eu vá toda entusiasmada à direção dizer: “Eu quero fazer isto, isto e isto, preciso disto.” Ninguém me vai dizer que não, isso é certo.

PROFESSORA 06: É logo: “Faça.”

PROFESSORA 01: “O que é que precisa?” É nesse aspeto.

MODERADOR: Muito bem.

PROFESSORA 01: Mas a gestão é difícil, a gestão é difícil aqui.

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 05: Sim, eu acho que também depende um bocadinho daquilo que, prende-se um bocadinho com aquilo que a Helena dizia, que era, não estamos todos na mesma sintonia.

PROFESSORA 06: Não.

PROFESSORA 05: Portanto, como não estamos todos na mesma sintonia, alguma coisa terá que ser obrigatória que é para nós alinharmos.

PROFESSORA 01: Sim, exatamente.

MODERADOR: Para induzir, algum...

C: Sim.

PROFESSORA 05: Pois.

PROFESSORA 01: Também o objetivo é esse. Não é? Tentar fazer aqui borbulhar qualquer coisa.

PROFESSORA 05: Claro que quem já fazia de forma mais informal, ou assim, pode sentir que é uma sobrecarga. Sim.

MODERADOR: E os que faziam menos, sentem que...

PROFESSORA 05: Provavelmente...

MODERADOR: ...que vão sendo contagiados, ou não? Ou não conseguem perceber isso?

PROFESSORA 05: Eu não sei. Não consigo ter essa perceção.

MODERADOR: É difícil, é difícil. Muito bem.

(00.36.39)

MODERADOR: Olhem, para fechar este tópico da liderança também já tocámos um bodinho nisto, mas eu formalizo a pergunta. Consideram que é feita uma comunicação eficaz da inovação que é desenvolvida no colégio? Por diversos meios? Em que participem professores, alunos, outros? Há pouco deram um exemplo, que há muita coisa que se faz e que não se conhece, não é? Quando falámos sobre o significado partilhado, mas quem referir alguma coisa mais do que aquilo que foi dito?

PROFESSORA 05: Eu acho que hoje em dia nós conhecemos mais o trabalho uns dos outros. Até porque há conselhos de turma em que é debatido o projeto que está a ser desenvolvido. Porque normalmente quando era um bocadinho mais informal, se eu, se dois grupos disciplinares naquele conselho de turma, a professora de Matemática e a professora de Educação Visual quisessem fazer algum projeto, ninguém do conselho de turma saberia, saberiam aquelas duas professoras. Agora não, esses projetos são levados ao conselho de turma, portanto, acabamos por estar, por conhecer melhor o trabalho que é feito em termos de projetos, sim.

MODERADOR: Muito bem. Podemos passar para o próximo bloco?

C: Sim, sim.

(00.37.46)

MODERADOR: O próximo tem mais que ver com os recursos disponibilizados e com as infraestruturas que foram criadas para apoiar a inovação. E, portanto, das infraestruturas que foram criadas, eu posso enunciar algumas, não serão todas, mas pode ajudar aqui à reflexão. A criação de equipas de inovação, as assessorias externas que são dadas pelos peritos das oficinas a nível nacional, o repositório de projetos e boas práticas, quais os que consideram? Estes ou outros que se lembrem. Mais determinantes, para que a inovação que é feita chegue mesmo à sala de aula e seja bem-sucedida. Aquilo que foi criado, e podemos juntar não só aqui infraestruturas, mas também recursos, o perfil dos alunos dos centros educativos das irmãs, a incorporação do perfil, não sei se já...

PROFESSORA 05: Ainda não fizemos.

MODERADOR: ...se já chega muito ao vosso trabalho no dia a dia, mas aquilo que foi criado em termos de infraestruturas de apoio, o facto de haver oficinas, de haver apoios externo, outras infraestruturas que possam ter sido criadas aqui internamente, equipa de inovação pedagógica, etc... mais os recursos que têm sido criados, o que é que vocês, de tudo isto, o que é que consideram que é mesmo mais determinante no vosso trabalho, para que a inovação aconteça e chegue à sala de aula? Ou nenhum, "Olhe, se calhar não conseguimos perceber..."

PROFESSORA 04: Eu por acaso acho que aí é mais o papel do professor e a pesquisa que o professor faz, e a forma como o professor dinamiza, e a estratégia que o professor usa, mesmo para aplicar um guião, não é? Também é preciso estratégia pedagógica... do que propriamente essas ajudas externas. Essas ajudas podem ser importantes numa orientação e numa correção que possam fazer nos documentos.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 04: Mas depois, se estamos a falar no produto final, o produto final é a aprendizagem do aluno. E a aprendizagem do aluno vai depender da intencionalidade com que nós fazemos e aplicamos aqueles materiais, seja ele projeto, seja ele a MAS, seja ele aquilo que for.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 04: Por isso, vejo sempre aí o professor que aplica como, assumindo o papel central.

MODERADOR: Muito bem. Outras...

PROFESSORA 04: Embora não desvalorize... porque eu acho que a equipa de inovação pedagógica do colégio, pelo menos daquilo que eu participei o ano passado, no primeiro trimestre, era fazer a ponte de ligação entre os peritos externos e a equipa que estava a trabalhar, portanto, não havia aqui, como é que eu hei de dizer? Um conhecimento profundo que trouxesse alguma novidade para quem estava a trabalhar naquelas oficinas.

MODERADOR: Ou seja, não, não sentia que existisse já um conhecimento interno especializado de apoio?

PROFESSORA 04: Não, de todo.

MODERADOR: Portanto, era mais de tentar trazer e ajudar a partir daí.

PROFESSORA 04: De todo, de todo.

MODERADOR: Outras opiniões?

PROFESSORA 06: Concordei bastante com a Isabel.

MODERADOR: Muito bem.

PROFESSORA 06: Acho que sim.

MODERADOR: Muito bem. Portanto, muito papel determinante para que a inovação seja bem-sucedida na sala de aula, tem muito que ver com o próprio professor? É isso? Com a apropriação que faz, com aquilo que...

PROFESSORA 06: Eu acho que é o trabalho de equipa, equipa grupo, grupo disciplinar, haver espaço e momentos para se reunirem e trocarem ideias e assim...

PROFESSORA 04: É isso, é o fundamental.

PROFESSORA 05: É, eu acho que sim.

PROFESSORA 06: Isso, é aí que nós aprendemos mais e trabalhamos melhor.

PROFESSORA 04: É aí que eu volto ao trabalho colaborativo.

PROFESSORA 05: Isso, exatamente.

PROFESSORA 04: O trabalho colaborativo tem que passar por aí, tem que passar por ser aquilo que nós estamos a fazer aqui, se estivesse a ser feito nos grupos disciplinares...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 04: E a debater, a dar exemplos de alunos. "Eu tenho este aluno assim, o que é que tu fazes com o teu aluno, que até tem umas características semelhantes? Que estratégia é que estás a aplicar para ajudar aquele aluno? O que é que eu posso tirar dali?"

PROFESSORA 06: Nós vamos fazendo isso...

PROFESSORA 04: Sim.

PROFESSORA 06: ...no nosso dia a dia, com um carácter informal, não é?

PROFESSORA 04: Mas nós fazemos com um café na mão.

PROFESSORA 06: Trabalhamos bem com...

PROFESSORA 04: Não é?

PROFESSORA 06: Exatamente.

PROFESSORA 04: Quando tomamos um café: "Olha o Zezinho na tua turma, olha faço isto..." Não é, propriamente, lá está quarta feira, quatro e meia, vou falar sobre o Zezinho. Já nem me lembro do Zezinho.

PROFESSOR 03: Mas, se calhar, dessa forma até é melhor para nós, termos mais à vontade de conversar, conversar com os nossos colegas, do que...

PROFESSORA 04: Mas eu não vejo mal em estar formalizado, por acaso a mim não me choca estar formalizado que, agora vou brincar outra vez: “À quarta feira, às quatro e meia, vamo-nos reunir...” Porque, se durante a semana, me vai surgindo um ou outro problema, e eu até vou... penso: “Olha, quarta feita no trabalho colaborativo até vou falar com as minhas colegas, até vou levar este teste para elas me darem uma opinião.” Por exemplo um teste adaptado. O que é isto de um teste adaptado? Não é? Que tipo de adaptação, não é?

PROFESSORA 05: Isso é um bocadinho se tiveres a liberdade para um trabalho colaborativo.

PROFESSORA 04: Pronto, mas para isso é preciso tempo, não é?

PROFESSORA 05: Sim.

PROFESSORA 04: Tempo para... porque o trabalho colaborativo já está muito orientado para aquilo que temos de fazer naquele momento.

PROFESSOR 03: Por exemplo, eu não tenho esse horário da quarta feira...

PROFESSORA 04: Que sorte.

PROFESSORA 01: Que sorte.

PROFESSOR 03: Mas isso não impede depois que eu troque, eu trocar de ideias depois com os outros colegas de Educação Física.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 03: Sugerir exercícios, ver o que é que ele fez numa determinada modalidade, para eu também se quiser poder utilizar aquilo, o exercício dele. Há sempre essa partilha de uns para os outros, e lá está, e não tem que existir...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 03: ...esse horário fixo, porque nós, é um reflexo nosso também saber como é que, buscar novas ideias. Lá está, a tal inovação, e nós evoluímos por observação ou por aquilo, novas ideias que outros trazem.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 03: E acho que nós, inconscientemente, inconscientemente buscamos isso e...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 03: ...e, portanto, não tem que existir um horário fixo para essa partilha de ideias acontecer.

MODERADOR: Hm, hm.

(00.43.32)

MODERADOR: Dos cursos, dos referenciais que foram criados, vocês sentem que eles acabam por estar presentes na vossa reflexão? Naquilo que vocês queriam pelos alunos?

PROFESSORA 04: Eu acho que mais agora.

MODERADOR: Já vai estando presente?

PROFESSORA 04: Sim. Mais agora. Mais agora.

PROFESSORA 06: Também acho.

PROFESSORA 04: Porque também acho que é preciso uma, uma reflexão, lá está, conjunta, e é preciso perceber... Eu acho que nós estamos muito habituados, eu estou a falar por mim sempre, estou muito habituada a pensar da sala de aula para fora, não é? E nós temos que começar a pensar ao contrário. No documento geral e depois trazê-lo...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 04: ...e, portanto, este esforço acho que é um esforço que, que vai demorar tempo, é preciso tempo para nos apropriarmos e depois para arranjarmos as estratégias para atingirmos os objetivos, não é?

MODERADOR: Muito bem.

(00.44.26)

MODERADOR: Olhem, do início do Bússola 21, que já vai tendo uns anitos de caminhada, da vossa experiência, parece-me que sim daquilo que vocês têm partilhado, houve alterações na organização do tempo de trabalho dos professores? Que alterações e com que objetivos e com que resultados? Querem sublinhar alguma coisa mais do que aquilo que já disseram? Já falaram há pouco sobre a obrigatoriedade de ser às quatro e meia, querem acrescentar algo mais? Portanto, houve alterações no tempo de trabalho?

PROFESSORA 05: Houve alterações, eu acho que também...

MODERADOR: Não se trabalhava assim antes do Bússola 21?

C: Não, não. De facto, não.

MODERADOR: Mas não havia tempo para trabalho colaborativo? Eram as reuniões apenas dos grupos disciplinares pontuais, como é que?

PROFESSORA 05: Muito pontuais, nós reuníamos-nos no máximo duas vezes por ano, não é?

PROFESSORA 04: Sim, do não sei, quando era trimestres, em cada, não sei...

PROFESSORA 05: Recordo-me que...

PROFESSORA 04: ...duas, duas, três vezes.

PROFESSORA 05: ...duas, duas vezes por ano fazíamos ali o ponto de situação, mas era para fazer o ponto de situação dos programas, se estão a ser cumpridos...

PROFESSORA 04: Sim.

PROFESSORA 05: ...ou não...

MODERADOR: Ok.

PROFESSORA 05: ...e a reunião passava por isso.

MODERADOR: Bárbara, quer acrescentar alguma coisa?

PROFESSORA 01: O que, o que eu sinto é que há uma sobrecarga muito grande neste momento para nós com, com os projetos...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 01: ...com esta questão da inovação. Exatamente pela carga burocrática que está associada. Acho que podíamos usar, acho que há, estamos a usar excessivamente, se calhar, este tempo para esta questão da, provavelmente até da questão da Bússola 21. E estão a ficar para trás aspetos importantes como estas questões que fomos discutindo sobre os alunos, a questão de aprendizagens essenciais, adaptações que é preciso fazer, muitas vezes esta questão da partilha de materiais, a construção dos próprios materiais em equipa, eu acho que isso acaba por ficar para trás em nome da inovação.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 01: Só que na realidade, eu acho que este trabalho em equipa para a construção de materiais é inovação também, não é? E, acho que devia ser, se me perguntarem o que é que, os pratos da balança, e o que é que eu prefiro, eu prefiro primeiro o aluno. Acho que nós estamos a começar pelo telhado e devíamos começar pelos inversos.

PROFESSORA 05: É isso, é isso.

PROFESSORA 01: E há uma sobrecarga, não só ao nível dos nossos horários, mas também a nível mental. Porque isto depois cria...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 01: ...cria situações muito chatas. Não sei como é que se resolve.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 01: Essa, isso é uma questão muito prática, não sei como é que se resolve. Mas àquela carga não letiva que nós já temos, foi acrescentada outra, não é? E eu sinto...

MODERADOR: Ou seja, não foi retirada outra?

PROFESSORA 01: Não.

MODERADOR: Não foi incorporado...

PROFESSORA 05: Foi retirado.

PROFESSORA 01: No meu caso foi.

PROFESSORA 05: Foi retirado.

PROFESSORA 01: No meu caso, eu só tenho uma hora de apoio.

PROFESSORA 05: As horas de apoio que eu dava foram reduzidas para eu ter este espaço colaborativo. Este tempo de trabalho colaborativo.

PROFESSORA 01: Eu tenho uma hora de apoio, tenho, mas na realidade não é...

PROFESSORA 05: Tinhas mais, tinhas três.

PROFESSORA 01: Diz?

PROFESSORA 05: Normalmente tínhamos três, passámos a ter uma.

PROFESSORA 04: Passámos a ter uma para ter aquele...

PROFESSORA 05: Aquele tempo de trabalho colaborativo.

PROFESSORA 01: Pronto, eu nunca tive, porque eu apanhei aquele início de horário, portanto, eu nunca cheguei a ter três horas de apoio. Acabei sempre por ter a Bússola, não é? Agora...

PROFESSORA 05: Ah, pronto, mas deixaste de ter a Bússola e passaste a ter o trabalho colaborativo?

PROFESSORA 01: Sim.

PROFESSORA 05: É uma substituição, não é?

PROFESSORA 01: Sim.

MODERADOR: Hm, hm. Muito bem, muito obrigado. Se se lembrarem de alguma questão a propósito desta ou de outras perguntas que estejam a trás, estejam à vontade.

(00.48.00)

MODERADOR: Vamos passar para os dois blocos finais, o, este próximo tem que ver com a avaliação da inovação que é feita. E a pergunta que eu vos ia fazer é se as equipas educativas, as várias equipas, não é? Das oficinas, outras equipas ao nível de departamentos, também já foi saindo... Se utilizam, na sua prática, na sua ação, a análise dos dados de monitorização e avaliação dos projetos, das atividades que foram feitas, com vista a uma melhoria de ação. Ou seja, se avaliam a inovação, se utilizam estes dados, se os analisam, com vista a uma melhoria de ação? E se podem exemplificar com casos específicos.

PROFESSORA 05: Eu não tenho conhecimento...

PROFESSORA 06: Eu também não.

PROFESSORA 05: ...que isso seja feito.

MODERADOR: Mas não avaliam...

PROFESSORA 05: Não sei.

MODERADOR: ...os projetos interdisciplinares, a participação...

PROFESSORA 05: Eu acho que nestes últimos anos...

MODERADOR: ...a Interioridade?

PROFESSORA 05: Nestes dois últimos anos, com a pandemia, havia muitos projetos que ficaram parados, portanto...

MODERADOR: Não se chegaram a avaliar, ou...

PROFESSORA 05: Na verdade a Bússola... exatamente. E eu acho que...

PROFESSORA 06: Não é tanto, mas não é tanto, eu acho que...

PROFESSORA 05: ...assim recentemente eu não tenho memória...

PROFESSORA 06: Eu fiz o projeto, já tive a oportunidade de fazer, lá está, ficaram muitos parados, nestes dois anos da pandemia.

PROFESSORA 05: Sim.

PROFESSORA 06: Este ano já tive a oportunidade de fazer um.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: E esse, houve lugar a essa avaliação porque fazia parte de, daquilo que nós tínhamos que desenvolver no início. Nós tínhamos que fazer uma matriz, um guião e uma avaliação...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: As rúbricas de avaliação. E nas rúbricas de avaliação do aluno estão incluídas opiniões do aluno sobre o trabalho, e esse, e depois esse trabalho de revisão é feito pelos professores no guião. Nós vamos, eu confesso, não é? Parte das, li tudo com atenção, mas o que li com mais atenção até foi a avaliação dos alunos e as propostas que faziam para o próximo ano letivo.

MODERADOR: E esses dados...

PROFESSORA 06: Foi só, foi isso.

MODERADOR: E esses dados, em momentos seguintes que tenham de trabalho em equipas, utilizam esses dados com vista a uma melhoria ou daquele projeto, ou com pistas para outros projetos?

C: Eu não tenho conhecimento.

PROFESSORA 04: Como nunca implementei nenhum...

PROFESSORA 05: Eu não tenho...

MODERADOR: Ou seja, eu diria que não está apropriado na ação docente então...

PROFESSORA 05: Sim.

MODERADOR: ...isso. É verdade que houve a pandemia...

PROFESSORA 05: Sim.

MODERADOR: ...não é?

PROFESSORA 06: Eu acho que, quando uma pessoa está envolvida em vários projetos, não é? Porque se houver tipo um projeto com Português e Inglês, depois vou logo a seguir, engato num com tal, tal, tal. Às vezes poderá haver uma falta de tempo da nossa parte ou de, agora vou avaliar,

vamos parar um bocadinho para avaliar, lá está, o trabalho colaborativo até podia ter sido, às quartas feiras até podia ser: “Agora vamos reunir os guiões todos que os alunos preencheram e vamos ver o que é que eles responderam e o que é que vamos fazer para o próximo colaborativo.”

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: Esse trabalho ainda não foi desempenhado, o que não quer dizer que não possa ser feito, não é? Mas há margem para isso, porque pelo menos nas matrizes, ou nos guiões que eu tenho, mesmo para o projeto que vou desenvolver agora no segundo semestre, há sempre um lugar de avaliação, e isso tem que ser visto e revisto...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: ...e pensado para o próximo ano letivo. Agora, lá está, eu por acaso não participo em muitos projetos, porque eu estou em part-time, está bem? Mas um professor que esteja a full-time, às vezes pode, pode se deparar com esta falta de tempo, não é? Porque depois já, já...

MODERADOR: Para conseguir...

PROFESSORA 06: ...já há tudo o resto.

MODERADOR: ...avaliar também, e refletir.

PROFESSORA 06: Há a vida diária, não é? Do professor, não é?

PROFESSORA 04: Sim, sim, sim. Porque aí era preciso fazer uma comparação, não é? Porque eu acho que avaliação não passaria só pela opinião dos alunos, mas também pelo impacto, vou bater sempre ao mesmo...

PROFESSORA 06: Isso.

PROFESSORA 04: Impacto nas aprendizagens...

PROFESSORA 06: Exatamente. Claro.

PROFESSORA 04: ...dos alunos. Porque se nós não temos impacto nas aprendizagens dos alunos, de nada interessa aplicar projetos e MAS, e mas, e seja lá aquilo que for. E, portanto, para avaliar o impacto na aprendizagem, tínhamos que ver aqui uma evolução, nem se fosse um estudo comparativo dos resultados, antes da aplicação do projeto naquele, estou a pensar, não é?

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 04: Naquela matéria, no caso da Matemática.

PROFESSORA 01: Sim.

PROFESSORA 04: E depois, não é? Para perceber se realmente, a implementação do projeto, teve impacto nas aprendizagens.

PROFESSORA 01: Mas nós até, nesse sentido, nós até precisávamos de desenvolver o projeto com uma turma e não desenvolver com outra. Para depois termos indicadores para comparar, não é?

PROFESSORA 04: Pois.

PROFESSORA 01: Nós precisamos... no fundo nós temos que saber o que é que vamos comparar e o que é que vamos avaliar.

PROFESSORA 04: Pois.

PROFESSORA 01: Porque nós fazemos a avaliação do projeto junto dos alunos, depois não pegamos é nos dados, no que sai daí. E eu acho que era importante. Esta, se calhar, até é a minha crítica maior, neste processo. É que depois para ali, e nós não fazemos nada com aquilo que sai. E esse foi o meu receio até na formação, da observação de pares. Nós temos que ter objetivos definidos, nós temos que saber o que é que vamos fazer e o que é que vamos fazer... muito bem assistimos, temos esses objetivos, mas e depois o que é que vamos fazer com o que vai sair dali? Nós temos que saber o que é que vamos fazer, porque isto não é uma coisa para um ano letivo...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 01: ...não é? Isto é, quando se quer fazer alguma coisa com alguma coisa deste género, é um processo, e um processo não é...

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 01: ...curto. Mas para quê?

MODERADOR: Muito bem.

PROFESSORA 01: Onde é que nós queremos chegar? Para quê?

MODERADOR: Tão importante. Muito bem.

(00.53.01)

MODERADOR: Olhem, pode ser difícil responder a esta questão, mas também dirão, tendo em conta a experiência. E a pergunta é, se os dados, se os resultados da avaliação, não é? De alunos, de professores, são disponibilizados atempadamente e discutidos pelas equipas docentes, e, se isto acontece, que consequências pedagógicas e organizacionais decorrem desse trabalho? É difícil, porque percebi que, ainda não está enraizado, se calhar esse, essa prática. Portanto não conseguem responder a esta questão. Tudo bem. Muito bem. Vamos agora tentar falar sobre aquilo que são as vossas perceções sobre as aprendizagens, o tal impacto...

PROFESSORA 04: Para mim esse é o ponto...

MODERADOR: ...está aqui. Olhem, começava por vos perguntar, quais são os fatores que vocês reconhecem como facilitadores da inovação na sala de aula? Que ela chegue mesmo à sala de aula. Aqui no colégio, estamos a falar aqui daquilo que é feito aqui no colégio. Quais são os fatores que reconhecem como facilitadores? Daquilo que já falamos e doutros aspetos que possamos não ter falado. O que é que ajuda mais a que a inovação chegue realmente à sala de aula, aqui no colégio?

PROFESSORA 04: Para mim, continua a ser o professor.

PROFESSORA 01: O professor.

PROFESSORA 05: Vai tudo, vai tudo dar ao professor.

MODERADOR: Muito bem. Não querendo, porque não quero, responder por vocês, vou tentar buscar um ou outro aspeto, que eu retenho...

C. Sim, sim. Ok, ok.

MODERADOR: ...daquilo que falámos que pode ajudar, ou não. Disseram que a liderança participa muito, está atenta ao que é necessário. Disseram que aprendem quando trabalham efetivamente com colegas, desde que não seja burocratizado e tal, tal. E terão dito outras coisas, que eu não estou aqui a sublinhar. Portanto, disso que efetivamente facilita, que a inovação chegue à sala de aula, produza efeitos concretos nas aprendizagens, o que é que vocês destacariam?

PROFESSORA 06: É preciso ver exemplos. É preciso ver exemplos de outras pessoas que já conseguiram concretizar algo, que tiveram sucesso.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: Acho que é importante.

MODERADOR: Portanto, os bons exemplos já realizados no próprio colégio?

PROFESSORA 06: Sim.

MODERADOR: Muito bem.

PROFESSORA 01: E eu acho que parte mesmo do professor. Eu acho que parte mesmo do professor, da, do querer fazer mais, do, da perceção real que ele tem da turma que tem pela frente, dos alunos. Porque aquilo que é inovação para a turma A, pode não ser inovação para a turma B. E nós temos, neste momento, alunos tão diferentes, tão diferentes nas vivências...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 01: ...que eu acho que é muito difícil nós dizermos assim: “Não, não, isto é inovação.” Quando na realidade se calhar não é. Ainda mais agora, no colégio pequeno, que tem tantos alunos vindos de fora. Sítios tão diferentes como o Chile, como o Brasil, como os Estados Unidos, e eu acho que nós temos muita dificuldade em definir o que é inovação. Mas tem que partir do, eu acho, continuo a achar, que tem de partir do professor. Tem de ser o professor a querer.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 01: Porque, e voltamos à questão da obrigatoriedade, eu acho que quem é obrigado não quer. Portanto, vai encontrar todas as razões, e muitas, válidas ou não, para não fazer.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 01: E...

MODERADOR: Então eu depreendo que um fator, são profissionais motivados para que os alunos, de facto, aprendam mais.

PROFESSORA 01: Sim, sim, sim.

MODERADOR: Porque quando colocam as coisas assim depreendo...

PROFESSORA 01: Sem dúvida.

MODERADOR: ...com, tentando traduzir, capacidade também de adequar ao contexto, não é o projeto por si, mas é o projeto para aquelas crianças, para aqueles jovens, para que eles aprendam. É um bocadinho este o sentido? Muito bem. Nuno, quer acrescentar aqui algum ponto?

PROFESSOR 03: Lá está, como na, na aula de Inglês, ou incluir, e não tenho esse trabalho de incluir novos projetos, portanto, também é difícil para mim avaliar o que é que...

MODERADOR: Muito bem. Sim, senhor. Muito bem.

(00.57.25)

MODERADOR: Agora, agora é o reverso desta pergunta. Quais os fatores que reconhecem como barreiras à inovação na sala de aula? Também já fomos falando.

PROFESSORA 06: O professor.

MODERADOR: O professor.

PROFESSORA 06: Volta a ser o professor.

MODERADOR: O professor, mas falaram aqui de várias outras.

PROFESSORA 04: Sim, sim.

MODERADOR: Nem vale a pena eu, se calhar, dizer aquele e aquele ponto. Mas que vocês assinalem este fator, aquele, aquele, são mesmo barreiras a que a inovação...

PROFESSORA 05: Eu, eu como não apliquei nenhum projeto, eu não sei se vou dizer uma asneira. Mas quando se faz um guião para aplicar um projeto, o guião é igual para todos os alunos. Ora isso para mim já é um entrave. Porque nós dentro de uma turma, como dizia a Bárbara, temos alunos muito diferentes, e que não aprendem todos da mesma maneira. E, portanto, se nós vamos dar o mesmo a todos, para fazerem todos igual, já estamos aqui, no fundo...

PROFESSORA 01: A fazer outra vez a mesma coisa.

PROFESSORA 04: ...a fazer a mesma coisa e...

PROFESSORA 01: Exatamente.

PROFESSORA 04: ...e de inovação vai ter muito pouco. Porque inovação era dar diferente...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 04: ...para que todos tenham oportunidades de chegar à aprendizagem.

MODERADOR: Muito bem. Mais algum aspeto, de barreira? Joana, está se a lembrar?

PROFESSORA 05: Eu acho, eu acho que o aspeto, as barreiras são um bocadinho aquilo que a Joana dizia há bocadinho, que era o facto de se calhar, se eu vou fazer inovação e se eu disser, então vou ter que registar e vai ficar tudo muito burocrático e vai-me dar muito trabalho esta parte e, portanto, eu vou aplicar esta inovação. Mas, lá está, isso quer dizer novamente que depende do professor que está em sala de aula, e se quer ou não aplicar a inovação.

MODERADOR: Muito bem.

PROFESSORA 05: E também a dificuldade de perceber o que é a inovação, uma vez que, aquilo que se diz que é a inovação, se calhar nós já a aplicávamos e, portanto, ficamos assim um bocadinho...

PROFESSORA 06: Eu acho que nós precisamos mesmo é da tal novidade, não é? Porque muitas coisas que falam aqui como inovação, nós não encaramos como inovação.

PROFESSORA 05: Sim.

PROFESSORA 06: Porque com professoras e professores com experiência, e passamos por todos os processos de estágios...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: ...e vimos aulas de professores que tinham mais experiência, e depois, e depois fomos trabalhando, fomos experimentando, e fomos tendo sucesso, e há coisas que nós dizemos que podemos fazer, outras não fazemos, não vamos fazer: Mas ainda assim, eu acho que há exemplos que andam por aí, pelo país fora...

PROFESSORA 05: Sim.

PROFESSORA 06: ...que eu gostava de conhecer, e aí sim, para mim isso é, eu preciso, quando eu falei há bocado, exemplos, por exemplo, quando fui à Escola da Ponte, gostei muito.

PROFESSORA 05: Sim.

PROFESSORA 06: Porque tem outro jeito diferente. Eu posso não conseguir, aqui no colégio implementar o projeto, exatamente igual, mas posso ir buscar algumas ideias à Escola da Ponte e fazer eu própria.

PROFESSORA 05: E fazeres tu própria. Claro.

PROFESSORA 06: Isso para mim é inovação. É, “Agora vamos, vamos pensar em sítios, em escolas, em colégios que estão a fazer de facto coisas muito diferentes fora da rotina diária...”

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: “...de um professor com experiência...”

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: “...faz.” E eu acho que é por aí que se deve. “Olha, aqui na escola X...” Pronto, e eu vou lá observar, vou lá, fui...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: ...e falei com a direção que me explicou a dinâmica, até falei com eles. Isto para mim trouxe-me aprendizagem. Pronto.

MODERADOR: Muito bem.

(01.00.20)

MODERADOR: Olhem, pensando agora, na aprendizagem dos vossos alunos que vivenciaram estas, estes projetos de inovação pedagógica, nestas três áreas, não é? Gestão Curricular, participação das crianças em Interioridade, o que é que vocês identificam como impactos na aprendizagem dos alunos? O que é que acham que, que mudou, que de facto vos ajudou a desenvolver determinadas competências, determinadas características, que impactos é que vocês percebem?

PROFESSORA 06: Eu vou falar no que fiz este ano. No meu caso, foi muito importante, para que os alunos tivessem uma participação mais ativa na sala de aula. Portanto, as minhas aulas não são, de todo, expositivas, mas às vezes são mais expositivas, e nestes trabalhos de projeto, houve muito lugar à participação do aluno, não é?

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: E, aqueles alunos, pronto, que não têm por estímulo participar por si próprios, acabam por... se calhar foram forçados, é verdade, mas eu acho que facilitam a, esta, a grande vantagem que eu vejo é a participação do aluno na sala de aula. E eu consegui trabalhar o mesmo conteúdo de uma forma mais estimulante, mais prática e com a participação do aluno...

PROFESSORA 05: Mais autónoma.

PROFESSORA 06: ...mais ativa e mais autónoma também.

MODERADOR: E sente que eles aprenderam?

PROFESSORA 06: E porque trabalharam também em grupo, não é? Não trabalharam isoladamente.

MODERADOR: E sente que eles aprenderam?

PROFESSORA 06: Aprenderam, e foi muito bom. E também foi ótimo depois complementar com uma disciplina que trouxe esse interesse diferente...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: ...para o projeto.

MODERADOR: Muito bem.

PROFESSORA 04: Eu acho, eu acho que estes projetos de inovação, em termos das aprendizagens das disciplinas podem às vezes não ter o efeito desejado. Mas em termos da, desenvolver competências do perfil, são muito mais importantes nesse sentido, do que propriamente nos conteúdos, digamos assim, da disciplina. Portanto, para chegar ali ao perfil, se calhar há dinâmicas que vão ajudar...

PROFESSORA 05: Sim.

PROFESSORA 04: ... não é? Embora ele possa não saber...

PROFESSORA 05: Aliás, para chegares mesmo ao perfil, tens mesmo de trabalhar algumas dinâmicas que trabalhas em...

PROFESSORA 04: Pronto, e eu acho que são importantes, até vejo a mais valia aí.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 05: Sim. Na questão da Interioridade, eu acho que foi muito importante para os alunos perceberem que há tempo para parar. Porque eu noto, sobretudo, porque eu dou Interioridade, eu acredito que seja muito diferente para os mais velhos, mas as aulas de Interioridade que dou é de quinto e sexto ano e é a surpresa com que eles encaram as aulas em que podemos parar. E afinal há tempo para isto, para fazer isto.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 05: E podemos discutir alguns assuntos, e podemos ser sensíveis ao outro. E ser empáticos para com o outro e a respeitar o próximo. Eu acho que isto é, a Interioridade é uma mais valia para chegarmos ao perfil...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 05: ...das irmãs Doroteias. Sem dúvida.

MODERADOR: Que bom. Bárbara, quer acrescentar alguma coisa?

PROFESSORA 01: Não, eu...

MODERADOR: Concorde com o que...?

PROFESSORA 01: Concorde com o que as colegas disseram. Acho que há uma parte que eu gosto particularmente, que eu acho que os alunos também gostam, que é ver a forma como as disciplinas se articulam. E isto é uma mais valia para eles. Eu estava a pensar concretamente num trabalho, num projeto que fizemos o ano passado com Inglês e Educação Visual, e este ano o "In the City" que até vão juntar Matemática, se não estou em erro, não é? Já não? Mas pronto.

PROFESSORA 05: Acho que não.

PROFESSORA 01: Pronto, eu não sei, eu não tenho quinto este ano, não é? Não, mas a forma como eles naturalmente conseguem, eu não sei explicar isto, a forma como eles veem que as disciplinas se articulam de forma natural, e que não é uma coisa artificial, para mim é uma mais valia, para eles. Era a única coisa que eu acho que acrescentava.

PROFESSORA 06: Deixa de estar segmentado.

C: Sim.

PROFESSORA 01: Sim, é isso.

PROFESSORA 06: É isso que eu acho que é importante.

PROFESSORA 01: E esta parte é importante. Também tenho, acho que também temos aqui uma coisa má, que é nem todos os alunos reagem tão bem assim aos projetos. Não é? Isto tem a ver com a zona de conforto de cada um, não é? Nós temos, nós temos muitos alunos formatados por determinada coisa, não é? Portanto, e eu tenho alunos, por exemplo, nas minhas turmas deste ano, que quando eu faço uma coisa que para ele é fora da caixa, a reação é automaticamente má. Portanto, eles ficam, e eu acho que isto é uma das coisas chatas dos projetos, mas que também temos, do outro lado, não é? Quando é uma aula mais expositiva, também temos alunos que não estão à vontade, que estão mais tensos, porque não gostam.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 04: Sim, sim. Mas eu acho que nós temos de preparar os alunos para a diversidade.

PROFESSORA 01: Exatamente. Eu acho que a grande questão é essa.

PROFESSORA 04: Não pode ser nem só uma coisa, nem só outra.

PROFESSORA 01: Sim, exatamente.

PROFESSORA 06: Sair da zona de conforto também é um desafio para o aluno, não é?

PROFESSORA 01: Para todos, que é importante...

PROFESSORA 04: Quer dizer, eles saem do colégio, não é?

PROFESSORA 01: Exatamente.

PROFESSORA 05: ...o ideal era eles estarem auto-situados, e escolherem como trabalhar em projeto, ou... percebem?

C: Sim, exatamente, exatamente.

PROFESSORA 04: E cada um encontrar ali o seu lugar...

PROFESSORA 01: Exatamente.

PROFESSORA 04: ... e zona de conforto para aprender.

MODERADOR: Muito bem.

(01.05.18)

MODERADOR: Olhem, e na aprendizagem dos professores? Que impacto é que identificam como resultado da inovação que tem sido feita, aqui no colégio? Se tem tido impacto na aprendizagem dos professores enquanto profissionais? Se lhes trouxe alguma coisa, e o quê?

PROFESSORA 05: Traz sempre, aprendemos sempre.

PROFESSORA 04: Eu acho que traz sempre.

PROFESSORA 01: Eu não sei como é que nós concretizamos isso, mas eu acho que, em palavras, não é? Eu acho que depois em termos de sala de aula com esta partilha que vamos tendo, com os projetos que vamos desenvolvendo, o que eu noto é que nós próprios provavelmente ficamos mais aptos para sair da nossa zona de conforto...

PROFESSORA 05: É isso, é isso.

PROFESSORA 01: ...para fazer outras coisas. Eu acho que se calhar essa é a maior aprendizagem, pelo menos para mim, não é? Porque eu também não estou à vontade em tudo e se calhar se vir que é possível, se fizer de forma diferente, se me propuserem e eu tentar, mesmo com as minhas limitações, eu acho que acaba por ter aspetos muito positivos, não é? Acabo por aprender que é possível, que consigo, que...

MODERADOR: Muito bem. Joana quer acrescentar...

PROFESSORA 04: Aprender e ir melhorando.

MODERADOR: ...alguma coisa?

PROFESSORA 06: Não, eu diria o que elas, o que as colegas estão a dizer, não é? Pronto. E acho que nos está a obrigar um bocado a pensar no grupo turma, como ensinar de uma forma diferente e como chegar... Mas depois claro, encontramos essas limitações que a Isabel disse há bocado. Esses projetos, é muito difícil chegar ao aluno individualmente, não é? Quando falamos, quando fazemos esses...

PROFESSORA 04: Isso é sempre...

PROFESSORA 06: ...projetos.

PROFESSORA 04: ...difícil, nós temos vinte e tal miúdos diferentes.

PROFESSORA 06: Isso é sempre difícil, mas na verdade tudo isto também nos tem desafiado nesse sentido, não é?

MODERADOR: Hm, hm. Muito bem.

PROFESSORA 06: Pensarmos em como fazer as coisas da melhor forma.

MODERADOR: Joana, ia dizer alguma coisa, outra coisa?

PROFESSORA 05: Não, ia dizer isso que nós vamos aprendendo e vamos melhorando.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 05: Cada vez que vamos implementando, vemos que afinal somos capazes, estamos mais à vontade e também vamos melhorando.

MODERADOR: Muito bem.

PROFESSORA 01: Vamos fazendo, sim.

MODERADOR: Muito bem, vamos sim, senhora.

(01.07.02)

MODERADOR: E agora ao nível da escola. Sentem que a escola também aprendeu?

PROFESSORA 05: Acho que sim.

MODERADOR: Se houve debates, o que é que a escola terá aprendido? Com os erros cometidos, mas também com coisas boas, que vocês sintam, que organizacionalmente, tenha levado aqui uma volta, nalgum aspeto?

PROFESSORA 05: Sim, eu acho que já é uma dinâmica que está interiorizada. Eu acho que não nos apercebemos, mas vamos interiorizando estas dinâmicas, não é? E claro que há uma mudança. Agora, se é significativa?

PROFESSORA 01: Eu não conheço muito o antes, para falar, por isso, acho que a escola, como um todo tem aprendido, tem, tem.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 01: Agora também não consigo concretizar, não é? É difícil.

PROFESSORA 05: Sim.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 04: Eu acho que, que o corpo docente do Colégio da Paz, eu como já fui professora de acumulação durante alguns anos, e sentia assim esta diferença, eu achava que era um corpo docente muito resistente. Sempre que era dito qualquer coisa de inovação: "Ai, não, mas para quê? Está a correr tudo tão bem, para que é que vamos mudar?" Só que depois, toda a gente faz e toda a gente tenta fazer melhor. Eu acho que isso define um bocadinho o colégio. Sim.

MODERADOR: Nuno, consegue perceber?

PROFESSOR 03: Não, lá está, eu também ainda estou cá...

MODERADOR: Chegou cá há pouco tempo?

PROFESSOR 03: Cheguei aqui em setembro.

MODERADOR: Muito bem.

PROFESSOR 03: Portanto, também não sei...

MODERADOR: Sente, mas sente algum vento de mudança? Sente...

PROFESSOR 03: Sim, aquilo que eu vejo, sem dúvida, é que se faz coisas no colégio, que onde eu andei anteriormente, não se fazia, e há projetos novos. Por isso sim, a ideia de inovação está cá, e se eu consegui perceber, claramente que existe uma inovação, quando comparado com algumas outras escolas que eu conheço. Portanto, admito que haja inovação. Quanto no, lá está, não tenho a comparação...

MODERADOR: Com antes.

PROFESSOR 03: ...com o antes, exatamente.

MODERADOR: Muito bem.

PROFESSORA 05: Eu acho que esta resistência... desculpa.

PROFESSORA 04: Mas eu acho que agora vou atrás, eu vou atrás um bocadinho. Há aqui, há inovação, é um facto, e as pessoas resistem, mas depois fazem. Mas agora volto lá a trás, à pergunta sobre a direção, mas o motor é a Dra. Maria.

PROFESSORA 05: Sim.

PROFESSORA 04: A Dra. Maria leva-nos a todos, não é? A fazer. Nós quando damos conta, já está toda a gente integrada, toda a gente até aí a resmungar. "Não sei quê." Mas toda a gente está a fazer."

PROFESSORA 06: Exatamente.

PROFESSORA 04: É o motor, é o motor do Colégio da Paz.

PROFESSORA 05: Acho que há resistência a sair, a sair da zona de conforto. É tudo na minha zona de conforto, e então há alguns anos, quando estávamos em acumulação, o corpo docente ainda era... não é? E, portanto, vai entrando gente mais nova e, se calhar, estamos, vamos estando um bocadinho mais abertos a essa inovação. Mas de facto, nós quando nos habituamos muito e temos uma zona de conforto, custa, custa um bocadinho a sair...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 05: ...daquilo que nós já achamos que está a correr bem. Porque muitas vezes estamos numa zona de conforto, mas temos consciência de que não está a correr tudo bem, mas há outras questões, que temos consciência...

PROFESSORA 01: Sim, que...

PROFESSORA 05: ...que está a correr muito bem.

PROFESSORA 01: Sim.

PROFESSORA 05: E, portanto, somos um bocadinho mais resistentes a sair...

MODERADOR: Hm, hm. Muito bem. Olhem...

PROFESSORA 05: Mas acho que no fundo, nós estamos aqui todos, eu não sei, eu sinto mesmo isso, profundamente, que estamos aqui todos para o bem dos alunos.

PROFESSORA 01: Isso, isso.

PROFESSORA 05: Para o bem individual de cada aluno.

PROFESSORA 01: Hm, hm.

PROFESSORA 05: Isso eu acho que acabamos por fazer, mesmo que a Dra. Maria seja o motor, eu acho que nós pensamos individualmente em cada aluno. Claro que se calhar é difícil dentro da sala de aula pôr em prática para cada um deles, mas não deixa de estar no nosso pensamento fazer melhor para cada um. Pelo menos é o que eu penso no dia a dia. Pronto.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 05: Mas há dias felizes e dias em que não corre tão bem.

MODERADOR: Muito bem.

PROFESSORA 04: Faz parte.

PROFESSORA 05: Claro.

(01.10.50)

MODERADOR: Olhem, tenho aqui uma pergunta que é assim um bocadinho pergunta final, mas gostava mesmo de vos ouvir a todos. Portanto, oxalá esta discussão também vos tenha ajudado a pensar, não é? Nestas questões, e eu, agora é mesmo uma pergunta, não tanto sobre o que é que veem nos professores, mas mesmo da vossa própria experiência: E se sentem que a vossa experiência profissional como professores... se podem dizer que mudou, por estarem envolvidos nestas dinâmicas. Se mudou em que sentidos, e se acham que melhorou, ou não. Como é óbvio, nesta como em todas as perguntas, não há respostas certas nem erradas, não é?

PROFESSORA 06: Claro.

MODERADOR: É mesmo aquilo que vocês sentem que é importante.

PROFESSORA 04: Aquilo que eu posso falar por mim, eu acho que em mim pouco impacto teve, vou ser muito sincera. Eu sempre fui uma pessoa muito curiosa e sempre gostei muito de aprender, e gosto. Não gosto é de perder tempo, fazer-me perder tempo aí é que não dá. Mas gosto, gosto de participar em formações, e tento sempre a nível profissional, ter, estar sempre atualizada. E, portanto, eu acho que estes projetos e esta inovação que existe no colégio faz parte de um processo, que eu acho que mesmo que não existisse, dentro da minha sala de aula, não é? Ali dentro do meu paralelepípedo, eu acho que não iria ser muito diferente.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 01: Faço...

PROFESSORA 04: Sim.

PROFESSORA 01: ...minhas as tuas palavras. Porque é um bocadinho isto. Eu sempre fui como a Isabel. Eu acabei o meu curso e tive necessidade de mais. Até porque eu sou de terceiro ciclo e secundário e comecei com primeiro ciclo. Portanto, eu tinha que fazer formação. E o bichinho ficou, portanto, todos os anos faço e acho que não seria diferente, mesmo que não houvesse aqui este, este projeto de inovação. Acho que é isso.

PROFESSORA 04: Eu até ia acrescentar aqui uma coisa. Uma das coisas, quando eu vim trabalhar para o colégio a tempo inteiro, que eu era professora de acumulação, de 2008 a 2012 fui professora de acumulação, a partir de 2012 fiquei a tempo inteiro no colégio. E senti, ali nos dois, três primeiros anos em que estava cá a tempo inteiro, senti que, como é um grupo muito pequeno de professores, porque é uma escola pequena, senti-me quase, vou dizer assim, a atrofiar. Porque faltava-me o contacto, eu também como andava sempre a saltar de escola em escola, e passamos por escolas boas, escolas que se calhar não nos identificamos tanto, mas isto dá-nos experiência, para o bem ou para o mal. E quando ficamos muito tempo a trabalhar no mesmo sítio, com as mesmas pessoas, acabamos por ficar ali um bocadinho viciados. E, portanto, eu senti muitas vezes, e a Joana é das pessoas com quem eu vou falando e partilhava muito isto...

PROFESSORA 05: Sim, sim, sim.

PROFESSORA 04: ...ela é testemunha, que sentia muita falta de coisas diferentes, vindas de fora, de ideias diferentes. Portanto, tudo isto da inovação, se calhar é uma mais valia para o colégio, se calhar não. É, é, sem dúvida uma mais valia para o colégio e trouxe também, se calhar, partilhas com outros centros educativos, que é muito positivo, que se calhar até se podia fazer muito mais. E eu até vou dizer uma coisa, se calhar até em termos, por exemplo, de grupos disciplinares, o que é que Viseu faz na Matemática...

PROFESSORA 05: Sim.

PROFESSORA 04: ...o que é que as Calvanas fazem na Matemática, o que é que nós estamos a fazer. Se calhar, esta, esta partilha, esta troca de experiências de grupos diferentes, de centros diferentes podia ser assim muito enriquecedora.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 05: Sim.

PROFESSORA 04: Mas isto é o começo, não é? Pronto.

PROFESSORA 05: Isso.

PROFESSORA 04: Eu acredito que..., mas isto só para explicar que, que esta necessidade de ver coisas diferentes. E quando eu vou a formações que estão pessoas de escolas, e agora as online são maravilhosas porque vem um de cada ponto do país, não é? Portanto, é uma partilha muito mais enriquecedora, realmente é assim uma lufadinha de ar fresco, nós ouvimos. Nem que seja para dizer: "Caramba, não estamos assim tão mal." Não é?

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 05: Isso. Eu por acaso, na oficina de participação das crianças, nós tivemos a oportunidade de ir visitar a Escola da Ponte, mas na oficina de Interioridade eu tive a oportunidade também de ir às Calvanas assistir a aulas de Interioridade. E realmente, eu acho que isso, embora tivesse pavor que fossem assistir às minhas aulas de Interioridade, porque a minha formação é Matemática e eu fico sempre muito insegura. E

embora esteja muito à vontade com os alunos, pronto, assistirem às aulas de Interioridade era assim bem mais complicado. Mas acho que é mais, mesmo uma mais valia. E faz-nos refletir e faz-nos pensar realmente que nós... E eu lembro-me perfeitamente quando fui assistir às aulas de Interioridade, e eu ia sempre, como a minha área de formação é Matemática, e depois as ciências, é uma ciência muito concreta e específica, para mim a Interioridade era uma coisa que saía mesmo da minha zona de conforto. E a Dra. Maria e a direção era, foi falado várias vezes. E, e eu saí de lá a pensar: “Realmente eu não faço as coisas tão diferentes, e não chego aos miúdos de forma tão diferente, como, como aqui se chega.”

PROFESSORA 04: O perfil.

PROFESSORA 05: Sim. Portanto. O perfil, sim. Mas, mas acho que nem que nós não consigamos enumerar exatamente o que é que nós estamos a mudar, dentro de nós há mudança. Sim.

PROFESSORA 04: Claro que sim.

MODERADOR: Muito bem. Joana, quer acrescentar?

PROFESSORA 06: Não, muitos dos pontos que elas foram dizendo, eu também já tive a oportunidade de falar.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: Acho que sim, acho que, eu já trabalhei noutros sítios. Aliás, até este ano trabalhava em acumulação, no ensino privado, em ensino privado. E, e noto que aqui há muito essa sensibilidade, essa sensibilização de tentarmos inovar e de refletirmos na nossa prática pedagógica.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: Que não há tanto noutros centros. E a preocupação com a formação dos professores e, principalmente no ensino privado, isso às vezes é muito descurado, pronto. Bem como noutras... Para responder à pergunta que o Pedro fez eu teria que pensar na minha experiência profissional. E no que tem respeito a isso, de facto, acho que aqui o colégio está no bom caminho.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: Portanto, procura procurar reflexão, e isso é importante, não é? Procura desafiar-nos, e isso é... Porque na verdade falava um bocado de ser voluntário, o ser voluntário é claro que é importante, mas às vezes há parte, que se for tudo voluntário, nós nem sempre... não fazemos, não é? Nem sempre fazemos, pronto.

MODERADOR: Claro.

PROFESSORA 06: E por isso, esse espicaçar da direção também tem que existir e, portanto, eu acho que a pergunta era se sentimos que, mas também já me perdi. Mas acho que era isso, não é?

MODERADOR: Se sentem que mudaram, não é? Se sentem que houve...

PROFESSORA 06: Ah, sim.

MODERADOR: ...mudança em vós, profissionalmente?

PROFESSORA 06: Sim, sim. Mas principalmente aquilo, o que é mais importante aqui reter é, é preciso é que nós realmente consigamos assistir a outros exemplos que nos façam refletir...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 06: ...e melhorar também. Isso é, isso aí é que é importante.

MODERADOR: Que bom, que bom.

PROFESSORA 05: É como os miúdos, é tudo pelo exemplo, não é?

PROFESSORA 06: É, é.

PROFESSORA 05: É um bocadinho por aí, não é?

MODERADOR: É isso. Nuno? Quer acrescentar?

PROFESSOR 03: Sim, lá está, a minha experiência também profissional não é tão grande quanto isso, eu apenas comecei a lecionar em setembro. E por isso, sim. E aquilo que eu aprendi de setembro até aqui é muito grande. Mesmo pela observação dos meus colegas, mesmo pelo... E isso foi inculcido também pelo colégio, que me obrigou, também porque eu quis ser melhor, e corresponder àquilo que o colégio exigia, e procurei também evoluir nesse sentido. Não, porque eu não estou, lá está como eu já referi, tanto por dentro desses projetos, do MAS, da Bússola 21, mas numa, numa perspetiva de evolução pessoal, sim. O colégio, como tem, é exigente naquilo que busca como professor, fez também com que eu quisesse seguir esses exemplos dos outros professores, e também evoluir, eu próprio também evoluir, desde setembro até aqui.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 03: E sinto que também evolui bastante neste curto período de tempo. Lá está, como primeira experiência profissional.

PROFESSORA 04: Aterra onde foste ter.

MODERADOR: Muito bem.

PROFESSORA 05: Sim, mas eu acho que isto sempre foi, agora temos estas oficinas de inovação pedagógica, mas eu acho que, e por parte da direção, eu sempre senti, desde que aqui entrei, que querem tirar de nós o que nós temos de melhor. E dar, e dar-nos o máximo e fazer-nos crescer, pronto.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 05: E que, acho que nos ajuda muitas vezes. É assim, custa ouvirmos algumas coisas, mas faz-nos crescer, e pensar, e refletir.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 05: Mas acho que querem tirar de nós o máximo para nós transmitirmos o nosso máximo também aos alunos.

MODERADOR: Muito bem.

(01.19.46)

MODERADOR: Olhem, antes dos agradecimentos. Só se sentem que há alguma coisa que possa ser relevante acrescentarem, que eu não tenha perguntado. Não tem que ser, mas têm aqui o espaço também para, ou acrescentar alguma coisa, ou referir. Muito bem.

PROFESSORA 05: Acho que a inovação pedagógica depende do professor, e acho que começa sobretudo em grupo disciplinar, e depois, alargar.

MODERADOR: Hm, hm. Muito bem. Olhem, para mim foi, eu só posso por assim, porque é a verdade, um privilégio estar aqui a discutir isto convosco, foi muitíssimo bom.

PROFESSORA 06: Obrigada.

MODERADOR: E, portanto, agradeço-vos muito.

PROFESSORA 04: Nós também agradecemos, também nos fez refletir.

PROFESSORA 01: Também faz-nos bem.

C: Obrigada nós.

MODERADOR: É um material riquíssimo, riquíssimo.

PROFESSORA 06: Houve perguntas que fez, que a primeira coisa que me apareceu foi um ponto de interrogação à frente.

MODERADOR: Muito bem. E a analisar por esta amostra, o colégio está aqui muito bem servido também por vós. Muito, muito obrigado. Está bem?

C: Obrigado.

[FGP4 – Focus-Group com Professores]

(00.00.00)

MODERADOR: Então, muito bom dia.

C: Bom dia.

MODERADOR: Muito obrigado a todos. Para alguém que não saiba, eu estou a fazer o doutoramento e o estudo, o objeto de estudo é exatamente a inovação educacional que tem sido feita no colégio. E compreendê-la a partir dos seus protagonistas, não é? Dos alunos, dos professores, também da diretora, também percebendo as dinâmicas e as interações que vão acontecendo. E este focus grupo é o segundo que eu estou a realizar com docentes. Enquanto o primeiro foi, tentei perceber várias dimensões, trabalho colaborativo, várias, várias dimensões, este deixei apenas e só para a participação dos alunos. O envolvimento dos alunos na inovação que vai sendo feita. Em que medida é que eles vão participando, se há diferenças, como é que os adultos também percebem essa evolução? O que era importante aqui e o importante no focus grupo? No focus grupo espera-se que haja mesmo discussão, quer dizer, a beleza não é estar aqui a fazer uma entrevista individual a cada um ou a cada uma, mas é mesmo que as questões suscitem aqui alguma discussão, alguma partilha, e que da interação entre todos se possam ir lembrando de outras coisas e ir pondo em, um bocadinho em cima da mesa. O que é que é importante? Que seja uma partilha muito, muito livre. Muito daquilo que cada um pensa e sente. Todos os dados que aqui estão vão ser anónimos, portanto, não é a pessoa A ou a pessoa B que vai dizer o que quer que seja. E mesmo nomes que possam surgir, mesmo em contexto de apresentação de dados, depois são sempre nomes fictícios. Pedia-vos mesmo muito esse, esse à vontade dessa, dessa partilha muito muito livre, que é o que tem acontecido, e tem sido também uma riqueza. Alguma dúvida que tenham?

C: Não.

MODERADOR: Podemos começar? Muito bem. O guiãozinho para ver se eu não me perco. E a primeira questão tem que ver se foram criados materiais de apoio à inovação neste domínio da participação dos alunos, e de entre eles, quais são aqueles que os professores mobilizam quotidianamente como referenciais de trabalho? Neste âmbito da participação. O que é que os professores, para preparar o seu dia a dia de trabalho, nas suas ações usam como referenciais desta área de inovação, da participação dos alunos?

PROFESSORA 07: Como instrumentos, é isso?

MODERADOR: Como instrumentos de referência, não é?

PROFESSORA 07: Isso...

MODERADOR: Queremos que os alunos desenvolvam isto e aquilo...

PROFESSORA 07: Sim, normalmente usamos guiões. Nós fazemos guiões de trabalho, não é? Que nos orientam a nós e aos alunos, não é?

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 07: Que a partir daí nós temos a planificação, também que pretendemos para a execução e para a avaliação...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 07: ...daquilo que nós propomos fazer.

MODERADOR: Muito bem.

PROFESSORA 07: E os alunos andam com os guiões durante todo o projeto.

PROFESSORA 12: Sim, isso no âmbito dos projetos.

PROFESSORA 07: Isso.

PROFESSORA 12: Porque a participação...

PROFESSORA 07: Na participação dos alunos, sim.

PROFESSORA 12: ...pode ser mais alargada. Eu penso, por exemplo, no âmbito do Português, nós usamos como referencial o documento das aprendizagens. E há algumas obras que são propostas para serem trabalhadas, e às, por exemplo, não é sempre, com os alunos mais novos não há muita abertura para discutirmos que obra é que vamos trabalhar, nós escolhemos e trabalhamos com eles. Mas às vezes, no caso dos alunos mais velhos, nós dizemos quais são as obras que são propostas para aquele ano, e eles escolhem qual é que querem trabalhar. No caso dos mais novos, escolhemos nós e depois quando temos alguma disponibilidade de tempo, o que costumamos fazer é ler-lhes as outras obras. Não são trabalhadas em aula, mas são lhes lidas e eles ficam com conhecimento sobre elas, e são lhes propostas como leituras adicionais que eles podem utilizar para as fichas de leitura que têm que fazer.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 12: Pronto.

MODERADOR: E a propósito disso que acabou de dizer, eles participam na escolha da obra...

PROFESSORA 12: Sim.

MODERADOR: ...mas participam também no modo como a obra é trabalhada, de entre várias opções, por exemplo?

PROFESSORA 12: Não, normalmente seguimos os guiões que são propostos até pelo manual, por uma questão até de praticidade. Porque é o que está disponível para todos e então é mais fácil. Depois, às vezes, o que temos são trabalhos de grupo em que aí sim, eles podem estruturar como é que querem apresentar a parte deles.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 12: Por exemplo, no sétimo ano, nós tivemos a trabalhar *A história de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar*, e a última tarefa, que foi feita em pequenos grupos, foi preparar uma apresentação oral sobre o tema que eles achavam que era mais relevante dentro da obra.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 12: E cada grupo agora é que vai decidir como é que vai apresentar.

MODERADOR: Muito bem.

(00.05.11)

MODERADOR: E nos projetos previamente ditos de participação das crianças?

PROFESSORA 07: Temos a assembleia de alunos, também, não é?

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 07: Que além do guião que fomos pondo em ordem de trabalhos da mesa, permite facilitar a condução dos trabalhos à mesa que são alunos...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 07: ...que lá estão representados. Temos o regimento, também, que regula tanto que apresenta, é um regulamento na verdade...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 07: ...é para todos os alunos quer estejam na mesa da assembleia...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 07: ...ou participem como...

MODERADOR: E o que se basearam para construir esse regimento, há algum referencial da rede? Que tenha sido construído?

PROFESSORA 07: Por acaso não. Isto, é assim, no colégio também temos o programa de parlamento de jovens. Todos os outros anos eles participam voluntariamente e aliás este ano voltam a participar porque foram eles que pediram. Se não nem sequer iríamos desenvolver por questões de tempo, da minha parte. Mas, foi baseado no regimento parlamento dos jovens e depois ajustado à nossa realidade.

MODERADOR: Hm, hm. Então, podem-me ir interrompendo, se tiverem alguma questão. Podem-me ir interrompendo.

PROFESSORA 11: Eu estava-me a lembrar a propósito das assembleias de turma, por exemplo, a Márcia tinha-me falado que ia haver para eu hoje avisar, e eu senti necessidade, isto mesmo para estimular participação reflexiva e pensarem o que é que ia ser mesmo necessário. Perceber melhor também com a Márcia o que é que era suposto e depois na Formação Cívica, não só os mobilizei e entusiasmei para a participação que era esperada deles, mas lançámos ali discussão sobre o que é que podia ser propostas, mais para eles refletirem...

PROFESSORA 07: Hm, hm.

PROFESSORA 11: ...para eles ficarem a falar sobre isso...

PROFESSORA 07: Para se preparar.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 11: ...para se prepararem, para não ser só um ir para lá e na hora ter que pensar, mas já ficarem...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 11: ...de uma semana para a outra, com as ideias a fervilhar...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 11: ...para depois participar.

PROFESSORA 12: Hm, hm.

PROFESSORA 11: E eu depois ainda estive lá a acompanhar e, pronto e foi interessante.

PROFESSORA 12: Resultou.

PROFESSORA 11: Resultou.

PROFESSORA 12: Esse, esse grupo do sétimo ano também é um grupo que tem umas características muito particulares, porque tenho ali alguns alunos que são muito autónomos e que têm muito o espírito de iniciativa.

PROFESSORA 11: É verdade.

PROFESSORA 12: E eles, por eles, já querem trabalhar, querem fazer projetos, porque estes miúdos que estão agora no sétimo, no ano passado quando estavam no sexto, alguns deles já eram meus alunos e eles quiseram...

PROFESSOR 09: Aquelas saias e tudo.

PROFESSORA 12: ...quiseram fazer aquele trabalho das mulheres incríveis, que eles fizeram um projeto...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 12: ...que partiu deles.

PROFESSORA 11: Deles. Hm, hm.

PROFESSORA 12: A Leonor tinha lido...

PROFESSORA 11: Sim, sim.

PROFESSORA 12: ... um livro, das *50 mulheres que mudaram o mundo*, e mandou-me um email a perguntar se podia fazer a ficha de leitura sobre esse livro, apesar de ser um bocadinho diferente, e eu disse-lhe que sim, e ela disse que tinha ficado muito entusiasmada. E depois quando falou na turma, todos acharam que era muito interessante e partiram ali daquele livro para ir por iniciativa, cada um. E vários fizeram mais do que uma mulher, porque eu fiquei com um conjunto de cerca de 50 mulheres e eles eram só vinte e poucos. E eles foram investigar mulheres em diversas áreas que achavam que tinham sido importantes para mudar o mundo e fizeram uma biografia com dados que achavam que eram relevantes, que teve que ser reduzida a cerca de dois diapositivos por aluno.

PROFESSORA 11: Hm, hm.

PROFESSORA 12: E no final fizemos um PowerPoint e um vídeo...

PROFESSORA 11: Hm, hm.

PROFESSORA 12: ...com a participação de todos.

PROFESSORA 11: Sim.

PROFESSORA 12: Eles na verdade é que me deram trabalho a mim. Mas pronto.

PROFESSORA 11: Sim, sim.

PROFESSORA 12: Pois porque eles depois mandaram-me todos os PowerPoints que tinham feito e eu pronto...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 12: ...além de ter corrigido o trabalho, também compilei...

PROFESSORA 11: Claro.

PROFESSORA 12: ...depois estruturamos, pensamos como é que era a melhor maneira de organizar. Portanto, ainda tirei um bocadito das aulas de Português para os ajudar, porque organizamos cronologicamente, pensamos em várias formas como é que íamos fazer, se era por áreas, se era cronologicamente, eles depois acharam que cronologicamente fazia mais sentido, e fizemos depois o vídeo. Como ficou um bocadinho grande depois não partilhámos...

PROFESSORA 11: Isso.

PROFESSORA 12: ...com o resto das pessoas, mas todos ficaram com...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 12: ...eles, pronto o trabalho está feito.

PROFESSORA 11: Exato, sim, sim.

MODERADOR: Muito bem.

PROFESSORA 12: Partiu deles.

(00.09.31)

MODERADOR: Olhem, então, o perfil dos alunos dos centros educativos das irmãs Doroteias, que papel tem ou pode ter? E o guia da participação das crianças e jovens que também foram criados pela rede. São documentos que, sobre os quais se debruçam?

PROFESSORA 12: Não.

PROFESSORA 08: Eu por acaso, era isso que eu ia dizer.

PROFESSORA 12: Para ser sincera não.

PROFESSORA 08: Sendo diretora de turma do ensino secundário, a participação dos alunos é muito por, por atividade pontual.

PROFESSORA 12: Sim.

PROFESSORA 08: Eu não vejo assim um guião. O que é que eles fizeram assim espontaneamente, que partiu deles? Na altura de Natal quiseram-se juntar espontaneamente para dar um presente solidário. Quando eu disse: “Vamos pensar numa estratégia.” Só lancei o mote. E eles reuniram, juntaram dinheiro, viram o que é que os miúdos queriam, compraram as prendas, e fizeram isso. E veio muito espontaneamente a partir deles.

PROFESSORA 12: Sim e queriam fazer uma visita também a uma instituição, mas depois com a pandemia não conseguimos.

PROFESSORA 08: Foi. A instituição que eles estão a apadrinhar, é verdade, também.

PROFESSORA 12: Sim, eles estão a apadrinhar uma instituição.

PROFESSORA 08: E uma vez que a participação deles é feita todos, é mensal, contribuem com 1,50€ para comprar azeite, ou não sei quê, também pensei: “Olhem vamos pensar só numa estratégia de conseguir angariar esse dinheiro sem precisar de, não é? Envolvê-los.” E eles falaram de fazer uma feira de minerais, porque...

PROFESSORA 12: Hm, hm.

PROFESSORA 08: ...alguém tinha assistido numa escola, ou o irmão tinha tido uma feira de minerais. “Ah, olha, boa ideia. Vamos mobilizar isso. Ver como é que...” Eles próprios constroem, não está organizado num guião nem numa grelha...

PROFESSORA 12: Pois.

PROFESSORA 08: Eles fazem uma escala, os intervalos, é feita à mão num papel, põe o nome, passam entre eles, cada um assina, e... o intervalo em que vai estar a vender os minerais...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 08: Angariam o dinheiro, pronto, até ao final de junho já ninguém precisa de dar 1,50€ porque reunimos o dinheiro. É um bocadinho assim, é muito espontâneo e é a partir deles.

PROFESSORA 12: É muito espontâneo. É.

PROFESSORA 08: Esta participação das crianças é muito difícil, eu sinto isso.

PROFESSORA 12: Regular, não é?

PROFESSORA 08: Porquê? Porque naturalmente nós interferimos muito pouco, por isso a coisa é muito...

PROFESSORA 12: E parte muito deles, também.

PROFESSORA 11: Eu acho que eles, basta-lhes ter diante um motivo, digamos assim, de uma proposta eles começam, começam a surgir ideias.

PROFESSORA 08: Sim, têm muito mais ideias do que nós. Isso sem dúvida.

PROFESSOR 09: Ai, sem dúvida alguma.

PROFESSORA 11: Sabem o que é numa aula de Formação Cívica, quando estávamos a lançar o Projeto de Turma e a ver a instituição que as Sementes da Paz nos tinham confiado, e pronto, e eles, colocá-los primeiro a conhecer. E chamei uma responsável da instituição a vir cá, a dar-nos a conhecer a instituição, o que é que eram as necessidades que tinham, pronto, para eles também se enquadrarem. E depois era o tempo de discussão entre eles, o que é que se podia fazer ou não. E ficaram a pensar se queriam ou não queriam abraçar este projeto...

PROFESSORA 12: Assumir o compromisso.

PROFESSORA 11: ...se achavam que não era para eles e podia ser outro. E fiz questão, eles queriam logo dizer ali que sim, e eu disse: “Não, ficamos para a semana, decidimos mesmo.” Que era para sentirem que tinham tempo e que a decisão era deles, não era imposta. Mas, achei muita graça que, e depois na altura até partilhei com a Susana...

PROFESSORA 10: Hm, hm.

PROFESSORA 11: ...que, que espontaneamente quando começámos depois: “Muito bem, assumimos este projeto, o que é que podemos fazer, de que formas? Que respostas é que vamos dar” E eles, eles próprios é que davam: “Estas respostas agora têm que ser para o imediato, portanto, até dezembro queremos dar respostas a nível de alimentação, que se possa depois construir uns kits para estes, estes, estes migrantes que estão a ter formação na Seiva, para poderem, pronto, para ser um kit para eles, para o Natal, comprar um cabaz de Natal, nós contribuimos para esse cabaz de Natal. Depois, a seguir, entram as roupas.” Porque entretanto, estamos no inverno e eles precisam. Mas eles a dizerem, e uma aluna diz assim: “Vamos fazer um plano de intervenção cultural.” E eu pensei: “Uh, traduz isso.” “Porque dentro da nossa turma temos gente que dança, temos gente que toca, temos gente que tem diferentes capacidades e dons, e podemos também fazer alguma coisa em que nós partilhamos com eles...”

PROFESSORA 10: E que fazemos.

PROFESSORA 11: “...e que é só mesmo para lhes dar, para lhes oferecer um gosto.” E entretanto esteve quase para acontecer, porque eles supostamente viriam...

PROFESSORA 10: Pois.

PROFESSORA 11: ...para receber os diplomas de final de uma etapa de formação, pensou-se em ser cá no colégio, mas entretanto...

PROFESSORA 10: Covid?

PROFESSORA 11: ...sim e, os de trâmites de IFP e essas coisas todas, os documentos ainda não estavam todos tratados, e portanto, teve que se atrasar essa entrega, mas para essa entrega já se estava a pensar ou um momento ali musical, ou...

PROFESSORA 10: Um sarau?

PROFESSORA 11: ...ou um, declamar um poema e ao início como era quase assim de uma semana para outra, era quase querer mobilizar aquilo que era proposta deles, mas com o curto tempo, o possível, e na altura até falei com a professora de Expressão Dramática se era possível e ela dizia-me: “Bem, podemos escolher um poema, alguma coisa simples, eu escolho.”

PROFESSORA 10: Sim, ela até já tinha falado comigo, certo.

PROFESSORA 11: Mas era assim, de uma semana para...

PROFESSORA 10: Mas nós fizemos muito assim...

PROFESSORA 12: Pois é.

PROFESSORA 10: ...era muito no improvisado.

C: É. É verdade.

PROFESSORA 12: A ideia surge deles e nós vamos dando resposta àquilo que eles nos pedem. Não é uma coisa muito formalizada, não vamos, eu tenho, a minha turma também não é uma turma problemática. E eles são miúdos muito curiosos, então nas aulas de Formação Cívica, este ano até tem sido menos porque como temos de 15 em 15 dias não é, não tem tanta periodicidade, mas, o que eles me propõe sempre é, como nós não temos problemas, então podemos abordar temas que são do nosso interesse. Então eles fazem trabalhos. Por exemplo, o ano passado cada aluno fez um trabalho para apresentar um deus grego. Então foram apresentados, houve aí...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 12: 21 deuses gregos que cada um foi investigar. Nós numa aula, eu abri lá o Google: “Ah, vou abrir o Google aqui para vocês escolherem.” E eles escolheram: “Ah, eu posso ficar com este, eu posso ficar com este.” E prepararam as apresentações e depois apresentaram, pronto...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 12: ...vamos pondo depois, afixamos na sala, temos um espaço, também são eles, por exemplo, no caso da minha turma, que escolhem como é que nós vamos...

PROFESSOR 09: Distribuir.

PROFESSORA 12: ...ter os espaços da sala. Eles têm uma zona que é a galeria de arte, que é onde eles põe os trabalhos de Educação Visual, ou então alguns trabalhos que fazem autonomamente, os que gostam de desenhar. Temos uma zona que é notícias do mundo em que eles vão escolhendo notícias dos jornais que acham que são interessantes.

MODERADOR: Eles participaram nesses...

PROFESSORA 12: Foram eles que escolheram.

MODERADOR: ...na definição dessas áreas?

PROFESSORA 12: Sim, foram eles que escolheram as áreas e os títulos. As notícias do mundo foram eles que escolheram, a galeria de arte também, temos uma zona que é o cantinho de oração, que eles põe lá umas orações...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 12: ...que vão trazendo e vão pondo lá. E têm outra zona qualquer que eu já não me lembro qual é. Formação Cívica...

PROFESSORA 07: Mas eles sabem, de certeza.

PROFESSORA 12: Eles sabem.

PROFESSORA 07: Eles é que organizam o espaço.

PROFESSORA 12: É eles organizam e depois, à medida que vão fazendo esses trabalhos, vão afixando lá o que vão apresentando.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 12: Este ano, por exemplo, para dar continuidade, como já tínhamos feito os Lusíadas: “Professora, este ano podemos fazer de mitologia e lendas?” “Podemos.” Então eles escolhem...

PROFESSORA 08: É engraçado porque depois eles arrastam outros que se calhar não estão tão envolvidos...

PROFESSORA 12: É isso.

PROFESSORA 08: ...e que se não querem...

PROFESSORA 12: É isso.

PROFESSORA 08: ...participar tanto. Porque eu percebi isso também nas atividades de Formação Cívica, como diretora de turma de décimo ano. Eu percebi que há sempre miúdos que estão menos envolvidos, mas depois...

PROFESSORA 12: Vão por arrasto.

PROFESSORA 08: ...sentem-se constrangidos...

PROFESSORA 12: É. É.

PROFESSORA 08: ...também se não se envolverem...

PROFESSORA 12: São arrastados.

PROFESSORA 08: ...e não participarem, e são arrastados pelos outros, e então eu também fico: “Está bem, pronto.” É engraçado ver isso.

MODERADOR: Hm.

PROFESSORA 12: É.

MODERADOR: Muito bem.

(00.16.41)

MODERADOR: Dando agora aqui um pequenino salto para a inovação curricular, como é que ela se concretiza? A participação dos alunos, a inovação curricular? A Paula já deu aqui um exemplo de participação na escolha das obras, mas podemos alargar isto. A participação na escolha do que se aprende e como, de como se ensina, algum método específico a que recorrem, por exemplo, alguma assembleia, assembleia de turma, não tanto de alunos, autorregulação das aprendizagens. Como é que se concretiza esta participação dos alunos na inovação curricular?

PROFESSOR 09: Olhe, por exemplo, na parte das ciências há matérias que eles conseguem, neste caso, aprender os conteúdos através da realização de trabalhos. Portanto, em vez de ser o tradicional dispositivo em que estamos lá a dar, são abordados diversos temas, por exemplo, vou dar um exemplo na parte do sistema cardiorrespiratório, não das doenças, ou seja, cada um deles decidiu o que é que ia fazer, fazer uma introdução ao assunto em si da matéria e depois elaborou o trabalho como quis, com qualquer método. Tivemos maquetes, apresentações, uns fizeram até uma, ai...

PROFESSORA 07: Um jogo?

PROFESSORA 12: Mímica?

PROFESSOR 09: Não é mímica era tipo um debatezinho, uma espécie de teatrozinho de doutor...

C: Role play, era um role play.

PROFESSOR 09: ...entre o doutor, paciente, e que no final é feito um pequeno esquemazinho, e fica, esses conteúdos foram verdadeiramente aprendidos, tipo assim uma espécie de questionário, e está feito. Em vez de...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSOR 09: ...e passamos essa matéria, por assim dizer.

PROFESSORA 08: Mas achamos que é, no terceiro ciclo é mais fácil...

PROFESSOR 09: É.

PROFESSORA 08: ...no secundário é mais difícil.

PROFESSOR 09: No secundário é muito, é. É quase impossível por causa dos exames.

PROFESSORA 12: Sim, e dos conteúdos.

PROFESSORA 08: É um bocadinho, é um bocadinho.

PROFESSORA 12: É muito cerrado, não dá para fugir.

PROFESSORA 08: No terceiro ciclo é muito bom porque...

PROFESSORA 12: Temos mais margem.

PROFESSORA 08: ...a pessoa sente que está aliviada, não tem aquela... no secundário, envolvê-los assim... Eu este ano fiz uma coisa que nunca fiz, e nem sei se me arrependi, mas pronto.

PROFESSORA 10: Ainda não sabes bem.

PROFESSORA 08: Ainda não sei bem. Não, é claro que a Biologia do décimo, Biologia/Geologia, está dividida, não é? É uma disciplina que tem estas duas ciências. E de acordo com o programa começamos com a Geologia e depois vem a Biologia. E tivemos a ver logo na primeira aula, os conteúdos de cada ciência, da Biologia, da Geologia, e os miúdos insistiram imenso se podiam começar com a Biologia que era o que gostavam mais, e eu deixei. Mas não sei. Tu fizeste isso o ano passado também, não foi?

PROFESSOR 09: Mas o ano passado foi ditadura. Vamos começar com a Biologia, vamos começar com a Biologia!

PROFESSORA 08: Pronto, eu deixei que eles escolhessem e para mim, que também dou sempre primeiro...

PROFESSOR 09: Tinha lógica.

PROFESSORA 08: ...a Geologia e depois a Biologia, não sei se não foi porque em termos de conteúdo e de...

PROFESSORA 10: Depois fica mais pesado e vão baixar.

PROFESSORA 08: É, Biologia é mais exigente e então não sei se para começar assim décimo ano, percebeis? Deixei que eles se envolvessem, deixei que fossem eles a escolher, e se calhar, não sei se fiz bem.

PROFESSORA 12: A nós também...

PROFESSOR 09: Não.

PROFESSORA 08: Estou a avaliar, sim.

PROFESSORA 12: ...não temos muito, porque, por exemplo, a poesia é sempre a última unidade e nós deixamos para o final propositadamente também porque tem a ver com a parte da maturidade.

PROFESSORA 08: Isso.

PROFESSORA 12: Porque implica uma maturidade maior...

PROFESSORA 08: Interpretação.

PROFESSORA 12: ...e se nós começarmos com a poesia, eles até são capazes de achar piada à musicalidade, mas não conseguem em termos de interpretação. E, portanto, acaba sempre por ficar para o final. Não mexemos muito...

PROFESSORA 08: Hm, hm.

PROFESSORA 12: ...deixamos assim a estrutura mais ou menos.

PROFESSORA 10: Sim, no secundário também é muito difícil.

PROFESSORA 12: Pois.

PROFESSORA 10: Eles têm mais liberdade é, por exemplo, no projeto de leitura. Em que...

PROFESSORA 12: Isso.

PROFESSORA 10: ...escolhem, mesmo fora do plano nacional de leitura, escolhem os livros que querem ler e trazer.

PROFESSORA 12: Desde que seja adequado.

PROFESSORA 10: Desde que seja adequado.

PROFESSORA 12: Claro.

PROFESSORA 10: É claro que há miúdos que leem sempre uma faixa assim mais para a frente. Mas acabam por escolher e trazer à turma o que querem apresentar...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 10: ...da maneira que querem, embora o tempo também nos limite um bocadinho.

PROFESSORA 12: É isso. É o tempo. Eu, para mim é o tempo.

PROFESSORA 10: A criatividade, sim. Porque há miúdos que se calhar conseguiam apresentar de uma forma muito mais criativa e até motivar os outros e o tempo não nos..

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 10: ...deixaria.

PROFESSORA 11: Eu estava a pensar, por exemplo, uma área que não tem a pressão, não tem necessariamente a pressão do currículo...

PROFESSORA 10: De exames.

PROFESSORA 11: ...e de exames, que é Interioridade, por outro lado os referenciais só saíram agora, mas onde eu senti que eles de algum modo também são protagonistas daquilo que é o itinerário que se vai construindo. Estava a pensar especificamente uma turma, das turmas de décimo segundo, que são turmas que depois têm algumas dificuldades, eles dão-se todos muito bem, mas depois têm algumas dificuldades a nível de partilha entre eles, e pronto. E a determinada altura houve da parte deles a necessidade, em relação às aulas de Interioridade, eles sentiam que havia um esforço grande nas propostas que lhes eram apresentadas e que eu trazia coisas diferentes, e que tinha aqui um objetivo de os ir levando a uma profundidade de autoconhecimento e de inter-relação e de encontro com eles, mas que eles próprios não estavam preparados para falar com tanta profundidade, para se dizerem com tanta profundidade. Sentiam ainda resistências. Reconheciam esforço, mas por outro lado achavam que tinha que haver aqui algum trabalho no outro prego, de simplificação com mais gradualidade, pronto. Então, pronto, na altura eles falaram, falaram com a diretora de turma. Foi engraçado porque como eu estive fora também, há aqui, não vieram falar comigo com medo de me ferir, ou que eu...

PROFESSORA 12: Esperaram a tua ausência para falar com o diretor de turma.

PROFESSORA 08: Tipo a delicadeza, não é? O tacto.

PROFESSORA 11: Não, não, não é isso, não. O ano passado, o ano passado eu estive fora, não é? E agora eles tiveram assim o receio de vir falar comigo com medo de me ferir ou, pronto, sei lá, que eu levasse a mal, eu acho que era um bocado por aí.

PROFESSORA 07: Era como aquela conversa do Alberto, disse: "Não me leve a mal, mas..."

PROFESSORA 11: Exato, exato, mas esse falou, não é?

PROFESSORA 07: "Vou-lhe fazer uma pergunta, mas não me lembro do nome."

PROFESSORA 11: E eles foram falar com o diretor de turma. E eu confesso que eu fiquei amplamente orgulhosa. E já lhes disse. Fiquei orgulhosa porquê? Fiquei orgulhosa porque eles foram capazes de, por eles, identificar uma dificuldade que tinham e até fizeram uma proposta que era, eles não queriam abrir mão de Interioridade porque sabiam que era importante para eles, mas percebiam que tinha aqui um grau de exigência que eles não estavam a responder. E que embora estivesse a fazer esforço com propostas diferentes, ainda assim era difícil para eles. Então o que eles pediam era, que pudesse criar dinâmicas entre, que implicasse mais o movimento para depois chegar à partilha, mas isto ser mais suave e que houvesse uma gradualidade para chegar a uma profundidade maior. E eu fiquei amplamente orgulhosa. Eles não quiseram despachar esta, a Interioridade, percebem que é importante e significativa na vida deles, mas tinha que haver aqui adaptações. E isso fez com que eu também me reinventasse, e agora com os referenciais e não só por isso, mas também porque estou a fazer agora uma formação, uma Pós-Graduação em Interioridade, também vou tendo outras ferramentas. Então eu combinei com eles: "Olhem, vamos aqui fazer algumas experiências diferentes, preciso da vossa colaboração e nós vamos, vamos fazendo essas mudanças e depois vamos conversando sobre elas e a nossa partilha também vai sendo por aí." E de facto eu sinto que a nível de currículo fomos abrindo prismas novos de ligar o relaxamento, o movimento e depois o encontro consigo e com os outros, na leitura final que se faz e na partilha, mas que houve aqui uma riqueza potenciada pela identificação da dificuldade que eles experimentavam, e o esforço mútuo. Acho que foi mesmo...

(00.24.47)

MODERADOR: Ia pegar nesse exemplo, da irmã Ida, ia perguntar-vos se também já vos aconteceu algo semelhante, ou seja, aquando de um momento de avaliação em que vocês pedem aos alunos para avaliarem o modo como algo foi trabalhado, ou no final do ano, ou o que seja, e se essa avaliação vos motivou a alterar práticas...

C: Sim.

MODERADOR: ...a envolvê-los mais, podem dar aqui algum exemplo?

PROFESSORA 12: Olha, eu acabei de fazer isso nos sétimos anos, eles fizeram as apresentações orais dos livros e constataram, como eu já tinha constatado, que muitos deles ainda se fixam muito na palavra do PowerPoint e na verdade aquilo para mim é mais uma leitura do que uma

apresentação. Então é que lhes lancei um desafio, em vez de, no segundo semestre eles tinham que apresentar um livro, mas antes disso, estes dias eles podiam preparar um tema qualquer à sua escolha. Um tema em que se sentissem confortáveis. Podiam apresentar uma personalidade, um desporto, um tema da atualidade, aquilo que eles quisessem. “Têm três minutos para falar à turma, se quiserem podem trazer um PowerPoint só com imagens. Eventualmente uma palavra ou outra só para servir de tópico. Mas é mesmo para falar.” Para os ajudar nessa parte da desinibição.

PROFESSORA 10: Sim.

PROFESSORA 12: Portanto, eles detetaram no que era óbvio, mas uma proposta assim, um desafio, mas que vai mais ao encontro dos temas que lhes são mais queridos, para ver se desbloqueia.

PROFESSORA 10: Sim. E acabam por expor de uma forma muito mais natural.

PROFESSORA 07: Sim, sim. Estão muito mais vivos.

PROFESSORA 12: O objetivo é esse.

PROFESSORA 10: No secundário já...

PROFESSORA 08: A Ciências já é assim. Eles já sabem: “Oh, professora, é só com imagens?”, “Sim.”

PROFESSORA 10: É isso, sim.

PROFESSORA 08: Eles já sabem que não podem usar palavras, portanto, a apresentação é só...

PROFESSORA 07: Exatamente.

PROFESSORA 10: E depois é muito mais pessoal, não é? É Mais natural.

PROFESSORA 07: É.

PROFESSORA 10: E os outros acabam por se envolver muito mais. Eu tive miúdos a quererem ler os livros...

PROFESSORA 07: Claro.

PROFESSORA 10: ...que os colegas apresentaram, porque eles só levaram o livro...

PROFESSORA 12: E fica muito mais espontâneo fica muito mais claro.

PROFESSORA 10: ...e falaram, começaram três minutos também.

PROFESSORA 07: Três minutos?

PROFESSORA 10: Sobre aquele tema, de uma forma muito natural, e isso...

PROFESSORA 08: Para quem está a assistir, não estão a ler, é muito bom.

PROFESSORA 10: ...eles terminavam...

PROFESSORA 08: Motiva mais.

PROFESSORA 10: “Olha, posso ler o teu livro?”, “Claro.”, “Espetáculo.”

PROFESSORA 12: Pois.

PROFESSORA 10: “Então podes ler.” E acabou por envolver muito mais o grupo.

PROFESSORA 11: Mas isto depois vê-se como nós lhes damos competências, vou fazer só uma partilha muito rápida. Mas uma aluna de secundário, houve duas alunas de secundário a participarem numa reunião das equipas de Pastoral da Província, e foram também para dar ideias, e para perceber, e para nos ajudar a pensar propostas de Pastoral que incluam os nossos alunos. E, portanto, foram alunos de secundário das nossas, dos nossos colégios e também do ensino superior. E às tantas, uma aluna do secundário daqui que estava a apresentar a reflexão que o grupo tinha feito, ela falou com um à vontade, uma espontaneidade, com uma propriedade sobre aquilo que estava a apresentar do itinerário, de propostas, de possibilidades de intervenção na Pastoral do colégio, para os momentos fortes, do que se podia fazer, que eu tive uma aluna de ensino superior de terceiro ano de licenciatura de Educação Básica que dizia assim: “Esta, esta estudante é de ensino superior também, não é? Mas não a conheço lá da escola.” E eu assim: “Não, não, na verdade ela é de décimo segundo.”, “Ah sim? Com estas capacidades?” Cá está.

PROFESSORA 07: Mas isso mesmo as estagiárias quando vêm assistir às aulas, elas dizem que os miúdos têm muito à vontade, participam muito.

PROFESSORA 11: É, são muito estimulantes, estão muito desenvolvidos.

PROFESSORA 07: Tenho aqui umas estagiárias espanholas, aqui há uns anos, que elas só me perguntavam: “Como é que faz para eles participarem nas suas aulas?”, “Sei lá. Eu pergunto-lhes e eles respondem-me. Eu se lhes der abertura para eles nos responderem, eles respondem.” Eles têm sempre qualquer coisa a dizer.

MODERADOR: Muito bem.

(00.28.34)

MODERADOR: Vamos dar aqui mais outro saltinho. E agora começando, não tanto no âmbito curricular de sala de aula, mas na participação dos alunos, naquilo que poderíamos chamar inovação organizacional. Portanto, naquilo que são mudanças que ocorrem na escola e que participação é que os alunos, como é que vocês sentem que se concretiza a participação dos alunos aqui? Existe a Associação de Estudantes, não é? Mas haverá outras, outras formas, imagino eu, e que exemplos...

PROFESSORA 08: Acho que seria mais devagar, devagarinho, não? Esta parte.

PROFESSORA 12: É, eu acho que é pouquinho.

PROFESSORA 11: Não sei, eu também estava a ver, na assembleia de turma, acho que é uma coisa que eles percebem que tem reflexo. Porque eles pensam sobre várias coisas que acham que no colégio pode ser melhor, nomeadamente...

PROFESSORA 12: Assembleias de ano.

PROFESSORA 11: ...assembleias de turma e possibilidades, o que é que pode ser melhor. E pensam de uma maneira diversificada. E eles sabem que das propostas que, eles apresentam muitas, depois votam aquelas que são as melhores.

PROFESSORA 12: As três. Certo. Depois vêm...

PROFESSORA 11: As três ou quatro.

PROFESSORA 10: Sim, sim eles fazem a seleção.

PROFESSORA 11: E depois sabem que dessas, que por parte da direção vai haver um olhar crítico sobre...

PROFESSORA 10: São eles que enviam à direção por email, através do email deles institucional, não é a direção a organizar a assembleia, mas são os próprios alunos que enviam para a direção essas propostas que foram mais escolhidas pela, para o ano.

PROFESSOR 09: E temos pontos de escuta também.

PROFESSORA 07: Sim. Temos pontos, sim. Mas, mas eu...

PROFESSORA 10: Sim, sim. E os pontos de escuta são...

PROFESSORA 07: ...concordo com a Luísa...

PROFESSOR 09: É diferente.

PROFESSORA 07: ...é devagarinho.

PROFESSOR 09: É.

PROFESSORA 12: Sim.
PROFESSORA 07: É muito menos...
PROFESSORA 12: Começamos este ano com as assembleias, é verdade que eles vão receber a resposta da direção, muito provavelmente...
PROFESSORA 07: Sim.
PROFESSORA 12: ...vão ter consciência daquilo que queriam mudado...
PROFESSORA 11: Sim. Pelo menos daquilo, do que foram propostas alguma coisa vai ser aceite. E vai ser executada, a mudança, não é?
PROFESSORA 07: Sim, eu acho que eles se focam muito, mas eles focam-se muito em necessidades que não são, pelo menos dos mais pequenos, alguns de que eu vi, focam-se assim em necessidades que eles acham que são coisas muito importantes para eles, mas que na realidade, pronto, aquilo é uma coisa muito pontual. Eu depois até conversei com alguns: “Vocês estão aqui a pedir coisas que se calhar, de um ponto de vista prático...” e depois eles disseram: “Realmente tem razão, professora, as nossas propostas, havia lá outras melhores e nós as que votamos mais foram aquelas que...”
MODERADOR: Hm, hm.
PROFESSORA 08: Nos mais pequenos notou-se mais foi que eles querem tirar no telefone e ter o telemóvel.
PROFESSORA 07: Parecia que queriam mais... Que era no telemóvel e não ter... Exatamente.
PROFESSORA 08: São assim as propostas mais votadas.
PROFESSORA 07: É isso.
PROFESSORA 12: Recorrentes.
PROFESSORA 07: Pronto.
PROFESSORA 08: Mas depois de recebida a resposta, eles passam essa parte à frente e entretanto identificam outras necessidades...
MODERADOR: Sim.
PROFESSORA 08: ...que tem o colégio.

(00.30.49)

MODERADOR: E em termos de organização? Por exemplo, não, nos horários, os horários dos alunos, os horários das disciplinas, necessidade de se eles, imaginem que consideram que uma disciplina podia ter mais tempo e porquê...
PROFESSORA 12: Mas não têm nenhum tipo de decisão a esse nível.
PROFESSORA 08: Mas eles já conseguem...
PROFESSORA 10: Eu não sei se eles estariam disponíveis a isso.
PROFESSOR 09: Mas eles até gostariam de, mas...
PROFESSORA 12: Eles gostariam, mas não têm.
PROFESSORA 07: Mas eles em alguns anos, nas assembleias de ano...
PROFESSORA 08: Olha que eu não sei se isso não pode...
PROFESSORA 07: ...falaram nessas questões.
PROFESSORA 08: Não sei se é isso que pesa...
PROFESSORA 12: Pronto. Mas não tem impacto.
PROFESSORA 08: ...mas se calhar há realmente alterações nos horários e há alteração na distribuição dos tempos.
PROFESSORA 12: E achas que foi fruto dos alunos?
PROFESSORA 08: Não sei se é a pensar nos alunos, mas também...
PROFESSOR 09: Os de secundário falaram disso, um bocadinho.
PROFESSORA 07: Sim, sim, nós estivemos antes a falar sobre isso.
PROFESSORA 08: Mas não foi a pensar neles?
PROFESSORA 12: Não é isso, não.
MODERADOR: Aqui não é só pensar nos alunos...
PROFESSORA 08: Não é a vontade deles, não. Aquilo que eles disseram...
PROFESSORA 12: Não.
MODERADOR: ...é ter em conta aquilo que é a perspetiva dos alunos.
PROFESSORA 12: Não.
PROFESSORA 08: Eu acho que nós somos permeáveis a isso, que isso cria impacto, que isso vai influenciar, pode não ser o peso na decisão, mas...
PROFESSORA 12: Mas não acho, não, não acho. Sinceramente, não.
PROFESSORA 08: Achas que não?
MODERADOR: Hm, hm. Tinha aqui...
PROFESSORA 08: Quando se queixam de Educação Física...
PROFESSORA 12: Não acho.
PROFESSORA 08: ...que eles até queriam ter mais Educação Física, disse até mais Educação Física.
PROFESSORA 12: Eu acho que não. Acho que não. Acho que se ouvem os pais, acho que se ouvem os professores.
PROFESSORA 08: Mas os pais também...
PROFESSORA 12: Não, mas muito sinceramente, não acho que os alunos, não.
PROFESSORA 08: ...os pais são o resultado daquilo que os filhos dizem em casa.
PROFESSORA 11: Eu não concordo, eu acho que os alunos também são os pais.
PROFESSORA 12: Não.
PROFESSORA 11: Por acaso eu acho também.
PROFESSORA 12: Eu acho que não tem impacto rigorosamente nenhum. O número de horas que eles têm numa disciplina ou de outra? Não acho não, a sério que não.
PROFESSORA 08: Achas?
PROFESSORA 12: Acho.
PROFESSORA 08: Somos nós que somos muito otimistas...
PROFESSORA 10: Sim, mas se tiver que haver alguma adaptação numa disciplina...
PROFESSORA 08: ...assim achamos que estas mudanças resultam também das crianças.
PROFESSORA 10: ...por exemplo, para se fazer uma exposição, para separar e fazer outra coisa, nós não...
PROFESSORA 12: Sim, mas não é isso, sim. Agora, achas que se ouve os miúdos, querem umas horas disto, umas horas daquilo e altera-se em função disso?
PROFESSORA 08: As queixas, imagina, a Educação Física eles não se queixavam imenso que tinham roupa e não passaram a ter mais um tempo?

PROFESSORA 10: Educação Física aconteceu, mas...
PROFESSORA 08: Passaram a ter três tempos. No sexto ano, acho eu.
MODERADOR: E como é que aconteceu na Educação Física, foi na aula de Formação Cívica?
PROFESSORA 12: Não.
PROFESSORA 08: Agora o que eu estou a pensar é: “Será que que nós enquanto adultos e professores e direção e pais também não reconhecemos que devemos dar...”
PROFESSORA 12: É isso.
PROFESSORA 08: “...o professor de Educação Física...”
PROFESSORA 12: O que eu acho é que partiu dos adultos, não partiu dos miúdos.
PROFESSORA 08: “...e agora estes anos a prática de exercício físico é importante, ser, cada vez tem mais...”
PROFESSORA 12: Claro.
PROFESSORA 08: “...será que isso também não criou?”
PROFESSORA 12: Isso é que eu acho.
PROFESSORA 08: Mas eu acho que pode ser um conjunto de coisas, acho que também, acho que, não sei.
PROFESSORA 12: Mas não, sinceramente, acho...
PROFESSORA 08: Por muito mínima que possa ser, eu acho que a influência é sempre bom.

(00.32.44)

MODERADOR: Para além dos horários...

PROFESSORA 08: Exposição das salas...

MODERADOR: ...a utilização dos espaços, da sala, utilização de outros espaços, a participação na construção de regulamentos sobre assuntos que lhes dizem respeito, por exemplo, a utilização do telemóvel, etc...

PROFESSORA 12: Não usam, portanto.

MODERADOR: Vocês sentem que existe participação dos alunos a esse nível?

PROFESSORA 10: É, agora é através das assembleias de ano.

PROFESSORA 12: Eles agora estão a tentar.

PROFESSORA 10: Eles agora também são a partir daí a tentar pedir aquilo, num sentido de alterarem algumas...

PROFESSORA 12: Sim e mesmo...

MODERADOR: Portanto, neste momento é o espaço onde eles...?

PROFESSORA 10: Sim, é a partir daí que eles...Também me estava a lembrar das...

PROFESSORA 11: Mas também há noutras disciplinas. Eu estava a pensar que...

PROFESSORA 10: ...da organização das visitas de estudo e das viagens de finalistas.

PROFESSORA 11: Sim. Eu acho...

PROFESSORA 08: Eu acho que eles envolvem-se muito. As decisões são tomadas sempre...

PROFESSORA 11: ...o ano passado houve uma altura em que os alunos, os alunos estavam a passar, estava a pensar nos de secundário, estavam a passar uma fase de pressão muito grande. E nós sabemos, décimo primeiro, décimo segundo...

PROFESSORA 08: E houve aquele dia aberto, o dia...

PROFESSOR 09: Eles precisavam de um dia livre.

PROFESSORA 11: Sim. Como é que se chamava?

PROFESSORA 08: Não era dia aberto, era o dia...

PROFESSORA 11: Era o, não era Open-Day, era qualquer coisa...

PROFESSORA 08: ...como é que chama?

C: Day-Off. Sim.

PROFESSORA 11: Criou, criou-se o Day-Off porque...

PROFESSORA 08: Uma resposta a uma necessidade, não foi?

PROFESSORA 11: ...os miúdos estavam amplamente stressados. Angustiadados.

PROFESSORA 12: Mas não, mas foi nossa. Mas fomos nós.

PROFESSORA 11: Não, não. Não, não.

PROFESSORA 12: Não partiu deles, partiu dos adultos.

PROFESSORA 11: Não, não, desculpa, Paula, partiu deles.

PROFESSORA 12: Não, partiu...

PROFESSORA 11: Não, eu estou a falar do secundário.

PROFESSORA 12: Eu sei, foram as diretoras de turma.

PROFESSORA 11: E eu ouvi a professora de TIC falar.

PROFESSORA 10: Deixa-me só dizer uma coisa, os miúdos do secundário queixam-se. Eles dizem.

PROFESSORA 11: Ela disse que os miúdos não estavam bem. E disse assim: “Vamos parar. Eu não vou dar...”, “Mas não vai dar aula?”, “Não, eu quero escutar.”

PROFESSORA 12: Mas...

PROFESSORA 11: Escutou os alunos. “O que é que vocês gostavam? O que é que vocês precisavam?” Eles deram ideias. “Mas, mas isto vai acontecer?”, “Não sabemos se vai acontecer, mas vamos sonhar, vamos ver.” Eu levo a proposta, portanto, isto não me parece que parta de um professor. Isto parte, partiu do professor parar e escutar o grito deles, e depois a seguir foi dar continuidade ao grito deles com a abertura de: “É possível? Não é possível?”

PROFESSORA 08: O professor deu continuidade e gritou também.

PROFESSORA 11: Exato, exato, mas não partiu do professor. Não foi o professor que inventou.

PROFESSOR 09: (Risos.)

PROFESSORA 12: Mas, mas não é isso, eu não estou a dizer que foi o professor que inventou. Eu estou a dizer é que o professor é que foi sensível àquela necessidade. Não foram eles por si que tomaram a iniciativa de ir ter com o professor e dizer: “Olhe, estamos muito cansados, precisamos de parar.”

PROFESSORA 08: Eles vão dando sinais, vais ouvir.

PROFESSORA 12: Mas isto é um processo.

PROFESSORA 08: Sim.

PROFESSORA 12: É um processo. E pode vir a haver no futuro essa abertura. Mas, e, já há abertura...

PROFESSORA 08: Se calhar até já aconteceu...

PROFESSORA 12: Claro. Exatamente.

PROFESSORA 08: Eles para o ano podem dizer assim...

PROFESSORA 12: Eu acho é que nós ainda estamos num passo embrionário em que ainda não parte deles. O que parte deles é perceberem que há pessoas que têm abertura para os ouvir.

PROFESSORA 08: Certo.

PROFESSORA 12: E para fazer alguma coisa para os ajudar, o próximo passo pode, efetivamente, ser este. Eles sabendo que há esta abertura, já apresentarem a alternativa.

PROFESSORA 08: É. As coisas vão se construindo.

PROFESSORA 12: Claro, é isso. Eu acho que isto é um processo.

PROFESSORA 11: Eu estava a pensar, por exemplo, aqui há uns tempos houve uns alunos que pediram ao professor de Geografia. “Não podemos ter aula na rua?”, “Podemos.”

PROFESSORA 08: E foram para o recreio.

PROFESSORA 11: Sim. Usaram as mesas do recreio, deu a matéria na mesma, os alunos interviram, foi uma aula diferente, foi ao ar livre, foi... Mas partiu, não foi o professor que pensou estruturalmente aquela aula em fazê-la fora, mas foram os alunos que fizeram a proposta.

PROFESSORA 12: Pronto, nesse caso. Mas no outro eu acho que partiu de uma sensibilidade dos professores que viram uma necessidade nos alunos. Claro que eles encontraram a abertura para depois a solução existir, mas ainda não estavam no passo de autonomamente...

MODERADOR: *Tentando fazer aqui, não é bem uma síntese, mas desta, desta vossa partilha, parece-me mais ou menos claro que existe capacidade dos alunos e vontade dos alunos em participar e em contribuir.*

PROFESSORA 12: Mais fácil com alguns professores do que com outros...

PROFESSORA 08: Pois, é isso.

PROFESSORA 12: ...uns ouvem mais do que outros. Acontece.

MODERADOR: *Por outro lado...*

PROFESSORA 08: Estão mais tempo com alguns professores do que com outros também.

MODERADOR: *Por outro lado, por outro lado o colégio vai dando passos, não é?*

PROFESSORA 12: E têm mais empatia com uns, também.

MODERADOR: *Vai dando passos. Ou por professores que estão particularmente disponíveis para ouvir, para levar, para potenciar...*

PROFESSORA 12: Agora já sei, digo: “Falem com a irmã Ida.”

C: (Risos.)

(00.36.54)

MODERADOR: *...ou através em especial neste momento das assembleias, que também vão despoletando essa participação e vontade de participação, o que é que vocês identificam como ainda sendo barreiras aqui no colégio à participação dos alunos, em transformações positivas na escola? Identificando o que podem ser barreiras, o que é que vocês diriam?*

PROFESSORA 07: Eu penso na tecnologia.

PROFESSORA 12: Na tecnologia.

PROFESSORA 07: Faltam-nos computadores. Eu apesar de achar que sim, que os alunos podem trazer o seu Tablet...

PROFESSORA 12: Também acho.

PROFESSORA 07: ...haver um espaço em que nós possamos trazer os alunos para trabalhar em computadores. Porque eles muitas das coisas que querem fazer agora cada vez mais está na Internet. Porque o nosso mundo é cada vez mais na Internet, não é? E é sempre um constrangimento quando eles querem fazer alguma coisa, um trabalho qualquer e eu digo: “Então na próxima aula tragam o computador.” E são seis grupos de trabalho e há um grupo que traz, os outros não trazem, porque se esqueceram, ou porque não sei quê, porque o meu pai precisa...

MODERADOR: *Hm, hm.*

PROFESSORA 07: ...e aquela aula fica ali pendurada porque nós não temos outro sítio para onde...

MODERADOR: *Hm, hm.*

PROFESSORA 07: ...onde recorrer. Eu acho que esta barreira também...

PROFESSORA 12: Uma biblioteca funcional. Uma biblioteca funcional que esteja efetivamente...

PROFESSORA 07: Uma biblioteca. Sim, sim.

PROFESSORA 12: ...aberta para eles puderem vir nos intervalos...

PROFESSORA 07: Com livros apelativos...

PROFESSORA 10: E até com propostas, também. Programas para eles...

C: Sim.

PROFESSORA 07: Que é um pedido que os alunos também, a biblioteca.

PROFESSORA 12: É um pedido deles. É um pedido deles.

PROFESSORA 08: E ter alguém, não é? Na biblioteca... como se fosse...

PROFESSORA 12: É, ter efetivamente uma biblioteca que está aberta...

PROFESSORA 08: Pois.

PROFESSORA 12: ...que é funcional, que tem uma bibliotecária, que tem alguém que dinamiza.

PROFESSORA 10: Ainda há pouco um aluno do secundário veio ter comigo a dizer se podiam ser eles os alunos do secundário a tomar conta da biblioteca...

PROFESSORA 12: Certo.

PROFESSORA 10: ...e não sei quê, à tarde. Disse que sim e ele ia falar com os colegas, e não sei que mais, mas depois também se sentiu muito constrangido em ser ele a liderar este processo.

PROFESSORA 12: Claro.

PROFESSORA 10: E eu disse-lhe a ele também que faria todo o sentido que sim, que fosse ele, uma vez que foi ele que teve a ideia...

MODERADOR: *Hm, hm.*

PROFESSORA 10: “A professora, mas a professora não pode ir lá falar com eles e não sei quê?” Eu disse: “Olha, não, eu acho que devias ser tu, porque assim até motivas mais os teus colegas, etc...” E eu acho que aquilo ficou assim um bocadinho parado por esse motivo, não é um aluno que seja propriamente, que tenha espírito de liderança, não é?

MODERADOR: *Hm, hm.*

PROFESSORA 12: Mas precisava de ser? Não sei...

PROFESSORA 10: Ele até me disse: “Oh, professora, tenho tantos livros lá em casa que podia dar ao colégio, se eu sentisse que os alunos iam pegar neles.” E que são livros...
PROFESSORA 11: Uma mais valia. Sim.
PROFESSORA 10: ...interessantes...
PROFESSORA 07: Pois.
PROFESSORA 10: ...que ele comprou e não sei quê para ler e que agora já não precisa. E de facto eles sentem um bocadinho isso...
PROFESSORA 12: Sentem falta, sentem.
PROFESSORA 10: ...e nós temos alunos que até doavam livros muito bons...
MODERADOR: Hm, hm.
PROFESSORA 10: ...mas que sentem que iam ficar aqui parados.

(00.39.16)

MODERADOR: E barreiras ao nível da organização? Da organização ou do, dos modos de pensar dos adultos, identificam algumas barreiras a esse nível, ou não? Para os alunos participarem mais.

PROFESSORA 12: Às vezes é mesmo a questão do tempo, também, não é?

PROFESSORA 07: É.

PROFESSORA 12: E olhando aí e é a loucura. Eu não sei estou a pensar assim na organização, como é que, a organização...

PROFESSOR 09: Abertura acho que existe.

PROFESSORA 10: Sim, abertura existe.

PROFESSOR 09: Bastante.

MODERADOR: Organização a vários níveis? Desde...

PROFESSORA 07: Olha, estou a pensar por exemplo, à quarta feira nós temos aquele espaço para trabalhar...

PROFESSOR 09: Trabalho colaborativo.

PROFESSORA 08: Trabalho colaborativo.

PROFESSORA 07: ...em projetos, e ultimamente não temos tido esse espaço na verdade, porque depois vem uma formação disto, uma coisa daquilo.

PROFESSORA 08: As reuniões...

MODERADOR: Que sobreposição.

PROFESSORA 08: ...é verdade.

PROFESSORA 07: As reuniões de conselho de turma...

PROFESSORA 12: Temos imensas coisas sempre.

PROFESSORA 07: ...e na verdade, se calhar há algumas que o trabalho até nem precisam tanto porque vão trabalhando por fora, fora dessas horas e conseguem-se orientar, há outros grupos que depois acabam por deixar cair projetos por esse motivo.

MODERADOR: Hm, hm. Sim.

PROFESSORA 07: Pelo constrangimento da falta de tempo.

PROFESSORA 12: Falta de tempo.

PROFESSORA 10: É isso.

MODERADOR: Falta de tempo/adultos...

PROFESSORA 08: Que na verdade todos...

MODERADOR: ... disponíveis para apoiar, será?

PROFESSORA 08: Como?

MODERADOR: Falta de tempo também dos adultos para poderem apoiar algumas iniciativas?

PROFESSORA 12: É isso. A pessoa até podia, mas depois já é sexta feira.

PROFESSORA 07: Claro.

PROFESSOR 09: (Risos.)

PROFESSORA 12: E já tens...

MODERADOR: Não sei se percebi por causa das quartas, de haver a sobreposição, ou seja, um tempo que era para a participação, que era...

PROFESSORA 12: É isso.

PROFESSORA 07: Sim, há grupos, penso que são duas horas, não é? Mais ou menos.

C: É.

PROFESSORA 12: De trabalho colaborativo.

PROFESSORA 07: Que estão destinadas a trabalho colaborativo para a produção de documentos, de matrizes...

PROFESSORA 12: Dar resposta a essas iniciativas.

PROFESSORA 07: ...a instrumentos piloto, etc, etc... e se houver duas, três semanas, ou quatro, consecutivas ou não, com sobreposição de outros trabalhos, que tem acontecido...

PROFESSORA 12: Não consegues dar resposta.

PROFESSOR 09: Não dá.

PROFESSORA 12: Não é possível.

PROFESSORA 07: ...o que acontece é que quem dá estava reservado. O tempo que estava reservado de resposta está a fazê-lo de fora das quartas feiras, não é?

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 07: E por esse motivo é que eu acho que alguns dos projetos acabam por cair.

PROFESSOR 09: É o melhor horário possível. Muito difícil.

PROFESSORA 08: Sim porque depois há, as pessoas estão envolvidas noutras...

PROFESSORA 12: Noutras situações, noutras coisas. Diretores de turma, coordenadores disto...

PROFESSORA 07: Há vários projetos, eu tenho projetos em todas as turmas.

PROFESSORA 12: ...testes para dar, para fazer, para corrigir.

(00.41.23)

MODERADOR: Esta pergunta, tendo em conta que, percebi que muitos, não sei se todos, são diretores de turma?

C: Sim.

MODERADOR: Todos?

PROFESSORA 07: Eu já não sou este ano...

MODERADOR: Muito bem.

PROFESSORA 07: ...estou na coordenação da participação dos alunos.

MODERADOR: Muito bem.

PROFESSORA 12: Tens outras funções.

MODERADOR: Mas também, Márcia...

PROFESSORA 08: Mas já foste.

PROFESSORA 10: Mas já foi, sim, sim, sim.

PROFESSORA 07: Deixei de voltar.

MODERADOR: ...também penso que poderás...

PROFESSOR 09: Claro.

MODERADOR: E que mudanças vocês percecionam que aconteceram nos alunos, ou que têm acontecido nos alunos, por estarem a participar nestas dinâmicas de participação? Assembleias, assembleias de, a Associação de Estudantes, participação em assembleias de ano, pontos de escuta, outras atividades, que mudanças vocês percecionam que têm acontecido nos alunos, nos seus comportamentos, nas suas atitudes, nas aprendizagens, tendo em conta o perfil dos alunos?

PROFESSORA 07: Eu tenho-os sentido muito mais interventivos.

PROFESSORA 10: E mais ativos.

PROFESSORA 07: Com um espírito crítico mais desenvolvido.

PROFESSOR 09: E mais críticos.

PROFESSORA 12: Com muito mais facilidade em aceitar propostas.

PROFESSORA 07: Eu como estava a dizer, é, a questão do Parlamento dos Jovens, que por exemplo, que já aqui há vários anos, eu comecei a coordenar esse projeto há, sei lá, seis, sete anos, se calhar mais. E o que acontece é que este ano chegamos ao ponto de que eu pelo lado um trabalho que tinha, e situação da gravidez, e a deixar cair esse projeto porque estava com outro projeto em mãos, que é a assembleia de alunos, e tive os alunos atrás de mim a pedirem-me: “Eu quero-me inscrever, mas eu quero-me inscrever.”

PROFESSORA 12: Eles gostam.

PROFESSORA 07: E aquilo dá-me a mim uma trabalhadeira que ninguém imagina.

PROFESSORA 08: Coitada.

PROFESSORA 07: Que é preencher coisas e mais coisas e prazos e etc...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 07: ...que de facto, para mim, foi bastante complicado. E aliás, este ano, já tinha acontecido há dois anos atrás, o ano passado não houve, ou melhor, ficaram os alunos do ano anterior por causa do Covid, que não se realizaram as assembleias distritais e até foram alunos da irmã Ida, por exemplo: “Somos do sétimo ano.” Que não me largavam, mas quando aqui: “Olhe que os prazos estão a terminar, a professora tem de saber.” Porque eles vão consultar o site oficial, não é? E lá está, é aquela coisa, porque já experimentaram noutros anos...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 07: ...e agora não querem largar.

PROFESSOR 09: Claro.

MODERADOR: Sim, sim.

PROFESSORA 12: E gostam, esses gostam mesmo.

PROFESSORA 07: E eu fui obrigada, a envolver-me mais uma vez neste projeto, sabendo que eu vou estar de baixa, e vou ter de acompanhar à distância este projeto.

MODERADOR: É.

PROFESSORA 12: Esses passam a vida a mandar-me coisas...

PROFESSOR 09: É, é o aluno...

PROFESSORA 12: ...eles escrevem livros, vocês não, depois...

PROFESSORA 07: Ai é verdade, sim. Do secundário também.

PROFESSORA 12: ...vocês não sabem, eles escrevem livros, escrevem peças de teatro, mandam-me tudo...

PROFESSORA 07: Eu só quero dizer uma coisa que é interessante, nesta fase final em que eu estava com testes, e coisas, e muitos projetos em mãos, e com pouco tempo, eu tinha uma série de formulários para preencher...

PROFESSORA 08: Coitada.

PROFESSORA 07: ...inclusive havia lá questões que era diretamente para o professor, não sei quê, o que é que é isto, aquilo, e eu coloquei os alunos do sétimo ano porque aquilo tem dois níveis de participação, que é do ensino básico e do ensino secundário, e então juntei os que vão participar do básico com os do secundário, foram eles que preencheram tudo e eu só no fim, no final só tive que chegar lá, ler, ver se estava tudo direitinho, alterei uma coisa ou duas, mas foram eles que preencheram...

PROFESSORA 11: Protagonistas.

C: (Risos.)

MODERADOR: Com a responsabilização...

PROFESSORA 08: Claro. “Ai querem? Então vamos lá.”

MODERADOR: ...é uma ótima pista para essas dificuldades. Maravilha.

PROFESSORA 07: Foram eles que preencheram tudo, tudo. Isto é deste projeto.

PROFESSORA 11: E trabalho intergeracional, não é? Porque os mais velhos...

PROFESSORA 07: E foi trabalho intergeracional, porque os alunos do sétimo ano, eu falei com os diretores de turma do sétimo ano, a irmã Ida e a Paula, a professora Paula, e pedi-lhes para eles saírem de um tempo letivo deles, uns tinham Matemática, outros tinham outra coisa qualquer. E eles querem é que eu os chame, quantas mais vezes, melhor, porque eles querem é participar.

PROFESSORA 12: Eles querem muito.

PROFESSORA 07: E chamei-os até a uma aula que estava a dar de Ciência Política com alunos do secundário que também participam no Parlamento dos Jovens e que também me pediram, eu não tive que andar atrás de ninguém, absolutamente ninguém, e eles estiveram a preencher os formulários...

PROFESSOR 09: Acho eu.

PROFESSORA 07: ...os do básico, os do secundário a...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 07: ...ajudar os do básico, a ver se concordavam todos, etc, estavam lá a discutir as coisas, as propostas que iam apresentar, os argumentos, etc, e depois a pedir o tema do próximo ano...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 07: ...inclusive, lá está, como eu dizia, a parte do professor que tem a ver com questões de planificação, de organização, etc, e que eles tinham perfeita consciência daquilo que se estava a fazer, porque eles estão super envolvidos. Portanto, eles puderam preencher todos os formulários...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 07: ...e eu praticamente não alterei nada, só assim uma coisinha ou outra.

PROFESSORA 12: E é que eles fazem isto com a Márcia, e depois vêm ter comigo e dizem assim: “Vamos participar, temos uma lista. Não se importa de ver, por favor, que é para ver se aquilo está bem, pode-nos dar uma ajuda? Pode corrigir?” Pronto.

PROFESSORA 07: Nas questões do Português, não é?

PROFESSORA 12: É.

MODERADOR: Claro. Mas que maravilha, que é o que nós fazemos na vida real, não é? Temos uma questão que nós não dominamos...

PROFESSORA 12: Temos de resolver vamos.

MODERADOR: ...pedimos ajuda...

PROFESSORA 12: Claro.

MODERADOR: Exato, claro.

PROFESSORA 07: Eles vêm.

MODERADOR: Que bom, que bom.

(00.45.40)

MODERADOR: Olhem, e agora ao nível das mudanças nos professores, em vocês próprios e à volta, se vocês sentem que ocorreram também mudanças na postura dos professores relativamente à participação dos alunos? Se veem, se têm uma expectativa...

PROFESSORA 07: Acho que não temos hipótese. Não temos hipótese.

C: (Risos.)

MODERADOR: ...se vocês sentem que...

PROFESSORA 12: Se também somos arrastados, não é?

PROFESSORA 07: Que remédio?

MODERADOR: ...os professores têm expectativa, uma expectativa positiva perante a possibilidade de os alunos participarem, que isso pode ser bom para a escola, sentem que houve alterações a este nível?

PROFESSOR 09: É sempre bom.

PROFESSORA 07: Estamos mais permeáveis a estas coisas.

PROFESSORA 12: Mas eu acho que...

PROFESSOR 09: Em último caso.

PROFESSORA 12: ...eu acho que as pessoas mantêm um bocado o seu, a sua maneira de ser.

PROFESSORA 07: Claro.

PROFESSORA 12: Alguns mais permeáveis do que outros, porque tem a ver com a sua maneira de ser.

PROFESSORA 10: Mas todos acabam por, por exemplo...

PROFESSORA 07: Mas esta nova geração impõe um bocado isto naturalmente, nós...

PROFESSORA 10: Sim, é isso. Por exemplo, nos projeto das sementes que há pouco estavas a dizer, nós tivemos que reinventar a nossa atuação e até mesmo a propósito da participação dos alunos, fazê-los mais ativos, e fazer com que eles tomassem decisões para responder a necessidades e a problemas de famílias e instituições. E cada turma ficou com uma missão, não é? Ora bem, os professores também estão envolvidos automaticamente, mesmo que alguém esteja assim mais, num impasse, não é? Acaba por estar envolvido, mesmo que diga: “Ai, eu não.”, “Não, tu já estás.”

PROFESSORA 07: Não têm hipótese.

PROFESSORA 10: Não: “Já estás, já estás.”

PROFESSOR 09: É assim ou assim.

PROFESSORA 10: Os miúdos acabam por se envolver, não é? E vão ter connosco...

PROFESSORA 12: É isso.

PROFESSORA 10: “Oh, professora, vamos fazer mais isto.” Na semana passada uma diretora de turma de turma veio ter comigo e disse: “Qual é a próxima dinâmica?” É que os miúdos já querem fazer isto e querem fazer aquilo, por isso já surge neles, o diretor de turma vai estar envolvido quer queira quer não e os outros professores acabam por estar também. Em alguma situação estão envolvidos, eu acho, parece.

PROFESSORA 12: E os mais pequeninos que têm irmãos mais velhos, por exemplo...

PROFESSORA 10: Já têm o exemplo, não é?

PROFESSORA 12: ...têm as ideias e depois já querem replicar tudo.

PROFESSORA 10: Sim.

PROFESSORA 12: Desde as coisas mais simples, por exemplo, os de sexto ano, houve um que disse: “Era, olhe, professora, mesmo boa ideia era fazermos aquela coisa do amigo secreto.” E eu disse: “Olha, até era, mas agora não temos tempo porque já, já não temos aulas.” Era de 15 em 15 dias, e ele disse-me: “Acha que podíamos fazer em janeiro, não sei, vamos falar com a turma.” Cheguei a uma aula de Português, já não era Formação Cívica e disse: “Olha, houve um colega que sugeriu que fizéssemos o amigo secreto.” Havia uns que nunca tinham ouvido falar, expliquei o que era. “Ai, professora, isso é mesmo giro, podemos fazer em janeiro. Portanto, não fazemos agora em dezembro, mas dá para fazer em janeiro.”

PROFESSOR 09: Pronto.

PROFESSORA 12: “Pronto, está combinado no dia...”

PROFESSORA 08: Quase que fazias em fevereiro.

PROFESSORA 10: Estava a pensar, há determinadas...

PROFESSORA 12: “...na primeira aula de janeiro fazemos.”

PROFESSORA 10: ...há determinadas atividades que nós estamos destinando a determinada faixa etária ou ano, não é? E quando os alunos chegam a esse ano perguntam logo: “E já somos nós?”

PROFESSORA 12: “Não vamos fazer não sei quê?”

PROFESSORA 07: É verdade.

PROFESSORA 10: “Já vamos fazer? Se calhar já somos nós.”

PROFESSORA 12: Isso. Isso.

PROFESSORA 10: Acabam por...

PROFESSORA 12: É, da feira do coração.

PROFESSORA 10: Por exemplo.

PROFESSORA 07: Eu ia só, queria só dar mais um exemplo. Na disciplina de Ciência Política, que este ano abriu novamente, já tinha aberto há cerca de três anos atrás, os critérios de avaliação foram feitos a pensar neles. Ou seja, já sabia de antemão os alunos que iria ter, que eram alunos de Humanidades e que, portanto, eu sou professora de História deles e eles na altura perguntaram-me: “Vai haver testes?” Antes da disciplina abrir, no ano letivo anterior...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 07: “Nós não queremos testes, queremos é falar, queremos fazer trabalhos, queremos ler livros do nosso gosto, etc, etc.” Então os critérios de avaliação da disciplina foram pensados...

PROFESSORA 12: Hm, hm.

PROFESSORA 12: No grupo.

PROFESSORA 07: ...naquilo que eles gostavam de fazer, e uma das coisas que eles adoram, que é os Opinion Makers, portanto, eles vestirem o papel de comentadores políticos, não é?

PROFESSORA 12: Sim.

PROFESSORA 07: É muito interessante porque eles trazem os temas que querem, escolhem quando querem fazer a Opinion Maker, eles sabem que têm 15 minutos, também não trazem PowerPoints com texto, só têm as imagens, e ainda estas, aqui há umas semanas atrás recebo uma mensagem no grupo do WhatsApp dos alunos, de uma aluna a pedir para fazer uma Opinion Maker das eleições.

PROFESSORA 12: Que giro.

PROFESSORA 07: “Posso fazer para a semana?”, “Podes. Então marcamos segunda feira.” E Ela: “Não, que não me dá tempo de domingo para segunda...”

PROFESSORA 12: Para preparar.

PROFESSORA 07: “...para preparar. Terça feira, pode ser, professora?”, “Pode.” Então ela fez a apresentação na terça feira.

PROFESSORA 11: Eu achei engraçado, achei engraçado a propósito disso, porque a mim me fala de construção daquilo que é o perfil que nós queremos, de alunos com espírito crítico e que, que querem ouvir opiniões diferentes nessa linha. Antes das eleições, imediatamente antes, no final de uma aula de Interioridade, pronto, eles já tinham, estávamos determinados, estávamos, pronto, para nos despedirmos e tal e há uma aluna assim, sim, foi-se mesmo, vira-se: “A irmã vai votar?” E eu: “Claro.” E gerou-se uma conversa sobre isso e eu disse assim: “Na verdade até já votei, porque eu votei antecipadamente. Não vou a Coimbra, mas votei antecipadamente.”, “Ah, muito bem.” E a propósito disso depois fizeram-me não sei quantas perguntas...

PROFESSORA 07: Sobre...

PROFESSORA 11: Nomeadamente até sobre posicionamentos e eu disse assim: “Olhem, não vos vou dizer em que é que eu votei, porque eu gosto de ser livre e também não gosto de estar a condicionar ninguém. Mas vou-vos dizer os procedimentos que eu tive para análise dos diferentes, das diferentes propostas e dos diferentes partidos, que são muitos.” Dizia-lhes eu. “E que andei a ver, andei a consultar, andei a ver se tinham mesmo propostas relevantes ou não.”

PROFESSORA 07: Olha é o que são chamados alunos de Ciência Política.

PROFESSORA 11: Sem me posicionar. Olha, mas eu não sei se foram eles.

PROFESSORA 07: Eles leram os programas dos partidos todos.

PROFESSORA 11: E eu até disse assim: “Olha e até vos vou dizer, saiu, saiu uma ferramenta conservadora, e não sei, tenho aqui umas questões, nós podemos ler...” E eu disse: “Se quiserem também é uma coisa que vocês podem explorar.” Porque isto era com alunos do décimo segundo. Que eu pensei: “Alguns destes eventualmente já vão votar pela primeira vez.”

PROFESSORA 07: Claro.

PROFESSORA 11: “Devem estar aqui na barreira dos 18.” Até achei interessante isto vir para um contexto em que eles também se querem posicionar e querem falar, e até estão a ter aqui quase que opiniões diferentes de pessoas diferentes para perceber como é que as pessoas se posicionam ou não. E eu acho que isto também é um exercício de cidadania.

PROFESSORA 12: Claro.

PROFESSORA 11: O, e eles perceberem o quão relevante é. E o modo como eles vêm recolher informações de diferentes professores também, também nos colocam numa situação em que tem de ser...

PROFESSORA 08: Têm de ir falar com a irmã Ida.

PROFESSOR 09: (Risos.) Está justificado.

PROFESSORA 08: Eu estou a dizer sempre que me vierem perguntar coisas difíceis, querem fazer não sei quê: “Vais falar com a irmã Ida.”

C: (Risos.)

PROFESSORA 11: Eu não, opa.

(00.51.44)

MODERADOR: Olhem, alguém, já não me lembro quem, há pouco disse que também dependia um bocadinho dos professores.

PROFESSORA 12: Fui eu.

MODERADOR: Essas diferenças vocês sentem que são, por exemplo, são os professores mais novos que estão mais recetivos à participação dos alunos na escola do que os mais velhos? Ou o que é que torna os professores mais recetivos que outros?

PROFESSORA 12: Não, eu acho que tem a ver mesmo com a postura da pessoa.

PROFESSORA 07: Sim, é uma questão de personalidade.

PROFESSORA 12: É mesmo de personalidade.

PROFESSORA 07: Sim, sim, não tenho, não é a questão...

PROFESSORA 12: Não é de idade, é de personalidade.

PROFESSORA 10: Sim, e não tem a ver com essas questões em concreto, mas se calhar com a sua postura na vida, não é?

PROFESSORA 12: É.

MODERADOR: Com a sua formação do que é um professor?

PROFESSORA 10: Sim.

PROFESSORA 08: Até ter filhos nestas idades, realmente também ajuda.

PROFESSORA 07: Também ajuda.

PROFESSORA 08: É.

PROFESSORA 10: É a personalidade.

C: Sim.

PROFESSORA 10: E há pessoas que estão mais disponíveis para dar mais...

PROFESSORA 08: Tu ficas mais atenta a algumas umas coisas.

PROFESSORA 10: ...do que aquilo se calhar é exigível, não é?

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 10: ...e outras não, não é? É fazer o seu trabalho, depois têm a sua vida, e não querem dar mais tempo de si, não é?

MODERADOR: Muito bem.

PROFESSORA 12: Nem é, às vezes nem é só uma questão de tempo.

PROFESSOR 09: Podia dizer que sim, não é obrigatório ser tempo, é não querer. Maneira de ser.

PROFESSORA 11: Sim, resistências pessoais, uma flexibilidade ou não, não é?

MODERADOR: Da própria...

PROFESSORA 08: Mas os miúdos convivem bem com isso.

MODERADOR: ...perspetiva que tem do que é um professor, do que é um aluno.

C: Sim.

PROFESSOR 09: Exato.

PROFESSORA 10: Mas até isso eu acho que é interessante...

PROFESSORA 08: Mas os miúdos não convivem bem com isso?

PROFESSORA 12: Também acho. Convivem, claro que sim.

PROFESSORA 10: ...porque a vida é mesmo assim. Nós estamos, daqui para a frente, não é?

PROFESSORA 08: Os miúdos sabem...

PROFESSORA 11: Porque eles sabem...

PROFESSOR 09: Eles sabem com quem podem falar e com quem é que não podem...

PROFESSORA 10: E nós temos de lidar com pessoas diferentes e eles também têm de saber lidar com pessoas diferentes.

PROFESSORA 12: Claro.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 12: Dá-lhes jogo de cintura e eu acho que é importante.

PROFESSORA 10: Não registo y ou x.

PROFESSORA 12: A sociedade também não é assim.

PROFESSORA 08: Eles não sabem que assunto vão falar com quem...

PROFESSORA 12: Claro, a sociedade não é toda igual, e portanto eles têm de saber com quem...

PROFESSORA 08: Qual é o nosso ponto fraco.

PROFESSORA 12: ...é que podem falar e até onde.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 10: Mas no geral as pessoas estão bem.

PROFESSORA 08: Eu também acho que no geral...

(00.53.14)

MODERADOR: Fizemos aqui um roteiro dos alunos, os professores, e agora a escola. Vocês sentem que a escola também tem, percecionam mudanças a este nível, de querer promover a participação dos alunos?

PROFESSORA 12: Quer, não sei se depois consegue.

C: Quer.

PROFESSOR 09: Querer, quer, exatamente.

PROFESSORA 10: Quer muito, eu acho que sim. Acho que sim.

PROFESSORA 07: E até mesmo a celeridade com que deu resposta a, às propostas das assembleias de alunos.

PROFESSORA 11: A pedidos.

PROFESSORA 12: A Alguns pedidos, sim.

PROFESSORA 07: Já falei com a direção...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 07: ...e já tenho as respostas para todos os alunos. De todos, para todos os projetos de recomendação, e são bastantes, não é? Três vezes oito...

MODERADOR: 24.

PROFESSORA 12: 24.

PROFESSORA 07: 24, pelo menos 24 respostas escritas, quer dizer, e foi assim em tempo recorde. Portanto, a direção reuniu...

PROFESSORA 12: E algumas até são mais.

PROFESSORA 07: ...tratou daquilo como sendo um assunto urgente...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 07: ...e de grande importância.

PROFESSORA 12: E algumas são mais, porque havia algumas questões práticas que não ficaram nas mais votadas porque também foram...

PROFESSORA 08: Tratadas.

PROFESSORA 12: ...tratadas, vá.

PROFESSORA 08: Hm, hm.

PROFESSORA 12: Tenho que falar dos estores.

PROFESSORA 08: Aquelas em que é mais fácil eu até acho...

PROFESSORA 12: Tenho que falar dos estores, que eram muito importantes.

PROFESSORA 08: ...se não envolver dinheiros, sei lá.

PROFESSORA 10: Não, mas sabes porquê? Porque às vezes não foi aprovado num projeto de recomendação de, por exemplo, do sétimo mas foi aprovado pelo oitavo ou pelo nono.

PROFESSORA 12: Era, era muito importante e...

PROFESSORA 10: E às vezes isto porque os interesses são os mesmos, não é?

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 12: ...teve resposta. E eles ficaram muito satisfeitos, porque era uma questão prática que tinha impacto direto na aula e na aprendizagem.

PROFESSORA 10: E eles sentem-se realmente ouvidos e a direção, de facto...

PROFESSORA 12: É isso.

PROFESSORA 10: E não é só nesses momentos formais...

PROFESSORA 11: Pois não.

PROFESSORA 10: ...porque se um aluno quiser ir bater à porta da direção, sabe que tem toda a liberdade.

C: Ah, sim.

PROFESSORA 08: Por acaso é verdade.

PROFESSORA 11: Sim, e escrevem cartas, mas isto é desde pequeno, é desde pequeno. Eles escrevem cartas, à senhora diretora a pedir ou a reclamar. Ou então, também a agradecer.

PROFESSORA 10: E batem à porta. Eles estão lá a bater à porta.

PROFESSORA 08: Batem, batem.

PROFESSORA 11: Mas, mas eu acho que isto é engraçado...

PROFESSORA 12: Juntam-se à porta. Nós às vezes passamos e estão lá grupos.

PROFESSORA 07: Olha, ainda agora tivemos a exposição do Holocausto, tivemos a exposição e o Pedro conseguiu ver, também, não é? E tivemos uns alunos que fizeram um jogo que parecia o Trivial Pursuit, não sei se viste?

MODERADOR: Sim, sim, sim.

PROFESSORA 07: Pronto. E eles fizeram aqueles jogo todos. Enfim, deu-lhes imenso trabalho, aquilo tem imensas cartas, imensas perguntas, alunos que são mesmo muito bons a História, de facto, aquilo cientificamente valia a pena depois partilhar. E eu disse-lhes a eles: “Olha, então depois eu acho que há a ideia, a perspetiva de abrir a biblioteca e se calhar até podia estar lá o jogo, se vocês não querem para um nem para outro...” Porque foram dois, foi um par de alunos que fez.

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 07: “E se não querem ficar com o jogo, até podia ficar para o colégio para os alunos jogarem, etc. Está muito giro.” E eles: “Ok, ok.” Eu disse: “Vocês querem que eu entregue à direção?”, “Não, professora, nós vamos lá.”

PROFESSOR 09: “Nós vamos lá.”

PROFESSORA 07: “Nós queremos ir lá.”

PROFESSORA 08: É isso.

MODERADOR: Que bom.

PROFESSORA 07: “E agora o que é que nós vamos dizer, quando chegarmos lá? Diga lá, professora.”

C: (Risos.)

MODERADOR: Deram a tal ajuda. Deram a tal ajuda.

PROFESSOR 09: Querem, mas depois dizem: “O que vamos dizer?”

PROFESSORA 11: “Nós queremos ser protagonistas, mas temos que entender bem.”

PROFESSORA 08: “Sim, senhora, então vamos lá.”

PROFESSORA 07: Os teus também passam a vida à porta da direção.

MODERADOR: Que bom.

(00.55.52)

MODERADOR: Olhem, estamos mesmo a aproximar-nos do fim, mas não queria deixar de fazer esta pergunta. Conseguem identificar se existe uma estratégia de aprofundamento da participação dos alunos aqui no colégio? Se existe a parte da direção, da escola, essa estratégia de aprofundamento?

PROFESSORA 12: É o tal ouvir. Eu acho que é isso. É encontrar ferramentas que permitam ouvir para dar resposta. Porque eu acho que sempre houve alguns mais estatutários, e agora, o facto de dar resposta a algumas das reivindicações dos alunos...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 12: ...faz com que os outros tenham mais abertura para falar. E eu acho que é isso, essa abertura e a tentativa...

PROFESSORA 08: Nós estamos num momento crescente disto, não é?

PROFESSORA 12: É, é.

PROFESSORA 08: Estamos a sentir que a mudança está a acontecer.

PROFESSORA 10: E há estratégias por trás disto.

PROFESSORA 12: Há.

PROFESSORA 10: Há estratégias.

PROFESSORA 12: E há a tentativa de encontrar instrumentos efetivamente para os outros ouvir e para responder.

PROFESSORA 11: Para operacionalizar, para tornar mais prático e flexível.

PROFESSOR 09: Sim, as bases estão todas lá e está neste momento em funcionamento já.

PROFESSORA 08: Eu acho que estamos a crescer nesse sentido, é verdade.

PROFESSORA 12: Pronto, e então muda.

PROFESSORA 11: Neste momento já se sente.

PROFESSORA 12: A tal abertura de eles virem e não é só de virem pessoalmente. Eu não sei, mas vocês não são sobrecarregados com emails de tudo e mais alguma coisa?

PROFESSORA 11: (Risos.)

PROFESSORA 12: Eles agora, todas as dúvidas que têm mandam um email. Não é?

PROFESSORA 11: É verdade, é verdade.

PROFESSORA 12: Desde os pequeninos.

PROFESSORA 07: Eu ao secundário peço para mandar por WhatsApp.

PROFESSORA 08: Ao WhatsApp, é mais fácil.

PROFESSOR 09: É mais fácil.

MODERADOR: Quando os grupos não são muito grandes. Não? Digo eu.

PROFESSORA 07: O secundário, para as três turmas tenho WhatsApp.

PROFESSORA 08: Eu também, no secundário é o WhatsApp.

PROFESSORA 12: Mas os pequeninos, muitos não têm telemóvel...

PROFESSORA 08: Pois não, claro.

PROFESSORA 12: ...então eles usam o email.

PROFESSORA 08: E depois não sabem gerir muito bem, quer dizer...

PROFESSORA 11: Usam o email.

PROFESSORA 12: Usam o email.

PROFESSORA 08: ...tem de ser o email.

PROFESSORA 12: E mandam emails...

PROFESSORA 11: E para colocar problemas quando estão de férias...

PROFESSORA 12: ...sim, sim. Exatamente, constantemente, porque estão de férias, não é? E mandam-nos um email: “Olhe, já estou...” Por exemplo, férias estou a falar em agosto, agosto. “A professora Paula, não sei se vai ser minha professora para o ano, mas imagine que tenho de fazer ainda as três fichas de leitura, pode, por favor, sugerir-me aqui os livros para ir ler? Para fazer as fichas?”

C: (Risos.)

PROFESSORA 10: Podes pegar naquela solução automática de dizer que estou de férias.

C: (Risos.)

PROFESSORA 12: Sim.

PROFESSORA 10: A dar respostas...

MODERADOR: Muito bem.

PROFESSORA 12: Pronto, e depois alguns deles escrevem: “Peço imensa desculpa de estar a incomodá-la nas férias...” Pronto.

PROFESSORA 08: Mas é engraçado, por acaso a mim não incomoda nada.

PROFESSORA 12: A mim também não me chateia nada, olha, se eu puder responder, respondo, se não puder não respondo.

PROFESSORA 08: Pois, mais tarde.

PROFESSORA 12: Eu naquela altura até estava mesmo...

PROFESSORA 08: Claro. Como eu...

PROFESSORA 12: ...fora e só recebi...

PROFESSORA 08: ...só as coisas pontuais, sim.

PROFESSORA 12: ...quando cheguei, sim.

MODERADOR: Muito bem.

(00.58.10)

MODERADOR: Olhem, mesmo antes de acabar, nós tentamos percorrer aqui algumas questões que são relevantes, mas pode, pode haver alguma coisa que não tenhamos falado que vocês considerem que é um, uma questão, um exemplo pertinente neste âmbito e que queiram ainda acrescentar?

PROFESSORA 07: Da participação das crianças?

MODERADOR: Da participação dos alunos.

PROFESSORA 11: Eu acho, olha, por exemplo, uma coisa que eu tenho refletido é, o facto de eles serem muito estimulados aqui no colégio, nós depois vemo-los no ensino superior nas lideranças das associações. Eles estão nas Associações de Estudantes, eles estão metidos em grupos em que eles de facto abraçam. Aquilo que se espera do exercício sólido, comprometido, responsável, numa cidadania ativa, pronto, e não só nisso. Há alunos que eu vejo em projetos solidários, em diferentes tipos de projetos solidários, e que nós acompanhamos e acompanhámos aqui e vimos crescer, ou ainda vemos e acompanhamos noutras perspetivas, e que se percebe que há aqui, houve aqui um estímulo na construção de um determinado perfil que permanece e que dá fruto.

PROFESSORA 12: Por acaso essa parte solidária eu acho que é muito importante, e já vem de há bastantes anos, porque eu lembro-me, por exemplo, daqueles grupos da Osório...

PROFESSORA 08: Eu sei, caíam ali, não é?

PROFESSORA 12: Sim.

PROFESSORA 08: A seguir das refeições, foi onde começou.

PROFESSORA 12: Que eram, não, antes. Antes, porque essas já eram as segundas. As mais velhas dessas...

PROFESSORA 08: Sim.

PROFESSORA 12: Já, havia, houve um grupo que fez aqui um acompanhamento a umas ilhas e foram distribuir os cabazes alimentares também. Já há muitos, muitos anos. E ficaram muito sensibilizadas para essa área, tanto que uma delas depois seguiu História, e quando estava na faculdade estava a fazer um projeto precisamente sobre solidariedade e veio cá conversar com vários professores. Precisamente para, pronto, abordar...

PROFESSORA 08: A influência, não é? Sim.

PROFESSORA 12: ...é, a influência que isso tinha tido. E eu acho que isso aí, nota-se efetivamente a que eles ficam despertos para essa questão.

PROFESSORA 11: Sim, abraçam, abraçam causas, e depois veem no colégio uma possibilidade de ponto de apoio.

PROFESSORA 08: Sim, sim.

PROFESSORA 11: Eu estava a pensar numa aluna...

PROFESSORA 12: Há uma sensibilidade.

PROFESSORA 11: ...que está, que está na Católica e desenvolveram um projeto de, que tinha a ver com, com a violência no namoro. E vieram cá fazer a proposta de falar aos alunos de secundário, desmistificar o que é, e, portanto, fazer aqui um ponto de informação, e de diálogo, e de abertura, acho que foi, foi muito interessante. E não só, e mesmo dentro daquilo que é a inserção dentro de uma Pastoral com a espiritualidade, eles também se vão metendo em diferentes projetos, alguns estão ligados também à juventude Doroteia, em diferentes causas.

PROFESSORA 08: Era isso que eu ia dizer, os acampamentos...

C: É.

PROFESSORA 08: ...os monitores...

PROFESSORA 11: Como animadores dos campos de férias...

PROFESSORA 07: E catequistas. Alguns são catequistas também.

PROFESSORA 11: Alguns. Depois ainda vêm cá dar catequese. Agora com o Covid, eu fico...

PROFESSOR 09: Há aqueles que saíram, e que regressam, querem sempre fazer.

PROFESSORA 11: Sim. É, é, é.

PROFESSORA 08: Vemos, eu acho que há aqui, acaba o colégio, mas eles continuam.

PROFESSORA 07: Há uma ligação.

PROFESSORA 11: Há um retorno ou alguma coisa que nós vemos, visível, nas redes da Sé, que nos fala do modo como a construção do perfil de facto está...

MODERADOR: Hm, hm.

PROFESSORA 08: Impacto.

PROFESSORA 11: ...teve impacto, exatamente. Eu fui acompanhando alguns que, durante as eleições eles iam contando coisas...

PROFESSORA 08: Uns que até tu nem estavas à espera.

PROFESSORA 11: Isso.

PROFESSORA 08: Porque depois tu vais ver muito tempo depois e dizes: “O quê? Há ali na...”

PROFESSORA 11: E estão a apresentar coisas, até pontos para: “Quero saber mais sobre este partido.”, “Vai ver.” Mas não era de um. Portanto, não se estavam a posicionar, era num sentido de, que os seus amigos universitários, amigos...

MODERADOR: Serviço cívico.

PROFESSORA 11: Serviço cívico. Isto. E eu colocando, ou, vai haver um aluno que vai falar sobre as propostas deste partido e vai ver à bio e podes, aquilo é 20 minutos, testemunha, não sei quê. Pronto eu, eu vejo, eu vejo-os interventivos a nível de sociedade. E penso que nós também queremos isso, não é? Que sejam protagonistas, que sejam, que sejam cidadãos comprometidos com o bem comum, que sejam jovens que também, com valores concretos, não é? E com marcas cristãs também que depois colocam ao serviço. E de facto, vê-se, uns mais, outros menos, mas há aqui sinais de que um trabalho...

PROFESSORA 08: Uns mais, outros menos, mas eu acho que influencia muito.

PROFESSORA 10: Têm empática.

PROFESSORA 08: Eu acho que aqueles que conseguem, há aqueles que são menos, não sentem isso?

PROFESSORA 10: Acabam por se envolver, sim, sim.

PROFESSORA 12: Era o que eu estávamos a dizer há bocado, eles vão.

PROFESSORA 07: É legítimo.

PROFESSORA 08: Certo? Certo. Vão arrastados.

PROFESSORA 12: Vão, vão, vão arrastados.

PROFESSORA 11: Mas também têm espaço, têm lugar.

PROFESSORA 08: Mas também participam.

PROFESSOR 09: Mas vão, fazem.

PROFESSORA 12: Mas vão fazendo qualquer coisa.

MODERADOR: Olhem, muito, muito obrigado. Eu sinto sempre que acabo estas conversas que sou um grande beneficiado e uma vez mais, aconteceu. Muito obrigado pela vossa partilha, pelos vossos pontos de vista, muito, muito obrigado. Vou desligar.

[FGPe1 – Focus-Group com Peritos]

(00.00.00)

MODERADOR: Muito bem. Espero não fazer nenhuma asneira, já fiz uma vez e correu bem, portanto, oxalá desta corra bem. Eu ia começar por vos dizer quais os objetivos também deste focus group e depois começo a lançar as questões. Então, os objetivos são quatro. Em primeiro queria começar por dizer-vos que no âmbito da investigação já fiz uma série de focus groups, dois com professores, dois com alunos. Dois com alunos porque um com alunos de segundo e terceiro ciclo, outro com alunos de secundário, e entrevistei também a diretora e três professores. Portanto, este é um focus group, quer dizer, que me permitirá ter também aqui alguns dados complementares muito importantes. Então e quais são estes objetivos? Conhecer as vossas perceções sobre o papel das oficinas de inovação pedagógica e do apoio externo especializado no processo de inovação do Colégio da Paz. Quais as vossas perceções sobre o papel destas oficinas e deste apoio ao processo de inovação do Colégio da Paz. Por outro lado, conhecer as vossas opiniões sobre melhorias que podem ser introduzidas no apoio da rede à inovação do Colégio da Paz. Conhecendo ainda as perceções, as vossas perceções sobre os fatores que dificultam e aqueles que favorecessem o desenvolvimento da inovação pedagógica no colégio, e ainda, na medida do possível, daquilo que consigam também perceber, conhecer as vossas perceções sobre os impactos da inovação pedagógica da vossa área de inovação nas aprendizagens. Obviamente que, sendo um focus grupo, aqui o mais rico é mesmo também a discussão que se possa gerar e que certamente se vai, se vai gerar. Tenho, portanto, dois blocos de questões. Uma que centra exatamente na rede, na rede interinstitucional de apoio, e depois, um outro que tem que ver com o impacto que a inovação tem na sala de aula. E, se calhar, ia começar por vos perguntar, e esta primeira é se calhar uma pergunta que apela, se calhar, a uma resposta mais informativa, mas sintam à vontade para ir entrando na discussão conforme se sintam também com vontade de o fazer. Em que moldes, e com que dispositivos, a rede fornece apoio à inovação na escola por área de inovação? Portanto, não tem que ter uma ordem, portanto, por um lado a Gestão de Currículo, por outro lado a Interioridade, e por outro ainda a Participação das Crianças. Em que moldes é que está a acontecer o apoio à inovação da escola este ano letivo e com que dispositivos? Quem quer começar?

PERITA 04: Helena, se quiseres podes-me ir ajudando a relembrar. É assim, no caso da Gestão de Currículo o que nós temos dinamizado são várias lógicas. Por um lado, a oficina de Gestão de Currículo tem o encontro intercentros nas últimas quartas feiras mensais, em que todos os centros educativos das Irmãs Doroteias se reúnem para ter um momento de formação e contexto. Este ano em concreto nós temos convidado pessoas externas à rede para colaborar connosco e tornar evidente o que têm feito ao nível da inovação pedagógica. Temos também o apoio aos projetos interdisciplinares e aos cenários de aprendizagem, que são dinamizados sempre que os centros educativos pretendam, isto é, nós temos reuniões mais personalizadas com, no fundo, os responsáveis pela Gestão de Currículo em cada um dos centros onde fazemos essa monitorização dos projetos interdisciplinares e dos cenários de aprendizagem. Aliás, no que diz respeito ao Colégio da Paz, essas reuniões têm acontecido com bastante frequência, e toda a produção da autoria dos professores está disponível na nossa plataforma moodle, o que nos satisfaz imenso, porque é uma das formas também de levar a inovação pedagógica, digamos, a outros centros e ter aqui uma janela de oportunidade para as pessoas verificarem como é que os projetos podem ser feitos. Temos ainda, também, a incorporação do perfil dos alunos e das alunas das Irmãs Doroteias na Gestão de Currículo, e tem contado com a participação de vários professores de todos os centros, inclusive do Colégio da Paz. Terminámos há quinze dias o grupo de professores de Matemática, iniciámos há uma semana o grupo de professores de Estudo do Meio, Ciências, Biologia e Geologia. Acho que não me estou a esquecer de nenhuma dinâmica, acho eu, Helena, ajuda-me.

PERITA 03: Hm, não, não, em concreto no Colégio da Paz, portanto, da minha aula até tem proximidade, têm tido reuniões e contactos frequentes com os professores. Portanto, há uma professora responsável pelo primeiro ciclo, que é a professora Anabela Correia e uma professora responsável pelo segundo, terceiro ciclo e secundário, que é a professora Helena Vieira, e tem havido reuniões muito frequentes. E normalmente eu e a Daniela contactamos quer uma professora quer outra, a professora Anabela, normalmente partilha diretamente no moodle, é talvez a professora que mais faz isso, nos apraz, não é? Porque a maior parte das professoras, das coordenadoras, o que faz é enviar-nos por email, envia-nos por email. A professora Helena envia-nos sempre por email, para nós apreciarmos ambas, eu e a Daniela. E depois a Daniela contacta diretamente com a professora. E, portanto, esse contacto é relativamente próximo e o feedback muito específico, não é? A cada projeto. A relação a, em particular aos encontros intercentros, o Colégio da Paz tem estado predominantemente ausente. Portanto, há, tem havido impedimentos, pelo que entendemos e até devidamente explicados, antecipadamente por vezes explicado até pela diretora, mas que impedem os docentes de estar. Portanto, há atividades ou reuniões, ou horários internos que impedem essa, essa presença, o que é pena. Em relação à incorporação do perfil, Daniela, já disse, não é? Portanto, temos tido os professores, vários até, quer no grupo de Português, quer agora no grupo de Matemática, quer agora no grupo de Ciências, temos sempre professores em abundância, isto é, três professores no mínimo. Portanto, no grupo de português até tivemos mais. Portanto, temos tido algum investimento nesse, nesse aspeto. Da parte do Colégio da Paz, mas é isso.

MODERADOR: Muito obrigado. Muito obrigado, Helena e Daniela.

(00.07.28)

MODERADOR: Pedia agora que das outras oficinas também partilhassem, por favor. Irene, quer avançar? Ou a Irmã Susana já se tinha disponibilizado, avance, avance, Irmã Susana.

PERITA 02: Posso? Posso avançar? Ai não?

MODERADOR: A Irmã já tinha sinalizado, eu não tinha visto. Irmã Susana, faça o favor.

PERITA 06: Eu vou falar, vou falar um bocadinho, depois a Irmã Anabela complementa com um olhar mais externo, eu tenho um olhar mais interno. Relativamente aqui ao Colégio da Paz, as dinâmicas, que como peritas podemos apoiar, começam logo por uma formação inicial, diríamos nós, que se realiza em julho, de entre três a quatro dias. Portanto, uma formação que é dada a todos os, é aberta a todos os colaboradores dos nossos centros educativos, e participa quem pode, quem se inscreve, neste caso. Aqui, relativamente ao Colégio da Paz, na última formação inscreveram-se bastantes docentes, sejam eles responsáveis diretamente pelas dinâmicas de Interioridade no colégio, mas também diretores de turma, ou seja, responsáveis ou diretores de turma. Para que possam compreender melhor as dinâmicas de Interioridade e talvez no futuro podê-las até integrar nas suas práticas educativas. Depois, há uma dinâmica também de intercentros onde todos os docentes se encontram, partilham dinâmicas de Interioridade que estão a decorrer, e isso também é uma forma de ajudar e, de alguma forma, formar docentes nesta área. Também a nível de visitas aos próprios centros, vai decorrer na próxima semana a visita aqui ao Colégio da Paz, com a Irmã Anabela e comigo, para podermos também acompanhar mais de perto todos os processos que estão em curso, reunir com as equipas de Interioridade e com a direção, e ir aferindo tudo aquilo que é necessário. Há aqui algumas dinâmicas que nós diríamos, precisam de ser reforçadas. Temos aqui uma situação, relativamente aos professores de Interioridade, é uma, os professores de Interioridade, é uma equipa estável. Ou seja, não se perspectiva, mesmo em termos de direção, com quem temos conversado, não se perspectiva que mudem. Os professores de Interioridade são estes. Este ano ingressou uma nova professora de Interioridade para o segundo ciclo, mas não há perspectiva que mudem. Isto tem a ver com os horários dos professores, com a sua, e também com a sua formação, portanto, em princípio a equipa está estável. Estando estável, pode sempre ir melhorando as suas práticas profissionais, mas, digamos que em termos de crescimento, é difícil. Portanto, o que importa agora, em termos de dinâmica de colégio, é formar outros. Formar seja diretores de turma, outros professores, para

que possam compreender melhor as dinâmicas e incorporá-las, também. Mas não para que sejam professores de Interioridade, nessa perspectiva. Em relação ao primeiro ciclo, que é uma dinâmica diferente, todas as professoras têm tido formação regular nesta área. São elas que dinamizam as suas sessões para os seus grupos de alunos. Acreditamos que mais formação será necessária. Portanto, seria importante agora em julho serem informadas as professoras que ainda não fizeram formação inicial, e de alguma forma haver um acompanhamento mais próximo nessa área. Portanto, a nossa proposta é que no próximo ano letivo a coordenadora da oficina seja uma professora de primeiro ciclo. Ou seja, fazer aqui uma diferença, em vez de ser um único responsável pela Interioridade no Colégio da Paz, serem vários. Uma relativamente ao primeiro ciclo, outra para o pré-escolar e outra para o segundo, terceiro ciclo e secundário. Porque são dinâmicas diferentes, é importante acompanhar de uma forma diferente e ir formando também nesta área. Portanto, são assim, aquilo que eu me recordo. Não sei. A Irmã Anabela talvez possa complementar alguma área.

PERITA 05: Não, eu penso que é importante sublinhar este aspeto de que realmente os professores de Interioridade têm participado imenso na formação inicial que nós temos lançado em equipa. E penso que realmente se nota que há um grande dinamismo e um grande interesse em relação a toda a parte de Interioridade. Penso que um aspeto que há, que poderia melhorar é esse. Nesse campo em termos de alguém que esteja mais inserido e que seja mais responsável pela parte da Interioridade como coordenadores diferentes, pronto, aí sim.

MODERADOR: Muito obrigado, a ambas.

(00.12.56)

MODERADOR: Irene, agora na “nossa” Participação das Crianças.

PERITA 02: Exatamente, agora o Pedro tem um problema de identidade porque pode desdobrar-se para, para fingir que não é o investigador.

MODERADOR: Tenho que assumir isso.

PERITA 02: Sim, exato. Deve ter trazido um bigode, qualquer coisa assim para ter duas personagens. Em termos de dinâmica do nosso trabalho com o colégio, nós, o colégio está inserido na dinâmica que nós temos com os centros, com os oito centros educativos, e que acontece de forma regular desta forma. Nós temos os encontros intercentros nas segundas quartas feiras de cada mês. Uma primeira parte em que nós estamos com os responsáveis das oficinas, e em que se faz um pouco o ponto de situação das várias situações que vão acontecendo. Nomeadamente relembrar pontos importantes do calendário, discutir algumas questões ou algumas dúvidas que tenham surgido, é um momento de pôr na mesa uma série de questões, vá, coletivas. E depois temos um segundo momento, dentro destas segundas quartas feiras, em que no zoom as pessoas vão para salas paralelas e fazem um encontro intercentros que nós temos dividido entre pré-escolar, primeiro, primeiro e segundo, não, pré-escolar e primeiro ciclo, e depois também os grandes, o segundo, terceiro ciclos e secundário, ou às vezes fazemos três em que temos o pré-escolar, o primeiro ciclo e segundo ciclo e depois os grandes. No caso específico do Colégio da Paz, como tem uma abrangência muito grande nestas valências, acabam por se dividir neste segundo momento pelos, pelas várias salas. Nas quartas quartas feiras de cada mês nós estamos a fazer um projeto de investigação-ação com os diferentes centros, em que estamos num processo coletivo de construir um referencial de gravação de níveis de Participação das Crianças na escola, em que são distribuídos textos, que são depois textos de referência, que são escolhidos por nós. É quase esse o nosso protagonismo, porque a partir desse momento o que as pessoas fazem é que trazem as suas leituras, e partilham as suas leituras, e ainda tem sido um momento muito, muito rico e muito interessante de construção de um saber comum. E em que, mais uma vez, o colégio tem participado, até porque como nós, como sabemos, quer dizer, as várias valências que o colégio tem acabam por ter vários representantes e, portanto, acabam por nos ter bastante ativos neste, neste processo. Eu lembro-me, por exemplo, na última reunião foram particular, foi particularmente acesa a discussão. Se este referencial que nós estamos a falar devia ser um referencial comum a todos os níveis de ensino, ou se devia fazer por níveis de ensino, e houve discussão acesa, que é bom, é sempre bom, não é? E o Colégio da Paz esteve aceso nessa, nessa discussão. Isto é a dinâmica que nós temos com os centros todos, e em que o colégio está implicado. Depois, obviamente, há um apoio centro a centro, não é? De, que é apoio a situações em que, em que nos, em que nos solicitam apoio, ou em que nós sentimos que era, que é boa ideia conversarmos diretamente, e em que, normalmente, tem a ver com questões a nível de construção de instrumentos, de dinamização de algumas situações, e em que são, é um apoio mais especializado e que tem acontecido com o colégio, com os vários níveis de ensino.

PERITO 01: Hm, hm. Sim, eu não vou acrescentar muito mais, se calhar mais à frente numa ou noutra questão. Ia só dizer que este é um centro que tem, o Colégio da Paz que tem, tem sempre, desde o início desta caminhada, estado alinhado e com vontade de fazer trabalho. Mas, este ano também, não tenho conseguido cumprir todos os momentos em que estamos juntos, por uma ou outra dinâmica interna, ou da rede que se sobrepõe. Portanto, um bocadinho à semelhança do que a Gestão Curricular disse há pouco, também sentimos isso, outras dificuldades daqui a pouco já enunciaremos.

(00.18.16)

MODERADOR: Esta, a partir de agora, estas questões já não têm que ser oficina a oficina. Portanto, podemos se calhar mais facilmente ir interagindo. No fundo são duas questões interligadas que eu faço, que eu faço já imediatamente. Por um lado, se consideram que os docentes envolvidos na vossa área de inovação e a direção da escola reconhecem o papel da rede na construção de capacidades para a melhoria, tanto professores que estão envolvidos na dinâmica da oficina como a direção, e por outro lado, se sentem que tem havido evolução nesse reconhecimento ao longo do tempo, na importância do papel da rede na construção de capacidades com vista à melhoria escolar? Helena?

PERITA 04: Não sei, eu com certeza...

PERITA 03: Eu?

MODERADOR: Ah, Daniela? Força.

PERITA 04: ...não, estava a dizer que com certeza dava o moto, porque eu tenho algumas dúvidas relativamente à, à questão colocada. Ou seja, relativamente ao percurso que o centro tem feito, e o reconhecimento que a direção atribui a esta lógica, não tenho dúvida nenhuma. Concretamente ao papel da rede tenho muitas dúvidas, porque, vou dizer desta forma, porque em diferentes momentos em que a rede foi rede, não é? E se apresentou como rede, normalmente é quando o Colégio da Paz está menos, percebem? E então acho que isso dá algum sentido ou não àquilo que é a própria rede, percebem? Tem mais a ver com isso, e tenho essa dúvida mesmo.

PERITA 03: Hm, hm.

PERITA 04: Não estou a dizer que não valorize e que não considere importante, mas efetivamente nos momentos de rede é quando há menor participação.

PERITA 03: Hm, hm.

PERITA 02: Eu se calhar complementava esta ideia porque nós o ano passado sentimos, da parte do colégio, sentimos não, foi verbalizada uma vontade muito grande de fazer esta partilha intercentros e, portanto, a valorização da rede. E o que nós sentimos, e agora estou a falar no plural mas o Pedro pode-me corrigir, o que nós sentimos foi que havia uma vontade de estar na rede e de colaborar na rede, mas de uma forma muito própria. Como se soubessem exatamente o que é que era preciso fazer em termos de rede. E quando as coisas não correram exatamente da forma que era suposto, nomeadamente eles, o colégio ficou inclusivamente responsável pela organização dos encontros intercentros dos grandes, à segunda vez que a coisa não funcionou, desistiram.

PERITA 04: Hm, hm.

PERITA 02: E, pura e simplesmente, saíram da dinâmica dos encontros intercentros. Embora o discurso seja que é muito importante isto.

PERITA 04: Hm, hm.

PERITA 02: Eu acho que se calhar tem a ver com a expectativa, que não era exatamente, não foi cumprida e, portanto, não era isso que estava à procura. Não sei, se calhar tem a ver com o que tu acabaste de dizer, Daniela, que é a rede se calhar não é, a rede, o que procuram na rede não é exatamente o que a rede oferece. E, portanto, aqui há um, não sei.

PERITA 03: Não sei, eu também, eu ia, a minha percepção, e é ainda, é mais distante, não é? E pode não estar correta, mas aquilo que me parece muitas vezes, no sentido que a Daniela estava a dizer, é que há às vezes até iniciativas paralelas do Colégio da Paz, em relação aquilo que a rede propicia, e onde por vários motivos, aliás como já dissemos o Colégio da Paz não esteve presente, que são redundantes em relação aquilo, em relação aquilo que a rede oferece, não é? E, portanto, eu concordo com o que a Irene dizia. Há um discurso de valorização da rede, mas efetivamente não há uma, por um lado um dar à rede. Por exemplo, no ano passado a formação intercentros era da responsabilidade dos próprios docentes da Gestão do Currículo dos vários centros, portanto, em cada mês era um centro a dinamizar uma ação de formação para os outros centros. E o Colégio da Paz não dinamizou esse momento, nalguns outros momentos não esteve presente porque não podia estar, ou enfim, e depois, no final do ano organizou um conjunto de Webinares, nalguns casos até com os mesmos convidados que tinham estado em rede na formação intercentros e, portanto, parece-me haver talvez algum desajuste entre, se calhar como a Irene dizia, aquilo que se espera da rede e aquilo que é propício ao centro, ou de timing? Não sei bem, ou de organização interna que depois impede a participação, não sei bem, não consigo compreender bem isso, mas de facto, há alguma diferença entre o discurso e a prática, de facto.

PERITO 01: Eu ia, ia aqui também acrescentar, saindo da pele de investigador, tentar complementar talvez, Irene, se não complementar, se discordar claro que diga. A percepção que eu tenho é que desde início, deste projeto, o Colégio da Paz, ou a equipa que era pequena na altura, estava muito alinhada e começou a produzir trabalho, e a entender, e queria, de facto, um contributo da rede, que se calhar muito cedo outros centros não estavam ainda preparados para dar. E teve aqui até alguma impaciência nisso: “Então, mas a rede e tal?” Quando chegou o momento de outros centros começarem, ainda com um ritmo um bocadinho mais lento, e até o próprio centro assumir aqui algum papel de motor destes grupos de partilha por escolas com oferta educativa similar, aos primeiros, às primeiras dificuldades depois, não agarraram, ou seja, quase que não se responsabilizaram por essa construção, quase que a rede e os outros centros já tinham que estar prontos naquele momento. Neste momento nós confrontamo-nos com outras dificuldades que é que tem que ver com uma mudança que houve na coordenação interna, e num alargamento também que houve para levar a participação para o pré-escolar e para o primeiro ciclo e, portanto, de repente há três coordenações, que é uma riqueza, claro, mas não houve um momento em julho de capacitação. E, portanto, são pessoas que entraram de novo e, portanto, estamos a tentar reconstruir um, quer dizer, aqui um sentido, um alinhamento, motos de trabalho que não têm sido sempre fáceis, portanto, sim, eu, eu, eu revejo-me nessa, num certo paradoxo, não é? De um querer a rede mas depois ser difícil, por sobrecargas várias, não sei. Mas gostava também de ouvir um pouco, a seguir à Irene, aqui as peritas de Interioridade.

PERITA 02: Pedro, desculpe, só uma coisa, eu, só uma coisa, só uma questão. É que eu acho que quando o Pedro diz que houve, que sentiu uma certa impaciência em termos de a rede ainda não estar pronta, o que eu acho é que havia uma noção e um conceito muito próprio do que é que era a rede e o que é que a rede podia oferecer. E o estar pronto era estar pronto para a visão que tinham e não de uma abertura para o que a rede é, e com a multiplicidade de pessoas que a compõe, eu acho que tem também a ver com isto, não sei.

PERITO 01: É, e completando a isso, queria, e o desejo de haver logo materiais disponíveis no repositório, projetos de outros centros que pudessem já ver, pronto, um bocadinho, um bocadinho nessa perspetiva.

MODERADOR: Irmã Anabela, queria...

PERITA 03: Eu gostava só de acrescentar uma coisa, peço desculpa...

MODERADOR: ...ah, Helena, força.

PERITA 03: ...que é, não obstante o que eu disse, eu julgo que, a percepção que tenho é que muitas vezes os docentes não podem estar presentes porque têm muitas outras coisas. E parece-me, a percepção que eu tenho de fora é que é um centro em grande dinamismo, não só naquilo que diz respeito ao trabalho que é apoiado, digamos assim, pela Bússola ou pelos peritos, mas o próprio centro está num processo seu e muito dinâmico, o que pode trazer algumas dificuldades para chegar a todo lado, pronto. Porque, senti necessidade de dizer isto porque eu julgo que esta minha percepção pode ajudar a compreender a outra de alguma maneira, não é? Porque parece-me que há muitas pontas onde pegar e por vezes o comboio pode estar a ir mais rápido do que depois as estações propiciam, é isto só que eu queria dizer.

PERITO 01: Não resisto a dizer isto, e as quartas feiras são um tempinho muito curto para tudo isso.

PERITA 04: Exatamente, Irmã Anabela, permita-me só, só completando isto que tem que ver com o que a Helena disse e também com o que a Irene disse, que é, não é só a questão do grande dinamismo, porque realmente a produção do Colégio da Paz é incrível, e incrível do ponto de vista, digamos, da concretização, mas de reflexão que fazem sobre o trabalho que apresentam. E, por exemplo, a mim não me parece nada, a minha percepção não tem nada que ver com, por exemplo, a rede não estar à espera, vou dizer assim, a rede não dar ao colégio aquilo que eles, a sua expectativa. Eu, eu sinceramente não foi isso que entendi. O que entendo, da minha percepção e desta diferença entre o discurso e a prática, tem que ver com os timings do próprio colégio. Ou seja, quando, por exemplo, esse ciclo de Webinares aconteceu paralelamente à formação intercentros teve que ver que, de repente formou-se uma equipa que começou a pensar na MAS, nas Metodologias Ativas e Significativas, e que elaborou um inquérito, e que os professores decidiram que deviam saber mais sobre aquelas metodologias, que por acaso tinham sido todas trabalhadas durante o ano na formação intercentros, mas como lá não estavam não sabiam, não é? E depois resolveram fazer alguma coisa. E, por exemplo, onde me parece que o discurso é diferente da prática, e que, e eu por exemplo alertei que numa iniciativa daquelas podia ser interessante, para além de já terem existido, podia ser interessante para todos os centros. E, por exemplo, este cuidado de convidar todos os outros centros que pertencem à rede não existiu, percebem? Eu acho que, no meu entender, a diferença entre discurso e prática não é tanto estar à espera que a rede lhes dê mais alguma coisa, ou que no fundo seja um espelho daquilo que procuram, mas saber, diferentes equipas sabem muito bem, ou pelo menos consideram que acham muito bem onde querem chegar e o que querem fazer, e mostrar esse resultado independentemente de estarem numa rede ou não estarem numa rede. É isso que eu sinto, é que por vezes estar numa rede ou não estar é exatamente igual, percebem? E acabam por fazer o tipo de trabalho. Agora esse dinamismo existe, essa proatividade, essa produção? Sim, sem dúvida, e é bom também sublinhar.

PERITA 05: Pronto, eu também acho que, daquilo que eu vejo, estando de fora de todo o caminho que foi feito até agora em termos do Bússola, eu sinto que realmente a Paz sempre foi um centro muito dinâmico, sempre foi um centro que se organizou, e que sabia para onde queria ir. E o facto de ser organizado e ter, no fundo, apanhado, captado tão depressa a dinâmica da Bússola pode ter também o ponto do outro lado, não é? Que é o lado de se terem envolvido tanto internamente, que depois essa parte da rede, portanto, que já falaram, acaba por, tem muito para dar, mas não, acho que pode pôr mais ao serviço da rede, lá está, todas as potencialidades e tudo aquilo que têm como centro educativo, daquilo que me parece e daquilo que eu vejo. Como oficina, em relação à nossa oficina em concreto, eu acho que o centro da Paz, o centro da Paz, o centro educativo da Paz sempre foi, colaborou sempre muito, deu sempre bastante em relação à Interioridade. E principalmente na elaboração do referencial envolveram-se vários elementos do centro do Colégio da Paz, que foram convidados e responderam a essa convite, mas realmente este ano eu sinto que há uma certa ausência, por um lado, por outro acho que deviam ser mais participativos. Mas a nossa, a nossa, penso que há aqui qualquer coisa que falha, não só em relação ao centro da Paz, ao centro, ao Colégio da Paz, como também aos outros colégios que nós temos em relação à rede. Penso que o facto de serem colégios grandes, olhando para os colégios grandes, penso que eles têm muito para dar e têm, mas o facto de se envolverem tanto internamente depois não têm tempo para, para fazer esse tal, essa ligação com a rede que nós tanto queremos, não é? Depois perde-se aqui também uma riqueza que podia ser maior se todos contribuíssem, não é? Não sei, um pouco por aí.

MODERADOR: Obrigado, Irmã Anabela.

(00.32.45)

MODERADOR: Irmã Susana quer complementar, ou lanço já a próxima questão?

PERITA 06: Não, não, eu queria falar aqui algumas coisas. Há aqui algumas dinâmicas que eu acho que em termos do colégio, na verdade é uma equipa dinâmica, na verdade é uma equipa que quer muito aprender e quer muito dar o melhor de si, é verdade. E mesmo em relação à rede sinto que colaboram muito, mas depois acho que há aqui uma, não sei se tem uma comunicação da nossa como equipa, por exemplo, em relação à Interioridade, ou se há uma compreensão às vezes do que é isto da rede. Porque quando nós dizemos, por exemplo, que os intercentros, quem são os destinatários dos intercentros? São as pessoas que estão, os primeiros anos das, nós não temos pessoas dos primeiros anos, aliás temos uma professora só que veio pela primeira vez. Para quem é que são os destinatários dos intercentros? Para todos os professores de Interioridade? Então a dinâmica de horários e de colocação de tempos para que todos os professores de Interioridade estejam disponíveis naquela hora não foi feita, não é? Portanto, se é para todos, todos os outros professores, então a dinâmica tem que ser diferente. Então para o coordenador da oficina, para quem são os destinatários? Porque há aqui uma equipa que está muito disponível para avançar, não é? Mas depois há aqui estas incompatibilidades, acho que entrou-se num processo aqui dentro, que tem a ver com o trabalho colaborativo, que tem a ver com o querer de alguma forma crescer ainda mais, que depois não se consegue chegar a todo lado, é impossível. Não se consegue formar professores de Interioridade que estão ao mesmo tempo, que são professores de Inglês, ou professores de outra coisa, porque têm dois grupos curriculares, portanto, não conseguem fazê-los, esses também estão noutras dinâmicas, e não estou a ver, a dizer de outras dinâmicas de outras oficinas, outras dinâmicas internas, como sejam conselhos de turma, ou grupos disciplinares, ou o quer que seja. Portanto, há aqui uma organização que se quer dinâmica, que se quer flexível, que se quer de alguma forma até inovadora, mas que depois tem dificuldade em regar tudo aquilo que são dinâmicas de rede. Porque as dinâmicas de rede estão pensadas de uma determinada forma não é? Portanto, as dinâmicas de rede estão pensadas para as quartas feiras, num determinado horário, de uma determinada forma, portanto, há aqui depois esta, digamos, este comboio que anda a duas velocidades ou três, e por isso acho que às vezes é difícil que todos entrem num TGV, como se costuma dizer. E aquilo que há bocadinho estavam a dizer em relação, por exemplo, aos Webinars e assim, eu compreendo, eu até acho que a iniciativa em si era boa, porque tudo aquilo que foi de alguma forma entendido por quem pôde estar nesses encontros intercentros, informar-se nessa área, percebeu que, “Ah, isto é excelente se nós conseguirmos fazer chegar aos outros professores.” E então criaram-se uma, aqueles encontros de julho, naqueles Webinars. Mas na verdade se calhar faltou isso, faltou convidar outros, pensar em lógica de rede, lançar um desafio para todos, e depois entrou-se numa situação agora há poucos meses quando ouvíamos outros a dizer, “Ah, mas nós também queríamos, nós também gostaríamos, nós também...” Portanto, a lógica de capacitação interna, e de capacitação de, digamos, de professores que sejam peritos internos, essa é boa, é uma boa perspetiva. Mas depois é difícil que um perito interno consiga formar colegas e consiga dinamizar colegas com a mesma dinâmica e ao mesmo tempo estar na rede. Portanto, há aqui, eu acho que há aqui comboios com velocidades diferentes.

MODERADOR: Muito obrigado.

(00.36.50)

MODERADOR: Eu avançava já para uma outra questão, que tem que ver com o seguinte, na vossa opinião o que é que se poderia ainda fazer ao nível da rede para capacitar mais a escola, para a conceção, concretização e avaliação da inovação? O que é que a rede ainda pode fazer para ajudar mais a escola aqui?

PERITA 04: Eu não sei se será a rede. Eu penso é que, uma das vantagens de trabalharmos em rede é encontrar, digamos, oportunidades, vou dizer assim, de janelas e de espelhos, não é? Por um lado nós podemos na rede, é como se olhássemos para um espelho e perceber que também fazemos daquele modos, porque é que fazemos daquele modo, e justificar e até, vou dizer assim, tornar mais consolidado o modo como atuamos. Por outro lado a rede é uma janela porque é uma oportunidade. Nós vemos outras formas de exercer a profissionalidade, outras formas de fazer aprender, e por isso nessas outras formas, essas outras formas podem ser inspiradoras para nós modificarmos práticas, etc, etc. E daí eu considerar que a mais valia da rede é ser cérebro coletivo que nos ajuda por um lado a compreender melhor a nossa prática e, por outro lado, a abrir janelas de oportunidade para reconfigurarmos e redesenharmos as nossas práticas. E nesse sentido eu penso que quer para este centro, quer para qualquer um outro, a rede é sempre esta oportunidade, não é? Esta, no fundo é como se nós estivéssemos a construir narrativas pedagógicas com várias mãos, não é? E penso sinceramente que nesse sentido quer este centro, quer todos os outros, ganharão muito em participar em todas as iniciativas da rede mesmo que, vou dizer assim, que haja diferentes velocidades. Porque essas diferentes velocidades muitas vezes também nos permitem distanciar do ritmo com que estamos, não é? Como a Irmã disse e bem, e compreendê-lo melhor. Efetivamente eu penso que esse é o primeiro grande ganho, depois há os ganhos mais práticos, que sinceramente eu também não valorizo tanto quando isso, mas é conhecer a produção dos outros, comparar a produção, por exemplo, no caso dos projetos interdisciplinares, os cenários, comparar com aqueles que nós estamos a fazer. Gostaria muito muito que, por exemplo, a rede se assumisse também como autores coletivos e comessem também a desenhar, vou dizer assim, projetos não tanto para cada centro, mas sim, por exemplo, para a própria rede. Isso seria também um momento de fazer um upgrade à própria rede, e construir, por exemplo, a prática também é geradora de teorias, e os nossos autores a partir das suas práticas comessem a gerar teoria, e uma teoria da rede e não do centro, pronto. Eu vejo essas grandes potencialidades.

PERITA 06: Eu concordo aqui nalgumas dinâmicas, eu acho que nós já fomos dando passos em dinâmica de rede com a construção, por exemplo, de referenciais comuns. Os referenciais da rede, sejam eles o perfil do aluno, o perfil do educador, o referencial da Interioridade, o referencial da Participação, todas aquelas dinâmicas de Gestão de Currículo também. Portanto, referenciais comuns a uma rede ajudam-nos a um percurso e a um sentirmo-nos mais rede, e isso eu valorizo bastante. Eu acho que mais tarde ou mais cedo nós vamos ter que abandonar as dinâmicas de oficina, é a minha perspetiva. E eu acho que como rede temos que pensar mais integrado e por pensar os nossos, os nossos centros educativos como um todo, são os mesmos professores, são as mesmas crianças, são os mesmos colaboradores, foi muito importante pensarmos, e este trabalho que está a ser feito por exemplo na Gestão de Currículo, pensar-se na integração do PA nas diferentes áreas curriculares, eu acho isso muito importante. Mas agora acho que há passos que têm que ser dados a seguir, têm que ser dados passos no olhar os centros como um todo e trabalhar os centros depois nesta lógica de repente, mas não por oficinas, não se consegue segmentarizar, não sei se por grupos disciplinares, reunir todos os professores de geografia e pensar tudo de uma forma mais integral, a Participação das Crianças aí, a Interioridade aí, pronto. E uma certa forma mais integrada, mais, olhar mais o todo. E eu acho que isso, temos que fazer uma reflexão mais profunda, porque eu não tenho neste momento, tenho só uma ideia, mas não tenho a certeza de como é que isso poderia ser feito, mas acho que a lógica de oficinas teria que de alguma forma cair e abraçarmos outro tipo de dinâmicas de inovação mais integradas, isso é o que eu acho, em relação à Interioridade também. A Interioridade... foi muito importante a construção do referencial, agora é muito importante o passo a seguir de criar dinâmicas de Interioridade a partir daquele próprio referencial e não de outra coisa qualquer, mas se é aquilo que temos é trabalhar a partir daquilo, mas é olhar para além da sala de Interioridade, é olhar para além. Isto para os mais velhos, porque com os mais novos é mais fácil, mas para os centros que têm a partir do quinto ano ter, é pensar isto de uma forma mais integrada. Já temos centros a fazer a Gestão do Currículo, a integrar a Interioridade em projetos interdisciplinares, e eu acho que isso é muito interessante e é o caminho também com os mais velhos, é por aí. Portanto, pensar as coisas mais integradas e de uma forma mais amplas, e integrando a rede parece-me que é o caminho.

PERITO 01: Permitam-me agora também intervir. A visão que eu tenho, pensando aqui na oficina da Participação, mas se calhar ousando também olhar para as outras áreas de inovação, parece-me que tem havido uma preocupação da rede, e em concreto desta equipa de pessoas que aqui está, não é? Em ir alimentando por um lado aquilo que é a formação em ação, não é? A capacitação das pessoas, e não numa perspetiva estática, numa perspetiva dinâmica, não é? E se olharmos para o funcionamento inicial de cada OIP vemos transformações várias que procuram sempre ser uma resposta concreta a isto, portanto, que me parece um sinal muito positivo. Eu olho para estas questões, para estes constrangimentos que temos falado, por um lado a questão da capacitação de pessoas que se tornarão peritas internamente, que tem sido uma preocupação transversal, por outro lado o desejo de alargamento que se compreende e de integração. Isto pode e será um passo certamente a dar, mas se, por exemplo, sucederem situações como aquela com que nós na Participação nos confrontámos, de um ano para o outro surgem pessoas que coordenam as oficinas que não são peritas porque surgem pela primeira vez, se isto surge num contexto de alargamento que vamos pensar as áreas de inovação todas em conjunto, há aqui perigos que é, pura e simplesmente, neutralizarmos o potencial de inovação, não é? E eu acho que esta visão integrada de capacitação alargamento tem de, e se calhar aqui é um aspeto que a rede conseguiu entrar pouco, e eu vejo como um grande desafio da rede, é ajudar, no caso concreto estamos a falar do Colégio da Paz, a uma reflexão para um outro modelo de organização de organização escolar. Um outro modelo de organização escolar que permita essa capacitação em ação, esse desenvolvimento e capacitação de peritos internos, e ir ousando um outro modo de organização que não leve à permanente sobrecarga, às permanentes dificuldades de uma ou outra ordem. Portanto, esse eu vejo como um grande desafio já no horizonte.

MODERADOR: Gostaria de ouvir outros contributos.

PERITA 02: Eu acho que a questão do que é que a rede pode oferecer, eu acho que já foi muito muito salientada. Eu acho que esta ideia do espelho e da janela, vou roubá-la, porque eu acho que é mesmo isto. Quer dizer, mesmo quando nós estamos em velocidades diferentes, o facto de nós contarmos a nossa experiência a alguém que está a passar por uma experiência parecida faz-nos olhar para a nossa própria experiência de uma forma diferente, mais crítica, e até perceber que há outras formas de resolver questões. E isto eu acho que é o grande trunfo de estarmos em rede, é de facto podermos crescer juntos, mas não na perspetiva de que, como é que eu hei de dizer? Eu acho que a rede tem que ser vista como um conjunto de saberes, de competências, que nos ajudam a crescer em alguns momentos e em que nós, nós ajudamos a crescer. E eu acho que isso é que é muito importante em termos de rede, e acho que é algo que, o que é que sentimos? Por exemplo, em termos concretamente do colégio, é que, por exemplo, nos últimos encontros intercentros as duas valências que entraram por último participaram ativamente nos encontros intercentros, e foram discutir questões com os pares. O meu medo é, isto aconteceu porque claramente eram pessoas que estavam menos à vontade nesta dinâmica de oficina, e quando se está mais à vontade que os outros é preciso ter esta mesma vontade de partilhar e de dar e de receber, não é? Porque também, não é porque estamos mais à frente que estamos melhores. Às vezes há outras coisas que já aconteceram e que foram mais interessantes, e com as quais nós podemos aprender. Portanto, acho que o coletivo é sempre uma boa solução para os caminhos que se fazem, portanto...

PERITA 04: Eu ia brincar porque eu estava a dizer, oh Irene, é um bocado de, nós podemos pensar diferente, até pensar radicalmente diferente, e mas mesmo assim continuando em conjunto, não é? E nisso, por acaso, nós na incorporação do perfil na Gestão de Currículo temos verificado, temos tido bastante essa oportunidade de reflexão. É que nem sempre é fácil, vamos dizer assim, encontrar formas de caminhar em conjunto, mas depois de superada essa fase, e que temos sempre com grupos diferentes fases diferentes, ou no início, ou a meio do processo, às vezes até no fim já nos aconteceu, não é? Essa superação torna o, o exercício que fizemos e a própria rede mais forte. E isso é, isso é bastante importante, não é?

(00.48.58)

MODERADOR: Eu ia introduzir agora uma questão para finalizar este bloco, que é tentar olhar para o outro lado. E, portanto, na vossa opinião o que é que o Colégio da Paz poderia fazer, ou poderia ainda fazer, para rentabilizar melhor o apoio da rede? Portanto, a questão anterior foi o que é que a rede pode fazer mais para potenciar o colégio e os seus profissionais. Agora o que é que a escola poderia ainda fazer para rentabilizar melhor o apoio da rede?

PERITA 02: Eu acho que eu já respondi aos dois lados. Desculpa, desculpa Helena. Eu acho que quando falei estava a falar do espelho e, portanto, estava a falar dos dois lados. Do que é que a rede pode dar, mas também como é que as coisas podem funcionar.

PERITA 03: Hm, hm. Pois eu ia complementar nesse sentido porque houve aqui uma questão que na verdade já identificámos, não é? Há pouco, e que tem que ver com, por vezes como a Irmã Susana dizia, não é? Alguma incompatibilidade entre dinâmicas que estão a ser desenvolvidas, e um horário da rede que tem outra lógica, não é? E como disse o Pedro as quartas feiras são muito curtas para tudo isso, não é? Uma vez que há e tem havido cada vez mais uma preocupação de, portanto, no início de cada ano anunciamos desde logo quais são os tempos e os espaços em que vamos estar juntos, porque o horário da quarta feira, por exemplo, de intercentros tem aquela lógica porque, só por uma razão, é porque é o mais viável para todos dentro daquilo que são os horários e as dinâmicas de cada centro, e eles são muito diferentes, não é? Portanto, nós tentámos encontrar até, por exemplo, mesmo com as direções, e ver qual era o horário mais viável para cada centro de maneira a chegar um dia a um consenso, não é? Ficámos até assim com um horário um bocadinho irregular precisamente porque é, digamos assim, é o furo possível entre todos. Não obstante, nem sempre é fácil, não é? Mas, e nós, e enfim, eu julgo que eu e a Daniela também estamos disponíveis para, se for necessário, adiantar essa informação, em vez de ser em setembro ser em julho, por exemplo, de maneira a que as direções e, neste caso, o centro do Colégio da Paz possa organizar de alguma maneira esse trabalho para que seja possível estar, não é? Porque num caso ou outro estar é importante, não é? Porque? Porque, por tudo o que já foi dito. Mas se depois é impossível estar, e se há necessidades que são sentidas que são comuns às da rede, mas não se esteve depois, de alguma maneira, desperdiça-se ali um recurso, diríamos assim, que está a ser disponibilizado e que depois implica também um maior esforço do próprio Colégio da Paz para ir colmatar essas necessidades. E, portanto, talvez fosse de tentarmos afinar melhor essas compatibilidades, ou incompatibilidades que sendo simples e básicas podem potenciar trabalho. Pronto, vendo quando é que é necessário que isso seja dito, que isso seja decidido, até em conjunto.

(00.52.48)

MODERADOR: Olhem, eu ia, passávamos então agora para o segundo bloco, tem que ver mais com o impacto que a inovação pode já ter tido na sala de aula. E começava por vos perguntar, pensando, continuamos a pensar no Colégio da Paz, que fatores reconhecem como facilitadores do desenvolvimento da inovação pedagógica, no colégio, na vossa área de inovação? Quais são aqueles fatores que vocês consideram facilitadores, têm sido facilitadores?

PERITA 04: De uma forma geral eu diria que a disponibilidade dos professores para redesenhar e reconfigurar as suas estratégias de ensino, a disponibilidade sim, nota-se perfeitamente que há essa abertura. Depois diria também que toda a produção que vão realizando de acordo com as suas decisões, não é? No fundo encontrasse sentido para as suas ações pedagógicas, com uma forte intencionalidade, e isso tem sido uma mudança bastante presente, digamos, neste centro. E acho que a visão da própria direção, eu acho que a direção aqui tem um fator preponderante na forma como os profissionais se posicionam face à lógica de inovação, direção no sentido mais geral, talvez lideranças intermédias, não sei, mas a direção em particular é um dos fatores que facilita o trabalho com o Colégio da Paz.

PERITA 03: Hm, hm, sem dúvida. Aliás, tem sido de todas as direções a que mais é nossa interlocutora, não é? Por exemplo, pede no final do ano uma reunião para colher perceções, orientações do ano, do próximo ano, ou para dizer o que é que está a pensar e obter um feedback nosso, e isso de facto é muito facilitador, sem dúvida, sem dúvida. Outro aspeto que eu acho que também é importante...

MODERADOR: *Eu posso avançar um bocadinho.*

PERITA 03: *...desculpa, peço desculpa, Pedro.*

MODERADOR: *Helena, avança.*

PERITA 03: *Eu fiz uma pausa enganadora. Outro aspeto que eu acho que é muito importante é a vontade dos professores fazerem de novo, e de fazerem acontecer inovação pedagógica, pronto. E isso...*

PERITA 04: *Querem fazer bem, e querem fazer bem, não é?*

PERITA 03: *Hm, hm. Sim.*

PERITO 01: *Eu ia, eu pegava, Irene, depois complemento ou contradiga, claro. Sim, eu usaria talvez a imagem de uma certa elasticidade organizacional que, se calhar, olhando os outros centro a contraluz se destaca aqui neste centro. Eu recordo de uma preocupação, que a Irene e eu manifestámos no diálogo com a direção. No final do ano letivo passado a direção disse-nos que queria dar este salto de pensar mais integradamente as áreas de inovação, terminar um bocadinho a lógica de oficina, e um dos aspetos que nós destacámos como preocupação, a par da falta de tempo de capacitação das pessoas que vinham de novo assumir a oficina, era a questão de, que não se perdessem dinâmicas de participação para fora da sala de aula. Portanto, ou seja, havia no discurso a ideia de, “Sim, vamos fazer projetos interdisciplinares, e vamos cuidar que há Participação das Crianças e dos Jovens nesses domínios e tal.” E nós sublinhámos em mais do que uma ocasião, “Mas não percam outras dinâmicas, mas...” E de facto, este ano o colégio deu um salto grande aqui ao, sem ter, ou pelo menos que nós tenhamos essa noção, uma cultura de dinamização de assembleias, posto de pé assembleias de ano do quinto até ao décimo segundo ano. E, portanto, puseram mãos à obra, “Vamos pôr isto de pé, vamos avançar.” E, portanto, eu corroborava essa visão, que a Daniela e que a Helena estavam a dar, desta tentativa da direção de acompanhar, de perceber, e de se alterar, reconfigurar organizacionalmente para dar resposta a isso. Portanto, eu via isso como muito positivo, sem qualquer dúvida, este papel da direção, e também um certo alinhamento, que desde início se foi sentindo, nesta problemática, nestas problemáticas da participação, no empoderamento que é preciso também ir dando às próprias crianças e jovens para assumirem uma participação mais qualificada, digamos assim.*

PERITA 02: *Eu, só completando eu acho que, eu diria que sim, obviamente que o facto, o discurso da instituição ser muito, muito pro-Bússola, eu acho que ajuda muito, muito sem dúvida, até na forma como todas as pessoas depois encaram a presença da Bússola. Mas eu se calhar destacava, em termos especificamente da Participação das Crianças, uma coisa que eu acho que é interessante que é, eu acho que genuinamente o colégio valoriza a Participação dos Jovens e das Crianças em diferentes contextos, e faz muitos projetos em que eles, de facto, têm participação ativa. Depois o que eu acho é que falta, muitas vezes, o momento de reflexão sobre a forma como a prática está a ser feita e, portanto, às vezes as coisas podiam ser, as dinâmicas podiam ser mais interessantes, mais profundas, e abrir mais a questão da participação do que situações pontuais, mas eu acho que há um genuíno interesse em abrir espaço para que as crianças e os jovens participem em diferentes, eu acho que isso não é preciso discutir com as pessoas que estão no colégio, isso é muito positivo. Da minha parte é o que eu acho.*

PERITA 05: *Eu também acho que desde o primeiro momento em que se lançou o Bússola, o facto de a Maria, que pertence à direção, que é a diretora, não é? O facto de ela estar envolvida e ter tido a capacidade de envolver todos os professores, todos os colaboradores dentro da instituição, isso criou logo um dinamismo diferente, não é? Quer queiramos quer não, quer dizer, ela está motivada, e criou dentro do colégio essa motivação. Depois a partir daí é um crescer, foi um crescer, e sente-se realmente todos os colaboradores, todos os professores estão envolvidos, estão interessados em dar o seu melhor e isso já é bom para que tudo resulte, não é?*

PERITA 06: *Eu também, eu também, para além da direção, esta questão de professores motivados por um lado, depois por outro lado uma equipa estável, que eu diria que isto tem uma vantagem. Apesar de às vezes se mudar os dinamizadores da oficina, os peritos internos, na verdade a equipa é a mesma. Portanto, não mudou, as pessoas estão cá dentro, portanto, se saiu o Olívio da Gestão do Currículo, mas ele não saiu do colégio, ele está cá e é também uma peça importante na Gestão do Currículo. Ou na Participação, apesar da Daniela estar de baixa de maternidade ela continua a estar no colégio. Portanto, há uma equipa estável, uma equipa que vai trabalhando, uma equipa que está motivada para este trabalho nas oficinas e na inovação pedagógica no seu geral. E acho que isso é uma, é assim um facilitador muito grande das dinâmicas internas, essa questão da equipa. E depois em relação à Interioridade é uma equipa que valoriza muito tudo o que são dinâmicas de Interioridade, do que é também o carisma da congregação, portanto, há nesta área concreta um grande envolvimento das pessoas. Por isso, eu acho que também depois facilita nestes processos internos.*

MODERADOR: *Muito obrigado.*

(01.02.08)

MODERADOR: *E agora era o reverso desta medalha, não... É as barreiras, as barreiras que identificam, neste momento, ou seja, que fatores reconhecem como barreiras ao desenvolvimento da inovação pedagógica, tendo em conta a perspetiva área de inovação?*

PERITA 06: *Eu posso começar exatamente pelo ponto de onde saiu agora, que é a estabilidade da equipa. Em relação à Interioridade muito concretamente, o facto de serem aqueles os professores da Interioridade às vezes, principalmente do segundo ciclo para a frente, pode dar a ideia que a Interioridade é aquilo, são aquelas pessoas e pronto. Apesar de nós investirmos muito nesta lógica de formação também nos diretores de turma, etc, a mim especialmente preocupa-me como é que esta área de inovação vai impregnando a totalidade das dinâmicas do colégio e não fica restrita apenas a 50 minutos semanais que ocorrem em cada turma. Portanto, isso a mim preocupa-me, de alguma forma, e isso pode ser uma barreira, é identificar-se aquelas pessoas com aquela área de inovação, acho que isso podia, temos de trabalhar mais em termos de oficina para que isto vá mais longe. E acho que isso poderia ser, pode ser uma barreira. Depois aquilo que já falámos, são questões da rede, maior envolvimento com a rede mesmo nesta dimensão da Interioridade, conseguirmos criar lógicas internas de partilha entre todos os centros e não apenas com aqueles que estão com o primeiro ano na oficina, ou com aqueles que já tiveram formação, portanto, haver aqui uma lógica de partilha de recursos e materiais, eu acho que tem que ser mais impulsionado e tem que, de alguma forma, nascer mais como um desejo de todos. Portanto, partilha daquilo que têm sido as planificações, etc, etc, isso é uma dinâmica que tem de acontecer mais. Portanto, acho que são aqui estas duas barreiras.*

PERITA 04: *Eu, pensando assim em obstáculos, estava aqui até a refletir sobre que tipo de obstáculos e o que me parece é que pode haver um enorme ganho na mudanças dos ditos peritos internos, e penso que sim. Todas as experiências têm sido boas no nosso caso, mas vou dizer assim, aquilo que se entende, por exemplo, por Gestão de Currículo é sempre aferido com cada um dos interlocutores. Por exemplo, ainda agora recentemente, quando entrou a Helena Vieira, nós tivemos uma reunião prévia de tentar perceber o que é que a Helena considerava Gestão de Currículo, o que é que nós equipa, eu e a Helena Marques, pensámos sobre o assunto, como é que se desenhava um projeto, etc, etc. O que é que isto me faz pensar, digamos, enquanto pessoa que com a Helena promovemos a inovação ou partidos de Gestão de Currículo? É que esta noção ainda não passou para toda a equipa, ou seja, um dos obstáculos é que como efetivamente nós estamos, vou dizer assim, quase sempre só com o interlocutor, o dito perito interno, que me pareceu uma ótima iniciativa, até que ponto, vou dizer assim, esse perito interno contagia positivamente numa lógica alinhada todas as outras pessoas que estão à sua volta? E vou só dar exemplos daquilo que estou a dizer, quase todas as vezes que estou com a Helena ou com a Anabela, não é? Com as professoras que são as peritas internas, dizem assim, “Ah, pois, realmente.” Por exemplo, a questão, por exemplo, da avaliação pedagógica, que é um dos aspetos sempre menos conseguidos nos projetos interdisciplinares e nos cenários de aprendizagem, disse: “Ah, sim, tem razão, mas sabe? Esta professora ou esta colega...” Por exemplo, tem sempre este receio, e por isso até quis fazer uma rúbrica de aprendizagem à parte, à parte do projeto, não com os colegas. Ou quis fazer não sei o quê, isto é, todo o discurso que nós vamos ouvindo a partir dos nossos interlocutores, todo o discurso desta natureza, não é? Todo, todo, não é? Leva-me a crer que um dos obstáculos é*

exatamente essa mediação, devia ser intercalada com momentos mais em conjunto. Para nós percebermos efetivamente quais são as estratégias mais globais de ensino que têm sido alteradas efetivamente na Paz. Porque se me perguntarem: “Como é que o Professor Olívio pensa? Como é que não...?” Eu sei, ok? Mas depois, se os professores pensam dessa maneira e se estão todos a articular da mesma maneira? Não tenho bem a certeza. E esse pode ser um obstáculo porque a Gestão do Currículo é assim, vou dizer assim, o cerne dessa mudança nas estratégias de ensino. E se nós olharmos até para o conjunto de projetos que temos, os envolvidos são sempre normalmente os mesmos, os envolvidos, professores. E eu não sei mesmo, por desconhecimento, se, vou dizer assim, se haveriam outros professores daquelas áreas, ou outras que também pudessem estar envolvidos, ou se aquilo é mesmo pensado daquela maneira porque são esses sempre os professores que entendem a Gestão de Currículo daquela maneira. Está bem? Não sei se fui muito clara, mas penso que esse é o grande obstáculo.

PERITA 03: Eu gostava de acrescentar só uma coisa a este aspeto. Em relação ao facto de normalmente os coordenadores da Gestão de Currículo, portanto, considerados peritos internos, mudarem, tem que ver precisamente com também este conceito de perito interno que é, portanto, a nosso ver, os nossos objetivos a médio prazo, dois anos, é de facto capacitar cada vez mais as pessoas no centro para que possam gradualmente ter maior autonomia nesse olhar sobre, por exemplo, vou usar agora o exemplo dos projetos, porque era o que estava a ser dado, olhar para os projetos e poder ter uma visão crítica, não é? E reflexiva desse trabalho. E o que acontece é que se o coordenador mudar com muita frequência, aquilo que eu sinto é que esse coordenador não se sente capacitado a dar esse feedback. Portanto, o que acontece é que esse coordenador da oficina é um intermediador entre as equipas e as peritas, e eu e a Daniela, mas na verdade não consegue filtrar, ou ter um olhar reflexivo, ou crítico sobre os projetos que era aquilo que nós gostávamos, não é? Portanto, se, eu diria nem nunca nem sempre, não é? Isto é, tanto não faz sentido manter sempre o mesmo coordenador do início até *ad aeternum*, mas mudar com muita frequência sem garantir que há essa capacitação dessa pessoa, ou seja, que essa pessoa é o coordenador da Gestão de Currículo e é um perito interno. Ou seja, o que é um perito interno? É aquela pessoa que nós sabemos que tem determinada visão do que é a Gestão de Currículo, daquilo que pode ser, e do potencial que tem, e daquilo que pode ser no centro, e para ter essa capacidade. Não sei se me fiz entender, portanto, como disse a Daniela não é mau, e pelo contrário, portanto, nós temos tido interlocutores, predominantemente interlocutoras, não é? Com uma enorme disponibilidade e uma enorme abertura para entender a lógica de trabalho, e para agarrar, e para a levar aos outros professores, mas não vejo aí propriamente uma capacitação para poder dizer, “É um perito interno porque é coordenador.” Não é bem assim. Eu não sinto isso assim dessa maneira.

PERITO 01: Eu se calhar pegava na, porque acho que me ajudou, Helena, a tua formulação. Acho que podemos perfeitamente utilizá-la aqui pensando na Participação das Crianças. Que o ser perito interno pressupõe, de facto, algum tempo em que se esteve na oficina, em que se capacitou, e aquela questão que eu referi há pouco, que via como muito positiva porque acho que é de uma certa elasticidade organizacional, e tendo em conta também grande disponibilidade de algumas pessoas em assumir novos desafios, a própria direção utiliza isso para proveito, mas tem este reverso de poderem, de facto, estar a assumir pessoas a coordenação interna sem, de facto, terem tido tempo e oportunidade de se capacitarem e fazerem isso o melhor possível. E, portanto, às tantas, já aconteceu mais do que uma vez nos darmos conta de que o próprio referencial de base para o trabalho, que é o guia da Participação, não estar a ser utilizado no trabalho quotidiano, de reflexão, não é? E esta pessoa deveria garantir isso, não é? Devia perceber isso, devia. E, portanto, esta pode ser aqui um bocadinho também, e é, e temos confrontado que se torna uma barreira ao desenvolvimento da inovação. Outra, correndo o risco, outra questão que eu se calhar ponho aqui em cima da mesa, correndo o risco inclusivamente de estar a entrar em seara alheia, por a foice em seara alheia, é a questão de, pelo menos na minha perceção, a organização escolar não se ter alterado. Aqueles elementos da gramática escolar como os horários, o tempo para os professores trabalharem, para poderem lecionar juntos, é uma questão que também, e certamente que a pandemia também ajudará a perceber isso, mas a ideia que eu tenho é que mesmo os projetos interdisciplinares que à partida poderiam favorecer isso, as pessoas continuam a trabalhar em contextos de sala de aula, eminentemente cada professor por si. E isso é uma barreira, não é? Outros modos de trabalho, e se calhar a poder-se levar a inovação mais longe.

PERITA 02: Não, eu acho que já foi dito. Eu acho que a questão é mesmo o que é que é a noção do perito interno, e o que é que, que o coordenador tem que ser um perito interno, e qual é o papel do perito interno, como vocês já disseram, não é? Que tem de ser uma pessoa que dissemina as competências que tem pelo grupo de pessoas com quem trabalha, e acho que essa noção não é muito, quer dizer, nós tivemos este ano esta questão muito clara. Nós tínhamos, as pessoas que entraram na oficina não tinham a menor, entraram na oficina não como coordenador, entraram na oficina este ano, tinham dificuldades, por exemplo, de preencher os documentos iniciais, como se não houvesse história dentro do colégio na oficina. Isto para mim mostrou-me muito que, se calhar, quem é o coordenador não se assume como perito interno, e talvez também mesmo a noção do que é que é ser coordenador tem de ser trabalhada. Acho que esses são mesmo os dois, eu concordo com o Pedro, a Helena pôs o dedo na ferida, é estes dois conceitos, o que é que é ser perito interno e o que é que é ser coordenador de uma oficina. E isto acho que não está claro.

PERITA 06: Eu ia só, em relação a esses dois pontos, a questão do coordenador e do perito interno, ia só também acrescentar uma questão que teve a ver com alguma coisa que foi dita como um facilitador, que tem a ver com a direção, não é? O modelo de direção é um modelo muito centralizado, já agora, é muito centralizado, nem só numa equipa de direção, que são diferentes pessoas na direção, mas muito centralizado naquilo que é a direção pedagógica. Portanto, há um modelo de gestão escolar muito diretivo neste sentido, que significa que os coordenadores, apesar de haver, por exemplo, coordenadores de ciclos, coordenadores de oficinas, etc, etc, eu acho que não sentem muitas vezes que têm esse poder interno, digamos assim, ou seja, que podem tomar determinado tipo de decisões. E há um exemplo muito claro, aqui há poucos dias, em que a direção propôs que na quarta feira o trabalho colaborativo fosse num determinado sentido, que era, já não me lembro o que é que era, mas é que fosse executada uma determinada tarefa. E o coordenador interno da equipa da Gestão de Currículo, portanto, a Helena neste caso, veio quase no dia anterior com uma folha, assim muito escrita à mão, muito preocupada porque havia algumas dimensões da Gestão de Currículo que eram preciso trabalhar, etc, etc, e que, se era possível, as pessoas da Gestão de Currículo se encontrarem. Ou seja, ela não sentia que ela própria podia tomar essa decisão, que ela podia ter essa, até uma semana antes, duas semanas, o que fosse, dizer, “Olhe, muito bem que vocês tenham proposto este trabalho, mas aqui nesta questão da Gestão do Currículo é preciso fazer uma coisa diferente, ou é preciso encontrar as pessoas doutra maneira.” E as pessoas não sentem que têm esse poder, portanto, não sei se têm-lhes dado, eu acho que é lhes dado, mas depois há lógicas internas que depois não funcionam, portanto, as pessoas sentem que são peritos ou são coordenadores, mas depois não exercem “os seus poderes”, digamos assim.

PERITA 04: Já agora, se me permitirem. Na sequência do que a Irmã Susana acabou de dizer, eu por exemplo, eu não sei se concordo totalmente, até me atrevia a discordar da capacitação dos peritos internos. Eu penso que é mesmo a definição do papel e das funções porque, por exemplo, no caso deste exemplo concreto, a professora Helena Vieira chegou a esta conclusão, não foi porque teve uma reunião comigo, é assim, essa reunião comigo ajudou-a a clarificar as dúvidas que ela já trazia e as dificuldades que ela própria percebe que há na equipa. No sentido de, as pessoas até são capazes de colocar, por exemplo, os projetos em marcha, mas depois pensam, “Mas é melhor não dizer que é a Gestão de Currículo porque vou ter que preencher uma matriz, vou ter que desenhar não sei o quê, vou ter que fazer um guião, vou ter que não sei que mais.” Essa capacitação a professora tem, porque ela tem essa visão, ela não precisou que lhe tivesse dito que, “Mas olhe que a Gestão Curricular já tinha chegado a essa conclusão.” Foi a necessidade e isso eu acho ótimo, por isso é que volto a dizer, a mais valia da rede é essa, é ter a oportunidade, ter um interlocutor que está mais distanciado, não é? Que é o nosso caso, e que diz, “Não, mas força com isso que é isso mesmo que os colegas estão a precisar nesse momento.” Ou seja, eu penso que não é, vou dizer assim, em alguns casos, não estou a dizer que sejam em todos, mas na Gestão de Currículo nós não temos tido dificuldades de as pessoas não se sentirem capacitadas, porque elas fazem um trabalho notável do ponto de vista até solitário de se capacitar para, é que tipo de função e qual é a diferença entre ser coordenador disto ou daquilo e ser perito, por exemplo, na Gestão de Currículo. O que é que, por exemplo, um perito da Gestão de Currículo não pode deixar de dominar? Pronto. E eu penso que este momento prévio nunca existiu,

não é? De repente nós todos começamos a falar e por acaso, a propósito deste centro, nos peritos internos, e nós próprios, Helena, às vezes perguntamo-nos, “Mas então o que é que é um perito interno? O que é que ele tem que saber fazer?” Saber fazer no sentido de operacionalizar para que o percurso seja mais ou menos alinhado, não é? E não seja cada um depois a disparar para cada lado, e nesse caso, eu penso que o Colégio da Paz sempre teve pessoas muito capacitadas do ponto de vista do que é isto do alinhamento, e sempre procurou na dupla, não é? No caso da Gestão de Currículo, vou dizer assim, esse conforto de conseguir e este alinhamento, e isso é uma mais valia, mas deve-se também ao sacrifício dessas pessoas individualmente, não é? Se apenas agarrassem o cargo e colocassem o projeto em marcha sem essa preocupação, lá está, as funções do perito não são nada claras, não é?

MODERADOR: Muito bem.

(01.19.58)

MODERADOR: Estamo-nos a aproximar do fim. Eu agora perguntava que perceções têm dos impactos da inovação pedagógica na aprendizagem dos alunos? Se têm dados para fundamentar essas perceções, no fundo. Na aprendizagem dos professores, portanto, são aqui duas questões que eu lanço já de uma vez, considerando a vossa área de atuação?

PERITA 04: É assim, mais concretamente na Gestão do Currículo nós tivemos a oportunidade, no ano letivo transato, de realizar dois focos de discussão quer com alunos quer com professores e tivemos também a oportunidade de devolver esses resultados centro, eu ia dizer, centro *by* centro, desculpem, centro por centro, às direções, não é? E percebe-se claramente que, naturalmente, que há, digamos, diferentes velocidades, por exemplo, por parte dos professores relativamente àquilo que é a apropriação da Gestão de Currículo e nos níveis de decisão que os professores devem assumir, vamos dizer assim. Eu penso que há enormes ganhos do ponto de vista da aprendizagem dos eixos de desenvolvimento profissionais nos professores, e isso nota-se não só na produção que eles são capazes de realizar em conjunto, na capacidade de trabalhar em equipa, não é? Penso que esse é também um enorme ganho e que se verifica, as equipas cada vez são mais alargadas, são mais, e estão mais, vou dizer assim, sintonizadas com aquilo que efetivamente é essencial, e também temos evidências daquilo que são a consciência das suas dificuldades. Ou seja, no focos discussão com professores, uma das coisas claríssimas no Colégio da Paz foi identificarem, por exemplo, a dificuldade que ainda têm ao nível da avaliação pedagógica, a dificuldade de assumir a Gestão de Currículo no ensino secundário, as razões que justificam essa dificuldade em assumir essa dimensão. E que este ano, por exemplo, já temos pelo menos três projetos no ensino secundário, que até articulam diferentes cursos, por exemplo, Humanidades e Economia, Artes, etc, etc, pronto. E eu penso que ao nível, considero que há evidências claras dos ganhos ao nível do processo de ensino, digamos, por parte dos professores, nomeadamente esta capacidade de redesenhar as estratégias de ensino, de definir ações estratégicas de ensino, e até de incorporar, por exemplo, o perfil dos alunos à saída, o perfil dos alunos das Irmãs Doroteias na Gestão de Currículo, acho que são três ganhos. Relativamente à aprendizagem, gostava aqui primeiro de fazer uma nota prévia que é, o focos discussão foi elaborado num tempo pandémico, em que a maior parte dos projetos que foram pensados e desenhados depois não foram exatamente implementados, muitos não foram implementados, outros foram implementados online, e que esse focos discussão com os alunos também nos traz essa realidade em particular. Mas, vou dizer assim, há, digamos, aprendizagens ao nível, vou dizer assim, não só da sua participação, da sua implicação no processo aprendizagem, como por exemplo processos mais autorregulados, mas depois o que transpareceu com forte evidência neste focos discussão é que os alunos, vou dizer assim, apreciam a lógica de projetos, mas na maior parte dos casos não tinham, vou dizer assim, grandes lembranças do que é que efetivamente aprenderam. E porquê? Pensamos nós, isto já é uma inferência, dado o ano em que foi, ok? Isto é, eles conseguem reconhecer que gostam de trabalhar, que gostam, que desenvolvem, por exemplo, competências transversais fundamentais como trabalhar em equipa, comunicar, etc, mas do ponto de vista daquilo que é efetivamente a aprendizagem, o ganho não foi muito expressivo, pelo menos nestes focos discussão. E era sobretudo isso que eu gostaria de sublinhar, está bem?

PERITA 03: Eu gostava só de complementar, isto que a Daniela disse, que para nós seria muito útil ter acesso aos resultados dos inquéritos aos alunos e não só, portanto, ou seja, da aplicação dos nossos instrumentos de avaliação quer junto dos professores que nem sempre chegam e, portanto, que deveriam chegar por projeto, não é? Portanto, a avaliação que os professores fazem do projeto, mas também dos inquéritos aos alunos que estão previstos, não é? Complementarmente nos podiam ser muito úteis. Como a Daniela disse e, portanto, e a ressalvo, isto, portanto, nos últimos dois anos tivemos confinamentos. Portanto, houve muitos projetos no Colégio da Paz que não foram implementados e que não foram adaptados para o online, portanto, e isso, claro, dá-nos uma perspetiva muito enviesada do que podia ser e, portanto, imaginamos que também por isso não foram lançados inquéritos aos alunos. Mas para nós seria muito útil, por exemplo, neste momento que terminou já o semestre, que nos chegassem dados desses inquéritos aos alunos porque, para termos algumas evidências que pudessem suportar uma perceção mais ou menos vaga que vamos tendo.

PERITA 04: Oh, Helena, mas, por exemplo, um parêntesis já agora para perceberem também os obstáculos, não é? Destas mudanças. Por exemplo, da última vez que estive com a professora Helena Vieira, que foi há bem pouco tempo, ela não conhecia esse instrumento. Ou seja, ela disse mesmo, “Mas...” Ah, porque formulou um instrumento para os alunos avaliarem o que aprenderam e eu disse que estava muito bem, mas que também tinha a proposta que nós definimos na perspetiva da avaliação mais integrada, etc. “Mas qual, e não sei quê?” E, por exemplo, no caso, eu logo na plataforma moodle acrescentei um tópico, que nós já tínhamos a monitorização, a rubrica de desenho de projeto, e acrescentei o inquérito aos professores, o inquérito aos alunos, que isso foi construído, até foi atrás em maio de 2019, e divulgado. E, por exemplo, em fevereiro de 2022 as equipas ainda não trabalham com isso porque, pronto, lá está. Com certeza até sabem que em algum momento a direção apresentou, em algum momento nós apresentámos, por exemplo, também na oficina, mas entretanto com as mudanças, lá está, do coordenador, do perito, etc, isso vai-se perdendo, pronto. E efetivamente há, digamos, uma enorme produção no âmbito do projeto Bússola 21, depois há, constantemente, parece que reiniciar, atualizar aquilo que já foi feito, pronto. E esse é um aspeto que nos leva neste momento a ter poucos dados daquilo que são os ganhos efetivos no processo de aprendizagem, e mesmo também, já agora, na perceção que os professores têm daquilo que fazem.

PERITA 02: Eu pegava nisto para uma constatação um bocadinho triste, mas que eu acho que temos todos que pensar nisto, que é, nós os professores fugimos como o diabo da cruz da avaliação, sobretudo do que é que é pensar a avaliação. E nós sentimos, de uma forma geral, que as pessoas reagem a pensar em instrumentos de avaliação especificamente das competências trabalhadas dentro da oficina, não é? É a nossa grande dificuldade, certo, Pedro? É que as pessoas nos entreguem propostas de avaliação, ou integrem as nossas nos projetos. E eu acho, eu estava-vos a ouvir falar, Daniela e Helena, e estava a pensar, nós não temos dados nenhuns sobre os efeitos que estas oficinas têm nas crianças e nos professores do colégio, porque nunca nos entregaram nenhum resultado dos instrumentos que teoricamente foram utilizados. Portanto, eu, sinceramente, o que eu posso dizer é o que eu acho e não baseado em evidências que podiam estar recolhidas. E acho que a avaliação tem que ser vista como qualquer coisa que ajuda à progressão de qualidade, não é? E não como, um bocado, uma chatice que obrigam a fazer. Quer dizer, nós tivemos não do colégio, diga-se sempre a verdade, mas nós tivemos na última reunião intercentros, em que dissemos que era suposto agora em fevereiro as pessoas entregarem os resultados da avaliação dos projetos que tinham acontecido no primeiro semestre, a pergunta foi, “Ah, mas é para utilizar os instrumentos de avaliação? Nós temos que devolver isso?”

PERITO 01: Sim, eu pegava, Irene, eu pegava no que a Irene está a dizer. Sim, esta tem sido uma dificuldade ao longo do tempo, e nós este ano, para além da exigência de que os projetos a acompanhar as matrizes, as pessoas trabalhassem instrumentos de avaliação com base naquelas propostas que nós fizemos, nós este ano criámos a obrigatoriedade de nos fazerem chegar estes dados, que também raramente nos chegavam. E, portanto, criámos essa obrigatoriedade agora no final do primeiro semestre, e depois no final do ano, e no encontro que teremos exatamente amanhã vamos lembrar esse pedido, já criámos no moodle esse espaço. E aqui não é tanto numa, aqui o que nos interessa não é de todo uma ação fiscalizadora da

nossa parte, é, no fundo, uma indução profissional das próprias equipas na promoção da recolha destes dados das equipas docentes e dos alunos por considerarmos que isto é uma informação valiosíssima, valiosíssima para se pensar e refletir sobre aquilo que está a ser feito. Mas de facto, sublinho o que a Irene disse, sentimos que há esta dificuldade reconhecida pelos próprios professores.

MODERADOR: Vamos ver o efeito...

PERITA 06: Eu em relação à avaliação...

MODERADOR: Força, força.

PERITA 06: ...eu em relação à avaliação sublinho, é só sublinhar, sim, existem instrumentos de avaliação, mas sinto que de alguma forma há alguma relutância em os utilizar. É mais fácil convocarmos uma reunião de professores de Interioridade e eles depois refletirem sobre dificuldades, etc, etc, do que preencherem um documento qualquer. É muito mais difícil quererem fazer, preencher uma grelha, ou etc, etc. Muito mais fácil reunir e conversar sobre o que é que, quais foram as dinâmicas que foram mais significativas, isso sim. Relativamente à avaliação dos alunos, isso sim, de alguma forma ela é feita por escrito, principalmente para os mais velhos. Agora, relativamente à auto e heteroavaliação dos professores, acho que é muito mais difícil que seja assim com este modelo que nós propomos.

(01.31.54)

MODERADOR: Desculpem, estava eu a dizer, para finalizar ainda tenho uma última questão, mas queria agradecer desde já o tempinho extra que têm, que já está a correr. Era, tendo em conta tudo isto que falámos, e pensando na vossa área de atuação, a vossa área de inovação, se consideram que a inovação tem vindo a consolidar-se e a ganhar terreno no colégio aos modos instituídos, desenvolver o ensino-aprendizagem, ou se ainda mantém um carácter marginal e discreto dentro da organização escolar? Pergunta difícil.

PERITA 04: Nada discreto, nada marginal. Não me parece nada mesmo, mesmo. Acho que tem ganho bastante terreno e o resultado da reconfiguração do modo de fazer aprender é notório, em todos os níveis, não é? Nós conseguimos ver isso na maneira como os professores expressam, nas iniciativas que têm até de um perspectiva muito integrada, nas assembleias, eu própria, já na Paula Frassinetti, muitas vezes termino uma aula em que depois inicia uma assembleia, e a maneira como os alunos, digamos, entram na dinâmica, estão na dinâmica, e participam, eu acho que sinceramente a esse nível, acho que o Colégio da Paz no âmbito da rede é um exemplo de como isto é possível, não é? E é possível de uma foram alinhada, ousada, e sem perder, digamos, o norte da nossa bússola. Mas acho que não é nada marginal, nem nada discreto. Acho que tem modificado muito a vida profissional dos docentes que lá trabalham, não tenho dúvida nenhuma.

PERITA 06: Eu também não acho que seja marginal. Pode ser mais visível em algumas situações. Por exemplo, a introdução da aula de Interioridade para todos é visível, vê-se no horário, está a decorrer, é visível com as dinâmicas introduzidas em pré-escolar e primeiro ciclo, tem visibilidade, os pais reconhecem, os professores também reconhecem. Pode ser mais invisível a outros níveis fora da sala de aula, digamos assim, nesta questão da Interioridade, não noutras dimensões, mas nesta dimensão da Interioridade pode ser às vezes mais invisível por ser mais gota a gota, mais demorado, vai entrando, mas devagarinho, devagarinho, em lógicas fora daquilo que são os tempos fora das aulas e assim. Mas acho que se nota, na postura dos alunos, na forma como eles estão no dia a dia, vai-se notando, e isso creio que sim. Nas outras áreas de inovação acho que há muita visibilidade, portanto, esta questão das assembleias deste ano, ou a questão, por exemplo, uma coisa mais antiga, mas que teve também um grande impacto na questão da Associação de Estudantes, nos projetos interdisciplinares que depois aparecem na portaria, isso vê-se. Se poderia ser melhor? Acho que pode sempre ser melhor, não é? A gestão dos horários, é tudo mais, poderia ser melhor, mas creio que tem visibilidade e que tem, e que ao nível da aprendizagem os alunos aprendem de uma forma mais significativa, e que de alguma forma mais participado também.

MODERADOR: Irene, quer dar também a sua visão?

PERITA 02: Eu acho que se calhar a Participação das Crianças é o ponto mais difícil de encontrar ali, "O que é que é fazer diferente?" E eu acho que, como já disse, acho que há uma valorização muito grande da Participação das Crianças e dos Jovens nos processos dentro do Colégio, por exemplo, parece-me que é mais evidente a questão da Participação no pré-escolar porque por natureza assim o acontece. Acho que sem dúvida a questão das assembleias significam uma abertura muito grande às questões da Participação. Acho que se calhar falta, acho que, eu estou a dizer isto, estou a dizer porque nós estamos a falar de um colégio onde claramente estas coisas acontecem, não é? E, portanto, não estamos a falar de dificuldades, estamos a falar do que poderia ser melhor. E eu acho que falta alguma reflexão conjunta sobre o que é que é, e o que é que pode ser a Participação em termos futuros, em termos de construção de um projeto de escola em que as crianças são, de facto, parceiras dos adultos na construção desta visão de escola. E eu sinto, e estou-me a lembrar da participação do colégio na última reunião que nós tivemos, que esta ideia da mudança de escola tem que ser mais maturada, tem que ser... Porque, se calhar, estamos a falar na área mais difícil, porque as crianças participam, porque as crianças já participam, mas acho que um tempo, para em conjunto, de tentar perceber o que é que nós queremos, de facto, da Participação das Crianças, não como qualquer coisa marginal que acontece em projetos, sejam projetos dentro da sala de aula, ou projetos específicos de relação com a comunidade, mas como é que isto se integra, como é que isto pode crescer. Mas se calhar sou eu que sou gulosa, peço desculpa.

PERITO 01: Eu ia também deixar aqui ainda algumas notas sobre esta questão. A imagem que me vinha à cabeça era que há vários sinais exteriores, não de riqueza, vários sinais exteriores de inovação, mas também há vários sinais interiores de que esta inovação tem vindo a ganhar terreno desde logo por muitas coisas que dissemos. Eu não sei, se calhar um ponto que eu identificava, também muito a partir daqui das vossas partilhas e da nossa experiência na oficina, é de que este processo de ensino-aprendizagem se torna mais ensino-aprendizagem-avaliação, não é? Esta questão da avaliação claramente é uma dificuldade ainda premente, que está muito ligada, não é? Aos modos de pensar a própria profissão, os modos como sempre a vivemos, etc, etc, etc. Eu acho que o colégio, de facto, precisaria, precisará, e dará esses passos, tem esses ingredientes todos, de repensar a organização escolar para que isto se possa fazer de modo mais integrado, se calhar, dificilmente como modelo que ainda é muito rígido, muito de um modelo escolar conhecido, de disciplina a disciplina. Tempos de trabalho está visto que parecem ser insuficientes sempre à quarta feira porque a tentação de lá fazer desembocar tudo e, portanto, há uma margem que eu vejo grande para que se torne cada vez menos discreto, e a vontade existe e tudo isso, mas há muitos sinais, não só exteriores, mas também interiores, que a inovação vai ganhando.

(01.40.10)

MODERADOR: Não sei se há algum aspeto, não tenho mais questões, que não tenhamos falado, mas algum aspeto que considerem ser importante ainda referir a propósito disto que estivemos aqui a refletir que gostassem agora de acrescentar, dizer, sublinhar... Eu depreendo que o vosso silêncio quer dizer que já muito foi dito, e foi...

PERITA 06: Eu ia só dizer...

MODERADOR: Irmã Susana, faça o favor.

PERITA 06: ...só ia dizer, só, muito rápido, acho que é muito rápido. Só sublinhar que o caminho que este, que o colégio vai fazendo em termos de inovação pedagógica tem sido um caminho bastante sólido, não é? Com tudo aquilo que foi dito. E acho que para ser mais possível, para crescer ainda mais, para ser ainda mais visível, para que esta noção de rede também seja mais forte do que já é, eu creio que também cabe, neste caso, a nós, peritos, à Bússola, de alguma forma, pensar as coisas de formas novas, ou seja, também nós inovarmos. Eu estava até a rir-me de mim mesma quando estava a dizer que os professores têm alguma dificuldade a preencher documentos de avaliação. E eu estava-me a rir porque nós pedimos exatamente aos professores para fazerem o contrário, modos novos de avaliar os alunos, e de pensarem a avaliação de outra maneira, mas nós também lhes estamos a pedir para eles se autoavaliarem, nós, atenção, estou a falar da minha oficina, mas eu também estou a pedir para eles se

autoavaliarem, para preencherem uma ficha, para fazerem não o sei o quê, não sei o quê. Se calhar, também nós temos de pensar em modos novos de inovar, e de propor outras maneiras, outras formas de este trabalho docente, de pensarmos a inovação. Portanto, há uma dinâmica de inovação que também tem de partir de nós e das propostas que lançamos para dentro do colégio.

MODERADOR: Com este desafio...

PERITA 04: Eu... Desculpem, eu...

MODERADOR: Daniela, avance, avance, avance.

PERITA 04: ...não, deixaria só, ou acrescentaria a esta sugestão, que eu acho bastante interessante, nesta ideia de nós pensamos novos modos de inovar, e com sentido, e com propósito, que as instituições, e neste caso o Colégio da Paz, que é aquele que estamos a referir aqui, que encontre também novos modos de inovar, maior articulação entre os diferentes níveis de ensino. Porque eu, parece-me mesmo que, vou dizer assim, é o mesmo colégio com quem estamos a lidar, com equipas muito muito interessantes, mas depois a inovação também acontece pelo grau de alinhamento estratégico que nós temos dentro da própria instituição. E a perceção de quem está de fora, não é? A acompanhar, dentro e fora, isto é *in-out*, é que as realidades das próprias equipas e as próprias dinâmicas também são elas diferentes e deveriam em primeiro lugar ser conhecidas dentro da instituição. E isso nem sempre acontece. E por isso eu acrescentaria que este desafio gigante da Irmã Susana, este também que penso que é próprio de qualquer instituição que acolhe muita diversidade, mas que depois consegue criar, digamos, uma linha coerente entre todas as equipas, todos os níveis, todas as valências. Está bem? E parabéns, parabéns a todos pela visão que têm e muita, muita sorte para o Pedro, não é? Depois de ter que desgravar isto tudo.

MODERADOR: Loucura. Mas olhem, eu não posso deixar de vos dizer que me sinto um grande privilegiado, tenho sentido isso nas conversas com alunos e com professores, mas também sinto que é um grande privilégio para mim. Esse é um pequeno problema, Daniela, esse que aponta, o que fazer a este manancial de informação.

PERITA 04: Contrariedade, não é um problema.

MODERADOR: Mas é de uma riqueza muito grande que eu espero que possa também servir muito ao colégio e oxalá possa, o consiga organizar o melhor possível, para que ele seja muito útil, mas também o facto, e se calhar sublinhava também, de o colégio também ver com muito entusiasmo este meu estudo. Também, se calhar, reforça algumas das coisas que aqui fomos dizendo, desse grande desejo de estar ao serviço do maior bem das crianças e dos jovens. Muito muito obrigado a todas, por estarem aqui, também pela frontalidade, pela partilha muito verdadeira daquilo que são as vossas perceções e experiências e pelo tempinho extra. Muito obrigado, e até breve. Um forte abraço, tudo de bom.

PERITA 05: Tchau.

PERITA 03: Tchau, um beijinho.

MODERADOR: Obrigado, obrigado.

PERITA 03: Fiquem bem.

PERITA 04: Adeus.

PERITA 02: Um beijinho.

PERITA 04: Helena, beijinhos.

PERITA 03: Obrigada.

[FGA1 – Focus-Group com Alunos do 2º e 3º Ciclos | 2018]

MODERADORA: Querem falar um bocadinho sobre que opinião é vocês que têm no geral, antes de começarmos a falar sobre o Colégio? Vamos falar. Que opinião é vocês partilham sobre a educação em Portugal quando vocês comparam com outros países? O que é que vocês acham comparativamente a outros países? Como acham que a nossa é? Acham que é melhor ou pior, acham que é diferente, só? O que vos parece? Daquilo que vocês conhecem. A educação. O nosso sistema, a maneira como funciona. Sobre os professores. No geral o que é que vos parece? Estamos bem posicionados, mais ou menos?

Eu acho que estamos bem posicionados.

MODERADORA: Parece-te que estamos bem?

Sim, quando falamos em outros países, por exemplo a África, acho que estamos muito bem.

MODERADORA: E se pensares noutros países por exemplo, sei lá, imagina, há um país que se fala sempre muitos nestas coisas, que é a Finlândia. Se pensares nesses países, o que te parece?

Acho que continuamos desenvolvidos.

MODERADORA: Que aspetos consideras, assim, que te parecem mais positivos no nosso sistema?

A educação é boa. Acho que estamos muito desenvolvidos em termos da saúde. Acho que a medicina também está bem.

MODERADORA: A tua opinião, diz, Sofia, podes.

Eu não tenho bem a certeza qual é o país. Mas, existe um país em que os alunos participam muito nas atividades da escola. Por exemplo, eles limpam as próprias salas, eles participam a servir os almoços aos colegas, participam mais nas atividades da escola, eu acho que eles têm mais responsabilidades. Se calhar, falta-nos um bocadinho isso. Falta de responsabilidade.

MODERADORA: Estás a pensar aqui mais nos alunos, Sofia?

Deve haver um pouco de liberdade, também. Há escolas que, por exemplo, não dão trabalhos de casa, isso tem que vir também da responsabilidade do aluno: saber que, se não estudar, se não trabalhar para além daquilo que faz na escola, a probabilidade de ser bem sucedido não será tão grande. É preciso haver uma liberdade para deixar os alunos pensar que têm um pouco de controlo sobre o que podem fazer, mas também ter responsabilidade. Um equilíbrio entre estas duas coisas.

MODERADORA: Então, tu achas, por exemplo, que na organização do trabalho da escola, os alunos poderiam, no fundo, “regular-se” e que não seria necessária tanta interferência dos professores.

Há pessoas que desrespeitam os funcionários, professores e não deveria ser assim. Não tem que haver esse desrespeito. Isso não é bom. As pessoas têm que se ajudar umas às outras. Aprendemos na comunidade, no Colégio, que devemos ajudar-nos. Não se deve desrespeitar quem se acha que está num nível inferior ao nosso. A entajuda é muito necessária.

MODERADORA: Mais ideias.

Concordam com o que a Sofia disse ou têm uma visão diferente?

Façam de conta que não estou aqui, numa mesa do café.

Se estivessem a conversar entre vocês sobre educação, sobre o Colégio.

Concordam que os alunos deveriam ter um papel mais ativo?

Como alunos, que gostariam de poder fazer, ou opinar ou participar?

Certas atividades que nós fazemos não são do agrado de toda a gente. Deveríamos poder dar opinião. Se os alunos vão ser parte interessada nisso, faz todo o sentido que possam dar opinião.

MODERADORA: Sobre que coisas gostarias de dar opinião?

Assim, coisas concretas, não sei bem.

MODERADORA: Mas gostarias que existisse esse espaço?

Eu ouço muito falar aqui no Colégio de Associação de Estudantes, mas nunca vi nada muito em prática.

MODERADORA: Existe uma Associação aqui?

Neste momento acho que não. Acho que já houve e que houve votações. Isso não tinha nada a ver. Aqui houve o parlamento de jovens.

MODERADORA: Que é aquele processo nacional que envolve as escolas todas...

Sempre houve associação de estudantes, mas nunca puseram nada em prática. Eram aspetos a melhorar mas nunca vimos nada concreto, mesmo em ação. Mas isso é preciso.

MODERADORA: Conseguem ter opinião porque este ano não houve gente interessada?

Falta de vontade, organização e responsabilidade para se juntarem e formarem uma lista.

MODERADORA: Em relação às que existiram, e quando vocês perceberam que havia coisas em que votaram e não aconteceram, porque é que vos parece que não foram concretizadas?

Se calhar, a Direção do Colégio ou a opinião dos professores talvez conte mais e não deixaram que acontecesse.

MODERADORA: A opinião dos alunos não teria o mesmo peso, é isso?

Não era possível aos olhos da Direção, por exemplo, o acesso ao ginásio e a uma série de sítios, a haver um dia sem TPC, porque a direção não deixava e os professores não concordavam.

Posso dizer uma coisa em relação ao tema anterior?

MODERADORA: Todas, todas. Podem sempre voltar e podem trazer questões novas, eu depois retomo, não há problema.

Há zonas do Colégio a que não podemos aceder ou temos de pedir permissão para aceder: sala de informática, biblioteca, ginásio, palco. Estão lá e têm auxiliares que nos poderiam vigiar. Em vez de isso, não temos autorização para poder ir para lá. Mesmo que não vamos prejudicar nada nem ninguém.

MODERADORA: Essas regras de algum tipo... uma das coisas que os alunos falam... as regras que gostariam de mudar. Deixem-me fazer uma síntese: enquanto alunos, gostariam de ter um papel mais ativo e participativo no colégio...

E que nos ouvissem...

MODERADORA: E que pudessem ter alguma consequência dessas questões que pedem.
E agora, na questão das regras, gostariam de mudar o acesso aos espaços?

Sim, porque os espaços existem e a maior parte das vezes não está lá ninguém.

Há várias auxiliares e há espaços não estão bem distribuídos: há várias auxiliares no recreio quando poderiam estar também noutros espaços. Nós, basicamente, ou podemos estar no nosso piso ou no recreio. Não podemos fazer nada.

MODERADORA: Do ponto de vista da circulação, sentem que têm pouco acesso?

Há locais que não podemos passar. Há portas que estão fechadas e não percebemos bem porquê. Eles dizem para não corrermos. Não percebo porquê tanto alarido por causa de um corredor.

Acho que é porque os miúdos do 1º ano distraem-se muito facilmente.

Acho que não é isso.

Qual é o problema de passarmos por um piso?

No meu corredor, o 8º e o 9º pode passar, mas o 5º ano não pode passar. Dizem logo: o que estão aqui a fazer?

MODERADORA: Portanto, se forem os mais velhos a passar, tu achas que há uma visão diferente do que se forem os mais pequenos?

Completamente.

Os mais velhos, 8º, 9º, 10º, 11º e 12º deixam sempre passar. Quando é o 5º, a funcionária diz que não podem passar naquele corredor, que são as regras estabelecidas.

Acho que só podem passar no piso deles. No piso de baixo, não podem passar.

No nosso piso, vão alunos do 10º, do 9º, mas quando vão mais novos, dizem: não podes estar aqui.

MODERADORA: Há diferenças de acessos a espaços e à maneira como vos veem, tendo em conta as idades?

Sim.

Quando ficamos mais velhos, dão-nos mais confiança.

Mas, eu não acho isso muito correto. Às vezes, os mais pequenos são mais educados que os mais velhos. Não faz muito sentido.

As atitudes de algumas pessoas, que têm menos respeito do que deveriam ter por alguns funcionários, acaba por se generalizar a atitude dessas pessoas às turmas, principalmente às desse ano.

Nós, outro dia, queríamos ir ensaiar para o palco e a nossa turma já tem fama de ser a pior, de ser muito má. Por meia dúzia, nós não podemos ir.

MODERADORA: E o facto de vocês terem essas pessoas na turma pode limitar, de alguma maneira?

Sim, claramente. Já pagámos muitas vezes em situações em que não estávamos envolvidos. Quando há problema, ninguém sabe quem é, e é sempre a turma toda, não apenas aquelas pessoas.

Posso?

MODERADORA: Podem sempre voltar atrás.

Quanto ao acesso limitado aos espaços, a biblioteca tinha uma Irmã responsável e nós podíamos ir a hora de almoço e tem computadores e muitos livros. No entanto, está fechada. Porque não a podemos utilizar? Está sempre fechada. Não faz sentido nenhum existir biblioteca se não a podemos utilizar.

MODERADORA: O que é que vocês gostariam? Que retomasse a ideia que estivesse alguém responsável para que a pudessem utilizar quando têm de estudar?

Gostaríamos que houvesse alguém responsável pela biblioteca para podermos ir para lá à hora do almoço. Há pessoas que às vezes trazem computador para fazer os trabalhos. Quem não trouxe vai para a sala de informática, quem trouxe vai para a biblioteca, e a biblioteca devia estar disponível. Mas não está. Provavelmente, a Irmã deixou de estar lá porque havia pessoas que não iam para lá ou apenas iam para aceder às redes sociais. Se alguém fosse apanhado, não podia mais entrar lá, basicamente.

MODERADORA: Portanto, não é permitido utilizar redes sociais no Colégio?

Nos computadores do colégio.

MODERADORA: OK, mas podem nos vossos aparelhos pessoais, nos telemóveis?

Sim. Mas nem todos têm direito a utilizar telemóvel ou *tablet*. Por exemplo, o 7º ano neste momento já não pode. À medida que os anos vão aumentando, pelo que me disseram... o 8º não vai poder. Daqui a dois anos, não vamos poder usar telemóveis. Eu, por exemplo, ainda posso, porque desde o 5º trazia de casa.

MODERADORA: No geral, existe essa regra de não se poder utilizar ou ela é aplicada só a alguns anos?

Está a introduzir-se essa regra. Isso aconteceu a nós, porque primeiro era ao 5º e depois a passou a ser do 7º. O 8º e 9º não poderão para o ano.

Isto aconteceu como consequência de atitudes que o 8º ano teve. Parece que o nosso ano foi para experimentar: o polo, por exemplo, foi até ao 6º ano, e agora os telemóveis.

MODERADORA: Gradualmente, vai deixar de se poder utilizar, é isso?

O que eu acho que se devia fazer era se eles queriam que o 7º ano não trouxesse, não trazia o 7º, mas a medida não tinha que se prolongar. Não faz sentido o 8º e 9º ainda poderem e nós para o ano já não podermos. Se meteram esta regra agora, o 8º e o 9º também deviam deixar de ter.

MODERADORA: Quando estivesse, era geral, para toda a gente?

Nós, por exemplo, desde o 5º podíamos trazer o que quiséssemos. Seria estranho que não pudéssemos trazer agora.

MODERADORA: Outras questões sobre as regras e o acesso a espaços?

No início do ano podíamos ir buscar bolas ao ginásio para jogar no recreio, mas não podíamos jogar no ginásio, pelo menos a nossa turma por causa de algumas pessoas. Mas, neste momento, nem bolas podemos pedir. Recentemente só podemos pedir através de um professor. E só apenas bolas velhas.

O Colégio tem uma arrecadação cheia de bolas. Cerca de 1/4, 1/5 delas são usadas nas aulas e as outras praticamente ninguém quer caber delas. Não nos deixam usá-las. Uma desculpa que nos deram foi “isto está a tornar-se muito regular”, “têm de trazer bolas de casa”. Se o Colégio tem prateleiras cheias de bolas que não são sequer usadas, que estão vazias, podiam ser cheias e utilizadas, porquê que teríamos de gastar dinheiro numa bola para a trazer? Não parece que faça sentido.

E o 7º ano quase nunca pode ir. Um dia fomos buscar uma bola, um professor começou aos berros connosco e manda toda a gente embora do ginásio.

MODERADORA: Portanto, vocês têm que ir para o espaço exterior e ficam confinados lá, é isso?

Ninguém traz bola. Só o Pedro, e é de futebol. É para eles jogarem futebol. De vólei, nunca trazem. De basket, só traz o Rodrigo e não empresta a ninguém.

Eu acho que o grande problema da utilização dos espaços vem de consequências de algo que algumas pessoas fizeram de mal e as outras pessoas é que pagam por isso. Eu vejo pela minha turma, há pessoas que em qualquer espaço onde estejam conseguem fazer algo de mal. E depois a turma é que ganha a fama de ter arruaceiros.

São consequências desses atos, porque depois deixa de haver a confiança nas pessoas. Pouca confiança nos alunos.

MODERADORA: E vocês deixam de poder usufruir?

Deixam de ser aquelas pessoas da “vossa turma” e passa a ser a turma inteira.

MODERADORA: E passa para as outras turmas, se calhar...

E para os outros anos também.

Por uns pagam os outros e eu não acho isso correto.

Em cada período podia-se fazer umas caixas, ponham na direção no início das aulas, que era para dizer as coisas que no período passado estavam erradas que se poderiam mudar.

MODERADORA: Uma caixa de sugestões...

Mas que aceitassem mesmo as sugestões, não era para se deitar ao lixo e não aceitar nada.

MODERADORA: Na direção, é essa sugestão? Estou a fazer uma lista das vossas sugestões...
Uma caixa de sugestões que pudesse ser utilizada apenas pelos alunos no final de cada período...

Se existisse uma caixa de sugestões, talvez os alunos problemáticos não iam querer saber. Não iam querer dar o contributo, basicamente. Há sempre pessoas empenhadas e há outras que não querem saber.

MODERADORA: Mas para os alunos mais interessados poderia ser interessante que houvesse?

Mas, se calhar, iam lá pôr estupidez. As sugestões deveriam ser em anónimo.
Depende tudo do mau uso que as pessoas dão às coisas. A ideia pode ser boa, mas depende do uso. Acho que vem ter ao tema da responsabilidade que nos dão.

MODERADORA: E outros espaços, para lá do ginásio e da questão da biblioteca?

Sala dos computadores, recreio...

MODERADORA: Recreio, o que têm a dizer sobre isso?

O Colégio tem vindo a fazer remodelações e eu acho bem. Mas há certas mudanças que têm feito sem consultar os alunos e, se o fizessem, muitas delas estaríamos contra.

Falo por mim, jogo basket: trocaram as tabelas por duas balizas cuja barra eu chego com a testa e puseram por cima mini-tabelas. Se eu esticar o braço, chego lá com o pulso. Compreendo que o Colégio tem alunos desde o Jardim de Infância até ao 12º e que está a tentar tornar as coisas mais acessíveis para os mais novos, mas acho que também tem de se pensar nos mais velhos. As tabelas que lá estavam antes praticamente tinham o tamanho oficial e, neste momento, se eu quero jogar basket, não consigo fazer nada que seja, propriamente, um desafio.

MODERADORA: Porque é muito fácil para ti?

É verdade. Acho que não faz sentido terem mudado. Os do 1º e 2º ano não jogam basket. Eles jogam futebol, tenho a certeza.
Tínhamos um campo de futebol lá fora, tínhamos um ginásio e as pessoas improvisavam balizas em todo o lado. Neste momento temos dois campos de futebol e só um, se tanto, é utilizado.

MODERADORA: Que solução darias à questão do basket, por exemplo?

As duas tabelas que retiraram, prenderam na mesma parede. Uma está baixa e outra alta (mas não muito), mas não conseguimos fazer nenhum jogo de equipas. Para isso, só no ginásio e as são baixas e só as podemos utilizar na aula de EF. Não nos deixam entrar. Cada vez nos tiram mais responsabilidade.

Aqui no Colégio põe-se em primeiro lugar os mais pequeninos. Eu percebo, mas acho que nós também deveríamos ter opinião. Claro que há coisas que gostaríamos e são um pouco impossíveis e não iríamos chegar a uma solução concreta.

MODERADORA: Achas que é preciso chegar sempre a um consenso? Ou bastaria que se pudesse trazer essa discussão, com os mais velhos, por exemplo?

Sim. Por exemplo, o 8º não sai da sala. Nunca vem para o recreio, por causa dos telemóveis. É raro. Sai um ou dois e é para ir conviver com pessoas de outros anos.

No 9º, ainda vejo algumas pessoas a jogar basket, mas no 8º não.

MODERADORA: Do 8º ano, alguma turma em particular ou o 8º ano em geral?

Do 8º em geral. Eles não saem mesmo. Eu sou muito amiga deles e vou lá muitas vezes à sala deles e não saem da sala.

Os que saem do 8º ano não é tanto para conviver entre eles, mas quando alguém diz: vamos todos para o recreio. Vão atrás das pessoas populares, digamos assim.

Há pessoas do 8º ano que eu realmente conheço e dou-me bem, devido a atividades da escola. Conheci algumas na atividade da Serra da Estrela. Fico com a sensação que as que saem é porque se identificam com pessoas de outras turmas e não com os das suas, que são mais viciadas no telemóvel.

MODERADORA: Também tem a ver com a questão da tecnologia, é isso?

Depende do dia.

Há um rapaz que aleija. Aleija-se a ele.

MODERADORA: Acham que ele devia sair?

É um caso à parte.

MODERADORA: Há casos que devem ser considerados excecionais, por exemplo? Ou vocês acham que pelo facto de existirem regras, às vezes é necessário criar uma exceção?

Ele é mesmo uma exceção.

Nós, no intervalo, não sabemos onde é que ele está.
Ele percorre o colégio 5 vezes.

Eu estou a falar dele, mas, às vezes, os professores dão responsabilidade a alguns, e isso é um bocado mau. Eu vejo pela minha Diretora de Turma, ela pergunta a alguns, aos mais tranquilos, “como é que ele está?”. Não somos nós que temos de andar atrás dele. Não somos responsáveis por ele. E às vezes os professores põe-nos essa responsabilidade.
Não é que não gostemos dele.

MODERADORA: *Sentes-te pouco confortável com essa responsabilidade?*

É que ele, às vezes, não quer e nós não podemos fazer nada.
Há colegas que não o tratam nada bem.
Os professores tentam praticamente obrigar-nos a dar bem com ele. “Ele anda muito sozinho, tentem dar-lhe mais atenção”. A maneira como dizem “tentem”, é deem.

MODERADORA: *Mais do que aquela que vocês, às vezes, são capazes de dar?*

Acredito que é bom haver preocupação com algumas pessoas, mas não só os alunos que os têm que integrar. Os professores e auxiliares têm que prestar um pouco mais de atenção.
É um bocado chato estar com pessoas com quem não nos identificamos.

MODERADORA: *É pouco confortável para vocês?*

São sempre só alguns. Alguns recusam-se e outros têm de estar.
Vocês, no 9º ano, têm muito mais liberdade. Não têm os funcionários atrás de vocês. Nós temos, a nossa turma tem uma conotação negativa. Temos um íman a dizer que somos da turma deles. Há pessoas que, dentro de uma sala normal, conseguem estragar o mais simples. É qualquer coisa de incrível.
Nós não podemos mudar os outros.

MODERADORA: *Vocês estão a entrar numa questão que eu queria fazer há algum tempo, que é a questão da sala de aula e do vosso trabalho. Mas, antes, os outros grupos falavam do assunto da cantina. Querem falar sobre isso?
Eu não tinha essa pergunta, mas foi uma questão que vários alunos falaram.*

Eu e mais alguns alunos trazemos comida de casa e temos o problema de estarmos todos colados. A cantina é muito pequenina. Temos pouco espaço. Temos de comer à pressa, em especial às sextas feiras, em que não há tarde livre. Depois, a Maria João não tem culpa. É só uma funcionária e está naquela sala cheia, é difícil. E cada vez mais as pessoas trazem comida de casa.

MODERADORA: *Porque é que a tendência de trazer comida de casa é cada vez maior?*

Os almoços de casa são muito mais baratos e melhores.
Eu vou comer ao café do Sr. Pedro, como melhor e muito mais barato.

MODERADORA: *Tu podes sair à hora do almoço para comer?*

Sim.
Nós pagamos imenso pelo Colégio e pagamos por uma comida que nos é... “cuspida” para o prato. A comida costuma estar fria.

MODERADORA: *A qualidade da comida?*

Há uma funcionária que nos obriga a comer a comida toda. Fica em cima de nós.
Uma vez obrigaram-nos a comer a gordura da carne. Tudo. O prato tinha que ficar todo limpo.

MODERADORA: *Acham que os mais velhos já não deveriam ter essa pressão?*

Nós, no 9º ano, já sabemos tomar conta da nossa saúde. Houve um caso em que eu tive uma amigdalite e obrigaram-me a comer tudo. E não acreditaram em mim. A partir dessa altura, trago comida de casa.
As pessoas começam a evitar a cantina.

MODERADORA: *Vocês acham que, tendencialmente, há menos pessoas a utilizar a cantina?*

Sim. Tem a ver também com a comida. Está relacionado. A comida não é muito agradável. As pessoas não comem. Como não comem, as pessoas têm que andar em cima dos alunos para não haver desperdício.
Nós trazemos pratos de casa porque no Colégio só temos um prato de carne, um prato de peixe e um vegetariano.
Agora está melhor. Antes era só um prato. Está a melhorar a variedade.

MODERADORA: *Aqui o foco deveria ser mais a qualidade e não a variedade, é isso?*

A comida tem vindo a melhorar. Todos os professores dizem isso.
Mas cada vez há mais gente a trazer comida de casa.
Há um aluno da minha turma que vai à cantina, não come e traz só o pão. E depois diz que lhe dói a barriga.
O pão é mesmo bom, mas a qualidade da comida não.

MODERADORA: Vamos falar da sala de aula. O vosso trabalho, os processos de ensino e aprendizagem... Os vossos professores, as metodologias, querem falar sobre isso?

O problema da nossa turma, desde o 7º, é que não quiseram separá-la. No 7º ano éramos 27, 28 e 29. Somos 30, às vezes, numa sala. A sala está super abafada. O ar está muito pesado. Não se podem abrir as janelas porque as crianças estão a fazer um barulhão no recreio. Não se pode abrir a porta porque há pessoas que estão no corredor a fazer um barulhão. Não está para estar minimamente concentrado. Tento estar concentrado, mas não consigo.

MODERADORA: Achas que a composição da turma afeta o modo como tu aprendes?

Principalmente nas aulas da tarde. Nós, à tarde, temos aulas como História, Moral, EV, Inglês, Ciências, as disciplinas que não são consideradas tão importantes.

As aulas da tarde são um inferno. Não consigo estar atento.

Uma pessoa fica saturada, com calor, às vezes dói-me a cabeça. Sexta à tarde ficamos malucos, completamente.

MODERADORA: Qual seria a vossa proposta em relação a isso?

Dividir a turma do 9º. Para o Colégio, uma turma de 29 é muito. O colégio tem uma lista de espera que deve estar razoavelmente grande. Haveria pessoas para aceitar mas talvez não houvesse salas.

MODERADORA: Melhoraria, para vocês, a situação?

Há professores que não têm mão em nós. A professora de Inglês, por exemplo. São muitos alunos para um professor só. A nossa turma faz mais confusão com professores já conhecidos do que com professores novos.

A nossa turma com o professor Olívio e com a professora de Físico-Química é totalmente diferente. Há professores que sabem impor respeito.

Na aula de Matemática está toda a gente calada a fazer exercícios, não há nenhuma abébia.

A minha aula de Matemática é mesmo interessante. A professora parece que nos cativa. A Português e a História é uma barafunda.

MODERADORA: Que características atribuem aos professores que vocês consideram que vos controlam melhor?

A professora de Português é uma pessoa de mais idade, mas consegue brincar connosco e nós sentimo-nos bem. Ela sabe controlar-nos e nem precisa de levantar a voz. Temos tanto respeito pela professora. Sabe dar aulas.

MODERADORA: O que significa saber dar aulas?

Ela é exigente, puxa por nós, mas ao mesmo tempo consegue ajudar. Ela parece que está lá para toda a gente e não está sempre preocupada, “é preciso dar o programa”. Consegue dar a volta ao programa, as aulas tornam-se mais leves e mais fáceis para toda a gente.

Vou dar o exemplo do professor de Ciências. Estamos bem, ele põe-se do nosso lado. É o melhor professor que eu já tive alguma vez. Não sei como é que ele consegue fazer aquilo. Ele consegue dar a matéria, nós percebemos e damos-nos muito bem. Falamos com ele e passamos o intervalo com ele. A relação professor/aluno é muito boa.

A professora de Português percebia que estávamos saturados e nos últimos 5 minutos, se nos portávamos bem, compensava-nos: fazia teatro, atividades e brincava connosco. Era um ambiente muito positivo. Se nos portávamos mal, isso não acontecia.

MODERADORA: Estava a pensar que houve alguns grupos com quem falei que me disseram isto: seria bom ir fazendo pequenas pausas...

Nem que seja para fazer pequenos exercícios que permitam relaxar o ambiente. Por exemplo, falando das pausas que a professora de Português faz, os debates, tudo o que ela faz connosco aumenta muito a relação professor/aluno, faz com que sejamos mais próximos e as aulas sejam melhores.

Quando a professora de Português faz debates, faz isso para ter uma melhor perceção dos alunos, para construir melhor a opinião que tem sobre cada um. Vai-nos conhecendo cada vez melhor e cada um dá a sua opinião, embora nem todos participem por não gostarem muito de falar.

A professora de Português sabe controlar os alunos, mas a professora de História, também está a fazer debate e não consegue. Não quer saber. “Vocês ficam aí a debater e eu fico aqui”.

A professora de Inglês, nós não temos aulas de Inglês agora. Ficamos a aula toda a falar. A partir do teste nós não demos nada na aula. É que não dá. A professora não dá. Não consegue dar aula.

Em Inglês, o nosso problema é ao contrário, a professora tenta dar aula, escreve o sumário, põe muita coisa no sumário, só que os alunos não querem. A professora sai da lá e sente-se mesmo mal. A professora tem de encontrar outra maneira. Nas aulas é assim: fica calada e, literalmente, de 10 em 10 segundos manda alguém calar-se. Toda a turma. E isso é mau. Nós não gostamos dela porque não nos consegue controlar.

Depois, de vez em quando, toda a gente pega numa folha e fazemos um ditado. É a única maneira que ela tem de nos fazer calar.

A professora fica 20 minutos a olhar para nós e as pessoas continuam sem querer saber.

60% dos nossos sumários de Inglês é “continuação da aula anterior”.

Eu acho que os professores que impõem mais respeito são aqueles de quem gostamos mais. Tem de ser desde o princípio do ano, “sempre, sempre ali”. Se for a meio do ano, os alunos já não vão querer saber. Houve um colega nosso que, no outro dia, teve uma falta disciplinar. A Matilde também já saiu da sala. As faltas disciplinares não adiantam. De fora, os alunos fazem coisas para dentro da sala.

Temos professoras diferentes e estou a ver que é o mesmo.

A professora de Inglês, quando reclama, ou olha fixamente ou grita super alto.

A minha bate com os joelhos.

A professora de Português bate com a mão.

O professor de Geografia diz “não ouço”.

MODERADORA: Já percebi, acho eu, as características que vocês associam aos professores com quem se identificam mais. Do ponto de vista das aulas, o que acham que se poderia introduzir para tornar as aulas mais interessantes, coisas que vos entusiasmassem mais?

Nós estudamos, muitas vezes, só para os testes. Não assimilamos nada. As aulas são quase como uma obrigação. Devia haver uma maneira de cativar diferente porque, se não, nós não vamos aprender nada. Como a professora de Matemática diz, nós chegamos ao teste, escrevemos tudo e acabou. Esquecemos tudo. Não me lembro de nada. Parece que é só para o teste e isso é mau.

Há professores que nos transmitem que “é só para os testes”.

Depende também do tipo de estudo.

A professora Luísa diz: “agora vou-me embora; quando se resolverem calar, vão chamar-me à sala dos professores”. E fica 20 minutos fora da sala. Há uma disciplina que eu gosto/sou obrigado a gostar porque vou para Ciências, não gostando particularmente da professora, gosto da maneira como dá as aulas, faz um resumo da matéria. Se tivermos dúvidas, a professora explica, não temos que ir ao livro.

Ensina-nos de uma maneira que é mais simples para nós.

Há alunos que deitam os testes para o lixo. Já vi pessoas a rasgar testes.

Em Inglês, nos últimos tempos, tem sido 20 minutos para escrever o sumário, 20 minutos para mandar calar e 20 minutos, porque há alunos que choram, a professora leva-os para fora. Dentro da sala, é uma feira. E acabou.

A professora é querida, mas não é professora, é psicóloga.

A professora de Ciências, uma vez, eu ia começar a chorar, a professora veio falar comigo. Mostrou-se preocupada, essa ligação é boa.

MODERADORA: Valorizam uma relação mais próxima, não é?

Eu sei que vocês não gostam da professora de História, mas eu gosto dela.

É simpática. Se calhar, não como professora, mas ela preocupa-se mesmo muito com os alunos.

A professora de Físico-Química, se não estivermos atentos, explica 20 vezes desde o início. E isso é bom. Isso ajuda.

A boa relação com os professores ajuda-nos. Por exemplo, o professor de Ciências dá-me muito mais vontade de estudar Ciências.

Geografia, gosto muito do professor como Diretor de Turma, mas não dá vontade nenhuma de estudar. É uma seca. Ele é simpático, mas as aulas são uma seca. Vou para as aulas dele dormir.

MODERADORA: Referem várias vezes a importância de se sentirem cativados. Do ponto de vista da inovação pedagógica, as questões tecnológicas poderiam favorecer isso?

Há professores que enviavam os *Powerpoint* e isso ajudava muito.

A professora de Ciências fala connosco como se fossemos bebés e nos testes fala como se fossemos do 12º ano. Isso é muito difícil. Coloca palavras que nem sequer falou nas aulas e depois diz: “Isto está aqui? Não sabia. Que engraçado.” Não gosto dela também por causa disso, não bate certo. É professora de Secundário e deve estar habituada ao Secundário.

MODERADORA: Achas que não consegue adaptar-se ao que vocês...?

Sim, não é fácil.

Uma coisa, em relação aos espaços, eu percebo, mas em relação aos professores, para que vai servir o que estamos a dizer? Vão falar com os professores e dizer-lhes o que estamos a dizer?

MODERADORA: Não. Eu sei que vocês estão a falar dos professores, mas isso não vai ser partilhado.

Então, basicamente, não vai mudar nada?

MODERADORA: Eu posso não identificar os professores, mas a partir do momento em que vocês dizem as coisas que não gostam, isso pode ser generalizado para “os alunos não respondem bem a isto ou a aquilo”, e isso depois, cada um dos Colégios fará o trabalho com os professores que entender que deve fazer, mas eles não vão ser identificados.

A ideia geral é que a “atitude dos professores nas aulas é”? Que “o comportamento dos alunos é”?

MODERADORA: Uma ideia geral que foi referida pelos alunos de todos os Colégios é que quanto mais próxima é a relação professor/aluno, melhor é a aprendizagem, isso não é específico do professor A ou B. Outra questão que eu gostava de vos colocar, e para nos aproximarmos do final, tem a ver com o facto de nós pertencermos a uma congregação das Irmãs Doroteias - há um trabalho muito relacionado com a formação pessoal, espiritualidade, interioridade, também vos queria ouvir sobre isso: é um aspeto que consideram importante para a vossa formação? Gostam de participar, enquanto alunos do Colégio? Consideram um fator diferenciador relativamente a outras escolas?

Eu não percebi.

MODERADORA: Se esta dimensão que temos em todas as escolas, de uma centralidade grande em torno da formação pessoal, da interioridade, da espiritualidade, vocês sentem que é uma característica interessante?

O Colégio “fornece” a catequese, o que me permite ter catequese num espaço que já conheço e não ter ir para a Igreja. Isso, para mim, é positivo. Mas as aulas de EMRC são, muitas vezes, sermões de moralidade, muito do ponto de vista do professor.

E aulas, literalmente, de *copy/paste* do quadro. Não devíamos pagar o livro. Não fazemos nada com ele. Só serve para nos marcar falta de material. Tenho a mesma opinião do professor, sou católica, mas tento-me pôr no lugar de outras pessoas que não são católicas... o professor não vê o ponto de vista das outras pessoas. Nós falamos de assuntos como o aborto e eutanásia e o professor tenta influenciar.

“Não”?

Ele influencia muito os alunos para o ponto de vista dele. Não tem que fazer isso. Ele não é nenhum padre.

Não sou católica. Nas aulas de EMRC sinto-me sempre deslocada, por dois motivos: - primeiro, tenho medo de exprimir a minha opinião, tenho medo de levar um real sermão; - quando vou à capela, sinto o olhar do professor e sinto-me deslocada.

MODERADORA: Gostariam que fosse um espaço mais plural, onde pudessem caber diversas formas de ver o mundo, é isso?

O professor faz parecer que o que pensamos é muito mau.
Uma coisa que não gosto nele é que está sempre a valorizar-se. Conta histórias. Contou aquela da pedofilia, com 5 anos. Falo à minha mãe e ela não gosta.
Quando ele dá a opinião, há pessoas que são influenciadas.

MODERADORA: Há também uma participação e preocupação dos vossos pais nesse aspeto, é isso?

Conto praticamente tudo à minha mãe e, quando lhe digo isso, ela fica mesmo preocupada. Ele pode dar a opinião dele, mas...

MODERADORA: Permitir que as vossas também caibam nessa discussão, é isso?

Por exemplo, hoje, na aula de Português perguntámos à professora o que ela achava sobre a eutanásia; se perguntássemos ao professor Sérgio, ela respondia logo...

“UI! UI!”

Ele é muito certinho. Não sai dali. Ele não é aberto.

É conservador.

O professor devia dar a sua opinião e respeitar a dos outros.

Tenho a mesma opinião do que a Mariana e quando vou à capela também me sinto deslocado. Quando tento dar a minha opinião, o professor nunca me deixa.

Ele não respeita a opinião mas estamos num Colégio católico. Na vossa turma, eu já ouvi histórias, gozam e eu acho que não se deve. Devemos respeitar. Não acho bem que o professor não respeite opiniões diferentes mas não acho bem que se goze com ele.

Houve um caso em que tivemos de fazer um trabalho, sobre Deus na arte. Era obrigatório, para avaliação, e eu fiquei numa situação muito complicada. Como é que uma pessoa que não acredita em Deus vai dizer o que é Deus para si? Eu não sabia o que fazer. Tive de ler a bíblia e encontrar uma passagem...

Acho que EMRC devia ser opcional.

Se bem que é um Colégio católico... não há essa hipótese.

Ou substituí-la por outra disciplina, Música, por exemplo.

Devia haver disciplinas opcionais. Não há opção. Aqui é sempre assim.

Detestei Música. Quem quer ter Música vai para um Conservatório.

MODERADORA: Haver disciplinas opcionais: é uma possibilidade que gostariam de ter?

Quem não acredita, estar a ser avaliado, para quê?

O professor ia explodir.

Há vezes em que deixa de ser uma aula de EMRC e passa a ser um debate entre o professor e um aluno que não acredita. O aluno tem a sua opinião, a que tem direito, mas o professor quer impingir a sua, a que “está certa”.

Esse nosso colega consegue ser um bocado ignorante, não acredita e não quer saber. Mas ele e o professor estão sempre em conflito porque são iguais: não aceitam a opinião um do outro.

Não percebo como é que EMRC é avaliado. Nunca percebi. Eu não faço nada na aula, só passo o que o professor manda e tiro 5.

Já disseste isso ao professor?

Eu acho que ele já percebeu... quando estivemos a conversar, eu fiquei quietinha no meu canto e, quando vamos à capela, eu não rezo. Faço o sinal da cruz ao ir embora por uma questão de respeito. Mas se eu disser que não acredito em Deus, acho que serei alvo de “exorcismo”.

Eu tirei 3 num dos períodos porque não fiz um trabalho. E tenho amigos que copiaram um trabalho e tiveram 5 ou 4.

Eu não gosto do professor.

Eu acho que o professor gosta imenso de mim.

Como pessoa, consegue ser fixe. Nas aulas nem tenato.

O professor gostaria que eu entrasse para a catequese. Cruzou-se comigo e com uma amiga e disse “vocês deviam ir à catequese”. Eu fiquei a olhar para ele e disse “não, obrigada”.

Nas aulas, ele traz os assuntos da catequese para a aula, que é para ver se quem não está na catequese vai para a catequese. E põe-se a falar da serra, das visitas.

Vocês não têm nada a ver com isso.

MODERADORA: Achas que isso provoca uma situação desconfortável?

Parece uma campanha eleitoral.

Para cativar os alunos, acho eu, propõe trabalhos... foi no 7º ano, fizemos um trabalho sobre a Arca de Noé... foi detestável. Fiz o pior trabalho de sempre. Era obrigatório.

Não faço trabalho de EMRC. Peço aos meus pais para fazerem.

É daquelas disciplinas, se tiver de fazer um trabalho, deixo-o de lado. Quando tiver tempo, vou fazê-lo porque me interessa pela disciplina. Mas o professor castiga-nos imenso por causa disso. Pensa que só temos aquilo para fazer.

Português e Matemática são muito mais importantes.

Nós definimos prioridades.

Todos professores acham que a sua disciplina é a mais importante.

E o que vale mais são as outras disciplinas, não é a disciplina dele.

Vou pegar noutra questão que não tem nada a ver, trabalhos de casa. É verdade que há disciplinas que são importantes. Não vou dizer que os professores se esforçam, mas parece: a quantidade de TPC que nos pedem...

Tenho o horário com o tempo sobrecarregado devido aos treinos e outras coisas. Praticamente não tenho tempo para fazer os TPC.

Sei que o comportamento da turma tem vindo a piorar, mas não é através dos TPC que ele vai melhorar.

MODERADORA: A sobrecarga de tarefas escolares pode ser a melhor forma de trabalhar os aspetos de comportamento?

Também tenho o horário sobrecarregado, com explicações, guitarra. No fim de semana vou para Baião porque tenho casa e o meu pai precisa de cultivar os terrenos. Não tenho tempo.

Não gosto de Matemática. Detesto. Não nasci para aquilo. Teve muita influência a minha professora do 1º Ciclo. Ela gozava mesmo connosco e pôs-me na cabeça a ideia de que eu não era capaz, que não valia a pena. Ela fez-me desinteressar. Eu, agora, não consigo estudar. Não tenho interesse. Agora estás no 9º e é a mesma coisa. É ridículo.

Os professores deviam despertar o interesse nos alunos.

A professora dividia os bons e maus alunos. Era horrível. Não me ajudou em nada.

MODERADORA: E agora tu sentes mais dificuldades na Matemática?

Sei que se me esforçasse mais... tenho boas capacidades. Mas não consigo. Ela teve muita influência. Essa professora esteve 4 anos comigo. As professoras do 1º ciclo são essenciais. Hoje, ela passa por mim e diz-me olá e eu digo olá, porque tem de ser. As relações com os professores no 1º ciclo são muito importantes e acho que isso falhou. Não só para mim. Muitos alunos da minha turma sofreram com ela.

Os alunos querem evoluir e não conseguem porque adquirem mentalidade de achar que não conseguem.

Não sei se entretanto mudou, mas naquela altura eu só me sentia mal. Não falava com ninguém. Eu não queria ir para a escola.

MODERADORA: Acham, então, que uma aposta na qualidade do 1º Ciclo seria importante?

Sim. São 4 anos sempre com a mesma professora. Não mudamos, praticamente.

Podíamos ter outras formas de ensino com várias professoras. Ali era importante.

No 1º Ciclo é importante ter-se uma professora boa. Por exemplo, a minha irmã teve 4 professoras ao longo do 1º Ciclo. Não sei se isso foi bom.

Para ter uma professora 4 anos, tem que ser boa.

Para mim, a transição do 4º para o 5º foi difícil. No 1º período do 5º ano, as minhas notas desceram de Excelente para Satisfaz, Satisfaz Pouco.

No 1º Ciclo, tínhamos todas as canetas e a professora dizia as cores que tínhamos de utilizar.

No 5º ano é um nível de independência completamente diferente.

Quando perguntávamos que caneta deveríamos utilizar, a professora ficava a olhar para nós e dizia “estamos no 5º ano”.

No 4º ano deveriam pedir mais independência. É uma mudança imensa. O 5º ano é uma grande mudança.

MODERADORA: Vocês vão ter que se habituar a isso, também...

Demorei imenso tempo a entender o calendário de testes e o horário. Sempre tratei a professora por tu, chego lá e tenho que tratar a professora por você.

Nunca tive esse problema.

Nós no 1º Ciclo ficamos muito ligados aos professores do 1º Ciclo. Depois, passamos a ter tantos professores...

Nós, no 9º ano, falamos com os alunos do 10º. O 4º e o 5º podiam fazer o mesmo para ajudar na transição. Os alunos do 5º ano podiam explicar aos do 4º.

Quando o Secundário falou connosco, a ideia principal com que fiquei é que parece que se volta atrás novamente: como são menos alunos, passa a haver novamente atenção com cada aluno. Quase um plano para cada aluno... há menos alunos e é mais fácil.

MODERADORA: Claro. É 11h50, vamos ter que terminar. A professora Margarida disse que podiam fazer intervalo desfasado dos colegas. A professora disse para não se preocuparem com as aulas.

Nós perdemos Físico-Química.

Nós perdemos Educação Física e agora vamos ter Físico-Química.

MODERADORA: Quero agradecer muito a vossa disponibilidade e as vossas contribuições. Acho que há aqui...

Posso dizer uma coisa?

MODERADORA: Podes.

Acho que foi muito mau terem tirado o bar.

Puseram-nos duas máquinas de vendas.

Acabam as aulas e é muito mau. Com o bar era muito melhor. Havia muito mais variedade.

E a Irmã do bar era super simpática.

A única coisa má do bar eram as senhas.

Mas podia ser com cartão.

Pois, agora é mais fácil.

Acho que o bar é muito melhor que as máquinas.

A Irmã barrava o pão e era um pão normal, não um pão industrializado.

As bolachas podiam continuar mas haver um bar.

O espaço do bar não é utilizado.

Há um refeitório com casa de banho ao fundo. Já te mostramos.

MODERADORA: Quero agradecer-vos. O meu trabalho agora é construir uma ideia e, ao mesmo, dar sugestões de coisas muito concretas como este exemplo de retomar o bar do Colégio...

Posso falar de uma última coisa. A questão dos telemóveis. A minha turma pode usar mas, quando precisamos de aceder à internet, temos duas opções: ou usamos os dados ou a rede da ASAE. Embora haja wifi do Colégio, não nos disponibilizam a *password*.

Mesmo que descobramos a *password* não conseguimos utilizar a *net* porque o acesso é lento.

Há *passwords* diferentes.

A *net* é horrível.

Outra questão, o peso das mochilas. No ano passado, à sexta feira tínhamos 8 disciplinas e subir para o último piso. Deveríamos ter um décimo do peso nas mochilas. Transportamos muito mais do que o suposto.

Já estamos num piso mais baixo mas o peso continua muito excessivo. A minha mochila tem o fecho a rebentar.

O livro de EMRC, que não usamos, deixo-o cá. Mas há pessoas que levam tudo. Há um aluno que leva sempre tudo. Há coisas desnecessárias, que nós nem usamos, que os professores obrigam a trazer. Por exemplo, os cadernos de atividades que, muitas vezes, não utilizamos.

Uso uma capa para todas as disciplinas e vou trocando folhas e arquivando. Há pessoas que têm cadernos para todas as disciplinas e é muito pesado. Sobre a cena dos telemóveis...

MODERADORA: Últimas ideias... temos mesmo que terminar.

No final das aulas poderíamos ter uma hora específica para utilizar o telemóvel.

Ó gente, uma pergunta, o estudo ainda se paga?

Fico até muito tarde, voltamos ao tema da biblioteca...

Havia uma sala, toda a gente fugia do estudo porque se pagava.

Era obrigatório irmos ao estudo se ficassemos na escola.

É muito estúpido isso.

Só porque ocupas o espaço, tens que pagar.

Acho que pagamos o suficiente para poderem pagar a eletricidade.

Todas as pessoas da minha turma vão para casa quando toca, mas eu não. Às vezes, fico até tarde. Preciso de fazer os TPC mas não posso ficar na minha sala, porque as empregadas não deixam. Tenho o estudo para crianças mais novas, que não sei se se paga ou não, ou a biblioteca, que já não existe, está fechada. Não tenho onde estudar e fico lá a olhar para as paredes.

Houve uma altura, antes das 18h00, perguntavam os nomes... era preciso pagar.

MODERADORA: Temos que terminar.

Nas escolas públicas há uma papelaria mas aqui não há. É mau.

Se não houvesse outro espaço, poderia vender-se na secretaria o material obrigatório.

As folhas de ponto têm aumentado o cabeçalho. Agora é meia página.

É para comprares mais folhas.

Na escola pública onde eu andei, o material não era comprado por bloco, comprava-se só o que se precisava.

Coisas que precisamos imprimir também não é fácil. Vamos ao Paulo, o Paulo não está, temos que pedir a algum professor ou a alguém que possa fazer isso. Em casa não temos ou não deu... temos que imprimir fora.

Seria muito mais fácil se tivéssemos acesso, se nos facilitassem a vida. Por exemplo, o compasso parte-se e precisamos de um, temos que correr e ir comprar. Ao pé da secretaria poderia haver uma papelaria.

Há tanto espaço que não é utilizado.

Esta sala, não sei se é usada.

Não é.

Acho que não podemos ficar mais tempo.

MODERADORA: Não é isso. Já é meio-dia e tenho agora o grupo do 12º ano e tenho de os ouvir também. Agradeço-vos muito. Foi muito interessante.

Fomos úteis?

MODERADORA: Foram muito úteis.

Espero que isto agora comece a mudar.

MODERADORA: Vou compor agora isto.

Demorámos 1 hora e 37 minutos.

[FGA2 – Focus-Group com Alunos do Secundário | 2018]

MODERADORA: A ideia é ouvirmos pessoas que estão no início e no fim do secundário. Pensaram sobre aquilo que seria esta conversa, sobre o que gostariam de dizer sobre o vosso Colégio?

Já me tinha esquecido que íamos ter esta conversa, por isso não me preparei muito.

MODERADORA: De um modo geral, como descreveriam o vosso Colégio, o Colégio da Paz, enquanto escola?

É uma escola exigente, prepara bem os alunos. No entanto, é muito fechada, tem um ambiente muito de proteção. Acho que prepara bem a nível educacional, mas não prepara muito bem no “choque” com as pessoas, com a relação com o exterior. É como se estivéssemos numa bolha.

MODERADORA: E tu sentes falta desse choque?

Eu não sinto falta. Tive oportunidade de ter várias experiências em que tive contacto com o exterior. Com pessoas diferentes. Aqui vimos todos de um meio parecido.

Temos vidas muito seguras e acho que o Colégio não prepara bem esse aspeto.

MODERADORA: Já pensaste alguma vez que questões é que se poderiam trabalhar nesse sentido?

Sim, e muito fáceis. Nós temos as Sementes da Paz...

MODERADORA: Sementes da Paz?

Sim. Eles ajudam pessoas mais pobres, carenciadas. Mas, essa iniciativa que é para os alunos e para os pais, não envolve muita gente, não é assim tão divulgada. Se calhar, poder-se-ia fazer por turmas (já se fez, aqui no Colégio). Por exemplo, ir à Sopa dos Pobres na Porta Solidária. São medidas muito fáceis.

MODERADORA: No fundo, o que tu gostarias é que existisse uma relação mais efetiva entre o Colégio e a comunidade em que estão inseridos?

A comunidade em que estamos inseridos e comunidades diferentes. Como por exemplo, o intercâmbio que se fez com alunos de Pontevedra e alunos do Colégio da Paz. Acho que teríamos a ganhar imenso na nossa formação enquanto pessoas. Acho que ganharíamos no contacto com pessoas que vivem de modo diferente do nosso.

Como já vimos que isso é possível, não percebo porque é que não se pode fazer mais. Porque é que se faz com uma turma e não se faz com todas?

MODERADORA: Poderia fazer sentido esse intercâmbio ocorrer com outros Colégios nossos?

Sim.

MODERADORA: Que houvesse um contacto maior, também? Concordam: é algo que seria atrativo para vocês?

Era interessante. Seria bom envolver todos os alunos e contactar com a família doroteia de todo o país.

Eu nunca participei, mas sei que acontecem encontros da família doroteia com alunos do Colégio da Paz a participar. Eu nunca cheguei a ir pois acho que não têm havido muitos ultimamente, pois não?

MODERADORA: Está a falar de encontros de alunos das diferentes instituições?

Sim.

Percebo o problema de estarmos um bocado numa bolha, mas eu também, sinceramente, gosto mais de um ambiente assim. Pelo menos, do ponto de vista escolar e de alguém que todos os dias tem aulas aqui. O Colégio é pequeno e eu gosto do Colégio. As turmas são pequenas, quando comparadas com escolas públicas e outros colégios.

É um lugar mais familiar. Mesmo quando não estou a estudar, gosto de vir cá. É um ambiente agradável.

MODERADORA: Essa proximidade e esse ambiente familiar é algo que vocês reconhecem como distintivo?

Sim.

Sem dúvida.

E também não é isso que nós queremos tirar ao Colégio.

Claro que não.

MODERADORA: Manter este ambiente e ter um pouco mais de abertura?

Sim. É chato estar dentro da bolha, mas também é bom estar dentro da bolha, por assim dizer.

MODERADORA: Achas que a vida é mais fácil dentro da bolha (vamos dizer assim)?

A proximidade que há com o corpo docente todo e também com funcionários e auxiliares, podemos falar com eles abertamente, quase como amigos...

MODERADORA: No geral, vocês recomendariam a outras pessoas o vosso Colégio?

Sim.

MODERADORA: Já estão cá desde quando, a maioria de vocês?

3 anos.

Desde o 1º ano.

9/10 anos.

7.

Eu estive no 10º, início do 11º e depois no 12º só. Fiz uma mudança durante 6 meses. Foi uma mudança só por causa das notas. Mas não me identifiquei com o ambiente. Eu vim da Aurélia de Sousa, uma escola pública e, como em qualquer escola pública, a maneira do dia a dia lá é arranjar-se um grupo e manter-se com esse grupo até ao final ou então alargar o grupo, dependendo das turmas em que estamos. Cada um tem os seus grupinhos, alguns conhecem-se porque vieram de outras escolas. Chegando ao Colégio, não se encontra tanto isso. De um modo geral, as pessoas dão-se todas bem. Mesmo quando precisamos de material, podemos ir pedir às outras turmas e eles arranjam calculadora. Quando estava no 10º ano, andava em Matemática... mudei de Ciências para Economia e depois para Humanidades. Durante o tempo em que estive em Ciências, utilizava calculadora para Matemática e Físico-Química. Só que, muitas das vezes, esquecia-me e tinha de ir pedir aos alunos do 11º e, se eles não tivessem, aos do 12º. Eles não tinham qualquer problema. Em comparação com uma escola pública... eu não iria outra turma, primeiro porque não conhecia ninguém, só se interagia com o grupinho. Aqui no Colégio não se encontra nada disso. Depois, no Colégio D. Duarte, também se encontra essa semelhança com a escola pública. Nestes dois anos em que estou no Colégio da Paz, identifiquei-me muito mais, tanto em personalidade como em princípios educativos. Os professores, por terem uma relação mais próxima com os alunos, dão-nos mais trabalho, mandam-nos mais fichas, enviam-nos emails. Podemos enviar-lhes emails e pedir: “professora, estou com imensas dúvidas, preciso de mais exercícios”. E a professora não tem qualquer problema em mandar mais exercícios, para além daqueles que temos no livro. Eu não costumava muito fazer isso porque sou um bocado acanhado, até me habituar aos professores. Em termos de exercícios, não tenho muita moral para falar. Nas outras escolas, os professores não tinham esta proximidade com os alunos. Nas aulas, mandavam algumas piadas mas não passava disso.

MODERADORA: Essa questão da proximidade é algo que aparece desde os mais pequenitos até vocês que estão no “fim da linha”. Acha que é algo que vos ajuda a aprender melhor e a ter uma atitude mais envolvida nas aulas?

Em termos de preparação para a faculdade, é ótimo. A questão da proximidade e profissionalismo dos professores é complementar. No entanto, para sublinhar o que a Maria estava a dizer, em termos sociais, experimentei muita dificuldade em integrar-me quando mudei de Colégio, porque não me davam a possibilidade aqui de mudar para Humanidades. Nunca tive problemas em fazer amigos. No entanto, durante as primeiras semanas, não foi propriamente fácil. Quando cheguei ao Colégio, na primeira semana já me dava bem com a maior parte da turma, e o resto veio com o tempo.

MODERADORA: Achas que um ambiente mais heterogéneo no D. Duarte pode ter sido mais difícil para ti?

Eles têm uma mentalidade diferente, mentalidade de escola pública. Acabam por se fechar um bocado em grupos. Enquanto aqui temos uma relação próxima alunos/professores, alunos/alunos e alunos/funcionários, lá não é bem assim. Tinha colegas que estavam lá desde o 10º e não tinham criado uma boa relação. Pode ter sido por opção própria, mas eu acho que também pode ter sido por existir uma mentalidade não tão aberta, digamos assim. Aqui aceitam-nos muito bem, por isso é que eu decidi voltar. Fui lá fazer Humanidades naquele ano e, assim que pude, voltei.

MODERADORA: A Maria, há bocado, dizia que, no geral, o Colégio é exigente e prepara bem. Pensando nos vossos professores, sem individualizarem, (ouvindo os alunos do 10º e do 12º) ao nível do trabalho pedagógico, o que é feito convosco na sala de aula, o que é que valorizam mais?

Falo por mim, e penso que eles também concordam: no 3º ciclo preparam-nos mal para o secundário. Nós, em Ciências, e penso que em Economia também, sentimos um grande choque. É uma diferença enorme. E a professora Martinha tem-nos preparado e feito descer à terra e a preparar-nos para o que vai ser esta caminhada daqui para a frente.

MODERADORA: Até ao 12º...

Exatamente.

Fazem-nos a papinha toda, basicamente.

MODERADORA: Até ao 9º?

Sim. E depois, quando se vai para o secundário, isso nota-se.

MODERADORA: Recomendariam que houvesse um pouco mais de exigência para que a transição não fosse tão dura?

Que pensassem mais no futuro.

Ainda nos tratam muito como crianças e depois, chegamos ao 10º e cada um por si, cada um tem que estudar, preocupar-se com as suas notas. Ainda que haja uma preocupação mínima dos professores aqui no Colégio, o trabalho tem que passar por nós. No secundário, não, porque os professores dão-te x fichas, fazes as x fichas na aula e já estás preparado para o teste.

MODERADORA: Essa questão da autonomia, vocês sentem que, ao longo da vossa caminhada, deveria ter sido mais gradual... ir aumentando à medida que vão para os outros ciclos?

O que eu senti muito foi que chegamos ao 9º ano e, mais ou menos a meio, os professores começaram a dizer-nos “vocês para o ano terão de ser muito mais autónomos porque estarão no 10º ano e as coisas vão mudar muito, vocês têm que se mentalizar disso”.

Há pessoas do nosso ano que dizem não ter sentido assim tanto impacto, mas eu senti imenso. Não acho que tivesse sido mal preparada, de todo, porque muitos professores são os mesmos, mas senti imenso.

MODERADORA: Sobretudo nas questões da autonomia e responsabilidade?

Basicamente, se puxassem mais por nós no 3º ciclo, que não conta nenhuma média... passamos de 0 % de autonomia para 100 % de autonomia. Se puxassem mais nesse sentido... não no da matéria, porque aí puxam por nós no 3º ciclo. Mas, no ponto da autonomia deveriam puxar por nós já no 9º ano porque, se for para correr mal, corre quando as coisas ainda não estão a contar para o nosso futuro. Porque há pessoas que não têm autonomia, organização nem métodos de estudo e deveria ser inculcido, ou mais cedo ainda. Como ela estava a dizer, a pressão dos testes e das notas, de contar para o nosso futuro, quando alguma coisa corre mal, nós, como tivemos aquele impacto, sentiremos um impacto ainda maior porque não estávamos preparados para esse tipo de situações.

MODERADORA: Se ela fosse mais gradual, sentiriam essa pressão, mas menos, é isso?

Sim.

MODERADORA: Do ponto de vista da inovação pedagógica, o que é que acham que poderia mudar? O que poderia ser diferente nas aulas para as tornar mais cativantes?

Depende um bocado da disciplina.

E do professor.

Há disciplinas e professores a que eu consigo estar atento e interessado uma hora inteira, como há disciplinas em que não tenho interesse nenhum devido à forma como os professores dão as aulas.

MODERADORA: Pensem, então, nas aulas que vos conseguem cativar e prender, em relação às que não conseguem, o que há nessas aulas que poderia ser aproveitado pelas outras?

Em Biologia, o professor Ricardo deveria fazer mais exercícios. Não sei se a Luísa concorda, mas acho que ele nos dá muitos exercícios em cima da hora. Temos que nos organizar muito bem na última semana antes do teste. Deveria dar exercícios ao longo do tempo.

Fica tão em cima do teste que alguns de nós nem têm tempo de tirar dúvidas. Chegamos ao teste com dúvidas.

Somos só 10, mas temos tantas dúvidas que o professor fica um bocado atrapalhado e duas horas não chegam.

MODERADORA: Uma componente mais prática em algumas disciplinas seria...

Sem dúvida.

Eu não aguento ficar uma hora inteira a olhar para um quadro.

Ou para um *powerpoint*.

Ou uma hora inteira a ouvir o professor falar, só.

Por exemplo, Filosofia... sei que Filosofia é uma disciplina teórica, mas seria interessante o professor deixar-nos fazer um debate sobre um assunto da disciplina e não fazer aulas tão teóricas. Normalmente temos aulas de Filosofia ao final do dia ou, mesmo, à tarde... nós já estamos tão cansados que estar uma hora ou duas a ouvir o professor falar, não é muito interessante.

Mas não concordo com essa ideia dos debates. Se estás cansado e não aguentas dar matéria, também estás cansado para pensar direito e fazer um debate sobre assuntos importantes. Para mim, não tem a ver com as aulas serem teóricas ou práticas. Tem a ver com a capacidade do professor nos cativar e com a disciplina em si. E aí não podemos apenas estar a dizer “não gosto deste professor porque ele não me cativa”. Mas a verdade é que é assim.

MODERADORA: Que tipo de professor é que te cativa mais?

Em Filosofia tive dois professores. Primeiro, tive uma professora que adorava. Era muito mais de nos fazer chegar às conclusões, não nos dizia a que conclusões queria que chegássemos e no fim não nos dizia se tínhamos chegado à conclusão certa ou não. Nós é que tínhamos de chegar lá por nós. Enquanto que o professor que tivemos era mais de dar-nos as bases e nós desenvolvermos. Outro exemplo, eu tinha Geografia e Economia. Adoro Economia e odeio Geografia. No entanto, eu passava as horas todas atenta em Geografia, e em Economia a professora não me conseguia cativar. Apesar disso, não significava que eu chegasse a casa e não fosse estudar. Acho que tem muito a ver com isso. Não vou a estar a mudar a personalidade dos professores, mas, para mim, é o ponto principal: se o professor me cativa ou não me cativa.

MODERADORA: E se consegue relacionar-se contigo, também é uma componente importante...?

Não estou a dizer que devemos ser todos parecidos. Eu, praticamente, discordo com tudo do meu professor de Moral. Já sabem, o professor diz uma coisa e eu vou contestar. Mas, cativa-me. Estou a aula toda atenta, na mesma.

MODERADORA: Não tem tanto a ver com conteúdo, mas mais com a maneira como te conseguem envolver?

Exato. E não tem a ver com sermos parecidos. Também não tem a ver com sermos extrovertidos ou tímidos. Tem a ver com a maneira de falar e a maneira de chegar a nós.

Concordo com isso.

A professora de Economia não é má pessoa.

Mas dá a aula como se estivéssemos a morrer e torna-se aborrecido.

MODERADORA: Aqueles que são mais monocórdicos, é isso, e aos poucos vai-se perdendo o interesse?

Por exemplo, nós os três temos Economia. A estratégia da professora dar as aulas é, basicamente, a professora projetar o livro e ler. Literalmente, estamos uma hora a olhar para um quadro e a ouvir a professora a ler.

Eu prefiro ser eu a ler do meu livro. Ler, sublinhar.

É exatamente o que nós fazemos em casa.

Ela lê e depois explica, lê, explica, lê, explica.

Em vez de ler, devia explicar só.

O professor de Geografia tem a matéria toda no quadro e explica. Não lê o que está ali.

Às vezes, passa também pela criatividade, ainda que a disciplina seja teórica e tenhamos de passar as coisas... o professor de Geografia, no 11º ano já não fazia isso tanto, mas no 10º dava-nos fichas com espaços e não tínhamos de ir completando à medida que fomos dando a matéria. Isso ajudava-nos a manter a linha, ver o que fazia sentido.

MODERADORA: Outra das estratégias que podiam acrescentar tem que ver com os professores conseguirem sistematizar as vossas aprendizagens ao longo das aulas?

Exato.

Um bom professor é um professor que é flexível, que se adapta às turmas. Nós passamos o ano todo a ouvir a professora de Economia a dizer que nunca teve uma turma assim e que as coisas têm que mudar. Basicamente, diz-nos que o tem de mudar somos nós. Eu não acho que seja assim. Uma boa professora devia arranjar uma estratégia, uma solução na forma de dar aulas para nos conseguir cativar mais.

MODERADORA: Em alguma altura, sem ser o que estamos a fazer aqui, vocês discutem estas questões na escola?

Entre nós.

Sim.

Falo por mim, não sei se as pessoas têm tanto esse à-vontade, sou um bocado suspeita, mas não teria qualquer problema em dizer à professora “isto não está a resultar”. É o que eu escrevo sempre nas autoavaliações.

MODERADORA: Mas vocês, em particular por serem os mais velhos, poderia criar-se um espaço mais ativo ou da vossa consulta ou de discussão destas questões, por exemplo, com a Direção... vocês considerariam uma dessas iniciativas interessante?

Com certeza, sim.

Isso seria uma boa ideia. Criar-se um comité e haver um representante de cada turma.

Poder passar as ideias à Direção.

Claro que a primeira tentativa terá que ser falar com as pessoas diretamente, porque passar logo para a autoridade acima pode ser mal interpretado. Nós estamos a falar da professora de Economia mas eu considero a professora de Economia uma boa professora, exigente. Se calhar, o seu método de dar aulas não se aplica bem a nós. Falar com a Direção sobre alguma coisa, tem de ser sobre algo que está mesmo errado.

MODERADORA: Claro... e sobre algo que vocês achem que deve merecer algum tipo de atuação.

Em relação aos espaços da escola, por exemplo, o que é que vocês sentem... sobre a estrutura dos espaços, o modo como circulam?

Não há nada a dizer.

A única coisa, antes tínhamos um bar, que era ótimo, e depois fecharam. Temos de ir lá fora. E às vezes está a chover. Uma coisa que eu achava péssima, quando era pequenina, era o recreio, que era horrível. Mas eles, agora, já resolveram o problema. Já fizeram um parque infantil.

Cabe-nos agora o problema.

Nós tínhamos uns ferrinhos e um terraço e agora há um parque infantil.

É injusto. Se eles têm um parque de diversões para eles, nós devíamos ter um parque de diversões para nós.

MODERADORA: O que seria um parque à altura dos alunos do 10º e do 12º ano?

Não digo um parque. Digo o acesso aos campos de futebol.

Um espaço com umas mesinhas, uns sofás, com música...

MODERADORA: Um espaço de *chill out*?

Eu tenho uns amigos, no Garcia... existe uma rádio que dá música em todos os intervalos por toda a escola. Nem que fosse só na cafetaria.

Nem que fosse só uns megafones.

Nem que fosse só para falar ao microfone.

MODERADORA: Digo isto porque à medida que vocês vão crescendo, vão tendo outro tipo de necessidades e também de perspetivas sobre o que é o vosso tempo na escola. Às vezes, não passa só pelas questões pedagógicas...

Na escola, há algumas coisas que são essenciais. A educação é essencial, como é óbvio. Se estamos 60 minutos em concentração devemos estar 10 ou 20 num espaço para acalmar a mente. Pensar completamente noutra coisa. Quando saímos, vamos para os bancos e ficamos a pensar: “nesta aula fizemos isto ou aquilo ou a professora está-se a passar, exagerou nisto ou naquilo”. Quando vamos para a aula seguinte não vamos com a mente totalmente calma porque vamos um pouco a passar no que se passou anteriormente. Só alguns conseguem apenas focar-se no que se está a passar no momento. Poucos têm essa habilidade.

A ideia da Maria e essa ideia do *chill out* era boa.

A ideia da rádio era ótima.

Eu não quero dar ideia irrealistas, mas todos nós somos do tempo dos Morangos com Açúcar. Quem não gostaria de andar na escola dos Morangos com Açúcar? Eles tinham uma rádio, tinham uma cafetaria ótima. O Colégio da Barra era o colégio de sonho.

MODERADORA: E também seria o colégio do futuro, não é?

Exato. Mesmo esquecendo a parte da cafetaria, que nem é assim tão importante... é chato... quando está a chover, temos de ir ao Senhor Pedro. Mas, essa coisa da rádio ia cativar imenso os alunos... até a formar clubes, como um clube de teatro.

Como nos filmes americanos, um clube de artes plásticas, de rádio, ...

Temos de ser realistas.

Acho que seria exequível.

Não é assim tão difícil isso.

MODERADORA: Vamos imaginar que isso seria só a partir do 3º ciclo, estou aqui a pensar alto convosco, parece uma sugestão interessante... como é que gostaríamos de organizar o tempo fora da aula que é um tempo vosso na mesma? Essa ideia dos clubes... que clubes seriam interessantes para vocês?

Chegou a haver um jornal do colégio.
Acho que não foi muito bem aproveitado.
Pois não.
Não era uma coisa muito dirigida pelos alunos.
Deveria deixar-se o jornal mais na mão dos alunos.
Não era uma imprensa nossa. Era uma imprensa na qual colaborávamos, mas que não estava nas nossas mãos.
Estava mais nas mãos do Serviço de Psicologia.
Deveriam ser atividades que envolvessem vários alunos, de várias turmas.
Há clubes que toda a gente gosta e eu não sei porquê, como o clube de xadrez e o clube de teatro.
Poderia fazer-se um questionário...
Há uma ponto sobre o qual eu gostaria de falar, que é a Associação de Estudantes.
Eu também queria falar sobre isso.

MODERADORA: Podem falar e podem cruzar os assuntos que quiserem...

O Colégio não desencoraja a criação de uma Associação de Estudantes mas também não apoia.
Está muito limitada.
Na formação das listas e nas campanhas, a maior parte das medidas que propúnhamos o Colégio não aceitava. Não sou a pessoa mais adequada para dizer se eram adequadas ou não, mas, se calhar... não nos deixavam trazer rebuçados para as campanhas, por exemplo...
Não deixavam que houvesse patrocínios.
Não deixavam pôr música.
Limitavam-nos muito.
As minhas amigas do Garcia e do Rosário... lá fazem campanhas incríveis...
Na Aurélia fazem festivais, vão lá cantoras... também não estou a dizer que temos de fazer aqui um festival, mas podíamos animar um bocadinho.
Podiam deixar-nos levar a coisa das listas mais a sério. Seria ótimo para apurar o nosso sentido de competição, de responsabilidade.
O líder da Associação de Estudantes tem imensa responsabilidade nas mãos.
O problema é que não nos deixam desenvolver assim.
Se calhar, essa zona de *chill out* poderia ser responsabilidade da Associação de Estudantes.
Exato.
Isso que estávamos a falar da inovação pedagógica, a Associação de Estudantes poderia ter aí um papel fundamental: metade das medidas que saem de uma determinada lista não são feitas. Metade delas são ideias até espetaculares e realistas. Por exemplo, para os intervalos.
Uma coisa curiosa que eu, por acaso, nestes três anos em que eu não estudei cá consecutivamente, mas passei cá a vida praticamente...
Sim, mesmo o Paulo não estudava cá, vinha muitas vezes nos intervalos...
Uma coisa que eu achei curiosa foi a parte de cima do ginásio estar sempre vazia...
Um clube de dança ali em cima era perfeito.
Aquilo é ótimo mas está sempre fechado.
Por acaso, ali era um ótimo sítio para a zona de *chill out*.

MODERADORA: Um espaço mais polivalente para as atividades que quisessem propor...

Não se passa nada nesse sítio.
Há um pequeno terracinho para quem saia do nosso piso...
Era só pôr umas grades...
Não nos deixam usar a varanda por cima da sala dos professores... ela faz parte da nossa sala. Sabe muito bem. É que no recreio há sempre muita confusão, com os miúdos a brincarem e a jogarem futebol. É normal as pessoas quererem diferenciar-se.

MODERADORA: Um espaço mais privado, por exemplo?

Sim. Conforme as pessoas vão crescendo. Por exemplo, está sol, os mais pequeninos preferem estar assim a brincar, a libertar as energias. E nós preferíamos estar naquele terracinho, a apanhar sol, a conversar.
São coisas mais nossas. Quando saímos para o intervalo, temos sempre duas funcionárias ao pé de nós. Um espaço só nosso...
A jogar umas cartinhas...
Há alguns anos atrás deixavam-nos usar a varanda. Este ano é que nos disseram que já não a utilizávamos.
Já ando em negociações com uma funcionária do nosso piso há algum tempo para acedermos à varanda. Só falta conseguir as chaves.
Não nos deixam. Não nos deixam abrir a varanda.
Por causa das restrições de espaço, é uma estupidez os colegas levarem isso até ao limite.
É preciso maturidade para não ir para lá.
O Colégio é pequeno, restringirem espaços é pior.
Para ir para um sítio há três passagens. Do 9º ao 12º ano só se pode passar por um sítio, os do 8º ao “não sei quê” têm de passar pelo andar de cima, os do 6º têm que ir ainda ao andar de cima... não devia haver tantas regras.
Há espaços que podiam ser melhor aproveitados e que são completamente desaproveitados.
A biblioteca é um exemplo.
O Colégio peca muito em não deixar as pessoas irem para a biblioteca.
Há uma biblioteca mas não é para o nosso acesso.
Temos que fazer trabalhos de pesquisa...

Desculpem... mas já esteve a funcionar? O grupo anterior disse que já funcionou...

Sim, houve uma altura em que sim, mas só na hora do almoço e só um número limitado de pessoas.

Chegou a haver lá aulas de uma turma.

Sim, mas isso é também como a sala de informática.

A sala de informática, acho melhor não...

Nós, para o secundário, queríamos lá ir fazer um trabalho de pesquisa...

Mas tens computadores na biblioteca... se nos deixassem ir para a biblioteca...

MODERADORA: O problema é o espaço da biblioteca não estar acessível agora, sempre?

O problema que eles têm é o espaço não estar a ser utilizado.

Poderia ser um mini centro de estudos.

Haver um espaço no Colégio só para estudar. Não só para o secundário. Quando os alunos estão à espera dos pais... na Aurélia, por exemplo, havia uma biblioteca e era o silêncio total, toda a gente respeitava. Deviam fazer o mesmo aqui. Eu estudo, por vezes, aqui à tarde. Não me consigo concentrar em casa e venho para cá. Aqui, mesmo que haja intervalo, não se consegue ouvir. O barulho todo que há... estamos completamente desconectados dos outros lados. Na biblioteca, com os vidros isolados, ouvimos muito pouco o barulho da rua... Bastava ter uma pessoa lá, uma empregada que mantivesse o silêncio, que mantivessem a autoridade. Com a Isabel, como a conhecemos desde os 3 anos, a relação é muito familiar. Assim, a autoridade não entra muito em jogo. Se ela quiser, eu respeito.

Há muitos miúdos que não conhecem essa palavra. Só respeitam a autoridade da direção, de uma professora ou das Irmãs. Mas, à hora a que eu fico a trabalhar, elas é que levam com a miudagem toda. Portanto, bastava uma pessoa lá, com autoridade e acho que, em termos de estudos, aquele espaço é ótimo. Quando houvesse debates, organizava-se muito bem, metia-se ali umas mesas. Claro que isto não envolve custos nenhuns.

Se calhar, o problema é ter sempre alguém lá. Mas, isso também se pode contornar.

Exato. A Paulinha pode ficar ali. A maior parte dos miúdos tem aulas em baixo. Ela pode vir e fica cá um bocado, nem que se arranje só duas horas de estudo.

Não percebo qual a necessidade de ter funcionários nos corredores quando se podia ter funcionários na biblioteca.

É verdade, mas era preciso dinamizar bem isso. Não é só definir um horário para o funcionário estar na biblioteca ou estar no corredor. Para o funcionário não estar na biblioteca sem ninguém e estar a desperdiçar o seu tempo, com um monte de miúdos no corredor sem supervisão. Era preciso articular bem isto. Por exemplo, a esta hora estão a acontecer aulas, não é preciso estar no corredor a controlar. Vai à biblioteca. Se não estiver ninguém a estudar, volta para o corredor. Mantém-se no corredor para o caso de aparecer algum miúdo. Daqui acede-se rápido à biblioteca, basta abrir o acesso de cima e eles em 5 segundos estão aqui.

Esse é outro problema, o dos acessos. Para irmos ao laboratório temos de dar quase a volta ao Colégio.

Isso não faz sentido nenhum.

E não há custos nenhuns, de eletricidade ou de outra coisa.

MODERADORA: É só uma reorganização?

É só uma chave. É só uma porta que pode estar aberta ou fechada. Abre-se de manhã, fecha-se à noite. Acho que não há necessidade de haver tantas limitações e tantos espaços por usar. A zona das Irmãs e dos antigos alunos, é compreensível. A zona de acesso aos pais é também perfeitamente compreensível. Piso para cima, onde existe uma sala completamente vazia que é só usada para a catequese e, mesmo assim, só algumas catequeses durante a semana é que vão para lá. A outra sala é que tem a informática, está fechada, compreendo, é material sensível, se forem para lá miúdos podem estragar aquilo. Ao lado, é o quarto da Irmã Teresa. Depois, há outra saleta...

É um escritóriozinho.

Essa está completamente vazia. Passo lá várias vezes quando vou para o laboratório ou quando vou para a catequese e vou por cima, e aquilo está livre. Ainda para mais, tem os laboratórios, tem os quartos de banho. É ótimo: se alguém precisar de fazer necessidades, tem logo ali...

Mas estão fechados.

Eles fecham as casas de banho para não terem de limpar sempre. As casas de banho não iam ter assim tanto uso.

É compreensível, se não há atividade não há necessidade de estar a fazer manutenção constantemente. Ou se só usa uma pessoa por semana.

MODERADORA: Uma curiosidade minha: tendo em conta a natureza da escola, de Irmãs Doroteias, uma escola católica, gostaria de saber como é que vocês vivenciam essa dimensão mais espiritual, do vosso trabalho de interioridade e formação pessoal, aqui?

Sem problemas. Até acho que é um ponto positivo.

MODERADORA: É alguma coisa que vocês sentem como...

Liberta um bocado o ambiente pesado de escola.

O Colégio, apesar de ser católico, não restringe a frequência a ninguém de outras religiões.

Não discrimina.

Mas, acho que uma coisa que é positiva é eles promoverem os valores cristãos de uma forma mais camuflada e tomarem medidas para promover a solidariedade, ajuda aos outros, e os professores também. É importante termos esses valores na nossa formação.

MODERADORA: Contribui, portanto, para este leque de valores que vocês estão agora a acrescentar... há aqui muitas ideias interessantes. Em relação aos espaços, e vocês falaram em vários, ...

Há só mais um.

MODERADORA: Diz.

O ginásio. Há um acesso muito limitado ao material.

Exato.

É quase...

Até é compreensível essa parte. Não totalmente. Há material que pode ser estragado por quem não sabe. Bolas de vólei, por exemplo, que só podem ser jogadas com as mãos e há miúdos que chutam. Isso é compreensível. Mas, podiam disponibilizar uma bola de cada desporto já era suficiente.

Para quem quiser usar.

E quem for responsável por algum estrago deve assumir as culpas e substituir. Como se pedíssemos emprestada a alguém. Isso é muito bonito mas ninguém ia fazer.

MODERADORA: Alargar o acesso também foi falado há pouco pelo grupo anterior. O acesso a algum material que está disponível e não é utilizado, e o acesso ao ginásio ter sido restringido.

Só costuma ir pessoal do 3º ciclo, mais velho, e pessoal do secundário ao ginásio. E, mesmo assim, sendo nós mais responsáveis, tem de estar sempre alguém para nos ir abrir a porta e nós poderemos ir lá para dentro.

MODERADORA: E tu achas que vocês teriam autonomia e responsabilidade para estarem lá sem estarem a ser...

O problema é esse, os professores e os responsáveis já partem do princípio que vamos estragar as coisas se as formos usar. Isso também, quer dizer... Preconceitos. Já se pensa e associa aos alunos mais novos que não têm sequer consciência do que estão a fazer, apesar de dizerem que têm. Mas acabam por fazer sempre alguma asneira.

Os meninos do 9º ano, até parece que não se sabem comportar...

Eles agem como tal. Já viste como eles são agora...

No 8º e 9º ano nós fomos ao ginásio nas horas definidas... tínhamos um dia por semana.

À segunda era um ano, à terça era outro.

Eu não percebo porque é que há essas restrições.

Não sei porque é que há tantas regras. Se calhar, se fosse uma coisa completamente banal ir para o ginásio e cada um usasse o espaço que quer, não haveria esses problemas.

MODERADORA: Diminuiria...

Com o tempo ia acabar por acalmar. Só quem gostasse mais de ir para o ginásio é que iria. Quem gostasse mais da biblioteca iria para a Biblioteca. Estamos a falar que estes espaços já estiveram abertos de vez em quando, mas quando estava o ginásio aberto nunca estava aberta a biblioteca. Se estivessem abertos ao mesmo tempo, se calhar cada pessoa iria fazer o que gostasse. Ninguém ia estar a “javardar”, desculpem a expressão, no espaço em que não devia. Ia estar ocupado a fazer uma coisa que gostasse.

Quem gosta do espaço não ia gostar de o estragar.

MODERADORA: E, se calhar, contribuiria para que ele se mantivesse organizado...

Mais alguma questão que queiram partilhar em relação às aulas ou aos espaços... ou a outros assuntos que não tenham falado ainda...

Acho que falo por todos quando digo que foi tudo falado.

Reforçando a ideia do teatro, lembro-me de um ginásio pequeno que tem um potencial enorme, enorme. Para os mais pequenos começarem a fazer teatro.

O ginásio pequeno está em péssimas condições...

Mesmo.

É um ambiente muito frio e os miúdos do 1º ciclo, quando está a chover, vão todos para lá e é um sufoco enorme.

Pois, aquilo está sempre fechado.

À parte disso, aquele espaço tem um potencial enorme para as pessoas começarem no teatro...

Tem um palco, essas coisas...

Tem palco, tem cortinas, tem tudo o que um teatro precisa. O que um teatro precisa é de atores e de...

Luzes...

Era um clube de teatro.

Um clube de teatro é um pouco mais difícil porque é preciso um mentor.

Nós chegámos a ter expressão dramática.

Podia ser a professora Inês...

Está bem...

O Colégio precisa de pagar a esses professores.

Agora já não temos expressão dramática aqui, pois não?

Têm, com a professora Paula Bastos.

Por exemplo, eu acho que a professora Paula Bastos tem muito mais jeito do que a professora Inês. A professora Inês é, se calhar, mais direcionada para os pequeninos.

Tudo isto são ideias muito boas...

MODERADORA: São. Também acho que sim.

E o Colégio tem um potencial enorme para fazer muitas coisas. Mas nós somos subvalorizados. Ninguém nos vai ouvir. Ninguém ouve um miúdo, mesmo do 12º ano.

Um professor, mesmo recém-chegado ao Colégio, tem muito mais influência. Por exemplo, a Rita está aqui desde que nasceu, desde que sabe andar. E nem somos daquelas pessoas com medo de expor as suas ideias. Nós expomos. As pessoas é que não nos levam muito a sério.

Acho que isso é aqui e é em todo o lado.

MODERADORA: É pelo facto de vocês serem mais novos?

As pessoas esquecem-se que está nas nossas mãos o futuro e não querem dar-nos as condições... iam tornar-nos pessoas muito melhores. Assim, controlados, fazem sentir-nos como autênticas crianças.

Fazemos o recreio, basicamente, na sala.

A diferença é que estamos de pé.

E estamos a falar.

E a mesa de ping-pong...

Esse é um bom exemplo, temos a mesa de ping-pong há anos e ninguém a estragou. Toda a gente tem imenso cuidado porque toda a gente adora jogar ping-pong. Também temos cartas disponíveis para jogar e ninguém estraga as cartas. Ninguém quer ficar sem cartas para jogar.

MODERADORA: Se eu percebi bem, tem mais a ver com as vossas necessidades.

Aquilo que disseste da bola de ping-pong, de não ser pago... é pago, em parte. Vai, compra a bola, volta e está tudo bem.

MODERADORA: Seria, então, possível estender isso a outro tipo de situações?

Se nós nos juntarmos todos, o dinheiro não é o problema. Até porque o Colégio arranja coisas a um preço mais baixo do que o normal. Damos 10,00€ cada um, se for preciso, que dá para construir uma sala inteira. Toda a gente usufrui, ninguém reclama. Não é só do Colégio e não é só nosso.

Nós nem estamos a impor a condição de ter de ser o Colégio a arranjar. Queríamos era ter essa oportunidade.

Falo por mim. Acho que se nos juntarmos todos, por um valor pequeno, podemos fazer alguma coisa. Fazer o melhor possível com o que temos.

O Colégio tem as suas tradições, tem a sua maneira de agir. As Irmãs estão habituadas a uma certa maneira de ensinar. Mas esquecem-se que estão numa sociedade que está em permanente evolução.

Há uns anos não havia secundário. Há 6 anos não havia. A sociedade evolui e o Colégio tem de acompanhar a sociedade, senão vai ficar para a História.

Acho que deviam dar mais liberdade, por exemplo na utilização dos espaços, às pessoas mais velhas. Eu compreendo que os miúdos do 5º e 6º ano, que acabaram de sair da primária, mas os mais velhos...

MODERADORA: Que se tenha uma perspetiva diferente dos que são mais velhos, que exista uma diferenciação quanto à utilização dos espaços...

Relativamente aos professores, não é tanto a forma como ensinam e as estratégias para as aulas, mas o que dão nas próprias aulas, porque há disciplinas em que é mais à escolha do professor o que vão dar, como Educação Física. Eu acho que há muito pouca equidade entre os vários. Há professores que dão, basicamente, o que os alunos gostam. E há outros que impõem sempre o que querem dar.

Querem cumprir o programa.

As pessoas ficam com pouca vontade.

MODERADORA: Podia haver um pouco mais de discussão, por exemplo?

O importante na aula de Educação Física é a atividade física, não o desporto que fazemos.

O nosso professor de Educação Física deixa-nos fazer o desporto que queremos.

O nosso não. O nosso diz-nos “hoje é ...”, e é assim que tem de ser.

Há também uma falta de vontade nossa.

Sim, a nossa turma é uma exceção à regra. Ninguém faz Educação Física já. Mas, quando fazíamos, no 10º e no 11º, o professor nunca teve qualquer problema em deixar-nos fazer o desporto que toda a gente queria fazer.

A maior parte dos rapazes gosta é de jogar futebol.

Acho que fazemos muito mais atividade física a jogar futebol do que a jogar badminton. Os alunos, quando perdem o interesse, dedicam-se muito pouco ao que estão a fazer. Não faz sentido.

MODERADORA: Devia haver uma maior flexibilização... poderia ajudar do ponto de vista do vosso empenho?

Eu acho que sim.

A aula de Educação Física chegou ao ponto de...

Libertar energia.

Na segunda feira, tínhamos teste de Matemática na terça, eu preferi ir para casa estudar do que ir para a aula.

Mas isso é porque Educação Física não conta para a média e isso agora vai mudar. De certeza.

Só porque entra na média isso não significa que vão cumprir o plano à risca.

Mas o professor vai ter que ser mais exigente.

MODERADORA: E será mais importante ir ou não às aulas...

Tenho a experiência da minha irmã, no Ribadouro. Ginástica, que toda a gente odeia, lá nunca tinha. E é do programa, mas o professor opta por não dar.

Só os desportos mais comuns, vôlei, futebol, basquetebol e andebol às vezes.

MODERADORA: Provavelmente corresponde melhor às vossas vontades.

Nós não demos por uma vantagem que tem a nossa turma, nós somos 31. E não há tapetes para 31.

MODERADORA: Essa ficou automaticamente de parte.

Têm mais alguma questão que não tenham falado e gostassem de falar?

Isto já não vai ser para nós, mas fico feliz por saber que estou a ajudar. E daqui a uns anos, quando vier visitar, perceber “isto agora é assim e isto é assim”.

MODERADORA: Espero que sim, que saiam daqui umas coisas interessantes.

Obrigado por terem estado. Sei que foi um “cravão”.

Obrigado por nos ouvir.

MODERADORA: De nada. Foi um gosto ouvir-vos. E boa sorte, em particular para o 12°. E bom feriado amanhã. E bom descanso.

Ainda falta muito.

MODERADORA: Está quase. Quando deres conta, já acabou.

É o princípio do fim.

MODERADORA: Eu percebo-vos, mas vai correr bem.

[FGP1 – *Focus-Group* com Professores | 2018]

MODERADOR: Gostava que vocês me dissessem o que é que entendem por formação integral, o vosso ponto de vista, o que é que significa, quem quiser começar a falar?

É a formação do indivíduo no seu todo... tanto nas diferentes dimensões do homem, curricular, pessoal, é uma formação que vai muito além do currículo que tem a ver com o próprio, com a própria competência existencial de cada um.

É a formação da pessoa no seu todo, na vertente espiritual, estamos no colégio, na parte curricular, mas também na parte pessoal e o desenvolvimento do indivíduo como um todo. Pessoal, social, espiritual, emocional.

MODERADOR: E na vossa instituição desenvolvem já a interioridade como vivência não apenas como uma atividade pontual? E que exemplos vocês podem dar também? Podem justificar as vossas escolhas?

Além das aulas de EMRC e de formação cristã temos momentos comunitários de vivência da espiritualidade temos atividades que promovem a interioridade e a espiritualidade, mesmo no curso de voluntariado.

MODERADOR: Começamos só com a interioridade, depois vamos passar para a espiritualidade.

As orações da manhã acho que são momentos como medida da interioridade.

Sim, é feita desde o jardim de infância até ao 12º.

Sim, é feito em todos os ciclos.

Há atividades fora do Colégio de encontro muito consigo próprio, de interioridade, como temos anualmente o retiro na Serra da Estrela, embora seja para alunos a partir do 7º ano, eles ficam um fim-de-semana e é uma grande oportunidade de encontro consigo próprio, os campos de férias, também temos os caminhos de Santiago, temos os dias de reflexão, normalmente no 2º e 3º ciclo e no secundário, uma vez por ano há um dia de reflexão.

MODERADOR: E a nível de espiritualidade, que tipo de trabalho é que vocês realizam cá com os alunos e dentro de vocês também, os professores?

Catequese, as missas da família como já referimos, os retiros, a vivência dos tempos, as caminhadas da Quaresma, da Páscoa, Natal, que envolve realmente todas as pessoas, alunos e comunidade, as confissões.

MODERADOR: Vocês também têm, obviamente, uma equipa da Pastoral... há representantes quer no jardim de infância...

Somos nós, e mais alguns catequistas, ainda faltam aqui catequistas e professores, e a direção também.

A direção também faz parte da Pastoral.

MODERADOR: E com o Bússola 21, perspetivam mudanças na promoção e formação integral, na consciência ecológica e planetária? Podem oferecer exemplos?

Acho que sim, até porque se o Bússola 21 pretende olhar também um bocadinho para uma atitude de uma educação mais individualizada, ou personalizada digamos assim, integral mas personalizada, acho que será mais fácil também de pensarmos na pessoa ou será difícil não pensarmos na pessoa como o seu todo.

Embora, nós fazemos todos os anos reuniões Pastoral de balanço no final de cada ano letivo e pensamos sempre em atividades, estratégias, dinâmicas, que podemos desenvolver para este nível de competências, nível da espiritualidade, nível de pensar e incidir, pensar nos outros, e fazemos um balanço e vemos aquilo que é de manter e também procuramos outras experiências que eles possam viver.

MODERADOR: Mas com o Bússola 21 vocês perspetivam alguma mudança neste ano?

Eu não sei se é mudança, é mais preocupação de continuar e se calhar consolidar um bocadinho.

Acho que é uma preocupação que nós temos já há alguns anos e tem estado sempre presente, e com o Bússola 21 pode ser mais potenciada. E intencionalizar mais um bocadinho já o que nós fazemos, se calhar nem nos apercebemos de tudo o que fazemos, ou melhor se calhar não temos consciência daquilo que estamos a promover, portanto talvez ajudará.

Nos últimos 10 anos nós temos feito com metas e com objetivos e fomos aplicando, eu acho que já há muita consciência, agora que todos tomem consciência...

MODERADOR: E vocês acham que estão a chegar a todos?

Perspetivamos que sim, vamos fazendo caminho, mas não é fácil. A partilha de informações e tudo está a 100%, e a presença, isso não há dúvidas, mas chegarmos a todos... mas também é preciso chegar aos funcionários e outros colegas, eu acho que ainda temos um caminho a fazer. Não só informar, mas implicá-los.

Mas aí há o respeito pela consciência particular de cada um, não pode ser uma coisa imposta, porque, por exemplo, eu acho que nós se calhar não nesta parte, mas de que modo é que os funcionários estão envolvidos? Estão muito envolvidos, por exemplo nas sementes da paz, de solidariedade, há funcionários muito envolvidos, de uma forma ou de outra.

MODERADOR: Lá está, com o Bússola 21 vocês perspetivam mudanças mesmo na comunidade e nas atividades que vocês venham a desenvolver?

Acho que é um caminho, é a minha opinião.

MODERADOR: Eu estava a perguntar se a nível da comunidade vocês perspetivam também mudanças, melhorias, no tipo de atividades?

Tem que ser, se é uma coisa que estamos a identificar como se calhar podemos fazer mais, acho que fará sentido ao pensarmos num projeto novo.

MODERADOR: E de que forma é que vocês acham que se pode concretizar isso, que mais atividades para os pais, que mais atividades para as famílias, para os docentes e não-docentes?

Temos que implicar cada vez mais pessoas, não devemos é multiplicar as atividades.

Eu acho que há uma área que nós ainda não estamos completamente a trabalhar, que é parte de ecologia, no 1º ciclo já andei há 2 anos a procurar.

MODERADOR: Mas vocês conhecem o projeto eco-escolas?

Conheço.

MODERADOR: Mas nunca o implementaram?

Está a ser implementado.

O exemplo de como começou foi há 1 mês ou 2, fizemos a inscrição, estávamos a fazer a parte regulamentar da inscrição, demos o primeiro passo de recolha de papel em todas as salas e estamos a dar passos concretos.

Aqui no Colégio nota-se tudo e vai tudo para o mesmo.

Nós já recolhemos uma tonelada de papel.

Mas não é só isso, certo? Porque se no dia a dia nós recolhemos porque é que depois é tudo junto?

Nós precisamos de outro método.

Sim, ou seja, é possível sempre envolver mais a comunidade toda.

A gente não avançou mais ainda porque é preciso constituir uma equipa, coordenadora, as pessoas com os cargos todos atribuídos, já tinham todos os seus trabalhos, não era a meio do ano que íamos dar mais trabalho às pessoas. Mas agora vamos fazer isso, vamos inscrever no projeto educativo da escola, vamos-nos inscrever em tudo.

MODERADOR: O que está em questão é se o Bússola 21 pode pertencer a esta área efetivamente?

Eu posso-vos dizer, a nível do projeto Eco-Escolas, nós começamos há 5, 6 anos, tivemos o dito ano zero, começamos em Setembro com uma equipa mesmo, mas não quisemos concorrer nesse primeiro ano, mas se nós concorrêssemos já sabíamos que iríamos ter a bandeira, mas como era um projeto, nós pensamos que fosse também mais complicado do que realmente é, exige muita coisa, mas depois relativamente eu acho que também facilitou na atribuição do galardão da eco-escolas, mas é um projeto, que pelo menos nós conseguimos envolver os pais, as famílias, os alunos, os professores, o pessoal não-docente, de uma forma muito positiva.

E talvez seja mais fácil com atividades ou experiências mais práticas envolver toda a gente, quando falamos em projetos mais de espiritualidade, é mais difícil.

MODERADOR: Imaginem o que é, por exemplo, nós só temos jardim de infância e 1º ciclo é tem que ser formado uma equipa de eco-escola com alunos, os nossos alunos, são pequeninos, mas mesmo assim tivemos mesmo com elementos da câmara, da junta de freguesia com alunos de 9-10 anos mas conseguimos a parte mais aborrecida, digamos é quando temos de pedir ajuda à câmara.

E nas relações também? Nas relações entre os docentes e não-docentes, como é que vocês perspetivam o Bússola 21, vai melhorar, vai trazer novas sinergias para a escola?

Vai, sem dúvida que vai trazer novas sinergias, isso implicaria, ou será implicar um trabalho mais interdisciplinar, e portanto, vai ter que haver mudanças, se vai melhorar ou se vai haver alguns entraves, acho que também vai exigir outro tipo de dinâmica e até se calhar acho que nós fazemos um bom encontro no início do ano com todos, mas se calhar não sei se não era de fazer mais coisas diferentes, por exemplo nos departamentos, pode haver mais formação para além do trabalho, isso poderia ajudar.

A Bússola 21 vai uma coisa de certeza fazer porque se nós vamos começar a trabalhar com outra metodologia em grupos em projetos isso vai implicar que nós tenhamos que nos reunir frequentemente de x em x tempo para preparar este caminho.

MODERADOR: E acha que os docentes, principalmente os docentes estão preparados para essa mudança?

Muitos têm medo, eu própria tenho algum receio, vamos lançar-nos numa coisa que não sabemos muito bem como vai correr, nós ouvimos daqui nós ouvimos dali, vamos vendo esta experiência, aquela experiência, eu sempre que ouço experiências de outras escolas eu penso, bem, não são bem assim, há muitas escolas que já entraram noutros contextos, o objetivo deles nessas escolas é combater o insucesso escolar que não é o nosso caso, são outras realidades, e depois temos sempre muito receio porque, às vezes, acho que precisamos de alguma preparação, se bem que no outro dia ouvi dizer que a preparação são os próprios professores que a têm que a fazer eles próprios, em conversa e em diálogo, que às vezes, como é que vamos fazer isto, se calhar também não há regras, formas, ou seja, os professores daquilo que já têm da sua experiência como professores é que podem pensar como é que eu posso fazer isto, como é que isto se pode tornar viável.

É aquela questão da aprendizagem colaborativa.

É, ao falar, ao conversar é que se vai construindo mesmo materiais, construindo grelhas de avaliação, construindo tudo que nós precisamos de ter, agora algumas coisas vão correr melhor outras não tão bem, claro que vai haver grupos que se calhar os elementos se vão entender melhor que noutros, cada um tem a sua personalidade, e lá está uns são mais resistentes à mudança outros estão “eh, bota para lá, força”, mas também pode haver aqui um equilíbrio, aqueles que estão com muita animação precisam de um bocadinho de calma, refrear.

Mudança causa sempre alguma ansiedade e receio ao mesmo tempo.

Mas eu acho que expectativa para mudança é também aliciante para nós e para a grande maioria, o que só por si já ajuda, já ajuda que nos consigamos entender todos de uma melhor forma mas também é verdade que a mudança assusta e há uma grande parte dos professores que aqui temos que saíram da área de conforto, já temos um caminho feito e isso pode assustar. Mas eu acho que esta expectativa de melhorar e de fazer diferente para melhor pode ser muito aliciante e acho que grande parte dos professores têm esta mesma visão e algum receio, e algum medo como é lógico, mas também estão com vontade de trabalhar neste projeto de forma a melhorar.

E os próprios alunos, de alguma forma, estão a dar-nos sinais que é preciso mudar, dão-nos sinais de que isto assim já não funciona, já não funciona dar aula como estás a dar agora como davas há 20 anos atrás, já muita mudança foi feita, mas eles próprios estão a exigir. Engraçado que há alguns que querem as coisas assim, no outro dia a brincar com uma turma do 7º ano dizia “Os testes vão acabar” e eles “Não podem, não podem acabar, é que nós temos que estudar para os testes”, pronto temos aqueles tipos de alunos que tem aqueles objetivos e é através do teste que vão chegar lá.

Mesmo com os mais pequenos, nós vamos mudando, vamos fazendo algo diferente e os pais depois na avaliação, ainda agora nos delegados de pais, querem na mesma os ditados, querem na mesma as cópias, querem na mesma escrever as tabuadas e sentem falta disso. “Então e as tabuadas, então e as cópias e os ditados?” Claro que vai fazendo parte do dia a dia da semana do 1º ciclo, mas não tanto como era antigamente. A mudança também os assusta a eles.

Há bocado falávamos da comunidade, porque aqui esta mudança não é só para os pais, não é só para os alunos, é para todos.

E os pais hoje em dia também questionam “onde estão os ditados, não estão a trabalhar, não é?”, porque só conhecem aquela forma de trabalho.

MODERADOR: Vocês acham que os pais também vos pedem para serem mais inovadores, trazerem novas coisas para a escola?

Alguns sim, alguns querem que coloquemos o seu filho no patamar lá de cima, mas a maioria quer que os filhos tirem os cincos, e quando dizemos “mas olhe no 3º ciclo isso não é importante, 4 é um boa nota”, Mas tem que chegar a 5”.

Mas no 1º ciclo é a mesma coisa, e nos 5 anos também.

Estava-me a lembrar de alguns pais do 3º ano do jardim, que já questionavam “E depois no 1º ciclo, vai ser como era no nosso tempo, eu ouvi falar em Montessori”, portanto, eles próprios já andam a investigar outras metodologias que podem ser usadas no 1º ciclo, não todos, mas há alguns pais que investem e dominam do que tratam as metodologias existentes, funciona e desperta e põe-nos mais ativos do que era tradicional, e a verdade é que quando eles estão envolvidos, estão a trabalhar e aprendem mais do que quando só estão a ouvir.

MODERADOR: No exercício profissional têm em conta a visão do Colégio da Paz? Como, quando e com quem, de que forma é que vocês têm em conta a missão, a visão e os valores do Colégio com as Irmãs Doroteias?

A postura no dia a dia, em tudo, tem que ser, a postura a falar com os pais, com os avós, com os colegas, está presente na maneira de ser de cada um, e depois, como temos os temas anuais tentamos trabalhar também com os alunos ao longo do ano os temas, mas eu acho que as coisas estão presentes nas pequenas coisas.

Estava-me a recordar da nossa caminhada da Quaresma onde trabalhamos o hino ao amor e então estava o meu filho em casa a dizer que 2 meninas não lhe prestavam atenção e andava ele atrás delas a dizer “mas então o que é que aprendemos? O amor é paciente, o amor não é invejoso, o amor é amável”, e eu só imaginava a figura dele atrás dos outros, mas de facto fica e tentam pôr no dia a dia, aprendeu, e elas não prestavam atenção, ele estava indignadíssimo.

Por exemplo, uma vez na sala, eles andavam muito implicativos e eu dizia que eles tinham que aprender a ser tolerantes, não podiam vir fazer queixinha logo no momento, temos que ser tolerantes e um dia lá levantei mais a voz e uma menina disse “assustaste-me” e eu “Ah, Maria desculpa-me” e ela “está bem, eu vou-te tolerar”, vai ficando.

MODERADOR: Que idade tinha essa menina?

Cinco anos, mas segundo os colegas diziam “é porque quando chegava a vez deles ela não os tolerava a eles” e eles “pois, porque só sabes tolerar a Isabel”.

Não é só dizer é perceber e implicar.

A minha perspetiva é que se calhar é muito mais fácil num jardim de infância no 1º ciclo e no 2º ciclo, mas no 3º ciclo e secundário não será mais difícil...

Mas aqui a caminhada faz-se desde muito cedo e isso ajuda muito.

Por exemplo, eles acabam por compreender, por exemplo os mais velhos, quando há uma situação, mesmo quando nós ralhamos com eles, e chamamos a atenção para determinados aspetos daquilo que esteve mal, eu acho que no geral os nossos alunos nos ouvem, nos escutam e conseguem realmente reconhecer que estão errados e há relação também.

Há uma questão que é quase protetora.

Por exemplo, eu digo isto quase sempre lá em casa, na semana Santa, o Sérgio faz um trabalho muito interessante com os meninos mais velhos e eu digo: só no Colégio da Paz é que meninos daquela idade organizam e fazem coisas destas para os outros assistirem sem vergonha, à vontade e gosto, por exemplo dramatização dos 3 períodos da última ceia, só mesmo meninos aqui da Paz.

MODERADOR: Não têm a perspetiva também quando vão por exemplo numa visita de estudo vocês tentarem comparar os vossos comportamentos com outros?

Às vezes achamos motoristas de autocarros a dizerem “os vossos são impecáveis”.

Vamos assim na gola e eles dizem “o colégio respeita, sabe estar, não temos que levantar a voz”, os albergues do caminho até trocam grupos, se houvesse vaga para nós o nosso não tinha vaga passa a ter porque prefiro vocês aos outros, porque vocês sabem estar, é o espírito de família, aqueles valores da família Doroteia já estão quase enraizados.

E deve-se muito ao facto de começarmos muito cedo no jardim de infância, por isso é que há bocado estava a dizer que se mantém, portanto eles quando chegam ao terceiro ciclo, oitavo, nono, secundário, têm um caminho feito muito grande, e depois é muito fácil para nós que trabalhamos com estas idades, é muito mais fácil, eles deixam-se levar pelos nossos propósitos em cada retiro de uma forma tão natural, que isto só acontece.

MODERADOR: Com que frequência é que vocês fazem esses retiros para os alunos?

Temos várias atividades, começamos com o caminho de Santiago logo no 1º período do ano, 1 semana a seguir à Páscoa é o retiro na Serra no 2º Período, no 3º Período temos os campos de férias, para além de todas as orações e todas as atividades e todos os tempos vividos, dia de reflexão.

Normalmente os diretores de turma também estão envolvidos, e temos ex-alunos que nos continuam a ajudar e a catequese, há antigos alunos que vêm fazer a catequese e que se envolvem como animadores nestas atividades de fora.

Como estavam a dizer como a maioria faz esta caminhada dos anos todos, mesmo que entrem alguns, como são em minoria é incrível ver como é que eles depois se integram.

MODERADOR: Isso deixa-vos obviamente orgulhosos, não?

Sem dúvida.

Um pequeno exemplo, nós tivemos agora o encontro na Serra há umas semanas atrás e este ano começamos com uma Eucaristia e pusemos em causa a noite de não fazer uma vigília como costumamos fazer e quando estávamos a fazer o programa pensamos “vamos ter missa, depois vigília,

se calhar fica cansativo”, quando começamos a pensar nisso eles foram os primeiros a dizer não, não, nós queremos a vigília, temos missa de manhã mas à noite temos vigília e queremos-nos juntar, queremos rezar todos, é um momento forte e é um momento que eles mais gostam, no percurso que eles vão fazendo. Isto não é normal nestas idades, portanto efetivamente e obviamente que nós ficamos muito orgulhosos pelo trabalho que vamos fazendo, trabalho que acaba por não ser trabalho, isto é, um caminho que nós fazemos com eles e que eles fazem connosco, acima de tudo é mais isso, e nós encaramos isto mais como um caminho que nós próprios estamos a fazer com eles do que um trabalho e isso orgulha-nos e deixa-nos muito com vontade de continuar a apostar nesta área por isso mesmo.

MODERADOR: A vossa equipa da Pastoral vai mudando ou são sempre os mesmos?

É muito estável, é mais no 1º ciclo que há mudanças. Fazemos depois é reuniões de Pastoral alargadas e estão todos os diretores de turma, todos os professores de 1º ciclo e educadores. É quase como lançamento e avaliação.

Como perspetivam a vivência da interioridade de forma implicada e transversalmente?

Acho que é preciso criar um tempo para essa formação para a interioridade, já temos partilha com outros colégios nossos e que fizeram a distinção entre o que é as metas, conteúdos, objetivos de EMRC e a interioridade, e nós ainda estamos um bocadinho com as coisas um bocadinho misturadas.

No 2º ciclo já dá para fazer uma desrinça porque temos 2 tempos, já se faz, um professor trabalha mais os tempos litúrgicos e os momentos de interioridade, mas, nos outros ciclos, a gente nota que é preciso caminhar para aí, haver um tempo em que se possa viver a interioridade.

E se calhar não são todas as pessoas que têm o perfil para trabalhar com os outros alunos a questão da interioridade, porque eu estou no 2º ciclo com uma turma e às vezes vejo-me um bocado aflita “o que é que eu vou fazer agora”, porque eu acho que era preciso mais conhecimento, saber como trabalhar mais estas questões, e não é muito fácil quando nós vamos todas as semanas às capelas, há um momento de oração, de interioridade, às vezes nota-se que eles, estou a falar do 6º ano, alguns são muito agitados e eu estou sempre a dizer “este é o último dia que venho à capela convosco”, mas pronto, eles lá acalmam-se e etc., mas não é fácil, e eu às vezes não sei muito bem como...

Já estamos a fazer essa experiência com os do 10º ano, como somos 2 docentes no mesmo tempo, dá para fazer esse desdobramento, não são os dois ao mesmo tempo, os espaços têm que ser criados...

E não só esse eu ter o tempo e eu ter o espaço, é saber o que é que eu vou fazer, como chegar lá.

Exato, estamos lá a determinar as técnicas do relaxamento, da introspeção, que todos os passos da oração sejam o tipo de oração que a gente vai fazer ou de vivência, claro que as coisas funcionam de uma forma, também temos de ter o ambiente a ajudar, a capela às vezes não é o melhor ambiente, porque tem corredores muito perto, ou seja, a criação e outros espaços... O silêncio é muito importante, que a gente nos momentos que nós fazemos no caminho de Santiago, as peregrinações a Fátima, o silêncio, o irem para as pedras na Serra da Estrela, os miradouros e tudo, eles gostam, e como já experimentaram o silêncio, eles querem, quando vão para o sardão e fazem o dia da espiritualidade, eles gostam, e vamos caminhando, só que tem que haver uma aposta, tem que haver mais tempo.

MODERADOR: Quando fala em tempo também fala em mais docentes em Educação Moral, não é?

A interioridade é um caminho. E se calhar viver, claro que temos que respeitar, e isto realmente não é imposto, mas passa pelo nosso papel, por ver isto nos alunos...

Mas não acho que é tanto transversal, acho que é preciso mesmo momentos.

Estou a dizer a preparação dos alunos mesmo para fazerem as orações da manhã, por muito que eu tenha que respeitar cada um, mas também tenho que saber se é..., mas também não sei até que ponto é que não nos cabe a nós também, embora respeitando, promover mais capacidade ou explicar melhor e não só o faz, ou seja, não vamos obrigar as pessoas a ir à experiência, mas também se não deixarmos que essa experiência pode ser depois facilitadora deste professor depois de ter mais facilidade ou até perceber melhor o que está a fazer, porque não obrigar entre aspas a viver algumas experiências?

Não concordo de todo, então isso é que era falso, claro que depois nós tínhamos facilidades, aqui é que nós vamos, quando somos obrigados e a maior parte das vezes, não estou a dizer que somos obrigados a fazer imensas coisas, mas normalmente quando nos pedem as pessoas aderem, mas muitas vezes aderem, contrariadas, e depois qual é o benefício disso, é zero.

Nós temos aqui 2 realidades: temos a realidade escolar, e uma coisa é o docente que tem que ir cumprir serviço a acompanhar um dia de reflexão ou a uma visita de estudo, ou a uma missa, porque é um professor daquela hora; outra coisa é o crente que nós trabalhamos na catequese na Pastoral da catequese e dos grupos de jovens que só está quem quer e quem orienta são gente que partilha a fé, são 2 momentos diferentes, aí concordo com a Assunção, a gente não pode obrigar uma pessoa a fazer o sinal da cruz se ela não é crente, por isso é que fazemos a oração muito direcionada, agora vamos cantar, agora vais dizer, e o momento de oração é a oração institucional, a interioridade é outra coisa, uma coisa é a oração institucional da manhã e outra é a interioridade, ou aproximar-se da espiritualidade, formas de rezar, de pensar, de estar, de relaxar, de desrinçar o que é orar, o que é rezar, o que é recitar...

Sendo que as pessoas não podem fazer isso ao outros se não viverem.

Mas também só se vai pedir às pessoas que o vivem ou que o sentem para depois serem transmissoras com os alunos, normalmente não se vai pedir a alguém que não se sinta minimamente à vontade para o fazer, normalmente quando convidam alguém para este tipo de iniciativas são pessoas que se sentem à vontade, porque agora de repente chegar à beira de um professor e dizer olha, vais dinamizar uma sessão de interioridade...

Há pessoas com mais apetência, mas eu percebo também o que vocês estão a dizer, mas nós professores trabalhamos em Colégios de irmãs, nós já sabemos que é um Colégio Católico, mas temos que respeitar a individualidade...

A postura de adesão, a neutralidade de não oposição, mas não partilha, e a oposição não pode haver porque senão a porta da rua é serventia da casa, ou seja, são três posturas, mas só pode optar por 2, mas há uma identificação e pelo menos neutralidade...

Vejo mais as coisas no sentido de temos que respeitar, obviamente, a individualidade, mas por outro lado, isto é um Colégio Católico, eu acho que vejo mais a situação desta parte de formação no sentido de há pessoas com mais aptidão para esta formação da interioridade do que outras. Agora, a partir do momento em que nós entramos no Colégio, é como as crianças, crianças que entram lá que não são católicas...

Vamo-nos especializar, não pode ser algo que qualquer um pode ser, porque há pessoas que são muito religiosas e zero de interioridade, de uma aridez espiritual absoluta e há pessoas ao contrário, ou seja, não pode ficar à boa fé do professor titular da turma, do educador da sala, do diretor de turma, tem que ser algo bem pensado, e não é um qualquer...

Este ano nós, no jardim, pela primeira vez, temos uma irmã que vai fazer a formação relacionada com isso, e no 1º ciclo é o professor titular...

Por isso é que dizia há bocado, nós temos que respeitar, mas obviamente, quando nós entramos num colégio, se a Diana não fosse católica praticante, ela aqui sabe que tem que dar-se, apesar de nós respeitarmos, ela não é católica praticante, mas entrou numa instituição religiosa, nós sabemos que à partida são os professores titulares que dão esta formação, obviamente que a Diana pode não ter tanta aptidão como uma colega, mas nós temos também de saber distinguir aqui as questões.

Também há pessoas que apesar de não serem católicas e praticantes, também têm uma postura, uma sensibilidade e o exemplo para trabalhar...

Aqui há uma certa confusão, a gente confunde EMRC com a formação cristã, com a formação para a interioridade, que são coisas completamente diferentes, para EMRC há gente habilitada, formada pelas faculdades, universidades...

E também é um bocadinho presunçoso acharmos nós porque somos crentes que somos melhores, ou que temos melhor autoconhecimento...

É uma questão técnica, que há uma habilitação há uma declaração do bispo, é uma questão formal, técnica, a razão da interioridade e alguém das irmãs ou de outro professor que pode desenvolver e isto são coisas que se têm misturado um bocadinho, estão pessoas a dar técnicas e dar por exemplo, o EMRC chama-se formação cristã, suprime-se aqui, ali e acolá.

Mas no 1º ciclo, o professor titular coleciona tudo, aqui é que nós fazemos expressão plástica, porque se não, se se estivesse numa escola pública...

Há professores de EMRC nos agrupamentos com o 1º ciclo, o horário deles é feito no agrupamento, e é transversal, vai desde o 1º ano até ao 12º.

MODERADOR: Reconhecem algum ou alguns instrumentos pedagógicos que são fatores promotores desta vivência de interioridade? Quais podem ser utilizados em várias áreas do saber?

O ambiente, a gente tenta criar as salas, os cantinhos de oração.

Mas está a dizer fora das aulas, assim a nível geral?

Esta vivência pode ser feita nas aulas de Educação Moral e Religiosa.

Debates, há as aulas de formação cívica...

MODERADOR: Há algum instrumento que vocês utilizem para esta vivência da interioridade?

Nós temos os manuais, temos todos os recursos, e usamos e aplicamos, nesse âmbito, no termo formal, e construímos muita coisa de raiz.

E depois devíamos era agrupar todas essas construções, essas atividades que fazemos, às vezes estamos a fazer outra vez.

MODERADOR: Não existe, por exemplo, o portfólio?

Já está construído, os outros têm portfólio, manual e caderno, que vão construindo.

Nós, no jardim, usamos portfólio e lá colocamos vivências significativas, momentos de oração também fazem parte, como outra aprendizagem, laços, sim, colocamos.

MODERADOR: O que é que representa o Bússola 21 para o Colégio da Paz?

É um desafio, uma oportunidade.

Já fazemos muitas coisas, e às vezes é institucionalizar o que já se faz, trabalhar interdisciplinarmente, transversalmente...

MODERADOR: Mas vocês já fazem isso?

Sim.

Já temos o cuidado na planificação das visitas de estudo, por exemplo, com a história e com as ciências, a gente vai ver o Castelo de Sintra, por exemplo, fui com o 6ºano, a história não foi, mas também foram para ver o homem espiritual, a gente trabalhou isso com os miúdos, tanta coisa tem esse cuidado, não se pode é fazer tantas visitas quanto se gostava, mas temos que ter esses cuidados.

Mas o Bússola 21 quer mais do que isso, quer ações muito estruturadas com objetivos, às vezes, não tivemos em tempo ainda de pôr isso tudo em papel, em grelhas a dizer o objetivo foi este, o que é que nós usamos para avaliar.

MODERADOR: E porque é que não foi feito, falta de tempo?

Falta de tempo e falta de ritmo, quer dizer, se calhar não estamos habituados...

Para nós não era necessário ainda, mas depois passá-lo para papel, não foi feito, falta-nos fazermos esse passo.

MODERADOR: E para as outras instituições, estávamos agora a falar concretamente do Colégio da Paz, mas agora assim a nível nacional para as outras instituições das Irmãs Doroteias?

Mas a pergunta é o que o Bússola 21 poderá representar?

Uma uniformidade, despertar consciências, espero ver que se faça, que não se desperte só.

MODERADOR: Acham que as várias instituições estão preparadas para estas mudanças?

Há que saber estar preparado, e nós vamo-nos preparando e depois vamos percebendo o que é preciso ainda e o que ainda não está bem, e o meu receio é eu fazer as coisas por isso, se calhar é muito importante porque nós estamos a fazer as coisas e alguém dizer “não, isso ainda não chega, ainda era preciso fazer mais qualquer coisa”, é irmos fazendo e ter alguém que nos vai monitorizando.

MODERADOR: Mas vocês têm frisado aqui um ponto importante que é o trabalho colaborativo, mas é entre professores e entre alunos, perspetivam isso? Este trabalho colaborativo...

E nós já vamos fazendo alguns, e eles vão fazendo, ou seja, nas diferentes atividades, os alunos envolvem-se de uma forma muito ativa.

E não só, por exemplo, aquele clube do Livro lá em baixo, eu acho aquilo verdadeiramente delicioso, eles durante o período do almoço, criaram um clube do Livro, pelo que eu percebi do 6ºano, mas o 1ºano também vai lá ouvir histórias e agora vão fazer jogos...

MODERADOR: Mas quem é que conta essas histórias?

São eles, eles criaram, eles quiseram animar os recreios dos mais novos.

MODERADOR: É num espaço fechado?

É numa sala, e eles dinamizam-se.

Os do 6º ano apresentaram a proposta à direção que queriam dinamizar os recreios dos mais novos, primeiro começou pela hora do conto...

No outro dia foram bater à porta e disseram assim “Isabel, nós gostávamos de saber se podias patrocinar...”, “patrocinar, mas patrocinar o quê?”, “nós vamos fazer um teatro, patrocinas?”, “mas que tipo de patrocínio, é com dinheiro?”, “não, não é com dinheiro”, “então como é que vou pode patrocinar, é com material?”, “não, não é com material”, “mas então, patrocino como?”, “podíamos levar os teus meninos à peça?”.

Agora também começaram a juntar equipamentos, iam de sala em sala, pediam autorização, batiam à porta e iam pedir equipamentos velhos para reciclar, e fazerem equipas. Então colocaram um recipiente, cá fora na portaria e na entrada, para pôr calções, meias, T-shirts.

MODERADOR: E acham que foram vocês que incutiram isso nos alunos?

Não, uma delas era muito calada.

Lá está, mas como falávamos há bocado, nem todas as pessoas são introvertidas.

E há miúdos que são assim, o Daniel sempre foi uma criança assim muito especial nesse sentido, mas depois ele é engraçado porque ele consegue movimentar toda a gente, ele gera muitas ideias e depois concretiza, e acaba por ser um exemplo para os outros.

Sim, mas também no dia da família, há o Got Talent, e eles organizam-se autonomamente em grupos e querem apresentar e ensaiam até ao dia, inscrevem-se e no dia apresentam-se sem nenhuma orientação.

MODERADOR: Três razões que justifiquem o Bússola 21 para vocês...

A necessidade da mudança, o novo paradigma, esta coisa de que o mundo começa a pedir outra coisa, às vezes não é pedir verbalizando, é nós vermos a postura deles em aula e percebermos que as necessidades são diferentes.

MODERADOR: E três constrangimentos para a implementação do Bússola 21?

O medo do desconhecido, os pais, pelo receio, pela resistência, pela mudança, por haver alguma coisa diferente que está a acontecer e não saberem o que é que vai dar, e nós não termos contactado muito com esta mudança, mesmo não sermos nós, se calhar não a termos visto ainda a acontecer aqui ao lado.

Quando fomos a Fátima da última vez, uma das colegas disse-me assim “Pois, mas isso eu já sei, como é que vamos fazer?”, e de facto, é isto que nos falta, nós já temos todos esta consciência que é preciso mudar, que assim não vamos lá, mas como, por onde é que se começa, e o que é preciso, e lá está a monitorização, nós se calhar até vamos fazendo, e vamos começando a construir materiais.

[FGP2 – Focus-Group com Professores | 2018]

MODERADORA: Obrigada a todas. Estamos aqui, o nosso foco de discussão, vai ser sobre metodologias promotoras de aprendizagem.

E porque surgiu este foco discussão?

MODERADORA: Porque, como sabem, houve entrevistas prévias da direção das instituições e dessas entrevistas nós fizemos uma recolha para tentar perceber que pontos é que as direções consideravam que já trabalhavam com eficácia, com sucesso e aquelas que consideram que ainda não trabalham do modo que gostariam. Então, a partir desses resultados, não quer dizer que não façam, mas ainda não com assertividade e com profundidade.

Aqui na Paz, organizamos dois focos de discussão que têm a ver um com metodologias promotora da aprendizagem e outro sobre formação integral, porque nos pareceram estas duas áreas as prioritárias. Relativamente a estas metodologias eu gostava de começar por perguntar o que consideram que são metodologias promotoras de aprendizagem?

Algumas estratégias que promovam aquisição de competências, que sejam centradas mais no aluno.

MODERADORA: Vocês acham que aqui na Paz já aplicam metodologias promotoras da aprendizagem?

Sim, existe uma intenção, nós tentamos, reconheço que às vezes tenho alguma dificuldade, e tendencialmente fugimos para o modelo mais tradicional. Mas a ideia é exatamente essa, lançar desafios na resolução desses desafios e começar a construir.

Eu vou só contar uma coisa que está relacionada com os próprios manuais, naquilo que está relacionado com ciências naturais do 3º ciclo. Foram adotados manuais aqui no colégio em que a disposição com que estão os conteúdos é sempre em forma de desafio, não havendo, após essa realização de atividades, o conteúdo teórico de uma forma mais abrangente e sistemática com conceitos e definições, e os pais queixaram-se imenso do manual, que aquele manual não fazia sentido nenhum, que eles não conseguiam estudar com os filhos.

Quando na realidade a informação está toda lá, em determinados documentos, e depois são explorados pelos alunos e pela própria editora também, porque a autora do livro sentiu-se na obrigação de, a seguir aos desafios onde são propostas as atividades, aparecer agora sim o conteúdo todo para eles poderem estudar numa forma mais tradicional. E ela própria também teve que mudar os manuais, porque sentiu essa pressão que é difícil implementar. Nós não temos estrutura, nós adaptamo-nos e fomos nós que criamos os nossos métodos em função dos grupos, nem sequer um ano é igual ao outro...

MODERADORA: Certamente as diferenças entre haver provas e não haver provas...

E depois tem a questão do currículo no caso da matemática. Eu acho que nós já fazemos aqui uma metodologia que eu acho que é promotora da aprendizagem. Nós usamos tarefas da exploração para todos os temas. São tarefas que são construídas de uma forma muito orientada e depois da aula a professora também vai sempre orientando. E tendo o feedback dos alunos, porque eles sozinhos não conseguem chegar aos conceitos, mas já temos matéria de exploração, não somos nós que fazemos as coisas assim, portanto não somos nós que expomos a matéria, aquilo é construído, já está orientado.

MODERADORA: Mas certamente que há conteúdos programáticos que merecem, exigem momentos de exposição intransmissível, ou seja, não se inventa nada a partir do nada, não se cria nada a partir do nada.

Nos projetos ditos inovadores. Estive algum tempo em Barcelona, visitei várias escolas e todos eles têm um tempo de ensino mais tradicional, não no sentido de poucos alunos ou muitos alunos, às vezes tem muitos em que o professor transmite o conteúdo. E a partir daí o trabalho acontece de uma forma mais livre, mas antes desse trabalho tem que haver, obviamente, a construção de algo. Nós, também somos portugueses, passamos de uma metodologia para outra sem avaliar e perceber que é necessário encontrar um equilíbrio.

E cá na Instituição, vocês promovem por exemplo a diferenciação pedagógica? Querem dar-me um exemplo, uma forma como promovem a diferenciação pedagógica?

Mas crianças com necessidades educativas especiais?

MODERADORA: Não tem que ser obrigatoriamente, porque todos temos...

Mas por exemplo queria um recurso específico para esses alunos instrumentos...

O que eu costumo fazer, quando há alguma tarefa para fazer na aula, eles têm níveis de desempenho diferentes e uns fazem muito rápido e outros mais devagar. Tenho sempre materiais de recurso em que eles podem ir avançando, enquanto os outros estão a terminar...

E a matemática é igual... há coisas que têm que fazer, e aí é abordado e corrigido com todos, se for caso disso. Outras que podem avançar, e depois há uma verificação com esses alunos, mais específica.

MODERADORA: Falaram em forma individualizada; por exemplo, a atenção personalizada, é algo que valorizam? Deem-me um exemplo dessa atenção personalizada.

Tem que haver uma estratégia de plano individual, no momento em que cada um está a trabalhar livremente, o professor vai dando apoio individual, além do apoio que se dá fora da sala de aula.

MODERADORA: Esses tempos fora da aula são extensos?

Só ao fim do dia e só para alunos mais desfasados em relação a outros.

A matemática funciona mais ou menos assim, porque, por exemplo, naquelas aulas mais práticas, em que os alunos estão a fazer exercícios, quem é que tem mais dificuldades de acompanhamento? São os mais fraquinhos, têm necessidade que eu vá falar com eles, enquanto aqueles que são bons alunos... e às vezes, juntando um bom aluno com um aluno médio, assim permite ao professor trabalhar com aqueles alunos mais fraquinhos, que

têm aquela necessidade de exercícios. Eu tenho, no 9º ano, o Ricardo e ele precisa que eu vá lá dar uma dica, não consegue fazer um exercício sozinho. São alunos que exigem muito mais de nós.

No caso do pré-escolar é um bocadinho diferente, temos mais tempo para fazer as coisas, não há um tempo determinado, dá para atender a todos de forma mais individual e ter o tempo necessário para determinada tarefa.

MODERADORA: No âmbito das metodologias promotoras de aprendizagem, tem-se discutido muito o papel das múltiplas aprendizagens, das inteligências múltiplas... vocês consideram que promovem alguma dessas múltiplas inteligências? Há algum exemplo que gostassem de partilhar?

Eu acho que é um bocado difícil em turmas que não são estruturadas...

Eu tenho exemplos de aulas que foram planeadas para tentar fazer isso, mas foram coisas pontuais... dividia a turma em vários grupos, cada um tinha que fazer um trabalho diferente e iam rodando. Acho que foram bastante recetivos, apesar de essas aulas são sempre mais barulhentas, depois eles não estão muito habituados a sair da "caixa", não estão habituados a fazer alguma coisa além do dito trabalho normal...

MODERADORA: Eles... ou nós?

Eles, eu gostei, acho que é uma forma de trabalho que era mais equilibrada e que eles podiam decidir, mas muitos sentem-se perdidos, perguntam... agora o que é que eu faço?

Se eu fizesse mais, se eu investisse mais vezes...

Devia haver um guião, por exemplo...

O caso do inglês, trabalha muito a questão do listening, a até a música que é outra forma de aprendizagem, a repetição entra muito aqui, uns são mais visuais, outros mais auditivos...

Eu acho que vou abrangendo, abordando. Acho que no 1º ciclo, a coisa funcionaria se não fosse apenas monodocência, eles precisam de apoio, é verdade que nós também não estamos devidamente formatados para isso, muitas vezes somos até a barreira, outras vezes falta-nos a estrutura. Podemos experimentar com duas pessoas, porque senão eles sentem-se perdidos, não fazem.

MODERADORA: Vamos para as questões mais organizacionais. Vamos para o processo de ensino/aprendizagem. Supostamente, com o projeto Bússola 21, vão haver, ou não, algumas mudanças no processo de ensino/aprendizagem. Gostava de vos ouvir sobre a gestão do currículo. Aham possível gerir o currículo? Se sim, como é que podem gerir, se não, por que é que não podemos gerir?

Falando da matemática, acho que é muito difícil esta gestão do currículo, porque nós temos provas de avaliação externa e, portanto, pensar em programas, em metas, em currículo, não sabendo nós aquilo que vai ser avaliado, esta gestão é uma gestão pouco flexível, porque nós estamos sujeitas à avaliação externa.

MODERADORA: Por exemplo, quantas vezes é que eles aprendem as horas? Desde o pré-escolar...

Não sei. No primeiro ciclo aprendem em vários anos.

MODERADORA: Quantas vezes é que eles aprendem os aparelhos? O respiratório?

No 5º, no 6º, no 9º, assim como o sistema solar...

MODERADORA: Não acham que poderiam gerir o currículo?

No 1º ciclo, eu pergunto, porque é que dão frações. O que acontece na matemática, estes meninos chegam ao 5º ano e grande parte, falo de mais de 50% dos alunos, não sabe fazer uma conta de dividir com 3 algarismos, que é uma coisa que nós precisamos e depois também deram as frações e não sabem trabalhar também com as frações. São muitos conteúdos muito superficiais e não vem nada que venha consolidado. O que acontece? Aqui há uns anos, quando o 1º ciclo dava as 4 operações aritméticas, a tabuada vinha bem sabida e chegavam ao 5º ano e havia uma facilidade de trabalho.

MODERADORA: Mas vocês trabalham todas na mesma Instituição. É uma questão de assumirmos as nossas responsabilidades, sobretudo a articulação vertical e horizontal. Sentam-se todas à mesma mesa e falam: mais vale trabalhar esta questão e deixar isto, sobretudo, porque agora há a prova do ano 5º, eu não acredito que haja alguém que consiga resolver problemas se não souber bem a tabuada. Sendo assim, não vale a pena continuar enquanto não souber bem a tabuada, não vale a pena continuar se não souber bem a gramática... percebem?

Isto é, esta gestão, não tem propriamente a ver com, não vamos dar isto este ano, mas muito mais aquilo e com profundidade o que vamos lecionar e sobretudo ter a capacidade de justificar isto à Comunidade, aos Pais, para sabermos o que vamos fazer.

Não pode ser, tem que ser uma decisão assumida por todos, não pode ser pessoal. Em qualquer Instituição não pode ser aquela professora ou professor decidiu isto. Começa por nós, isto é, temos que ser nós a decidir, porque nós é que somos profissionais.

Como é que vamos gerir, depois de ter a capacidade de explicitar, de uma forma alinhada, um alinhamento aos outros, isto é, primeiro tem que começar por nós. Já referimos aqui muitas vezes o manual. O manual é um recurso e quando o escolhemos tem que ter essa capacidade de divulgar à comunidade, aos pais concretamente que é mais um recurso, que não é o único, porque logo aí, há uma mudança de perspetiva e tem que ser o alinhamento, não pode ser a professora, tem que ser as professoras, o Colégio. Temos que estar alinhados.

Nós temos que explicar aos pais que vamos trabalhar assim e porque é que trabalhamos assim, dizendo as opções que tivemos, eles até perceberiam muito melhor o caminho. Têm que ser informados e bem informados.

MODERADORA: Nestas mudanças, falamos na gestão do currículo. Nas metodologias acham que vão haver mudanças? Que tipo de exemplos é que podem apontar? Já foram aqui apontados alguns.

Regra geral usamos as mesmas, aquelas em que nos sentimos mais confortáveis, é normal.

Numa turma de 25 alunos, as metodologias, a ideia da construção de saberes, acaba por ser aquela coisa de... temos o currículo, há uma parte cronológica que tem que se seguir, lembro-me que muita gente não gostava de História porque era muito denso. Eu, por exemplo, não sigo o manual. Todos os manuais são infernais, têm coisas a mais. Uma pessoa tenta fazer uns resumos, a linguagem, os conceitos.

MODERADORA: Acham que nessa avaliação das aprendizagens vai haver alguma mudança, ou não?

Tem que haver em tudo. Mas é um bocado assustador, essas avaliações.

MODERADORA: Está a pensar em teste, só?

O teste, como sendo a parte mais “gorda”.

MODERADORA: E se houver outros instrumentos? Que instrumentos é que vocês acrescentariam ao teste?

Eu acrescentava o trabalho de grupo e a apresentação do trabalho, a oralidade.
O trabalho de grupo, às vezes, é difícil de avaliar, é óbvio que há aqueles medos.

MODERADORA: Sabem que há colégios, os jesuítas, por exemplo, os grupos têm, no máximo, 3 alunos e é de propósito, que é para um não manipular o outro. Isto tudo é pensado. Assim como os portfólios que eles organizam, as aulas que dinamizam, as aulas invertidas, estudam em casa e depois apresentam.

Na história eles tinham que fazer uma coisa avaliada na aula. Há pais que são muito atentos e ajudam. Há aqueles meninos que trazem trabalhos fantásticos, mas não feitos por eles.

E como abordagem multidisciplinar, juntar a História ao Inglês, biologia com matemática.

Alguns casos que me recordo, por exemplo, Colegas que estavam a trabalhar físico-química com conteúdos combinados com matemática. Equacionam, ou não?

Por exemplo, no 7º ano, a físico-química precisa de equação científica, que é uma matéria que só é dada no 8º ano. A prof. de F.Q. tem necessidade de dar uma explicação muito breve para dar a matéria. Depois é um conteúdo que vai ser aprofundado com a matemática do 8º ano. Mas isso era preciso que cruzássemos as planificações ver o que é que a minha disciplina pode cruzar, para depois fazermos essa alteração, tanto horizontal como vertical.

MODERADORA: Costumam trabalhar só em planificação, por ano, por área?

Individualmente, apesar de articular tudo com todos. O colégio este ano já teve uma abertura, que era até este ano trabalhar só com um ano. E não vou estar a trabalhar com o 8º ou 9º se tenho o 7º para preparar. Este ano, para o 5º e 6º ano já colocaram duas professoras a dar o mesmo ano. Isso faz com que, obrigatoriamente, tenhamos de trabalhar juntas.

MODERADORA: A prof. de matemática não se sente com os colegas de portugueses, de história?...

Só no café... e Conselhos de Turma, é verdade!

MODERADORA: Por exemplo, as educadoras sentam-se, normalmente, todas? Por ano?

Trabalhamos por ano, mas reunimos todas as quartas-feiras.

MODERADORA: Acham que faz a diferença, ou não?

Sim, embora estamos a pensar noutras alterações que nos parecem mais pertinentes: 1º e 2º, 3º e 4º, porque faz muito mais sentido para aproximarmos. No 1º ciclo existiam muitas reuniões por ano, em que as pessoas estão a dizer as notas. Os outros são titulares de outra turma e nada lhes diz respeito. Seria muito mais produtivo juntarem-se e perceberem, no 2º ano eles têm este tipo de dificuldades e no 4º, e pensarem em conjunto, o que é que podemos fazer.

A próxima mudança é essa, 1º, 2º reunir, articular e...

MODERADORA: Vamos, então, para as questões organizacionais. As questões organizacionais são fundamentais, quer para manter o tipo de serviço educativo que prestam, quer para fazer alguma mudança. Quando pensamos em termos organizacionais, a minha pergunta é, consideram que deve existir mudança no tempo dos alunos e no tempo dos professores?

No tempo dos alunos, sem dúvida. Eles passam imenso tempo na sala de aula. Têm aulas das 8.30 às 18.15. Têm duas tardes livres, por semana. Mas os dias que o aluno começa às 8.30 e acaba às 18.15 com uma hora de almoço... ultimamente, essa é a questão principal.

MODERADORA: Mas a carga letiva diminuiu, não?

Os apoios são nas duas tardes livres. É muito saturante para eles.

MODERADORA: E no tempo dos professores? Não é necessário fazer nenhuma mudança?

Nós não temos tempo, também. Não temos tempo para articular. Há muitos temas que eu abordo e poderia estar com outro colega. Eu falo de muita coisa, de ciências, geografia, educação física e à medida que vai passando o ano mais específica em linguagem.

No 8º ano estão a fazer trabalhos de variadíssimos temas, vão pesquisar imensas coisas, é possível, mas é preciso ter tempo para articular com os colegas.

MODERADORA: Então, acham que se deveriam reorganizar? Como trabalhar colaborativamente? Precisavam de tempo?

Tempos conjuntos.

MODERADORA: Mas tempos conjuntos só em grupos de recrutamento ou de outra maneira?

Para trabalharmos diferente, tinha que ser de outra maneira. Há grupos de recrutamento só com um docente ou dois... Não há tempo para mudar, para fazer... só de uma forma informal quando nos cruzamos e fala-se... por exemplo, temos que mudar isso...

MODERADORA: E em modos de agrupar alunos? Achem possível fazer alguma mudança ou não?

Acho que numa das aulas, dividir turmas, essa parte do trabalho, História e Geografia, se houvesse hipótese de dividir a turma...

MODERADORA: Misturá-los mais, é isso?

Não, dividir mesmo... trabalhar por grupo.

MODERADORA: Por exemplo, há duas professoras de 5º ano de História, ou não?

Neste caso, História de 5º ano sou só eu.

MODERADORA: Imaginem que havia duas... conseguem imaginar juntar as duas no mesmo espaço e ter as duas professoras ao mesmo tempo? Eu tenho visto 90 alunos com três professores e às vezes com o 4º de Inglês, apresentam em português e em Inglês.

Acho ótimo por várias razões, porque quando há dois adultos há ideias que se partilham. Dois adultos na sala é diferente e os alunos sentem-se motivados para trabalhar numa coisa bem orientada.

Às vezes, até, outro professor tem outra forma de explicar, não quer dizer que seja melhor ou pior, tem outro modo de explicar e às vezes nós não entendemos, com aquela explicação e com outra já entendemos.

Eu, relativamente aos alunos, acho isso muito importante, porque o aluno que está a explicar, também está ali a fazer um esforço de criar uma linguagem e ele próprio também está a aprender, porque, quando eu no teste, pergunto para eles explicarem uma situação mais teórica, eles, muitas vezes, sabem resolver mas não sabem explicar como é que responderam e então quando eles estão a treinar isso com os colegas, é uma forma, também de estar a exercitar essa parte.

Ele trabalho de grupo, eles fazem trabalho de pesquisa e para o trabalho não morrer ali na aula, se forem conteúdos que aprofundem a aula com conteúdo do 3º ciclo, eles depois vão à aula do 3º ciclo fazer a apresentação desse trabalho e eu noto que há um grande envolvimento tanto dos miúdos do 3º ciclo, porque veem os miúdos do secundário a apresentar como aquela necessidade de brilhar. O aluno do secundário não quer ficar mal.

Podia haver uma divisão por nível de desempenho, por um lado grupos de trabalho que estejam a desenvolver um tema diferente.

Isso em português é claro, nas outras línguas também, mas imaginem na matemática.

Eu sou de filosofia, por isso posso falar... os alunos têm que redigir um texto, mas ainda não dominam a gramática, então este grupo que não domina a gramática vai fazer uma oficina de gramática enquanto os outros já estão a trabalhar o texto e quando estes estiverem desenvolvidos e tiverem esse tipo de competências mais capazes fazem o texto e apresentam à turma. Enquanto uns estão a trabalhar, por exemplo, o mercado das palavras, enriquecer o vocabulário, outros ainda estão na gramática. A matemática a mesma coisa, enquanto uns estão a trabalhar nos números racionais inteiros, os outros já estão... não quer dizer que seja nas aulas todas. A questão é, perceber em que momento de aprendizagem estão os alunos e pensar... então para a semana vou agrupar os alunos de uma outra forma e podemos organizá-los por estações, não podemos é manter as salas de aula com filas de autocarro.

Mas para isso, os recursos também têm que ser diferentes.

MODERADORA: Já vamos mais à parte da organização dos espaços. Os espaços também são importantes. E no clima escolar, também acham que é necessário haver alguma mudança?

Uma semaninha de férias... os miúdos também vivem muito pressionados por causa da avaliação, com as notas e com os resultados.

Mas somos também nós, professores?

Eu acho que sim. Mesmo no 1º ciclo, a conversa dos cinco anos, a conversa é... para o ano é que tu vais ver.

Mas quem diz isso, os pais?

Os pais e nós também. Há pais que têm uma certa dificuldade para perceber que, tirar um 65 é muito bom. Numa turma não são todos de 90, não podem tirar todos 90 e os pais não compreendem isso. Muitos dizem que é fraquinho e eu digo não...foi muito bom! E isto acontece logo no 2º, 3º ano...

MODERADORA: E na autoavaliação. Vocês valorizam o processo de autoavaliação dos alunos?

É importante.

MODERADORA: Costumam fazer isso, valorizam? Contabilizam, por exemplo? Nota final...

Costumamos.

MODERADORA: Desde o 1º ciclo?

Sim. É importante.

Eu acho que depois do que eu vi sobre a autoavaliação, acho que não faço. Pensava que fazia, mas não faço. Mas acho que é uma das coisas que tenho que mudar.

MODERADORA: E redes de entajuda? Cá no Colégio já se percebeu que têm pouco tempo para trabalhar uns com os outros, mas por exemplo, costumam conversar com outros colegas que estejam noutros Colégios, não estou a falar só das Doroteias, noutros locais que possam perceber se as coisas estão a funcionar?

Falo com outros colegas de escolas públicas.

MODERADORA: E acham importante essas redes? Até começando pela rede Doroteia...

Era muitíssimo importante. Acho que era por aí. Nós fizemos isso no pré-escolar, fomos visitar os outros centros das Doroteias, começamos por ver o espaço e a realidade. O Paulo IV tem uma metodologia de ensino completamente diferente da nossa. É muito o método Reggio Emilia, coisa que nós não utilizamos tanto. Mesmo a própria organização das salas... são completamente diferentes e, se formos ver, inclusive, eles deram uma sugestão que acho que era importante, no pré-escolar.

MODERADORA: E sentiram-se mais enriquecidas com essa realidade?

Acho muito importante e cheguei a dizer na reunião de direção que achava que até seria interessante, uma vez que nós somos também centros de estágio e mesmo como centro de estágio poder ter uma noção do que se faz nos outros sítios e haver mais troca de experiências, de partilhas.

MODERADORA: E relativamente aos espaços? Acham que a mudança de espaços é necessária para uma operacionalização do Bússola 21 ou não?

Completamente.

MODERADORA: E que espaços é que vocês acham que são necessários para essa transformação?

Os espaços das salas deveriam ser totalmente diferentes. Mas mais abertas, mais amplas, menos estruturadas, com mais luz.

MODERADORA: Mas vocês podem mudar isso?

Sim, podemos, mas depois vem a colega a seguir e fica furiosa.

MODERADORA: E se não houver esse espaço? Têm alternativa?

Aqui no Colégio há uma grande falta de espaço e de articulação dos espaços. Na verdade está tudo misturado. É verdade, está tudo misturado e umas coisas influenciam as outras, porque ninguém pode ter, no fundo, flexibilidade em fazer nada, porque estamos, deste lado, misturado o secundário com o 1º ciclo e 3º ciclo. Não podem usar os recreios, porque está tudo a fazer provas de aferição, o da turma ao lado está noutra disciplina...

MODERADORA: Mas vocês já se sentaram para ver se conseguem organizar isso de outro modo?

Ainda não foi dada abertura neste caso, é verdade. Eu, quando vim para cá, no 1º ano tivemos uma reunião de professores e eu pensei que iria ser para discutir vários aspetos. Mas não, é relacionado com a turma do ano, com algum tema... eu até dizia que era o nosso momento de catequese.

MODERADORA: E os equipamentos? Têm equipamentos que consideram que são essenciais? Há os de que tipo, tecnológico...

Acho que sim, aí estamos bem, acesso à internet, quadros interativos, pesquisa, apesar de no Google não sabemos como gerir, mas eles adoram.

MODERADORA: Têm tablets, os meninos?

Os do 1º ciclo têm.
Sim.

MODERADORA: Um tablet por sala?

No 2º ciclo e 3º é uma situação complicada, turmas grandes e espaços muito atrofiados. Aquela sugestão que eu dei, tinham alguns, juntar duas ou três turmas do mesmo ano. Não tem mesas suficientes, não temos espaço, não temos espaço físico. Sentimos que já está tudo... muito... qualquer sala que a gente quer, por exemplo arranjar o laboratório para usar o quadro interativo... Em termos de recursos, nós estamos bem, na sala temos quadro interativo, sala de computadores, mas a maior parte das vezes estão ocupados, com aulas de TIC. Não é muito fácil, não há muitos recursos nesse aspeto, não têm muito acesso a recursos digitais.

MODERADORA: No pré-escolar têm fartura de brinquedos, de materiais?

Não. Nós conseguimos fazer muita coisa.

MODERADORA: Que condições apontam que seja possível edificar para desenvolver uma comunidade aprendente?

Espaços, materiais, tudo... carga horária, as condicionantes, parece que estamos um bocado resistentes. Fazer omeletes sem ovos. Por exemplo, deram-nos para nós irmos experimentar um tablet e eu própria tenho que aprender... omelete sem ovos é estilo, é marca Doroteia. É só um tablet por sala...

MODERADORA: Mas precisam de espaço, formação?...

Sobretudo formação.

MODERADORA: Que condições apontam para um trabalho verdadeiramente colaborativo? Entre ciclos...

Só queria dizer uma coisa... a formação não devia ser só na teoria, também uma perspectiva prática, ver, fazer, ver concretamente, sermos nós lançadas.

A formação, neste momento, também, porque já tivemos alguma, já falamos um bocadinho sobre isto, era preciso partir para a ação e então começar a haver momentos que não estivéssemos a aplicar, mas que já estivéssemos a pensar. Fazer isso que estamos a fazer agora...

MODERADORA: Até podiam aplicar entre vós, umas fazem de alunas e outras professoras. Há muitas escolas que começaram assim. Precisavam de tempo também.

O problema é que o tempo que nós temos utilizam-no para outras coisas. Se nós nos focássemos nisto, que é realmente muito mais importante... Mas é tudo no corridinho...

As pessoas deviam ter tempo, tempo de qualidade, para estarem juntas.

MODERADORA: Vocês já procuraram escolas que estejam a fazer inovação, alguma mudança? Já pesquisaram? Basta colocar no Google e veem, por exemplo, as estratégias, como é que avaliam, está lá tudo...

Nós podíamos ter assim uma orientadora, assim tipo orientação de estágio, por exemplo... vamos ver como esta escola faz.

Eu acho que é assim, nós, por vezes, podemos pesquisar 500 escolas e a nossa não encaixa em nenhuma, não é nenhum daqueles modelos. Precisamos de tempo para construir o nosso modelo.

MODERADORA: Permita-me este comentário, para construir um modelo também não devem começar do zero, devem ter acesso àquilo que já está construído. O primeiro passo é vocês terem vontade de ver, não é preciso vir ninguém que há ali, claro que acho que num segundo momento podem vir pessoas partilhar, eu própria, até o Rosário já me pediu para ir lá contar o que tenho visto pelo mundo, mas se não houver vontade, não vale a pena, até porque a pessoa diz e mostra, e as pessoas ficam sempre... ah, mas nós somos assim...

Nunca fui a nenhuma escola ver o que estão a fazer, mas já vi a apresentação de alguns projetos, o que é interessante.

MODERADORA: Cada vez mais as escolas estão prontas a receber visitas e pessoas... E até a fornecer mesmo os planos que têm. As páginas estão lá, até os modos como se organizam...

Tem que vir alguém já com alguma prática e ajudar em cada ciclo a ajudar-nos.

Temos que pensar, para estarmos disponíveis, vamos primeiro fazer o nosso "trabalho de casa", senão tudo vai parecer teórico, porque depois é fácil de dizer... ah, não tem nada a ver conosco... nós não temos salas, nós não temos isto.

MODERADORA: Eu vi escolas, sobretudo em Barcelona e noutros sítios também, que não tinham mesmo nada, edifícios velhos, assim com fachadas enormes e conseguiram fazer, mas também o que fizeram foi aproveitar tudo aquilo que era possível para se reorganizarem e com professores que são colocados como são os do Público, ou seja, todos os anos mudam, que é muito mais difícil. Era muito flexível e respeitavam muito os ambientes, por exemplo, o Jardim é muito difícil do 1º ciclo e do 2º e perceberam que o foco no pré-escolar é este, no 1º ciclo é aquele... depois trabalham de forma articulada, mas sabem exatamente o que fazem em cada momento e tudo é motivo para divulgar o trabalho que fazem, para envolverem as famílias.

Aí, nós temos as condições, nós temos as pessoas, vários ciclos de ensino, temos isso a nosso favor.

Temos de estar todos com vontade. E valorizar o papel educativo de todos, isto é, mesmo aqueles que não são docentes.

MODERADORA: Acham que isso é importante?

Claro que sim.

MODERADORA: E construção de redes de entajuda? Rede Doroteia, rede...

Isso era importante, muito importante.

Estamos quase a terminar... com o Bússola 21 perspetivam outros ou novos desafios para os educadores e professores? Quais? Que desafios?

A mudança, a articulação, o não pensar que chega a segunda feira e pensar vou lecionar não sei o quê. Posso chegar à sala e trabalhar com a Luísa outra coisa diferente... eu acho que até desenvolver o trabalho colaborativo, que é algo que nós não estamos habituados e até os próprios professores se motivam. Estão dois na sala de aula e um puxa e o outro faz.

Nós fazemos isso no pré-escolar, quando temos um projeto e temos alguns professores que acabam por se envolver.

MODERADORA: Necessidades de formação já percebemos que sim. Temáticas, quais as que vocês gostariam?

Necessidade de formação prática.

MODERADORA: Em que temáticas?

Gestão do currículo, modelos pedagógicos, avaliação, trabalho colaborativo.

Acho que ninguém tem dúvidas que temos que mudar, o aluno deve ser o centro.

Nós sentimos que os alunos, cada ano que passa, parecem mais indisciplinados.

Acho que temos que mudar a mentalidade, a nossa e também aquela que nós fomos construindo durante anos nos alunos que foi a cultura da nota.

Enquanto estiver a cultura da nota ali vincada, os alunos deixam de ter o gosto por aprender.

Em Setembro entregamos o mapa dos testes até ao final do ano. É o ponto de partida, é a corrida. Aliás, os miúdos quando colocam alguma dúvida na aula nunca dizem: ... ó professora, e se aparecer isto?
Se a professora perguntar no teste... qual é a tua dúvida? É só para o teste.
A pergunta é sempre a mesma...isso vai sair para o teste?
Eles estão todo o dia a ouvir os professores, ao meio do ano já estão saturados.
Os pais, este período, perguntavam se eles não fariam dois testes, sempre a perguntar... e quando é que é o teste?

MODERADORA: O que é que representa para vocês o Bússola 21? O que é que acham que representa para a rede das Doroteias?

Uma oportunidade.

MODERADORA: E para o Colégio da Paz?

Uma mudança.
Ainda agora estávamos a falar de uma turma. É uma turma de miúdos inteligentes e têm um comportamento desafiante terrível. Eu até os percebo. Saio daqui à sexta feira a pensar que eles têm razão, mas eu também tenho que sobreviver no meio daquilo.

MODERADORA: Três razões que justifiquem o Bússola 21...

Atualizar-nos, preparar os alunos para o futuro e sobretudo eles gostarem de aprender, ver a escola de uma outra maneira, espírito crítico. Cada vez temos alunos mais que só querem copiar as soluções.

MODERADORA: E três constrangimentos do Bússola 21?

Não vai funcionar se houver entraves na mudança, nas condições, os pais, reduzir os alunos por turma e nós próprios também. Eu estou cheia de vontade de mudar

MODERADORA: Gostariam de acrescentar algo a este nosso foco de discussão?

Nós não somos livres, nós andamos ao som das campanhas.

MODERADORA: Que alternativa é que temos à campanha?

É não ter.
Ou ter outras coisas, não?
Há escolas que têm música, por exemplo. Na Turquia há música forte que até a mim me motivava. Dois segundos...
Não podemos deixar de privilegiar o exercício físico.
Aqui no Colégio há uma oferta complementar em que eles têm aprendizagem artística, história da arte, expressão dramática e a educação física e os alunos dizem que era o que mais gostavam.
No 1º ciclo têm que ter, obrigatoriamente, cinco horas de expressões e educação física
Devia estar no currículo, pô-los a correr...
Nós aqui, por exemplo, não temos um bar para os alunos, não há uma sala dos alunos. Há umas salas de convívio lá em cima.
O 3º ciclo tem um corredor nos intervalos, eles estão sempre dentro da sala, fazem os intervalos dentro da sala. Eles têm que sair das salas.

MODERADORA: Agradeço muito a vossa disponibilidade.